

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CARLOS CHAGAS FILHO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de Pesquisa – Memória Manguinhos

Entrevistado – Carlos Chagas Filho (CF)

Entrevistadores – Nara de Azevedo Brito (NB), Paulo Gadelha (PG), Luiz Fernando Ferreira (LF) e Rose Ingrid Goldschmidt (RG)

Data – 18 e 23/02, 16 e 27/03, 01/04 e 31/08/1987, 02/03, 20 e 28/05, 10/08, 02 e 30/09/1988.

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 18h55min

Resenha biográfica e sumário – Lúcio Flávio Taveira

Conferência de fidelidade – Lúcio Flávio Taveira

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CHAGAS FILHO, Carlos. *Carlos Chagas Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos, 1987-1988*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 290p.

Resenha biográfica

Carlos Chagas Filho nasceu a 12 de setembro de 1910 no Rio de Janeiro. Em 1926, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, paralelamente, no curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), onde teve acesso aos laboratórios de José Costa Cruz, Miguel Osório de Almeida e Carneiro Felipe. Ao terminar o curso de medicina, em 1931, foi efetivado como assistente da cadeira de anatomia patológica da mesma faculdade.

Em 1935, foi aprovado em concurso para livre-docência da cadeira de física biológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e efetivou-se como pesquisador no IOC. Em 1937, passou a dedicar-se à organização do laboratório de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nessa mesma época, por imposição da Lei de Desacumulação, de Cargos, optou por permanecer na universidade, deixando o IOC.

Com a morte do irmão Evandro Chagas, em 1941, retornou ao IOC para supervisionar o Serviço de Estudos das Grandes Endemias (SEGE), criado e dirigido até então por seu irmão. Em 1945, fundou o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil e, em 1946, obteve o grau de doutor em ciências pela Universidade de Paris.

De 1951 a 1954, foi diretor da Divisão de Pesquisas Biológicas do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e integrou o Conselho Deliberativo deste órgão de 1953 a 1956. Foi vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências de 1952 a 1954, ocupando o cargo de presidente entre 1964 a 1966. Atuou também como membro do Conselho Administrativo da Fundação Gaffrée e Guinle de 1958 a 1964.

Em 1966, Carlos Chagas Filho foi nomeado delegado permanente do Brasil na UNESCO. Trabalhou na Secretaria-Geral da Conferência das Nações Unidas para a Aplicação da Ciência e da Tecnologia ao Desenvolvimento entre 1962 e 1963. Representou o Brasil na III Conferência de Átomos para a Paz, em 1965, além de participar de outras atividades promovidas pela UNESCO. Foi também vice-presidente da Conferência Intergovernamental para a Utilização Racional dos Recursos da Biosfera, em 1968. Exerceu o cargo de presidente do Comitê Científico sobre os Efeitos das Radiações Ionizadas de 1956 a 1957.

Em 1970, retornou à direção do Instituto de Biofísica da UFRJ, e de 1973 a 1977, foi decano do Centro de Ciências Médicas, Pesquisa e Pós-Graduação dessa Universidade. Em 1982, foi eleito presidente da Academia de Ciências da América Latina, fundada nesse ano. Na ocasião da entrevista, o presidia a Academia Pontifícia de Ciências do Vaticano e a Sociedade Brasileira de Biofísica, além de pesquisador do CNPq. Pertence às Academias de Ciências de Paris e Lisboa, à Americana *Academy of Arts and Sciences*, às Academias de Medicina da França e Bélgica e à várias sociedades científicas europeias. Publicou mais de 100 artigos científicos em revistas nacionais e estrangeiras, além de várias obras. Faleceu em 16 de janeiro de 2000.

Sumário

Fitas 1 a 3

O ingresso na faculdade de medicina; o encontro com Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias no curso médico; a personalidade e inteligência de Walter Oswaldo Cruz; a penetração da literatura francesa no Brasil no início do século; A reforma de ensino Rocha Vaz e as repercussões no curso de medicina; o ingresso em Manguinhos com Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias; a experiência como adjunto de serviço de autópsia de Magarinos Torres no Hospital São Francisco; o método e a dedicação do pai à atividade docente; a boemia nos tempos da juventude com os amigos Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias; o interesse de Walter Oswaldo Cruz pelo estudo de anemia; a opção pela universidade em detrimento de Manguinhos; a iniciativa da Fundação Ford em estabelecer cursos de pós-graduação no Brasil a partir de 1964; o perfil progressista de Walter Oswaldo Cruz; visão crítica sobre Rocha Lagoa; as gestões Francisco Laranja e Antonio Augusto Xavier no IOC; a decadência de Manguinhos; os conflitos internos gerados com a nomeação de Rocha Lagoa para a direção do IOC; o convite do presidente Castelo Branco para representar o Brasil na UNESCO; a reprovação de Rocha Lagoa no concurso promovido pelo Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) para biólogo de Manguinhos; a presença de militares no IOC durante a gestão de Rocha Lagoa; o último encontro com Walter Oswaldo Cruz em 1965 e o choque causado por sua morte em 1967; a atual superioridade científica de São Paulo sobre o Rio de Janeiro; o perfil profissional dos filhos de Oswaldo Cruz.

Fitas 4 e 5

A infância na rua Paissandú, no bairro do Flamengo, cidade do Rio de Janeiro; os banhos de mar com o pai na Praia do Flamengo; a admiração de Carlos Chagas por Oswaldo Cruz e o choque provocado por sua morte; a divisão política do IOC depois da morte de Oswaldo Cruz e a luta pela direção de Manguinhos; as dificuldades financeiras do IOC com o fim da verba da vacina contra a manqueira; o esvaziamento do IOC após a criação das universidades e centros de pesquisa a partir da década de 30; comentários sobre as causas da morte de Oswaldo Cruz; a crença positivista da família e o forte sentimento religioso; a educação voltada para as diversas manifestações culturais e artísticas; a influência estrangeira no desenvolvimento científico brasileiro; as leituras preferidas do pai; o questionamento da Academia Nacional de Medicina a respeito da descoberta da doença de Chagas; o desprestígio da carreira universitária no início do século; a fundação de um centro de pesquisa em universidade brasileira; o caráter centralizador da gestão de Carlos Chagas no IOC.

Fitas 6 e 7

Os primeiros contatos com Manguinhos e com Joaquim Venâncio; a personalidade de Adolpho Lutz; a amizade com Francisco Gomes no laboratório de Astrogildo Machado; a experiência profissional adquirida no contato com Osvaldo Pena, Magarinos Torres e Burle Figueiredo no Hospital São Francisco de Assis; a vida boêmia de alguns cientistas do IOC; o perfil profissional de Carneiro Felipe; a relação paternalista dos cientistas do IOC com seus estagiários; a personalidade autoritária de Álvaro Osório de Almeida; a forte influência

científico-cultural francesa nos fundadores de Manguinhos; comparações entre as questões sociais do início do século e as atuais; o crescimento das favelas do Rio de Janeiro após o Estado Novo; ausência de discriminação racial em Manguinhos; a participação na Aliança Liberal em 1930; o equívoco das políticas de saúde de Getúlio Vargas; resistência do pai à incorporação do IOC pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP); o perfil político de Belisário Pena e sua relação com Carlos Chagas; ausência de grupos de esquerda organizados antes da década de 30; o mecenato de Guilherme Guinle e o financiamento ao SEGE dirigido por Evandro Chagas; o perfil profissional de Felipe Neri Guimarães e a coesão do grupo de cientistas do SEGE; a desvalorização da ciência por parte das autoridades brasileiras; inexistência de um período de decadência na história de Manguinhos; comentários sobre a baixa qualidade da penicilina produzida por Manguinhos na década de 40; a dificuldade da gestão Aragão em visualizar o futuro desenvolvimento do IOC.

Fitas 8 e 9

Perfil do professor Pacheco Leão; a experiência profissional na expedição à Lassance e o contato com lepra e malária no interior do país; as condições de vida do povo brasileiro; as qualidades e carências do Curso de aplicação do IOC; a convivência com o arquiteto Luiz de Moraes, com o bibliotecário Overmeer e o fotógrafo J. Pinto; as diversas fontes de financiamento do laboratório de biofísica; o nascimento da microscopia eletrônica brasileira; a formação de profissionais competentes no Instituto de Biofísica; os motivos da opção pela universidade em detrimento do IOC; a dificuldade na escolha da banca examinadora do concurso na Universidade do Brasil; o pedido para sua permanência em Manguinhos feito por Evandro Chagas; o desgosto de Evandro Chagas ao ser reprovado no concurso para a cátedra de doenças tropicais da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil; a nomeação para chefia do SEGE em 1942 após a morte de Evandro Chagas; as diversas origens das verbas do IOC e o incentivo à pesquisa brasileira com a criação do CNPq; o auxílio da fundação Rockefeller para o desenvolvimento da pesquisa em radioisotopia no Instituto de Biofísica; a personalidade de Miguel Osório de Almeida; a prisão de Carlos Chagas na Revolução de 1930; Pedro Ernesto e a tentativa de democratizar o governo Vargas; defesa da formação interdisciplinar do médico e do sanitário brasileiro.

Fitas 10 e 11

A luta pelo progresso da ciência brasileira; a elevação do custo de vida e as dificuldades financeiras durante o Estado Novo; o contato com grandes cientistas europeus na década de 40; a formação inicial do quadro de profissionais do Instituto de Biofísica; as dificuldades do desenvolvimento científico na sociedade brasileira; a tentativa de Barros Barreto de transformar o IOC em uma instituição de saúde pública; a prática de interdisciplina no Instituto de Biofísica; o incentivo do CNPq ao desenvolvimento científico; perfil do Almirante Álvaro Alberto; o desenvolvimento da física brasileira; defesa da autonomia de pesquisa nas universidades; os riscos provenientes da privatização das instituições de pesquisa; considerações sobre a importância da tecnologia no desenvolvimento científico do Terceiro Mundo.

Fitas 12 a 14

Os principais problemas do Terceiro Mundo; o caráter colonial do desenvolvimento científico brasileiro; a necessidade de harmonia cultural para o desenvolvimento econômico e social de um país; a valorização da ciência e tecnologia após a Segunda Guerra Mundial; crítica ao comportamento das elites brasileiras; comparação entre o ensino médico do início do século e da década de 60; os obstáculos à pesquisa criados pela Reforma Universitária de 1964; defesa do ensino religioso nas universidades brasileiras.

Fitas 15 e 16

A inconveniente privatização da biotecnologia; ausência de políticos voltados para a defesa do desenvolvimento da ciência e tecnologia nacional; a necessidade de diferenciação entre prática médica e atividade científica; histórico da criação do CNPq e o trabalho desenvolvido na Divisão de Ciência e Biologia; o preconceito do CNPq em relação às ciências sociais; comentários sobre a soma de recursos do CNPq investidas em Manguinhos; o aproveitamento de cientistas europeus exilados durante a Segunda Guerra Mundial por instituições de pesquisa de São Paulo; definição de vocação científica e a diferenciação entre cientistas e “empregados da ciência”; comentários sobre a obrigatoriedade de publicação regular de artigos científicos; as disputas internas no CNPq durante o governo Café Filho e a demissão do Almirante Álvaro Alberto; o controle da ciência e da tecnologia pelos militares a partir de 1964.

Fitas 17 a 18 - Lado A

O contato com o Instituto Pasteur e com Emile Marchou em 1937; a equiparação tecnológica do IOC com o Instituto Pasteur na década de 30; comentário sobre a atuação de pesquisadores do Instituto Pasteur na Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial; perfil de Heráclides César de Souza Araújo; Olympio da Fonseca e a tentativa de criar a área de microscopia eletrônica no IOC; o perfil acadêmico das universidades francesas.

Fitas 18 - lado B e 19

O trabalho da Academia Brasileira de Ciências na década de 60; as reuniões científicas com Álvaro Alberto e Arthur Moses; a questão da propriedade das patentes de vacina no IOC na década de 30; a supremacia do grupo biomédico na Academia Brasileira de Ciências a partir da década de 40; a valorização da saúde pelas autoridades públicas após a Reforma Carlos Chagas em 1921; a importância das academias científicas no desenvolvimento social e econômico dos países europeus; o trabalho desenvolvido como delegado do Brasil na UNESCO; o trabalho pela paz mundial; a importância de sua atuação como secretário geral da Conferência das Nações Unidas para a Aplicação da Ciência e Tecnologia ao Desenvolvimento realizada em 1962; a nomeação para presidente da Academia Pontifícia de Ciências.

Fitas 20 e 21

Perfil da bibliotecária Emília de Bustamante; o distanciamento entre os avanços da ciência nos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos; a necessária priorização da educação pelos futuros governantes brasileiros; o caráter predatório das elites brasileiras; a luta empreendida pela Academia Pontifícia de Ciências contra a guerra nuclear e a destruição da

camada de ozônio da atmosfera; a defesa pela Igreja do sistema Ptolomáico ameaçado por Copérnico; as dificuldades financeiras enfrentadas pelo Vaticano; comentários sobre a fé católica brasileira; a singular combinação entre ciência e religião e sua concepção de religiosidade; defesa da origem divina do universo; a forte religiosidade dos cientistas judeus; os méritos e defeitos da “Tecnologia da Libertação”; visão sobre o papel da ciência no desenvolvimento humano.

Data: 18/02/1987

Fita 1 - Lado A

PG – Hoje nós estamos iniciando uma série de depoimentos com o professor Carlos Chagas Filho, inicialmente para localizar em termos de tempo hoje é dia 18 de fevereiro de 1987, nós estamos no Instituto de Biofísica, e estão presentes também o professor Carlos Chagas [Filho] o professor Luiz Fernando [Ferreira da Silva], vice-presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Nara [Britto], pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz e Paulo Gadelha, coordenador da Casa de Oswaldo Cruz. Além disso o técnico de som Luiz Carlos [Bonella]. E nós vamos iniciar hoje falando especificamente sobre as impressões, a trajetória de convívio do Professor Carlos Chagas Filho com Walter Oswaldo Cruz.

CF - A minha entrada para a Faculdade de Medicina como aluno, deu-se em circunstâncias muito curiosas. Haviam me dito que o chamado exame vestibular era apenas uma formalidade, de modo que como eu fazia todos os anos, eu fui para a Fazenda da Tartália, perto de Oliveira, até que um telegrama de meu pai me chamou dizendo que o exame vestibular se passaria na semana seguinte. Eu ainda fiz corpo mole e cheguei na antevéspera do exame. O exame tinha se modificado muito, porque nós passamos a ter provas escritas e depois provas orais - o que me salvou -, de física, química e história natural ou biologia, ou melhor dito, biologia. E eu não tinha nem conhecimento do programa; eu pensei que as coisas que eu tinha aprendido para fazer os exames do [Colégio] Pedro II eram suficientes. De modo que fui fazer a prova escrita e prova escrita era de química. E eu para a minha vergonha, entreguei em branco e me vi assim ameaçado de reprovação. Chegando em casa, muito preocupado, falei com a minha mãe, ela telefonou para o meu pai e ele achou a solução e foi chamar o Paulo Carneiro, que estava começando a sua carreira, era assistente, eu acho, da faculdade, da Escola Politécnica, que me tomou, que já me havia ensinado para o Pedro II e que me tomou como um aluno privilegiado. Eu passei, ficava dias inteiros com ele aprendendo química, que era aquilo que eu sabia estar muito fraco. Afinal consegui fazer os exames escritos que faltavam, as provas orais foram feitas com algum tempo de retardo, e, naturalmente nas provas orais meu nome facilitou, me deram notas melhores do que eu merecia, mas afinal consegui passar e passei com uma classificação relativamente baixa, porque fui o 89º de uma série de 160 ou 180 alunos. Entre esses alunos distinguia-se a presença de dois filhos de Manguinhos, no sentido de serem filhos de eminentes mestres de Manguinhos. Um o Walter Oswaldo Cruz e outro, o Emanuel Dias, filho do Ezequiel Caetano Dias. A vida na faculdade era muito diversa do que depois veio a ser, eu acho. Naquela ocasião, nós tínhamos a liberdade total de frequentar ou não frequentar as aulas. Os primeiros dias foram difíceis porque os veteranos queriam, à viva força, me encontrar para passar o trote, que eu me escondia aqui e ali. Uma vez eu me lembro que eu estava embaixo da escada do anfiteatro de física e passou um grupo de veteranos dizendo: “Onde é que está o filho de Chagas? Vamos pegar o filho do Chagas.” Mas eu consegui desviar o trote. Aliás toda a minha vida eu fui muito contra o trote, achei uma coisa bárbara, difícil, ridícula... Até diretor da faculdade os alunos compuseram uma pequena canção contra mim, dizendo que eu era contra o trote. Mas a verdade é que pouco a pouco eu fui fazendo amizades na minha turma. E uma das amizades

principais foi a que eu fiz com Walter Oswaldo Cruz e com Emanuel Dias. Posteriormente me liguei muito ao Tito Leme Lopes, ao Almir Castro, ao [...] Eduardo Tinoco e outros cujo nome, eu... São tantos que o nome eu não vou dar. Mas estes foram realmente o grupo mais chegado, com que eu acompanhei principalmente durante os três primeiros anos. Eu já havia conhecido Walter antes. Em 1917, portanto, vamos dizer, em janeiro, mas provavelmente em 1916, eu era menino e fui num domingo à casa do Oswaldo Cruz ali na Praia de Botafogo, em frente ao chamado Pavilhão de Regatas, que era uma espécie de um coreto de tipo veneziano...

PG – Pavilhão Mourisco?

CF - Pavilhão Mourisco era no fundo, onde hoje tem o Guanabara e o Botafogo de Regatas. Mas havia um pavilhãozinho que chamava-se Pavilhão de Regatas, que era também muito ao estilo veneziano, porque as regatas se passavam na praia de Botafogo. Até vinham aquelas lanchas, os clubes principais eram o Boqueirão e Regatas, o Clube Internacional, o Vasco da Gama e havia dois ou três clubes que vinham de Niterói, um dos quais era o Iguatá, que vinham de barcas da Cantareira para assistir à passagem dos barcos, dos remadores. Eu entrei na casa do Oswaldo com meu pai e fomos recebidos no andar térreo, e no andar térreo Oswaldo tinha instalado a sua biblioteca. Era uma biblioteca grande, eu fiquei um pouco amedrontado, porque Oswaldo estava com uma bata branca e me pôs no colo. Eu aí fiquei muito impressionado, porque havia, ele ostentava uma pulseira no braço esquerdo, eu acho e só mais tarde eu vim saber que essa pulseira lhe havia sido dada por dona Miloca, com o pedido de que ele a usasse para sempre, coisa que ele fez. E nessa ocasião Oswaldo quis muito que Walter viesse brincar comigo. Eles tinham como eu também tinha, uma governante alemã. Apareceu a governante alemã, falou alemão comigo, mas não houve jeito do Walter aparecer. Ele se refugiou no jardim, que era imenso, porque ia da Praia de Botafogo até a Rua Muniz Barreto, e não se encontrou o Walter. Depois que meu pai foi embora eu nunca mais vi o Walter, até que eu o encontrei na faculdade de Medicina e nós estabelecemos amizade muito grande, amizade baseada principalmente na capacidade intelectual que ele já mostrava desde o princípio. Eu não direi que o Walter foi o mais íntimo dos meus amigos, talvez os mais íntimos desde o início tenham sido, mais íntimos tenham sido Almir Castro e Tito Enéas Leme Lopes. Mas formei com Walter uma amizade muito grande e aí nós começamos a estudar juntos. Começamos a estudar juntos e estudamos sempre na casa dele. Eu saía lá de casa, que era na Rua Paissandu, muito cedo, em torno de quatro e meia, cinco horas da manhã. Chegava na casa do Walter, e me lembro muito que tinha uma escada que se subia, depois tinha um vasto saguão muito bonito, era francês.

LF – Era a mesma casa que o senhor tinha ido em menino?

CF – Era a mesma casa, esta casa que eu tinha estado antes, em 1922, para assistir a uma festa veneziana que tinha sido oferecida ao Alberto em 1921, portanto, 21 ou 22, quando o Rei Alberto esteve aqui fizeram uma linda festa veneziana na enseada de Botafogo; e eu fui lá com meu pai, com minha mãe, e me lembro perfeitamente, mas o Walter não apareceu eu não me lembro do Walter nesta ocasião. Me lembro muito bem nesta ocasião de Ercília, Dona Miloca, Ercília, a outra irmã do Walter, que se casou com Fonte Câmara. E se chamava... Depois eu me lembro do nome.

NB – Professor, ele era uma pessoa assim muito retraída? Quer dizer, introvertido?

CF – Nessa ocasião eu vou contar... Sim, extremamente retraída. Eu vou contar como. Uma coisa que me impressionava muito, porque eu ia de manhã, eu chegava cedo lá, cinco e quinze no máximo, subia, abria a porta, já estava a governante, cujo nome nós devemos lembrar, porque o pessoal todo se lembra do nome, que abria a porta e eu ia para o quarto dele, acordava-o e nós aí começávamos a estudar. E estudávamos até sete e meia, oito horas, ocasião em que dona Miloca vinha com um copeiro, um empregado, e nos servia um lauto desjejum. Eu me lembro que era chocolate, café com leite, torradas, geleia e me lembro até de uns potezinhos deliciosos de patê de *foie gras* Phillippe Canot, que naquela ocasião era tudo importado no Brasil, não é? Nós comíamos aquilo, conversávamos etc. e íamos para a faculdade. No princípio nós íamos todos os dias à faculdade, mas esse estudo se fazia principalmente nas chamadas viradas, e então nós que tínhamos um certo garbo, uma certa *coquetterie*, de estudar muito de manhã e, à tarde, à tarde às vezes o Walter ia lá em casa e de noite nós saíamos, íamos para o teatro, para programas etc., para fingir que não tínhamos estudado nada, um certa *coquetterie*. Aí que me surpreendeu muito o Walter, porque o Walter sabia muito mais do que eu, principalmente biologia, ele conhecia muito bem biologia, e tinha estudado, nós estudávamos em livros franceses, porque livros nacionais não existiam. Eu tinha começado muito cedo a estudar em livros americanos, que meu pai trazia das viagens que ele fez aos Estados Unidos em 1922, 1923, 1924.

PG – Isso é uma grande novidade, não é, essa literatura americana?

CF – Era, grande novidade na ocasião, mas nós líamos mesmo eram os livros franceses. Eu com Walter nós estudávamos mesmo em francês. O (incompreensível) era só francês. E aí o primeiro exame que nós fizemos foi física, depois foi química, mas o primeiro exame mesmo foi biologia. Biologia que era uma cadeira que depois se transformou em parasitologia, e na ocasião era biologia e parasitologia.

LF – Esta cadeira tinha chamado antes história natural médica?

CF – História natural médica, mas nós entramos para a faculdade de Medicina no início da chamada Reforma Rocha Vaz, que tinha mudado muito o currículo, a forma de ... Tanto, por exemplo, essa questão do exame vestibular era uma novidade da Reforma Rocha Vaz. E a cadeira, por exemplo, a cadeira de física passou a ser física biológica; a cadeira era história natural médica e passou a ser biologia e parasitologia. E era ensinada por um grande amigo de meu pai, uma figura sensacional, chamada Pacheco Leão, que é tio do Aristides Pacheco Leão e que era diretor do Jardim Botânico. Muitas vezes durante o meu curso eu ia à tarde conversar com ele porque não só...

LF – Desculpe, quer marcar o ano?

CF - 1926. Nós fomos, eu ia muito lá porque ele tinha, a princípio ele tinha um conhecimento biológico extraordinário e um conhecimento extraordinário também de plantas, de fisiologia. E era um deleite você ir lá conversar com ele nas tardes assim, tanto que uma ou duas vezes por mês eu ia lá. Mas o que me estranhou foi que o Walter sabia

muito mais biologia do que eu. Nós estudávamos muito em um livro chamado Pizon, um livro francês de anatomia e fisiologia. E tinha um livro de biologia também e o Walter sabia muito mais que eu, entretanto, chegou no exame ele ficou absolutamente calado. Foi um custo para o Pacheco Leão, auxiliado por dois assistentes que nos tinham ajudado muito, um deles era Hildegard Noronha, que depois foi professor de...

LF – Ciências médicas? Parasitologia?

CF – Não, professor de farmácia, farmácia, de parasitologia da farmácia. Fez concurso com Olympio da Fonseca...

LF – Foi professor também da Faculdade de Ciências, de Parasitologia?

CF - Parasitologia, e o Olympio eu não sei de quantas, que era uma figura menos secundária, que viveu muito mais tempo que o Noronha. Mas Walter não dizia nada e a banca, o que é curioso, nessa ocasião os examinadores recebiam, por exame feito, recebiam dez mil réis por exame feito. Porque nós pagávamos também, nós pagávamos. Meu pai, por exemplo, quando entrou na faculdade, em 1896, ele pagava 40 mil réis de matrícula. Imagina que isso é dinheiro, e nós pagávamos, pagávamos pouco, mas pagávamos por exame. Então a coisa curiosa é que na banca de exame entrava o professor titular, e mais professores sem clínica que iam ali fazer o seu dinheirinho. Eu me lembro que em biologia, por exemplo, quem examinava era um sujeito muito simpático que examinava, era um sujeito muito simpático, um professor de pediatria, o Nascimento Gurgel. Que tinha, porque hoje você dizendo isso parece deslocado que um professor de pediatria fosse ensinar... Mas os mestres naquela ocasião tinham uma cultura geral muito grande, mas muito grande mesmo, sabiam biologia, sabiam muita coisa mesmo. E o Walter não mostrou nessa ocasião, por inibição intelectual, o seu conhecimento. Eu fiquei realmente horrorizado pelo fato de eu ter tido dez e ele não ter tido. Porque ele, com quem eu frequentava, sabia muito mais do que eu, eu não tinha dúvidas sobre isso. E logo depois que entramos, mais ou menos no mês de maio, nós achamos que a Faculdade de Medicina não estava dando as promessas que nós queríamos. Isto é, o ensino básico era muito deficiente. Para se dar uma ideia, em biologia havia dois microscópios e 90 alunos para cada microscópio. De modo que nós fazíamos uma fila enorme para ver um bicho, a gente voltava e aí resolvemos ir para Manguinhos. E viemos, o Walter, o Emanuel e eu. E começamos a frequentar Manguinhos muito cedo. Deve ter sido no mês de maio de 1926, mais ou menos por aí. Fomos conversar com meu pai e ele disse: “Olha, vocês vão trabalhar no laboratório do José Guilherme Lacorte”, que era muito amigo do Oswaldinho Cruz, Oswaldo Cruz Filho, e que era o laboratório do hospital, que naquela ocasião se chamava Hospital Oswaldo Cruz.¹ E nós ali fomos e aprendemos tudo o que se pode aprender num laboratório clínico: pipetar, fazer soluções, pesar, e inclusive começamos a fazer esfregaços de sangue e fazer o que naquela época era uma novidade fantástica: a fórmula de Schilling: determinar quantos leucócitos, eosinófilos, linfócitos etc... E assim nós começamos a frequentar, e ao mesmo tempo almoçávamos lá e, quando não tinha nada que se fazer ia-se às aulas da tarde, às vezes às aulas da manhã, de modo que há uma frequência regular, vamos dizer assim, mas não cotidiana, eu não sei se vocês estão me compreendendo bem. Nos dias em que havia

¹ Atual Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz.

aulas importantes nós íamos. Quais eram as aulas importantes que nós tínhamos... Realmente no curso, no primeiro ano nós tínhamos física, química, anatomia – a primeira parte – e eu creio que se tinha histologia também. O curso de histologia sempre foi muito bem dado, porque se tinha as lâminas, às vezes lâminas mais grossas, mas tinha o suficiente para se ver. Era muito pitoresco porque era professor o Ernani Pinto, que havia substituído um dos grandes professores da época, que era... Daqui há pouco eu me lembro, o Barros.

LF – Chapot Prévost?

CF – Não, o Barros, o Chapot Prévost tinha sido antes, porque os professores daquela época, como eu descrevo em algum lugar aí qualquer, eram homens de sociedade também. Por exemplo, Miguel Pereira, por exemplo, professor de clínica, tinha uma casa estúpida na rua Bambina², tinha cavalo de corrida, era um homem do Jockey Club. Chapot Prévost, por exemplo, era famoso, porque era elegantíssimo, tinha uma carruagem, que se... Isso não se pode repetir, mas a carruagem era muito vista na casa de uma certa senhora, madame Wilson, que habitava ali, pois quase que ainda me lembro, que era ali no princípio da Rua das Laranjeiras, perto da Igreja de Nossa Senhora da Glória. E aí nós começamos a frequentar Manguinhos. Eu precisei, imediatamente, queria por força me libertar, ganhar dinheiro, porque eu sabia que meu pai vivia com dificuldades, então obtive um contrato que me foi dado, aliás, por intermédio do Eudoro Vilela e do Odilon Barroso, que era diretor do Hospital São Francisco, eu consegui um lugar de ajudante do serviço de autópsias do São Francisco. Este serviço de autópsias era uma maravilha, porque era filiado do Instituto Oswaldo Cruz, e as pessoas que se ocupavam das autópsias eram Magarinos Torres, Arcanjo Pena de Azevedo.

PG – Isso já existia o curso que daria depois no PCC, o Pavilhão Carlos Chagas, no Hospital São Francisco?

CF – Não, não.

PG – Não?

CF - Nessa época estava se construindo, estava se construindo. Porque meu pai foi nomeado professor em 1925 e isso foi em [19]26, eu queria café, porque eu não tomei café lá no... Aí eu comecei a frequentar, por causa disso eu comecei a frequentar o serviço de anatomia patológica de Manguinhos com o Torres. Era um serviço maravilhoso, porque era o Torres, que era um “pé de boi” extraordinário, não era, diria, muito brilhante, mas conhecia as coisas profundamente; o Arcanjo Pena de Azevedo, que era também um sujeito extraordinário e o Burle de Figueiredo, que era um *gentleman*. Uma das admirações que nós todos tínhamos pelo Burle de Figueiredo, que ele era proprietário de uma *Lancia*, como se diz na Itália, era um carro admirável. E uma das maiores figuras que eu conheci em Manguinhos, embora não das mais produtivas, que era o Osvino Álvares Penna, quer era uma competência extraordinária. Ele dava, ele fazia uma autópsia, mas nessa autópsia, o que fazia realmente era uma aula de fisiopatologia extraordinária, e explicava com uma perfeição muito grande aos clínicos, a razão pela qual eles tinham errado o diagnóstico.

² Localizada em Botafogo, bairro da zona sul do município do Rio de Janeiro.

PG – Ele era uma pessoa delicada?

CF - Mas ele fazia com tal elegância, com tal inteligência, que todos os clínicos saíam satisfeitíssimos de terem errado o diagnóstico, passavam a compreender porque tinham errado o diagnóstico. (risos)

CF – Você está rindo, mas é uma coisa séria. Você sabe que, naquela ocasião, a não ser casos assim muito claros de pneumonia, sabe, uns 60% dos diagnósticos que vinham da clínica não eram confirmados. Havia, evidentemente aneurismas, porque também havia coisas que depois desapareceram. Aneurismas, por exemplo, uma coisa que eu vi centenas de aneurismas. Porque eu cheguei a fazer mil e tantas autópsias nessa ocasião, durante os cinco anos em que trabalhei nesse serviço. E eu era muito distraído, porque aí eu comecei também a frequentar um serviço de clínica, antes de meu pai acabar o Pavilhão Carlos Chagas, porque o próprio Pavilhão Carlos Chagas levou algum tempo para se fazer. E eu comecei a frequentar a 12ª enfermaria, com o Eurico Vilela, que era um professor de propedêutica extraordinário, um professor de clínica de beirada da cama do doente, extraordinário. Aliás, muito sério, muito severo, as sobrancelhas muito carregadas assim, mas com certas piadas muito curiosas, por exemplo, quando chegávamos atrasados nós sabíamos que ele ia dizer uma frase em latim. A frase é a seguinte: *Tardi venientibus ossa canis*. Que é uma frase que significa “Você chegou tarde, vai comer os ossos do cão”. Mas que em português dá uma ideia de...

PG – Oh, sacana.

CF - “Oh, sacana!” (Risos). E ele tinha certas coisas por exemplo, que ensinava à gente mesmo. Eu me lembro muito de uma cardiopata terrível, uma moça jovem ainda, você sabe que eu me lembro do rosto dela. Se ela vivesse e eu encontrasse com que idade que ele estivesse... Lembro-me do rosto dela. E essa moça sofria de ozena, que é uma coisa que nunca mais ouvi falar. Ozena é um cheiro que sai do nariz, uma coisa fantástica. E o Vilela nos obrigava a examiná-la, a ficar com ela algum tempo, na certeza de que você não pode evitar na vida profissional a presença destas coisas terríveis. O Walter frequentou pouco tempo o serviço de clínica. Ele começou a frequentar a clínica logo que se instalou o Pavilhão Carlos Chagas. Ele, Emmanuel e eu aí nós passamos à 12ª, onde o Emmanuel também ia, para o Pavilhão Carlos Chagas. [...] Era realmente uma coisa extraordinária, representava uma espécie de um clube científico. Porque ao lado das aulas de meu pai, que eram estupendas, e eu posso dizer isso com toda segurança, iam vários professores assistilas, e depois havia sempre um café, uma troca etc. Meu pai dava aulas sempre muito boas, primeiro ele as preparava muito, e o método de preparação dele era muito interessante, porque ele pegava folhas de papel de bloco, finas, que hoje não existem mais e que se comprava numa papelaria ali no largo de São Francisco – chamava-se Casa Cruz, eu acho. E ele aí começava a escrever e eu tenho alguns desses blocos. Ele começa a escrever, por exemplo, malária. “Malária é uma infecção parasitária produzida por um plasmódio”. Ele aí, malária, produzida pelo plasmódio descoberto pelo... Enfim, ele escrevia até achar a fórmula que mais o agradava, isso durante à noite, na véspera, de modo que quando chegava na aula, era realmente uma coisa fabulosa. Além do mais, ela trazia, como suporte

para a aula, toda a visualização que ele podia ter em Manguinhos: diapositivos feitos pelo J. Pinto, desenhos feitos pelo, como é que se chamava aquele rapaz?

PG –Castro?

CF – Castro, não, mas antes do Castro tinha um outro de cor também muito simpático, que era... Era Porciúncula que ele chamava-se? Não. Quem pode me dizer isso, eu até preciso conversar com ele é o Amílcar Osório, aquele que era datilógrafo na ocasião. E tinha realmente, vinha o doente, vinha o doente e ele examinava o doente, na vista, no anfiteatro de 60 pessoas tinha sempre 80, 100 em pé, sentado, o diabo a quatro. E aquilo depois se transformava em uma conversa científica em que uma das pessoas mais significativas era meu irmão, Evandro, que já estava em plena forma. E Evandro, por exemplo, eu conto isso numa crônica que eu escrevi para o Instituto Evandro Chagas, Evandro tinha uma coisa muito curiosa. Um dia eu entrei no Instituto, no Hospital São Francisco e vi, ele estava no sexto ano, e eu no primeiro, porque nós coincidimos, foi, portanto, no fim do ano, e ele estava se formando. E aí eu vi um curso de eletrocardiografia dado por ele, que era estudante ainda; com um sucesso enorme, porque naquela ocasião havia dois eletrocardiógrafos no Rio. Um, do Roberto Duque Estrada, outro de Manguinhos. Era um aparelho complicadíssimo, fabricado pela Fábrica Bulit, francesa, que consistia no seguinte: você tinha um fio de quartzo finíssimo, pelo qual atravessava a corrente produzida pelo eletrocardiograma. Foi uma coisa descoberta pelo cientista holandês chamado [Willem] Einthoven, e que foi principalmente desenvolvida por um cientista inglês chamado Thomas Lewis. Era raríssimo o eletrocardiograma naquela ocasião. O que era mais raro era que aquele fio, que tinha algumas micras se rompia com muita facilidade. E você colocar o fio era uma arte, porque o fio fazia um movimento na presença de ímãs. Ele se movimentava e esse movimento é que era registrado e dava as ondas, são as mesmas que você vê hoje nos eletrocardiógrafos comuns, não é? E Evandro dava muita vivência e tínhamos um grupo enorme de estudantes também, e Walter estava sempre. E foi no Pavilhão Carlos Chagas que meu pai disse ao Walter: “Walter, você vai estudar anemia verminótica, porque anemia verminótica é uma coisa muito importante”. E deu as facilidades para ele estudar anemia verminótica. E o que caracteriza um bom estudante, um bom cientista, um bom doutorando, vamos dizer assim, na expressão moderna, não é o fato de que ele saiba fazer...

Fita 1 - Lado B

CF- É o fato de que você dá uma ideia a ele e ele a desenvolve, ele se promove assim mesmo. Esse negócio de pensar que o professor orientador tem que ensinar tudo é uma coisa inteiramente errada. E o Walter se desenvolveu extraordinariamente. Nessa ocasião éramos muito companheiros de noitadas. Eu, Walter, Emmanuel, e outros também. Lembro, por exemplo, que uma vez eu fui acordado às sete horas da manhã, pelo filho de um amigo de meu pai, quer dizer, filho, sobrinho de um grande amigo de meu pai, cujo nome não vale a pena eu dar, que me chamou ao telefone e disse assim: “Onde é que você levou meu filho ontem que ele não veio dormir em casa?” Eu não sei, porque eu tinha fama de farrista. E todos nós éramos iguais. Íamos para o Lamas e do Lamas a gente podia se encaminhar para o Catete, mais adiante, ou podia ir para casa e até de manhã muitas vezes eu saía de casa para ir, eu saía do Lamas para ir para o Hospital, porque sete e quinze, sete e meia eu estava no necrotério, porque eu tinha que fazer a autópsia antes de chegarem. A

não ser o [Magarinos] Torres que chegava muito cedo, os outros só chegavam às dez, dez e meia, e já queriam que os cadáveres estivessem abertos, todos descritos, tudo na mesa prontinhos. É uma pena que tenha me esquecido o nome do servente que nós tínhamos lá, mas isso um dia a gente tem que saber. Que era realmente uma competência na autópsia e na verificação das lesões macroscópicas. É importante saber o nome dele porque o serviço funcionava admiravelmente bem. Ele devia ser funcionário de Manguinhos e não do Hospital, não sei. E eu ... porque depois evidentemente fui assistente de anatomia patológica na Faculdade de Medicina, isso é mais tarde, e verifiquei aí que a coisa era muito diferente. Não só assistente, como servente, tudo era diferente. Era na moleza, ao passo que nós lá no São Francisco, era na dureza. Mas nessa ocasião nos encontrávamos muito com Walter. E o Walter tornou-se um grande enxadrista, coisa que eu não acompanhei, porque eu era...

PG – Quem é que desperta este interesse do Walter pelo xadrez?

CF – Acho que foi o velho Oswaldo.

PG - Foi o velho Oswaldo?

CF – Oswaldo Cruz. Ele não teve, o contato dele com o velho deve ter sido muito pequeno. Mas quem era uma competência em xadrez era o Oswaldinho. De modo que talvez o velho que gostava muito de xadrez influenciou o Oswaldo Filho, que influenciou o Walter. E o Walter tornou-se rapidamente um dos campeões de xadrez do Rio de Janeiro. E ao mesmo tempo campeão de sinuca, coisa que eu acompanhei. E que eu também era bom de sinuca. E nós jogávamos muito ali na Rua Chile, no pedaço que fica entre a Avenida Rio Branco e o antigo Largo da Carioca. Onde havia o Hotel Avenida e todos os bares, quatro bares, importantíssimos para a vida da cidade. E íamos muito a teatro também. Eu me lembro muito de ir com Walter nas poucas peças, os teatros eram pequenos, havia grupos de teatros da Praça Tiradentes, que eram os teatros de chanchada, de revista etc. e havia um teatro muito famoso, que era o Teatro Trianon, ali onde fica hoje, quase na esquina da Rua Rodrigo Silva com... Hoje tem aquele teatro ali, que era um cinema, não é? Mas acho que o Trianon era um pouquinho mais...

LF – ... Cine Metro, o Trianon?

CF - Era ao lado de onde era o Cine Metro, Cinema Trianon veio depois. E ali eu me lembro de ir com o Walter, porque as peças eram boas, lembro muito de uma peça famosa, chamada *Flores...*, isso preciso até ver, de Cláudio de Sousa. E nós íamos muito ao teatro, tinha também teatro lírico, que nós frequentávamos, muita coisa interessante. Mas eu me dediquei muito ao esporte, jogava esporte, mas porque isso era motivo de não separar, de não estarmos sempre juntos. Pouco a pouco ele foi se desenvolvendo cada vez mais, e foi se tornando realmente o homem mais importante da minha geração na faculdade de Medicina, respeitado por todos etc.

PG - Só para ficar claro. Os estudos dele sobre anemia, ele já começa a fazer durante a faculdade?

CF – No fim da faculdade, quer dizer, deve ser no ano de 1931 que ele começa a fazer, quando... Depois ele tem uma fase em que trabalhou intensamente, depois num certo momento ele se dedicou demais ao xadrez e ao *bridge*. Ele chegou a ser campeão de *bridge*. E ele era uma pessoa muito chamada para certos círculos intelectuais. Gustavo Corção me disse que uma das revelações intelectuais que ele teve foi exatamente o Walter Cruz. Uma das pessoas mais bem articuladas e de melhor conhecimento filosófico dentro do grupo com que ele conviveu. Isso foi lá na época em que o Corção estava... Época anterior à *Descoberta do Outro*, que é o livro em que o Walter está citado. Eu também estou citado, mas o Walter tem umas três ou quatro páginas sobre o Walter, aliás sem citar o nome do Walter. Eu acho que é uma apreciação um pouco injusta do Walter. O Walter se tornou muito rapidamente um racionalista e um positivista. Positivista no sentido filosófico, não no sentido religioso. Realmente uma das coisas que eu nunca senti no Walter foi atração religiosa. Nunca teve. Talvez influenciado, o Walter foi influenciado pela Lizeta, a Lizeta Oswaldo Cruz era muito racionalista, muito firme nas suas convicções. E depois ele começou, nós fizemos o curso. O curso de Manguinhos.

PG – O senhor diria que havia assim, não digo uma substituição, mas um certo racionalismo militante, em que a ciência quase substitui a religião como forma de organização de uma filosofia, de uma maneira de ser?

CF – Ah, eu creio que sim.

LF – Isso, quando eu leio naquela coisa que se diz do Oswaldo Cruz, “Fé eterna na ciência”, uma declaração de religiosidade muito clara, não é? Pergunta que eu estou fazendo aqui. “Fé eterna na ciência”.

CF – Eu acho que isso marcou muito o Walter.

LF – Isso é religião? Parece que está se negando a religião... A pretensão é negar, mas de fato está confirmando, não é?

CF – Bem, mas não há a menor dúvida de que é uma forma de religião. Como eu diria o marxismo integral é uma forma de religião, uma crença, não é?

PG – Então o senhor sentia no Walter Oswaldo Cruz um pouco dessa coisa militante? Um racionalismo militante?

CF – Um racionalismo militante. E talvez tenha sido isso que me tenha não afastado afetivamente dele, mas que tenha me afastado intelectualmente dele. Não afastado... O Walter, se deu sempre uma coisa curiosa, eu passava meses sem vê-lo. Porque nós trabalhávamos em setores diferentes, depois fui para a faculdade muito cedo, relativamente. Contra a vontade do pessoal de Manguinhos que queria que eu ficasse em Manguinhos, Evandro, Walter, Emanuel, todos queriam que eu ficasse em Manguinhos. Todos, Gilberto Freitas, todos não queriam, que eu aceitasse ir para a Universidade. Eles achavam, partindo aliás, de uma coisa que era muito a ideia de Oswaldo Cruz, de que a faculdade era uma coisa inútil, que nunca se poderia fazer nada na Universidade. E eu, muito atraído pela mocidade sempre, e muito atraído pelas coisas novas, que naquela ocasião era muito difícil

em Manguinhos, eu na primeira oportunidade eu fui trabalhar na Universidade. Mas fui contra a opinião do Walter, contra a opinião do Emanuel, contra a opinião do Evandro, principalmente Evandro, meu irmão, que se opôs terminantemente, e era o grupo etário com quem eu me dava mais, não é? Depois eu vim encontrar o Walter com muita frequência na ocasião em que se criaram os centros, os cursos de pós-graduação. O Walter foi uma das peças com que eu joguei para obter os cursos de pós-graduação. O Walter foi uma das peças com que eu joguei para obter os cursos de pós-graduação. Porque os cursos de pós-graduação foram criados da seguinte maneira: um dia o professor dr. Alfred Wolf, vice-presidente da Fundação Ford me chamou ao telefone e me disse se eu podia almoçar com ele no dia seguinte. Eu fui à Fundação Ford, era naquela rua que continua, acho que chama ainda Presidente Wilson, mas eu não sei se... É a rua antes de Presidente Wilson quando você vem da Marechal Câmara, sabe? Tinha um prédio ali onde era o escritório da Fundação Ford. O almoço era lá mesmo. Ele almoçou, depois das coisas banais que se falam ele me perguntou: “O que você acha que a Fundação Ford pode fazer para o Brasil”? Eu disse: “Estabelecer os cursos de pós-graduação”, “Mas como?” Eu disse: Reunir, por exemplo, no Rio de Janeiro vários centros de importância para fazer cursos de pós-graduação”. E foi assim que nasceram os cursos de pós-graduação. Entre os centros escolhidos por mim, que foram aceitos pela Fundação Ford estavam o Instituto Oswaldo Cruz, o Instituto de Microbiologia, o Departamento de Genética da Faculdade de Filosofia e o Instituto de Biofísica. Eram uns quatro ou cinco. Em Manguinhos eram o Walter, o Herman Lent, o Haity Moussatché, que seriam os participantes.

PG – Foi em que ano?

CF – Eu acho que isso foi em 1964. Ou foi em 1963, 1964. Mas isso há a documentação que eu mesmo posso demonstrar isso. E nessa ocasião estive muito com Walter. E nós divergíamos um pouco, porque o Walter não queria cursos regulares e eu queria os cursos de credenciamento, que hoje se chamam, os cursos que vocês fazem. O Walter queria por exemplo, como nós éramos de um centro de isótopos, Walter queria, quando ele precisasse de uma pessoa com conhecimento de isótopos, que ele então mandaria trabalhar no meu laboratório um ou dois meses. Eu, ao contrário, talvez mais conservativamente, conservadoramente, eu queria que se fizessem cursos e que as pessoas fizessem o curso. Acho que o Herman Lent e o Haity [Moussatché] não aceitaram fazer parte disso porque tinha uma fundação com dinheiro americano, eu tenho essa impressão. Lent quase certeza, Haity não sei. Depois eu fui me embora e deixei...

PG – Mas tinha uma atitude assim, antiamericana?

CF – Do Walter, nunca vi.

PG – Ele fez vários cursos inclusive e estágios nos Estados Unidos, não é?

CF – Walter nunca senti nele nenhum sentimento antiamericano; ele era um nacionalista, no sentido que todo o pessoal da esquerda era nacionalista. Mas ele era bastante inteligente para compreender que há vários Estados Unidos, e não só o das multinacionais, do governo e etc, não é?

NB – Mas o senhor diria que o Walter era uma pessoa de esquerda?

CF – Depende de você, de que você chama de esquerda.

NB – É, mas eu gostaria que o senhor precisasse, em qual esquerda, se é que ele era de esquerda, ele qual esquerda ele se encaixava?

CF – Uma esquerda de modificação e progresso, que dizer, certos tabus burgueses ele não aceitava, como eu não aceitava. Talvez a única diferença que existisse entre nós nesse sentido, ele era muito mais aberto do que eu, quando falava em coisas políticas, não porque eu tivesse medo das minhas opiniões. Eu era menos ligado, vamos dizer, à política. Ele talvez fosse mais partidário de modificações sociais do que eu.

NB – Reformas sociais?

CF – Não, porque hoje há muitas reformas sociais que eu sou a favor e outras que sou contra. Vamos dizer o seguinte: eu estou certo de que o Walter – isso é um palpite – que o Walter acreditava no Estado como empregador, era estatizante. Eu não creio no Estado como... Eu creio na livre iniciativa, controlada pelo governo. É muito difícil dizer porque são vinte anos... Em relação ao Walter o que eu poderia dizer é o seguinte: a minha admiração por ele nunca diminuiu; a nossa amizade nunca sofreu descontinuidade. Talvez a nossa intimidade sim, por fatores diferentes. Tipo de vida que eu levava, tipo de vida que ele levava. Ele era muito mais boêmio do que eu. Eu depois que me casei fiquei muito pouco boêmio. Porque a responsabilidade de uma cátedra, quando você tem 27 anos, é uma coisa terrível. Só hoje é que eu analiso, passados 60 anos, o que foi essa responsabilidade. Porque eu vivia, primeiro escondendo o que eu fazia. Porque se eles soubessem, se os professores catedráticos da Universidade soubessem o que eu fazia, eles iriam me impedir que eu fizesse. Segundo, você trazer ciência para uma universidade, em que a ciência não existia ou quando existia era vista sob um prisma totalmente errado, é uma tarefa fantástica. Eu tive problemas difíceis, alguns inclusive, com o Olympio da Fonseca. Por exemplo, um dia eu precisei, durante a guerra, eu me lembro muito. Eu estava preparando com ajuda do Paulo Seabra, que era um farmacêutico muito ilustre aqui, eu estava preparando um colóide de quinina. Porque o colóide de quinina você, a quinina tinha deixado de ser fabricada, porque era fabricada na Alemanha. Portanto fora da Alemanha não se tinha quinina. A malária estava devastando os soldados no Pacífico, as indústrias americanas produzindo quarenta mil produtos novos antimaláricos, dos quais acho que apenas três ou quatro eram eficazes e eu sabia que a quinina era eficaz. Eu chamei o Paulo Seabra, que era um especialista em colóide, e fizemos um colóide de quinina com o que você podia eliminar ataques... Naquela ocasião onde é que você tinha? Aqui no Rio de Janeiro você não tinha malária. Você tinha que buscar o doente que sofria do cérebro e você tratava com quinioterapia. Demência precoce... Então você aproveitava esse doente para tratar e realmente a eficácia do colóide é fantástica. Você com alguns miligramas de quinina coloidal você resolve o problema. Aí eu fui. O negócio era tão importante que os Estados Unidos mandaram um especialista em assuntos de guerra para cultivar no nosso laboratório *plasmodium*, cultura de tecidos, que dona Hertha [Meyer] que fez. Era realmente uma coisa importante. Também eu precisei de um campo escuro e pedi ao Olympio e o Olympio não deu. E ele que era o mais chegado a mim na congregação. E amigo íntimo do meu pai, cria

de meu pai. Você vê como é que era a mentalidade lá. Você tem a mentalidade do que era a da faculdade, quando eu cheguei lá a faculdade fechava às 5.00h. A primeira coisa que fiz foi arranjar uma chave. Para arranjar uma chave houve uma briga terrível com o porteiro, que foi preciso que o diretor, que era meu amigo, tomasse meu partido. Há mesmo um caso muito pitoresco, que professor Latargé chegou tão cedo à faculdade que subiu pelo cano para entrar no laboratório, porque como ele era um alpinista famoso etc., ele conseguiu porque antes das 7:00h você não conseguia entrar se não tivesse a chave. Não tinha biblioteca, não tinha nada. Tanto que era uma responsabilidade muito grande e talvez isso que tenha me impedido de frequentar Manguinhos como eu desejava e ter convivência com meus colegas. Mas eu tenho certeza que se houve uma falta de intimidade, a amizade continuou e principalmente admiração que eu tinha por ele.

PG – Professor, só uma curiosidade. Neste período de guerra, Manguinhos se volta para um esforço de guerra, não?

CF – Acho que se volta principalmente pela questão da penicilina. Eu me lembro de ter tratado, de ter obtido penicilina em Manguinhos para alguns doentes de pneumonia, de modo que foi realmente um choque fantástico que eu tive com a morte do Walter.

PG – Agora antes disso só uma curiosidade. O senhor acompanhou o trabalho dele como assessor científico de Jânio Quadros, não?

CF – Não.

PG – Por que ele...

CF – Não, houve uma dúvida aí muito curiosa. Eu tinha horror ao Jânio Quadros. E o Jânio Quadros, pelo Simões Lopes, mandou me convidar para ser assessor científico dele. Eu disse ao Simões Lopes: “Eu não aceito por razão muito simples: o Conselho de Pesquisas é o órgão que deve assessorar o Presidente da República. Agora, se ele quer ter um secretário, ou uma pessoa no gabinete, eu não sirvo para isso. Não tenho compatibilidade com o feitio do Jânio Quadros. Só mais tarde é que eu soube que o Walter tinha sido convidado.

PG – E o senhor tem uma impressão dessa relação dele com o Jânio?

CF – Eu acho que o seguinte: Walter era um homem livre demais para lidar com um homem prepotente como é o Jânio. Essa é a primeira coisa. Segundo, entretanto, acho que o Walter se sacrificaria se ele visse a possibilidade de melhorar a ciência através de uma assessoria ao Jânio Quadros.

NB – Ele nunca comentou isso com o senhor?

CF – Não, nunca. Porque nessa época, era uma época difícil para nós todos. Eu tinha tomado uma posição logo depois, quando veio o Jango Goulart, eu tinha tomado uma posição contra o Ministério da Ciência e Tecnologia, o grupo do Walter todo tinha adotado, e havia a falsa impressão de que eles não se aproximavam muito de mim porque eu era udenista, eu era considerado udenista e udenista passou a ser uma espécie de leproso

político na ocasião. As pessoas aceitavam com muito mais os podres do PSD do que os pruridos de decência da UDN. Mas certos homens que eu conheci na UDN eram homens de uma pureza fantástica, como o Virgílio de Mello Franco, Odilon Braga eram homens fabulosos. E a vida separou, mas a vida separou sem que nós desejássemos, a vida não nos permitiu intimidades. Mas não que essa intimidade não existisse através do coração, através da alma. O que acontece é o seguinte: trabalhando o dia inteiro, na Praia Vermelha, não indo à cidade, nós tendo relações diferentes de família, era muito difícil que a gente se encontrasse. Mas não houve, eu para mim não houve, eu acho que a filha dele está de acordo comigo, que não houve a menor separação entre nós. E digo a vocês o seguinte...

PG – Ela a filha de Walter, faz um depoimento em que mostra assim muito essa referência do Walter pelo senhor praticamente como um irmão.

CF – É. Minha mulher sempre diz: “O melhor amigo seu era o Walter Oswaldo Cruz, eu entretanto nunca o conheci.” São essas coisas que acontecem na vida. E não foi nem o negócio dele ter casado com a Sílvia, nada disso. Porque lá em casa sempre foi frequentada por pessoas casadas, não casadas, recasadas, e nós nunca tivemos esse... Por quê? Porque primeiro eu sempre fui muito liberal, e continuo sendo, e segundo porque meu irmão se divorciou muito cedo e casou logo depois e nós, minha mulher e eu, recebemos imediatamente a mulher dele com a maior cordialidade. E há até uma circunstância curiosa. A primeira casa em que eles foram morar, Evandro e Agnes, era a casa que eu tinha alugado para nós. Mas era uma casa tão pequena que eu, habituado a morar na casa de meus pais e ela, habituada a morar na casa dos pais dela, não conseguimos nos habituar àquela casa tão pequena, os quartos principalmente. A cama enorme, a gente não podia... Então nós alugamos outra casa, mas enquanto o contrato existiu, Evandro e Agnes ficaram morando na minha casa. Mas porque não houve nenhuma razão...

PG – Mas essa separação do Walter e o casamento com a Sílvia, em termos assim de relações familiares e o fato de envolver a relação com o Emanuel Dias, não é, é uma coisa que criou um certo *frisson*, não?

CF – Criou talvez para o Emanuel Dias. A mim não. Eu me dava muito mais com a Sílvia do que com ... A Sílvia foi minha colega de curso aqui no Instituto Oswaldo Cruz. A outra eu conhecia menos, porque eu conhecia através da dona Miuça, casa do Emmanuel Dias. Emanuel foi o primeiro a ter automóvel, de nós todos. Ele comprou um carro assim de segunda mão, eu acho que um Ford velho... De modo que nós utilizávamos muito o carro do Emanuel e o centro era exatamente a casa de Emanuel, que era na rua Constante Ramos, esquina de uma rua que termina na rua Constante Ramos. Lembro-me de uma casa de dois andares. Eu tenho muita pena de não ter convivido mais nesta última fase da vida com o Walter. Acho que teria aprendido muito, sabe... Mas a vida é assim, a gente... Eu também, por exemplo, convivi muito menos do que desejava com Evandro. Porque nunca imaginei que Evandro fosse morrer aos 35 anos, não é?

LF – Ele tem também uma participação também na Universidade de Brasília?

CF – Provavelmente sim, porque todo o grupo, naquela ocasião, houve um episódio curioso. Eu tinha criado o Instituto de Biofísica e um dia o Darcy Ribeiro me convidou para

organizar o Instituto de Biologia da Universidade de Brasília. Aí o Darcy [Ribeiro] fez uma conferência no INEP...

Fita 2 - Lado A

CF – Bom, nós estamos falando no Darcy Ribeiro. O Darcy Ribeiro me convidou para assistir uma conferência dele em que ele, naquela exacerbação dele, disse uma porção de coisas que não eram exatamente a realidade. E eu pedi a palavra depois e disse: “Olha, Darcy, isso não é assim, não... “Uma coisa que eu me lembro – havia outras coisas – ele era contra a limitação de vagas, e eu era a favor. Ele era contra o exame vestibular e eu até dizia, até hoje acho, o exame do vestibular é péssimo, mas qual é o outro sistema que você pode adotar? Eu vejo na Itália, por exemplo, que todo mundo que se forma vai para a Universidade e agora eles criaram em Roma uma segunda universidade, de número limitado. E sendo o seguinte, na Universidade italiana há uma coisa que não existe aqui, que é a reprovação. Você sabe que uma das características que eu sempre digo da universidade brasileira é que difícil você entrar, depois é difícil não sair. O sujeito sai diplomado quer queira ou não queira. Na Itália não. Na Itália um curso que minha filha fez de Psicologia lá, primeiro ela morava em Pisa e fazia o curso em Roma. Segundo que iniciaram mil e duzentos alunos e acabaram menos de 200. Porque eles são reprovados, na Itália eles são reprovados mesmo. O aluno tem a vantagem de fazer o exame na época em que quer. Não tem época marcada para exame, não. Mas depois ele é reprovado mesmo e se tiver um número de reprovações, pula fora. Ao passo que aqui não, o difícil é entrar. Depois que entrou é muito difícil não formar. Então depois nunca mais o Darcy Ribeiro me... E eu acho que porque naquela coisa eu tinha muito *pinta* de ser da direita, o que considero uma grande injustiça porque eu nunca fui da direita.

PG – Era coisa do udenismo, não é?

CF – Eu acho que era fato da UDN, mas no udenismo há pessoas como Mário Andrade Ramos, que era um capitalista exacerbado, mas havia sujeitos como o Hermes Lima, era da UDN, que era do outro lado. Mas o que?

NB – Da esquerda democrática.

CF - Esquerda democrática. O Eliézer Magalhães, que era meu amigo íntimo, que eu sustento que em certo momento era o representante do COMITERN aqui. Era da esquerda democrática que fazia parte da UDN. Podia chamar esquerda, mas era parte da UDN. O Virgílio, eu conheço poucas pessoas tão progressistas quanto o Virgílio Melo Franco. Virgílio Melo Franco é uma pessoa fabulosa. Infelizmente o que aconteceu com o Virgílio é que quando o Odylo Costa Filho, ia fazer a biografia do Odylo apareceu a Carolina Nabuco, nossa amiga íntima, e que fez a biografia do Virgílio. Ora, ela não tinha... Ela fez uma biografia maravilhosa, mas do Virgílio que ela conheceu e não o Virgílio das campanhas democráticas. Eu sempre digo o seguinte: vocês conhecem *Cyrano de Bergerac*, a peça famosa. O Virgílio era o Cyrano e o Eduardo Gomes aquele sujeito que o Cyrano soprava tudo.

LF – Debaixo do balcão.

CF - Debaixo do balcão. De modo que eu fiz uma luta, por exemplo, contra a discriminação racial que ninguém fez no Brasil. Hertha Meyer, aqui no meu laboratório. Primeiro queriam expulsá-la porque ela era judia, depois quiseram expulsá-la porque era alemã. Tive no meu laboratório, com protestos do governo francês, três judeus franceses. Nunca fiz a menor discriminação racial, de cor, de nada. Tenho pena, por exemplo, que não consegui até hoje, fazer um bom pesquisador preto, mas não foi por falta de vontade, não. Porque a estrutura social do Brasil, como ela está hoje, torna muito difícil. Por exemplo no exame vestibular: o ideal seria você entrevistasse cada exame...

PG - Estudante?

CF - É impossível. Tenho uma menina aí que está estudando biologia, ela era doméstica na casa da minha filha. É uma das melhores técnicas de laboratório que nós temos, uma perfeição. Mas o esforço que foi para essa menina fazer o secundário você não pode imaginar. Agora ela está fazendo biologia. Está se saindo melhor por que? Porque está vivendo em um meio onde se fala biologia, não é? O esforço que foi para fazer o curso secundário, você não imagina o curso secundário. Pagava aulas particulares, era um programa.

PG – Professor, a gente estava chegando neste período, 1964 até a morte do Walter, não é? Qual a leitura que o senhor faz deste período? O senhor acompanhou de perto essa coisa do Rocha Lagoa que vai redundar depois na cassação? Qual é a visão que o senhor tem sobre isso?

CF – Minha visão é a seguinte: o Rocha Lagoa é uma das piores figuras que eu conheço, que conheci no Brasil. Rocha Lagoa, eu ainda estava no Conselho³, eu acho, quando o Rocha Lagoa obrigou, porque quando eu entrei para o Conselho uma das coisas que estabeleci – eu falo isso porque fui eu mesmo quem fez isso – era de que o conselho receberia diretamente os pedidos. Depois, graças à ação do Rocha Lagoa, eu acho, os pedidos podiam ser encaminhados diretamente, isso antes do Rocha Lagoa, não, uma cópia ao diretor do estabelecimento. Mas quando Rocha Lagoa fez parte do conselho deliberativo, ele obrigou que, já muito dominado pelo... Militar já estava começando a dominar, ele obrigou que todos os processos tinham que vir pela mão do diretor. E aí engavetava tudo que não fosse...

PG – De interesse?

CF – De interesse dele. Eu acho que o Rocha Lagoa é realmente uma pessoa desprezível, sabe? Vou te dizer o seguinte: tem um amigo meu, que era grande amigo meu, que até descende do Rei Carlos X, não diretamente, mas é um Bourbon. Ele é casado com uma brasileira, que era muito amiga minha de infância, que eu assisti morrer em Paris, porque ela teve um câncer, recusou-se a tratar, fui eu a acompanhá-la até o fim e este Bourbon, chama [...] quis muito me fazer a Ordem de Malta. E eu recusei a ser membro da Ordem de

³ CNPq, Atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Malta, porque os presidentes da comissão da Ordem de Malta, não que eu tenha nada contra a Ordem de Malta, acho que é uma coisa muito elegante, fazem benefícios aqui e ali, as atividades que eles têm com os leprosos no norte, embora amadorística, era uma coisa interessante, mas eu me recusei a fazer parte da Ordem de Malta, porque o chefe da Ordem de Malta aqui era o Rocha Lagoa. E eu disse a eles isto. Eles até me fizeram quando, eu fui presidente da [Pontifícia] Academia [de Ciências] eles me fizeram, em Roma, eu nunca usei. Mas eu acho o Rocha Lagoa um homem terrível. E acho que o negócio em Manguinhos começou... Eu tive uma conversa com Walter muito interessante. Um dia o [Francisco] Laranja foi lá na Biofísica me convidar em nome do Jango Goulart para ser diretor de Manguinhos. Eu disse: “Olha, eu acho estranho que seja o Jango que me convide. Porque Manguinhos está na órbita do Ministério da Educação e Saúde, naquela ocasião. De modo que quem devia me convidar era o Ministro da Saúde, ou Ministro da Educação e Saúde, que era na ocasião. Três vezes eu fui indicado: uma vez pelo Capanema, uma vez pelo Mariani e depois essa vez pelo Jango. Então eu disse: “Olha...”

PG – O [Wilson] Fadul era o ministro?

CF – Não, foi antes do [Wilson] Fadul. Eu disse ao Laranja: “Acho que quem devia ser o diretor do Instituto é você”. Ele disse: “Mas eu não tenho títulos”. Modéstia dele, porque eu acho ele uma figura importantíssima na ciência brasileira. Eu disse: “Mas Laranja, você tem uma qualidade fabulosa, que você toma pressão todos os dias do Getúlio. Isso é uma coisa da maior importância”. Aí, uma semana depois o Laranja foi nomeado diretor do Instituto. Aí, eu estou em Paris, dezembro de 1954. Vejo Walter e Sílvia tomando um chocolate, no Café de Paris. Fui lá tomar chocolate com eles etc. e o Walter entusiasmado com o Laranja. Eu disse: “Olha, Walter, o Laranja é ótimo, acho excelente, principalmente porque ele vai, leva os papéis ao Getúlio, o Getúlio... Mas não esquecer que a nomeação do Laranja diminuiu o nível da direção de Manguinhos. Porque você vê: meu pai, Cardoso Fontes, que você pode botar dúvidas, mas tinha a auréola, Aragão, ótimo; Olympio da Fonseca, você tem muitas dúvidas, mas tinha uma bagagem. Então vem o Laranja então qualquer pessoa dali em diante poderá vir a ser nomeada diretor de Manguinhos. Então, quando você chegar ao Rio, pode estar nomeado o Xavier.” E não deu outra. Nunca consegui convencer o Walter de que eu não tinha tido informação. Ele me perguntou: “Por quê?” Porque é um homem que fez o curso da Escola Superior de Guerra. Era a única coisa fundamental... Ele sabia o que queria. E não deu outra, foi o....

PG - Xavier. E o Walter sempre me dizia: Você me disse aquilo...

NB – Xavier fez o curso da Escola Superior de Guerra?

CF – Fez.

NB – Xavier também, Rocha Lagoa também fez?

CF – Rocha Lagoa também. Houve um momento que você, mesmo antes do regime militar, mesmo no tempo do Juscelino, o sujeito para ter uma posição qualquer tinha que ter o curso da Escola Superior de Guerra. O presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, tudo isso é

peçoal que passou, ou era militar ou tinha passado pelo curso Superior de Guerra. E eu me recusei sempre a fazer. Eu fui indicado duas vezes e recusei.

LF – Há uma história que corre que o senhor deve saber. Conta-se que quando houve essa cassação, que o [Antonio Moreira] Couceiro foi ao Médiçi e colocou, e o Médiçi teria dito “É, mas nós não podemos, o que está errado, o que está certo, é uma questão interna, mas o governo militar não pode reconhecer que está errado... Depois de algum tempo ou logo depois você sai, não é? O senhor sabe alguma coisa sobre esse diálogo que haveria tido?”

CF – Não, nunca soube. A minha versão da saída do Couceiro, versão que tem certo fundamento, e que não impede que esta conversa tenha havido, é de que o Couceiro, no início, só dialogava com o Presidente da República, Álvaro Alberto. Depois, Café Filho passou a dialogar e eu tive várias vezes atritos com ele, com o General Juarez Távora, que era chefe da Casa Militar. Eu não era mais do Conselho, mas a gente do Conselho me pedia para... Depois passou, foi caindo, e passou a ser um coronel mais graduado e pouco a pouco foi caindo, e quando o Couceiro, que foi em 1964, porque o Couceiro foi me oferecer a chefia da Comissão Nacional de Energia Nuclear, eu disse que eu não queria. E ele me disse, e eu perguntei: “Mas o que que vai ser”? Eu disse: “Eu vou ser presidente do Conselho Nacional de Pesquisas.” Quer dizer que o Couceiro tinha uma grande influência junto aos militares. Acho aliás que ele tinha provavelmente conspirado com os militares, o que não me estranha, porque Couceiro era um homem muito apaixonado, um desses nortistas muito veementes, muito apaixonados. Por exemplo, o último trabalho que ele publicou, publicou comigo, um trabalho auxiliado pelo CNPq, ele tirou o nome do CNPq. O que aconteceu foi o seguinte: ele entrou do meu lado, ele entrou em conflito com a diretoria de Hidrologia e Navegação do Ministério da Marinha. Por causa do almirante, como é que chama esse almirante da Ilha aí que já morreu aliás... Esse que fez a Universidade do Mar, e fez o centro de pesquisas, um sujeito fabuloso.

LF – Daqui a pouco lembra.

CF – Pois é, e eu dei um prestígio enorme a ele, dei a ele certas coisas da Unesco, e o Couceiro ficou do meu lado. E o Conselho caiu nas mãos de um oficial de Marinha que tinha servido na Diretoria de Hidrologia e Navegação, Navegação e Hidrologia. E aí o que ele fez? Porque você sabe que esse pessoal do Exército e da Marinha é um pessoal muito bem educado. Eles não dizem não, mas também não dizem sim. O papel do Couceiro chegava e ele botava... Um dia, Couceiro aqui nesta sala já me disse: “Há oito meses que eu não tenho nenhum despacho. Eu estou com vontade de pedir demissão.” Eu disse a ele: “Acho que é o que você deve fazer.” De modo que eu acho que foi esse atrito interno e evidentemente ele deve ter protestado contra a demissão de [19]64. Houve um episódio com Walter que é muito engraçado. Você sabe que eu tinha conhecido o... Não, não tinha conhecido ainda, eu era presidente da Academia [Brasileira] de Ciências. Portanto, 1964. Em [19]65, a Academia fazia 50 anos, uma coisa assim, ou 70, eu não sei, isso foi em [19]65. Eu sei que era o aniversário da Academia. E eu fui ao Palácio e falei com o Luiz Viana para convidar o Presidente para ir. E nunca nenhum presidente tinha ido à Academia de Ciências. E no ato da minha... Não, não, não, foi antes disso. Não foi nessa ocasião, essa ocasião vem depois. No ato da minha posse eu consegui encher aquele salão de gente que foi lá. Quando acabou a posse, o Walter chegou e me entregou um documento. Me entregou

um documento que era um protesto dos pesquisadores de Manguinhos tinham feito contra a administração do Rocha Lagoa, e tinham mandado ao Conselho. Aí eu li aquilo e posso dizer com precisão, no dia 4 e 5 de agosto de [19]65, porque eu posso dizer isso com precisão, porque foi no dia em que nasceu o meu segundo neto, que nestas 24 horas teve três paradas cardíacas e 16 síncofes respiratórias. E eu o que eu fiz? Eu chamei para a academia todos os membros de Manguinhos para discutir o negócio do Walter. Então você tinha um grupo contra o Rocha Lagoa e um grupo a favor do Rocha Lagoa. E eu não sei como é que não saiu fogo, porque...

PG – Quem era a favor do Rocha Lagoa? Era Olympio?

CF – O Olympio, tinha mais...

PG - O Lacorte...

LF - O Lacorte foi, mas o Lacorte não era da Academia. Eu acho que o Genésio, era a favor do... E ele era da Academia. Tinha outros. Evidentemente a discussão principal se passou entre o Haity [Moussatché] e o...

LF – Gilberto Vilela era da Academia?

CF – Engraçado que não me lembro do Gilberto, acho que ele estava lá. Sei que houve dois ou três que me surpreenderam por terem ficado com o Rocha Lagoa. Se não me engano, mas isso aqui entre nós, hein, eu não posso nem... Não sei se o Mário Viana Dias ficou ou não ficou. Ou se ficou teve atitude muito discreta. Atitude principal foi do Lent, do Haity, de um lado e do Olympio de outro.

NB – A discussão se travou entre eles?

CF – Terrível a discussão. Não se pegaram, nem disseram nomes feios, mas violentamente. E levou dois dias, dia 4 e 5. Quando acabou a reunião eu, fiz um relatório, que encaminhei, eu pessoalmente fui entregar ao... Porque não era função, a Academia entrou quase que de gaiata porque o tal processo que o Walter tinha feito tinha sido encaminhado ao Conselho. Aí que o Walter cometeu, a meu ver, um equívoco porque talvez não acreditando na minha posição, ele não encaminhou a mim. De modo o que entreguei ao Presidente foi o que tinha sido entregue ao Conselho, mais o que tinha se passado na Academia, mais a minha opinião. E foi a primeira vez que eu vi o Castelo Branco. E o Walter ficou muito satisfeito com a minha solução, que não deu em nada, aliás, mas em todo caso, eu levei pessoalmente e disse ao Castelo Branco aquilo que tinha que ser dito, levado pelo Luís Viana, aliás.

PG – Mas o senhor propunha alguma coisa nesse documento? Chegava a ter proposta?

CF – Eu não me lembro exatamente do documento, porque como foi um documento feito nessa ocasião, em que eu estava com esse menino morrendo etc., mas eu não me lembro, eu não tive autoridade para propor a demissão do... [Rocha Lagoa]. Mas indiquei os erros que estavam sendo cometidos e como devia ser, o que o governo devia fazer. Eu até preciso ver se no arquivo da Academia ou no meu arquivo eu devo ter esse processo.

PG - É, é um documento importante.

CF – Depois...

PG – Qual foi a reação do Castelo? Ele só ouviu, ele falou alguma coisa?

CF – Ele ouviu e não disse nada. Disse: “Vou estudar o documento que o senhor me deu e agradeço.” Ele é muito atencioso comigo, com todo mundo, era muito bem educado. Disse: “Agradeço a sua intervenção etc. Este é um documento que eu vou ler com a maior atenção.” Não tinha sido mandado o documento. Isso agora eu me lembro, o documento do Conselho não tinha sido mandado ainda. Aí a segunda vez que eu estive com o Castelo foi muito interessante, o Hugo Pinheiro Guimarães me convidou para jantar com o Castelo. E eu fui jantar com o Castelo. E aí voltei ao assunto, voltei não especificamente, mas voltei ao assunto da necessidade de se darem condições de pesquisa aos pesquisadores brasileiros. E ele me disse que achava muito importante, dizia que ia tomar em consideração. Aí eu dei um documento para ele, sugerindo a criação de um Ministério extraordinário. Porque eu nunca fui contra isso que o pessoal não... Eu nunca fui contra o Ministério da Ciência e Tecnologia. Eu fui contra um Ministério com toda a burocracia de um ministério. O que eu queria era que se fizesse um ministro com presença junto à Presidência, que deveria ser o presidente do Conselho Nacional de Pesquisa.

PG – Seria um interlocutor junto ao Presidente.

LF – Ao nível de ministro.

CF – Que tenha o nível de ministro. Não sei se a ideia é boa, mas era a minha ideia nessa ocasião. E o Castelo Branco pegou essa ideia e num discurso que ele me mandou pessoalmente dizendo “as suas ideias estão contidas aqui”, e que ele pronunciou na Escola Militar de Guerra, ou no IME, eu sei que foi na Praia Vermelha; ele fala na criação de um Ministério especial, que depois foi transformado em outros ministérios, porque a política entrou aí no meio e etc. De modo que quando ele me convidou para embaixador na UNESCO foi para mim uma surpresa, porque um general médico, Meireles, tinha me dito, que era amigo dele: “Olha, o coisa vai te convidar para um lugar muito importante”. E aí houve uma torrencial de águas, pedreiras caindo etc. E a única coisa decente que se fez naquela ocasião foi o que eu fiz na Praia Vermelha. Com minha mulher, nós abrigamos mais de 100 pessoas. Arranjamos comida, trouxemos para o Observatório do Valongo. E isso os jornais trouxeram etc e tal. Aí saiu a notícia no jornal que o Ministro de Saúde ia ser demitido, quando ele me chamou, umas sete horas da manhã, apareceu a empregada lá de casa e disse assim: “O Presidente da República que falar com o senhor.” Sete horas. Eu não sou homem de acordar cedo, porque vocês todos sabem lá em Manguinhos, porque gosto de dormir, eu durmo tarde. Aí eu fui ao telefone e comecei a tapear, não é? Não estava habituado. Ele falou assim: “Professor Carlos Chagas. Aqui está falando...” Como é, ele chamava, não sei o quê Alencar Castelo Branco. “Humberto de Alencar Castelo Branco, Presidente da República. Não é trote não, o senhor pode estar convencido. Eu quero o senhor aqui às 11 horas.” E eu passei das oito horas da manhã até [...] como sair daquela encrenca, porque não aceitaria nunca ser ministro da Saúde, nem naquela ocasião nem

agora. O único desejo eu que tive na minha vida há anos e anos passados foi ser Ministro da Agricultura.

PG – Agricultura?

CF – É uma coisa estranhíssima eu dizer isso porque eu estou convencido de que se eu tivesse sido Ministro da Agricultura no fim do Governo do Getúlio, antes dele voltar, do Dutra etc., eu tinha dado à agricultura brasileira uma base científica que ela só veio alcançar muito tempo depois. Como eu considero que o Brasil dever ser essencialmente um país agrícola para depois ser um país industrial e não como nós estamos fazendo, criar uma indústria sem dar de comer ao povo, a minha ideia é essa. Um sonho como todo mundo pode ter. Podia ser que tivesse dado muito errado, mas Ministro da Saúde ou Educação, jamais na minha vida. É como reitor. Reitor nunca teria sido reitor na minha vida. Só aceitei ser diretor da Faculdade de Medicina obrigado e com prazo fixo, de dois anos. E assim mesmo exigi, que eu fui eleito na ocasião do Jango e aí exigi que fizesse uma nova eleição para ser confirmada pelo... E depois eu vim a ser decano aqui, que foi o pior lugar que já estive em minha vida para defender o Instituto de Biofísica, porque senão, se eu não tivesse defendido tinham tapado o Instituto na reforma tranquilamente. Então fui para lá. Onze horas eu estava lá. Às 11 horas abre-se a porta, abre-se a porta e entra o Castelo Branco. O Castelo Branco sentou e disse: “Vejo que o senhor é um homem pontual.” Eu disse: “Com Presidente da República a gente sempre tem que ser.” Eu quis logo quebrar o gelo. “Com o Presidente da República a gente tem sempre que ser pontual”. E conversa vem, conversa vai etc., ele disse: “O senhor tem alguma ideia de porquê chamei o senhor aqui?” Eu disse: “Nenhuma.” “Eu quero que o senhor seja embaixador do Brasil na UNESCO.”

PG – Foi uma grande surpresa?

CF – Foi uma grande surpresa. Eu disse: “Mas o senhor tem lá o doutor Paulo Carneiro, embaixador Paulo Carneiro, eu considero um equívoco o senhor tirar- disse assim mesmo- o Paulo Carneiro de lá.” Ele aí fechou a cara para mim, sabe? E disse: “Mas a demissão já está assinada.” E eu perguntei: “Mas é irreversível, Presidente?” Ele disse assim: “O senhor está usando termos científicos e eu vou dizer, é irreversível, eu não volto atrás. E escolhi o senhor porque acho que o senhor tem todas as qualidades para ser representante na UNESCO.” Eu disse a ele: “Olha, mas eu não posso aceitar, primeiro sem a anuência do Paulo Carneiro. E segundo eu tenho problemas aqui que eu tenho que resolver.” E ele me disse: “Quais são estes problemas?” Eu disse a ele: “Primeiro, estou fazendo uma reforma do ensino médico, e para isso tenho o apoio de toda a congregação.” Eu disse: “O que que eu preciso fazer? Ele disse: “Eu vou fazer uma eleição, eu quero que se, isso, eu faria o que o senhor desejar.” Eu disse: “Então eu trago uma lista de três nomes e o senhor nomeará a pessoa que eu indicar, que aliás procedeu muito mal comigo. Dis-reformou tudo que eu tinha reformado.” Bom, e segundo, eu tenho o problema da Academia de Ciências, que recebe cinco mil cruzeiros por ano e vive de esmolas do Conselho Nacional de Pesquisas.” “Qual é a sua sugestão?”, eu disse: “É que o senhor abra um fundo especial para a Academia.” E a academia passou de cinco mil para 100 mil. Eu consegui com o Campos que se fizessem umas ações especiais, preferenciais, não sei de que companhia etc.

NB – O Campos que o senhor está falando é o Roberto Campos?

CF - Roberto Campos. E o terceiro é o seguinte: é que eu tenho um projeto – eu já obtive do ministro, do prefeito, que era o Negrão de Lima...

Fita 2 - Lado B

CF - Esse hospital só pode funcionar se nós prepararmos todo o pessoal antes. Desde técnica até, inclusive as fichas têm que ser uniformizadas. De modo que quero usar o Moncorvo Filho como unidade hospitalar central da Universidade. “Quanto é que o senhor precisa para isso?” Ele perguntou. “Um milhão de...” acho que já era cruzeiros naquela época, era dinheiro à beça. “Vá falar com o Campos e se ele não der manda ele me telefonar.” Mas quando eu fui falar com o Campos ele já tinha telefonado e mandado me dar as coisas. Eu disse: “Mas eu só aceito depois de falar com o Paulo Carneiro”. E falei com o Paulo Carneiro e o Paulo Carneiro me disse: “Olha, você sabe que para mim é muito difícil deixar a UNESCO, mas eu quero dizer a você, se eu tenho que ser substituído, eu quero ser substituído por você.” Assim mesmo isso foi numa terça-feira e só na sexta é que eu dei a resposta positiva, tal era a angústia que eu tinha de deixar o Brasil, de deixar o instituto. E para mim foi muito bom porque aprendi muita coisa e fiz, acho que servi muito ao Brasil lá.

PG – Na UNESCO. Agora o senhor citou o Campos. Há uma referência de um grupo de cientistas, que estava discutindo a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia e já havia todo este processo também de inquéritos, que vai dar na cassação. Eles procuram o Roberto Campos para tentar convencê-lo da necessidade da manutenção do Instituto como centro de pesquisa e a vinculação depois ao futuro Ministério da Ciência e Tecnologia. A resposta do Campos foi assim, muito seca, no sentido de que a pesquisa era na Universidade e os Institutos deviam ser só para a área de produção.

PG – O senhor tem alguma informação sobre isso? Tem alguma política definida, se o Roberto Campos tem algum papel importante?

CF – Não sei. Talvez até tenha sido até influenciado por minha opinião, naquela ocasião. Eu sempre fui dessa opinião. Tanto que houve um momento em que eu quis trazer o Instituto para a Universidade. Hoje que o que está se fazendo hoje, hoje eu acho que tem que haver institutos e tem que haver universidades. O que está se havendo é o desprezo total pelas universidades, o que trará enormes malefícios à universidade. Foi o que eu disse ao Archer: “Reserva de mercado é necessária, mas não é suficiente.” Se você não preparar o pessoal, daqui a sete anos, ou daqui a cinco anos, ou daqui a 10 anos, quando acabar a reserva de mercado eles estão lá em cima e nós continuamos caminhando, mas vamos caminhar, vamos progredir, não tenho a menor dúvida, mas não vamos progredir com a rapidez que precisamos.

LF – Mas isso, doutor Chagas, porque talvez seja mais fácil a curto prazo o senhor fazer uma boa reforma no instituto do que na universidade, porque a universidade é mais difícil, é mais lento.

CF – Os institutos existem. O que sou contra é a criação de institutos, como está se pretendendo, e que vão inclusive dar curso de graduação. Você sabia disso? Curso de graduação, curso de pós-graduação e doutorado. Isso não tem sentido.

LF – O Exército tem isso, não é?

CF – O Exército tem isso, é.

LF - O IME. Tem graduação, pós-graduação, o IME.

CF – O IME tem isso e o Hospital da Marinha está fazendo uma Faculdade de Medicina.

LF – Mas têm bom nível...

CF – Têm que ser melhores do que nós, porque eles podem importar sem nenhuma... Você, olha aqui, eu conheço gente desse famoso PADT, que já acabou, que ainda não recebeu o material encomendado de fora. Entretanto, o Amorim, almirante Amorim, me disse que quando ele quer material ele compra nos Estados Unidos e vem no dia seguinte. Então como é que nós podemos competir com isso? Não podemos. Lá em Manguinhos quanto tempo você leva para ter um microscópio? Pelo menos seis meses. Não?

PG – Por aí.

CF - Você me disse que o material, aqueles cento e poucos dólares que eu trouxe para a lepra, que ainda não foram utilizados, você não conseguiu importar nada ainda.

LF – Arouca esteve na Cacex tentando resolver essas coisas...

PG – Mas como é que o senhor confronta essa visão com um certo esforço compartilhado pelo seu pai, de que, dentro de um Instituto de pesquisa, que era específica, criar uma área de formação vinculada à pesquisa?

CF – Isso é indispensável, não é?

PG – É.

CF - Primeiro vamos falar do caso de Manguinhos. Manguinhos existiu como instituição internacional fabulosa, até o momento em que cortaram a verba externa deles. Isso eu disse uma vez, vou repetir, porque está sendo gravado. Oswaldo Cruz deu *royalties* para o Astrogildo Machado, menos, e para Alcides Godoy, mais. Isso criou uma celeuma enorme. Porque como eu já disse a vocês, houve três partidos: os que eram a favor do Oswaldo, que tinha efeito muito grande; os que eram pela divisão dos lucros entre todos para aumentar o ordenado e aqueles que achavam que tudo tinha que ser gasto para o instituto, compra de equipamentos, e não em coisa pessoal. E foi isso que deu a divisão do Instituto. Isso com o episódio que veio logo depois, o episódio Moses. Por falar nisso, a maior aventura que tive nesses últimos anos foi fazer o elogio do Moses na Academia, no centenário da Academia, sendo que Moses era inimigo de meu pai, não é? Esta verba existiu, esta verba existiu até...

Isso foi mais ou menos em 1916, portanto 25 anos depois. Eu sei que houve um momento em que ia cair, caducar a patente. Meu pai foi ao parlamento e eu me lembro que quem era presidente da Câmara era o Altino Arantes, um cara queixudo, que tinha sido colega dele em Itu. E com isso ele conseguiu uma lei e com essa lei prolongou-se mais tempo a patente. Aí quando meu pai morreu, o [Cardoso] Fontes, que era contra, que descia dos primeiros contras, não lutou contra o DASP, e o DASP resolveu, porque o meu pai tinha conseguido lutar contra o DASP e graças à ação simultânea do Oswaldo Aranha e do Afrânio de Mello Franco, tinha conseguido evitar que tirassem a renda do Instituto Oswaldo Cruz. Retirada a renda, o Instituto teve as maiores dificuldades. Uma vez, eu fui ao, em [19]42, [19]43, quando eu dirigia um serviço de endemias, eu fui ao [Luiz] Simões Lopes e o Simões Lopes me disse o seguinte: “Nunca eu neguei um tostão a Manguinhos. Apenas Manguinhos não pede.” Vê a situação como é que era.

PG – Era época do Aragão?

CF – Não, era época do Fontes, ainda.

PG - Era o Fontes ainda.

CF - Houve um período em que a gente não sabia se era Fontes ou Aragão, porque o Fontes estava doente em casa e o Aragão é quem estava comandando. Ah, tem uma história que eu não contei, que é muito engraçada: O Olympio um dia entrou no meu escritório lá e disse assim: “Você está degradando a profissão de catedrático.”, eu falei: “Mas como, doutor Olympio?”, “Porque você está saindo para ir pedir verbas em toda parte.” Eu disse: “Mas se eu não sair daqui a verba não vem ter aqui não.” E acabando a verba, outro dia nós conversamos. Provavelmente o sumiço dos arquivos do meu pai deve ser a necessidade de procurar se ele tinha ou não malversado estes fundos. E foi a acusação que foi feita a ele. Eu não sei se foi para defendê-lo, que não era necessário, mas você sabe que encontra, sempre você pode encontrar certos buracos, não? O Waldemiro de Andrade levou isso para casa, ou Teófilo de Abreu levou isso para casa, ou se foi realmente o pessoal que sumiu com o arquivo de meu pai.

PG – Bem, essas lacunas...

CF – São lacunas incríveis. Por exemplo: isso que eu estou escrevendo aqui, que dia que meu pai foi para Lassance? Só se sabe que é no fim de outubro de 1908, data que ele me deu, mas que não tem muito... Agora eu acho que tem muito que falar, tem muito que dizer.

PG – Só para fechar esta ideia. Então, há um esforço de transformar Manguinhos também num centro de formação, não é?

CF – Eu acho. Acho muito bom, num nível de pós-graduação, acho muito bom, mas acho que o que está faltando a Manguinhos e eu disse isso ao Arouca várias vezes... Manguinhos pode agora dar um curso enorme aos centros de excelência das universidades. O que é bom para Manguinhos e bom para as universidades.

PG – Um *pool* de relações...

CF – É, porque esse acordo que existe é inexistente, não é? Esse acordo que existe entre nós e a universidade é inexistente. Não há um projeto comum. Você vê, por exemplo, as células com que vocês diagnosticam dengue eu acho, vem aqui do Instituto. Então, isso mostra que a colaboração pode ser muito eficaz, muito eficiente.

LF – Ela ainda passa muito a nível pessoal, não é?

CF – É, individual.

LF – Esse acordo funciona...

NB – Eu gostaria de voltar um pouquinho, professor, a respeito do Walter. Essa coisa começou, e aí o senhor contou o episódio de [19]53, do Laranja, mas eu gostaria que o senhor precisasse mais um pouco, como é que o Rocha Lagoa, parece que se cria um ambiente entre o Walter e o Rocha Lagoa insustentável, uma coisa. Eu acho que o senhor citou um caso de que eles vão se enfrentar na Academia, o senhor presenciou isso em 1965, não é?

CF – O Rocha Lagoa não estava...

NB – Não, mas o Rocha Lagoa, o Walter tinha levado o Rocha Lagoa de bandeja...

LF – Você sabe quem que botou o Rocha Lagoa em Manguinhos? Foi o Walter.

PG – O Walter? Professor, uma pergunta que eu ia fazer: eu acho que a gente sabe que foram apresentados três nomes, ou três nomes pintavam.

LF -Eu estou dizendo como...

PG - O Olympio, antes de ser diretor. Mas assim, quando o Rocha Lagoa assume a direção, o próprio Olympio seria um possível diretor. Era o Olympio, era o Walter e um terceiro nome que não está me ocorrendo. Uma coisa curiosa que eu gostaria de saber: Qual o critério, entre os vários possíveis, que faz com que eles abram mão do Olympio, que tem um reconhecimento científico, não é, para...

CF – Escola Superior de Guerra, influência dos generais.

PG – Mas o Olympio era afinado também...

CF – Não, ele era afinado, mas muito menos do que... nunca fez Escola Superior de Guerra ou se fez, fez daquele feitio secundário, mas como é que o Walter botou o Rocha Lagoa? Eu um dia cheguei para o Luís Simões Lopes e disse: “Olha, Simões Lopes, nós temos que dar à admissão ao Instituto Oswaldo Cruz uma norma, temos que fazer concursos, porque antes quando era ministro por exemplo, o [Gustavo] Capanema, eu um dia recebi um pedido dele para contratar um anatomopatologista e eu recusei, que o rapaz não tinha... E o Capanema não ficou satisfeito não, mas precisava, realmente, isso foi portanto em [19]42,

[19]43, quando eu estava substituindo, depois da morte de Evandro, a morte de Evandro foi em [19]40, portanto foi em [19]41, [19]42, [19]43, mais ou menos. Eu aí disse: precisamos fazer um concurso. E fez-se o concurso porque as pessoas que entravam em Manguinhos, você sabiam, eram pessoas extremamente especializadas. A biologia estava se tornando cada vez mais abrangente; então precisava que se criasse uma base e se fez concurso. No concurso eu acho que entrou o [Fernando] Ubatuba, eu tenho a impressão, isso não posso garantir. Mas o fato é de que o único auxiliar que o [Magarinos] Torres tinha... E o Rocha Lagoa foi ao pau, mas o único auxiliar que o Torres tinha era um sujeito muito bom, Duarte.

LF – Heiter.

CF - Você deve ter conhecido. Heiter Duarte. Mas trabalhava como patologista chegava lá deram uma prova de genética e ele boiou. O Walter era o presidente da banca e o Torres explicou: “Olha, se vocês tiram o Heiter Duarte – um sujeito muito simpático. Ainda vive? Sabe que o filho dele é dos melhores cardiologistas do Rio, é ótimo – se vocês tiram eu fico sem ninguém para trabalhar. Uma das características piores do Instituto foi o esvaziamento da patologia, total. Onde tinha pontificado primeiro o nosso grande homem lá do norte, como é que ele chama, o homem da leishmaniose tegumentária...

PG – O Gaspar [de Oliveira] Vianna?

CF – Gaspar Vianna. Depois tinha tido Cromwell, que tinha vindo aqui por quatro anos; depois tinha formado Torres...

PG - Magarinos? Pena de Azevedo, Osvino Penna, que já tinha estado no Pasteur e o Burle de Figueiredo. Então, e aquilo foi se esvaziando, então o Torres disse: “Eu vou ficar sem ninguém”, e o Walter subiu a nota do Duarte e, subindo a nota dele teve que subir a nota do...

LF -Rocha Lagoa.

PG - E assim ele entrou.

CF - Rocha Lagoa. Depois ele foi para um lugar, você sabe que o Brasil, para compensar o negócio da Guerra do Paraguai, criou uma cátedra de ensino. Cátedra essa que foi ocupada pela primeira vez no Paraguai. Criado, pela primeira vez foi ocupado por um sujeito fabuloso que foi o Roquete Pinto. Depois houve outro e houve até o Fróes da Fonseca, que é professor de anatomia, que para espanto geral deu uma aula em guarani. Também foi a única que ele deu, porque ele só falava guarani como... Ele só deu uma aula, o professor, provavelmente, não é?

LF – Ele era uma pessoa fascinante.

CF – Fascinante.

LF – Ele estava vivo há pouco tempo.

CF – Ainda está. Olha ali o retrato dele.

LF – É. Ele tem quantos anos?

CF - Deve estar com 96 anos, eu acho.

LF – Por aí, não é?

CF – É, mas ele foi lá e deu uma aula em guarani. E fez mais do que isso. Foi ao museu de arqueologia e mostrou que estava tudo errado. Depois, quem esteve lá há muito tempo, acho até que se casou lá foi o ...

LF – Rocha Lagoa?

CF – Não, não, o Rocha Lagoa veio depois, foi o [Herman] Lent.

LF - O Rocha Lagoa também casou lá, não foi?

CF – Rocha Lagoa não sei se ele ficou noivo aqui e casou lá, enfim, tem uma complicação dessa. Isso você sabe como é: você quando você vai para um lugar desses, que o Brasil tem uma importância enorme, que tem um embaixador militar, um adido militar, o sujeito fica muito ligado aos militares. E aí é que ele entrou pela porta militar.

PG - Sei.

NB – O senhor lembra qual foi a época disso?

CF – Isso deve ter em Manguinhos, eu não sei, deve ter no currículo dele, isso deve ter sido mais ou menos em [19]47, [19]48.

LF – Quando a gente olha também o retrato de Manguinhos, numa certa época, no tempo do doutor Aragão, ele é jovem, e ele está sempre atrás. Ele aparece muito, acho que ele se coloca numa posição de...

PG - Aquela coisa de...

NB – Papagaio de pirata.

LF – É, o que hoje chamam de papagaio de pirata, tem uma série de retratos lá e sempre o Rocha Lagoa aparece. Ele é bem jovem, não é?

CF – Há um artigo, o Walter deve ter escrito um artigo contra o Rocha Lagoa. O fato é que há um artigo do Rocha Lagoa em que ele diz: “A única qualidade do dr. Walter Oswaldo Cruz é ser descendente do Oswaldo Cruz, mas descendente por descendente, eu também sou filho do desembargador Rocha Lagoa. É uma coisa de loucos, não é?”

PG – Ele publicou o artigo? Existe?

CF – Olha, isso eu li. Tem um negócio que me foi contado, esse não posso dizer o nome. Quando ele foi demitido, as contas dele estavam erradas e o ministro do Tribunal de Contas que examinou as contas e verificou que o negócio estava bom foi ao Médici. Disse: “Há isso assim, assim. O senhor quer que eu continue o processo ou o senhor quer eu...” – não devia ter feito isso, por isso é que eu não estou dando o nome. Mas fez – “Quer que eu continue o processo ou paro aqui?”, ele disse: “Continue.” E ele continuou e ele foi inculpado.

PG – Por que isso? É outra pergunta nossa. Por que alguém que estava tão vinculado aos militares, que é uma época em que os militares estão absolutos, quer dizer, com todo o regime de exceção, porque que essa pessoa, o que acontece que os militares pegam essa pessoa e jogam publicamente numa situação de desgraça?

CF – Porque ele não sendo militar, as incriminações de falta de honestidade administrativa iam recair sobre o governo militar. Então ele foi realmente o *scape goat*, ele foi o bode expiatório.

LF – A imprensa por um lado faz pressão em cima.

CF – É, a pressão da imprensa, tudo isso.

PG - Até ... nós estamos, ele era ministro...

CF – Mas ele era ministro.

NB – A imprensa também fechava...

CF - O problema era muito simples, é que ele foi, como havia muitos escândalos, então ele foi o bode expiatório. Ele não era general, não era nada disso, foi um bode expiatório. Bode expiatório não no sentido que não tivesse culpa, mas ele foi um exemplo dado: “Está vendo, nós somos honestos.” Porque o Médici tinha muitos defeitos, eu acho que era um burro honesto. Tinha o negócio da guerra, tudo isso. Porque a verdade é essa: ele recusou-se a receber o – talvez seja o único caso na República, não sei, em que um ministro que é demitido pede uma audiência ao Presidente e o Presidente recusa a recebê-lo.

PG – Pois é, uma coisa muito séria que passa aí.

CF – Muito séria. Tanto se acusava, essas coisas a gente não sabe. Eu sou dos que, o senhor vai me desculpar isso, mas eu só acredito na infidelidade de uma mulher quando a vejo na cama com o sujeito. Como não vejo, para mim todas as mulheres são fiéis. Só acredito que o sujeito é ladrão no momento em que eu vir o camarada botar a mão no dinheiro, não é? Mas aí no caso eu conheço que o sujeito é comunista quando me mostrarem a carteira dele do Partido Comunista. Então aí, eu acho que... O que se dizia dele, que esse ministro do Tribunal de Contas me disse que viu os documentos, é um negócio incrível! Desvio de material, desvio de compras etc. O que quer dizer que não tenha havido muito em outras

ocasiões, em outras instituições e que não aconteceu nada, não é? Porque eu acho também que se criou uma atmosfera de antipatia que eu acho que nem mesmo no Instituto ele tinha grandes defensores mais.

PG – O próprio Olympio, logo depois, tem uma atitude mais de reticências, ele se retrai mais, não é mais aquela pessoa que está defendendo o Rocha Lagoa. Parece que o Rocha Lagoa fica isolado, não é?

CF – Eu nem sei. Eu acho que a atitude dele depois da morte do Walter eu acho uma atitude horrível. Ele fechou o laboratório, não deixou ninguém entrar lá. Uma figura...

NB – O senhor não encontrou o Walter nesta época?

CF – A última vez que vi o Walter foi... Na Academia...

NB – Nessa data?

CF – Foi 1965. Porque logo depois, aí foi uma época terrível na minha vida, porque eu era ao mesmo tempo presidente da Academia e diretor da Faculdade de Medicina e ficava no Instituto à tarde. Mas não tinha tempo realmente para nada. Aí eu fui para a Europa, não é? Em 1966. Walter morreu em 1967, não foi? E eu fui surpreendido com a morte dele quando estava lá. Não tinha a menor ideia de que...

LF – O senhor mandou rezar uma missa para ele na Notre Dame...

CF – Não sei se foi na Notre Dame, mas eu mandei rezar uma missa para ele.

LF – [...]

CF - Talvez tenha sido na Notre Dame. Sei que foi numa igreja. Mas a igreja mais comum que eu ia era a *Saint Pierre des Charriaux*. Mas acho que foi na Notre Dame porque era uma igreja mais importante. Ele era uma figura singular, o Walter, sabe?

PG – E ele exercia uma liderança nesse grupo mais ou menos, quer dizer, Lent...

CF – Em todo grupo ele exercia. O grupo ligado a ele: Leopoldo, Mécia [de Oliveira], aquele que está em São Paulo, como é que ele chama, tem um nome até alemão.

LF – Dietrich.

CF – Dietrich, é. Depois você tinha o [Herman] Lent, o Haity [Moussatché], Tito, acho que esse era o grupo que realmente ele exercia uma grande... Não creio que exercesse, por exemplo, naqueles outros também, mas no Travassos eu não creio que ele exercesse...

PG – Mas foi ele que produziu mais textos sobre a visão da organização da ciência, não é? É quem produz mais textos assim, não é? Os outros você não percebe ainda essa produção, não é? À exceção do Lent também, que é uma pessoa mais articulada, não é?

NB – Nessa época na imprensa deu para a gente ver que o Haiti também está muito presente... são as pessoas que aparecem, que estão na frente dessa discussão do Ministério da Ciência, eles estão nessa discussão.

CF – O Ministério da Ciência chegou a apaixonar tanto as pessoas que uma vez o Gilson Amado me chamou para um debate na TV, como chamava, Guanabara, a TV do Gilson Amado? E eu fui e cheguei lá e comecei a falar. Aí o Gilson começou a interpretar minhas palavras no sentido contrário. Eu disse: “Não é isso o que eu estou dizendo, não, o que eu estou dizendo é isso”. Tinha um grupo de São Paulo comigo, tinha um grupo de São Paulo contra mim também. Hoje o grupo mais importante cientificamente em matéria de coisa política é o grupo de São Paulo. Eles têm na mão elementos que nós não temos. Eles têm a FAPESP; eles têm a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; eles são muito articulados; têm cinco ou seis pessoas da maior capacidade. E além do mais, eles não têm... Eles têm muito mais crédito popular do que nós temos, porque hoje por exemplo a universidade aqui no Rio está muito desacreditada, não é? Manguinhos não, porque em Manguinhos, a coisa em Manguinhos nunca chegou a ser desacreditada, mesmo nos piores momentos da sua vida.

LF – Havia até dificuldades materiais, de salário, mas havia cientistas produzindo. Lent trabalhou lá esse tempo todo, o Travassos estava lá...

CF – Mas isso sempre existiu.

LF – Eu acho que... por isso que eu digo que não há esse descrédito que o Instituto mantém...

CF – Porque vocês, por exemplo, nunca fizeram greve. Ou se fizeram ninguém soube, porque na universidade fazem greve de cinco em cinco meses atualmente, não é? Não quer dizer que eu seja contra a greve, mas acho que o pessoal que pensa que a universidade é um colégio, o sujeito tem que ir lá dar aula direitinho, como se fosse um colégio, que isso é função da universidade, o fato de o professor fazer greve é um negócio que deixa mal a universidade. Tem um negócio, a minha secretária foi com um *curriculum vitae* se apresentar às empresas. E uma das empresas falou: “A senhora deve tirar daqui que a senhora trabalhou, trabalha na universidade, ninguém vai contratar a senhora, porque na universidade ninguém trabalha.” É um problema.

PG – Eu acho que...

NB – É, nós íamos falar o seguinte: se o senhor quiser falar alguma coisa a mais sobre o Walter para encerrar.

PG – O senhor falou duas horas, eu estou preocupado com o seu tempo, não é?

CF – Então quero dizer isso aqui. O Walter é realmente das grandes recordações intelectuais e pessoais que eu tenho. Realmente ele é uma projeção científica na vida brasileira, mas ele era um ser humano extraordinário, em que as grandes qualidades

intelectuais se sobrepujam aos defeitos que nós todos temos. E o que você admira são essas qualidades.

PG – Como é que o senhor compara os irmãos, os dois filhos do Oswaldo? Porque uma coisa que chama sempre a atenção é que neste mesmo período você tem o Walter, reconhecido como cientista, com rigor ético, e ao mesmo tempo, você tem logo depois o Oswaldo, de quem eu tenho poucas informações sobre ele, mas você tem Oswaldo nessa mesma época assumindo um papel de direção e no mesmo momento em que se está criando um conflito...

Fita 3 - Lado A

CF – Eu conheci todos os irmãos: o Bento, Lizeta, que era a mais antiga, era realmente fortíssima, uma grande personalidade e acho que foi ela quem soube criar o culto da família em torno do Oswaldo. O Bento era figura extremamente atraente, pessoalmente, mas foi para Manguinhos muito mais porque era o pai e ele realmente nunca... Não tinha vocação. Mas era um homem muito de ação porque como empresário foi 100% bem sucedido, o que provavelmente ele herdou do Velho Fonseca, sogro dele. Hercília era muito simpática e tal, eu diria que era a mais apagada de todos. O Oswaldo, o Oswaldo, eu acho que ele não pode... Você sabe, você ter um nome é um problema, sabe, terrível. Porque ele era muito inteligente. Eu tive aulas com ele de microbiologia, um curso, ele era um técnico perfeito. Acho que faltou aí foi garra. Quanto a ele ter aceito a presidência eu atribuo isso muito ao desejo de elevar aquela casa, de fazer qualquer coisa por ela. Eu não teria aceito, mas aí, sabe essas coisas é difícil de você julgar.

LF – Ele era muito gentil, ele era uma pessoa muito interessante para você conversar, o Oswaldinho. Eu convivi com ele um tempo razoável, ele era colega de turma do meu pai. E quando ele foi para a presidência da Fundação eu estava na Escola de Saúde Pública, ele me identificava, era uma pessoa interessante.

NB – Isso não significaria, eu gostaria de perguntar isso. Isso não significaria nenhuma ligação maior com esses governos militares? E com o Rocha Lagoa?

CF – Acho que não, por que o que que ele fazia? Como o ordenado era muito pequeno e ele tinha filhos etc., e eles não tinham dinheiro, ele, o que fez: ele fez um laboratório, com grande sucesso, e foi ser diretor, também com sucesso, da Coca Cola, não é, que é para aguentar o rojão. Eu não creio que... E eu acho que aí ele foi explorado pelo Rocha Lagoa. O Rocha Lagoa, que não é burro – ele é safado, mas não é burro – ele, acho que a grande solução para mim era botar o filho de Oswaldo Cruz na presidência. Ele deu essa jogada.

LF – Isso na época foi uma grande jogada.

CF – Foi uma grande jogada na época.

PG – É isso que chama atenção. Você tem o Walter que morre em 1967, a cassação se dá em 1970, e em 1971 o filho do Oswaldo assume a Fundação com Rocha Lagoa como ministro.

CF – Quero dizer a vocês o seguinte: o Oswaldinho era um homem muito sem paixões, muito... A única paixão dele realmente era, além do xadrez, a grande paixão dele era o nome do Oswaldo Cruz. E a política não tinha essa coisa. Então era um pouco indiferente a sociedade ao social, vamos dizer. E realmente ali a jogada não foi dele, a jogada foi do outro mesmo.

PG – O que surpreende é ele ter se deixado instrumentalizar, se deixar envolver em um momento extremamente complicado.

CF – Tanto quanto eu conheci o Oswaldinho, eu acho que ele estava convencido de que ele ia contribuir para manter o Instituto pelo menos, ou a Fundação – já era Fundação. Eu não creio que ele tenha feito isso seja por subserviência ao Rocha Lagoa ou aos militares. E depois, era uma oportunidade para ele, vamos dizer assim, que estava no fim da vida, ele morreu pouco tempo depois – de dourar um pouco seu brasão. Porque na verdade, um filho de Oswaldo Cruz que não tem uma boa...

PG – Performance...

CF - Performance científica, que é diretor de uma multinacional –nem sei se ele era diretor ou apenas consultor – com um laboratório de análises que é sempre uma coisa menos importante, de repente é elevado à ... Funciona, não é?

PG – Claro.

NB – A vida acadêmica dele é uma coisa muito técnica, não há nenhum brilhantismo na carreira dele?

CF – Eu nem sei, realmente não... Não acompanhei, mas não vejo na obra científica dele... Ele era um técnico de laboratório fabuloso. Esse negócio de diagnosticar bactérias, sistemas muito complicados, negócio de antibióticos, tudo isso ele sabia muito bem. O que ele sabia ele sabia muito bem.

NB – Mas nesse sentido o Walter se distinguia dele...?

CF – O Walter era uma coisa diferente. O Walter era uma grande figura, quer dizer, era realmente o herdeiro do pai.

NB – O senhor antes disse que o nome pesa, não é? Para o Oswaldo o nome pesa? Para o parece que isso, para o Walter funcionou de uma forma diferente.

CF – Funcionou de uma forma diferente, mas o Walter também teve que lutar. Até porque em um certo momento da vida ele verificou que ele precisava voltar à pesquisa porque ele

passou uns tempos afastado de pesquisa. Aí ele voltou com um ímpeto, teve uma garra fantástica.

PG – Nesse sentido tinha um pouco essa coisa de corresponder à expectativa do...

NB – Do nome.

PG - Do nome.

CF – E depois é mais difícil você ser Oswaldo Cruz Filho do que ser Walter Oswaldo Cruz.

PG – O Oswaldinho era o primogênito, não? Era o Bento.

CF – Bento. Acho que a Lizeta era a mais velha, depois o Bento, depois a... Até citei o nome dela há pouquinho, depois o Oswaldinho. E havia uma certa diferença entre o Oswaldo e o Walter. Pelo menos eu posso dizer com garantia, porque o Oswaldinho era um ano mais velho que meu irmão e meu irmão era cinco anos mais velho do que eu. E o Walter era da minha idade, pouco mais moço meses que eu. Então eram seis anos de diferença entre eles. No mínimo, talvez até mais, porque é possível, o Oswaldinho acho que era mais velho um ano do que meu irmão.

NB – Eu gostaria de fazer uma pergunta, eu não sei se passada a hora. A gente fez depoimentos, os que a gente já fez até agora lá na Fundação, e as pessoas falam muito do Walter. Eu sempre tento, eu fico tentando imaginar essa pessoa. O senhor está aí falando, eu estou aqui tentando associar com o que eu já ouvi sobre ele. Pintam-no assim de uma forma muito dura, uma pessoa, eu estou falando do perfil de uma grande figura humana. Então esse perfil pessoal assim de uma pessoa dura, séria, muito rígida, autoritária. Alguns – pintam-no com estas tintas assim, eu faço dele uma figura muito severa.

PG - Do rigor do cientista, não é?

NB – É, não sei se é isso ou se ele pessoalmente... No início da nossa conversa, hoje, o senhor falou que ele era uma pessoa muito retraída.

CF – Muito retraído.

NB – Eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho sobre essa figura humana que o senhor conheceu tão de perto, nesse sentido.

CF – Acho que esse rigor, coisas... Você sabe que o Oswaldo era assim, o velho. Porque tinha aprendido isso no Instituto Pasteur, onde o pessoal que trabalhava com os de cima era realmente contido pelos de cima. Eram exigidos. Eu ouço dizer que o Walter era um chefe muito exigente, mas muito justo. Evidentemente, um sujeito que não trabalha em um laboratório não vale a pena... Há duas necessidades, eu acho que para o sujeito ser pesquisador há duas necessidades: primeiro que o sujeito tenha no seu trabalho um certo sentido lúdico, que se tenha prazer.

NB – O senhor falava sobre isso.

LF – Eu aprendi...

CF – E segundo, a constância, o dia a dia, a continuidade. A ciência francesa se perdeu por causa disso. Porque o cientista francês começou a ser político, a se interessar demais por isso, mesmo pela política científica etc. Eu me lembro que quando fui à Paris pela primeira vez, era uma dificuldade para eu ver o Fassart com quem teoricamente eu estava trabalhando. Isso mostra, bem interessante. Um dia eu estava assistindo a uma palestra do Fassart, um seminário do Fassart, presidido pelo Pieron, que era a pessoa que me tinha apresentado ao Fassart. Na saída estávamos os três conversando e o Pieron me disse: “Você tem ido ao laboratório, tem lucrado?” Eu disse: “Olha, professor, eu devo dizer ao senhor que por enquanto nós não conseguimos ainda achar um horário comum.” Porque o Fassart não ia. Eu nunca vi uma descompostura igual à que o velho Pieron passou no Fassart. Era o sistema francês. Agora o Walter, não, o Walter o que eu sei dele, é que ele era muito exigente, mas muito justo. Ele fazia as pessoas trabalharem, porque se as pessoas não têm constância e não tem este espírito lúdico, aliás a constância é consequência do prazer que você tem....

PG – Tem um trecho dele, que eu estava lendo em um artigo, que ele fala que fundamental para fazer ciência é fazer com alegria, não é?

CF – É o senso lúdico.

PG – Ele fala muito disso.

CF - O sujeito não pode se chatear, o sujeito que se chateia no laboratório tem que botar o chapéu e ir embora, senão não vale a pena. Não vale mesmo a pena.

PG – Sobre isso a gente vai ter que voltar muitas vezes, para a sua experiência.

NB – Exatamente.

CF - Hoje foi uma coisa focalizada, foi muito rica. Das próximas vezes agora é voltar para a sua trajetória.

CF – Isso eu a escrevo.

PG -Hein?

CF – Eu a escrevo.

LF – Uma pessoa que podia ficar marcada neste depoimento era o Tito. Porque tem, ele... Eu fui aluno dele no curso vestibular. Tito Lemos Lopes.

CF – Mas no meu depoimento?

LF – Eu estou pedindo ao senhor que dê...

CF – Mas isso é das coisas mais lógicas, ele faz parte integrante da minha vida.

LF – Pois eu sei, mas estou falando pelo seguinte, de certa maneira, Walter Oswaldo Cruz, Emmanuel Dias, essas pessoas estão... Existe uma memória, existe alguma coisa, eu não saberia avaliar em que o Tito contribuiu em termos científicos, em que ele foi original. Eu não sei avaliar. Agora, era uma riqueza como pessoa humana, e isso eu não vivi como menino de vestibular. E é uma coisa que pode ser dita pelo senhor e por alguns de nós que ainda nos lembramos dele.

CF – Tinoco.

LF – Sim, meu tio fala diariamente com ele, é muito companheiro dele, meu pai falava.

CF – Almir.

PG – Almir de Castro?

CF – Almir de Castro é o meu maior amigo, você sabe disso?

PG – É, o senhor falou, nos chamou a atenção. Almir de Castro, ele continua lá na Academia.

CF – É, mas agora ele vai três vezes por semana só.

PG – É uma das pessoas que... Ele chegou a ser entrevistado também pelo Simon. Nós temos uma entrevista dele. Seria uma pessoa importante, não é? Como sanitarista.

CF – É, ele fez o curso de Manguinhos e depois fez o curso de Higiene, que na ocasião era assim um subproduto de Manguinhos.

LF – Tinha que fazer o curso no Instituto para depois completar e ser sanitarista.

CF – Tinha que fazer o curso de saúde pública.

LF – Não, mas para fazer o curso de saúde pública tinha que fazer o curso do Instituto.

CF – Eu até fui professor de fisiologia no curso de Saúde Pública.

PG – Saúde pública.

CF - Uma das coisas engraçadas é que era um curso que eu dava com muita dificuldade, porque sempre detestei dar mais de um curso. Eu nunca aceitei ser de várias faculdades. Eu deixei de ser duas vezes. Quiseram que eu fosse ser professor na Faculdade de Ciências Médicas, eu não quis. Uma vez na Faculdade... Duas vezes na Faculdade Fluminense e outra vez na Faculdade de Farmácia, que foi o Tito. De qualquer maneira eu achava muito

difícil dar um curso, agora dois... Aí o curso de fisiologia era muito simpático porque eram pessoas já de alto nível, que tinham feito o curso de Manguinhos etc., mas aí o Bandeira de Mello, que era um bioquímico, fez concurso para fisiologia e eu era da banca e ele não tirou. O primeiro ato dele foi me dispensar do ensino... Me deu uma satisfação porque eu fazia aquilo com um sacrifício enorme.

LF - Foi bom até.

CF – Foi bom.

NB – Damos por encerrada nossa entrevista.

PG – É, eu acho que já estamos puxando aí o horário.

CF – Não. Mas duas horas e vinte já...

NB – É um tempo razoável...

CF – Depois vocês fazem um extrato disso, para...

PG – É, depois nós vamos fazer uma transcrição...

NB – Vai ser transcrito.

Data: 23/02/1987

Fita 4 - Lado A

PG – Bom, vamos dar sequência à série de depoimentos do professor Carlos Chagas Filho. Hoje é dia 23 de fevereiro de 1987, e nós estamos novamente no Instituto de Biofísica, com a presença de Nara [Britto], pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Paulo Gadelha, coordenador da Casa, e Luís Carlos [Bonella], técnico de som, além do professor Carlos Chagas Filho. E nós estivemos lendo já as primeiras versões do seu livro *O Círculo se Fecha* e ela lida justamente com a sua parte da infância, onde o senhor retrata muito bem todo esse clima e a sua formação, tanto do ponto de vista da ambiência familiar, da casa, da escola. Uma curiosidade que nos fica é, um pouco retomando esse relato, qual é a sua impressão geral da infância, desse período da infância que o senhor passa e que é um período de infância que passa também sob a relação de uma pessoa já do vulto de Carlos Chagas. Como é que se dá esse clima no interior da casa, com esse pano de fundo, de um homem público já de importância e que vai acompanhar, então, esse menino?

CF – Eu vou começar dizendo uma coisa que eu disse uma vez para uma minha filha que ficou muito irritada comigo. É de que eu não poderia ser submetido à psicanálise, porque a minha infância, eu não me lembro de nada muito difícil, de nada que criasse empecilhos, enfim, qualquer coisa que fosse cruel. Minha infância realmente foi uma infância

extremamente calma, extremamente bem vivida, no sentido do acompanhamento que eu tive, de minha mãe, principalmente, e depois também da governante, sobre a qual eu falei tanto. E como eu disse uma vez num artigo, eu acho que foi o primeiro amor que eu tive, foi a minha governanta.

Ela tinha uns cabelos pretos, compridos, que imitavam um pouco minha mãe, tinha dois bandós, de um lado e de outro, e nós ainda temos as três cadeiras de vime da rua Paissandu, na casa da rua Paissandu, em que nós nos sentávamos, eu, menor, ela e Evandro, mas Evandro era mais velho do que eu e logo voou do ninho, vamos dizer assim. Mas a rua Paissandu tem na minha vida uma significação muito grande. E eu posso dividi-la em dois trechos: o trecho que vai da casa onde nós morávamos, que era o 148, em um dos meus artigos eu digo que as artimanhas da prefeitura mudaram para 244 e que isso sempre foi uma coisa, isso sempre me deu um choque, e que ia até a rua Guanabara. E a outra parte eu frequentei principalmente quando era menino. E a outra parte, que ia até a praia. Porque a rua era extremamente residencial. E a única coisa que eu me lembro de parecido, no Rio de Janeiro, com a rua Paissandu, aprazível como eu a conheci, é a rua Visconde de Albuquerque, avenida Visconde de Albuquerque, antes do aparecimento dos grandes prédios, edifícios que existem hoje. A parte, vamos dizer, a única pequena parte que não era totalmente residencial era aquela que ia da rua Senador Corrêa à rua Ipiranga, porque nesta tinha uma pequena avenida, chamada avenida Pacheco, em cuja entrada havia um armazém que servia a todo mundo, e, do outro lado, uma quitanda onde na volta do colégio, eu comia sempre mariola, uma coisa deliciosa. Às vezes eu fazia toda a rua Paissandu para ir ao colégio na rua Soares Cabral.

Outras vezes eu tomava a rua Ipiranga, rua do Russell, que agora chama Coelho Neto e sempre na esperança de ver o velho Coelho Neto. E mais tarde, já mais velho, havia um grupo de moças lindas, da família Portugal, que morava logo no princípio, e do lado direito de quem ia, uma família que eu gostava muito, porque um dos meninos era meu companheiro, os Marcondes Ferraz, e o pai deles era assim uma espécie de diretor do Fluminense, o que, para mim, tinha uma importância muito grande. Na volta eu vinha sempre pela rua Paissandu. Primeiro era o Flamengo, de um lado o Flamengo, depois o clube Paissandu, que era um clube de ingleses, onde eu via sempre uma meninas louras, jogando tênis, uma moças louras, mais velhas do que eu, jogando tênis e tinha então uma grande casa, que era a casa do José Carlos Figueiredo, diretor e proprietário do *Jornal do Commercio*, tinha um jardim na frente muito interessante e eu, menino, me lembro de um senhor, me parecia muito velho, mais para volumoso, que era o famoso Claude Bernard, embaixador da França, que nesse tempo era ministro da França, e que eu vim depois a encontrar, frequentemente, em Paris, quando ele já estava até aposentado.

E sempre ele me dizia na rua Paissandu e eu dizia: “Pois olha, eu o vi passando na rua.” Era uma coisa extraordinária porque o embaixador de França tinha, nessa ocasião, um grande compositor francês chamado Milhaud, M-I-L-H-A-U-D, Darius Milhaud que levou um pouco da música brasileira para a França. Eu aliás, não conhecia, isso eu sabia através do meu pai, através dos amigos do meu pai, mas só vim a saber depois que cresci, destas coisas. Mas nessa ala... Depois, para o lado do Flamengo, a rua era realmente imponente, porque era a rua que havia uma porção de casas com jardins. A casa mais importante era a casa do Oscar Machado, dono da principal joalheria. Era uma casa branca, alta, arquitetura francesa completa. Depois tinha uma série de casas, duas casas geminadas, sempre, e numa delas morava a D. Zilda Potoca, que foi a criadora do primeiro instituto de beleza feminino, no Rio de Janeiro. E que vivia com um escritor, Mariano Dias, português, o que era motivo

assim de zoada na rua etc. E mais adiante morava um professor de francês e quando eu fiquei independente, que podia sair, a única coisa que o meu pai disse é para tomar cuidado para não ser convidado pra ir à casa deste professor. E eu, quando eu passava, eu via sempre uns abajures assim, tipo *belle époque*, roxos etc. e diziam, mais tarde me disseram, que ele foi um dos primeiros, das pessoas a utilizar entorpecentes no Rio, mas isso tudo eu acho que é boato, porque ele era muito bom escritor, inclusive autor de peças teatrais, também muito importantes.

Uma coisa curiosa, que pouca gente sabe, é que frequentemente essa parte anterior da rua, onde havia então as grandes casas, muitas casas, aliás, de gente de origem, de antigos descendentes de portugueses que haviam ficado ricos. Eram casas realmente... Quase que pequenos sítios, na rua Paissandu, mas eu fazia também muito o trajeto até o Flamengo porque meu pai tomava banho de mar, às vezes. Nós íamos à praia juntos e aí ele tomava banho de mar, que era realmente um dos momentos em que eu tinha mais contato com ele, porque na minha infância o contato com ele era muito pequeno. Meu pai saía muito cedo. Eu levantava cedo, era aquela correria para me preparar para ir para o colégio, e ele voltava muito tarde. Em geral, quando ele voltava, eu já estava pronto para ir para cama. E quando eu era muito pequeno, ele sempre me acordava de manhã. E acordava com um cheiro de cigarro terrível, porque ele fumava muito e fumava um cigarro muito forte. E aquilo foi, acho que me deu horror ao cigarro, porque eu nunca fumei. Tentei duas ou três vezes na minha vida fumar e não consegui. Eu tenho sempre a impressão que foi...

PG – Essa impressão na infância.

CF - Essa impressão de menino, mas realmente, tanto Evandro e eu fomos criados na admiração de meu pai por causa do culto que minha mãe tinha por ele. De modo que mesmo muito pequeno eu acompanhei todas as suas participações na vida pública. Como eu já assinalei, por exemplo, eu me lembro muito de ir à janela ver meu pai, que tinha chegado de Petrópolis, pegar o automóvel de quem era o maior obstetra do Rio de Janeiro, Candido de Andrade, que era concunhado de Oswaldo Cruz, para voltarem para Petrópolis, tomarem um trem na Leopoldina, atrasadíssimo, porque o Oswaldo Cruz tinha piorado muitíssimo. E, realmente, acho que um ou dois dias depois ele morreu. Aliás, eu sempre conto essa história para todos. A morte de Oswaldo Cruz lá em casa foi um luto nacional. Meu pai passou dias sem trocar palavra com ninguém. Minha mãe, naturalmente, tratava de o mais possível, de acalentá-lo, porque para ele foi realmente um golpe extraordinário. Ele tinha pelo Oswaldo Cruz uma admiração, eu digo até um amor assim, extraordinário.

NB – Mas a morte do Dr. Oswaldo não era uma coisa esperada? Porque ele estava doente já há muito tempo, não é?

CF – Era esperada, mas não era desejada, vamos dizer assim. E meu pai, evidentemente, sabia que, mesmo doente, Oswaldo era uma presença no Instituto que ia impedir qualquer desestabilização do Instituto.

PG – Era isso que eu ia perguntar ao senhor. Quer dizer, é uma coisa um pouco ainda clara, essa coisa do Oswaldo doente, já com alguns distúrbios, em função da toxemia ou enfim, a interpretação do que de fato ele tinha...

Interrupção da gravação

PG - Durante muito tempo, mas pouco desejada. E, além da relação afetiva, da admiração toda do seu pai, tinha o outro fato de que o Oswaldo Cruz, mesmo doente, parecia que ele mantinha uma aura, uma presença sobre o Instituto. É fato isso então? Quer dizer, como é que era...

CF – Bom, essa é a impressão que eu tenho desse tempo. É preciso não esquecer que os últimos meses da vida de Oswaldo Cruz foram muito preocupantes, no sentido do desenvolvimento do Instituto. O Instituto, nitidamente, havia se dividido em duas partes. Quando Oswaldo Cruz criou ou deu a Alcides Godoy e a Astrogildo Machado *royalties* para as vacinas. Então havia um grupo que era, que estava de acordo com Oswaldo Cruz. E havia um grupo que não estaria de acordo com isto. Esse grupo também, por sua vez, era dividido entre aqueles que achavam que o lucro devia ser utilizado em compra de material permanente ou de consumo, e outros que achavam que devia ser dado a todos os pesquisadores sob a forma de um aumento de vencimentos. O que eu estou dizendo vem diretamente de meu pai. Porque eu acho que é muito difícil acharem-se provas disto. Havia também um fenômeno divisionário no instituto, que era o fato de que o Oswaldo Cruz tinha se recusado a nomear o Arthur Moses, que também tinha causado mal estar. Então, como em toda instituição, havia uma grande dificuldade. Estavam-se criando dificuldades. Uma das... Eu creio que a candidatura de meu pai à vaga de Oswaldo Cruz era mais ou menos esperada. Porque o Oswaldo Cruz sempre mostrou uma grande simpatia e até mesmo preferência pelo Rocha Lima, primeiro, e por meu pai, depois. O Rocha Lima foi embora com o Prowazek, e meu pai continuou trabalhando sempre e sempre com muita amizade. Amizade de família, por exemplo. Eu nunca vi o Oswaldo Cruz almoçando ou jantando lá em casa, eu não me lembro. Mas sei que o meu pai e minha mãe iam muito à casa do Oswaldo Cruz e eu ouvi, ainda me lembro, de Oswaldo Cruz... Saber que Oswaldo Cruz tinha estado lá em casa. Nunca o vi lá em casa, mas sabia que ele tinha estado lá em casa. Além do mais havia um fato que, evidentemente, levaria meu pai à direção do Instituto Oswaldo Cruz, que era o prestígio que tinha lhe dado a descoberta da doença de Chagas. Esse prestígio só iria diminuir um pouco quando houve a campanha contra a doença de Chagas, na Academia. Mas isso foi em 1922. Além do mais o presidente da República, era um mineiro, grande admirador de meu pai, que era o Wenceslau Braz. E lá em casa, os amigos de meu pai, a nomeação dele para diretor de Manguinhos, embora ele fosse o mais novo dos possíveis candidatos, o de menor antiguidade dos antigos candidatos, a escolha dele pareceu uma coisa normal e não houve nenhuma...

NB – O senhor poderia nos falar sobre os possíveis candidatos? Além do Rocha Lima que já tinha ido...

CF – Eu acho que os candidatos eram o Figueiredo de Vasconcellos, número um, número dois o Cardoso, o Cardoso Fontes, número três o Aragão. E é curioso que num concurso de títulos que o Oswaldo Cruz organizou – eu aliás publiquei em *Ciência e Cultura* – foi um documento, é um documento muito interessante. É o primeiro concurso de títulos que se fez no Brasil, eu acho. E Oswaldo Cruz estabeleceu os critérios. E o concurso era para preencher a vaga de chefe de divisão. Havia já uma divisão que era capitaneada, chefiada pelo Figueiredo Vasconcellos e a outra foi aberta. E o Oswaldo Cruz e o Figueiredo

Vasconcellos e todos os outros candidatos votaram. Apenas os candidatos não votavam em si mesmo. E o resultado desse concurso é muito interessante. Em primeiro lugar foi meu pai, que teve mais votos, distanciado do Cardoso Fontes, que ficou em segundo lugar, do Aragão, que ficou em terceiro, e que é a ordem em que eles se sucederam na direção do Instituto Oswaldo Cruz. É um fato muito interessante. E eu tenho esse documento, que na ocasião da morte de meu pai foi enviado para lá para a casa da minha mãe como uma espécie de...

NB – O senhor tem na memória em que época foi isso?

CF – 1910. Foi depois... Não, talvez tenha sido... É, fins de 1910. Foi depois da descoberta da doença de Chagas, portanto, a coisa portanto, foi em 1910. A descoberta é de 1909. Deve ter sido o princípio de 1910. E a coisa interessante foi o critério que Oswaldo Cruz adotou. A nota máxima para cada trabalho era dez e havia um número de pontos por anos de serviço, também, e por serviços prestados, mas para os trabalhos era um ponto por ano. E depois eu me lembro, por exemplo, que o Alcides Godoy teve um ponto por ter ido à Europa como médico do Lloyd. Isso, aliás, está publicado, de modo que é fácil de ver. Mas o interessante é o critério do Oswaldo, que se um trabalho científico fosse publicado por pesquisadores, cada um tinha um terço da nota conferida. Por exemplo, era muito rigoroso. A nota em que meu pai descreve a doença de Chagas, era um autor só, mas não teve dez não, teve nove, do Oswaldo Cruz. É muito interessante esse documento.

NB – O senhor publicou na *Ciência e Cultura*, que o senhor falou.

CF – Eu publiquei esse documento em *Ciência e Cultura*.

NB – Depois a gente pode pegar a indicação, para a gente ler.

CF – Eu acho até que tenho separatas dele. Eu dediquei essa publicação à Bustamante.

PG – Emília, lá da biblioteca.

CF – É.

PG - Mas aí o senhor estava falando que era uma fase muito delicada no Instituto, por causa desse processo de escolha, dos vários candidatos, as divisões que houve em torno da vacina, então que a presença do Oswaldo Cruz, mesmo doente, era um fator de unidade.

CF – Era um fator de... manter a calma, não é? Porque, naturalmente, as facções deviam estar se mantendo para serem, uns ou outros, nomeados diretor, porque eles previam a morte do Oswaldo. E a presença do Oswaldo era de tal modo importante que dava um equilíbrio, mesmo ele estando doente, mesmo ele estando ausente da direção. E as grandes responsabilidades da instituição já estavam entregues, pelo Oswaldo, ao meu pai. Que foi também uma causa de um certo constrangimento.

PG – É interessante que isso muda um pouco a imagem que alguns passam, de que essa fase final de Oswaldo Cruz, ele já estaria muito doente, muito incapacitado, inclusive assim

mentalmente, ele já estaria com distúrbios de comportamento, e que ele estaria um pouco assim exilado em Petrópolis. Quer dizer, como uma espécie, a prefeitura de Petrópolis tivesse assim um cargo honorífico de manter uma carta dignidade, um certo papel, mas ao mesmo tempo o exílio. É uma coisa que, pelo que o senhor fala...

CF – Eu acho que as duas versões podem coexistir. Quer dizer, porque é muito difícil você interpretar, mas a minha versão é a versão que eu recebi de meu pai, quer dizer que é a versão, eu sei que meu pai, nesta ocasião, quando o Oswaldo estava em Petrópolis, subia com frequência. Antes mesmo da fase final da doença, que aliás está descrita de uma maneira muito dramática pelo Phocion Serpa, no livro dele sobre o Oswaldo. Também pelo Salles Guerra porque o Salles Guerra também era uma pessoa de grande... Estava sempre, sempre esteve, durante toda a vida do Oswaldo, como pano de fundo, quer dizer, com prestígio dele ter trazido o Oswaldo à tona, ele era uma pessoa, principalmente porque ele era uma pessoa extremamente respeitável e respeitada, ele sempre tinha o seu papel. Não sei quanto ele representou na escolha de meu pai. Sei que eles eram muito amigos, tinham escritório, consultório juntos, mas acho que o levou meu pai à direção de Manguinhos foi, primeiro, a qualidade do trabalho dele feito e segundo o prestígio que ele tinha adquirido na sociedade e, finalmente, o fato de que um presidente mineiro tem sempre uma simpatia grande por um pesquisador mineiro.

PG – É a conexão mineira, que pesa muito. Essa relação dos mineiros com o Instituto, ela é antiga, inclusive. Porque a vacina da manqueira, por exemplo, ela tem uma participação grande também de Minas. Quase como uma demanda do governo mineiro, para a questão do gado. E é inclusive incentivada a pesquisa, que vai dar na vacina, pelo governo mineiro, que eu esqueci de quem era, na época, o responsável, mas nós temos isso registrado. Então, existia essa vinculação antiga, de Minas e o Instituto.

CF – Não, porque o Brasil, naquela época, era o binômio Minas e São Paulo, tanto que no...

PG – Café com leite.

CF - Agora, uma coisa interessante, que eu gostaria de assinalar, quando se fala na questão das verbas. Evidentemente Manguinhos viveu exclusivamente por ter verbas próprias, mas as verbas próprias tinham também um interesse fundamental que mantinha uma grande independência para o governo, para a direção de Manguinhos. A direção de Manguinhos não precisava ir ao Ministério ou Câmara de Deputados, para solicitar a um ministro ou a um deputado a verba e depois ele exigir tal e tal coisa. Porque eles tinham suficientemente recursos para viver. Eu creio que no último ano da verba própria do instituto, ela chegou a ser de 1000 contos. O que era muito dinheiro. Se você imagina que um pesquisador naquela ocasião deveria estar ganhando um conto e 600. Era pelo menos 600 vezes mais do que ganhava um pesquisador. Além das verbas normais que vinham pelo concessor, mas é um momento muito difícil de Manguinhos, o final da direção de meu pai, depois que ele voltou a ocupar somente a direção de Manguinhos, porque é um momento em que começa um certo desenvolvimento da medicina. E naturalmente os pesquisadores são solicitados para trabalhar fora do Instituto. Começam-se a fundar os laboratórios de Patologia Clínica, começam-se a se fundar os laboratórios de análises de sangue. E tudo isso começou a chamar gente para fora de Manguinhos. Meu pai tentou muito estabelecer o tempo integral,

mas o tempo integral era utópico, na ocasião. Há um exemplo típico: em 1922, a Fundação Rockefeller tentou colocar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em tempo integral. Não conseguiu porque os professores não quiseram. Daí ela foi para São Paulo. Em São Paulo, o tempo integral vigorou realmente depois de 1934, quando se fez a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A USP se formou... porque até [19]34 houve na Faculdade de Pinheiros, um certo desenvolvimento científico, mas não era comparável, por exemplo, ao desenvolvimento científico que ela veio a ser depois ou ao desenvolvimento científico que, ao mesmo tempo, teve o Instituto Biológico, e que Manguinhos tinha. Então, o tempo integral, que meu pai tentou implantar em Manguinhos, era indispensável, mas ele não conseguiu. E não conseguiu e, posteriormente, os outros diretores não conseguiram também. Não conseguiram porque, eu acho que não houve realmente um movimento da corporação. Porque muita gente estava interessada em ter as suas atividades fora.

O grupo realmente que estava interessado somente em trabalhar no Instituto era o grupo da zoologia, por exemplo, dois ou três elementos de outras seções, o grupo da patologia, o Torres, por exemplo, e... muito poucos outros. Porque, realmente, o laboratório fora dava muito mais proventos. E há um momento também, depois da revolução de outubro, em que começa um desenvolvimento, do Rio de Janeiro, muito grande, com construções, prédios, enfim, começa um investimento de *real state*, enfim. Um investimento que modifica muito o aspecto da capital e modifica muito também o aspecto da vida profissional. Quando começam os laboratórios a funcionar – isso é uma coisa interessante, porque Manguinhos serviu inclusive até nisto. Um dos primeiros laboratórios clínicos a funcionar, laboratórios químicos a funcionar no Rio de Janeiro, com muito êxito, foi o do Moses, na rua da Quitanda, que vinha de Manguinhos. Mas nós estamos longe do período da minha infância que nós estamos falando.

PG – Pois é. A gente estava... A gente vai e volta.

NB – Eu tinha uma outra pergunta sobre o Oswaldo.

PG – É. É isso que eu ia falar. É mais uma questão que é um pouco tabu nas interpretações, mas a versão mais oficial é que o Oswaldo teria uma insuficiência renal, com várias, chegando à toxemia. Mas outros, quer dizer, às vezes passam a versão de que na verdade ele tinha uma sífilis terciária, com um comprometimento já que justificaria alguns distúrbios de comportamento que ele teria já no final da vida. Isso passou...

Fita 4 - Lado B

PG - Em algum momento, o senhor tem notícia disso?

CF – Não. A notícia que pode ter um caráter oficial, quer dizer, e notícia que eu tinha é de insuficiência renal, mal de Brague. Você sabe que na ocasião da doença dele todo mundo queria atribuir tudo à sífilis. É aquela frase que se atribui, falsamente, aliás, ao Austregésilo, ao professor Austregésilo: “Face a um doente é preciso, inicialmente, pensar-se sifiliticamente.” Que é uma frase burríssima, hoje. Bom. De modo que, como o Oswaldo tinha detratores, era muito fácil você dizer que ele tinha a vida fácil, que ele andava com mulheres da vida etc. Mas não há nenhuma prova disso. E eu que vivi à casa do Oswaldo depois da morte dele, eu não vivi durante a vida dele, mas depois da morte dele, o culto

filial, o culto, a noção familiar de D. Miloca, de Lizeta, dos filhos todos pelo pai, era de tal ordem que se ele tivesse, realmente, levado uma vida desregrada, tivesse tido sífilis adquirida etc., isso não podia existir na família. A família vivia em torno da memória do Oswaldo. De modo que eu acho que isso é uma coisa, é uma lenda que se formou e que foi exatamente, provavelmente construída para destruí-lo, destruir a memória dele.

PG – Mas se comentava, a família comentava essa fase final dele como prefeito de Petrópolis? Ele chegou a atuar como prefeito ou era um cargo mais honorífico?

CF – Eu acho que... Bom, a minha admiração pela Oswaldo é tão grande que eu acho que se ele atuasse um centésimo da sua capacidade, ele já faria muito. O simples fato dele ter mandado plantar hortênsias em Petrópolis mostra que ele viveu o problema da cidade, viveu a qualidade da vida, não é? E realmente eu acho que ele foi prefeito.

NB – Porque é uma coisa muito chocante. Esses dias eu tive a informação de que no dia em que ele faleceu, ou perto disso, houve uma manifestação em Petrópolis.

CF – Houve. Houve uma... No momento em que ele estava morrendo.

NB – Uma comemoração, pela morte dele.

CF – Não. Não. Você sabe que eu ainda assisti isso. Hoje é muito raro nessas manifestações, mas antigamente era muito raro quando o sujeito manifestava, muito frequente, quando se manifestava contra uma pessoa, fazer o enterro dessa pessoa.

PG – Enterro simbólico.

CF – E numa terça-feira de Carnaval, eu acho que foi numa terça-feira de Carnaval, quando ele já estava agonizante ou quase, fizeram o enterro, passaram com o enterro na frente da casa dele.

PG – Isso é que a gente não compreende porque se fosse em 1904, era compreensível. Estava ainda num grande embate, a Revolta da Vacina, a coisa da febre amarela, ainda criava. Agora, isso é em 1917, quer dizer, Oswaldo já tinha consagração internacional, já voltou aclamado, do exterior, já tinha um instituto com seu nome, então, como é que anos depois, em [19]17, ele ainda está havendo essa...

CF – Olha aqui, um dos males do nosso país é a política municipal. Eu acho que aquilo foi um fenômeno de duas facções: ele, provavelmente, imposto pelo governo federal, isso eu não... Eu preciso ver nos livros, mas provavelmente imposto pelo governo federal ou pelo presidente do estado, e os oposicionistas combatendo porque tinham, provavelmente, um candidato.

PG – Quer dizer, seria uma coisa mais paroquiana, de Petrópolis.

CF – É. Municipal. Isso existe. Eu vi isso loucamente. Por exemplo, em Barbacena eu vi a luta entre os Andradas e os...

NB – Bias Fortes.

CF – Bias Fortes. As pessoas não caminhavam na calçada correspondente. Em Oliveira eu vi, por exemplo, um dos tios de meu pai – eu até conta isto na biografia de meu pai – tio Orosinho, completamente brigado com a família por causa do genro que havia adotado, que era contra o Bernardes, fazia política contra o Bernardes e eles todos eram do Bernardes, eram todos do Djalma Pinheiro Chagas, vamos dizer assim. Então, é de não falar, os primeiros anos em que eu fui à Oliveira, eu conheci, eu ia à casa de tio Orosinho, depois não se ia à casa do tio Orosinho, era uma coisa que não se podia mais. Então era realmente uma coisa municipal, local, visceral ou paroquial, como você diz. E isso você vê em toda a política brasileira, ainda é muito assim. Essa passagem de um partido para outro. Eu acho que contra o Oswaldo foi realmente uma coisa de política local.

PG – É, porque senão seria incompreensível, tanto tempo depois você ainda ter manifestações pela atuação dele mais geral.

CF – Em 1904 é muito fácil você explicar. Aí foi realmente a Escola Militar movida pelos positivistas. Engraçado o seguinte, porque o princípio defendido pelos positivistas, que eram contra a vacina de um modo geral, mas era principalmente o princípio da liberdade individual, de você não poder obrigar ninguém a ser vacinado, mas sobre isso se punha o fato de que muitos positivistas desconheciam ou negavam a era microbiana. Então você...

PG – É a teoria da doença, quer dizer, a epidemia, para o positivista, ela estava ligada a uma espécie de desequilíbrio que, inclusive, incluía o desequilíbrio da religião, então...

CF – É. Foi realmente o Comte... O Comte se destruiu. Foi quando ele quis passar de uma análise sociológica-científica da sociedade, com a qual você pode estar de acordo ou desacordo, para uma análise muito mais transcendental da sociedade e a fazer, então, uma religião que realmente desapareceu.

PG – Essa coisa de positivistas, ela chegava até a sua casa? Esse clima do positivismo, discussões em torno?

CF – Chegava muito, ouviu. Eu fui muito... Eu tinha um tio, casado com uma irmã de minha mãe, Otávio Barbosa Carneiro, que foi dos tipos mais perfeitos que eu conheci. E que era, fazia parte do grande grupo dos positivistas. Descendentes daqueles que tinham influenciado a República, a formação da República. Era o Mario Carneiro, pai do Paulo Carneiro, meu tio Otávio e um grupo grande. E esse grupo tinha uma característica, eram muito puros de sentimentos, de ideias, de comportamento. Eu sempre guardo da casa deles a impressão de um meio de pioneiros e ao mesmo tempo *quakers*, quer dizer, não comiam, por exemplo, carne. Seguiam religiosamente os preceitos impostos pela religião da humanidade, religião que eles seguiam. E eu fui algumas vezes ao Templo da Humanidade, ali na rua Benjamin Constant, e o templo era completamente cheio. E assisti vários enterros feitos de acordo com o rito da religião da Humanidade, inclusive meu tio, Otávio Carneiro, que morreu de uma apendicite supurada, adquirida no São Francisco, quando ele estava fazendo o percurso de Juazeiro a Pirapora, no navio.

PG – E aí havia um ritual próprio?

CF – O ritual consistia, primeiro, como minha tia se mantinha católica, houve uma espécie de uma missa. E depois houve... Primeiro tocou-se *Ave Maria*, de Chopin... Eu acho que ou se tocava a *Ave Maria*, de Chopin ou se tocava a marcha fúnebre da terceira sinfonia de Beethoven. E depois ia-se para o cemitério e havia um discurso descrevendo quem era a pessoa e o que ela tinha feito etc. e depois, alguns dias, depois, eu não sei se quatro ou sete dias ou um mês depois, havia uma cerimônia, aí muito mais completa, dentro do templo da Humanidade. E era tudo muito triste, muito puxado à angústia, vamos usar um termo que o Vinícius gostava muito.

NB – O senhor nunca se aproximou do positivismo, a não ser nesses enterros que o senhor ia?

CF – Não, meu tio me deu vários livros, mas os sobrinhos deles, o filho dele é um dos meus primos mais queridos e é uma figura estupenda, mas ele é mais moço do que eu, e os sobrinhos dele, que eram da minha idade, eram muito mais livres. Todos respeitosos, mas não seguiam tão à risca quanto a geração de cima. O Otávio Carneiro, meu tio, nunca tentou me catequizar. A única coisa que ele fez foi, quando eu me formei, ele me deu um livro de um grande positivista francês que se chama, o livro, o nome do autor eu não me lembro, mas é *Augusto Comte e a Medicina*. E era um momento em que naturalmente as pessoas atacavam muito o positivismo por causa da negação, por vários médicos positivistas, da relação causa e efeito nas infecções microbianas. E me deu também três volumes da filosofia de Auguste Comte, numa edição muito resumida, mas muito importante, que eu li com a maior atenção. Mas aí, quer dizer, em parte, do ponto de vista da filosofia natural eu sou positivista, porque todo cientista tem seu aspecto racionalista, que é positivista. Agora, como filosofia, eu sou muito mais transcendentalista do que positivista. Eu acredito em coisas muito mais amplas, muito menos limitadas, muito menos...

NB – E de onde é que vem o seu transcendentalismo? De alguma leitura sua? Em parte, religiosa?

CF – Não. A minha religião é puramente animística. Eu acho que ela nasceu quando eu ia à fazenda, via primeiro aquela completa falta de discriminação social entre meu tio, minhas primas e os colonos. Tudo sentava na mesa, tudo era... Tudo era igual. Depois, aí é o sentido estético, era o terço, que era puxado por meu tio, em que nós todos nos reuníamos... Eu até descrevo isso num lugar qualquer que vocês viram. Era aquela comida que não acabava mais. Começava com leite quente, de manhã, leite de vaca, de manhã, depois tinha café com leite, mingau, bolinho de queijo, bolo de milho, depois tinha às onze horas o almoço, depois tinha café, depois tinha o café, depois tinha o jantar, depois do jantar tinha a ceia, mas antes da ceia tinha o terço. E era uma coisa muito simpática porque o terço ele ajoelhava, ele era um homem mais gordo, se ajoelhava frente a um altarzinho pequeno, e rezava. Como se diz em Minas, ‘puxava o terço’. E as pessoas repetiam. E entre as dezenas você tem o que chama os mistérios, que ele também dizia, sabia de cor. E a Semana Santa, em Oliveira, que era um ato assim de muita contrição, e as subidas, em toda boa fazenda

em Minas tinha, naquela ocasião, e ainda tem, uma grande cruz. E uma vez ou duas vezes por ano fazia-se aquela procissão à noitinha, com as velas acesas. Aquilo tudo me foi dando um sentimento místico muito grande. Porque minha formação religiosa é muito ruim. A minha catequese praticamente não existiu. Eu já contei isso a vocês. Eu cheguei, fui fazer primeira comunhão, não sabia nada. Eu aprendi as grandes malandragens da vida ouvindo as pessoas se confessarem porque padre Aureliano, Monsenhor Aureliano era surdo como uma porta.

PG – Aprendeu e nem entendia ainda. (risos)

CF – Quantas vezes? (grita imitando) (risos) E eu fiquei aprendendo.

PG – É interessante o senhor ter falado em estética, porque nós vínhamos comentando para cá, que uma coisa marca muito o seu pronunciamento, a escrita, muita coisa que o senhor fala, é muito essa visão estética, assim um gosto muito apurado, a descrição, o prazer da descrição das figuras, que têm uma presença bonita, marcante. A gente sabe também do orgulho que o senhor tem das suas filhas, da beleza. A visão também sobre... Enfim, várias partes que passam. Essa coisa da religião associada, a um primeiro momento, com esse gesto estético.

CF – É um momento poético, não é?

PG – Isso é uma coisa que parece permanente na sua vida, não é?

CF – Eu, aliás, acho que aprendi o que era beleza com a minha mãe porque minha mãe era linda. Eu conto isto. Minha mãe era muito bonita, sabe. Até o ponto... Porque ela tinha uma ascendência espanhola, que veio do tempo do Reino Unido; gente que foi para São Paulo e depois ficou. E ela era muito tipo espanhol. E eu me lembro, quer dizer, o maior choque estético que eu tive na minha vida foi no dia em que me chamaram porque ela ia morrendo. Eu conto isto sempre. Não sei se apareceu. Me chamaram... Todo mundo tinha gripe. Eu, portanto, tinha oito anos, tinha acabado de fazer oito anos. E eu estava brincando no jardim... porque esse é um detalhe que eu gostaria de voltar depois, sobre a minha infância. Eu estava brincando, me chamaram, eu subi, subi as escadas, e estava ela deitada. Eu ainda vejo hoje, sabe. Aqueles lençóis rendados, de linho. Porque é uma coisa admirável... porque o meu pai não tinha dinheiro, mas você vê como a vida era barata. Como eles não gastavam inutilmente, eles podiam ter um *training* de vida, uma coisa que hoje você não pode absolutamente. Eram uns lençóis de linho que ainda vinham do enxoval. Uma beleza, e ela deitada, e o cabelo preto todo espalhado assim em cima da mesa, não sabe, pálida, magra, pálida. Aquilo foi um choque estético. Não foi um choque doloroso porque eu não tinha ainda idade para compreender bem o que era a morte, mas tive um choque estético. E esse choque, desse tipo de beleza assim, eu tive 60 anos mais tarde, talvez, quando primeira vez, numa cidade perto de Pisa, eu entrei numa igreja onde estava o túmulo feito pelo Jacobo de Quersia, que era um grande escultor, e eu vi ali, de novo, minha mãe deitada, não sabe? É muito bonito, chama Isaura de – Eu até descrevo isto e – E realmente eu acho que foi esse choque que me deu o sentido da beleza. E além do mais a qualidade da vida que nós tínhamos. Essa é que é uma coisa importante. Por exemplo... lá em casa nós tínhamos um jardim, no que eu chamo “A casa amazônica”, porque meu pai foi fazer excursão no

Amazonas e recebeu 120 contos. Ficou com a porção que ele devia gastar e minha mãe, apressadamente, comprou a casa, que era muito maior do que nós precisávamos, evidentemente. Essa casa tinha um jardim com... Era um pomar fantástico. Aí é que eu brincava com Diomedes. E realmente estava sempre cheia de pássaros. Não só os pássaros locais. Domingo, por exemplo, eu me lembrei muito desta casa porque, passeando no Jóquei Clube – isso é uma coisa que vocês talvez não saibam, mas no Jóquei Clube lá na Gávea, tem o que eles chamam clube campestre, onde tem uma pista para a gente andar a pé, que é cercada. E eu vou sempre aos domingos lá porque posso andar com muita facilidade. Então tinha assim uma multidão de bicos-de-lacre. Pois era o que eu tinha lá em casa. O jardim vivia cheio de pássaros. Não só os pássaros que existiam como os pássaros que vinham do Amazonas lá para casa porque todo navio que chegava do Amazonas, tinha alguns amigos do meu pai que mandavam guarás ou enfim, papagaios, araras, tudo. Alguns morriam, outros viviam mais tempo. E havia essa qualidade de vida, que é uma coisa fantástica. Eu podia não sair. Eu não precisava sair de casa porque tinha tal espaço. Eu conto, aliás, numa das minhas histórias, não sei se passou por aí, havia um famoso caçador indiano, caçador não, aqueles sujeitos que vão...

PG – Fazendo safári?

CF - Não. Chamava-se *Coração Selvagem*, o livro. Então eu buscava o Coração Selvagem pulando de árvore em árvore, subia, descia. Tinha, por exemplo, um pé de jambeiros; lá em cima tinha dois pés. Um pé estupendo. Isso tudo, realmente, fazia a vida muito diferente da vida das crianças, inclusive dos meus netos, hoje. Você podia ficar em casa sem sair. Bastava ter um pouquinho de criatividade.

NB – Imaginação. Isso é uma coisa que o senhor não menciona no que o senhor já escreveu. Exatamente esse lado. Na sua casa, o senhor convidava os seus amigos, quer dizer, havia esse...?

CF – Isso não existia.

NB – Isso não existia.

CF - Quer dizer, a única visita que eu me lembro lá em casa era um desses primos, os Otávio Carneiro, que moravam na Gávea e nós íamos lá porque também lá havia uma verdadeira chácara. E a vida social de nós não é como eu vejo, por exemplo, das minhas netas, meus netos. Todo sábado tem festa, seja em casa de um, seja em casa de outro e lá em casa não existia isso. Uma vez por ano, no meu aniversário, havia uma festinha. E essas festas, no máximo, eram os primos mais velhos porque os menores não iam, e os meus colegas de colégio, mais próximos, porque nem eram todos. Eu convidava aqueles que minha mãe conhecia os pais etc. Eu era muito reservado. E dormir fora de casa? Isso nunca existiu na minha vida. Nem eu queria. Eu me lembro, muito menino, uma das maiores... Eu estava tão desabitado dessas coisas sociais que eu fui à casa da senhora Souza Aguiar, que morava ali na rua Paissandu, que era casada com um dos marechais Souza Aguiar. Morava ali na rua Paissandu. Porque no fim da rua Paissandu, depois eu falo sobre isso, tem uma coisa muito interessante. Ela morava ali numa casa e uma vez me convidaram para um chá, chá de criança. Eu olhei e nada daquilo me interessou. Aí eu pedi um café com leite, o que

causou, realmente... Café com leite com pão. Tinha bolo de chocolate, tinha isso, tinha aquilo etc, mas eu não estava habituado. Nossa vida era muito sóbria nesse sentido, lá em casa. Não que faltasse... dinheiro não existia muito.

NB – Austeridade.

CF – Mas havia essa coisa, por exemplo, o almoço e jantar era carne, arroz, feijão, batata e verdura, couve. E doces sempre feitos em casa. Bananada...

PG – Não tinha influência da cozinha mineira, não?

CF – Tudo era mineiro. E aos domingos então, quando meu pai, em geral, convidava amigos para almoçar, aí tinha tutu de feijão, feijoada etc., mas era muito... Por exemplo, outra coisa que eu me lembro que era uma delícia. Eu fico com pena da criançada hoje. Sorveteiro que passava à noite com um sorvete enrolado num pouco de papel, não sabe? Era sorvete de fruta fresca mesmo: caju, laranja, fruta-do-conde, maracujá. Hoje você sente tudo com gosto de lata. Era uma qualidade de vida que nós gozávamos naquela ocasião. É possível que... Eu não sei se eu classifico meu pai como classe média burguesa, não sei, porque era uma coisa que naquela ocasião nós não pensávamos muito, mas ele vivia exclusivamente do seu ordenado de pesquisador. Mas havia, por exemplo, uma coisa que seria impossível hoje, nos grandes jantares, porque depois que ele ficou diretor de Manguinhos, como diretor de Manguinhos, quer dizer, a partir, vamos dizer, de 1922, porque aí começou a haver um intercâmbio muito grande de cientistas europeus com o Brasil. Franceses e alemães. E ingleses, menos, mas franceses e alemães muito. E eles vinham. E sempre havia um jantar ou um almoço lá em casa. Ninguém pensava em vinho senão o melhor vinho francês, que se comprava na Colombo. Já era esta velha confeitaria Colombo. Manteiga era francesa, petit pois Philippe Canot, não sabe. E isso numa família que hoje corresponderia a uma classe média para baixo porque o meu pai tinha o ordenado de Manguinhos, nada mais. E minha mãe não tinha nada.

PG – Agora, nessa época, quando o senhor fala na excursão para a Amazônia, o que vinha como salário comissionado, extra, fora o salário normal do pesquisador, era uma parte substantiva do ordenado?

CF – Eu sei que ele recebeu, antes de embarcar, ele recebeu 120 contos. E ao que me consta ele levou uma certa quantia, levou, botou no banco uma certa quantia que ele utilizou. Acho que as despesas locais eram feitas pelos governos locais que haviam comissionado. Com os 100 contos restantes a minha mãe pagou umas dívidas e comprou essa casa, que eu acho que custou 84 contos. E era na rua Paissandu, como eu disse, 148.

NB – Eu queria perguntar um pouquinho, nesse momento que o senhor passa, o senhor falou que o senhor ia à praia com seu pai, que era o momento que o senhor se aproximava dele. As pessoas iam muito à praia? O senhor quer falar um pouquinho sobre isso? Como é que era essa ida? Quando é que o senhor ia à praia com ele?

CF – Muito cedo. Muito cedo e no verão. A gente saía de casa às seis e meia. Naquela ocasião as pessoas eram muito vestidas. Meu pai tinha um maiô que ia até o joelho e que

não era riscado como esses, era um maiô azul. E eu, naturalmente copiava o maiô dele. E a praia era relativamente pequena porque a praia do Flamengo, que depois foi tomada pelo aterro, ela ia mais ou menos... Primeiro ela ia, praticamente ela se limitava à embocadura do rio Carioca, e tinha, talvez, uns 100 metros de extensão por uns 20 de profundidade, mas se podia nadar. Eu, já rapaz, aí quando ia sozinho, era muito comum eu nadar do morro da Viúva até a praia. O mar não era sujo, não tinha... Meu pai nadava bem. Nadava bem, mas nós ficávamos 20 minutos. Não se tinha o hábito de tomar sol, nessa ocasião. Você chegava, entrava na água e voltava.

NB – As pessoas frequentavam a praia, o mar?

CF – Eu imagino que havia umas 100, nos dias cheios poderia haver umas 100 pessoas na praia, mas não mais. Talvez mais tarde, porque às dez horas... Mas não creio não, porque a vida era muito matinal no Rio de Janeiro. Não era uma praia que ficasse assim cheia de gente.

NB – Como hoje.

CF – De jeito nenhum.

PG – É nessa época que estava começando a valorização da ideia do balneário de praia, Copacabana. Aí que começa...

CF – Copacabana não existia, praticamente, nessa ocasião.

PG – É, estava começando a chegar em Copacabana, nessa época.

CF – Você sabe que a grande aventura quando eu era menino era visitar... Já tinha os dois túneis, mas tinha uma prima que morava na esquina da rua Farne Amoedo, Ipanema, com a Vieira Souto. Essa casa, praticamente, não tinha nada ao lado. Nada. E era a grande... A grande aventura. A gente fazia aquilo como verdadeiro piquenique. Saía-se de manhãzinha de casa, ficava o dia inteiro lá, almoçava-se lá etc. e considerava-se o mar tão perigoso que a gente só podia entrar até...

Fita 5 - Lado A

CF - No fim da praia tinha algumas casas, algumas casas no meio, no fim da praia tinha, na rua Copacabana a casa que era do cardeal, que depois foi comprada por meu sogro, Mello Franco, tinha um correr de casas e uma casa muito simpática, que era do Edmundo Bittencourt, também na rua Copacabana, e no fim da praia um restaurante, que eu acho que foi um dos primeiros motéis do Rio, para usar o termo, chamava-se *rendez-vous*, naquela ocasião, que era *Mére Louise*, que era uma espécie de... Aonde se ia tomar chope etc., mas tinha assim uns quartos onde as pessoas iam se esconder. (risos)

NB – Isso é década de [19]20 que o senhor está falando, não é?

CF – Como?

NB – Já é década de [19]20?

CF - Diria até mesmo que já estou na Faculdade de Medicina.

NB – É. Quase [19]30.

PG – É. Porque aí o senhor está até [19]26. Agora, uma coisa que eu queria voltar a essa coisa da constituição de um senso estético. Porque tinha a coisa da qualidade de vida e da relação com a natureza, a coisa das mesas... mas e culturalmente? Como é que era a vida cultural na sua casa? Em termos de música, arte? Era presente?

CF – Era muito presente em várias ocasiões. Primeiro, minha avó, mãe de minha mãe, que aliás era uma pessoa bastante violenta, muito forte, personalidade muito forte, ela tocava violão clássico como poucas pessoas. Ainda outro dia quando eu vi o Baden Powell tocando, eu acho que foi na TV 2, não, acho que foi até na Globo, num programa, numa repetição do programa *Chico e Caetano*, há uma brecha para o Baden Powell. Evidentemente que ela não tocava como o Baden Powell, mas ela tocava violão admiravelmente bem. Eu me lembro *A Polonaise*, de Chopin, tocada por ela, era uma coisa maravilhosa. Nunca eu vi deixarem de pedir para ela repetir.

PG – E era bem aceito assim uma senhora, nessa época, tocando violão?

CF – Ela já tinha... Eu me lembro dela tocando violão até 70, 70 anos. Ela tocou desde garota. Outra coisa curiosa é que ela e as irmãs, todas vinham de uma pequena cidade de Minas, a cidade de Campanha, mas todas falavam francês, sem nunca ter ido ao colégio de freiras. Quer dizer, elas aprendiam, aprendiam francês. Mamãe era muito culta no sentido literário. E eu tinha um tio que teve uma grande influência na minha formação literária, que foi o Hélio Lobo, que era membro da Academia [Brasileira] de Letras, que me mandava livros, dizendo para eu ler tais e tais, mas discutia-se muito fora, quer dizer, quais eram os assuntos? Política, política científica, o que se chama hoje política científica. Naquela ocasião eram fofocas de Manguinhos ou da faculdade. E mais as grandes expressões da cultura brasileira. Por exemplo, provavelmente você não conhece nenhuma das poesias dele de cor, porque não é da sua época, mas o [Olavo] Bilac se tinha obrigação de saber de cor porque o Bilac... Lá em casa, quando o Bilac morreu, em 1917, também, foi um dia de luto lá em casa. Houve... mas também o ensino que se fazia no colégio era um ensino que obrigava você ou a se desinteressar completamente da cultura literária ou então... Eu, por exemplo, fiz análise lógica do Camões, que não é difícil, mas que eu tive que ler, sabia todo, e da *Canção dos Tamoios*, do Visconde de Araguaia, que era difícilimo. Então, nós tínhamos essa obrigação. Nós éramos obrigados no colégio a redigir bem. Nós tínhamos aula de redação. Até aquela frase que eu cito sempre de um professor, de um menino que pergunta ao professor: “Quando é que o senhor vai ensinar gramática?” E ele disse assim: “Ó menino”, - ele tinha uma prosódia portuguesa – “Oh, menino, gramática não se ensina, gramática aprende-se.” Ele queria dizer com isso que é o ouvido, a leitura que faz com que...

NB – Mas, de qualquer maneira, o senhor tinha todo um ambiente familiar que lhe propiciava isso. Esse lado voltado muito para leitura...

CF – Principalmente, lembro, não tinha televisão, não tinha facilidade de sair. E tinha também a minha governante. A minha governante exerceu, nesse sentido, uma coisa importante, porque ela era uma pessoa que vindo embora de um meio pouco culto na Alemanha, ela tinha um gosto literário por autores alemães muito grande. De modo que, por exemplo, ela me fez ler, muito jovem fez ler Goethe, de modo que isso é um *handicap* favorável muito grande que você aprende. Mesmo que você se esqueça depois de tudo.

PG – Passava um pouco a coisa do romantismo alemão?

CF – Ah, sim. Porque ela era uma pessoa que conhecia tudo muito bem. Ela não seria uma pessoa de nível intelectual alto, mas ela tinha gosto, o que é muito importante. Então, ela me lia as poesias principais. Minha mãe também, cada vez que ela foi à Alemanha, ela me trouxe poetas alemães. Até hoje eu tenho um Heinrich Heine que me foi dado e sempre eu repito um poema muito bonito. *Wenn du...* “Quando você se...” Em português seria. “Quando você diz que me ama, eu fico muito alegre. Quando você se apoia nos meus ombros, eu fico muito alegre. Mas quando você diz que me ama, eu choro amargamente.” *Ich weine bitterlich*. É o Heine, que é puro romantismo alemão. E depois eu tive uma influência curiosa que foi o seguinte: eu fui, muito moço eu fui, garoto, com 11 anos, fui para os Estados Unidos com meu pai. Não sabia uma palavra de inglês, mas sabia alemão. E aprendi inglês a bordo. Era um navio inglês. Os profissionais, eles falavam muito inglês e não o alemão, não o americano. Lá nos Estados Unidos eu fiquei três meses, e os únicos amigos que eu tinha, que eu arranjei, eram americanos ou filhos de estrangeiros, falei inglês o tempo todo. E na volta eu fiquei muito interessado pelo inglês. Tanto que eu costumo dizer que uma das minhas fases literárias é o romance inglês, uma parte do romance, principalmente a poesia inglesa também. Quando eu falo no meu discurso de posse na Academia de uma inglesa que o Marques Rebello conheceu em Barbacena, provavelmente o primeiro namoro que eu tive, foi a bordo, quando eu fui, com uma moça que se chamava Debby Smith, e que não sabia uma palavra de português, de modo que eu me esforcei enormemente para falar inglês com ela.

PG – E aí chega nos Estados Unidos e esse... Conhece os Estados Unidos, também foi uma coisa marcante?

CF – É. E eu acho que também influenciou muito na minha vida, a constante presença de estrangeiros em minha casa. Isso me deu, logo de início, um espírito internacional.

PG – Me chamou a atenção quando o senhor disse que em [19]20 e pouco há uma retomada grande das relações com...

CF – Com a França.

PG – Com a França. Porque um pouco a ideia que eu tinha é que você tem uma primeira fase com uma influência grande francesa e alemã, depois você tem essa presença alemã muito forte, o Rocha Lima vai para Alemanha, tem as exposições internacionais em

Dresden, em Berlim. E depois você tem o que pareceria um certo deslocamento do eixo para a influência americana.

CF – Mas mais tarde. Cientificamente ela se fez mais cedo, mas... Não. Vamos dizer assim. Depois de [19]22, quando acabou a guerra, em 1918, a influência se recuperou. Os Estados Unidos se civilizaram com a guerra de 1914-18. Se super civilizaram com a guerra anterior porque, não sei se é por causa do número de cientistas, número de poetas, antes de [19]18, é muito pequeno. É a chamada idade de ouro do romance americano, Hemingway e todos que vieram, vêm nessa época entre as duas guerras, mas o que aconteceu é que a França sentiu necessidade de expandir a sua cultura. Não só para o leste, tanto que ocupou e criou uma das melhores universidades na Alsácia, que é Estrasburgo, como também para a América Latina. E aí, graças à atividade do George Dumas, que era um sociólogo de grande valor, ela começou, anualmente, a mandar pessoas importantes, em todos os campos, visitarem o Brasil, Argentina ou Argentina-Brasil, e se formou um elo muito grande. A influência americana, científica, começa com a Fundação Rockefeller. Ela é anterior no sentido de que quando o imperador [Pedro II] foi à Boston, ele convidou o [Louis] Agassiz para vir ao Brasil. Mas parece que o próprio imperador não gostou do livro do Agassiz, porque o livro era muito crítico. Mas é verdade que logo depois veio uma missão de geólogos e criou-se o Serviço de Geologia Nacional, com o Orville Derby. Mas, ao mesmo tempo, a influência francesa se fez através do Observatório Nacional e do Museu Nacional. Embora no Observatório Nacional foram dois belgas que vieram, mas era cultura francesa. Para o Museu Nacional foi o Louis Couty, francês. E a criação da Escola de Minas foi feita com um francês, Gorceix. Então você vê que havia uma grande influência.

Depois da guerra, a França aproveitou isso e começou a mandar gente. E essa gente vinha, naturalmente, a Manguinhos e ia lá em casa. Aí entrou a Rockefeller em ação e começou a desenvolver a influência cultural norte-americana, principalmente no domínio científico-médico. Primeiro veio a missão comandada pelo Ashford, general Ashford, que era médico, que veio ainda no tempo do Oswaldo, eu acho. Ou não, veio... Depois veio uma missão que foi fazer a profilaxia da anemia verminótica, no Estado do Rio. Aí o meu pai foi aos Estados Unidos e na volta trouxe o Bowman Crowell, que veio para Manguinhos e fundou a Escola de Enfermagem e criou os serviços com a ajuda de cientistas norte-americanos. A Fundação Rockefeller, posteriormente, veio ter uma atuação muito grande em dois setores. Um setor é o setor em São Paulo, que ela deu tempo integral em São Paulo. E outro de saúde pública. Você sabe que na década dos [19]40 e dos... Pelo menos 50 sanitaristas brasileiros foram estudar, obter PhD, PhD não, é o PhD, em Johns Hopkins. E depois da Segunda Guerra Mundial, a influência da Fundação Rockefeller foi muito grande no domínio das ciências básicas, graças sobretudo à ação do Müller, H. Müller Junior, que era o subdiretor para ciências exatas e naturais, da Fundação Rockefeller. E que veio ao Brasil e deu dinheiro a todos os grandes centros que se desenvolveram. Por exemplo, a genética em São Paulo foi desenvolvida graças ao auxílio da Fundação Rockefeller que mandou um grande pesquisador para aqui. O Instituto de Biofísica recebia, naquela ocasião, 5 mil dólares, que era muito importante naquela ocasião, para a gente mandar em bolsas etc., mas você repara que a influência no domínio da cultura literária americana é muito pequena. Ela veio se fazer mais recentemente, de uns 5 ou 6 anos para cá, através do que os Estados Unidos possuem, em matéria cultural, de pior, que são os *best-sellers*, que são traduzidos, mas pouca gente no Brasil conhece o que existe realmente de cultura. E nós temos uma impressão completamente errada. Achamos que os Estados Unidos não têm cultura, que

não têm... Quando é o país hoje que tem no domínio da cultura intelectual mais forte do mundo porque têm os melhores teatros, os melhores museus, as melhores orquestras sinfônicas. Quando você imagina que há pelo menos 8 orquestras nos Estados Unidos da mais alta qualidade, das quais, por exemplo, duas em Boston. Só em Boston tem duas! Em lugares como Michigan, por exemplo, tem uma orquestra fantástica onde o Masel foi durante muito tempo. Então, os Estados Unidos nunca soube exercer uma influência cultural e intelectual importante. E a influência que ele exerce é muito contra posicionada pela influência comercial, pela expansão comercial, pela presença das multinacionais, tudo isso, que dão uma imagem distorcida para os brasileiros do que é os Estados Unidos.

NB – Eu queria voltar um pouquinho lá para sua infância, o senhor falou sobre a Rockefeller a gente pode voltar mais tarde. É sobre o seu pai. O que seu pai gostava de ler? O senhor tem ideia disso?

CF – Meu pai lia, durante anos ele leu os clássicos portugueses e brasileiros; e ele era da geração que podia citar a você frases inteiras do Camilo Castelo Branco, de Antero de Quental, por exemplo, ou dos grandes escritores brasileiros: Machado de Assis, Bernardo Guimarães, o próprio Coelho Neto etc. Ou então ele lia a velha literatura, vamos dizer assim... Do período, enfim, do primeiro quartel do século, francesa. Quer dizer, Anatole France, Paul Bourget, que eram os autores que ele mais lia. Nos últimos anos ele se apaixonou muito pelo romance policial. Como uma distração, eu não sei. Eu sou muito... Eu leio muito romance policial. Sou um especialista em Simenon, por exemplo.

PG – Eu gosto muito, já li muito Sherlock Holmes, por exemplo, que é outro estilo, outra...

CF – Eu, aliás, no meu discurso lá na Academia eu falo nisso. Eu digo, você tem vários tipos de romances policiais. Sherlock Holmes é um detetive. Agatha Christie é a pessoa que dá todos os... Estimula você, e o Simenon é o que eu chamo romance ecológico, quer dizer, romance em que você... Ele descreve o ambiente. Cada vez que o Maigret, por exemplo, entra num restaurante, você está sentindo, você vê tudo.

NB – E o Dashiell Hammet, o senhor leu?

CF – Como?

NB – Dashiell Hammet. O senhor está falando dos americanos.

CF – Bom, Dashiell Hammet é um dos maiores clássicos da literatura. Eu não direi só da literatura policial, não.

PG – *O Falcão Maltês*.

CF – É, *O Falcão Maltês*. *A chave de cristal*, *A chave de vidro*, *The glass key*. E ele é realmente... O que é um autor clássico? É aquele que numa pequena frase diz muito mais do que as palavras dizem. Um autor que sabe ser emergente, porque o conceito de emergência é aquilo em que as partes são menores do que o conjunto. Você vê. É uma das coisas que você pode não gostar, mas que você não pode deixar de admirar em Machado de

Assis. É que uma pequena frase dele diz muito mais do que o conteúdo direto da frase. Ele é clássico. Essas eram... As leituras de meu pai eram essas, principalmente. Agora, era um grande leitor de livros científicos modernos, e era o *Jornal do Brasil*... *Jornal do Commercio* era a bíblia dele. Ele não saía de casa sem ler o *Jornal do Brasil*. Porque ele dizia que era o melhor jornal que já houve no Brasil porque era o jornal anti-enfarto. Você lendo o *Jornal do Brasil*, você não podia ter um enfarto. Hoje, você lendo um jornal, você tem que se defender contra o enfarto. (risos)

PG – Teria que ter o *Planeta Diário* ao lado. (risos)

NB – A gente estava falando do seu pai e acabou... O senhor está falando do... Você puxou a conversa dos positivistas e o senhor dizia que o seu tio Otávio Carneiro... E o seu pai, nunca teve nenhuma aproximação com o positivismo?

CF – Não. Meu pai foi tentado a entrar no positivismo pelo Minuard. Minuard que veio a ser professor de Bioquímica da USP, um dos primeiros, ele conheceu no colégio de São João Del Rey. Depois, quando ele foi fazer exame para o vestibular, foi fazer exame vestibular, ele teve que vir para São Paulo, e em São Paulo ele encontrou-se de novo com o Eduardo Minuard. E aí é um momento em que dois próceres do positivismo, eu não me lembro mais o nome dele, mas até está nas minhas notas, está na biografia, eles discutiam isso. E meu pai tinha uma coisa que se desenvolveu muito na vida, que era a impaciência da falta de concretização. Quando ele via que a pessoa começava a falar demais, falta de concisão, ele começava a bater os dedos assim e aí você podia estar certo de que a cabeça dele estava... Eu me lembro muito, uma vez, uma conversa com ele e o Emmanuel Dias. Emmanuel Dias conheceu uma moça muito boa, estupenda, de grande família, e muito rica. Eles aí ficaram noivos, iam ficar noivos, iam casar e se casaram. É a mãe do Zé Carlos, do João Carlos. E aí eu vejo meu pai, o Emmanuel, muito prolixo, explicando que estava isso, que estava aquilo, não sei o que, que ele estava com drama de consciência, porque ele não tinha, não é? E meu pai, batendo os dedos assim, bem espasmódico, sabe? Mas dessa vez ele não estava não, porque quando o Emmanuel parou, ele disse assim: “Emmanuel, você já falou bastante. O que acontece no seu casamento é o seguinte: é que ela entra com o dinheiro e você entra com o talento.” (risos) Com seu talento.

PG – É uma associação. Vão todos ganhar. (rindo)

CF – Todos vão ganhar.

NB – O seu pai era uma pessoa espirituosa ou ele era uma pessoa mais fechada?

CF – Não, há dois períodos na vida de meu pai. Sem dúvida. Há um período fioso, um período de extraordinária combatividade, diria mesmo até de uma certa agressividade. Eu vi, por exemplo, nos domingos, nas salas... Na sala de almoço lá de casa, nos almoços em que ia, por exemplo, o Belisário Penna, que naquela ocasião ainda era amigo dele etc., discussões as mais violentas. Aliás, foi nessa ocasião que eu aprendi nome feio porque o Belisário Penna dizia todos os nomes feios possíveis. (risos) E era muito combativo. Depois, certamente, na minha opinião, ele teve um... Ficou um homem muito mais calmo, muito mais tranquilo, muito menos combativo, muito menos... Eu não diria que ele fosse odioso,

mas ela era um homem que resistia muito. E essa tranquilidade era, sem dúvida, um misto de tranquilidade e de angústia.

PG – Angústia?

CF – É. Eu acho que vinha muito... Se deu, possivelmente, por dois fatos. Porque ele já era um homem que estava na glória internacional, de modo que ele devia estar numa grande tranquilidade, mas havia um fator, certamente, é de que o combate a ele, na Academia, fez muito mal. Fez com que ele sofresse muito. E foi uma das discussões que eu tive com ele. Porque eu sustentava, e sustento, que o Miguel Couto fez mal em permitir... Porque o Miguel Couto tinha tal domínio na Academia que se ele quisesse teria impedido aquele debate. Ele não impediu o debate por fraqueza. Porque quem inventou a palavra *moléstia de Chagas* foi o Miguel Couto, de forma que ele não podia permitir um diagnóstico sobre a existência da *moléstia de Chagas*, como presidente perpétuo da Academia, mas ele era um homem de muito compromisso, e quem comandava muito a Academia era o secretário, o Belmiro Valverde. Que era um homem que meu pai tinha expulsado de um consultório. Ele era especialista em vias urinárias, mas albergava, ao mesmo tempo, um alemão que curava lepra. Era um charlatão que curava a lepra. Então, meu pai, diretor da Saúde Pública, foi lá com a polícia e fechou, porque ele era coisa de fazer isso, ele ia lá e fechava. E o Belmiro Valverde não permitiu e influenciou, não perdoou e influenciou o Miguel Couto nesta... E a arguição do Couto a favor... O Couto dizia que aquilo ia ser uma vitória estrondosa de meu pai. Como realmente o foi, mas acontece que não se estudou a doença de Chagas no Brasil, durante muito tempo, por causa da campanha da Academia. Não atingiu nada a meu pai. Meu pai foi doutor *honoris causa* da Universidade de Paris, teve vários e vários títulos honoríficos depois. Foi feito professor depois, mas a doença de Chagas sofreu. Então, evidentemente, fez mal. A outra coisa que eu conto que fez mal, foi uma das discussões que eu tive com meu pai... Meu pai sempre teve a mania de ser professor da faculdade. Ele tinha, realmente, uma capacidade de exposição extraordinária. Quando morreu Miguel Pereira, o Wenceslau Brás mandou nomeá-lo. E o Couto foi lá em casa pedir para o meu pai desistir. E meu pai, que tinha pelo Couto uma total devoção, desistiu. O argumento do Couto era de que isso ia prejudicar as pesquisas de meu pai. Que já estavam mais que realizadas, que tinham que ser continuadas por outros. Mas na verdade é porque ele queria nomear o concunhado dele, que era o Oswaldo de Oliveira, e que foi nomeado. Então meu pai teve uma grande discussão comigo, disse: “Olhe, meu filho, não permito que você fale mal do Couto.”

PG – O senhor falou que havia duas ocasiões em que o senhor ficou...

CF – A primeira quando eu disse que o Couto não devia ser... Mais tarde, muito mais tarde, em [19]32. Que o Couto não devia ter deixado abrir a questão da doença de Chagas. (Interrupção da gravação)

PG – O senhor estava falando das duas vezes que o senhor teve um certo atrito ou uma discussão com seu pai. O senhor falou que a primeira foi em [19]32...

CF – Todas duas foram mais ou menos na mesma época porque, tudo isso que conto a vocês de Manguinhos, não da minha vida, mas de Manguinhos e dele, nasceu das

entrevistas que eu tive com ele a partir de [19]32 quando eu comecei o curso de Manguinhos, em [19]32, vindo de Lassance, e quando ele chegava em Manguinhos... Eu ia ao São Francisco etc. e depois ia para Manguinhos. Eu trabalhava já, nessa ocasião, no chamado edifício da Quinina, que hoje é o edifício...

PG – Figueiredo de Vasconcellos.

CF – É. Vasconcellos. Trabalhei primeiro com Miguel Osório...

Fita 5 - Lado B

CF - Conversar comigo, contar comigo, e aí foi realmente... Eu tenho a impressão que ele conta... Quando vocês me perguntam como é que eu me lembro disso, eu tenho a impressão de que ele contava isto para eu contar depois. Então guardei isto muito na cabeça. E foi nessa ocasião que duas vezes eu discuti com ele. E ele tinha um laboratório no segundo andar, que eu não sei como vocês chamam hoje, no segundo andar, à direita, a última sala era o escritório dele. E o laboratório dele era o grande laboratório que depois foi ocupado pelo Cardoso Fontes. E aí muitas vezes ele ficava sentado, ficava debruçado na janela aberta, porque fazia muito calor etc. e nós conversávamos, perguntávamos, conversávamos muito. Foi daí que eu tenho toda essa soma de informação. E duas vezes nós tivemos essa dificuldade. Eu disse, ele falando sobre o Couto, porque ele me dizia a influência, o que era o Couto, como é que o Couto tinha influenciado a vida dele, como é que era a maneira do Couto ser, etc e eu disse: “Acho que o Couto fez isto etc.” E da segunda vez quando eu disse: “Acho que o Couto não devia ter impedido que você fosse professor.” Ele aí me disse, com certa energia: “Meu filho, eu não quero que você faça nenhuma restrição ao Couto, jamais. Eu não aceito.”

E uma vez ele me decepcionou e ele tinha razão. Foi muito engraçado. O Álvaro Osório, ele tinha um grande faro científico, e o Álvaro Osório tinha descoberto um sistema de tratamento de oxigênio sobre pressão. E eu, muito entusiasmado, fui contar a ele, que eu tinha visto, que era uma coisa maravilhosa etc. E ele perguntou o que era. E eu expliquei a ele exatamente que diminuía-se o metabolismo do indivíduo, depois botava-se o indivíduo sob pressão do oxigênio e, como as células são aeróbias, as cancerosas, havia então a morte do câncer. Ele pensou um pouco, muito e disse assim: “Câncer é um mecanismo muito complexo para ser resolvido de uma maneira tão simples.” E eu fiquei achando que aquilo era uma decepção porque, realmente, se fosse verdade, seria uma coisa mais importante ainda do que a doença de Chagas. Mas não disse nada, não sabe?

E, realmente, alguns meses depois provou-se que quem tinha razão era ele, que a coisa não funcionava mesmo. Nesta sala é que ele teve esse episódio com o Emmanuel, que eu contei. E houve um episódio muito curioso. Comecei a publicar trabalhos e aí comecei a receber cartas, Dr. Filho. Doctor Filho. E até na bibliografia começou a aparecer Doctor. Filho, Doctor Filho, Doctor Filho. Eu aí pensei muito, escrevi um ofício para ele: “Fulano de tal, Carlos Chagas Filho, biologista...” acho que era biologista ou assistente de laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, “... tendo em vista que nos jornais científicos americanos o seu nome aparece como Doctor Filho, cartas que recebe etc. etc., solicito autorização para assinar-se Carlos Lobo Chagas.” Ele nunca me disse nada. Só teve um indeferido. (risos) “Indeferido.” Mas minha mãe me disse que ele tinha ficado muito chocado, porque a

princípio, ele não tinha compreendido a razão e tinha achado que eu queria botar o Lobo apenas porque... Pela minha ligação com o meu avô, com o meu tio etc.

NB – Mas o senhor não mencionou para a gente a segunda discussão, o senhor mencionou?

CF – Não, a primeira discussão foi sobre...

PG – O Miguel Couto e o Álvaro Osório.

CF – Não, são duas discussões sobre Miguel Couto. Do Miguel Couto são duas. Uma sobre a nomeação dele para professor e outro sobre o problema da campanha contra a doença de Chagas.

NB – O senhor se aproximou mais dele então nessa fase final da vida dele, quando o senhor já está adulto, é isso?

CF – É. Não foi por... Foi por contingências porque, você sabe que o estudante de medicina, se ele é bom estudante ou mesmo mal estudante, ele é muito ocupado, não é? Eu encontrava com ele em Manguinhos. Nós almoçávamos juntos todos os dias, a não ser quando eu almoçava na Praça da Bandeira, no restaurante Filhos do Céu, que eu já contei a vocês que era uma coisa deliciosa. A gente saía do hospital São Francisco para pegar o trem, na antiga estação da Leopoldina, que era no prolongamento dos trilhos que vão ter à nova estação. Vocês nunca viram isto? Ali naquela rua que vai, que sai, passa debaixo, logo que você sai, antes de entrar na Praça da Bandeira, se você for para a direita, você tinha ali uma estação da Leopoldina antiga. Ali que a gente tomava o trem. Quando nós estávamos cansados ou queríamos conversar um pouco ou estávamos atrasados para pegar o almoço, nós almoçávamos, eu, Evandro e outros, nesse restaurante que se chamava Filhos do Céu, que era de um português muito simpático... até eu conto isso no que escrevi sobre o Evandro, então ele deixava a gente espetar, pagar no fim do mês. Mas, em geral, nós íamos para Manguinhos, almoçávamos no hospital, hoje hospital Evandro Chagas. Era o Vilella, meu pai, Evandro, o Lacorte, que trabalhava lá ainda, Emmanuel, Walter, menos frequentemente, e...

PG – Não se usava a Casa de Chá, naquela época?

CF – Como?

PG – O seu pai não usava a Casa de Chá naquela época?

CF – Como é que chamava?

PG – Caramanchão.

CF - Caramanchão. Eu usei muito, mas depois dessa época do hospital, quando eu comecei a trabalhar na Quinina, aí eu ia muito almoçar lá. E almoçava com certo acanhamento porque o Miguel Osório, com quem eu trabalhava, me obrigava a sentar numa mesa em que havia o Miguel Osório, Osvinô Pena, Carneiro Felipe, Astrogildo Machado, Júlio Muniz...

Variava um pouco o cardápio, mas em geral eram esses que estavam lá. E as línguas eram ferinas, não sabe? O que não fosse de Manguinhos não tinha vez. Era ciência de quarta ou quinta categoria. Eu sempre digo que uma das coisas que fizeram mal a Manguinhos – isso vocês não devem copiar – foi o orgulho da instituição. Quando Manguinhos descobriu que também se fazia muito boa patologia, microbiologia, fora do Instituto, eles levaram um susto. Zoologia, por exemplo, parasitologia. Apareceu o grupo da USP, de São Paulo, ou do Instituto Biológico, eles levaram um susto. Até então, o que não fosse de Manguinhos e que não estivesse dentro de um certo... era ciência...

PG – Havia um certo elitismo e...

CF – Mais do que elitismo. Havia um espírito de superioridade que o elitismo necessariamente não tem, não é? Mais do que o elitismo. Era um espírito de desprezo. Porque o elitismo não é um desprezo, é uma auto valorização, mas aí havia mais, havia realmente uma espécie de desprezo pelo que não fosse feito no Instituto Oswaldo Cruz.

PG – O senhor diria que também havia pouca preocupação em estender aquela coisa do Instituto para fora?

CF – Muito pouca. Você vê o seguinte: quando o Olympio da Fonseca, que não fazia parte integrante desse grupo, mas era muito bem aceito, se candidatou a professor, na faculdade de Medicina, 1930-31, a oposição foi muito grande. Não queriam que ele fosse professor de jeito nenhum. Acho que foi [19]32. Meu pai ainda era vivo. A oposição que meus companheiros, particularmente Evandro, fez, fizeram à minha entrada para a faculdade foi total.

PG – Era considerado uma coisa menor, é isso?

CF – Uma coisa secundária. Que você nunca poderia fazer pesquisa, uma coisa de segunda categoria. Isso, você sabe que há uma carta, e havia razão, num certo modo. Primeiro porque eu aposto isso com uma certa, até com uma certa jactância, quem iniciou a pesquisa na universidade fui eu. Nunca se pesquisou antes na universidade. De modo que era verdade. Pesquisa era... Porque que eu quis ir para a universidade? Porque eu queria ter alunos. Eu achava muito importante. Esse é o primeiro fato. Segundo, o Oswaldo Cruz, há uma carta do Oswaldo, quando lhe ofereceram a cadeira de patologia, anatomia patológica, a ele, ou microbiologia, ele, realmente descreve o que é a faculdade de Medicina. Então, a pesquisa não existia e nem podia existir nas condições em que se formavam os alunos e nas condições em que a faculdade existia. Então, isso criou um espírito muito contra a faculdade. O Olympio rompeu. Meu pai foi nomeado. Mas meu pai ser nomeado não era um desdouro para Manguinhos, porque ele era ele e criou-se uma cadeira para ele. Mas o Olympio não. O Olympio foi procurar uma cadeira de parasitologia, que existia. E o pessoal achou que isso era um desdouro. Quando eu fui ser feito professor, foi o momento em que houve a Constituição de 1938, e a Constituição tinha um artigo muito bom que impedia a acumulação, mas eles esqueceram de dizer que os vencimentos tinham que ser triplicados para não haver acumulação. De modo que o efeito inicial da Constituição de [19]38 foi esvaziar inúmeras instituições brasileiras. Por exemplo, o Museu Nacional ficou praticamente sem ninguém, porque todo mundo acumulava com faculdade ou com outros

institutos. Então, não podendo acumular, deixaram, naturalmente, aquilo que era menos vantajoso para eles. E então você tinha 30 dias. Eu fiz o concurso no dia 10 de... não, no dia 27 de outubro. No dia 10 veio a Constituição.

NB – O senhor está falando de [19]37, não é?

CF – [19]37. É. Veio a Constituição. E no dia 28, quer dizer, no dia 10 veio a Constituição e eu sei que eu tinha até o dia 20 de dezembro... Não, não tinha mais, eu tinha até o princípio de janeiro para optar se eu queria ficar em Manguinhos ou se eu queria ficar na faculdade. E quando cheguei na Europa recebi telegramas inúmeros, e até um telefonema, que era difícil, na ocasião, de Evandro, porque eu deixei com Evandro uma procuração optando pela faculdade de Medicina. E Evandro não queria entregar. Eu disse: “Não, você tem que entregar porque esse é o meu desejo.” E assim que eu deixei Manguinhos.

PG – E o salário de Manguinhos comparado com o da faculdade eram equivalentes ou...

CF – Equivalentes.

PG - Equivalentes.

CF – Equivalentes.

NB – O senhor deve ter recebido muita pressão desse grupo que o senhor tinha mencionado, o Carneiro Felipe.

CF – Não, porque o Carneiro Felipe já tinha, Carneiro Felipe optou pela Escola de Química.

NB - Nessa época.

CF – Nessa época. E os outros também. O Machado, por exemplo, queria muito que eu ficasse; que era meu tio também. O Osmino Pena era um homem extraordinário, mas muito indiferente às pessoas. Mas todos achavam que eu não conseguia fazer nada na universidade. Essa era a opinião unânime. Foi um milagre quando eu comecei a poder fazer qualquer coisa.

NB – Mas Manguinhos não tinha um curso de formação de...

CF – Tinha. Mas era um curso, chamava-se curso de microbiologia, eu acho. Era um curso de dois anos, muito bem dado, mas muito lento demais. Ele não era um curso... Era um curso admirável pelas pessoas que davam. Por exemplo. Parasitologia era o Aristides Marques da Cunha. Micologia era o Olympio da Fonseca. Físico-Química, o Carneiro Felipe. Ótica, o Alcides Godoy. Helminologia, o Travassos. Era um curso estupendo. Na parte da microbiologia era dado pelo Penido. Então, por exemplo, você ia a Manguinhos, replicava e aí tinha que esperar no dia seguinte para ver o resultado da fermentação, mas era um curso muito bom, muito bom. E era um curso que a mim me ajudou enormemente a compreender muitos aspectos da biologia.

NB – Mas o senhor achou que não teria campo para o seu estágio? Eu estou lhe perguntando isso porque o senhor falou que queria ter alunos, não é? Eu fiquei pensando que esse curso...

CF – Ah, não. Mas esse curso era limitado a 20. E eu queria ter exatamente um *pool* de alunos para cair para pesquisa. E realmente eu consegui, quer dizer...

PG – Isso aí a gente vai retomar depois. Agora, eu tenho uma curiosidade quando o senhor fala que almoçava com seu pai, no hospital, e o senhor cita Eurico Vilela, Lacorte, eventualmente o Walter Oswaldo Cruz...

CF – Tinha também o Álvaro Lobo Leite Pereira.

PG – Álvaro Lobo Leite Pereira.

CF – Álvaro Lobo.

PG - Minha pergunta é: eram essas pessoas mais próximas a seu pai, em Manguinhos? Quem é que convivia mais com ele?

CF – Não. A pessoa que mais convivia com meu pai, em Manguinhos, era o Eurico Vilela; o Machado que, aliás, eles eram concunhados. Carneiro Felipe, o Lutz. O Lutz, durante anos, meu pai trazia almoço para o Lutz. Porque o Lutz se queixava muito do almoço de Manguinhos. Então meu pai convenceu minha mãe a fazer marmita para eles. Minha mãe fez isto durante muito tempo, a cozinheira lá de casa, convencida de que era para meu pai, mas era para o Lutz, porque o velho ia almoçar no hospital conosco. Esses eram realmente...

PG – E esse convívio, quer dizer, era convívio de amizade, pessoal mais ligado cientificamente. Existia alguém que compartilhasse mais com ele do ponto de vista da direção do Instituto?

CF – Acho que não. Acho que ele era muito centralizador nesse sentido. Ele discutia com as pessoas, mas como não havia um conselho, não havia nada, ele discutia com as pessoas. Por exemplo, ele criou a seção de fisiologia com o Miguel Osório, criou a seção de físico-química, com o Carneiro Felipe, a de Química Orgânica, com Botafogo Gonçalves etc. Isso partia dele, depois dele ter analisado a situação etc., mas as escolhas das pessoas era ele que as fazia.

PG – Ele tinha uma visão mais de direção centralizada.

CF – Quer dizer, era como o Oswaldo, não é? E era uma coisa muito pasteuriana, vinha muito do Instituto Pasteur.

PG – O senhor se referiu a essa coisa que era uma coisa encarnada num certo estilo de direção, e que seria considerada autoritária num sentido...

CF – Hoje seria considerada autoritária.

PG – Sim, mas na época era um estilo de direção.

CF – Era um estilo de direção.

PG – E isso, de certa forma, não vai repercutir no processo sucessório?

CF – Quando ele morreu, o pessoal todo ficou com medo. Quer dizer, o pessoal mais jovem etc, ficou com medo que fosse o Cardoso Fontes nomeado diretor. Porque o Cardoso Fontes, porque não se dava com meu pai, sabe, tinha se afastado muitíssimo do Instituto Oswaldo Cruz. E fizeram um abaixo-assinado ao Getúlio, que era quem nomeava, para nomear o mais antigo, que era o Figueiredo de Vasconcellos. Só duas pessoas não assinaram esse abaixo-assinado. Evandro e eu. Não que nós tivéssemos nada contra o Figueiredo Magalhães, o...

NB – Vasconcellos.

CF - Figueiredo Vasconcellos, mas porque considerávamos que sendo filhos de Carlos Chagas não devíamos nos meter no processo.

PG – Ia parecer picuinha.

CF – É. E aí o Cardoso Fontes foi nomeado, mas praticamente quem dirigiu o Instituto, logo, pouco tempo depois, passou a ser o Aragão porque era o homem que ficava lá, que tinha muito conhecimento do assunto. E aí Evandro criou o Serviço de Grandes Endemias, que passou a ter um... Ocupou um espaço enorme no Instituto. Quando Evandro morreu, o Getúlio me pediu para ocupar o lugar dele porque todo o serviço era um serviço oficioso e não oficial. Era tudo pago pelo Guinle. E eu fiquei lá três anos. Consegui colocar as pessoas todas dentro do Instituto, organizei o serviço e fiz uma proposta de reforma do Instituto, a pedido do [Gustavo] Capanema. Eu disse ao Capanema: “O Instituto não pode ser como ele está.”, “Então você me faz uma proposta.” Essa proposta consistia exatamente em departamentos e um conselho científico diretor. E aí o Capanema me convidou para ser diretor de Manguinhos. Convite esse que eu aceitei, mas eu entrei em luta com o Barros Barreto, que era diretor do Departamento [Nacional] de Saúde, o que era muito amigo do Aragão. E a razão é que eu queria um instituto liberado, embora com compromissos da saúde pública. Parece que o Barros Barreto queria essencialmente um instituto de saúde pública. Então nós ficamos naquelas dificuldades. Nove meses depois, o Instituto de Biofísica se desenvolvendo, eu fui ao Capanema e disse: “Olha, Dr. Capanema, a sua incapacidade...” – não disse nesses termos – “... de me nomear está fazendo mal ao Instituto. Além do mais meu interesse é prestar serviços.” Eu sabia que se eu fosse para o Instituto, eu ia ser um administrador científico e não ia ser cientista, de modo que o meu interesse era o Instituto de Biofísica. “De modo que eu quero liberar o senhor da minha, do seu compromisso, do seu convite.” E uns dias depois o Aragão foi nomeado diretor.

PG – Aí tem duas coisas que são importantes. Uma, há uma certa avaliação de que justamente a morte do Evandro vai ser responsável, durante um longo tempo depois, pelo Instituto não ter criado essa coisa mais forte na área de endemias rurais, porque você tinha... Ou de grandes endemias, porque o Evandro era uma pessoa muito carismática e com uma capacidade de trabalho muito grande e ele teria sido a pessoa capaz de articular essa área dentro do instituto. Só tempos depois há uma tentativa, parece que o Leoberto Castro Ferreira, mas isso é uma coisa bem mais recente. Então que teria havido uma certa decadência, quer dizer, não decadência, mas uma certa paralisia nessa área de grandes endemias, ligada à relação com o Instituto entre pesquisa básica e saúde pública. Então eu queria saber se o senhor concorda com essa avaliação...

CF – Não. E mesmo...

PG – E que ela seria um pouco contraditória por essa coisa do Henrique Aragão estar ligado ao Barros Barreto que estava querendo o Instituto de Saúde.

CF – O Leoberto, fui eu que botei no serviço, quando o Evandro ainda era vivo. E ele ficou muito pouco tempo depois da morte do Evandro.

PG – O Leoberto?

CF – Leoberto. E aí eu consegui que o pessoal entrasse. Mas a falta de atenção dada por Manguinhos aos problemas de grandes endemias nasceu de dois fatores. Um fator foi a falta de gente. Porque, a não ser um pequeno grupo de Evandro, que necessitava de Evandro, o grande grupo de pesquisadores estava numa área diferente. Quer dizer, Walter, Lent, Haity etc. Esse é um dos aspectos. O segundo aspecto é que o Departamento Nacional de Saúde Pública passa a ser dirigido pelo [Walter] Pinotti e do qual o Pinotti passa a ministro, posteriormente. O quê que o Pinotti fez? Foi criar um Instituto Nacional de Malária, um Instituto Nacional de Lepra, Instituto Nacional de Tuberculose, Instituto Nacional daquilo, tirando, de Manguinhos, as potencialidades que Manguinhos não tinha, mas que devia ter neste campo, não é? Quer dizer... E sem ter. E, no entanto, ele fez um instituto sobre malária, aqui na Baixada, mas quem é que foi para lá? Não tinha gente para botar lá, não é? De modo que eu acho que o fator principal da ausência... Porque o Aragão ficou muito tempo, e não conseguiu, ele, Aragão, criar o espírito. Mas é porque também o governo federal tinha tirado de Manguinhos, tinha esvaziado as funções de Manguinhos.

Data: 16/03/1987

Fita 6 - Lado A

PG - 16 de março e nós estamos começando o terceiro depoimento com o professor Carlos Chagas Filho, no Instituto de Biofísica. Presente novamente, Nara Britto, Paulo Gadelha e o técnico de som, Luís [Carlos Bonella]. Professor, nós estávamos vendo essa série de fotos do seu arquivo pessoal e passam por aí todos esses personagens célebres do início da trajetória de Manguinhos. E nos veio a ideia de perguntar um pouco como é que era para um jovem que estava iniciando a faculdade de Medicina e mesmo antes, conviver com essa

ambiência que produziu o momento áureo da medicina experimental no Brasil. Esses personagens, quem eram eles, que impressão eles deixaram?

CF – Como eu já contei a vocês, eu creio que a minha primeira visita a Manguinhos deve ter sido logo depois que meu pai foi feito diretor. Isto, portanto, em meados de [19]17. E a mesma fotografia feita com ele e meu irmão, em que eu acho que tenho 7 anos e meu irmão, portanto, 12, tendo como fundo um dos torreões do Instituto. Posteriormente eu ia frequentemente à Manguinhos. Ainda estudante secundário, ir a Manguinhos era uma espécie de passeio para mim. Isso se dava principalmente nas férias de fim de junho e quando não havia aula no colégio. Porque, como eu acentuei já, meus pais e eu mesmo éramos muito exigentes na frequência ao colégio. Porque, ao contrário do que acontece hoje, o colégio era muito distraído. Nós passávamos o dia inteiro no colégio e era, realmente, um divertimento quase.

A primeira personagem a me influenciar e a quem eu me liguei no Instituto foi Joaquim Venâncio. O Joaquim Venâncio era filho ou neto, creio que era filho, de uma escrava da fazenda de minha avó. Era um caboclo, desse tom um pouco esverdeado que muitos mulatos têm, que não se sabe se vem de índio ou da raça negra, e que um dos meus tios dizia que era uma das características da boa mestiçagem; Joaquim Venâncio era um homem extremamente atraente. Relativamente baixo, era, como se dizia, parrudo, forte, um tronco muito volumoso, talvez mais forte, maior do que, em proporção, do que as pernas. E de uma afabilidade extraordinária. Tinha pelo meu pai como por Lutz uma grande adoração. E conta-se até que Joaquim Venâncio era utilizado, calças abaixadas como... E as nádegas iluminadas, como um... Utilizado pelo Lutz para pegar mosquitos (risos). A verdade é que o conhecimento de Lutz sobre animais brasileiros era uma coisa extraordinária. Principalmente sapos e vermes, também, e dizia-se até mesmo que ele era capaz de identificar não só o gênero, como a espécie de um sapo, pelo seu coaxar. Mas isso, naturalmente, eu vim talvez a saber depois. Mas o fato é que ele exerceu desde logo, uma atração extraordinária para mim. E me mostrava tudo o que se passava, todos os bichos estranhos para mim, que existiam nos armários do laboratório do Lutz, que era situado à direita, no primeiro andar. E era um laboratório muito agradável porque não sofria das dificuldades de insolação que outros laboratórios de Manguinhos experimentavam. Lutz era uma pessoa muito querida por todo mundo, embora fosse um secarrão. Mas sempre tinha uma palavra curiosa, pronunciada com uma prosódia estrangeira, mas é preciso não esquecer que ele nasceu no Brasil e foi educado em grande parte no Brasil, e eu tinha, a princípio, pavor de encontrá-lo naquelas minhas investidas no seu laboratório. Até que um dia ele apareceu na minha frente. E eu fiquei sem voz. Mesmo porque não estava sob a tutela do meu anjo protetor, que era o Joaquim Venâncio; não pude dizer nada. Lutz, para meu espanto, começou a falar em alemão comigo, porque sabia que eu falava alemão, e no final ele disse assim: “Eu espero que um dia você siga os passos de seu pai.” E virou as costas, e não disse adeus, abruptamente. Um fato curioso de Lutz, que se contava, é de que ele vestia-se segundo o termômetro. E tendo o termômetro quebrado, ele apareceu várias vezes no Instituto com roupas muito quentes, no verão. Até que meu pai perguntou porque, e ele deu a razão. Meu pai então disse a ele que o que havia é que o termômetro dele estava quebrado, pois estava fazendo muito calor. Meu pai costumava, com dificuldade de trânsito, naquela ocasião, buscá-lo frequentemente, e creio mesmo que diariamente, na Rua do Matoso, onde ele morava. Ele morava numa casa muito simpática em frente onde, mais tarde, fez-se um dos grandes palacetes do Rio de Janeiro, do Matos... Do Peixoto, desse

grande criador, dono da refinaria Manguinhos. E essa casa era uma casa muito simpática, muito simples. Eu nunca fui dentro da casa porque ficava no automóvel esperando. E dizem também que o que acontecia frequentemente é que minha mãe mandava o almoço para o meu pai e que este, com pena do Lutz, dava todo o almoço para o Lutz. Porque, na verdade, eu nunca vi o Lutz no caramanchão.

PG – Não?

CF – Não. Ele comia mesmo, sempre, no seu laboratório. O laboratório caracterizava-se por uma grande e extraordinária ordem. Se essa ordem era dada pelo próprio Lutz ou por Joaquim Venâncio, eu não sei. Frequentemente eu me encontrava também com Bertha Lutz, que ajudava o pai, mas logo cedo foi trabalhar no Museu Nacional e que se tornou uma das primeiras feministas do Brasil. Lutz era realmente uma figura singular. A sua miopia fazia com que ele estivesse sempre com o queixo levantado. O que habitualmente dá nas pessoas uma ideia de altivez. Mas Lutz não. Lutz era um homem tão simples, tão chão que ninguém ia pensar que aquilo fosse um ato de soberba. Era realmente uma pessoa fantástica. E, portanto, foi, creio, que a segunda pessoa com que eu tive melhor relacionamento em Manguinhos.

NB – Por que o senhor diz que o senhor nunca o viu no caramanchão almoçando com os companheiros?

CF – Não sei porque. Eu acho que porque ele não queria perder tempo. O único retrato que existe, que eu conheço, a única vez que eu o vi, Lutz, perto do caramanchão é naquela famosa fotografia em que estão os médicos alemães Duerck, Von Prowazek, Hartman, meu pai e os outros membros do Instituto ao lado do Oswaldo. Todos, aliás, com chapéus muito elegantes, chapéu de Chile etc., mas eu realmente nunca vi o Lutz almoçando no...

NB – Nessa época...

CF - É verdade que eu comecei a almoçar no caramanchão muito mais tarde. Porque é depois de [19]30 que eu começo a frequentar o caramanchão. A segunda pessoa com quem eu me relacionei muito em Manguinhos foi Astrogildo Machado, meu tio. Porque eu ia frequentemente ver, quando eu ia ao edifício grande para ver meu pai, porque, no princípio, a minha vida no Instituto Oswaldo Cruz se limitava muito ao hospital, como eu vou contar. O que sempre me admirou em Astrogildo Machado era, primeiro, a meticulosidade com que ele fazia as suas pesadas e as suas replicações de culturas. De outro lado o número de pessoas que entravam no laboratório para perguntar coisas a ele. Número esse que eu só vi batido, e largamente batido, quando eu trabalhei com o Carneiro Felipe. Em seguida, a pessoa com quem eu mais me...

NB – Um minutinho, Dr. Chagas. O Astrogildo Machado, onde é que ficava o laboratório dele? O senhor lembra?

CF – Perfeitamente. O laboratório do Machado ficava no segundo andar. Se você tomava à esquerda, no segundo andar, na parte de trás, era o último laboratório antes de fazer a quina, antes de fazer a esquina. Ali ele tinha... Era um dos laboratórios grandes. E ele tinha um

servente, que se tornou muito amigo meu, que fazia parte de um certo número de irmãos que eram serventes, e o Chico Trombone sabe disso muito bem, e que eu admirava muito porque ele era *half back* do Bonsucesso Futebol Clube. E jogava bem. Era um rapaz de qualidade. O terceiro, naturalmente foi José Guilherme Lacorte. José Guilherme Lacorte, baixinho, um pouco resmungão, mordendo os lábios sempre, era muito amigo de Oswaldinho, de Oswaldo Cruz Filho, por exemplo, de quem tinha sido companheiro de turma, era um técnico de laboratório perfeito. E um trabalhador de uma assiduidade rara. Foi com ele que eu iniciei-me no laboratório. Eu, Walter Oswaldo Cruz e Emmanuel Dias, que fomos encarregados de estudar as técnicas usuais de laboratório, pesada e, principalmente, exames de sangue. Que se chama hoje laboratório clínico, quer dizer, dosagem de hemoglobina e principalmente determinação, dosagem de glóbulos brancos e vermelhos e principalmente a determinação do que se chama a fórmula de Schilling, que é a determinação da quantidade, da diversidade proporcional dos glóbulos brancos encontrados no sangue. Esse ensinamento me valeu enormemente porque quando eu fui feito assistente, muitos anos mais tarde, assistente de anatomia patológica na faculdade de Medicina, era uma técnica que não era comum ainda nos laboratórios clínicos do Rio. Naturalmente muitos clínicos já o faziam, mas outros não. E eu me tornei assim uma espécie de professor gratuito não só dos alunos que vinham às minhas aulas, eram numerosos, tanto que eu repetia a aula 159 vezes por ano, mas como também de alunos, de jovens médicos que queriam fundar seus laboratórios clínicos e que queriam se aperfeiçoar neste método. A terceira, a quarta pessoa com que eu realmente... Um momentinho.

(Interrupção na gravação)

CF – Posso começar?

PG – Pode.

CF - Bem. Aí eu passei trabalhando no São Francisco de Assis, eu entrei para o grupo da Anatomia Patológica. Nela eu me uni mais a Carlos Magarinos Torres, que era uma figura singular pela sua modéstia, simpatia, eu até diria, a sua... Ele era vesgo, assim, divergência... A divergência da sua...

PG – Visão?

CF - Da sua visão. Não. Não fica bom não. Depois vamos pensar a palavra. Era vesgo, mas era um vesgo divergente. Seu estrabismo divergente! Era um trabalhador incansável. E a dificuldade com Magarinos Torres era de permitir que ele fizesse, que eu fizesse alguma coisa. Ele queria fazer tudo. Finalmente ele se convenceu e me deixou trabalhar à vontade, mas o meio da anatomia patológica era um meio realmente de excepcional brilho dentro do Instituto, e direi mesmo dentro da medicina brasileira. Ao lado de Magarinos, que era, vamos dizer, a formiga trabalhadeira – isso não quer dizer que os outros não trabalhassem – tínhamos, inicialmente, Osvino Penna. Osvino Penna, de bom falar, encantava a todos. E o exemplo melhor que eu dou de Osvino Penna era o que eu assistia nas mesas de autópsia no São Francisco. Em que vinham os clínicos para verificarem os diagnósticos feitos no leito. Mas mais das vezes esses diagnósticos eram negados pela autópsia. Mas Osvino Penna, que raramente tocava nos cadáveres, porque quem fazia o trabalho era eu e um servente que nós

tínhamos, muito bom. Osvino Penna dava uma lição de fisiopatologia admirável, em que explicava totalmente porque os sintomas vistos pelos médicos, não podiam chegar a um diagnóstico preciso, fornecido na câmara de autópsia. E o encanto de sua maneira de falar, de seu apresentar, às vezes com uma certa mordacidade, que ele sabia muito bem disfarçar, deixava a todos satisfeitos. E assim foi com ele que eu aprendi muita coisa de viver. O terceiro...

PG – Como por exemplo?

NB – É, é isso que eu ia perguntar.

CF – Como por exemplo, dizer uma coisa de fundo brutal de uma maneira delicada. Vinha em terceiro lugar, mas não...

NB – Eu vou interromper mais um pouquinho, para o senhor não passar para o terceiro lugar. O professor Magarinos Torres, ele era um mestre semelhante ao Osvino Penna? Qual é a diferença que o senhor fazia entre os dois?

CF – A qualidade de ensino era a mesma. A qualidade de exposição era totalmente diferente. O Osvino era o brilhante. O Torres era o mais objetivo possível. Osvino era tão brilhante que permitia que nós elaborássemos em erro. Magarinos Torres não, era a coisa exata. Talvez sem a fantasia que o Osvino sabia imprimir a todos os seus pareceres, e todas as suas apresentações. Em terceiro, mas sem distinção, vinha Burle Figueiredo. Burle Figueiredo era um dos homens mais finos que eu tenho conhecido e de uma grande competência. Não tinha o mesmo calor humano, talvez, que Osvino Penna tinha, mas era uma boa mistura, uma boa média entre Osvino e Magarinos Torres. Tinha alguma coisa de gentil-homem, Burle Figueiredo, que era muito atrativo. E ele era um homem muito responsável. O que saísse do seu diagnóstico era, como dos outros também, absolutamente certos, mas ele, talvez, por sua elegância natural, talvez não desse essa impressão, não desse a impressão falsa, dava a impressão falsa de que não era um sábio verdadeiro. E eu afirmo que ele era tão bom quanto os outros.

E o quarto, que vem depois, que vem mais tarde, era Penna de Azevedo. Provavelmente, com todas as qualidades dos outros, eu creio que o Penna de Azevedo, que não era parente do Osvino Penna, aliás, que o Penna de Azevedo era o mais criativo, em matéria científica, dos três. E realmente o seu trabalho, a sua maneira de apresentar o seu trabalho, numa exposição muito mais difícil do que a dos outros, era sempre muito viva. Quando eu deixei a anatomia patológica, eu fui trabalhar com uma figura singular do Instituto Oswaldo Cruz, que foi o professor José da Costa Cruz. Singular por quê? Bastaria citar esse ponto. Que quando, em 1949, eu visitei o professor Bordeaux, Jules Bordeaux, na Bélgica, o Jules Bordeaux me perguntou se ainda vivia o Dr. Costa Cruz. O Costa Cruz tinha morrido já. Não, não foi em [19]46, foi em [19]40... foi em [19]46, é. É preciso ver. Acho que o Costa Cruz morreu em [19]43 ou [19]44. É preciso ver isso. Mas o fato é que ele já tinha morrido.

NB – A sua viagem foi em [19]46?

CF – Não, em [19]46 não, em [19]49. Em [19]49 eu disse que ele já tinha morrido. E que eu lamentava muito porque ele tinha sido um dos meus mestres e inclusive estava

trabalhando no meu Instituto de Biofísica no momento em que teve um acidente intestinal e morreu. E eu perguntava a ele porque razão que Bordeaux se lembrava de Costa Cruz. Ele me disse: “É que o Costa Cruz foi o melhor aluno, o melhor pesquisador que passou pelos meus laboratórios.” Eu disse... Eu fiquei um pouco atônito, atônito. Ao que ele acrescentou: “Não só estrangeiro como nacional.” O que dá a medida da grandeza de Costa Cruz.

Costa Cruz era um homem que tinha inicialmente uma coisa que muita gente não gosta, mas que eu gosto muito, que é uma prosódia portuguesa. Ele tinha sido se feito... Ele tinha nascido no Pará e tinha sido educado, tinha feito as Humanidades em Lisboa, com grandes vantagens para nós todos, aliás, tinha uma cultura básica fundamental. Era meio gordo, embora forte, e muito míope. E usava, o que era muito, na época... muito elegante na época, um *pince-nez*, do qual não podia se separar. Era, além do mais, um boêmio, um grande boêmio. E muitas vezes, eu, ele e eu ou ele, eu e o Emmanuel Dias saíamos do Instituto e íamos para um daqueles bares ao lado do Hotel Avenida, onde hoje é o Hotel Central, ali existiam quatro bares que eram muito frequentados. Íamos tomar nossa cerveja e conversávamos até altas horas da noite. A conversa quase sempre era sobre ciência. E se não fosse sobre ciência seria sobre literatura, principalmente literatura portuguesa, que ele conhecia muito bem. Ou ainda sobre o problema da religião. Costa Cruz se dizia agnóstico. Era um anticlerical, mas a sua maneira de apresentar o problema mostrava uma grande dúvida sobre a questão do transcendental ou não. E o trabalho dele foi um trabalho excelente porque ele estava estudando bacteriófago. Pouca gente sabe que durante muitos anos ninguém acreditou nos bacteriófagos. O [Félix] d'Herelle, que descobriu nos bacteriófagos, foi quase que expulso do Instituto Pasteur porque insistiu e reinsistiu em publicar trabalhos sobre bacteriófagos. Costa Cruz fez bacteriófagos e chegou a cristalizar bacteriófagos. É pena que não tenha feito a publicação. Isso porque nessa ocasião já estava um pouco metido na indústria e não queria dar conhecimento do que tinha feito. Mas há um fato curioso para mostrar o interesse da personalidade e de seus trabalhos. É que quando Enrico Fermi, um dos libertadores da energia nuclear, um grande físico nuclear italiano, veio ao Brasil, eu fui encarregado de percorrer o Instituto Oswaldo Cruz com ele. E na hora fiz assim, ele era físico, mostrei o que se podia se mostrar, pouco a pouco, e nós demoramos muito mais do que devíamos com o Costa Cruz. E ele ficou interessadíssimo no trabalho de Costa Cruz. Quando ele saiu, ele disse: “Eu quero pedir desculpas a você de ter tornado todo seu calendário aqui, todo seu horário aqui, mas a verdade é que o que esse moço, esse senhor me mostrou, é interessantíssimo. Eu até devo dizer a você o seguinte: se eu tivesse que começar de novo, eu começaria pelos vírus.”

Isso mostra bem o que era a personalidade de Costa Cruz. A única coisa que Costa Cruz falhou – foi curioso isso, mas foi antes. Em [19]31 eu passei 6 meses trabalhando com ele. Nós tínhamos grandes discussões. Não sei se estas discussões influenciarão no que eu vou lhe contar, mas não creio. Discussões sobre isso, discussões sobre aquilo etc. e, quando eu entrei, ele me disse logo de saída: “Olha, você aqui não é o filho do diretor, você aqui é um estudante como outro qualquer.” E as discussões foram realmente às vezes fortes, às vezes fracas, mas sempre muito interessantes. Discussões no laboratório, sempre sobre pesquisas, mas o que eu achei engraçado foi que Costa Cruz fez questão de fazer todas as técnicas de diagnóstico bacteriológico, que eram inúmeras. Fermentação, coloração, fermentação, tudo era ele mesmo que fazia para me mostrar e depois me obrigava a fazer. E vinha ver depois o resultado. E era de uma exigência fantástica. Talvez tenha sido com ele que eu aprendi realmente a ser muito exigente nos resultados de laboratório. Até que um dia Costa Cruz chegou pra mim e disse assim: ele já me chamava então de Carlinhos: “Eu quero lhe dizer

uma coisa. Eu acho que você deve estudar físico-química. Porque a físico-química é a ciência biológica do futuro. A físico-química biológica é a ciência que deve nos interessar no futuro. Eu estou muito velho para isto. A bacteriologia, tal como ela existe hoje, é uma ciência morta. Se ela não trazer uma contribuição da físico-química e da bioquímica, ela não vai mais continuar. Então você, que é moço, que eu acho que tem um grande futuro, você deve procurar o Carneiro Felipe.”

Eu achei que ele estava me enxotando do laboratório. O que não era verdade, porque, uns anos depois, quando eu fundei o laboratório de Biofísica, o Costa Cruz se transformou, se transferiu, pediu uma licença especial pra ir trabalhar lá na Praia Vermelha. E foi na Praia Vermelha que ele teve o tal episódio gastrointestinal que o matou. Aliás, não sei se isso deve entrar, mas é bom que se saiba, ele teve um diagnóstico de apendicite, de perturbação intestinal grave quando o que ele tinha era uma apendicite. Ele morreu de uma apendicite grave, que ele já estava inteiramente perdido, mas eu não fui diretamente para o Carneiro Felipe. Perdi, não perdi, ganhei 6 meses de experiência com...

Fita 6 - Lado B

CF - Extraordinária que era o Miguel Osório. Miguel Osório é, possivelmente, um dos homens de maior abrangência intelectual que eu tenha conhecido. Porque ele podia falar tanto em fisiologia, quanto em matemática, quanto em filosofia, e poesia e era, além disso, um grande intérprete, pianista. Eu o vi tocar inúmeras vezes, mas nessa ocasião ele ainda estava um pouco, digamos, um pouco cheio da sua importância, porque ele era muito adulado pela família, muito... Mas são certas coisas que eu estou dizendo que não se pode publicar.

PG – Claro. Fica só gravado e ilustrado.

CF – E tinha, realmente, uma opinião de si extraordinária. O meio com Osório de Almeida, que foi o meio em que eu frequentei... Aliás eu contei para vocês que eu fui, levei a Carlotinha para um baile de formatura... não foi a vocês que eu contei? Pois é. Foi sim. Deve estar por aí.

NB – Carlotinha? Não, o senhor não contou não. Que episódio é esse?

CF – Baile quando eu me formei, baile de formatura.

NB – Não, o senhor não contou não. Carlotinha é quem?

CF – Osório de Almeida.

NB – É irmã?

CF – Não. É sobrinha dele. Filha do Álvaro.

NB – É da sua geração.

CF – É.

NB - Ah, o senhor podia nos contar esse episódio.

CF – Não, mas isso depois eu conto. Eu já contei isso. Você vai ver. Porque você já passou tudo a...

NB – Já ouvi sim a entrevista. Depois o senhor conta.

CF – E o Miguel tinha um conhecimento matemático, mas eu, nessa ocasião, sabia muito bem matemática também. E um dia ele me deu uma teoria da excitação nervosa dos nervos que ele havia formulado. E em geral, também com ele, eu tomava o automóvel dele e íamos para a cidade, para um bar, tomar chope, ou então...

NB – Isso era hábito no Instituto, entre todas as pessoas.

CF – Não sei. Não sei se todas. Nós fazíamos isso. Era tão fácil encostar o automóvel na ocasião. (risos) Então, ele tinha mania de guiar automóvel, o Miguel. Cada vez que ele chegava no laboratório, ele morava no alto da Tijuca...

PG – É, o senhor nos contou. Ele cronometrava.

CF – É. 22 minutos, etc. Então, um dia... Eu contei já esse caso a vocês... Entramos no automóvel ele, eu e o Carneiro Felipe, ele virou-se para o Carneiro Felipe, disse assim: “Eu sou um homem muito liberal. Você imagina que eu dei a teoria minha ao Carlinhos e o Carlinhos primeiro fez uma porção de observações que não estão certas, mas eu não fiquei nada zangado.” Bom. Tendo em vista o meu espírito...

PG – Foi uma concessão. (rindo)

CF – Eu achei que não podia continuar com ele. Mas aconteceu, por certo – já contei isso a vocês – por sorte que ele se apaixonou por uma senhora da sociedade brasileira, solteira, que se apaixonou por ele, muito instigado, aliás, pela irmã. Aí eles combinaram fugir. Ele se separou da mulher e eles combinaram fugir. E ele, isso na hora de embarcar no navio, ele embarcou e ela ficou com medo, não embarcou. Era de uma grande família e deu para ele, mandou para ele, como recordação, uma imitação de Cristo. E aquilo Miguel custou muito a digerir isso, durante muitos anos, mas foi para Europa e fez um casamento que, a meu ver, desastroso, pelo menos do ponto de vista físico. Que era uma grande pianista, mas que era o dobro dele em altura e em largura. E que era uma pessoa pouco simpática, sabe. Inclusive tipo de pessoa... Ela tocava piano magistralmente, mas de uma maneira técnica. Quando os dois tocavam juntos, concertos para dois pianos, por exemplo, como eu assisti muitas vezes, ele sobressaía muito, mas ela era a técnica perfeita. Vamos dizer, ele era o Rubinstein, com todos seus erros que Rubinstein faz, e ela era o Wilhem Kempf, com todas as qualidades do Kempf. Então, eu aí resolvi... E ele disse assim: “Então você vai trabalhar com o Carneiro Felipe.” Quando ele foi viajar. Coisa que eu já tinha bolado na cabeça e aí realmente foi a minha felicidade porque ninguém existiu no mundo com as qualidades humanas do Carneiro Felipe. Carneiro Felipe sabia tudo. Eu já disse isso a vocês. Tinha

tido 10 em todas as matérias na escola de Minas de Ouro Preto. Depois tinha tentado fazer negócio de carvão em São João Del Rey. Perdeu esse negócio, foi contratado para fazer um laboratório de análises clínicas em... Não, de análises de materiais, em Belo Horizonte, pelo Raul Soares. Lá o meu pai o encontrou. E quando Raul Soares morreu, meu pai o trouxe para Manguinhos, com a oposição forte de Manguinhos. Porque era a primeira vez que ia entrar para o quadro de Manguinhos quem não tinha o diploma de médico.

NB – O senhor falou que ele era engenheiro.

CF – Ele era engenheiro de minas. Carneiro Felipe era um homem magrinho, simples, fumando sem parar, com os dedos amarelos, com um pigarro permanente, tossindo, expectorando constantemente, mas era um homem que não negava nada a ninguém. Sabia de tudo. Cientificamente ele sabia tudo. Até um caderninho dele, por exemplo, que é uma coisa maravilhosa. E foi ele que me ensinou as bases científicas, quer dizer, quem me formou cientificamente foi o ambiente de meu pai, de meu irmão e de Manguinhos, mas quem me ensinou ciência física, e físico-química foi o Carneiro Felipe. Ele é que realmente é um professor excepcional.

NB – O caderninho que o senhor está falando é tipo desses do seu pai?

CF – Não, é completamente diferente.

NB – Como é esse caderninho?

CF - Esse caderninho do Carneiro Felipe eram notas que ele tomava. Então, você tem, por exemplo, inclusive, certas previsões de teorias que vieram depois. Porque ele tinha uma cabeça extraordinária, capacidade matemática, e foi, entretanto, uma pessoa muito combatida, porque quando ele saiu de Manguinhos para fundar a Escola de Química, no tempo do Juarez Távora, aliás, ministro da Agricultura, o pessoal da Escola de Química lutou o mais possível contra ele, mas ele conseguiu fazer uma escola que foi durante muito tempo uma escola padrão. Depois ele foi muito combatido quando assumiu a direção do censo. E foi, principalmente, muito combatido porque ele foi servir como chefe, vamos dizer, assessor especial de Chico Campos, na reforma Campos. Como a reforma Campos foi muito combatida em muitos aspectos, todo mundo sabia que era ele que tinha feito e não o Campos, porque ele era realmente... Mas era um homem precioso. Extraordinário. Uma bondade de comunicação pessoal, de sabedoria etc. E era, foi, realmente, um dos meus mentores de maior importância.

PG – Recentemente eu vi alguns recortes de jornais da época da epidemia de febre amarela, de [19]28. E o Carneiro Felipe também estava fazendo algumas pesquisas em relação à febre amarela. O senhor tem algum conhecimento dessa época?

CF – Todo mundo começou a pesquisar, quer dizer, quem... Havia um grupo que era Aragão, o Carneiro Felipe dava os detalhes físico-químicos, havia o Arlindo de Assis, que estava no Caju, que era para onde iam os doentes, não sabe? Mas, evidentemente, nós não estávamos preparados para fazer... Houve mesmo uma espécie de vacina feito pelo Aragão, mas realmente sem resultado. Nós não tínhamos ainda condições materiais para isto.

PG – Ele fica até muito otimista, o Aragão. Você encontra recortes...

CF – Nos jornais.

PG – É. Já dando como um fato consumado e que a vacina estava sendo aplicada e depois se verifica que ela não tem condição ainda, que eles usavam macerado.

CF – É. Não tinha condição. Infelizmente.

PG – Só depois de [19]37 é que vem...

NB – Eu gostaria de perguntar ao senhor. O senhor está falando de uma época onde há uma geração, em Manguinhos, muito brilhante. Com algumas diferenças, mas é uma geração que marca muito a história do Instituto Oswaldo Cruz e da medicina...

CF – Sim, mas ainda falta muito.

NB – Eu queria perguntar ao senhor como é que era... o senhor falou do Miguel Osório, como é que era essa convivência do senhor, como estudante, apesar de ser filho de Carlos Chagas, mas é um estudante que está entrando lá, e essa convivência com essas estrelas todas, usando entre aspas essas estrelas da ciência brasileira. Qual é a sua impressão? Com o Miguel Osório, o senhor não falou muito, mas parece que há uma certa assim, não sei se estranhamento com Miguel Osório.

CF – Não. O Miguel Osório me recebeu de braços abertos e nós tivemos as melhores relações possíveis.

NB – Sim, mas ele achou o senhor um pouco petulante por questioná-lo.

CF – Mas isso foi no fim, isso não foi em relação a mim, foi em relação a qualquer pessoa que tivesse feito, qualquer estudante que tivesse feito isso. Ele estava no auge da glória intelectual naquela ocasião. Ele tinha perdido um concurso na faculdade de Medicina, mas o concurso tinha sido de uma injustiça tão grande, do ponto de vista do brilho, que... Assim uma coisa muito que, enfim, e era um grupo intelectual, quer dizer, havia um grupo intelectual naquele momento, muito importante, que se reunia no laboratório de fisiologia, da rua Machado de Assis, antes na rua Almirante Tamandaré, e depois na rua Machado de Assis, na casa dos pais do Miguel e do Álvaro Osório de Almeida onde havia um laboratório de fisiologia particular, que era mantido pelo Gaffrée. E aquele laboratório, depois de 5 horas, 6 horas, se transformou, realmente, numa espécie de salão intelectual. Então você tinha ali Amoroso Costa, que era primo do Alceu, mas era considerado o maior matemático do Brasil, naquela ocasião; Amauri de Medeiros, que era considerado um grande higienista na ocasião, pai desse Amauri de Medeiros que anda por aí; Laboriaux; o Moscoso, diretor da Politécnica. O Laboriaux era considerado o gênio da geração dele; e Silva Mello, que era um intelectual muito sofisticado; D. Branca Fialho, irmã deles; o Álvaro Osório; Miguel Osório e mais o Paulo Galvão, que era mais moço, foi depois ser professor de fisiologia na USP, na Escola Paulista de Medicina; o Couto e Silva, que se

tornou um dos grandes clínicos do Brasil, do Rio de Janeiro, enfim, e havia assim as pessoas que apareciam de vez em quando. E era realmente um salão intelectual onde se discutiam todos os assuntos.

NB – Seu pai frequentava esse salão?

CF – Meu pai não frequentava esses... não.

NB – Porque é uma coisa estranha entre esse grupo do Miguel e do Álvaro e as pessoas do Instituto Oswaldo Cruz, quer dizer, são grupos diferentes, não é?

CF – Primeiro...

PG – É. Só acrescentando aí, já que você fez essa pergunta, o que explica o Miguel Osório não ter vindo a convite do Oswaldo Cruz. Só depois que o seu pai assume a direção é que ele vai assumir.

CF – Bom, primeiro porque a fisiologia não tinha tido o desenvolvimento que ela veio ter depois no tempo do Oswaldo. Segundo, o Miguel Osório esteve duas vezes no Instituto Oswaldo Cruz. A primeira vez ele brigou e saiu porque achou que o meu pai não tinha dado a ele o mesmo nível funcional do Lutz. Posteriormente ele reconheceu o erro e se arranjou e deu, o meu pai deu a ele o melhor posto que podia ter a pessoa. As relações de meu pai eu acho que eram umas relações muito... Vamos imaginar porquê essa divisão que existiu. Primeiro havia o fato de que o Moses era muito ligado a eles; segundo, havia o fato de que eles faziam uma ciência muito abstrata, quer dizer, o que se discutiam lá era astronomia, física, matemática e principalmente filosofia, positivismo, marxismo, freudismo. Eu aprendi Freud lá com a D. Branca. Então, eram coisas que não preocupavam ao grupo de Manguinhos, não é? E não havia nenhuma amizade assim profunda entre nenhum deles e de Manguinhos. E curiosamente o Miguel, em Manguinhos, fez muito poucas grandes amizades. A grande amizade que ele fez em Manguinhos foi realmente com o Carneiro Felipe. E comigo. Porque, mais tarde, quando eu fui fazer uma viagem à Paris, foi logo em [19]46, eu encontrei com o Miguel em Paris. Aí nós morávamos num hotel muito perto um do outro, saíamos todo dia, éramos convidados pelas mesmas pessoas etc. e aí fizemos uma amizade que durou até o fim da vida dele. E foi realmente uma amizade profunda em que a gente tinha a liberdade de telefonar, de dizer etc. o que quisesse. Dentro, naturalmente, da diferença de gerações. Ele sempre teve um grande respeito por meu pai. Embora ele fosse, na ocasião em que ele se afastou de Manguinhos, ele escreveu uma carta desagradável, ele era muito impetuoso, mas sempre considerou a doença de Chagas uma grande descoberta.

NB – Esse primeiro período que o senhor falou foi na década de [19]20?

CF – Acho que é [19]21. Não, porque o Carneiro Felipe foi nomeado antes. Acho que foi em [19]21 ou [19]22.

NB – Depois ele saiu e voltou.

CF – E voltou.

PG – Agora, é interessante que se fala dos irmãos Osório, mas em geral se fala muito do Miguel Osório. E o Álvaro?

CF – O Álvaro Osório era o chefe de família. Chefe do clã, vamos dizer assim porque eram três, tinha também a Branca. Álvaro Osório era um homem extremamente autoritário. E que fez alguns trabalhos muito importantes, num certo momento, sobre metabolismo básico, mas não tinha a capacidade de agradar, fisicamente, que o Miguel tinha. Era um sujeito assim meio ríspido, meio árido. Agora, tinha muita competência. E tinha, particularmente, uma das melhores bibliotecas de fisiologia do mundo. Tinha todas as revistas, lia aquilo e assimilava.

NB – A formação deles se faz no Brasil?

CF – Todos dois foram formados no Brasil. O Álvaro foi mais cedo à Europa, mas a sua carreira de fisiologia ele fez na volta. Mas Miguel fez tudo aqui, no laboratório da casa do avô, do pai dele.

NB – Do pai. Essa geração, essa era uma turma que tinha ficado para trás, dessa geração que o senhor está nomeando, o Lutz, Lacorte, – os que o senhor encontrou em Manguinhos, são pessoas, fora o Lutz, – que a gente sabe, mas essas pessoas tiveram sua formação no Brasil?

CF – Praticamente todos. O Osvino Penna fez o curso do Instituto Pasteur. O Aragão fez o curso, duas vezes... Duas vezes não, ele foi ao Instituto de Munique, ao Instituto do Oswaldo, em Munique e depois esteve em Lyon, estudando com um dos grandes nomes da ciência francesa. Godoy, por exemplo, ele fez uma viagem para ver a Europa como é que era a ciência, ele fez uma viagem a bordo do Lloyd.

NB – Esses da anatomia patológica têm a sua formação aqui.

CF – Esses da anatomia patológica tiveram formação aqui, mas tiveram formação com o Crowell, Dowman Crowell, que foi um americano da maior qualidade que esteve aqui 4 anos, comandado por meu pai. E os outros, os mais moços, mais antigos, como meu pai, embora tivessem tido o aprendizado principal aqui no Rio, é preciso não esquecer que eles tiveram aqueles quatro que o Oswaldo trouxe. Entre outros Duerck, Von Prowazek, Giemsa e o Hartmann, na protozoologia.

PG – Esses o senhor não teve contato nenhum com eles, já era outra geração, né? Agora, falando de outra geração, o senhor disse que tinha mais gente que o senhor estava lembrando.

CF – Muito mais gente. Você tem Travassos; Gomes de Faria; César Guerreiro, Dutra e Silva; o Aragão...

PG – Vilella.

CF – O Vilella. Todos esses eu tive contato com eles.

PG – Pois é, eu estava lembrando dessa relação do Vilella com seu pai. Podia falar sobre o Vilella?

CF – Isso, aliás, eu escrevi isso muito bem num prefácio. Eu não sei se já são 5 horas, eu estou precisando sair.

NB – Fala outra dia, então.

CF – O Vilella é o seguinte. O Vilella foi companheiro de meu pai no asilo de São Francisco, no colégio do Asilo de São Francisco. Depois meu pai o conheceu quando ele estava começando a vida, em Belo Horizonte. E levou-o para ir trabalhar consigo por ele ser realmente um grande clínico. Era um homem de uma sabedoria clínica extraordinária. E tinha... Era um homem muito severo. Muito austero e muito severo. Nós, por exemplo, todos tínhamos muito medo dele na enfermaria porque não era um homem... Ele era um homem engraçado no sentido de que ele fazia muitas... Ele dava muita anedota, muita piada que ele dizia. Mas você não sabia que aquilo era para ser engraçado, de tal modo ele era um *pensant rire*. Quer dizer, aquela coisa, por exemplo, de nós chegarmos atrasados e ele virava para a gente e dizia assim: “*tarde venientibus, ossa canis.*” (risos) Isso era sistemático. Isso deixava a gente inteiramente... Um aluno que chega na faculdade, na enfermaria, na frente dos doentes todos, aquele senhor com umas olheiras, uns olhos muito fundos, porque ele tinha uma testa que se sobressaía muito, ele assim muito sério, diz assim: “*tarde venientibus, ossa canis.*” (risos) Mas isso sem rir, sem nada, como se fosse uma coisa assim. Então esse era o gênio, que deixava a gente completamente... E por isso é que eu nunca vi ninguém levantar a voz nem falar nada com ele. Além do mais tinha uma habilidade manual fantástica. Foi a primeira... Evandro, depois, mas ele quem punha o fio de quartzo no eletrocardiograma, cardiógrafo, era ele. Fazia com a maior habilidade. Sabia olhar no microscópio muito bem, também, porque o problema é que nós estamos todos esquecendo do Roberto Carlos, não estamos mais querendo detalhes. (risos)

NB – É verdade.

CF – Esses meninos que se formam, todos, não querem nenhum detalhe. Detalhe todo fica para o técnico. E o detalhe tem uma importância fundamental.

PG – É. E os técnicos de Manguinhos tiveram também um papel muito importante.

CF – Muito. Eu esqueci de dizer duas coisas. Nesse tempo que eu trabalhei com o Carneiro Felipe, eu vivia praticamente na oficina porque tinha um mecânico chamado Giulio, não me lembro mais o sobrenome dele, Giulio, com g, que era um italiano, desdentado, muito simpático, com quem eu almoçava frequentemente, ele trazia almoço de casa dele, trazia vinho também. E ele fazia aparelhos da maior perfeição. A mecânica de Manguinhos, uma das bases de Manguinhos era a mecânica, a vidraria, os serviços gerais, de um modo geral. Eu esqueci de dizer também que um dos maiores prazeres que eu tinha com o Joaquim Venâncio era que ele me levava às cavalariças para ver tirar soro de animal etc., ver os animais, fazer um pouquinho de festa no cavalo. Porque logo depois eu comecei a ir à

fazenda, fazenda dos meus pais, nas grandes férias. Fazenda dos meus avós, meus tios-avós. E aí então eu sempre tinha mania de cavalo. Quando é que você quer combinar outra?

PG – É. Vamos combinar outra.

CF – Eu acho que nós temos que andar um pouco...

Data: 27/03/1987

Fita 7 - Lado A

CF - Na minha época de garoto...

PG - Espera aí. Vamos gravar. Eu quero gravar isso.

NB – Está gravando?

CF - Preto não entrava no Fluminense. E hoje os dois ídolos da torcida Fluminense, são o casal 20, o Washington e o Assis. Então, isso mudou completamente. A ideia do social naquela época era uma ideia exclusivamente paternalística. Quer dizer, o que era o social? Era a benemerência que as pessoas ricas faziam para os menos afortunados. Devo dizer que não havia comparação... Não é que eu esteja defendendo uma coisa ou outra. Mas uma das coisas que me estranha nesses 50 anos, há duas coisas que me estranham. Primeiro, como aumentou a pederastia, que no meu tempo não existia. Ou se existia era escondidíssimo.

PG – Camuflado.

CF – Sujeito sabia, por exemplo, que fulano de tal... E segundo a pobreza. Os morros, que eu frequentei muitas vezes, não eram o que é hoje, não é? E porquê que não era como hoje? Primeiro porque a população era muito menor, o número de pobres era muito menor. Número um. Número dois. Eu ganhava 400 mil réis em 1926, meu pai me pagava tudo em casa, inclusive roupa. Minhas camisas eram feitas por minha avó, mas roupas, por exemplo, eram alfaiate. O resto era eu que pagava tudo. 400 mil réis, em 1926, [19]27, [19]28 até [19]30 era dinheiro à beça. Então, por isso é que criou... O sujeito queria ser funcionário público porque ganhava 300 mil réis como funcionário público. E aquilo era dinheiro. Cobrava um tostão, era a média.

PG – O senhor falou dos morros que o senhor subia. Como é que era isso? Era no trabalho relacionado a alguma atividade da faculdade, era diversão?

CF – Curiosidade.

PG – Curiosidade?

CF - Curiosidade para saber como as pessoas viviam. Uma vez ou outra – que isso pode ser cortado – uma namorada. Então eu subia e via. A limpeza das casas, por exemplo, era uma coisa que me impressionava. A gentileza. E depois eu andei muito nos morros para ensinar a escrever, ensinar a escrever, ensinar. Aí já uma ação católica de esquerda que era... chamava-se Ação Proletária, não me lembro mais como é que era.

PG – Era AC? Ação Católica?

CF – Não. Não era ação católica. Chamava-se não sei o quê... Tinha sido fundada por um francês. Então você tinha algumas igrejas em que você ensinava português. Uma vez por semana a gente ensinava português e uma vez por semana você ia visitar as famílias e ver como é que era.

NB – Mas a origem disso era uma sociedade, uma igreja ou...

CF – Não, isso era um padre mesmo. Nem era padre. Foi um fran... Da minha parte foi, inicialmente, foi o fato de que eu tinha curiosidade de saber como é que era. Depois veio este Garric, Robert Garric, chamava-se *Groupement Opéraire* quer dizer, era só de operários. Então, a gente ia a certas igrejas, que os vigários tinham aceitado, e não havia mais de 50 pessoas. E nós tínhamos, 3 vezes por semana, de dar aulas de português, ensinar português, e com isso, como você não podia deixar de entrar em contato, fazer amizade etc., as pessoas convidavam para ir à casa deles. Então a gente ia. Eu fui muito ali àqueles morros de Catumbi, ali no São Carlos. Acho que o Salgueiro é por ali.

NB – Salgueiro?

CF - Não sei.

NB – Não.

CF - Porque a igreja em que eu trabalhei é uma igreja que fica pertinho do cemitério do Catumbi. Depois também teve uma coisa, houve uma coisa que me levava muito ao povo, que é o fato de que eu me misturava, eu ia muito assistir carnaval, pré-carnaval, batalha de confete etc. Então lá você fazia amigos, amizades etc. e como eu nunca distingui as pessoas nem pela cor nem pela religião nem pela raça, só pelo sexo. (risos)

NB – Mas o senhor gostava de carnaval, o senhor frequentava baile de carnaval, essas coisas assim?

CF – Depois que eu comecei a faculdade de medicina sim. Antes não. Não, eu ia, por exemplo, ia muito à gafieira. E havia uma rivalidade, uma respeitabilidade na gafieira que eu não sei se hoje existe. Se o sujeito começasse a dançar de uma maneira menos, apertar mais etc... Aí eu me lembro muito de um amigo meu lá em Manguinhos, que eu não vou dar o nome, estava, um! (aperto) estava grudando a mulata, não sabe, e aí o leão de chácara, chegou: “Sopara, moço, sopara”. E ele custou muito a entender que ele queria dizer separa. “Sopara, moço.” Era “separa”. Ele pensou que fosse para parar, mas não era não. É o respeito. Acabava o negócio, separava, não ficava conversando.

PG – Agora, a preocupação com a questão da favela, do morro, isso é um tema que só surge mais no final da década de [19]20, [19]30 mesmo, não é?

CF – Eu acho que nem isto. Ela vem surgir mais tarde. Nós tínhamos, por exemplo, uma escrava de minha avó que morava numa favela. Minha mãe, e ela tinha uma rendinha pequena e ela entrava... Até conto isso porque é muito interessante. Ela vinha impecavelmente de branco, umas baianas, não sabe, cabelo branco etc., e a gente perguntava... Ela dizia assim: “Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.” “Você como é que vai?” “Estou bem.” Você sabe que nunca nós conseguimos dar dinheiro a ela. Quer dizer, conseguiu-se dar dinheiro, mas ela nunca chegou assim, por exemplo, disse assim: “Estou com o aluguel atrasado.” Nunca. Mas era muito simples. Porque havia entre o pessoal da favela uma solidariedade total. E é até muito engraçado porque uma vez minha mãe perguntou a ela: “Carlota, você não precisa de nada?” “Não preciso de nada, não”. “Mas você não precisa de nada, nada?” “Não preciso de nada, nada, não.” Então ela disse assim: “Mas como?” “Não, porque quando eu estou mesmo precisada de alguma coisa eu aporrinho Nossa Senhora e aí tem, aí consigo.” (risos) Fantástico! É muito difícil, muito difícil mesmo você fazer a comparação do Rio antes e depois do Getúlio Vargas, que é a grande divisão de águas. Por quê? Porque nós tínhamos um grupo de sociólogos que eram muito elitistas e que realmente nada representavam intelectualmente. Um ou dois e tal. E eles eram muito mais panoramísticos do Brasil do que detalhistas. A sociologia que começou depois, nos anos de [19]40 e [19]50, essa ao contrário, ela analisa, mas analisa, mas quer analisar muito o passado em relação ao que é no presente. Nós não temos dados suficientes do passado. Você vê o seguinte, em Saúde Pública, como é difícil você encontrar estatísticas corretas, dados corretos, descrições... (FALHA NA FITA) você... eu sou de opinião em que, numa certa época em que eu examinei esse problema de perto, os sujeitos viviam melhor na favela do que nas casas de porco. Sabe o que é casa de porco? Você vem do norte, talvez não saiba. São essas grandes casas que vão caindo, vão caindo, vão caindo e depois... Eu tenho, por exemplo, uma empregada nossa, que foi empregada nossa, que nós mantemos ainda, mas que não trabalha mais porque tem um filhinho e tudo, essa moça mora num quarto de 3 metros quadrados, com o filho e o marido, que chega bêbado todo sábado e domingo, é dia de bebedeira. No resto, aliás, ele é copeiro num restaurante. Sábados e domingos ele bebe. No resto ele é tranquilo. São mais ou menos umas 60 ou 70 pessoas que moram nessa casa onde só tem um banheiro no qual falta água. Na favela pelo menos, o sujeito pode fazer pipi no chão, pode... É ou não é?

NB – A terra absorve.

PG – Eu fiquei com uma curiosidade porque o senhor estava tratando da questão do negro, em épocas diferentes retratam, lembrou o Fluminense. Em Manguinhos havia discriminação aos funcionários pretos?

CF – Nenhuma. Basta ver a popularidade, a coisa do Venâncio ou do Nico, por exemplo. Evidentemente eles não sentavam à mesa dos patrões, mas não havia. O que havia [sido] implantado pelo Oswaldo Cruz, era uma disciplina de trabalho muito grande. Isto não há a menor dúvida. Aquele pessoal do Oswaldo, Oswaldo Cruz, o Giulio, que eu sempre falo – até preciso saber o nome dele. O Giulio era um mecânico extraordinário. Sete e meia você

chagava lá, ele já estava. Cinco horas ele estava trabalhando, antes de sair. E isso a casa dobrou muito, muito, muito bem. Você precisa ver também o seguinte, é que até 1930, até a vinda do Getúlio, - eu não estou falando mal do Getúlio não, eu estou marcando porque é uma época, - os ordenados de Manguinhos eram poucos, pequenos, hoje, mas a pessoa podia viver com os ordenados de Manguinhos, inclusive os funcionários. Meu pai sempre viveu com o ordenado de Manguinhos. Nunca fez clínica. Quando ele foi diretor de Saúde Pública, com o Arouca é hoje, e acumulou o posto, ele deixou de receber o de Manguinhos. E aquilo dava para viver. E nós não tínhamos por fora não, coisa nenhuma.

NB – Eu queria voltar a duas coisas. A primeira é sobre o Rio de Janeiro antes e depois do Getúlio. Eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho sobre isso, que gente vai encaminhando para o Instituto, pra chegar lá quando a gente estava falando sobre a visão... Quando eu perguntei sobre a visão social do Instituto é que gerou essa...

CF – Eu acho o seguinte. Até o Getúlio o Brasil era governado pelos homens do Império. Todas as grandes figuras políticas no Brasil, 1930, você toma, por exemplo, meu sogro, o Afrânio de Mello Franco, o Altino Arantes, que tinha estado com meu pai, era homem de 50, de 60 anos. Porque, se o Império acabou em [18]88, a influência das escolas, dos colégios secundários, a existência do Pedro II, que foi o maior formador de elite, essa continuou, não desapareceu imediatamente. Então, quando vem o Getúlio, vem uma transformação. A transformação havia sido preparada pelos tenentes, evidentemente. Havia sido preparada também pela intransigência primeiro do Bernardes, e depois de Washington Luís, mas havia... E havia uma coisa muito importante para... Eu não estou nem saudosista, nem a vantagem nem a favor. O que eu quero dizer apenas é como eu vejo a coisa. E havia uma regularidade de finanças muito grande. O primeiro choque que o Brasil teve foi em [19]30, com o negócio da...

NB – Da Bolsa.

CF – Da Bolsa. Mas nós tínhamos aquela coisa, nós vendíamos café e o café dava para tudo. Me lembro muito de um colega meu de turma, ele disse para mim: “Eu vou estudar medicina porque, você sabe, depois eu arranjo um emprego desses que a gente só tem que ir de manhã, a gente ganha 400, 500, e com isso a gente vive perfeitamente.” Aluguéis de casa no Rio custavam 200, 100, 100 cruzeiros. O Rio de Janeiro era cheio de avenidas. Hoje você encontra muito poucas. Aliás, eu gostaria muito que nós fossemos um dia tirar uma fotografia da casa que foi meu colégio, que ainda está pronta, que ainda existe. E de repente veio o Getúlio. Com o Getúlio, por exemplo, aquele hábito de que os cargos em confiança eram mesmo os cargos permanentes, quer dizer, havia dois ou três cargos de confiança. Por exemplo, o sujeito que era chefe do departamento, chefe da divisão de pessoal, chefe da divisão de orçamento de um ministério, ele continuava, qualquer que fosse o ministro. Tinha uma continuidade. Quando começou o negócio do Getúlio, primeiro começaram as reformas; segundo começou a construção, o *boom* da construção. Com todas as vantagens e as desvantagens. A necessidade da construção, porque a população ia crescer, estava crescendo, e a coisa que não havia projeção. Você vê que os edifícios feitos entre 1930 e 1940, os médios estão caindo aos pedaços, não estão valendo nada. E já há muitos que foram destruídos e tudo. Por exemplo, o apartamento do Lutz, na Av. Atlântica, do Walter Lutz, na Av. Atlântica, há muito tempo que já foi mudado. Depois aconteceu

assim um, quer dizer, havia uma fidelidade política. Nesse sentido de que o sujeito fazia parte ou do PRM ou do... Ou então entrava em oposição. Mas havia um respeito, por exemplo, pelo adversário, muito grande. Isso tudo era uma coisa, vamos dizer, de educação. Pode-se até dizer que é uma coisa elitista. Isso acabou completamente com o Getúlio, porque o Getúlio trouxe consigo, a não ser o Oswaldo Aranha, que era uma grande figura, que eu conheci muito bem, ele trouxe consigo uma série de homens chucros, não sabe, acostumados a andar no pasto. Teve um deles que eu conheci muito bem, vou te dizer isto, que não usava papel higiênico. Você já imaginou? Durante a campanha da Aliança Liberal, aquele sujeito, não, não usava papel.

NB – É que ele devia ser lá da fronteira do Rio Grande do Sul, que não se usa. (risos)

CF – Exatamente. Da fronteira. Uma coisa incrível. Bom. E aquilo chocou muito a sociedade que estava habituada... De outro lado, o que havia, uma característica fundamental, que eu vejo desaparecendo, é o bom tratamento do empregado. Eu, na minha vida, não me lembro, até recentemente, de ir a casas sociais importantes onde não houvesse um empregado da família e esse empregado era realmente tratado como da família; recebia todas as vantagens, deixavam apartamentos para eles, compravam apartamentos para eles. Isso acabou completamente, quer dizer, eu não estou dizendo que seja uma vantagem, estou dizendo que é um fato.

NB – O senhor está considerando assim, quer dizer, esse mundo patriarcal, ele acaba em [19]30, para o senhor, com esse processo que começa em [19]30, não é?

CF – Não, não acaba, quer dizer, começa... O fim começa em [19]30.

NB – É um processo de industrialização e modernização. Eu ia lhe perguntar uma coisa. O senhor está falando da estabilidade política. Mas também era, Dr. Chagas, uma sociedade, um Estado muito restrito, não é? É um Estado com pouca participação política. O senhor está falando da estabilidade, do partido mineiro... Os PRs, que dominavam a República Velha.

CF – Eu acho que havia muito menos vida política do que no Império. Quer dizer, em Minas, o PRM, em São Paulo, o PS...

NB – PRP.

CF – P. E pronto, e acabou. Havia umas certas tendências à ebulição, lá no Rio Grande do Sul, o norte era todo dominado pelos barões e havia isto. Eu sempre fui da oposição, porque eu pertenci a todas as oposições no Brasil.

NB – Ah é? Quais foram as oposições que o senhor pertenceu?

PG – Eu queria inclusive que o senhor falasse nisso aí também, porque o senhor durante a escola faz da organização estudantil, tem uma participação nesse sentido.

NB – Da Aliança Liberal também, eu não sei se o senhor participa?

CF – Participei da Aliança Liberal. Meu pai foi preso por minha participação na Aliança Liberal.

NB – Ah, é?

CF - Como eu me inscrevi no grupo de São Paulo, [...] quando ele chegou aqui, na última viagem que ele fez, que eu acho que foi em [19]29 não, já era o... Em [19]30. Quando ele chegou aqui em [19]31 ele foi preso. Mandaram buscá-lo na prisão. E a denúncia foi do Belmiro Valverde, baseado no fato de que eu teria passado informações ao pessoal de São Paulo. Não me lembro bem, passado informações ao pessoal do governo, do governo Washington Luís. Isso foi no tempo do Washington Luís. É no tempo do Washington Luís.

PG – Do Washington Luís.

NB – Então não é [19]31. O senhor falou...

CF – Em [19]30.

NB – Ah, sim, estaria reportando as suas ligações com o governo Washington Luís, seria isso?

CF – É... Porque não era verdade, absolutamente. Mas utilizaram isso para... Depois em [19]39...

PG – Só para... Como é que foi esse momento da prisão? Ele ficou detido mais tempo? Horas?

CF – Não, ficou detido meia hora. O Oswaldo Aranha interveio e o Afrânio de Mello Franco interveio, que eu não conhecia, aliás, e tiraram ele imediatamente. Ele saiu a bordo, com uma lancha, pegaram ele e trouxeram para a polícia central. Mas aí...

NB – Estava pensando se já existia o DOPS nessa época?

CF – Não existia não.

NB - Não.

CF – Não. Era a 4ª Delegacia... Chamava-se 4ª Delegacia. E que durante muito tempo o quarto delegado era sempre um advogado de grande fama. Era o pai do Nascimento e Silva, que era muito amigo de meu pai também.

NB – Mas as acusações que o Belmiro Valverde fez era de que o senhor tinha ligações com o Washington Luís, o senhor estava dizendo isso.

CF – Mas dizendo que era meu pai.

NB – Sim.

CF - O que não era verdade. Depois, quando houve a revolução, eu fiquei do lado do Getúlio. Tive tanto contato com os revolucionários que eu passei o dia 24 de outubro, não sei se foi o dia 24 de outubro, eu sei que foi um dia, até eu descrevi o Antônio Carlos – o dia em que o Washington saiu foi dia 24 de outubro, exatamente, eu passei o dia inteiro no Palácio Guanabara. Eu morava ali perto, então... Depois, quando veio a revolução de São Paulo, contra o Getúlio, constitucionalista, eu fiquei a favor também.

NB – De quem? Da revolução?

CF – Da Revolução. Até dei meu anel de formatura, de esmeralda, para São Paulo.

NB – Para São Paulo.

CF - Constitucionalista. E...

NB – Agora, deixa eu lhe perguntar uma coisa. O senhor em [19]32 está a favor de São Paulo e em [19]30 estava a favor do Getúlio. Por que? Por que o senhor mudou?

CF – Eu mudei.

NB - O senhor chegou a participar de movimentação da Aliança Liberal, quando o senhor era estudante, nessa época?

CF – Sim. Muito. Muito.

NB – O senhor não quer falar um pouquinho desse seu engajamento na Aliança Liberal aqui?

CF – Bom, meu engajamento era participar, conversar, mas eu nunca tive uma ação, eu nunca fui presidente de diretório, nada disso.

NB – Sim, é que o Gadelha mencionou isso, não é?

CF – Quem mencionou?

NB – Gadelha.

PG – É. Porque a minha pergunta era essa. Que alguém tinha comentado que o senhor teve uma participação, enquanto estudante ainda, no diretório.

CF – Isso sim. Fiz parte do diretório, dessas coisas todas. Sempre tomei parte ativa nessas coisas.

NB – É. O senhor disse que era de oposição.

CF – Oposição sempre. A minha oposição ao Getúlio começou com as nomeações que ele começou a fazer. Começou também, aí é uma coisa pessoal – com a influência que exercia sobre ele o Belisário Penna e o Cardoso Fontes. Começou também quando eu vi que ele procurou de todos os modos diminuir a ação de meu pai. Você sabe que chegaram a cortar a verba de representação da direção de Manguinhos. Essa verba consistia em um conto de réis e um automóvel. E as duas coisas foram cortadas.

NB – A que o senhor atribui isso?

CF – Você sabe o seguinte... Atribuo à inveja, essencialmente à inveja. E alguns, talvez, que tivessem, ainda, resquícios do fato de ele ter trabalhado com o Artur Bernardes. Mas os grandes inimigos do meu pai no fim da vida dele, não foram os que fizeram a campanha da Academia não, foram os jovens turcos, a começar pelo Barros Barreto, J. P. Fontenelle, Eder Jansen de Mello, que tinham contra meu pai nada, foi meu pai que tinha feito todos, mas que queriam tomar conta de tudo. E queriam eliminar da História da Saúde Pública o nome do meu pai. Ainda outro dia eu conversei com a...

PG – Eliana [Labra] Professora da ENSP].

CF – É. E eu acho que ela pensa bastante como eu.

PG – Isso é interessante porque com [19]30 esse pessoal vai estar alijado dos cargos mais importante. Agora, quando você chega depois na fase seguinte, que é justamente depois de [19]34, depois da morte de Carlos Chagas, é que eles começam a assumir postos, na estrutura do Departamento Nacional de Saúde. Barros Barreto, o Fontenelle também, o Fontenelle, o Jansen. Agora, o senhor não diria, quer dizer, que em termos de projeto de organização um pouco mais efetivo da saúde pública, um caráter mais moderno de organização, o seu pai e esse grupo, num primeiro momento, não estariam mais afinados com essa ideia do Getúlio de renovação do Estado, de modernização da máquina do Estado?

CF – Getúlio não tinha a menor ideia sobre saúde pública. E vou dizer a você porquê. Uma das únicas vezes que eu fui ao Getúlio, eu fui com o Artur Orsay. Contra minha vontade e o Orsay contra a vontade dele, mas tinha convidado... Orsay tinha sido expulso pelo Perón e eu tinha conseguido trazer o Orsay para fazer conferências aqui. E o Orsay, um amigo comum, insistiu para que o Orsay fosse visitar o Getúlio. E o Orsay disse: “Eu só vou se o Carlitos for.” E eu fui. E ficamos calado, ali, eu fiquei calado, e aí o Orsay foi envenenando. “Este puto”, você desculpa, “este puto”, “dictador terrible”. E eu calado. Entramos, o Getúlio veio lá para a sala e disse: “Ah, Dr. Orsay, que prazer!” Falando espanhol muito bem. “Que prazer em estar com o senhor e tal, o senhor não sabe a admiração que eu tenho pelo seu país. Tanto assim que a minha primeira medida como presidente foi mandar o Dr. Pedro Ernesto, o que nós temos de saúde pública, temos um sistema de hospitais...

Fita 7 - Lado B

CF - Para fazer um sistema igual ao daqui. Quer dizer, saúde pública para o Getúlio... mas isto nós não podemos culpá-lo, porque isso era a mentalidade do Brasil. A grande frase do Miguel Pereira, foi uma frase que fez mal. “O Brasil é um grande hospital.” Quando você fala em hospital, você não... O homem medíocre pensa logo em hospital, nos muros etc. Então, para o Getúlio, saúde pública era assistência hospitalar. E foi, você vê que ele fez muita coisa, tudo isso foi feito por ele. Mas a ideia de um... Ele tinha, enfim, tudo na mão para fazer o...

PG – A Universidade.

CF – Não, para fazer o ministério da Saúde. E não fez. Era ministério da Educação e Saúde.

NB – Mas aí, eu ia lhe perguntar, será que por aí também não havia uma divergência em relação a seu pai?

CF – Já não mais porque meu pai...

NB – Porque o senhor falou em inveja, que essa perseguição...

CF – Mas qual era a ideia de saúde pública do meu pai?

NB – Pois é, exatamente, isso que eu queria perguntar.

CF – A ideia de saúde pública de meu pai, que aliás está aqui muito bem escrita pelo Maneco Ferreira, é de você dar os serviços de assistência médica geral aos municípios. Naquela ocasião ele falava em estados. E o governo federal ficar apenas com os projetos verticais. Lepra, tuberculose, ancilostomíase, doença de Chagas, malária, enfim, aquilo que era comum ao Brasil. Porque ele sustentava e sabia, puxa como sabia, que a doença é particular, quer dizer, que o estado de saúde é particular a cada ecologia, a cada... não é? Então, hoje nós passamos isso para o município, eu, pelo menos, passo isso para o município. Não sei qual é a ideia do Arouca, mas acho que deve ser a mesma, não é? Então, os grandes problemas herdados pelo estado, problemas diurnos, cotidianos, mais simples, talvez até mais custosos, seriam tratados localmente. E ele fez isso, mandando inclusive, um camarada chamado Barros Barreto para ser o representante do ministério na Bahia. José Antonio Barros Barreto.

NB – E a respeito, só um pouquinho, Gadelha, e a respeito das ligações de seu pai com essa elite dirigente da República Velha?

CF – Meu pai tinha muito boas amizades com os mineiros, dos quais ele conhecia muito poucos, mas que como bons mineiros tinham por ele a admiração de o maior homem que tinha saído, homem de maior projeção internacional que tinha saído. De modo que, eu os vi muito pouco em minha casa, por exemplo, mas ele não tinha a menor dificuldade de

telefonar para qualquer um. Wenceslau Brás, o outro, o Antonio Carlos, o Antonio Carlos era mais amigo dele porque eles tinham convivido em Juiz de Fora. Telefonavam e viam-se etc. e ele sempre fazia o que ele pedia. Sempre teve o apoio da bancada mineira.

NB – Do PRM.

CF – Não, mesmo...

NB – Indistintamente.

CF – Indistintamente. Como também das bancadas nortistas.

PG – O senhor lembra assim quais foram as questões mais importantes que tiveram repercussão parlamentar? O senhor diz que ele tinha apoio das bancadas, quer dizer, como é que se manifestaram oficialmente esses apoios?

CF – A questão mais importante foi quando ele conseguiu prorrogar o tempo de privilégio da produção das vacinas de Manguinhos e manter a verba própria.

NB – A independência de Manguinhos.

CF – A independência de Manguinhos.

NB - Quando foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública. É disso que o senhor está falando?

CF – Não, não. Manguinhos tinha uma verba própria...

PG – Da verba própria, da venda das vacinas.

CF – Essa verba ia se extinguir por quê? Por duas razões: primeiro, porque o período de privilégio, que seria 25 anos, vamos dizer assim, ia acabar e o meu pai conseguiu aumentar por mais 20 anos, não sei. E outra coisa, quando veio o governo do Getúlio, e veio o DASP, o DASP resolveu que não podia, nenhuma instituição podia ter verba própria, tinha que ser recolhida ao Tesouro. Aí ele conseguiu manter a verba própria do Instituto.

NB – Mas eu me referia, houve uma pequena confusão, eu me referia quando foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, a um projeto que incluiria O Instituto Oswaldo Cruz, aliás, subordinado o Instituto ao Departamento. E eu não sei, parece que é seu pai e mais outras pessoas que lutam, e o decreto sai realmente sem o Instituto, lutam para que o Instituto permanecia ligado ao ministério da Justiça, independente do Departamento Nacional de Saúde Pública.

CF – Duas coisas. Isso foi meu pai que fez porque foi ele que fez o Departamento Nacional, todo era ele. Segundo, havia sujeitos lá no Departamento Nacional de Saúde Pública que queriam muito se apropriar do Instituto. Que eram funcionários administrativos.

PG – Quem eram?

CF – Eu já me lembro já do nome deles. Agora, tanto o Instituto, o Instituto... O departamento também dependia, na ocasião, do ministério da Justiça e Negócios Interiores. Tanto que as maiores dificuldades que meu pai teve na administração foi com um ministro mineiro, João Luís... João Luís... esqueci agora. Depois veio o Viana do Castelo e quando João Luís...

NB – É o ministro da Justiça a que o senhor está se referindo? A gente procura depois.

CF – Quando ele foi feito ministro do Supremo Tribunal, veio o Viana do Castelo e aí não houve mais dificuldade, que também era mineiro.

NB – Você ia perguntar alguma coisa sobre isso?

PG – Não. Mas o senhor se referiu à prorrogação do privilégio da verba própria e à questão do DASP. Essas questões tiveram um embate parlamentar, tiveram repercussão na imprensa?

CF – A questão da manutenção da verba interna foi obtida no parlamento, isso eu não tenho dúvida, mas com muito pouca repercussão no... Porque já aí tinha desaparecido um pouco aquela onda contra meu pai. E os anos do Washington Luís foram anos muito favoráveis ao Barros Barreto porque o Clementino Fraga, que era diretor de Saúde Pública, que substituiu meu pai, e que era uma pessoa do mais alto grau, tinha uma coisa: ele não era sanitário. Então, quem comandou realmente foi o Barros Barreto.

PG – Barros Barreto.

NB – E a prisão do seu pai também estaria, quer dizer, o senhor falou do Belmiro, mas o senhor acha que haveria mais alguém interessado em incriminá-lo?

PG – Cardoso Fontes e Belisário Penna têm alguma interferência nessa...

CF – É muito difícil dizer. A única que eu conheço é a do Belmiro Valverde.

NB – Belmiro.

CF - E foi logo depois da revolução.

NB – O seu pai era a favor da revolução?

CF – Era. Muito. Mineiro. Todos os grandes mineiros eram a favor da revolução. Realmente o Washington Luís tinha exagerado na sua desatenção com os políticos. E a campanha tinha sido muito ruim. Era muito difícil.

PG – Eu ia perguntar o inverso. Não a repercussão dessa questão de Manguinhos para fora, mas como é que esse jogo político, essas relações externas entravam no cotidiano de Manguinhos? Era uma coisa que era assunto diário de Manguinhos, os grupos se organizam...

CF – Isso discutia-se pouco, naturalmente, pela minha presença. Mas havia um grupo nitidamente contra meu pai. Que se formou e era um grupo muito forte.

NB – O senhor quer nomear esse grupo?

CF – Posso. Cardoso Fontes, Aragão, Cesar Guerreiro, Dutra e Silva. Esses eram os mais fortes. O Lauro Travassos fazia restrições, mas também apoiava, não tinha. E era um homem assim muito honesto. O que mais apoiava era o grupo Carneiro Felipe, o Area-Leão, Olympio da Fonseca, Machado. Esse é que era o grupo mais próximo a meu pai. Souza Araújo.

PG – Agora, esses grupos aí se organizavam em torno da questão política ou se organizavam também em torno da questão interna do Instituto? É isso que eu queria saber. Quando o senhor fala do Area-Leão, Carneiro Felipe etc., há uma identidade também política nisso ou uma identidade mais interna do Instituto?

CF – Eu acho que se você chama identidade interna apoio ao diretor, isso é que prevalecia. Prevalecia sim.

PG – Agora, já o Cardoso Fontes e o Belisário Penna, eles tinham ligações com os gaúchos e a questão do positivismo.

CF – Não, Belisário Penna foi diretor de Saúde Pública ou diretor, enfim, uma pessoa muito de frente em todo o governo Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul. No momento em que... Porque ele foi amigo íntimo de meu pai. Era escandaloso ele com meu pai, tal os elogios e coisas que ele dizia. Depois eles brigaram porque ele queria ser diretor do chamado Departamento de Endemias Rurais e o meu pai nomeou o Lafayette Rodrigues de Freitas. E me disse um dia: “Não é que o Lafayette tivesse mais competência; é que é um homem muito mais simples, muito mais calmo, incapaz dos arrebatamentos do Belisário.”

PG – A gente podia aproveitar e o senhor podia fazer um pouco a retrospectiva da trajetória do Belisário e do seu pai antes do rompimento. Porque seu pai participa inclusive de expedições onde o Belisário está presente. Quer dizer, há uma proximidade muito grande até esse momento, será que dá para fazer essa...?

CF – Bom, o Belisário esteve em Manguinhos, estava em Manguinhos com meu pai, esteve com o meu pai no norte e acompanhou meu pai... E mesmo durante a campanha na Academia ele esteve com meu pai, durante um certo tempo. E eu lembro dele almoçar lá em casa todo domingo. Eu me lembro disso porque os primeiros palavrões que eu ouvi na minha vida, foram ditos pelo Belisário na mesa. Coisa que me causava um choque danado, sabe?

PG – Ele era um tipo assim gaúcho mesmo, não?

CF – Era um tipo explosivo. Ele não era gaúcho não, ele era mineiro, mas era um tipo... Ele era sobrinho do Afonso Pena, mas era um tipo explosivo. Gritava, batia na mesa, bebia para burro. Naquela ocasião, mesmo meu pai vivendo do salário dele, podia-se inclusive tomar vinho francês aos domingos.

PG – É, porque chama atenção isso. Uma relação muito antiga e muito intensa, e que quando um episódio se rompe passam a se tornar inimigos até o final da vida de seu pai. Eles não se reconciliam depois?

CF – Eu acho que se reconciliaram em parte. Inclusive o Aragão, que passou muito tempo sem falar com meu pai, se reconciliou com ele. Quem eu acho que não se reconciliou com ele foi o Cardoso Fontes.

NB – O senhor sabe das ligações do Belisário com os tenentes?

CF – Como?

NB – Com os tenentes?

CF – Não.

NB – O grupo que faz [19]22, [19]24.

CF – O Belisário não tinha, em [19]22, [19]24, a importância que ele veio a ter depois. A importância do Belisário surge quando meu pai deu a ele o estribo, não é, e depois com o Getúlio.

NB – Pois é, essa ligação. O senhor está dizendo que ele tem ligação com o Afonso Penna, ele é sobrinho do Afonso Penna, e ele vai ter essa ligação com o Getúlio depois em [19]30. Como é que se dá isso? É via Aliança Liberal?

CF – Não. Porque ele foi para o Rio Grande do Sul... Não sei nem se ele não foi num posto do Departamento de Saúde Pública, fazer profilaxia de verminose lá. E era governador o Getúlio. E aí ele ficou muito íntimo do Getúlio.

NB – Hum... A ligação foi por aí.

CF – Ele era muito atraente, sabe.

PG – Belisário?

CF – É. Naquela meia língua, naquela maneira de se expressar. Ele tinha muita atração.

NB – Brilhante? Inteligente?

CF – Brilhante. Brilhante. Muito inteligente. Muito.

PG – Mas isso ficou marcado no senhor, não é, porque eu lembro assim quando o senhor fala em Carneiro Felipe, o senhor fala muito assim e descreve com muito gosto...

CF – Mas foram pessoas com quem eu tive contato muito íntimo. Meu contato com Belisário era um contato indireto. A não ser nessa ocasião, que eu era menino, e ele ia almoçar lá em casa, nunca mais eu tive contato com ele. Mas o que eu me lembro dele, ele era uma pessoa atraente.

NB – Eu queria voltar um pouquinho lá para os grupos. (...)

CF – Que horas são, hein?

NB – 4 horas e 10 minutos. Eu ainda tenho uma coisa a perguntar. Para a gente voltar um pouquinho atrás, falar sobre os grupos no Instituto. O senhor disse que... O Gadelha falou que havia uma identidade, quer dizer, há uma divisão de grupos que passa por questões internas da instituição, não passariam por ligações políticas externas. Dá para dizer isso assim? Afirmar essa suposição do Gadelha?

CF – Eu acho que sim, pelo menos nesse tempo moço, que dizer, até a revolução de [19]30. Sabe que os grupos esquerdistas não existiam no Brasil. Havia, por exemplo, vários grupos, mas que eram formulados por interesses de... intelectuais. Por exemplo, o grupo de Zoologia Médica, o Cesar... Como é que ele chamava mesmo? Cesar... o... Costa Lima.

NB – Cesar Pinto?

CF – Cesar Pinto, Costa Lima, o...

NB – Travassos?

CF – Talvez o Travassos. Eram muito ligados pelos interesses comuns que eles tinham. Havia um grupo assim de mais de patologia... Hoje seria patologia moderna, que era o Júlio Muniz, imunologista, o...

NB – Marques da Cunha?

CF – Não, o Astrogildo Machado, enfim, 4 ou 5 que... O Miguel Osório, que era o homem das novidades científicas permanentes, não sabe? Esse é realmente... Eu estou falando realmente da geração de cima, porque também tinha pessoas menos importantes embaixo. Por exemplo, uma pessoa que eu não falei ainda, mas que era uma pessoa extraordinariamente importante pelo seu conhecimento, era o... Trabalhou no Instituto de Tecnologia, que foi das primeiras pessoas a fazer fermentação no Brasil. O Guerreiro de Faria. Era um homem de uma grande importância intelectual. Porque nós podíamos – e isso eu estou dizendo reservadamente, não é? Na minha opinião eu podia fazer desses antigos, podia fazer uma escala. Uma escala de, vamos dizer, de valor intelectual, escala de valor científico e uma escala de valor humano. Eu diria que na escala de valor científico, brilho

etc., você tinha Miguel Osório, você tinha Carneiro Felipe, você tinha o Astrogildo Machado, ah, meu Deus do céu!

NB – Costa Lima.

CF – Costa Lima era, mas o Costa Lima, já entra como pessoa principal nos valores humanos, sabe. Costa Cruz. Você tem o... Que eram homens, vamos dizer, intelectualmente acima da média. Depois você tinha a normalidade do bom cientista. Aragão – que o filho ele não me escute dizer isso.

PG – Ele o mata.

CF - Tinha o Area Leão, Olympio da Fonseca...

NB – Lauro? Não.

CF – Lauro Travassos. O Olympio da Fonseca...

PG – E Magarinos Torres?

CF – Está nessa categoria. Homens muito trabalhadores, muito dedicados a Manguinhos, mas que não tinham realmente assim o brilho da originalidade, quer dizer...

NB – O Lutz estaria no primeiro grupo?

CF – Ah, o Lutz é *hors concours*.

NB – *Hors concours*.

CF - Muito difícil. Como na geração moderna o Walter era *hors concours*. E depois você tem aqueles que realmente com um valor humano extraordinário e também com valor científico. Costa Pinto, por exemplo, Costa Pinto não, o Costa Lima era sem dúvida o melhor especialista em mosquitos do Brasil. Mas não era um... Ele era um sistemata. De modo que você não pode saber mosquitos sem conhecer os livros dele. Agora, era o humano dele, a pessoa dele, a maneira dele tratar a gente, o contato que ele fazia com as pessoas era número um, não tinha nada comparável. A melhor coisa do mundo era você tomar um café com ele. Ele era ri... Contava piadas, contava casos científicos, discutia política, tinha cultura. Era um homem extraordinário. Muito namorador, contava as aventuras dele, muitas vezes nem sei se eram verdadeiras ou não.

PG – Essa coisa do namorador, quer dizer, é uma coisa interessante porque tem alguns nomes, como o Evandro Chagas, o próprio Walter, e o senhor, de vez em quando, sem falar muito abertamente, mas fala da coisa da gafeira, da ida a um pouco da festa, um pouco da farra, quer dizer, isso fazia parte do espírito da época, quer dizer, era uma coisa comum que invadia esse meio científico.

CF – É o seguinte. Eu, por exemplo, essa parte boemia, eu fechei quando eu me casei. E aí há duas razões fundamentais. A primeira porque eu me casei, e segundo porque boemia e ciência não dá, não é? A boemia máxima que nós fazíamos era ir tomar um chope, tomar um drinque, tomar um Martini depois lá no (incompreensível) ou no... a princípio era sempre no Avenida Central, mas às vezes nós íamos ao (incompreensível) também, que era um restaurante que tinha um bar, na rua da Assembleia, mas acho que isso é uma coisa muito variável, sabe. Varia muito de pessoa para pessoa. Quer dizer, Evandro era um homem que tinha tido uma infelicidade terrível no casamento.

PG – No casamento.

CF - Porque comentar... Quer dizer, ele era um homem muito bonito. Evandro era um homem atraentíssimo.

PG – É. Parece. As fotografias.

CF – Você não pode imaginar! O mulherio todo dava em cima dele, mas ele casou com uma moça e essa moça obrigou-o a despesas muito grandes. Ele instalou um aparelho de Raios-X, um eletrocardiograma para poder sustentar, porque ela gostava de sociedade. Depois eles se separaram. E isso foi um choque para ele. Ele aí, com a beleza dele, ele foi amado por várias mulheres. Eu tenho cartas dele de moças, inclusive solteiras, que naquela ocasião nem se podia imaginar, que escreveram a Evandro de uma maneira fantástica. E eu acho que Evandro as amou todas, na expressão de Vinícius “o amor é eterno enquanto dura.” Quantas vezes eu encontrei pessoas que caíam nos meus braços pela morte do Evandro, chorando. Umas três ou quatro vezes. Recebi cartas do norte. Por isso eu dizia que ele tinha uma noiva em cada porto, em cada... mas ele tinha uma coisa, o seguinte ... E ele, como você sabe, 5 horas, 5 e meia, começava a tomar uísque.

PG – É.

CF - Depois de manhã acordava às 6, todos os dias, tomava café com queijo derretido, que é uma coisa horrível, e às 8 horas em ponto ele estava no trabalho onde ele ficava até às 5.

PG – Então havia uma disciplina grande, junto com a boemia, era bem separado o trabalho e a...

CF – Era.

NB – Eu queria perguntar ao senhor sobre um episódio...

PG – Eu me atrevia a fazer uma pergunta que faz parte do folclore... É verdade que houve uma manifestação no Pará depois que o Evandro, depois da morte dele, que o bairro boêmio faz uma espécie de luto com a morte dele?

CF – Eu ouvi falar, eu ouvi falar. Agora, as maiores boemias dele passaram-se em Fortaleza.

PG – Fortaleza?

CF - Em companhia de Manuel Ferreira. E tinha um clube lá onde eles iam e uma vez, num baile, eles foram proibidos de entrar e eles entraram assim mesmo e aí... É muito engraçada essa história. Eu me lembro mais bem, mas há gente que lembra.

PG – E o senhor não lembra qual era o clube lá?

CF – Tem até o retrato dele, é o clube principal de Fortaleza.

PG – O Ideal Clube?

CF – Não, não. É um na praia.

PG – Náutico?

CF – É um clube só social. Não é de... Eu fui lá. Tem uma placa enorme dele.

PG – O Jangada Clube.

CF – Jangada Clube.

PG – É. O Jangada era um clube que era residência pessoal, inclusive como, era de um primo do meu avô.

CF – Fernando.

PG – É. Fernando Pinto. Nós tínhamos uma casa ao lado. Então ele costumava reunir muito assim intelectuais e Orson Welles ficou lá. E ele não só reunia como às vezes as pessoas ficavam morando no Jangada durante um tempo, e eu não sabia que o Evandro... (risos)

NB – Tinha sido barrado no baile.

PG – Teria sido barrado no baile. (risos)

CF – E conseguiu entrar depois. Isso foi brincadeira do Fernando, eles eram amigos íntimos, ele e o Fernando Pinto.

PG – Ah eram?

CF – Eram. Isso tudo foi de safadeza, de brincadeira.

PG – Interessante.

CF - Acho que Evandro se vestiu de bombeiro, eu acho, e conseguiu entrar. (risos)

NB – Depois que ele se separou não casou novamente?

CF – Casou. E casou, até eu faço uma referência no discurso que eu fiz sobre ele, casou-se com uma pessoa que era a antítese dele. Enfermeira, bonitinha, sem ser uma beleza, protestante, filha de missionário, e que deu uma grande estabilidade, porque ele só pode fazer o Serviço das Grandes Endemias, que durou 4 anos, porque ele tinha as costas dele aqui resguardadas.

NB – Ele teve filhos?

CF – Tem uma menina. Essa famosa Tatiana Memória. Você nunca ouviu falar nela?

NB – Já. Mas ela é da primeira ou da segunda mulher?

CF – Da primeira.

NB – Da primeira.

CF - Tatiana Memória agora fez uma revolução, ela pediu demissão lá da FUNARTE, sei lá. É das pessoas mais competentes que eu conheço.

PG – Tatiana Memória. Eu não peguei direito quando o senhor fala que ele tinha as costas resguardadas aqui. Eu não entendi bem, ele estava lá no Pará, fazendo o... quer dizer, o Instituto Experimental do Norte, que é Evandro Chagas hoje. E aí, aqui, quando o senhor fala que ele tinha um respaldo...

CF – É porque ela realmente tomava nota das contas, da correspondência, de tudo que ela tinha que fazer. Era uma super secretária.

Fita 8 - Lado A

PG – Bom, mas aí nós estávamos falando do Evandro, quer dizer, ele parece ter sido uma pessoa de uma influência muito grande na... O senhor tinha uma admiração grande, o...

CF – Ele suscitava admiração em todo mundo. O número de pessoas que me falam em Evandro, que descrevem Evandro, que falam do Evandro, é fantástico. Eu tenho toda a documentação dele, que eu mandei agora passar a limpo, está num caixote aí, não sei quanto está estragado. Depois vamos mandar para vocês.

NB – Ótimo. Ontem eu fiz uma entrevista com o José Cunha, que passou um ano com ele lá no Pará. Falou muito dele, o trabalho que eles fizeram lá com Evandro.

PG – Outro que a gente tem uma informação grande do Evandro naquele período no Norte é o [Leônidas] Deane, não é?

CF – Mas no fim, houve um momento em que eles não estavam bem. No final.

PG – Sei.

CF - Porque o Deane é uma pessoa esplêndida, é uma pessoa de métodos completamente diferentes de Evandro. Ele é uma pessoa muito do trabalho, muito quadrada. O Evandro não, o Evandro era...

PG – Mas eu me surpreendi com...

CF – Há uma coisa, por exemplo, de Evandro, extraordinária. Ele chegou a Santarém, de avião, não sei aonde, desceu do avião e tinha um almoço para ele. E ele tinha horror àquele molho que põe no pato, pato de...

PG – Tucupi?

CF – Tucupi. Tanto que ele disse assim: “Olha, eu não aguento comer pato ao tucupi, não. Então eu vou lavar o pato e vou comer assim mesmo.” Foi, lavou o pato, voltou e comeu. (risos)

PG – Mas eu me surpreendi naquele livro do Instituto Evandro Chagas, o Deane aparenta muito essa coisa, muito certo, muito certinho, e daqui a pouco a gente tem aquelas caricaturas que o Deane faz com muito humor, inclusive dele próprio, do Evandro, não é?

CF – Agora, Evandro tinha uma grande admiração por ele.

PG – Desse grupo aí também outro que teve no início foi o Leoberto Castro Ferreira, não é?

CF – Bom, esse foi no fim. Quem pôs o Leoberto no serviço do Evandro fui eu.

PG – Ah, foi?

CF – Foi. Eles conviveram no trabalho no máximo uns quatro meses.

PG – Foi?

CF - Evandro um dia chegou para mim e disse assim: “eu queria que você me achasse uma pessoa da mais alta qualidade, que tenha tais e tais qualidades.” Eu disse: “Leoberto Castro Ferreira.” Foi meu colega de turma.

PG – Seu colega. O Leoberto nós pensávamos em entrevistá-lo para tentar pegar um pouco essa complementação sobre tanto o trabalho lá no Norte, que ele pega um pouco, como a coisa das grandes endemias. Ele está ligado a esse serviço.

CF – Está, mas a coisa das grandes endemias foi feita por mim.

PG – Já estavam nas mãos do senhor?

CF – Não. O Evandro chamava Serviço das Grandes Endemias, mas não tinha nada de oficial. Quando ele morreu, o Leoberto disse: “A única pessoa que pode ocupar o cargo do Evandro é você.” E me levaram ao Getúlio e o Getúlio me nomeou. Sem eu ganhar nada. Foi uma das coisas que eu exigi. E eu passava aqui das oito e meia até uma e meia, duas horas. E a minha função exclusiva foi... Como eu não podia ficar porque já tinha o Instituto de Biofísica, foi colocar todo mundo, compreendeu? Então uns foram para Manguinhos, foram o Geth Jansen, por exemplo, ficou em Manguinhos e outros foram para a Saúde Pública, o Simões, por exemplo, Álvaro José de Pinho Simões, e assim foi... E o serviço passou a ter uma verba que não tinha. Porque até o Evandro morrer, todo o tostão que o Serviço de Endemias tinha era dado pelo Guinle.

PG – O Guinle?

CF - Que no último ano estava dando 400 contos por ano.

PG – O Guilherme?

CF – Que é dinheiro à beça em 1940.

PG – E depois o serviço passa a ter verba própria?

CF – Passa.

PG - E qual a avaliação que o senhor faria dos trabalhos do serviço nesse período que o senhor está lá? Ele consegue se implantar, consegue ter repercussão?

CF – Eles estavam de tal modo embalados que não podiam parar mais. E continuaram trabalhando. E muito bem. Emmanuel ficou ocupando lá em Bambuí. Evidentemente havia uns que tinham mais garra do que outros, os que tinham mais garra se salvaram facilmente. Os outros ficaram em posições menos importantes. Mas tem, como é que ele chama? Acabou diretor de Manguinhos também, foi do Serviço de Grandes Endemias. O Genard não. Genard Nóbrega era médico lá. Está vendo como eu estou ficando velho? Precisamos fazer isto depressa. O... Colbert não. Quem é que foi diretor de Manguinhos antes, logo depois do Oswaldinho?

PG – Ainda era o Oswaldinho?

CF - Não, antes da fundação. Um que morreu com ataque cardíaco até. Moço ainda. Felipe Nery Guimarães.

PG – Ele chegou a ser diretor o Felipe Nery? Mas foi um período muito curto.

CF – Muito curto. Porque ele teve... Agora, eu não sei se já era Fundação e ele foi diretor do Instituto.

NB – Eu acho que ele substituiu o Oswaldinho, mas eu não tenho certeza não, a gente tem até que olhar isso. Foi um período de interinidade, uma coisa assim.

PG – Felipe Nery teve uma participação grande no tratamento da boubá?

CF – Ele era muito bom. Ele tinha certas coisas que acusavam de certas coisas etc. Olha, daquele pessoal de Evandro, eu não tenho queixa de nenhum. Nenhum fez a menor safadeza, a menor sacanagem. Nenhum deles.

PG – Eles eram um grupo coeso?

CF – Um grupo coeso. Eles tinham discussões, brigas. Você me desculpe, mas isso é a minha situação de... Eu e o Zico, não é? Falar nisso, o quê que aconteceu com o Flamengo, hein?

PG – Eu sei que a torcida toda está lá... (risos)

NB – A torcida está toda querendo invadir o campo para torcer o pescoço deles. (rindo) O senhor é do Flamengo? O senhor é flamenguista?

CF – Não, eu sou Fluminense. Eu sou Flu-Fla.

NB – Flu-Fla? Como é que é isso?

CF – Se o Fluminense não está em jogo ou está lá embaixo, eu sou Flamengo.

PG – Quer dizer que o senhor não entrou na polarização do Fla-Flu.

CF – Absolutamente. Absolutamente.

PG – O senhor acompanhou a... Não. Quando é que se dá o racha que nasce o Flamengo?

CF – Ah, 1909, 1910.

PG – Bem anterior. E nessa época que o senhor acompanha futebol, quando moço, já era muito acirrada já essa coisa do Fla-Flu?

CF – Não, não era muito acirrada, porque o Fluminense era muito melhor. (risos) Não, não, eu não estou brincando não, quer dizer, Fluminense tinha Marcos, Vidal e Pinda; Chico Neto, Laís e Fortes; Zezé e... não me lembro mais. Maqui, por exemplo, que foi um extrema esquerda fantástico, o Welfare, que era um inglês gordíssimo. Pegava a bola, saía com ela da defesa, driblava todo mundo e fazia gol. Era um futebol diferente de hoje.

PG – E o senhor acompanhava assim com frequência, de ir ao estádio?

CF – Durante anos fui todas as semanas ao Maracanã. Desde que houvesse um jogo bom. E hoje acompanho pelo jornal as corridas de cavalo, o basquetebol, e o voleibol, a natação. Acompanho o basquetebol, pelo jornal, nos estados Unidos. O futebol na Itália, o futebol na França, e... quer dizer, eu sou um *sportsman* amador. Eu começo o jornal de manhã lendo a

página de esportes. Depois é que eu vou ver as fofocas do Funaro, Dílson Funaro, ministro da Fazenda do governo José Sarney.

PG – Prepara o espírito antes para depois ver o outro. Mas o senhor pratica esses esportes, praticou esses esportes?

CF – Eu pratiquei natação. Depois pratiquei corridas. O esporte que eu me sobressaí mais foi basquetebol, jogando também pelo Fluminense. E esgrima, jogando também pelo Fluminense. Cheguei a ser campeão de florete. Ganhei a copa do florete. Futebol nunca joguei, mas joguei uma coisa que muito pouca gente joga que é plantão, é frontão. Aquela coisa que você joga na parede, a parede tem três vias, e você joga a bola e tem que pegar a bola com uma espécie de uma unha grande e a bola não pode bater, se bater é *fault*. E aquilo pegando em você mata, porque é um tira verdadeiro. E aquilo existia ali junto ao campo da República.

PG – É parecido com o *squash*?

CF – É o *squash*, mas é o *squash*, a diferença do *squash* para o frontão é a diferença entre o futebol americano para o nosso futebol, compreendeu. E aí, realmente eu me sobressaí muito porque... Eu conto isso com uma certa vergonha, mas é tão engraçado. Eu recebi um oferecimento de dois pelotários bascos que jogavam aqui e que queriam por força me levar para Singapura, como companheiro deles porque eles achavam que... Porque não sabiam quem eu era. Era um esporte delicioso. Você em dez minutos perdia dois, três quilos. Quinze minutos você não aguentava. Uma movimentação incrível.

NB – Posso voltar lá para o início da entrevista? Que eu acho que o senhor tem que sair às cinco horas, e eu gostaria de a gente começar a falar sobre... A gente começou a falar sobre a descrição de Manguinhos, do Instituto, o senhor gostaria de fazer isso, o senhor não quer fazer isso?

CF – Começar fazer o quê?

NB – Sobre a descrição do Instituto de Manguinhos, sobre o que era o Instituto. Eu tinha lhe perguntado como é que o Instituto era visto, qual era a visão que as pessoas tinha do Instituto Oswaldo Cruz.

PG – Se comentava nas ruas... Tem um período muito intenso de polêmica em torno do Instituto, da figura de Oswaldo Cruz, que coincide com a Revolta da Vacina, depois a coisa do reconhecimento internacional, os grandes prêmios que ele obtém. Então o Instituto está de certa forma, quer dizer, numa repercussão social muito intensa em termos de divulgação de... E depois, quer dizer, como é que fica no período de [19]20, [19]30, se essa coisa passava para a cidade, quer dizer, a cidade comentava a existência do Instituto? Era uma instituição que tivesse um lugar no cotidiano da população?

CF – É muito difícil lhe responder essa questão. Porque essa época, 1926, [19]27, é a época em que começam os laboratórios de análises. Que não eram feitos em Manguinhos antes, mas quando você precisava você recorria a Manguinhos. E houve aí, a meu ver, um

problema que eu não vou discutir porque nem... É o seguinte: Manguinhos se afastou do ensino, do ensino de graduação. Isso eu tenho a impressão que fez mal ao prestígio de Manguinhos durante uma certa época. A população é muito difícil. Passado a era de Oswaldo Cruz, passada a descoberta da doença de Chagas, passado o problema da gripe espanhola, passado o sucesso da reforma de saúde pública, depois vem a febre amarela e o Instituto não estava aparelhado, mas ninguém estava. E... Eu acho que houve certamente, em relação à Manguinhos, um desconhecimento sobre a importância da instituição. Mas isso porque o governo e o povo brasileiro nunca compreenderam a importância da ciência... E naturalmente uma pergunta que se faria ao Instituto Oswaldo Cruz, porque que não cura o câncer. Estou dizendo isso no exagero. Se esquece muito que o trabalho de pesquisa é um trabalho lento, difícil e às vezes não dá resultado nenhum.

PG – Quer dizer, existe um grau de incerteza que as pessoas não contam.

CF – Não contam.

NB – E qual é a sua avaliação da produção de trabalho de Manguinhos na década de [19]30, nesse período que o senhor está lá? O senhor está perto e o senhor está vendo o que está sendo feito lá.

CF – Eu disse isso uma vez e o pessoal não gostou. Nunca houve decadência no Instituto Oswaldo Cruz.

NB – O senhor já disse isso?

CF – Disse.

NB – Eu também acho isso. (risos)

PG – Mas deixa eu compreender por que?

CF – Porque no Instituto há uns grupos que produzem e outros que não produzem. E aqueles que produziram sempre continuaram produzindo. De outro lado começaram a aparecer outras instituições. A USP, o Instituto Butantã, é isso, é aquilo, começaram a produzir coisas também. Então, o pessoal fala em decadência no Instituto Oswaldo Cruz porque não é mais o Instituto o único que fazia isso. Mas ele continuou fazendo muito bem as coisas que fazia. Onde há uma coisa difícil para o Instituto é a nomeação de Rocha Lagoa. Aí realmente é um problema que poderia ter dado uma decadência muito grande ao Instituto. Mas felizmente para o Instituto, ele foi nomeado ministro. E embora como ministro ele tivesse exercido a pior influência possível, que foi de mandar embora todo mundo, se ele tivesse ficado lá, ele teria mandado embora todo mundo, na minha opinião, e tinha acabado com qualquer possibilidade de produção do Instituto. Minhas ideias estão de acordo com as de vocês, não? De você ou não?

NB – Senhor?

CF – Minhas ideias estão de acordo com...

NB – É. Porque o senhor sabe que uma das primeiras coisas que m chamou atenção quando eu cheguei no Instituto e eu comecei a conversar com as pessoas e as pessoas falaram nas entrevistas sobre a decadência de Manguinhos. Eu sempre... Essa era uma pergunta, era uma dúvida que eu tinha na minha cabeça. Porque eu perguntava: decadência em relação a quê? Há uma argumentação que é sobre a questão do desaparecimento, é que o Instituto não teria acompanhado o desenvolvimento tecnológico de outras instituições de pesquisa.

CF – É, isso todo o Brasil. É porque se esquece que uma instituição tem que ser analisada globalmente e parcialmente.

NB – Em função de si própria também.

CF – Hein?

NB – Em função também do seu desenvolvimento também, e as pessoas esquecem quando falam em decadência, esquecem.

CF – O pessoal, por exemplo, reclama muito. Não tem mais uma seção de Zoologia Médica. Precisa saber qual é a importância que essa seção teria hoje. Por outro lado, eu sempre defendo que há muitas coisas... Eu sou contra que o Instituto tenha tudo, que faça tudo, não é? Não pode.

PG – Já que a gente tocou nisso, porque são temas muito correlatos, porque se discute essa evolução em termos da decadência e não decadência e também de modelo de instituição; quer dizer, se a instituição seria voltada mais para pesquisa experimental, principalmente pesquisa básica, ou se uma instituição que congregasse, quer dizer, que é o que de certa forma está mais permanentemente na história de Manguinhos, congregasse as atividade de pesquisa, produção, formação, intervenção na saúde pública.

CF – A resposta que eu dou a você é muito simples. A maior defesa da pesquisa básica é o AIDS. Então, uma instituição como Manguinhos tem que fazer o esforço máximo na pesquisa básica, para poder enfrentar os problemas que lhe competem em outro campos. Agora, tem que fazer isso, e que não está se fazendo, na minha opinião, em colaboração com os centros de excelência daqui da universidade, de outras universidades do Brasil. Fazer programas conjuntos.

PG – Mas aí eu volto ao seguinte. Há a pesquisa básica e há ao mesmo tempo todo uma linha de produção, de investimento na formação de recursos humanos etc. O senhor vê isso de uma forma integrada, quer dizer, esse modelo? Porque há uma discussão grande, por exemplo, tem um certo período que se defende, e é uma das polarizações também com o Rocha Lagoa, que o reforço à área básica estaria sendo desvirtuada por investimento numa área mais de grandes endemias ou uma área mais aplicada. Então, essa dicotomia entre o Instituto que se volta para questões da saúde pública e por outro lado, como se fosse contraditório, o Instituto que se para pesquisa básica experimental, o senhor vê isso na trajetória de Manguinhos? Era uma coisa que se passava nesse período?

CF – Não. O que aconteceu foi o seguinte: o governo nunca pediu a Manguinhos para fazer pesquisa no sentido de aplicação. Tanto assim que a atividade de Evandro foi feita por ele com dinheiro fornecido pelo Guinle, não é? Se tivesse pedido... Agora, o que aconteceu? Se o Pinotti tivesse criado o Instituto de Leprologia, o Instituto de Tuberculose, o Instituto de Sífilis, o instituto disso, instituto daquilo, que fosse fortalecido os laboratórios do Instituto nesses setores, não teria sido muito melhor? Malária, por exemplo. Esses institutos todos acabaram. Nunca mais ouvi falar no Instituto de Malária, ali na Baixada.

PG – Isso aí é o Pinotti antes de ser ministro, não é?

CF – Foi nosso chefe de departamento.

PG – Já era chefe de departamento em ... Só mais uma perguntinha que eu acho que talvez seja a última. A gente está estudando, rapidamente, esse período de guerra, e há muito rebuliço em torno da questão da penicilina. Inclusive a produção de penicilina pelo Instituto, que não chega a ser muito purificada, mas isso tem uma repercussão muito grande na imprensa. Há vários recortes tratando dessa questão, porque era uma questão estratégica para o período de grande repercussão na medicina. Há certas drogas milagrosas que curariam tudo. O senhor lembra desse período?

CF – Muito. Eu acho que o erro máximo que se cometeu ali foi, e não era fácil fazê-lo, aliás foi não... Essas técnicas de ponta, quando elas existem, a gente precisa trazer a pessoa que conheça bem para poder refazê-la. O pessoal de Manguinhos não estava preparado para uma bioquímica de fermentações, que é um assunto muito difícil. Então, eles produziram a vaci... Eu mesmo consegui várias doses etc. Mas não sei se foram efetivas ou não.

PG – Não havia capacitação para esse esforço. E isso aí, o senhor atribui depois à impossibilidade de caminhar nesse sentido por essa incapacitação.

CF – Incapacitação em termos? Quem é que fez a penicilina? Não foi o Fleming, não. Nem foi o Floren. Quem fez realmente a penicilina foi Chain, que botou num caldeirão de penicilina e produziu penicilina suficientemente para ser analisada e para ser utilizada pelo Florey. Florey que era um ótimo patologista. O Fleming tem um artigo dele que termina dizendo o seguinte: “A penicilina nunca será um agente terapêutico. Talvez um dia ela possa ser um agente antisséptico.” Agora, nós, com o pessoal que nós tínhamos, nós íamos levar, dez, quinze meses, dois anos, três anos para fazer uma boa penicilina.

PG – É. E os artigos da época são muito otimistas.

CF – Houve propaganda.

PG – É. Havia muita tentativa. Aí é que eu penso, quer dizer, se não era um momento que Manguinhos estaria passando por uma dificuldade grande de reconhecimento social e que daqui a pouco se investe muito, em termos da divulgação, no sentido de encontrar na penicilina um elo com as necessidades sociais, com o reconhecimento social.

CF – Sim e não. Eu creio que aí é o seguinte. Era natural que Manguinhos se metesse na penicilina. Só que tem que para se meter na penicilina, Manguinhos tinha que ter bases que não tinham sido formadas antes.

PG – Deu um salto mal preparado.

NB – Aí eu vou lhe perguntar uma coisa. O senhor acha que isso também é uma questão administrativa? Eu estou aqui pensando que o Oswaldo Cruz e o Chagas, seu pai, além de serem pesquisadores reconhecidos, eles eram administradores da ciência, assim como o senhor vai ser depois, não é, e que tem uma visão, visão política da ciência. O senhor não acha que... Eu não sei bem como é, mas me parece que a partir do Aragão, já com o Aragão, há uma certa dificuldade – é nesse período que você está falando, o Estado Novo – há uma certa dificuldade em visualizar que caminhos e destino dar à instituição?

CF – É. Porque a formação do Aragão é uma formação muito limitada, como era a formação dos primeiros que estiveram lá. Com a diferença de que pouco a pouco as pessoas foram viajando, foram vivendo etc. isso é uma coisa muito importante.

NB – Quer dizer, esse salto que o Gadelha está dizendo que foi um salto mal preparado, nesse caso da penicilina, teria acontecido isso posteriormente? Outros saltos mal preparados? E a gente está dizendo que não houve decadência, também acho, concordo com o senhor, mas a instituição passou por muitas dificuldades. O Rocha Lagoa é o final de um processo lento que vai acontecendo na instituição. O senhor não acha também que houve essa interferência, a má administração, a partir de um certo momento?

PG – Até recolocando uma coisa que o senhor falou. O seu pai, ele tenta partir de um outro parâmetro, que aí é a questão da química fina...

CF – Fisiologia, farmacologia...

PG – Exato. Nisso algumas coisas vingam, mas o projeto mais amplo, ele fica um pouco abafado. E essa coisa do projeto mais amplo, que desse uma certa diretriz com mais esteio, de certa forma a gente vai encontrar alguns departamentos e divisões que crescem, aí a do Walter, a patologia e hematologia...

CF – Mas aí, depois que veio o... Aí foi esforço único e pessoal das pessoas.

PG – É. Independe de uma política institucional montada.

NB – O senhor acha que o corte é com o Aragão?

CF – Não, eu acho que o Aragão tinha mais qualidade do que o Olympio que veio depois, que era um homem extremamente trabalhador, mas extremamente limitado. Com uma ambição de fazer coisas que ele não conhecia. Por exemplo, ele colocou o microscópio eletrônico que nunca funcionou. Ele queria fazer uma usina nuclear em Manguinhos...

Fita 8 - Lado B

CF – O Aragão, pelo menos, tinha os pés muito mais na terra.

PG – Outro dia a gente retoma essa coisa da usina nuclear.

NB – É. Vamos continuar com essa... muito interessante. Obrigado Dr. Chagas.
Interrupção da gravação

Data: 01/04/1987

Fita 8 – Lado B (continuação)

NB - Hoje é dia primeiro de abril de 1987. Quinta entrevista com o Dr. Carlos Chagas Filho.

CF – Quando eu entrei para a Faculdade de Medicina, em condições difíceis, como eu já contei, porque eu não esperava um exame vestibular tal como foi, eu me decepcionei muito com o ensino que era dado. Más instalações, professores brilhantes, mas pouco presentes, e um corpo de assistente que era de tempo ultra parcial. Naturalmente nós nos divertíamos muito na universidade, porque tínhamos grupos de amigos, conversávamos, íamos ao café, e fomos fazendo assim pequenos grupos de mais intimidade. Dos professores do primeiro ano, devo fazer uma referência especial ao professor Pacheco Leão, que ensinava biologia, mas ensinava com muito charme, com muita graça e principalmente tinha o interesse de ser o diretor do Jardim Botânico. Para mim ele tinha ainda um outro interesse pelo fato de ter sido companheiro de meu pai numa das excursões que meu pai fez ao Amazonas. E sempre me contava casos de meu pai caindo no igarapé, da dificuldade que meu pai tinha de se alimentar porque não gostava da comida e dos frutos amazônicos, enfim, uma porção de coisas assim interessantes. Até me pôs um apelido de “marreco” que felizmente não pegou. Era um homem extremamente interessante, tanto que durante muitos anos eu fui visitá-lo no Jardim Botânico, onde ele era diretor e onde ele tinha visões assim, de noite, extraordinárias, via seres sobrenaturais numa espécie de parapsicologia, que eu não aceitava. Mas que tinha realmente uma grande poesia porque nada era feio, tudo era lindo, tudo era admirável. Em anatomia nós tínhamos dificuldade porque a cadeira oficial foi posta em concurso, ganhou o concurso o professor Fróes da Fonseca, que era um completo desconhecido. E que havia sido professor na Bahia onde ele, médico do Lloyd, desceu, e sabendo que a cátedra de anatomia estava vaga, se apresentou e fez o concurso. O concurso dele foi sensacional. Fróes da Fonseca era um tipo baixo, magro, com um nariz muito grande e mais propenso à feiura, eu diria. Mas tinha um grande charme na sua personalidade. E principalmente se apresentou como minoria, como marginalizado pela congregação. De modo que nós, alunos todos, ficamos a favor dele. E naquela ocasião havia este caso curioso, que toda a congregação votara nas provas – o que era uma grande injustiça porque eles não eram especialistas no assunto. Na prova de tese, que Fróes da

Fonseca apresentou uma tese de 12 páginas sobre o externo, que parece que é um trabalho magnífico, houve professores que deram dez e outros deram cinco; uns aprovaram com nota máxima e outros reprovaram. Isso causou alguma repulsa enorme nos estudantes que até o carregaram em triunfo depois da prova, naquele lindo pátio interno que tinha na faculdade. Eu creio que a congregação deu então uma solução; sim, a congregação deu uma solução política, porque desdobrou a anatomia em duas disciplinas, como se chama hoje. Uma ficou a cargo de Fróes da Fonseca e a outra ficou a cargo do Monteiro, que era um homem de grande profundidade, grande cirurgião, fez uma boa escola. Ao passo que não se pode dizer isso nunca, não se pode dizer isso infelizmente, do Fróes da Fonseca, que era um homem que conhecia profundamente tudo, mas não era capaz, realmente, de transmitir o seu conhecimento. Na minha turma, por exemplo, ele só deu uma aula: evolução do sistema nervoso. Aula de uma hora e meia em que todos os estudantes ficaram absolutamente silenciosos, tal a grandeza da exposição e a sua capacidade. Conta-se que tendo ele sido enviado como professor brasileiro no Paraguai, coisa que era habitual, cátedra que foi iniciada, aliás, pelo grande Roquete Pinto, a primeira aula que ele deu, pronunciou-a em guarani, tupi-guarani. Língua que ele manejava com toda facilidade. E que ao mesmo tempo fez várias correções nas peças de museu Antropológico de Assunção. Coisa que eu não sei se o tornou popular ou não. Mas na verdade ele trabalhava no Museu Nacional, ele trabalhava na faculdade de Medicina. E na faculdade de Medicina, o que ele fez mais importante, a meu ver, foi o andar onde instalou-se a anatomia, que estava muito mal instalada. Transportou a anatomia do Instituto Anatômico da Praia de Santa Luzia para a Praia Vermelha, e fez a biblioteca. Biblioteca essa que ele me pediu para organizar e para a qual eu trouxe, naquela ocasião, o rapaz que trabalhava em Manguinhos, João, que depois teve dificuldade e saiu. E essa foi a primeira vez que eu organizei a biblioteca de Manguinhos. Depois, eu, Walter e o Emanuel Dias verificamos que não dava futuro, para o que nós queríamos, acompanhar as aulas assiduamente. Começamos a ir irregularmente à Faculdade de Medicina, quando era necessário, para entrarmos para Manguinhos. E entramos os três mais ou menos no mesmo dia, fomos falar com meu pai e meu pai nos deu o sábio conselho para irmos para o hospital trabalhar com o Guilherme Lacorte. Eu já falei sobre o José Guilherme Lacorte, mas eu vou repetir, talvez, para evitar... José Guilherme Lacorte era antes de tudo um taciturno. Baixo, muito simpático, extremamente bem educado, e que conhecia técnica de laboratório com a maior perfeição. E foi ele que nos ensinou a pipetar, a fazer um exame de sangue seja hematimetria ou leucometria, seja um bom “froti”, examinar esse “froti”, e foi também ele que nos ensinou a chamada fórmula de Schilling, que na ocasião era uma novidade. Essa primeira base foi fundamental para nós. Logo depois inaugurou-se também o serviço de meu pai, no São Francisco, que era uma cátedra voluntária, mas sempre cheia de gente, Walter, Emanuel e eu começamos a frequentar o São Francisco. Onde eu era já frequentador do serviço número 12 de Eurico Villela, companheiro de meu pai. E que era realmente um semiólogo da primeira qualidade. Fazia com que todos os seus alunos vissem os doentes, escutassem o coração, ele tinha uma paciência enorme com os doentes. Lembro perfeitamente de uma vez que ele nos obrigou a passar horas e horas na companhia de uma moça, jovem ainda, que sofria de uma insuficiência da válvula mitral, que era importante para nós conhecermos, mas também sofria de ozena, que era uma coisa que eu acho que desapareceu, mas que dava um mau cheiro terrível. E ele nos obrigava a ficar lá, acentuando que aquilo era uma experiência que nós não podíamos deixar de ter. E havia também o dito que eu já repeti que cada vez que nós chegávamos atrasados, ele dizia com toda a seriedade, com a sua severidade quase, os

olhos com umas sobranceiras muito carregada, os olhos negros, ele dizia: *tarde venientibus ossa canis*.⁴ E nos deixava a todos muito aflitos. Porque o que caracterizava aquela época era realmente o respeito profundo que nós tínhamos pelos mestres, mesmo aqueles que nós não considerávamos grandes professores. O simples fato do sujeito ser professor titular era para nós uma coisa importante. Ou ser professor ou ser chefe de enfermagem. E foi aí que eu comecei a trabalhar, graças à influência do filho do Eurico Vilella, Eudoro Vilella, a trabalhar no serviço de anatomia patológica, que era um anexo do Instituto Oswaldo Cruz. E nesse serviço patológico eu conheci então os três primeiros grandes mestres do Instituto Oswaldo Cruz. Eu já disse uma vez, e repito aqui, que o meu primeiro grande mestre no Instituto Oswaldo Cruz foi o Joaquim Venâncio, que me ensinou a gostar de bicho, me ensinou como é que se trata os bichos e me ensinou realmente coisas muito importantes. Principalmente me ensinou um trato humano formidável. E nós éramos realmente como irmãos, não tínhamos, quer dizer, eu era uma espécie de filho dele e não só ele me levava ao laboratório do Lutz como também me mostrava as cavalarias, que tinham muito interesse para mim. Depois houve esse episódio, que eu já contei. Porque eu ia escondido ao laboratório do Moses, do Lutz, que era realmente uma das figuras centrais de Manguinhos. Não só pela sua bagagem literária como também pela sua personalidade. Era uma personalidade muito mais europeia do que brasileira, embora ele fosse nascido em São Paulo, e que uma vez dei de cara com ele, quase morri de susto, e ele aí começou a conversar em alemão comigo, com a maior simplicidade, disse: “eu tenho muito prazer que você esteja aqui.” O que me deixou inteiramente à vontade e que me surpreendeu fantasticamente e que foi, eu acho, uma das coisas que fizeram com que eu não me sentisse mal frente aos outros grandes professores, grandes mestres de Manguinhos. Como eu já assinalei, a pesquisa da anatomia patológica tinha sido realizada pela criação, ajuda da Fundação Rockefeller, da vinda ao Brasil do professor Bowman Cromwell. E esse Bowman Cromwell aperfeiçoou e, de certo modo educou em anatomia patológica, como se chamava então, os quatro grandes elementos que estavam no mesmo conjunto, que eram o Osvino Penna, uma das mais importantes cabeças que eu conheci; um *gentleman*, que era o Burle Figueiredo, Carlos Burle Figueiredo, finíssimo no trato, competente; o [Magarinos] Torres, que como eu disse era uma simpatia pessoal, tinha uma capacidade de atração até mesmo com a sua divergência ótica; e o Penna de Azevedo, que era mais moço. Dizem que o Penna de Azevedo teria sido o maior patologista de todos. É muito difícil fazer diferenças e eu as faço aqui embora, naturalmente não sejam transcrevidas depois. Certamente o mais brilhante, o mais conhecedor de coisas fora da medicina, fora da medicina, fora da anatomia patológica era o Osvino Penna. Osvino Penna era capaz de dar uma aula de fisiopatologia sobre um cadáver, em presença dos clínicos que o tinham tratado, digno de um Direfoire, de um dos maiores professores de qualquer tempo. E tinha essa vantagem, fazia com que os médicos compreendessem porque eles tinham errado no diagnóstico e compreendessem quais eram as origens de certos sintomas que eles tinham visto doente. O Burle de Figueiredo era também muito fino, mas muito mais discreto nas suas expressões. E o Magarinos Torres era certamente uma formiga trabalhadora. Enquanto eu podia conversar com os outros três, inclusive com Penna de Azevedo, que era muito mais moço que os outros, com o... Eu acho que eu nunca pude assim ter uma conversa, conversa mesmo, com o Torres. Porque ele era realmente muito amável, muito simpático, mas ele só pensava no trabalho. O trabalho consistia em quê? Nós fazíamos as autópsias, eu chegava

⁴ Aos que chegaram tarde só restam os ossos.

muito cedo para fazer a autópsia, ajudado por um técnico maravilhoso, que eu gostaria muito que vocês um dia encontrassem o nome dele, e que dividíamos o cadáver, e quando o outro cadáver, quando chegava....

(Interrupção da gravação)

CF - Muitas vezes, eu que tinha uma certa vida boêmia, saía do Lamas para ir diretamente... O Lamas, no Largo do Machado, o velho Lamas, para ir para o hospital. Principalmente quando meus pais viajavam, porque aí eu não queria nunca deixar preocupada minha mãe, e eu ficava com a minha avó, sabia que de noite ia levar uma decompostura, mas isso não era tão importante assim. Eu fazia as autópsias com esse... Víamos os corpos, pouco a pouco eu fui aprendendo, antes eu tinha o auxílio do Eudoro Vilella, mas ele passou depois para estudar só câncer, fazíamos um pré-diagnóstico e assim, quando chegavam os outros três, aí então se fazia a reunião e eu, em geral, era chamado, com urgência da enfermaria onde eu estivesse. O Torres não, Torres fazia questão dele mesmo abrir o cadáver. Chegava lá às 7 e meia, ele mesmo abria os cadáveres. Dali ia-se para Manguinhos. Às vezes eu chegava um pouquinho mais tarde porque tinha o serviço de meu pai, as aulas de meu pai, que era uma coisa muito agradável, que eram às 11 horas; eu já contei isso em várias ocasiões, que nós passávamos num restaurante estupendo chamado Filhos do Céu, tinha vantagem inclusive, porque era de um português, que só não gostava que a gente chamasse de botequim, mas que deixava a gente espetar a conta. E principalmente nessas ocasiões era muito bom porque eu conversava muito com Evandro, que eu o via muito pouco, porque estava, nessa ocasião já estava casado ou quase casado e tinha uma vida muito diferente da minha. E íamos para Manguinhos, em Manguinhos o material já estava sendo tratado, formavam-se as lâminas e aí fazia-se o diagnóstico microscópico.

O trabalho que se fez nessa ocasião é um trabalho gigantesco. Eu acho que ninguém imagina o que foi o trabalho de Manguinhos, do ponto de vista prático, nesta ocasião. Porque era o único hospital em que a autópsia era obrigada era o hospital São Francisco, os outros a autópsia era voluntária, e mais das vezes era negada. Só o Miguel Couto é que conseguiu fazer muitas autópsias no tempo da febre amarela, mas em geral era negada a autópsia. Mas no São Francisco era obrigatória a autópsia. Nós tínhamos uma média de oito a dez mortos, às vezes por dia, mas, certamente, 15 mortos por semana. Bem, esse material era todo examinado macroscopicamente, microscopicamente e os resultados arquivados e ainda devem estar lá no Instituto. O que representa, por pouco pessoal que Manguinhos tinha e depois foi diminuindo ainda quando, depois ficou só realmente o Torres, uma certa ocasião, Penna de Azevedo morreu muito cedo, o Burle de Figueiredo morreu cedo, se aposentou e o Osvino Penna foi ser professor primeiro em Niterói, depois em Belo Horizonte, de modo que representa realmente um trabalho gigantesco. Porque além do serviço de anatomia patológica do São Francisco, a seção fazia toda a anatomia patológica do Instituto ou uma grande parte da anatomia patológica do Instituto. Então tinha realmente uma coisa fantástica. E ela ocupava... Os laboratórios eram no segundo andar, na ala direita, tinha dois ou três laboratórios, tinha pelo menos o do Magarinos Torres e o do Burle de Figueiredo, logo os dois primeiros laboratórios do lado direito de quem você sai do elevador e já no corredor.

E aí aconteceu comigo uma coisa muito curiosa. Eu comecei a ficar cansado da morfologia, eu comecei a achar que a morfologia não estava dando tudo que eu desejava, eu queria ir um pouco além. E não sabia como fazer. Miguel Osório deu um curso muito interessante

sobre tropismos. E esse curso foi muito bom, porque no fundo ele repetiu um livro francês sobre *Le Tropisme*, de Maxime Rose, mas naturalmente com a elegância, com a coisa, como ele sabia fazer, com a extraordinária didática que tinha. E aquilo já me interessou muito. E aí veio ao Instituto um professor francês chamado, me lembro já, que tinha escrito um livro sobre a cinética do desenvolvimento. Que era realmente... Realmente a apresentação de como você trata problemas biológicos através da matemática. O professor chamava-se Foret Franquieux, e era do Colégio de França. E eu assisti aquelas três ou quatro aulas interessantíssimas, apanhei o livro dele, que naquela ocasião era fácil comprar aqui, e fiquei entusiasmado. Depois de algum tempo de reflexão eu disse a meu pai – eu estava no último ano de medicina- eu disse a meu pai que gostaria de mudar, gostaria de passar para as ciências básicas. Meu pai disse: “Olha, eu não tenho nenhuma objeção. Acho que a medicina tropical é mais importante, mas acho que medicina tropical, não pode ser fazer, ciência no Brasil não pode se fazer sem ciência básica”, tanto assim que eu trouxe para o Instituto, o Osório e depois o Carneiro Felipe – “Mas eu preciso de uma coisa. Que você vá passar uns tempos em Lassance.” E eu fui em Lassance, numa expedição, que era Emmanuel Dias, eu, o Avelar, a Maria dos Impossíveis, que eu não sei se vocês já ouviram falar, que era filha de uma das enfermeiras que estiveram em primeira época em Lassance, que aparece, aliás, no filme que nós temos que achar um dia, que eu não sei onde é que está, que era a filha dela e lá se juntou a nós. É uma das pessoas mais estranhas, mais fabulosas, tipo Joaquim Venâncio, apenas com uma diferença, que era muito mais fino no trato, muito mais fino na pessoa, parecia um aristocrata, muito parecido, aliás, com um grande ator americano, naquela ocasião, e que era realmente um sábio naquela região. Ele conhecia tudo, conhecia todas as gentes etc. e nós passamos então, passamos algum tempo lá, abrimos hospital, tivemos muitos doentes, e uma vez por mês nós fazíamos excursões pelo interior. Nessas excursões nós saíamos a cavalo, levávamos tendas para dormir porque tínhamos medo de sermos mordidos por barbeiro, contaminados e caçávamos. A nossa vida era muito interessante. Nos levantávamos às quatro e meia, cinco horas, chegavam os doentes e nós acordávamos. De noite... Aí nós ficávamos conversando, vendo os doentes, até meio-dia. E as receitas eram feitas pela Maria dos Impossíveis. Depois nós almoçávamos, tirávamos um cochilo e aí saíamos a cavalo para ir caçar. Porque como não havia quase comida, eu passei todo esse tempo num menu sensacional que era a caça mais... Perdiz, codorna, pato selvagem, veado, paca, enfim, toda a caça que você possa imaginar nós caçamos. Caçávamos e voltávamos e aquilo era feito para o jantar ou para o dia seguinte e...

PG – O senhor pode só descrever um pouco em que estágio já estava Lassance nessa época. Porque nós temos algumas fotografias de época posterior, já tem casas construídas na ferrovia, final da ferrovia. E quando o senhor fala assim que abriu o hospital significa que temporariamente ele estava paralisado, aí vinha a excursão, abria?

CF – Abria. Outra coisa é o seguinte. Realmente havia uma rua principal de um lado da estrada de ferro onde estavam as casas principais, e duas ruas a mais que se chamavam rua Faca e rua do Tiro. Segundo o que o Raul Avelar me disse, não tinha mudado nada do tempo de meu pai. A estrada de ferro passava lá um dia sim, subindo para Pirapora, na volta descendo para Curvelo. E carne chegava de sete em sete dias. Não havia dinheiro. Tudo era feito por troca. Trocava milho por leite etc. Dez mil réis era uma coisa muito importante. Tanto que o José Caçador, José Onceiro, que foi conosco naquela caçada que você viu o

retrato, onde tem Emmanuel, Cabboret, eu, esse José Onceiro disse que tinha trocado a mulher com outro sujeito e que tinha dado dez mil réis de volta – dez mil réis – porque a dele era mulata e a nova mulher era branca. Então você vê que era uma vida primitiva. E havia duas ruas que eram duas ruas muito interessantes, porque eram duas ruas só de bordéis praticamente. E a razão é a seguinte, que Lassance tinha uma pastagem muito boa. Então vinham aquelas boiadas do norte de Minas e da Bahia e ficavam ali 15, 20 dias para engordarem, a engorda. Depois iam ser matadas em matadouros de Curvelo ou de Belo Horizonte. Então engordavam os bois ali e enquanto isso os boiadeiros, que eram gente forte, curtida, se distraíam principalmente nos bordéis. E uma vez por semana, aos sábados, havia uma festa nesses bordéis, num e noutro. E eu sempre fui patrocinador dessas festas. Isso consistia em que eu entrava, eu e o Emmanuel, variávamos, nós entrávamos e tinha uma cadeira que nós sentávamos e pagávamos a cerveja. Mas não se dançava. O Emmanuel uma vez dançou, foi um escândalo. Mas todo mundo que entrava, tinha um baú grande, onde ele tinha que deixar o revólver ou a faca. E de noite... E depois do jantar nós tínhamos sempre uma coisa inesquecível na minha vida, porque o céu do planalto em geral é um céu diferente, com estrelas, estrelas, estrelas que não se podem contar; luar, dia de luar. Vinham então as pessoas que tocavam violão e que ficavam tocando violão ali, fazendo desafios, até dez horas mais ou menos, porque o jantar era muito cedo, eles vinham, e às dez horas eles iam embora e nós íamos dormir, porque sabíamos que nós tínhamos que acordar muito cedo. Entre as viagens que eu fiz há duas muito curiosas. Uma delas, eu estava me aproximando de um grupo de quatro ou cinco casas quando o Cabboret disse: “Pára! Pára! Dr. Chagas.” Mas aí já não havia mais tempo de parar. Era um grupo de casas de leprosos. Eu desci, conversei com eles, examinei, evidentemente mais do que claro que era lepra. E aí eu tive que tomar café na cuia deles. Eu não podia...

Fita 9 - Lado A

CF - Imaginava-se que a lepra era muito mais contagiosa do que se pensa hoje. De uma outra feita eu fui chamado porque tinha toda uma pequena... Agrupamento de casas onde todo mundo estava morrendo. E eu levei o microscópio portátil e verifiquei que eles estavam todos com malária. De modo que distribuí quinina, dei quinina e botei bom. De modo que ficou uma grande fama de médico lá. E de outra feita eu fui chamado porque havia um daqueles fazendeiros que havia tido uma apoplexia. Também levei meu microscópio, examinei o sangue – não é fácil examinar o sangue fresco, – mas eu fiz isso e aí eu fiquei em grande dúvida porque vi que eu tinha que dar uma injeção de quinina. E meu pai tinha dito: “Você só dê injeção de quinina na última instância. Quando você vê que não há outra... Porque isso é uma coisa perigosíssima.” Eu não tive chance e dei uma injeção endovenosa de quinina. E fui me embora, não sabe? Fui me embora e quando chegou umas três, quatro horas depois – o hospital ficava assim, acima. Eu acho que hoje eles mudaram o hospital para perto da linha, eu tenho essa impressão. Antes ficava um pouco acima. – eu vi o filho desse pretão, a galope, chegando, eu disse: “Ih, vai me dizer que o pai morreu”. Ao contrário, o pai já estava perfeitamente andando, de forma que eu continuei a dar o tratamento. É uma coisa curiosa, pequenas cirurgias assim, parto etc., eu fiz inclusive, fiz muito em casa, em casa das doentes, mas nunca atendi um baleado. E às vezes eu ouvia, da casa onde nós morávamos eu ouvia tiros de noite. E a impressão que eu tenho é que eu era considerado um agente oficial e, como agente oficial, evidentemente, eu não podia, teria

que relatar ao delegado, essas coisas todas, então nunca apareceu, nunca tive esse problema. E aliás estávamos preparados para isso, todos.

PG – E a população como é que ela expressava a coisa da doença de Chagas? Ela tinha consciência, ela recebia bem os serviços médicos?

CF – Bom, lá não tinha serviço médico. O grande médico era o farmacêutico. O farmacêutico tratava de tudo. Eles tinham mal conhecimento da doença de Chagas. O que havia muito era bócio. Eles tinham um mal conhecimento da doença de Chagas, mas eles tinham uma recordação estupenda de meu pai. Todos aqueles mais velhos... Porque isso se passou exatamente [19]21, não, [19]31 menos 9 são 22 anos depois da descoberta. De modo que havia muita, muita gente que conhecia perfeitamente meu pai, tinha se lembrado dele, e lembrava assim de pequenos detalhes: do dinheiro que ele tinha dado, de favores que ele tinha feito, enfim, ele tinha realmente uma situação invejável nessa ocasião. E eu não tive realmente nenhuma dificuldade, mas considero essa época que eu passei em Lassance, a época mais importante da minha vida. Porque foi a época em que eu me humanizei completamente. Quero dizer, que fiquei completamente ligado ao povo e à terra brasileira. Essa coisa que eu tenho de ver um sujeito, querer ajudar, de querer compreender, de não ter raivas. Eu sou uma pessoa que não tem raiva, que é uma coisa muito rara, que acaba denegrindo. Eu aprendi como o sofrimento daquele povo. Você sabe que o sujeito me ofende hoje, pode me ofender, nunca tem acontecido, mas quando acontecer eu dig que às vezes eu esqueço completamente, eu aprendi com a miséria daquele povo. Eu tenho essa impressão que foi uma influência extremamente decisiva na minha vida. Evidentemente associado ao fato de que na minha vida espiritual eu sempre fui muito ligado a uma Igreja dos pobres, quer dizer, eu nunca gostei da igreja...

PG – Suntuosa.

CF - Suntuosa. Tanto assim que nunca fiz parte de nada na Igreja, a não ser das equipes sociais de que eu falei a vocês outro dia, que quando eu subia ao morro para ensinar e nós dávamos aula de catecismo etc. Agora, porque razão eu nunca fiz parte de um movimento, nunca fiz. Primeiro porque meu pai dizia assim: “A obrigação de um cientista é essencialmente paciência.” E eu fiz equilíbrios muitas vezes, porque pensei que o Instituto de Biofísica era mais importante do que tudo. Então, procurei sempre me conduzir de uma maneira que não fosse agressiva com aqueles que não estavam na minha opinião. Depois, quando eu cheguei, eu me inscrevi no curso de Manguinhos. Já nessa ocasião tive a ventura de... Porque o curso de Manguinhos nessa ocasião era muito bom e muito ruim. Muito bom porque a gente aprendia enormemente e muito ruim porque a não ser, por exemplo, o curso do Travassos, era um curso muito pouco concentrado. Por exemplo. Microbiologia. Nós fazíamos todos os testes de reconhecimento de uma bactéria. Mas esses testes levam 24 horas. Então você vinha, fazia a sementeira, fazia a coisa e tal e no dia seguinte você vinha para ver o resultado. Aí fazia uma nova, testa etc., no dia seguinte vinha. Então, isso dava um tempo enorme para você trabalhar. Eu trabalhava com o Carneiro Felipe. Agora, havia cursos não, havia cursos muito intensivos. Carneiro Felipe dava um curso intensivo, o Godoy dava um curso intensivo, incompreensível a princípio, porque era um expositor incrível, depois que acabava o curso, se você fosse ler as notas – era sobre microscopia – você aí começava a entender, não sabe. Porque era... Se eu posso dizer isso, e sem que a

produção dele corresponda ao que eu vou dizer, quem tinha a faísca de um gênio era o Alcides Godoy. Ele dizia dez, nove coisas que você não compreendia, mas a décima era uma ideia fundamental. E a gente tem que botar isso na luz da ciência de antigamente e não da ciência competitiva, da ciência que exige relatórios, da ciência que exige produção, publicações. Naquela época, Manguinhos era, ao lado de um instituto científico, quando eu cheguei lá, era uma instituição cultural, no mais amplo sentido. Depois, com a especialização... Depois eu me matriculei, bom, aí...

NB – O senhor fala um pouquinho mais sobre essa instituição cultural? Em que sentido seria? O senhor poderia precisar um pouco disso?

CF – Bom, aí eu preciso é o seguinte. Eu considero que cultura é tudo aquilo que o homem faz, são os usos e costumes. Você tem uma cultura científica, tem uma cultura política, tem uma cultura intelectual, artesanal e tem os usos e costumes. Isso é que faz realmente a cultura, que eu chamo sempre de cultura antropológica. Bom. O que eu quero dizer é o seguinte: por exemplo. Eu não sei qual é a situação hoje, mas a intimidade que havia entre as maiores cabeças do Instituto e os seus subordinados era muito grande. Mostrando, portanto, o processo social muito importante, não é? De outro lado, você, na mesa, a famosa mesa onde eu sentei várias vezes, Carneiro Felipe, Costa Cruz, Machado, Osmino Penna e mais outros, você ou falava mal das pessoas ou então você discutia os assuntos os mais, intelectualmente os mais importantes, não sabe; você discutia a importância de Kant, você falava em filosofia, você falava, discutia positivismo, enfim, há essa falta completa de especialização nessa ocasião. Quando o sujeito queria falar em ciência, o sujeito ia ao laboratório, mas lá na mesa você falava ou, como eu dizia, 50% era mal das pessoas e 50% era... Mas não era um mal, vamos dizer, ofensivo. Era apenas que fulano tem publicado aquele trabalho porque se ele tivesse visto tal trabalho assim, assim, não teria feito aquilo. Essas coisas assim. Um mal crítico. Mas era uma riqueza de inteligência extraordinária, extraordinária. O lado mais fechado que eu encontrei foi o lado em que eu não tive boa penetração, foi o lado que eu fazia reservas ou eram inimigos do meu pai. Quer dizer, pois é. Vamos tomar um caso típico de quem tinha certas diferenças, mas gostava do meu pai: que era o Travassos. O Travassos um dia mandou dizer que eu estava fazendo o curso dele, estava fazendo o curso muito mal, porque era um momento em que eu estava fazendo experiências muito importantes, então ia pouco lá. E ele mandou dizer: “Se o Carlinhos não fizer um bom exame, ele vai ao pau.” Eu aí não sabia o que fazer. Então falei com o Gustavo de Oliveira Castro, que foi uma figura excepcionalíssima do ponto de vista de inteligência e cultura e que teve o defeito de se perder – isso não se pode dizer – começou a beber, beber, beber e se perdeu nisso. E além do mais ele não tinha disciplina de trabalho. Ele só trabalhou realmente de uma maneira admirável quando foi trabalhar a pedido de Evandro, na Fundação Rockefeller, no combate ao *Aedes Aegypti*. *Aedes aegypti* não, ao *gambiae*, *Anopheles gambiae* no Ceará. Para você ter uma ideia, por exemplo, um dia eu cheguei para ele e disse assim: “Oh, Castro” – eu chamava ele de Castro – “Eu estou precisando de uma coisa muito simples que é de separar hemácias contaminadas com malária, das que não são contaminadas.” “Isto é muito fácil.” Imediatamente ele fez um tubo com um estreitamento na ponta, e eu centrifuguei esses tubos. Porque acontece o seguinte. A hemácia tem ferro, portanto a densidade dela é muito grande. Mas quando você bota um *falciparum* ou um plasmódio lá dentro, o ferro continua lá, mas a densidade diminui porque a densidade de *falciparum* é muito menor, de modo que ela sobe, aí você

colhe quanto você quer. Eu estava fazendo um estudo sobre a ação de quinina coloidal. Ele era realmente um tipo. Então eu fui a ele, disse assim: “olha, eu vou ao pau, se você não me ajudar.” Aí nós passamos dois dias. Nessa ocasião ele trabalhava no Instituto de Defesa Animal, ali no Maracanã, ele não tinha sido ainda integrado definitivamente em Manguinhos. Em dois dias ele me explicou como é que se faz uma sistemática de bicho, etc. e tal. Cheguei lá, Travassos me deu dez bichos, e eu diagnostiquei nove. E o Travassos me disse assim: “Eu não posso compreender porque você deixa de diagnosticar o mais fácil.” Evidentemente eu pensei que ele fosse dar tudo extremamente complicado, de modo que os complicados eu destrinchei, quando chegou o mais fácil, eu errei. E aí fizemos uma amizade muito grande, sabe. Isso aí também não entra aí nas minhas memórias, mas... Depois eu defendi muito o Travassos porque quiseram muito que o Travassos fizesse concurso para a universidade, e o pessoal da universidade não deixou, sob a alegação de que ele não tinha livre docência ou doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências. Faculdade de Filosofia ali... mas era um trabalhador extraordinário. Depois eu comecei a...

PG – Desculpe. O senhor falou dessa ambiência cultural. Só uma curiosidade, não sei se esses personagens que o senhor chegou a conhecer, ou pelo menos como passava a imagem deles, que são pessoas ligadas a essa trajetória de Manguinhos, do ponto de vista da arquitetura, que é o Luís de Moraes, do ponto de vista da biblioteca, que é [Assuerus Hippolytus] Overmeer, e o próprio J. Pinto. São três expressões de uma outra área, que é a cultura...

CF – O Moraes eu conheci muito pouco. Lembro-me dele muito bem porque ele ia lá em casa com frequência. Porque quando eu comecei a frequentar Manguinhos já estava pronto tudo. Era um português com uma prosódia muito carregada, muito simpático, um pouco gordo, mais para baixo, com uns olhos azuis maravilhosos. Me lembro dele, como se estivesse conversando com você. Era muito mais brilhante do que os meus. Maravilhosos os olhos azuis dele. O Overmeer foi meu amigo. Porque eu sou uma das poucas pessoas que posso dizer isso. Porque ele era uma pessoa muito árida. Ele exercia uma vigilância extraordinária. Eu várias vezes fui, eu fui um rato da biblioteca de Manguinhos. Como eu estava fazendo física, estava estudando física naquela ocasião, depois até descrevo esse detalhe, eu ia lá, e muitas das coleções, *Die Analyson der Physik*, os trabalhos de Einstein, por exemplo, fui eu que abri e conheci todas as coleções. E utilizei a biblioteca como pouco gente terá utilizado. Porque a biblioteca era realmente uma coisa maravilhosa. Como eu estava primeiro solteiro, depois me preparando, mudando de disciplina, você tem que se preparar mais. Depois veio a época do concurso, eu fiquei realmente muito preso. E eu fui das pessoas que conseguiram dominar Overmeer, porque Overmeer era de uma rigidez total. Tanto que em várias ocasiões o Overmeer me deixou tirar revistas... livros para devolver no dia seguinte. E se eu não devolvesse no dia seguinte, aí sim, aí ele romperia comigo. Era um homem alto, calvo, rígido, muito holandês. E eu acho que foi das grandes aquisições do Oswaldo. Se não fosse Overmeer a biblioteca não seria o que ela é. J. Pinto era uma figura estupenda. Muito agradável e não era do tipo desses fotógrafos mundanos não, ele era um sujeito... Ele era um artista, no verdadeiro sentido da palavra. Quer dizer, ele procurava fazer o melhor. Na ocasião, evidentemente, ele não tinha talvez os recursos que hoje existem, nem tinha a mesma preparação necessária. Mas ele não fazia a coisa como um fotógrafo comercial, ele fazia a coisa, realmente ele estava dentro. Eu considero que o J. Pinto estava dentro de todo o programa de Chagas. Não tenho a menor dúvida

disso. E aquilo era com amor. Porque, o Moraes eu não conheço, mas o Overmeer e o Pinto faziam a sua atividade com amor. E isso é uma das coisas características de Manguinhos naquela ocasião. É que todo mundo fazia as coisas com amor. Desde o cientista, desde o diretor, vamos dizer assim, até o mais simples dos funcionários. Aquele grupo, por exemplo, com quem às vezes almoço aí, era um grupo que amava a instituição. Eu duvido que naquela ocasião houvesse uma greve. Sabe por que? Eles tinham um compromisso com a instituição. E esse compromisso era muito importante. É um compromisso com a instituição. Esse Julio...

NB – Como uma missão?

CF – Compromisso?

NB – Como uma missão? O senhor acha que havia essa compreensão, que aquela instituição realizava uma missão?

CF – Ah, sim. Não tenho a menor dúvida.

NB – Que eles participavam?

CF - Eles participavam dessa noção fundamental de que estavam contribuindo, contribuindo para o progresso. É isso que eu sinto que falta atualmente. Porque na universidade mesmo não há compromisso de 90% das pessoas com... 90% não digo, mas 80% não têm esse compromisso. É um emprego. E os empregos, nas instituições científicas, têm que existir, naturalmente, o muito bom, o bom, o menos bom: agora, o que é necessário para que a instituição funcione é que pelo menos 60% das pessoas tenham amor à instituição. Que criem um espírito de corpo. E esse eu conheci em Manguinhos. As pessoas podiam não se gostar, podiam... Mas havia o *esprit de corps*. Manguinhos é... Tanto assim que eu creio que uma das dificuldades que Manguinhos teve foi quando começou a verificar que seus antigos alunos começaram a se estabelecerem em São Paulo, a desenvolverem uma patologia, uma microbiologia em São Paulo e fora, aqui no Rio mesmo, com uma certa, quer dizer, foi uma certa surpresa. Você não imagina a dificuldade que eu tive para fazer concurso aqui. Porque ninguém queria que eu fizesse. Eu era assistente de anatomia patológica, inicialmente. O ordenado era muito pequeno, anatomia patológica era três vezes por semana, aquele negócio do assistente ultra parcial, a gente ia lá três horas por semana, então, era ali na praia de Santa Luzia, e eu fui professor de anatomia patológica. E a minha função era ensinar exatamente a fórmula de Schilling. E eu dava 180 aulas, duas vezes, espera aí. 90 aulas no princípio e 90 aulas na segunda parte. Porque você não pode ensinar senão com microscópio. As aulas levavam duas horas, duas horas e meia. Aí quando eu comecei a trabalhar com o Carneiro Felipe, eu disse a meu pai: “Quem sabe não é possível eu passar para a cadeira de biofísica.” Chamava-se Física Biológica, na Faculdade de Medicina. E assim eu continuei. A cadeira de Física Biológica me tomava três manhãs por semana, e, como eu já tinha automóvel, rapidamente eu chegava a Manguinhos. E além do mais trabalhava-se no sábado. Eu nunca deixei de trabalhar no sábado, naquela ocasião. Não tinha negócio de... Você podia sair mais cedo, às vezes, mas trabalhava-se normalmente. E eu não estou defendendo, eu não estou... Estou constatando. E depois eu ficava até muito tarde, e como não havia o perigo de ataque,

ficava-se até muito tarde. Quantas vezes eu, de noite, quando ainda não tinha automóvel, eu saía sete e meia, oito horas, e fazia o trajeto até a estação de estrada de ferro. Nunca se pensou em ataque ou perigo. Nada, nada, nada. Bom. Aí eu passei para a cadeira de física biológica. A cadeira de física biológica tinha uma história interessante. Ela tinha sido ocupada por clínicos que nem sabiam, não davam para Física Biológica, até que ela veio a ser ocupada pelo Francisco Lafayette Rodrigues Pereira, que fez concurso com Miguel Osório, e que tinha sido preparado para esse concurso, quando era radiologista em São João Del Rey, pelo Carneiro Felipe, que estava tentando vender minerais em São João Del Rey, antes de passar para Belo Horizonte, história que eu já contei a vocês. Veio e ganhou o concurso. Se ganhou justamente ou injustamente, não sei. A minha impressão é de que ele era um homem de conhecimento mais profundo em física do que o Miguel. Mas ele ganhou o concurso e ficou na situação de marginalizado, porque tinha ainda um professor Satamini – esse da rua – que era clínico e que tinha ainda um ano para vencer. Mas aí veio a reforma Rocha Vaz e ele passou a ser professor de física biológica. E eu passei, então, no ano de 1942, eu passei a ser assistente de física biológica. E com isso eu fui desenvolvendo, desenvolvendo, desenvolvendo, até que o Lafayette, que tinha uma tuberculose crônica, morreu subitamente. Eu já sabia que ele... Uma coisa impressionante, quando eu punha um braço assim nas costas dele, era como se fosse uma fornalha assim crepitante, não sabe? Ele morreu. E a primeira coisa que eu fiz quando ele morreu fui propor a candidatura do Miguel Osório, que ele tinha batido uns 15 anos antes, sem a necessidade de concurso, porque o Miguel já era professor de fisiologia na faculdade de Veterinária e eu propus isto. Isso foi um gesto que todo mundo achou uma loucura, porque todo mundo achava que eu é que devia fazer o concurso. Mas a congregação, por unanimidade, não, contra quatro votos, não deu a transferência ao Miguel Osório. E Miguel Osório fez nessa ocasião, um *curriculum vitae* que é uma perfeição. Eu até tenho aí. E era realmente um homem de uma altitude extraordinária. Bem, Miguel Osório... Abre-se o concurso e eu me inscrevo. Eu me inscrevo e aí houve uma campanha terrível contra mim. Terrível porque consistia no seguinte. Todo examinador que se escolhia era considerado meu amigo, então era negado pelos meus adversários. Eram quatro adversários. Então, Miguel Osório não pode ser, Carneiro Felipe não pode ser, Costa Cruz não pode ser. Baeta Viana não pode ser. E assim, sucessivamente, sete das pessoas que entendiam do assunto foram eliminadas. Isso porque havia um grupo que queria dar a cadeira a uma determinada pessoa. Bom, houve o concurso e eu ganhei o concurso. Ganhei o concurso... Isso foi em outubro de [19]37.

PG – E quem foi a banca do concurso?

CF – A banca foi, pela faculdade de Medicina, o diretor, que era o Leitão da Cunha; o Fróes da Fonseca, que sabia física muito bem, não quiseram o Pedro Pinto porque disseram que o Pedro Pinto era amigo meu; um professor de fisiologia, de Niterói; um professor de física, de Ouro Preto e um professor de física da Escola Normal.

NB – Quem indicou?

CF – Físico.

NB – Não, quem indicou esses outros?

CF – Foi o grupo, eles foram todos indicados pelo Barbosa Viana. Bem, e eu ganhei o concurso porque realmente...

NB – Qual foi o trabalho que o senhor apresentou?

CF – Não tinha tese. Eu tinha um *curriculum vitae* muito superior aos outros. Mas fiz uma prova oral sobre termodinâmica, uma escrita sobre termodinâmica e uma prova oral sobre hemodinâmica, que foram realmente surpreendentes. Até para mim mesmo, porque enfim, é um caso muito interessante. O Carneiro Felipe, na véspera, foi lá em casa com o Pedro Nava e o Paulo de Carvalho, que era então assistente de farmacologia, para ouvir a minha aula. O Pedro Nava tinha feito os cartazes com o Paulo de Carvalho. Mas enquanto o Paulo de Carvalho era o [...], conseguiu fazer uns 15 cartazes, Pedro Nava fez cinco. De modo que eram 20 cartazes que eu tinha que responder. E eu levei uma hora e 25 minutos para fazer a exposição. Aí o Carneiro Felipe disse assim: “Se for assim eu abandono no meio.” E aí... Porque o Carneiro Felipe que tinha me preparado, tinha estudado com ele. Quando começou, ele sentou-se lá longe. Quando eu comecei a minha aula, eu vi que ele estava se aproximando...

Fita 9 - Lado B

CF - E realmente fui muito feliz. Porque não só eu dei uma aula muito boa como terminei os 50 minutos da aula no momento em que estava terminando o último cartaz. E fiz uma coisa muito interessante. Porque o meu adversário, que era muito bom, resolveu fazer uma coisa puramente matemática. Hemodinâmica se presta muito, hemodinâmica se presta muito... Mas eu fiz uma coisa biológica. Eu tinha tido a vantagem de ter livros muitos melhores. Tinha um livro alemão de um certo Mueller, um suíço, que tinha me ajudado muito, não sabe? Então, ganhei o concurso. Ganhei o concurso e, imediatamente, embarquei para a Europa, sem nenhuma ajuda. Vendi os troços que tinha, e fui para a Europa, onde fui trabalhar com o professor (incompreensível) primeiro em Paris, e depois com um professor de inglês chamado Adler, em Cambridge. E isso me adiantou muito, não sabe? Porque eu tinha feito uma preparação experimental aqui única. Basta ver que eu tinha feito 98 exercícios de física, física clássica, não era ainda física biológica, era física clássica, mas por exemplo, medidas elétricas, poucas pessoas terão feito tantas medidas elétricas quanto eu fiz. Isso me ajudou muito.

NB – O senhor fez isso em Manguinhos?

CF – Não. Eu fiz uma parte em Manguinhos, parta na Escola Politécnica. Manguinhos tinha muito pouca aparelhagem. A Escola Politécnica tinha muito boa aparelhagem, que era protegida, vamos dizer assim, pelo Costa Ribeiro. E no Instituto de Eletrotécnica havia um laboratório com 20 medidas de eletricidade tinha. Esse laboratório era do Marinho, Roberto Marinho de Azevedo. Mas quem realmente dirigia o laboratório era o irmão do Gustavo de Oliveira Castro, Francisco Mendes de Oliveira Castro, que nós chamamos de “testinha” porque ele tinha o cabelo dele implantado aqui. Ele era um grande matemático e um didata fantástico. De modo que fui com um conhecimento básico que o pessoal na Europa ficou surpreendido de eu ter. Medida de Ph, não tinha dificuldade, medida de galvanômetro, não tinha dificuldade. Enfim... E fiquei então esse tempo. Voltei, portanto, em [19]38, voltei, e

foi muito engraçado porque eu fui esperado no navio para ir diretamente para a congregação.

NB – O senhor passou quanto tempo?

CF – Cinco meses. Para a Congregação. Cheguei lá, havia um processo de transferência de um professor de uma escola para outra. E antes, com um parecer... Parecer não, um pedido de aumento de vencimento dos professores. E eu recusei-me a assinar, partindo do princípio de que nós éramos mal pagos, mas que eu tinha escolhido ser aquela... Ter aquela profissão. De modo que não tinha direito, na minha primeira assinatura como professor, pedir aumento de vencimentos. Porque antes tinha havido, quando eu parti para Europa, houve a luta, houve a questão do Estado Novo, a desacumulação, e eu tinha que desacumular de Manguinhos e ser professor. E a minha grande... Os meus grandes ideais eram os seguintes: primeiro eu achava que a pesquisa tinha que ser associada ao ensino. Em Manguinhos isso era muito difícil. E eu tinha a impressão de poder implantar a pesquisa científica na universidade, que era o que eu desejava. E quando eu cheguei, tinha então que assinar, foi uma coisa dramática, porque tinha que assinar esse documento e eu não assinei. E não assinei e o Aluizio de Castro fez um discurso maravilhoso, o Aluizio de Castro foi o outro que não assinou, fez um discurso maravilhoso defendendo, me defendendo. Porque os outros professores ficaram perplexos. Me defendendo e dizendo que eles estavam usados, aquilo tudo, e devíamos seguir exemplo, exemplo dos moços que queriam modificar. E que não era possível nós vivermos pedindo constantemente aumento ao governo. Eu dei as razões pelas quais eu não assinava. Aí começa a sessão. Começa a sessão e era a transferência de um professor de histologia da faculdade nacional, não, que nacional, da faculdade de Veterinária pra faculdade de Medicina. E aí que começou o primeiro entrevero do Álvaro Osório comigo. E o Álvaro Osório disse que tinha visitado o laboratório, que ele era uma grande figura, e que tinha encontrado uma coleção de 300 lâminas. Bom. Parecer favorável à transferência. Leitão da Cunha, que presidia admiravelmente, disse: “Todos que estão de acordo com o parecer fiquem sentados.” Eu aí levantei. Me levantei e o Leitão olhou para mim e disse assim: “Professor Chagas, o senhor entendeu o que eu disse? Todos que estão a favor do parecer fiquem sentados.” “Não, mas é que eu não estou a favor do parecer. E faço a minha declaração de voto. Eu acho que o fato de um professor com 30 anos de trabalho apresentar 300 lâminas não indica nada. Eu acho que ele não tem os títulos necessários para ser professor de patologia geral. De modo que voto contra.” E foi baseado no meu parecer que o Capanema não fez a transferência. E em consequência, a cadeira mais tarde foi ocupada pelo Póvoa, pelo Helion Póvoa, velho. Aliás, por muito pouco tempo, porque ele morreu, teve um câncer, morreu logo. E aí eu comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar. Fiquei em dúvida porque, primeiro, precisava de gente, porque eu tive a sorte de, como houve a impossibilidade de acumulação, os assistentes antigos todos saíram. A primeira coisa que eu fiz foi chamar um colega meu de turma, o Tito Enéas Leme Lopes, para ser meu assistente. Ele era um sujeito que sabia muito bem tudo. Fantástico. Era um didata extraordinário. Depois chamei Almir Castro, que vocês devem conhecer, para dar um curso de estatística ao meu pessoal. Porque eu tinha vindo imbuído de estatística e de pequenas amostras e queria que o pessoal soubesse. Depois telefonei para Belo Horizonte, de Belo Horizonte me mandaram três: era o Omar Moreira, José Gonçalves, que foi para Ribeirão Preto depois, e o João Batista da Veiga Salles. Moura Gonçalves e Veiga Salles. E

aí comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar nas maiores dificuldades. E trabalhar em quê? Aí eu pensei que havia dois animais...

PG – Às vezes parece fácil, mas é a questão mais importante.

CF – É. Havia dois animais que me interessavam. Primeiro achava que devia trabalhar num bicho brasileiro. Então fiquei entre a preguiça e o peixe elétrico, mas eu tinha visto duas ou três palestras muito interessantes sobre o peixe-elétrico lá em Paris. Não o nosso peixe-elétrico. Então comecei a trabalhar um peixe-elétrico. E fiz o laboratório em torno do peixe-elétrico. Aí tive a sorte de receber dois professores, o meu professor e a mulher dele, que eram judeus, e que foram mandados pela Rockefeller. Consegui também tirar aqui do Instituto, a D. Hertha Meyer, porque D. Hertha Meyer, que fazia cultura de tecidos, estava empregada pela Fundação Rockefeller na preparação de vacinas sobre febre amarela, mas ela estava, evidentemente, subempregada porque o que ela fazia lá era... Então, graças a ajuda de Evandro, eu montei o laboratório de cultura de tecidos, com a ideia de estudar a evolução do *Trypanosoma cruzi* diretamente em cultura de tecidos. E foi assim que o laboratório foi se desenvolvendo. Eu aí comecei a achar pessoas. A primeira pessoa que chegou foi o Aristides de Azevedo Pacheco Leão, que tinha sido meu aluno, mas que tinha ido estudar em Harvard. Quando ele voltou, por acaso saiu o... Foi chamado pelo De Gaulle e aí eu pude dar a vaga a ele. E comecei a... Meus dois primeiros auxiliares foram o Ângelo Machado, não esse daí, mas o filho do Astrogildo Machado, e depois o Manuel Frota Moreira, trabalhou muito tempo – morreu há pouco tempo – no Conselho. E eu fui arranjando gente aos poucos e...

NB – Recursos na universidade?

CF – Recursos foram o seguinte, muito poucos recursos. Até que Evandro morreu. Quando Evandro morreu, eu passei três anos aqui em Manguinhos dirigindo, na parte da manhã, o Serviço de Grandes Endemias, onde apanhei uma primo-infecção porque o cozinheiro do hospital era um parrudo, mas era um eliminador de bacilo da tuberculose. Nós fomos oito pessoas atingidas, inclusive o nosso... Eu, o Simões, o [Wladimir] Lobato [Paraense], duas secretárias e mais três empregados. Aí eu fiquei, passei dois meses fora, não tinha... Fiquei bom, fui para Barbacena e fiquei bom. Para mim decidir um pouco, mas voltei e aí eu botei o Instituto dentro, botei o Serviço de Grandes Endemias dentro do Instituto. Porque o Instituto, o Serviço de Grandes Endemias era sustentado exclusivamente pelo [Guilherme] Guinle, Manguinhos não dava um tostão. E aí eu consegui isto, que eu consegui incluindo, e aí fui ao Guinle. Disse ao Guinle: “Bom, o senhor agora não tem mais nenhuma responsabilidade lá.” Ele aí disse para mim essa frase. Estava almoçando no Jockey Club, ele. Eu aí fui ao Jockey Club, onde eu encontrava com ele sempre, e estava até o barão de Saavedra que era companheiro dele do Banco Boavista. Ele aí virou-se para mim, disse: “Bom, então agora vamos cuidar de você.” E durante esses primeiros anos todo o dinheiro vinha do Guinle. Depois veio a Fundação Rockefeller que me ajudou. Quando veio a Constituição, dois deputados, três deputados me ajudaram muito, que foram o Afonso Arinos, Jorge Jabour e um da Bahia, que me davam... Você sabe que os deputados tinham uma verba especial. Cada um me dava 100, 200, 300. Afonso uma vez me deu 600 contos que realmente puderam... Mas a grande fonte foi, inicialmente, Guilherme Guinle. E em seguida eu tive um apoio que foi pequeno, mas importantíssimo, da Fundação Rockefeller.

Que a Fundação Rockefeller vinha aqui, Müller, preciso de um aparelho, ele me dava. E foi quem me permitiu uma das coisas mais importantes que foi a ida ao estrangeiro de quase todo mundo, todo meu pessoal foi ao estrangeiro, graças à Fundação Rockefeller. Aí eu tive uma segunda ajuda muito extraordinária. Eu fui à Paris, em 1946, foi a primeira Conferência da UNESCO. E depois fui à segunda. E nessa segunda conferência que foi no México o time francês era o que havia de melhor. Era o Maritain, católico, era, como é que ele chamava? Era o antropólogo que não era... Era o anticatólico, o Jules Romain, o romancista, enfim, havia seis ou sete grandes nomes. E ela era dirigida pelo diretor dos serviços culturais. Tinha o Roger, que era diretor dos serviços culturais e tinha o Silvio Roger que era o diretor do serviço... Todos eles ficaram encantados comigo, não é, mais moço do que eles etc. E em pouco tempo assume o Serviço de Relações Culturais da França, o Jouaces. Um que é pai de um líder comunista, que foi ministro agora. Pierre Jouaces. Mas esse Louis Jouaces tornou-se realmente um amigo meu fantástico. Ele combinou o seguinte: “Se você me pagar a estada, eu dou 10 viagens a você para cientistas franceses irem ao Brasil.” Por isso é que eu tenho tido... Tive muito mais cientista francês no Brasil do que outro. Para você trazer um americano era um problema. Eu não conheço nada mais complicado do que a Fundação, essa Fundação Fullbright. Cada vez que eu vou, outro dia eu jantei com um sujeito da Fullbright, para você arranjar um sujeito da Fullbright tem que ser daqui a um ano, um ano e meio e tal. E o sujeito tem que ficar seis meses. Eu não acho que seis meses seja vantagem. Um mês pode ser bom, um dia pode ser bom e seis meses pode ser... Não vamos ter... E aí eu tinha essa vantagem de ter dez franceses por ano aqui. E quando eu dizia que o Conselho não tinha, no princípio foi o Guinle que pagava. Era baratíssimo. Você com 1500 cruzeiros, você tinha um hotel muito bom, por mês. O que custava caro era mesmo a passagem. E quando eu não tinha dinheiro, eu escrevia para eles e eles davam um... Quando achavam que o dinheiro que estavam dando aqui era pouco, eles davam sempre um *per diem* para os franceses. De modo que eu tive sei lá quantas viagens. E viagens repetidas, o que é uma coisa importante. No setor de ótica, setor de eletrofisiologia. Madame Fessard veio aqui umas dez vezes. O Milliot veio aqui, principalmente em radioisótopos, ele veio aqui umas dez vezes. Depois eu tive muito um espírito de alargamento, por exemplo, eu organizei um curso de isótopos. Esse curso de isótopos foi pago inicialmente pela Fundação Rockefeller, depois nós pagamos. A Fundação Rockefeller mandou todos os equipamentos que nós tínhamos. Mandou um professor muito bom que chamava-se Cooper, Bob Cooper. Esse, ele veio aqui uma vez, formou o pessoal e com esse pessoal que se formou, que veio da Argentina, nós fizemos um grupo, durante 15 anos, nós fizemos um grupo, um curso anual de três semanas de radioisótopo, ou de 1 mês, de radioisótopos. Fizemos a mesma coisa com a microscopia eletrônica. Eu arranjei um microscópio eletrônico, comprei da Phillips, e aí consegui com a ajuda da Rockefeller, com a ajuda do Guinle, com a ajuda do Conselho, nós fizemos um grupo de... Trouxemos os quatro melhores especialistas em microscopia eletrônica do mundo, e ficaram aqui um mês com dois microscópios eletrônicos Phillips. Porque eu disse à Phillips: se vocês me ajudarem isso, vocês têm a vantagem que eu vou espalhar o microscópio Phillips. Foi aí que o Olympio, depois disso, o Olympio veio me dizer que ia fazer uma instalação. Eu disse: “Com que [...]” Ele disse: “Com RCA Victor” Eu disse: “Não vai dar certo.” E o pior é que eu tinha um técnico alemão que era muito bom, mas era muito bom para certas coisas, ele nunca tinha feito microscopia eletrônica. E foi ele que desmanchou completamente o microscópio daí. E foi desse núcleo que nasceu a microscopia no Brasil. Porque havia um microscópio funcionando bem, que era V2 não 1,

que era o da Escola Politécnica, mas só destinado à metalurgia. Biologicamente fomos nós que começamos. E logo depois o Butantã, com a Heloísa Souza Santos...

PG – E a aquisição dos de Manguinhos é mais ou menos da mesma época ou é posterior?

CF – Ah, é muito posterior. Não. A primeira aquisição é dessa época. Depois eu acho que vocês fizeram duas aquisições ou uma aquisição que não foi boa, depois dessa. E agora é que a coisa está funcionando direito.

NB – Acho que a primeira lá foi em [19]50.

CF – Bom, deve ter sido ou em [19]50 ou [19]51.

PG – Agora, o senhor não falou, só assim de passagem, no CNPq, que se cria nesse período de pós-guerra, e...

CF – CNPq faz parte também da minha vida. Eu gostaria até de fazer um outro sobre o CNPq.

NB – O senhor não quer falar só um pouquinho nessa conversa, para a gente encerrar, sobre o Instituto de Biofísica? Porque o senhor disse ainda há pouco o que estudar, o que fazer quando o senhor veio para cá, para a universidade. Como é que esse trabalho foi se construindo, o senhor foi encontrando um campo de trabalho? Como é que foi isso?

CF – Bem...

NB – É uma coisa clara ou é uma coisa que foi acontecendo?

CF – Não. Não, não, não. Eu tinha uma ideia confusa, mas que podia em cada momento concretizar. Então eu comecei a examinar vestibular, o que era uma... Não se pagava mais, não tinha nenhuma vantagem, mas porque o vestibular me dava a possibilidade de encontrar os melhores alunos. Esses melhores alunos eu convidava para um estágio no laboratório. E há pelo menos uns 30 dos melhores clínicos de São Paulo, daqui e de Santos, que passaram pelo meu laboratório. Ou foram fazer radiologia ou foram fazer anesthesiologia. Várias coisas. Porque nós estávamos ensinando a eles os métodos científicos. Agora, desse grupo que passou, naturalmente alguns foram ficando e foram ficando. E quando eles ficavam o que eu fazia? A primeira coisa era ensinar os métodos mais simples de laboratório. Eu tive para isso o auxílio do Moura Gonçalves e de outros. E assim foi-se crescendo. Logo que havia uma oportunidade, eu os mandava, não havia curso de mestrado aqui, eu os mandava ou para os Estados Unidos ou para a Europa. Inclusive o Caldas, por exemplo, eu suspendi o curso dele por um ano para ele passar um ano com Letarjet. E foi assim que se fundou a radiologia. Carlos Eduardo Rocha Miranda, o Eduardo Oswaldo Cruz, eu os mandei para a Europa ainda estudantes, por três meses, para passarem três meses com a Madame Fessard, que vinha frequentemente aqui. Mandei também dois técnicos para... Um para Madame Fessard e outro para estudar... Duas vezes eu mandei técnicos para se aperfeiçoarem em microscopia eletrônica. De modo que não foi uma

formação do araque. Foi uma formação dentro de um complexo compreensivo e com uma certa finalidade.

NB – O instituto deu filhotes aqui no Brasil, a não ser essa formação de pessoas?

CF – Tem dado filhotes. Quer dizer, por exemplo, nós temos muito poucas... Uma das grandes dificuldades que nós temos é de que o pessoal que sai daqui não encontra condições de trabalho nos outros pontos, essa é uma dificuldade. Mas se você – eu não sei o número exato, mas se você conta o número de pessoas que fizeram o mestrado ou curso aqui e que estão no corpo universitário, nós temos pelo menos uns cem; o reitor da Universidade de Sergipe por exemplo, é nosso doutorando. Nós tivemos 15, 12 ou 15 mestrados de Pernambuco que infelizmente foram rechaçados pela universidade. Porque o que acontece é que o sujeito chega lá sabendo muito mais do que o professor que está lá há muito tempo, de modo que tem esse problema. Nós temos no Rio Grande do Sul, em São Paulo, temos em toda parte.

NB – O senhor conseguiu estabelecer convênios com outras universidades ou outras instituições para fazer um intercâmbio de pessoal?

CF – Não é propriamente convênio, há encontros. Quer dizer, nós distribuimos o nosso programa e as pessoas vem se inscrever. Em geral nós temos 30 ou 40 inscrições por ano para o mestrado. Mas a nossa melhor fonte de pesquisadores são os estudantes que fazem o curso de graduação aqui e depois fazem estágio no laboratório. Depois de fazer um estágio no laboratório, com uma bolsa de iniciação, eles entram para o mestrado. Até recentemente esses eram os melhores. Atualmente estão aparecendo bons alunos, por exemplo, da UERJ, apareceram um ou dois do norte. Nós temos um convênio assim, nós temos com a Universidade Federal do Pará. Onde nós estamos instalando a parte de eletrofisiologia.

NB – E da América Latina?

CF – Da América Latina nós já tivemos muito bons. Já houve do Chile, nós tivemos três. Tivemos uma tese de um argentino. Tivemos duas vezes gente do Peru trabalhando em radioisótopos conosco, mas o intercâmbio regional não é fácil porque o sujeito que tem uma bolsa prefere muito mais ir para os Estados Unidos ou para Europa. Esse é que é o problema.

NB – É, mas dentro do Brasil o Instituto é um centro de referência na década de [19]40, imagino. Queria perguntar para o senhor um pouco o papel do Instituto no quadro das pesquisas, dos cursos e inscrições da época que trabalhassem com isso. O Instituto de Biofísica é assim a vanguarda, uma coisa...

CF – Claro. Isso não há a menor dúvida. E digo a vocês mais o seguinte, que durante muito tempo, eu fui muito mais procurado, nós fomos muito mais procurados do que a Fundação.

NB – Não, da Fundação não, do Instituto.

CF – Do que o Instituto. O Walter tinha que ir lá procurar gente, dava umas aulas sobre método científico, aí ele trouxe o pessoal que trabalhou com ele. Nós tínhamos aquela facilidade de você ter todo aquele grupo para escolher.

PG – As coisas ocorriam de forma mais ágil na universidade ou havia muito empecilho burocrático?

CF – Não, porque eu consegui separar o Instituto de Biofísica da Universidade. Esse é que foi o meu grande golpe. Porque o Instituto de Biofísica, quem comandava era eu, procurando ser o mais simples possível.

NB – À semelhança de Manguinhos.

CF – Como?

NB – À semelhança do Manguinhos.

CF – À semelhança de Manguinhos.

NB – Que também esteve sempre fora da universidade.

CF – No fundo eu sempre fui um produto de Manguinhos. Muito bem. Quando é que nós marcamos?

Data: 31/08/1987

Fita 10 - Lado A

NB – Hoje é dia 31 de agosto de 1987, entrevista com Dr. Carlos Chagas Filho. Dr. Chagas, na última nossa entrevista, o senhor havia relatado, começava a relatar, a respeito da criação do Instituto de Biofísica da Universidade. Nós gostaríamos que o senhor reiniciasse um pouco, retomasse esse relato, e avançasse um pouquinho sobre quais as dificuldades que o senhor encontrou em criar um Instituto.

CF – Eu primeiro gostaria de explicar as razões pelas quais eu fui para a Faculdade. As razões são várias, e provavelmente muitas delas vem de um raciocínio ou de uma coisa *a posteriori*, mas na verdade eu me achava um pouco fechado no Instituto Oswaldo Cruz, porque tendo deixado a Patologia, eu me interessei pela física, físico-química, com Carneiro Felipe e nessa ocasião com a ajuda do Júlio, que era um mecânico extraordinário, eu fiz uns aparelhos muito difíceis e que funcionaram, de difração eletrônica. Para surpresa do Carneiro Felipe, aliás. E eu estava estudando muita física, muita física e me sentia, sentia que precisava de alunos, de gente mais moça. E também eu tinha a impressão, de que eu poderia transplantar para a Universidade, o espírito de Manguinhos, isto é, o espírito de pesquisa. Eu fui ser assistente de física biológica, porque Manguinhos, a Faculdade tinha um acervo enorme de aparelhos. Esse acervo fora dado à Faculdade por... Eu não me

lembro mais o nome, mas isso pode ser achar. Que queria dá-lo à cadeira de fisiologia ou uma cadeira básica, uma certa soma.

NB – Eram aparelhos de que tipo?

CF – Aparelhos de física. Mas de física geral. Isso aí eu conheci no secundário.

NB – Sim.

CF - Sim, completos. Mas eram aparelhos fabulosos. E eu tinha uma certa atração por aqueles aparelhos. De modo que consegui, na época que eu trabalhava lá, em que eu ensinava lá, porque me obrigava a ir três vezes por semana, de manhã e eu a comecei a manobrar aqueles aparelhos e realmente aprendi física elementar assim, física geral assim. Para se ter uma ideia, tinha por exemplo o interferômetro, que funcionava, tinha um galvanômetro balístico, tinha assim uma série de instrumentos. Então eu comecei a fazer funcionar, seja com a ajuda do Costa Ribeiro, que era assistente de física na Politécnica, seja com a ajuda do Francisco Mendes de Oliveira Castro, irmão do Gustavo, que depois entrou em Manguinhos. E eu achava que a Universidade tinha o seu valor e a sua importância, e aí fiz o concurso. O concurso foi realmente das coisas mais marcantes na minha vida, não pelo lado positivo, mas pelo lado negativo. Porque eu vi como as cabalas podem funcionar. O professor Barbosa Viana queria muito dar a cátedra ao filho, que não tinha condições ainda porque não era nem formado. E outros, que se queriam dar a cátedra, a um outro que também não era docente. Então procurou-se muito dar a cátedra a um polonês que estava de passagem no Brasil, que era naturalizado francês, e que seria uma figura, era um especialista em coloides e que fazia, vamos dizer, um período tampão até que os dois outros pudessem fazer o concurso. Mas tive sorte, porque o concurso já estava com data marcada, de modo que eu fiz o concurso. E fiz o concurso onze meses, dezesseis meses depois da abertura no...

PG – Edital...

CF - Edital. Naquela ocasião os concursos levavam seis meses. Mas aí houve um problema sério, que foi o problema de se escolher a banca. Então os meus amigos passaram a ser sistematicamente recusados. O Lucídio Pereira, porque eu tinha trabalhado com o Costa Ribeiro no instituto, no Laboratório de física da Politécnica; o Carneiro Felipe, porque eu tinha trabalhado com ele; Miguel Osório, porque eu tinha trabalhado com ele; Baeta Vianna, de Belo Horizonte, porque eu tinha trabalhado com ele. Enfim, todos tinham sido... O grupo de física de São Paulo, porque eu era conhecido do grupo de física de São Paulo. Todos foram recusados. E afinal eu fiz o concurso. Eram cinco candidatos, e eu ganhei o concurso. Mas o que me... Eu vinha já de um choque terrível que tinha sido a roubalheira com que o Evandro não tinha sido provido na cátedra de Medicina Tropical, na vaga de meu pai. Veio de novo esse choque, e talvez isso é que tenha me dado a vontade de reformar completamente tudo que eu via na Faculdade de Medicina. E uma das coisas importantes era introduzir a pesquisa. Como eu costumo dizer para os meus alunos que me escutam, feito o concurso, realizado o concurso, eu vendi – para usar uma expressão do Dorival Caymmi – eu vendi os troços que tinha e fui para Paris. Fui para Paris trabalhar com o professor Wurmser que tinha publicado um livro muito importante. Em Paris eu

tinha a vantagem de poder morar com um cunhado meu, que era conselheiro de Embaixada. O que já facilitava a vida. E aí fomos, Anna e eu, num navio que chamava-se Reinard Brigade, que era um navio inglês. Vocês querem que eu conte tudo? Eu conto...

NB – Pode contar... Volta depois, que eu quero [...].

CF – Quando eu cheguei, [...] tomei um trem, cheguei a Paris, já escuro, de tardinha, inverno. E aí, nessa mesma tarde meu cunhado Afrânio de Melo Franco, me fez tomar o metrô, que eu nunca tinha tomado, e eu subi os Campos Elíseos. E tive essa impressão nítida, estranha, de estar em coisa já vivida, num ambiente já vivido. Isso se dá principalmente pela minha grande leitura literária francesa. Também porque quando eu me formei, todos os livros pelos quais eu estudei eram franceses. Só mais tarde, para um concurso, é que eu comecei a adotar livros ingleses e livros alemães, mas no curso de Medicina era tudo francês. E depois eu estava sob a influência de vários autores franceses. Entre os quais eu diria particularmente Proust, Marcel Proust e podia até parecer antagônico a ele, que era o François Mauriac. Cheguei e no dia seguinte fui trabalhar com o Wurmser, que me recebeu esplendidamente. Houve um momento em que recebi uma telefonema [sic]. Essa telefonema [sic], naquela ocasião era realmente quase impossível você falar no telefone, era de Evandro me pedindo para não fazer a escolha da Faculdade. Ele queria que eu ficasse no Instituto Oswaldo Cruz, e não optasse pela Faculdade. Aí...

NB – Quais eram as razões que ele alegava para isso?

CF – Ele achava que na Faculdade, na Universidade, não se fazia nada, e que eu ia desperdiçar a minha vida na Faculdade. Aliás, isso fazia parte de um complexo anti-faculdade do próprio Instituto Oswaldo Cruz. No Instituto Oswaldo Cruz, na ocasião em que eu entrei, ainda vivi aquela animosidade terrível contra a Faculdade. Animosidade essa que nascera de observações que Oswaldo Cruz tinha feito, sobre o tipo de ensino que se dá na Faculdade, que é o tipo de ensino que eu aliás descrevo também, quando escrevo meu curso. Um ensino teórico, retórico, sem nenhuma vivência e que não correspondia já, aos progressos da Medicina. Evandro então me pediu, e ficou desapontadíssimo quando eu passei um telegrama que ia... Queria a opção da Faculdade.

PG – É muito interessante quer dizer, duas coisas aí. O Oswaldo Cruz ele nunca teve nenhum movimento de aproximação com a Faculdade?

CF – Não. Ao contrário, houve um momento em que ofereceram a ele a cadeira de patologia, chamava-se anatomia patológica, e ele recusou. E escreveu uma carta um pouco dura, e essa carta foi divulgada e causou também...

PG – Transtorno.

CF – O transtorno entre... Essa carta, eu já li essa carta. Essa carta foi publicada há anos. Eu não sei, mas pode se encontrar.

PG – E no caso do Evandro? Não havia também um ressentimento? Eu queria até que explicasse um pouco melhor. Como é que ele perde esse concurso?

CF – Bom, essa é uma história triste. Evandro tinha tido um sucesso estudantil como poucas pessoas terão tido. Um maior sucesso estudantil era por exemplo, você ter a medalha que eu tive de prêmio Antonia Chaves Berchon Desert, que era o melhor aluno que tivesse tido as melhores notas durante os seis anos. Mas isso não significava nem de perto, que o aluno tivesse sido ou o melhor aluno ou aquele que tivesse causado mais impacto na sua classe. Evandro ao contrário, Evandro tinha uma personalidade extrema, e era de tal modo... Ele era, vamos dizer, atraente, competente que tinha um séquito atrás dele. Para vocês terem ideia ele transformou uma casinha que tinha no fundo da nossa casa na rua Paissandu, numa espécie de pensão, onde moravam vários estudantes e no fim do ano, de setembro em diante, eram noites que se passavam lá estudando. E ele fez um curso admirável. E mais ainda, eles em 1926 quando era, portanto, sextanista de Medicina, uma das coisas que mais me impressionaram foi quando eu fui pela primeira vez ao São Francisco, e tinha um cartaz anunciando um curso de eletrocardiografia feita por ele, estudante de Medicina. Cheíssima a sala etc... Ele tinha uma capacidade didática enorme. Aí ele se casou. Continuou em Manguinhos, se casou, abriu um consultório. Aceitou ser radiologista em um sanatório em... Hoje se chama Santos Dumont. Ia lá toda sexta e voltava domingo. Mas a vida de casado dele foi muito infeliz, de modo que quando ele se separou, ele deixou a clínica, deixou tudo e entregou-se a Manguinhos. Mas ele era um homem de vida muito aberta, vamos dizer nesse sentido, porque era um homem que depois das seis horas ele era boêmio, gostava da boêmia, não é? Quando meu pai morreu, ele era o natural sucessor de meu pai. E a razão que eu digo isto, é a seguinte: é que ele era docente livre e os docentes livres davam cursos equiparados, e o curso de Evandro tinha igual sucesso do que o curso de meu pai. Em geral o meu pai dava de manhã, e os mesmos alunos voltavam à tarde para assistir o curso de Evandro. Eu vi muitas vezes discussões entre o curso de meu pai... Os alunos que achavam que meu pai dava melhor curso, e os que achavam que Evandro dava melhor curso. Houve vaga e o Leitão da Cunha perguntou a quem substituíra meu pai, que era o Eurico Villela, se ele podia garantir a forma pela qual Evandro iria conduzir a cátedra, na interinidade. E o Villela não teve coragem de dizer que sim, porque o Evandro tinha adquirido uma fama de boêmio. E não teve a coragem de dizer que sim. Aí houve aquela grande dúvida de quem seria, e foi nomeado interino o Moreira da Fonseca. Moreira da Fonseca esse que era discípulo do Miguel Couto, e que realmente fez com que a cátedra desvivesse durante vinte anos quase. Até que o Zé Rodrigues foi feito por concurso catedrático. É um homem ótimo, grande clínico, mas sem nenhuma vivacidade, sem nenhum impulso, sem nenhum *appeal* para os moços, sem nenhum apelo para os moços. De modo que foi um desastre, veio o concurso, ele se apresenta e tira o concurso. Mas isso é realmente uma das grandes vergonhas na Faculdade. Tanto assim que embora a banca escolhida a dedo, adrede preparada, votasse por unanimidade, houve três professores na congregação que fizeram seu protesto veemente, pedindo a anulação do concurso. Uma das acusações, por exemplo, que se fez a Evandro, é de que ele tinha dado uma aula muito boa porque a aula tinha caído, o assunto que tinha caído para ele era doença de Chagas. Mas a banca fez uma coisa incrível, porque em concurso de cátedra em geral, se você tem seis candidatos como era o número, você dá um tema para três, e outro tema para os outros três, e outro tem para outros três. Mas aqueles três fazem em conjunto. Aí não, deram um tema para cada um. De modo que por exemplo, o nosso Moreira da Fonseca fez um concurso sobre brucelose, que foi que ele terminou antes do tempo, não tinha nenhuma... E depois diagnóstico de laboratório, Evandro fez todos os diagnósticos de

laboratório possíveis. E perdeu o concurso, mas realmente perdeu com uma grande dignidade. Quando ele soube que tinha perdido, telefonou para o Moreira da Fonseca. Imediatamente voltou à sua vida de Manguinhos. Ele já tinha reintegrado a vida no hospital, e logo depois fundou o Serviço de Estudo das Grandes Endemias.

NB – Dr. Chagas, o sorteio do tema, o tema era sorteado?

CF – Era sorteado.

NB – Pela banca?

CF – Pela banca. E a pessoa tinha 24 horas para fazer, preparar, e depois dava a aula.

NB – O senhor não acha interessante que tenha sido doença de Chagas? Exatamente o tema do Evandro.

CF – Não, não creio que tenha havido roubalheira, não. Não, não, não acho que foi que botaram... Evandro faria uma aula... A escrita dele foi magnífica, a prática foi magnífica. E ele era um professor... Eu sempre dizia: eu se der um assunto de física que não entende nada, dez minutos antes da aula, ele me dá uma aula estupenda. Tinha realmente essa capacidade de falar, e uma base muito boa. E eu então assumi, fui para a Europa, fiquei lá na Europa, aprendi muitíssimo, e aí tive umas das piores... Eu fico com medo porque depois todo mundo lê etc., tem problema...

PG – Pode ficar tranquilo, que depois se o senhor quiser que não seja consultado, a gente...

CF – Não. Quando eu cheguei por exemplo ao laboratório, tinham pessoas no laboratório, dois dos meus colegas de Manguinhos, que estavam fazendo exatamente aquilo que eu tinha feito em...

PG – Paris.

CF - Paris. Mas com uma dificuldade, que a aparelhagem que eles estavam usando, eles não podiam fazer de modo nenhum uma medida de óxido-redução. Então são essas pequenas coisas que me chatearam muito. Aí eu fui com o peito e a raça para a Faculdade, e aí me ajudaram muito pessoas diversas. Eu consegui a primeira verba do diretor do Colégio Universitário. Contra, escondido, porque eu não teria nunca aceito, obtido autorização. Eu vendi, eu troquei os aparelhos nossos por aparelhos mais modernos. Porque o erro quando foi dada essa doação, foi dada primeiro para o Álvaro Osório, e o Álvaro Osório não aceitou. O Lafayette Rodrigues, que foi meu antecessor, aceitou. Aceitou, foi à própria custa à Europa e comprou a aparelhagem. Mas ele comprou uma aparelhagem de física que se tornou rapidamente obsoleta, porque é um momento em que nos instrumentos de física começam a entrar amplificação eletrônica, os ampliadores. Então ficou obsoleta rapidamente. Mas eram aparelhos muito úteis para demonstração das leis básicas de física. Então, eu troquei primeiro com, uma pequena parte com o instituto, com esse colégio universitário. Depois fui ao Abgar Renault, Abgar Renault era diretor geral do ensino e o ministro era o Capanema. E Abgar Renault me deu uma verbinha, como que eu pude

comprar algumas coisas. E assim comecei a trabalhar. Porque quando eu tinha ido à Europa, eu tinha ideia de estudar transformação de energia em trabalho, e estava em dúvida se escolhia a preguiça ou se escolhia o peixe elétrico. Lá em Paris eu assisti umas boas conferências sobre torpedo, peixe elétrico Mediterrâneo e do Atlântico Norte, e quando eu voltei aconteceu por acaso, eu fui jantar no Cassino da Urca, e o Cassino da Urca tinha uma espécie de um lago cheio de poraquês. E o dono do Cassino da Urca me deu, não só me deu inúmeros poraquês, como me pôs em contato com a pessoa que trazia poraquês. E assim nós começamos a trabalhar poraquês. Com uma dificuldade grande, porque os instrumentos que nós tínhamos eram instrumentos muito pequenos. Depois havia a grande guerra, a Segunda Guerra, você para importar material científico tinha as maiores dificuldades. Aí, já em [19]42, Evandro morre, de um desastre de avião, e o pessoal pede ao Getúlio, para o Getúlio me nomear para dirigir, até organizar o Serviço de Estudos das Grandes Endemias. Onde trabalhavam os Deane, trabalhava o Nóbrega, trabalhava o Nery Guimarães, trabalhava o Álvaro José Pinho Simões, estava também o Leoberto da Silva Ferreira, Leoberto Ferreira e o Bichat Rodrigues também trabalhava, enfim, tinha um grupo muito bom de gente trabalhando lá. E eu fazia o seguinte, eu saía de manhã de casa, 7:30, enfim, vinha a Manguinhos. Ia a Manguinhos, saía à uma e meia mais ou menos, ia para a cidade para tratar de assuntos com o Guinle, que dava o dinheiro todo, e com o Ministério da Educação para ver como é que andava o processo de absorção, e com o Simões Lopes do DASP. E depois de lá eu ia para a Faculdade, de onde saía às oito horas.

NB – Onde é que funcionava, Dr. Chagas, o Serviço de Estudos de Grandes Endemias?

CF – Hospital Evandro Chagas.

NB – No hospital? Essa equipe toda trabalhava no hospital?

CF – Todo mundo trabalha lá. E nós todos praticamente todos, o Lobato Paraense também estava incluído, ficamos todos tuberculosos lá. Porque comia-se lá, e tinha um cozinheiro fortíssimo, que era um eliminador de bacilos e pelo menos oito pessoas ficaram com a tuberculose: eu, Paraense, Simões, uma das secretárias, enfim, várias pessoas tiveram infecções tuberculosas.

NB – O senhor está lembrado que tipo de trabalho estavam desenvolvendo, na época que o Evandro faleceu?

CF – Eles estavam trabalhando sempre em *leishmania*, não é? Leishmaniose visceral. Era um grande enfoque que eles estavam dando. Já tinham trabalhado em malária e trabalhavam também em doença de Chagas. Quando eu estive lá, foi que deu aquele foco grande de casos agudos em Bambuí. O Emmanuel fazia, o Emmanuel também fazia parte do grupo. Emmanuel Dias, mas ficava em Bambuí.

PG – Manoel, ele esteve também lá em **Russas**, naquele trabalho...

CF – Isso foi na ocasião...

PG – Do *gambiae*, não é?

CF – Do *gambiae*. Ele fez um trabalho paralelo ao trabalho da...

PG – Rockefeller?

CF - Fundação Rockefeller. Com a qual ele teve muitos atritos etc. e quem temperava era o Manuel Ferreira.

PG – Ah, é o Maneco Ferreira.

NB – Porque, Dr. Chagas, ele tinha atrito com a Rockefeller? Em que sentido se davam esses atritos?

CF – Porque era muito difícil você trabalhar com o [Fred] Soper. O Soper era um homem muito difícil. Ele é muito simpático pessoalmente, mas muito pesado, muito duro, muito difícil de compreender. E era uma coisa diferente de Evandro, que era vivacíssimo.

NB – O Evandro divergia em relação aos métodos?

CF – Não, eram coisas pequenas. Assim de pedir um carro e o carro não ser dado. Coisas assim... Coisas assim...

NB – Não era, mas não era em relação ao trabalho em si?

CF – Não, não, não. De um certo modo sim, porque o Evandro era muito a favor da desinfecção domiciliar. Sem esquecer a necessidade do combate à larva. E o Soper acho que era muito da larva, não sabe? Tenho essa impressão, não posso garantir a vocês, mas tenho essa impressão.

PG – Quer dizer que o trabalho foi muito paralelo, não houve muita integração não?

CF – A integração era depois de cinco horas, quando eles começavam a tomar uísque.

NB – A integração perfeita se dava aí. (risos)

PG – Aí o Soper ficava mais brando, não é?

CF – É. E tinha um outro que era muito simpático, sem ser o Soper que estava lá. Era um homem muito simpático. Era isso. Bom, quando acabou o Serviço, porque eu consegui colocar todo Serviço dentro do Instituto. Todos os que quiseram foram aproveitados.

PG – No quadro?

CF – No quadro. É, e nessa ocasião, o Guinle dava quatrocentos contos por mês para manter o Serviço. E o Simões Lopes fez tudo que eu pedi, organizou tudo, tudo, tudo que eu pedi. Eu acho que o Simões Lopes é um dos homens de mais visão pública que eu conheço. E teve o peso de que tudo que era ruim, tudo que o Getúlio queria fazer, mas não

queria que aparecesse com as mãos dele, ele passava para o Simões Lopes. Com a sua devoção, porque uma das características era a lealdade, ele fazia. Por exemplo um dia eu cheguei para o Simões Lopes, Simões Lopes disse... Eu disse: “Olha, tem um amigo meu, que é um grande físico, estupendo. O Costa Ribeiro está passando miséria, tem seis filhos, sete filhos, está passando miséria, nós temos que, o que se pode fazer? Vamos dar tempo integral a ele.” E ele fez uma lei de tempo integral em 1942. E essa lei não foi adotada, embora fosse uma lei de opção, porque o pessoal, gente importante da Faculdade de Medicina e sem ser da Faculdade de Medicina, foram dizer a ele que, no DASP, processo etc... que havia dois professores da Faculdade de Medicina que recebiam dinheiro e que não iam lá. Um era o João Marinho, que morava em São Paulo, aliás, que era um grande otorrino, que tinha feito uma grande escola, aliás. Então o DASP ficou com medo e o diretor do pessoal do DASP, que era o Tavares Lira, eu não sei se era Lira Tavares ou Tavares Lira, porque eles mudam muito, um fica Tavares Lira e o outro fica Lira Tavares.

NB – Lira Tavares e o general.

CF – Os outros são Tavares Lira, não é?

NB – É, eu acho que sim.

CF – Negou completamente, então... Mas era um homem, mas aí quando eu fui falar com Guinle, dizer que estava tudo pronto, que ele agora não necessitava mais dar mais nenhum dinheiro ao instituto, ele disse: “Então agora vamos cuidar do seu instituto”. E aí foi que comecei a utilizar o dinheiro do Guinle.

NB – O senhor ficou quanto tempo lá nas Grandes Endemias?

PG - Três anos, não é?

CF – Eu fiquei de... Evandro morreu em [19]40. Eu fiquei até fins de [19]43. Três anos.

NB – As suas ligações com Simões Lopes vinham de onde? Das relações familiares?

CF – É... Ele tocava violão muito bem, e eu não tocava, mas nós começamos a fazer conhecimento assim na boêmia e...

NB - Mas ele é mais velho que o senhor, não é?

CF – É mais velho do que eu.

NB – Bem mais velho...

CF – Tem 80 e poucos anos. Depois eu conheci muito, quando todo mundo pensava que ele ia casar com a Jujuca. Que é depois familiar do Austregésilo de Athayde. E então ele ia sempre lá, eu ia também, ele tocava violão admiravelmente bem. E depois ele era amigo, por causa do Dr. Afrânio, meu sogro, ele era amigo de Annah também. De modo que uma série de fatores foram fazendo a nossa amizade. Aí começou uma vida simples no instituto,

porque eu tinha garantido a verba do Instituto. A Faculdade me pagava os salários básicos e mais, o que era muito importante, por isso é que eu custei muito a fazer o instituto, nunca fiz o instituto, porque pagava gás, luz e telefone. Então já era um negócio importante, não é? E depois eu estava dentro do ensino, que é o que eu nunca desprezei, eu achei sempre que a fonte da pesquisa tem que estar intimamente ligada. A pesquisa tem que estar intimamente ligada ao ensino, não pode se fazer ensino sem pesquisa, absolutamente. E para pesquisar você precisa...

[Bonella] – Um minutinho só, trocar o lado.

Fita 10 - Lado B

CF - Apareceram verbas de outras fontes também. Por exemplo, antes disso, eu consegui num certo momento contratar várias pessoas para o Instituto, quatro: Hertha Meyer, Moura Gonçalves, Almeida Salles, e o próprio René Wurmser, que veio passar uns anos de guerra aqui comigo, porque ele era judeu. Consegui com o Simões Lopes e criei uma classe especial, que chamava técnica especializada. Porque por mais estranho que isso pareça, esses meus colaboradores ganhavam como professor catedrático. Então tinha que arranjar um nome especial. Eles tinham que ter seis horas de trabalho por dia e etc... Consegui também arranjar pequenas verbas destaques no orçamento, que é uma coisa muito importante. Nessa ocasião, o orçamento era apresentado pelo governo, mas era confeccionado pelo Legislativo. Então havia um sistema de destaque de verba, você... Cada deputado tinha direito vamos dizer, a seiscentos contos. Então vários deputados, como Jorge Jabour, por exemplo, meu cunhado Afonso Arinos, um deputado da Bahia, amigo meu, davam esses destaques de verbas que iam de cem a no máximo trezentos contos por ano, porque o total que eles podiam era seiscentos, então a não ser o Jabour que não tinha nenhum... Depois em [19]50 começou a Rockefeller a me dar dinheiro. E como eu disse nos anos em que a Rockefeller colaborou conosco, e a Rockefeller tem um papel fundamental na reorganização, na organização da ciência brasileira. Foram mais ou menos cinco mil... Acho que não chegou nem a ser dez mil. Sei que foi no total, 55 mil dólares em dez anos. Mas era muito útil, porque eram pequenas peças que eu não tive, era mandar pessoas para o estrangeiro, que foi sempre uma política que eu utilizei. E fazer vir pessoas do estrangeiro, por exemplo, a senhora do Wurmser que trabalhou durante dois anos, eu consegui uma pequena verba para ela, não do Guinle, mas de outra pessoa. Enfim, essas pequenas verbas que são utilíssimas.

NB – A universidade mesmo é que não contribuía? Quer dizer, contribuía com a infra, como o senhor falou, infra estrutura?

CF – A infraestrutura toda pagava salários básicos. Mas eu tinha uma certa facilidade nessa ocasião, que hoje seria impossível. Por exemplo a Lutz Ferrando e Ferreira Barbosa, uma firma que também era na rua do Ouvidor, me deixavam pendurar o que eu quisesse. Me lembro que uma vez nesta firma, nessa outra firma, eu cheguei a ficar devendo 44 contos, que era uma soma importante. Sem nunca pedirem, cobrarem, nem nada. Era uma coisa fantástica. E pouco a pouco, a Universidade começou a me dar uns serventes, essas coisas todas. E tinha uma verba de consumo, mas essa verba de consumo era ridícula. Por

exemplo, quando eu, no último ano que estive no Brasil antes de embarcar para a Europa, a verba de consumo era 17 mil cruzeiros. Para nós pagarmos de armazenamento de aparelhos importados ou doados nós pagávamos isso à alfândega. Porque curiosamente, naquela ocasião nós tínhamos todas as isenções. Mas a única coisa que você não podia ficar isento era de pagar o armazenamento. Mas acontecia o seguinte, para você conseguir tirar alguma coisa da alfândega, eram necessários, eram quatorze etapas. Nós tínhamos um funcionário que só era encarregado disso. Quando ele chegava ao fim, já tinha percorrido, já tinha passado o prazo de 30 dias e aí nós tínhamos que pagar. Então nós pagávamos, praticamente toda verba que a gente tinha era para alfândega e armazenamento. E tivemos algumas doações do NIH, doações também da Força Aérea, doações do governo francês, mas realmente muito pequenas. O grosso mesmo era o Guinle e o orçamento da República. Até que veio o Conselho. Quanto veio o Conselho de Pesquisas, aí a coisa melhorou muito. Para eu dar o exemplo, eu um dia pedi uma entrevista... Tenho até o retrato disso, ao Álvaro Alberto, e o Álvaro Alberto fui a ele e disse: Olha, se o senhor não der uma gratificação especial de tempo integral a essas nove pessoas que estão aqui, eu sou obrigado a fechar o instituto”. Porque nós estávamos nessa contingência, de termos equipamento, de termos material, termos programas, mas não tínhamos com que pagar o salário. Ele imediatamente mandou fazer um ofício, eu fiz o ofício, ele assinou *ad referendum* do Conselho, e o instituto foi salvo. Aí dançou Gilberto Freitas, Aristides Leão, Antonio Couceiro, foram sete que foram incluídos, Manoel Frota Moreira, foram sete que foram incluídos desta maneira. Então você vê que foi um certo número de conjunções importantes, para esse crédito que eu tinha. Qual é a casa que vai me hoje, vai hoje me chegar... Não faz parte do espírito comercial, não é? A Lutz Ferrando por exemplo, eu podia chegar a cem contos de dívida que ela não me cobrava.

PG – E nessa fase inicial da implantação, já havia uma produção científica assim de algum peso que pudesse respaldar, ou foi um processo de maturação mais lento?

CF – Eu acho que foi um processo mais lento. Nós começamos a produzir mesmo... Porque o Instituto foi fundado em [19]46 e o Laboratório de Biofísica, que antecede o Instituto, foi fundado em [19]39. E esse momento, durante a guerra, foi muito difícil nós produzirmos. O único interesse nesse período, quer dizer, do ponto de vista mais produção era o fato de que nós começamos a utilizar radioisótopos nessa ocasião. E aí conseguimos publicar dois trabalhos, ou três, ou quatro trabalhos de alta repercussão. Além do mais, começou a trabalhar conosco o Aristides de Azevedo Pacheco Leão, que já tinha uma linha montada, e que não foi... Impossível continuar a linha dele. E eu tive também a sorte, porque quando eu comecei a tratar de peixe elétrico, eu queria fazer transformação de energia, na verdade não havia nada sobre, vamos dizer, aspectos fenomenológicos da descarga elétrica. E nós começamos a publicar, tivemos muito sucesso, de modo que nesse período nós devemos ter umas vinte publicações. Depois é que cresceu muito.

NB – O senhor trouxe alguém de Manguinhos?

CF – Eu?

NB – Que pudesse trabalhar nessa linha...

CF – Não, quem veio me procurar que vinha de Manguinhos, foram duas pessoas. Uma foi Alberto Barbosa [...], que estava no laboratório de Bioquímica, que preferiu trabalhar conosco. O segundo, esse é um caso muito particular. Eu apresentei um projeto, quando vi a importância dos isótopos e de tudo isto, eu apresentei um projeto no Conselho para mandar cinco pesquisadores do Instituto para trabalhar em radioisótopos nos Estados Unidos. E aí foram vários. E esses vários, cinco pesquisadores do Rio. Por exemplo, tinha um do Hospital do Servidores do Estado. Então, nessa ocasião eu não estava no Conselho Deliberativo, mas o Olympio soube e ficou uma fúria. E então queria anular aquilo. Mas a justiça de Salomão foi dar cinco a Manguinhos. Até eu estive com o processo na mão, o Almirante mandou, e até foi desagradável porque eu queria que todos eles aprendessem um pouco antes de ir. E dos que foram, e que mais lucraram, foi o Eduardo Pena Franca. Eduardo foi, e esteve conosco assim... Era químico, foi e depois voltou e aí ficou nove meses no Instituto Oswaldo Cruz, sem ter nem uma mesa. Eu aí, sabendo disso, chamei e disse assim: “Se você quiser, aqui amanhã você tem equipamento para trabalhar. E ele veio, pediu demissão lá, foi nomeado lá no Instituto. Ainda está aí até hoje, e com ele organizei uma das coisas mais bem sucedidas do Instituto, que foi um curso de ensino, métodos de isótopos, que nós fizemos durante doze anos. Começou com a colaboração do Cooper, que era um americano muito bom, que fazia sangue sobretudo, e que já trouxe tudo preparado e a Rockefeller aí deu também o equipamento, mas nós já tínhamos trabalhado em equipamento, mesmo porque já tínhamos tido três ou quatro professores visitantes no Instituto. A minha ideia era sempre...

PG – Só uma coisinha, Dr. Chagas. O senhor está falando da Rockefeller, era uma linha de prioridade da Rockefeller, essa parte da ciência básica?

CF – Foi durante um certo tempo. Graças a um vice presidente chamado Warren Weaver e para nós no Brasil era o Harry Müller, que vinha todos os anos, percorria toda a América Latina, mas mais particularmente o Brasil. E todos os grandes laboratórios que existem hoje no Brasil, São Paulo e aqui, Belo Horizonte, como é que se chama? Viçosa, Piracicaba, todos fomos ajudados por ele, pela Rockefeller. De modo que foi realmente uma ajuda e tanto.

NB – Isso era no pós-guerra essa atuação?

CF – [19]50. De [19]50 a [19]60. De [19]50 a [19]60 e poucos.

PG – Aproveitar esse intervalo e esclarecer um pouco a participação do Miguel Osório, porque ele veio convidado pelo seu pai, não é? Depois...

CF – Miguel é uma das pessoas mais extraordinárias que eu conheci, sob vários pontos de vista. E eu posso até dizer que houve, eu assisti a uma grande evolução. E conheço Miguel não só pessoalmente, como também porque eu ouvia dizer lá em casa etc. Em 1921, Miguel fez um concurso para física biológica na Faculdade de Medicina. Esse concurso, todo esse concurso, o professor Francisco Lafayette Rodrigues Pereira e Miguel. Naquela ocasião os candidatos, assim como os professores, se apresentavam de beca. Miguel, desafiando a multidão, porque os concursos eram completamente cheios, apresentou-se de casaca. Lindo, porque era realmente um sujeito fabulosamente bonito. E provocou o mais possível a

banca, inclusive tendo o professor Oscar de Souza, que era professor de fisiologia, com um certo ar de mofa dito a ele: “Mas -não chamava- professor, professor, o senhor pode definir o que é entropia?” Miguel levantou-se, foi à pedra e fez um símbolo matemático que é o símbolo da entropia. Respondeu deste modo, ele não explicou nada, ele provocou o mais possível. O fato é que ele perdeu o concurso por alguns votos. Ele mesmo me contou posteriormente que ele havia, era moço ainda e que sabia que o concurso não ia ser dado a ele, então tinha procurado mesmo enfrentar a...

NB – Mas eu tenho uma curiosidade. Porque ele disse isso ao senhor? Quer dizer, há uma certa... A gente está falando do Oswaldo Cruz, a gente está falando do Evandro, agora apareceu o Miguel Osório...

CF – Há um livro que ele me deu, que eu não sei se está aí não.

NB – Não?

CF – Vou contar a história dele toda. Em que ele se apresentou à Academia de Letras, fez um memorial, foi eleito para a Academia. E nesse memorial ele diz assim: A Carlos Chagas Filho, que é como se fosse “Meu filho espiritual”, está escrito com a mão dele. E aí, meu pai o convida para ser...

NB – Depois do concurso?

CF – É, depois do concurso. Convida para estabelecer a seção de fisiologia no Instituto Oswaldo Cruz. E ele aceitou, aceitou, envolveu-se muito com os inimigos de meu pai, que eram como ele, muito mais intelectualizados no sentido, não quero dizer pejorativo, mas no sentido frívolo da palavra intelectual, do que o meu próprio pai que não tinha essas coisas, e pediu demissão. Mas a ligação, a verdade é que ele ficou envenenado porque meu pai deu um salário maior ao Adolfo Lutz do que a ele.

PG – Mas então a tal carta que ele... Ele chega a assinar a carta?

CF – Chega a assinar a carta. A carta causou uma tristeza muito grande em meu pai, porque ele tinha por ele uma grande admiração.

NB – Eles voltam a se recompor mais tarde?

CF – Voltam a se recompor. O Miguel volta ao Instituto, e cria a seção de fisiologia. Foi aí que eu o conheci. Como é que eu posso descrever o Miguel? Miguel, com a cabeça de Cristo, os olhos verdes claros, um pouco azulados, uma voz extremamente simpática, tocava piano admiravelmente bem, tinha uma biblioteca fantástica, e tinha suas vaidades. Porque também era muito puxado pela família, ele era o menino prodígio da família Osório da Almeida. E ele era realmente um prodígio. E nós começamos a trabalhar juntos. E ele tinha uma característica muito engraçada, ele vinha do Alto da Tijuca num automóvel Ford que ele chamava de Electron. Chegava, sistematicamente ele tirava o relógio e dizia assim: “Hoje... -me lembro dele dizendo isso- Hoje eu fiz em 22 minutos e 44 segundos”. Quer dizer, que ele vinha mesmo com o pé na tábua, porque instituir de Alto da Tijuca aqui,

mesmo quando não havia tráfego era preciso. Mas não havia ainda, por exemplo, essa ponte na Mangueira, não existia nada... Bom, tinha que fazer mesmo a volta pela Suburbana. Falava francês admiravelmente. Uma vez eu assisti uma conferência dele em Paris em que Miguel, em que Miguel, o camarada que estava falou sobre cérebro, falou tão bem que o camarada que estava ao meu lado disse assim: “O senhor conhece esse fulano de tal?” conheço. “De que universidade, em que universidade ele é professor?” Ele não é professor de nenhuma universidade, ele é professor lá no Rio de Janeiro. E o francês não quis de modo nenhum. Ele e a mulher dele, a primeira mulher dele, eram o casal mais bonito do Rio de Janeiro. E disse que quando eles iam ao [Theatro] Municipal, eram sempre o centro de atração de todo mundo. Posteriormente ele se separou da mulher, e apaixonou-se por uma amiga minha (isso também é só entre nós). Resolveram fugir para Europa e ela não fugiu. Na última hora não teve coragem e parece que mandou uma imitação de Cristo para ele.

PG – Que compensação, hein?

CF – Isso me foi contado pelo Silva Melo, é uma história que eu não sabia. Depois voltou da Europa casado com uma russa Luba Alexandrovska, que é provavelmente uma das grandes pianistas que viveram no Brasil. E eu ia muito à casa dele, que era na rua Oitis, lá perto do Jôquei Clube atual, e eles tocavam em dois pianos. Eu gostava muito mais do que ele tocava, porque ele era muito menos técnico, mas muito mais vivido, não sabe? Dizem que essa Luba Alexandrovska, a senhora Luba o primeiro concerto que ela deu, ela sentou, como o piano estava longe, ela puxou o piano para si. Porque ela realmente era uma pessoa de 1.90 m de altura. (risos). Mas eu me afastei do Miguel por amor. Porque eu estava trabalhando com ele e um dia ele virou-se para mim e disse: “Você quer ver esse trabalho que eu fiz, que é uma nova teoria sobre excitação elétrica dos nervos”. Eu disse: “Pois não.” Passei o fim de semana ali. E eu tinha acabado de fazer o meu segundo ou terceiro aprendizado em matemática, e aí... Porque matemática você tem que aprender sempre, não é? Tem que estar treinado, é uma espécie de... Cheguei para ele, e disse: “Olha, Dr. Miguel, está ótimo aqui. Mas tem esse ponto, esse, esse, esse, que eu não sei se o senhor podia modificar”. Na saída, nós saímos sempre juntos, eu, ele e o Carneiro Felipe, ali chamava-se edifício da Quinina, não é? E ele e parávamos no Largo da Carioca. Em geral nós parávamos no Largo da Carioca para irmos a um bar ali, que Miguel gostava muito de Martini. Então, íamos ao Martini juntos, coisa que eu não gostava muito, porque eu sempre fui mais de... Naquela ocasião gostava muito de chope, hoje não gosto mais. Mas eu gostava muito de uísque. E conversávamos ali e tal, e aquilo ficou... E aí na ida um dia, ele virou-se logo depois desse episódio, do livro, ele virou-se para o Carneiro Felipe e disse: “Oh, Felipe eu sou mesmo um homem muito liberal, você vê que eu... Imagina que eu dei minha teoria de excitação elétrica dos tecidos ao Carlinhos (como ele me chamava), a mesma que eu dei a você... Você não fez nenhuma observação e ele fez uma série de observações. E eu não me incomodei que um garoto desses me fizesse observações”. Então como eu gostava muito dele, eu imaginei que não podia continuar, que um dia nós iríamos nos atritar, não é? E foi realmente uma salvação, porque aí eu fiquei em dúvida o que eu ia fazer etc., quando ele subitamente embarca para a Europa, onde ele ficou nove meses ou um ano quase. E ele virou-se para mim e disse assim: “Você não pode ficar aqui no laboratório, porque o laboratório vai ficar praticamente fechado, e eu não estou aí, não adianta. Então você passa esse tempo com o Carneiro Felipe”. Coisa que eu adorei, porque

tinha mania do Carneiro Felipe, que me serviu enormemente. Posteriormente eu vim encontrar com Miguel, principalmente isso se passou em [19]32. Ele fez o concurso, eu fiz o concurso, ele foi muito solidário comigo. Depois várias vezes ele foi me ver no Instituto, no laboratório, depois no Instituto de Biofísica. Depois ele fez, no princípio da guerra ele foi passar alguns meses na Universidade de Yale. Lá dizem que ele raspou a barba, mas só uma pessoa o viu, só um brasileiro o viu de barba raspada, que foi o Angelo Lobo Machado, filho do nosso Astrogildo Machado, e que era meu primo, e que trabalhava comigo. E que me disse que ele tinha ficado muito feio sem... Mas depois, quando eu voltei, quando eu voltei à Europa logo depois da guerra, ele já estava lá. E aí nós fizemos uma amizade que perdurou até o fim da vida dele. Quando ele, me lembro dele... Me lembro como se fosse hoje... Estava aí, dando conferências, um Prêmio Nobel muito importante chamado Hill, Archibald [Vivian] Hill. É aquele que tem o retrato ali. Aquele último retrato ao lado de minha filha.

NB – Em cima?

CF – Não. Você tem Churchill, não é? Depois aquele ali, não é?

NB – É. Em cima, lá.

CF – E o Miguel foi assistir à conferência. Até fiquei chateado porque ele chegou um pouquinho tarde, em vez de entrar, eu sabia que ele estava meio doente, não sabe? Ele em vez de entrar por baixo, ele entrou lá por cima, teve que subir uma escada íngreme, e assistiu a conferência toda, depois desceu, conversamos muito, aí fomos tomar um café juntos. E ele me disse: “Você não imagina, estou com umas dores nas costas que estão me preocupando muito”. Eu disse: “Você já foi ao médico? “Não, não, não é nada não”. Era um câncer de um mês. Foi dessas coisas violentas. Mas era uma pessoa admirável. Daquele tipo antigo, sabia versos... E além do mais era um musicista fantástico, era um grande matemático. Sabia as coisas direito. Era um círculo muito importante, intelectual, o círculo formado em torno do pai dele. O pai dele foi um engenheiro ferroviário, um homem que fazia estradas etc e que era muito amigo do Gafrée Guinle. E ficou bastante rico. E tinha uma casa primeiro na rua Almirante Tamandaré, e depois na Rua Machado de Assis. E o Gafrée Guinle instalou um laboratório de fisiologia préparticular nesses dois edifícios. Primeiro num, depois no outro. E era um centro de reunião intelectual fantástica. Os grandes nomes que marcam a intelectualidade brasileira naquele momento, iam todos se reunir. Eu assisti ao Maurício Costa, o Fernando Laboriaux, pai do Laboriaux que você conhece certamente... Artur Moses, que ia lá e tinha um grupo, o Guilherme Guinle, o Silva Melo, enfim... Às cinco e meia, seis horas, quando acabava a parte de laboratório, aquilo se transformava num fórum de alta qualidade intelectual, discussão de dona Branca, irmã deles, não é? De uma grande... Depois dois... Ali nasceu a fisiologia moderna, porque o Couto e Silva que foi aqui no Rio, que ficou aqui no Rio e depois o Paulo Galvão em São Paulo, saíram dali vários outros. Quem queria estudar fisiologia passava por lá. Mas era principalmente interessante, por causa...

PG – Do ambiente...

CF – Do ambiente, o ambiente é que realmente era...

NB - E sobre o trabalho do Miguel? O senhor quer fazer alguma avaliação sobre o trabalho dele?

CF – O trabalho do Miguel sofre, sofreu durante a vida toda, até o fim da vida. Ele foi vítima de duas coisas: primeiro uma certa soberba, quer dizer, um negócio que o que ele fazia era o melhor etc. e tal. E segundo ele não sabia inglês, ele sabia alemão muito bem, falava alemão correntemente, mas não sabia inglês. De modo que só publicou em França. Se ele tivesse publicado em... De modo que todos os títulos dele, principais, vêm de França. Se ele tivesse publicado em inglês, nos Estados Unidos, ele teria uma outra... Teria tido uma outra projeção.

NB – Mas essa teoria, eu lembro da entrevista com o Dr. Mário Viana Dias, que trabalhou com o Dr. Miguel muitos anos...

Fita 11 - Lado A

CF – Teria tido uma...

NB – Teria outra repercussão. Teria tido algum tipo de diálogo, inclusive que não havia no Brasil, só ele trabalhava sobre isso, com isso. O Grupo de São Paulo na fisiologia não trabalhava nessa área.

CF - Claro. O grupo de São Paulo...

NB – E ninguém desenvolveu, na verdade, nem o Dr. Haity nem Dr. Mário desenvolveram esse trabalho. Trabalharam com ele sobre isso, mas não deram continuidade a esses trabalhos.

CF – Agora, era um trabalho muito difícil. Porque só foi ser resolvido muito mais tarde com os íons, com a teoria dos íons por Axley, Hodgkin e Axley que tiveram o prêmio Nobel, mas com técnicas avançadíssimas eletrônicas que nós não tínhamos. Porque uma das coisas. O Miguel só utilizou e aliás com uma mestria fantástica, uma experiência do Miguel era um prazer a gente ver, não é? Mas ele usava as técnicas mais simples. Ele não conseguiu se adaptar às novas técnicas eletrônicas não, sabe? Diria uma coisa... O cientista hoje que não se meter a trabalhar com computador...

NB – É, seria a mesma coisa.

CF – A mesma coisa. Quer dizer, evidentemente no caso dele ainda era mais grave sob certos... mas, quer dizer, o sujeito tem que utilizar essas técnicas, elas dão um outro... Condição.

NB – A que o senhor atribui isso, Dr. Chagas? Essa barreira. Quer dizer, a gente sabe outros casos semelhantes ao dele. Pessoas muito interessantes e que não conseguiram dar esse... Se adaptar...

CF – Esse pulo.

NB – Esse pulo, não é? É uma barreira geracional, cultural?

CF – Eu acho que é mais cultural do que geracional. Porque o que acontece é o seguinte, é que... Eu por exemplo, que adoro a França e tenho centenas de amigos na França, eu vejo os defeitos, não estou fascinado pela ciência francesa, como Miguel viveu a vida todo fascinado pela... E o que aconteceu é o seguinte: quando a fisiologia passou a ser física, físico-química e bioquímica e biofísica, Miguel perdeu o terreno porque ele não tinha podido se acompanhar, o meio aqui não ajudava, não é? Porque por exemplo, Carneiro Felipe que era um tipo fabuloso, foi chamado para fora do Instituto muito cedo. Ele foi trabalhar primeiro no... Primeiro foi ser chefe de gabinete do Chico Campos, portanto em [19]31, quando Chico Campos foi ser...

PG – Carneiro Felipe, é?

CF – Carneiro Felipe. Nessa ocasião eu passava as semanas, os fins de semana em Manguinhos. Foi a combinação que eu fiz com ele.

NB – Substituí-lo...

CF – Não, não. Porque era uma maneira de vê-lo.

PG – Por que?

CF – Era a maneira de vê-lo, de encontrar com ele.

NB – Ah, a maneira de vê-lo, nos fins de semana.

PG – Ah, ele voltava a Manguinhos nos fins de semana...

CF – É.

NB – Ah, sim...

CF – Nós chegávamos... Eu chegava na sexta por exemplo, dormia de sexta para sábado. Ele chegava sábado muito cedo, e nós saíamos domingo de noite.

PG – Eu não queria interromper essa linha... Não sei se... Mas volta a um tema que é um pouco confuso para a gente. Que é como é que se dá esse reajuste das relações de Manguinhos com a entrada de Vargas, não é? Porque por um lado a gente sabe que houve tensão muito forte entre o Vargas e seu pai, não é?

CF – Mas a tensão que houve, eu não cheguei ainda a essa parte porque ela não... Há duas coisas que, engraçado ali na tese da [...], que é coisa de português que ela não sabe e que...

NB – Ah, isso é terrível.

CF - E que tem um outro sentido, não é? Outra coisa, ela está se baseando exclusivamente nos dados e não nas pessoas que não existem mais, não é? Vargas era um opositor de meu pai. Por que? Por influência do Cardoso Fontes e do Belisário Penna. Mas antes dele ser ditador, que foi em [19]35, meu pai já morto, [19]36, não é? Durante todo primeiro período antes dele ser eleito, meu pai tinha uns apoios fantásticos que impediram qualquer ação de Vargas contra ele. Primeiro o Vargas contra meu pai tinha um certo respeito, vamos dizer, mas ele tinha o Oswaldo Aranha e o Afrânio de Melo Franco.

NB – Pois é, o senhor já mencionou isso nas suas entrevistas anteriores, e a gente não... Gostaria que o senhor falasse um pouco melhor dessas relações. Do seu pai com o Oswaldo, que é um gaúcho, e o Afrânio que é um mineiro, dá para entender um pouco melhor. Mas eu gostaria que o senhor falasse um pouco dessas relações do seu pai com esses dois homens, que são homens da maior importância nessa década de [19]30. E que estão, e que fazem a revolução de [19]30 junto com Getúlio.

CF – Quer dizer, até... Meu pai era um getulista inflamado.

NB – É?

CF – É.

PG – Interessante.

NB – Eu não tinha esse perfil de seu pai...

CF – Ele defendeu, porque ele já não tinha mais nada, não tinha mais nada com...

PG – Em [19]26 ele sai, não é?

CF – [19]26 ele sai. Então começa a ver as coisas do Washington Luís. Aí forma-se a Aliança Liberal. Ora, a Aliança Liberal é feita por quem? Olegário Maciel...

NB – Antonio Carlos?

CF – Antonio Carlos, que era o maior amigo de meu pai, inclusive, não de conterrâneo, mas tinham se conhecido muito moços, e ele de fora, não é? Afrânio Peixoto, Afrânio Melo Franco, José Bonifácio... Então os grandes próceres da revolução lá de Minas eram amigos de meu pai. A isso você junta os dois filhos do Dr. Afrânio, antes mesmo de eu entrar para a família, porque eu entrei para a família em 1934.

NB – Pois é, quando o senhor casou...

CF – Me casei em 1934 e conheci Annah em 1933. Antes disso tanto o Afonso quanto o Virgílio eram...

NB – Afrânio?

CF – Afonso. Afonso que está sofrendo lá em Brasília, não é? Eram amigos de meu pai. O Afonso foi a meu pai pedir a meu pai para se apresentar à Constituinte. Pelo estado de Minas.

NB – Seu pai recusou?

CF – Meu pai recusou. Alegando que ele não podia, que o dever dele era defender a ciência e defender o instituto. A constituinte de [19]32, não é? E ele com muito medo de ele... Porque ele tinha entrada franca no Congresso, essa é que era a vantagem, ele dizia isso. Ele disse isso uma vez: “Eu não entro em política. Primeiro porque minha vocação não é política”. Porque, ele dizia, o sujeito para ser político tem que ser um homem que faz concessões à amizade, a coisas com que não está de acordo. Essa era uma razão que eu acho bastante boa. E depois o que acontece é o seguinte: “Tal como eu estou, eu tenho amigos em todos os Partidos. Eu vou à Câmara, vejo...”. Por exemplo, uma vez houve um problema importante, o Altino Arantes era o presidente da Câmara, PRN, PRP, São Paulo. E ele tinha maior contato, então ele guardava a sua personalidade para ele. Então eles foram neutralizados. Até que chegou, ele foi mesmo... Washington Pires foi o homem que mais perseguiu meu pai. Inclusive, cortando a ele uma gratificação que ele tinha de chefe de diretor de Manguinhos, que era de mil...

NB – Mil contos.

CF – Mil contos, não é? Ele ganhava três e era de quatro. Quatro mil contos. Será isso? A gente se esquece, mas deve ser isso mesmo. E mandando tirar um automóvel... Durante muito tempo, eu ou o Evandro levávamos meu pai ao serviço de manhã.

PG – Isso veio por uma determinação do Washington Luís, não?

CF – Não, do Washington Pires.

PG – Ah, sim.

CF – Ministro da Educação. Que substituiu o Chico Campos.

PG - Mas aí tinha essa relação toda, com o apoio de Minas e também com o Oswaldo Aranha?

CF – E também com Oswaldo Aranha através de Virgílio, meu cunhado. E de Afrânio.

NB – Que o Oswaldo era muito ligado ao Virgílio.

CF - Era muito ligado ao Virgílio.

NB – Agora, Dr. Chagas, e como é que o Carneiro Felipe vai para o Ministério da Educação com o Chico Campos?

CF – Vou te explicar porque...

NB – O senhor sabe como foi isso?

CF – O Carneiro Felipe fez a Escola de Minas.

NB – Ah, sim, Ouro Preto.

CF – De Ouro Preto. Depois teve dez em tudo. Tem um retrato dele na congregação, é o melhor aluno que já passou por lá, etc. Aí ele foi para São João Del Rey para negociar carvão. Foi aí aliás, que ele ensinou o Francisco Lafayette Rodrigues Pereira a fazer concurso contra o Miguel. E depois ele me ensinou a fazer concurso quando houve a vaga. De modo que ele é um homem que formou dois professores. Carneiro Felipe é chamado um dia a criar o laboratório de Pesos e Medidas, não, de Medidas Biológicas de Belo Horizonte. Que foi donde meu pai o tirou. Eu não sei bem como é que se chama o laboratório, mas acho que é Medidas Biológicas, enfim. É para ver a qualidade da água... Nessa ocasião era diretor, era secretário de Educação, Chico Campos que estava fazendo uma grande reforma de Ensino em Minas Gerais e aí eles se uniram. Quando em [19]31 Chico Campos veio, solicitou o apoio do...

NB – Os mineiros todos acabam se encontrando. É. É a conexão mineira.

CF – Conexão mineira.

(Falas simultâneas)

PG – Então ele estava respaldado. Quer dizer, estava respaldado e conseguiu passar esse período com vínculos de...

CF – É, você sabe que foi...

NB – Agora eu gostaria de fazer uma pergunta...

PG - Agora, eu não entendi... Quer dizer, eu só não entendi uma coisa. Seu pai, quer dizer, era getulista, como você coloca nesse período.

CF – Getulista. É.

PG – E porque quê, mesmo com a coisa da intriga do Belisário Penna e do Cardoso Fontes... Porque que chega ao ponto dele ser preso, dele ser detido?

CF – Aí foi uma denúncia que é atribuída ao... Como é que ele se chama? Ao homem que era Belmiro Valverde. Belmiro Valverde era um protegido do Miguel Couto, chegou a

secretário da Academia [Nacional] de Medicina, e houve um momento em que ele curava lepra no seu laboratório de urologia, no Largo da Carioca. Meu pai teve a denúncia e foi lá e fechou o laboratório. E depois o Belmiro Valverde foi um dos 40 do Movimento...

NB – Integralista.

CF – Integralista.

PG – É, não é? Está certo.

NB – Mas o seu pai, quer dizer, essa Aliança Liberal, quer dizer, o movimento que precede a própria revolução de [19]30, é uma coisa, ao meu entender, a meu ver, o que se passa logo após, que é uma ditadura, é um governo provisório que leva algum tempo, precisa de uma revolução no meio disso que é em São Paulo, não é? Para pressionar pela Constituinte, é uma outra coisa, não é?

CF – Foi um custo para aprovar que era eu que tinha, que estava...

NB – A favor de 1932.

CF – [19]32, e não meu pai.

NB – Pois é. Então, quer dizer, o seu pai, o que ele achava desse período do governo provisório em que se instalou essa ditadura até [19]34 então [19]33, não é? Que foram convocadas as eleições.

CF – Ele era a favor das eleições. Ele achava que era preciso constitucionalizar o país.

NB – Ele estava nesse movimento da constitucionalização, não é?

CF – Estava como todo mundo, não é? Mas lá de casa o único atingido fui eu, não é? Porque eu resolvi tomar conta do Ministério da Educação, me disseram, fui lá para o Café Amarelinho, não aconteceu nada. Mas meu pai foi acusado de ter participado. Porque eu inclusive dei o meu anel de formatura, que era...

NB – Deu para São Paulo.

CF - De meu pai. Entreguei para São Paulo.

NB – E foi nessa que o Belmiro Valverde, nessa situação que Belmiro Valverde?

CF – Não. Belmiro Valverde foi quando meu pai chegava da Europa e o Getúlio tinha mal assumido o governo e, portanto, em 1930, que foi a Revolução, não é? Revolução de 1930.

NB – Outubro de [19]30, é.

CF – Outubro de [19]30. Isto deve ter sido nos primeiros dias de...

PG – [19]31?

CF – Não, de novembro. Meu pai veio de navio, mandaram buscá-lo de lancha, e botaram ele na cadeia.

NB – Mas, a acusação qual foi? Acusação formal.

CF – Disseram que ele estava conspirando contra o governo fora... Sabe que esse pessoal não... Acusações formais eles inventam muito, não é?

NB – Pois é.

PG – Mas isso foi rapidamente contornado?

CF – Ah, isso... Ele esteve dez minutos lá. Porque aí minha mãe soube, telefonou para o Afrânio, o Afrânio tomou as providências imediatamente. Tasso Fragoso também era muito amigo de meu pai.

PG – Tasso Fragoso?

CF – É.

PG – Da junta?

CF – Da junta.

NB – Numa outra entrevista, eu não estou bem lembrada qual foi, o senhor disse que são essas pessoas que intervêm de alguma forma, junto ao Ministério para não retirar as verbas do Instituto.

CF – Não. Isso foi... Exatamente. Aí o velho teve que ir à Câmara dos Deputados, porque a ideia que se meteu na cabeça do Getúlio era de que a verba interna do Instituto era utilizada a mãos rotas por meu pai. Então resolveu-se tirar as verbas. Mas aquilo não ficava direito, então racionalizou-se aquilo e decidiu-se que nenhuma repartição podia ter verba própria. Quando isso ia acontecer, que foi no fim de ano de [19]33, meu pai conseguiu intervir no orçamento da Câmara. E em [19]34 Manguinhos ainda teve as verbas internas. Agora, depois em [19]35 passou isso e em [19]36 Manguinhos deixou de ter as verbas internas, renda própria.

PG – Agora, só para aproveitar esse finalzinho desse tema aí... Quer dizer, em 1926 ele saiu. Mas como é que é a relação dele com o DNSP entre [19]26 e [19]30? É conflitante...

CF – Não. Não, não. É uma relação muito curiosa. Pelo seguinte, porque ele sempre foi amigo do Clementino Fraga.

PG - Clementino, não é? Inclusive...

CF – Que tinha, teve uma atuação fantástica. Malgrado, aqui entre nós a implicância de minha mãe com Clementino, ele tinha uma grande coisa com Clementino. Aí não sei se essa moça Labra estaria de acordo comigo, o que acontece é que ele tinha feito a reforma de Saúde Pública que o Clementino tinha continuado, mas os jovens turcos Jansen de Mello, João Barros Barreto e o próprio...

PG – Fontenelle?

CF – Fontenelle, não é? Começaram a combatê-lo, porque queriam fazer uma reforma deles mesmos. Então começaram a dizer que a coisa não valia nada e etc... Mas ele sempre teve muito boas relações com Clementino. Assim como eu tenho muito boas relações com os filhos dele, sempre tive.

PG – Mas aí já não tinha mais uma influência mais marcante, não é? Quer dizer... não...

CF – Quer dizer, meu pai tinha uma influência pessoal muito grande, porque o número de pessoas que iam vê-lo todas as manhãs no serviço, e que iam lá em casa nunca diminuiu. Mas evidentemente ele não tinha posições políticas para poder influenciar. Mas devo dizer o seguinte: que naquela ocasião, tal como eu penso, tal como eu me lembro, as posições eram menos importantes do que são hoje. A influência pessoal era muito grande.

NB – Era maior do que as posições?

CF – É. Maior do que as posições. Os homens nos valiam com as posições. Você quer trazer... Minha teoria é que esse tempo...

(toque de telefone, interrupção da gravação)

PG – Ele tinha influência pessoal muito grande, não é?

CF – Ah, muito grande.

PG – E os jovens turcos já se ligaram diretamente ao Clementino?

CF – Ligaram-se ao Clementino e depois chutaram o Clementino.

PG – Também, não é?

CF – Também.

PG – Eles vão estar com Vargas depois, não é?

CF – É. Aí o Clementino conseguiu... Porque o Clementino tinha um carisma fantástico, não é? Quando ele foi Secretário de Estado de Saúde formou-se um grupo em torno dele. Mas é um grupo antagônico ao grupo federal.

PG – Ah, é?

CF – Então você tem todo esse grupo, que é meio socializante, que... Alguns deles participaram no movimento de [19]35, outros quiseram participar e não participaram, e outros vieram depois a participar do Movimento, do Manifesto dos Mineiros. Todos eles se aliaram muito ao Clementino.

PG – Quem são eles? Assim só para eu me situar.

CF – Pedro Nava, o Renato Pacheco, o Odilon Baptista, o Julio Sanderson [de Queiroz].

PG – Júlio Sanderson, não é?

CF – Eu acho que o pai é que era o maior amigo do...

PG – É.

CF – Paulino Albuquerque, esse pessoal todo. Que era filho do Jesuíno de Albuquerque, muito ligado...

PG – Bom, mas aí já era um outro grupo...

CF – Um outro grupo.

PG – É. Interessante.

NB – Participaram da ANL?

CF – Participaram da...?

NB – ANL, Aliança Nacional Libertadora.

PG - O Odilon Baptista sim, não é?

CF – Sei, mas... Eu acho que o Odilon Baptista sim, os outros eu não posso dizer. Houve até um... Eliezer Magalhães por exemplo, que foi amigo íntimo meu. Há até uma coisa engraçada porque...

NB – O Eliezer era comunista mesmo, não é? Eliezer era comunista. Porque a Aliança, ela se forma como uma frente anti-getulista e aí depois é que há um núcleo do Partido Comunista.

CF – Eu acho que o Eliezer foi comunista durante o primeiro período, esse período até... Depois eu acho que ele foi se tornando social democrata. Mas ele era uma pessoa extremamente interessante, muito amigo meu. Eu o conheci em Paris. E conheci...

NB – O Eliezer era médico, não é?

CF – Era médico sim. Eu o conheci em Paris de uma maneira muito interessante. Ele me convidou para ir a casa dele e eu fui, onde ele estava exilado. E encontrei lá uma porção de oficiais brasileiros, três ou quatro oficiais brasileiros, que haviam participado da guerra da Espanha, contra o Franco. Foi muito agradável esse dia.

PG – O que o Eliezer falava do... Porque me interessa muito esta coisa do Eliezer porque ele está ligado ao Pedro Ernesto e ele é o porta voz do Partido Comunista na articulação com Pedro Ernesto. Então existe um momento que no processo de acusação do Pedro Ernesto, o Eliezer Magalhães assume a culpa de ter de alguma forma, envolvido o nome do Pedro Ernesto como sendo um membro apoiado pelo Partido, quando na verdade ele estava numa missão de fazer a cabeça do....

NB - De doutrinação.

PG - De doutrinação, não é? Então ele faz, não sei se é uma coisa só tática dele, mas ele assume um pouco essa ideia de que teria sido responsável por uma...

CF - Isso é tipicamente dele.

PG - É, não é?

CF - Ele procurava inocentar, e tornar o pessoal mais independente possível.

NB – Ele nunca lhe mencionou esse episódio? Da prisão do Pedro Ernesto, nessa época...

CF – Sim, sim. Ele...

NB – Das ligações dele com Pedro Ernesto.

CF – Quer dizer, esses médicos todos desse grupo eram crias do Pedro Ernesto, porque eram todos que vieram do interior e foram todos nomeados pelo Pedro Ernesto no momento em que houve um aumento dos Serviços de Saúde. Tal como eu me lembro, eles acharam que o Pedro Ernesto em determinado momento, não tomou a atitude que devia tomar. Que é provavelmente neste momento que você está se referindo. Quer dizer, se eu me lembro bem, no dia 25 de novembro de 1935, a 23 de novembro de 1935, eles esperavam do Pedro Ernesto alguma coisa diferente. Mas isso é uma hipótese que eu estou...

PG – Havia uma expectativa do Pedro Ernesto, que tinha uma popularidade muito grande, ele servisse mais de contra tendência ao processo de radicalização do regime, não é? Mas aí Pedro Ernesto faz todo um movimento de tentar se adaptar um pouco, que ele ainda acredita que vai haver uma solução democrática. E aí ele está sendo uma espécie de terceira tendência entre o que seria a ala mais radical da Aliança, não é? Da ANL, e o processo de radicalização de direita dos oficiais, que vai dar no Estado Novo. Então há uma discussão tática aí, que o Pedro Ernesto não caminha junto com o pessoal da Aliança. Ele inclusive critica a radicalização da Aliança e tenta fazer uma outra forma de...

CF – Bom, aí também... Não há a menor dúvida que o Pedro Ernesto era um homem do Getúlio. Embora fosse um homem de grande importância aqui, ele tinha uma grande fidelidade ao Getúlio. Aí é aquela questão do Talleirand, não é? Que dizia: “Eu nunca traí os meus amigos. Eu sempre fui fiel à França”.

NB – E apesar disso foi preso, não é? Sofreu aquele processo todo, foi processo no tribunal de segurança nacional e tal, não é?

CF – Aqueles episódios... como os mais recentes, são realmente... Eu outro dia cheguei à conclusão... Eu fui ver de novo *A missão* eu fui ver de novo. Fui ver pela primeira vez *A missão*, no sábado. Que eu só gosto de ir ao cinema no clube mais fechado que existe no Brasil, mas que é muito cômodo. Que é o *Country Club* ali na... você entra de automóvel, você assiste o cinema, depois você janta... É tudo muito carinho, mas em todo caso eu sou sócio de lá há quarenta anos. Quando eu tiver na miséria eu vou vender, mas por enquanto... E vi as missões, e cheguei à conclusão que os grandes males do Brasil são a consequência do Marquês de Pombal. Foi o Marquês de Pombal sem dúvida que deu ao brasileiro e português naturalmente, essa ideia do Estado onipotente. Que o povo...

NB – Protetor.

CF – Protetor. Que não precisa ser... O povo, as classes por mais nobres e elitistas, e o povo... nada... Ninguém tem que saber de nada, o poder é que comanda. Que é pouco o que aconteceu conosco. Tanto no Getúlio quanto no... no... agora.

PG – [19]64.

CF – Getúlio ainda tem muito mais desculpas que o governo militar. Vocês viram ontem no Fantástico?

NB – Não.

CF – Vocês não viram não? Eu fui para... fui assistir... Nunca assisto o Fantástico por falta de hora, não é que seja contra. Só não gosto das novelas. O Fantástico sempre vou para assistir os gols da rodada. E ontem como eu não saí de casa, assisti uma grande parte... O que se gastou em obras faraônicas aqui no Brasil é de você ficar realmente... Você viu, não é? Uma coisa incrível! Sem contar porque não falaram ainda em Transamazônica. Porque a Transamazônica é um desses crimes contra tudo que é lógico. Você fazer uma estrada paralela ao rio, realmente a coisa mais barata que há, não é? O rio... A França é o que é porque Napoleão fez aqueles canais, porque não custa nada transportar nada. Você não pode imaginar. Por exemplo, tem um... São Paulo, o Tietê só pode caber quatro turbinas. Eles encomendaram oito. E não sabem o que fazer com as outras. E as... Aquelas eu vi, porque isso eu vi...

PG – Tem a Ferrovia do Aço também, não é?

CF – Cada edifício, aquela. Cada pilastra daquela dá para fazer quantos edifícios?

LC – Duas mil casas populares.

CF – Duas mil casas. Cada pilastra. É realmente uma coisa do sujeito ficar horrorizado.

PG – É, a sensação de absurdo, não é, surrealista.

CF – Enquanto isso querem cortar as bolsas dos estudantes. E o salário mínimo... Quanto é o salário mínimo, hein?

NB – Aqui?

CF – No Brasil.

NB – É, 1900.

LC -É, 2000 e pouco cruzados.

CF – 30 dólares. Não se pode comparar... Corresponde realmente a uns 200 dólares, que não dá nada em país algum. O que me preocupa não é nada disto, isto tudo é horrível... Mas você quando fala com esses homens de governo, você tem a impressão que está tudo muito bem, não está acontecendo nada.

PG – Fica aquela ideia de empurrar com a barriga, não é? Quer dizer, você está lidando com uma situação extremamente caótica, mas vai se ajeitando, vai se dando... Até que vem a catástrofe maior, não é?

CF – Não, não. É impossível nós não... A não ser que haja uma... Noutro dia o Afonso Arinos, quando ele esteve aqui a última vez, me contou de certas emendas da Constituinte, mas não são emendas de regime parlamentarista, educacionais, não. Não! Coisas realmente inacreditáveis apresentadas por deputados.

PG – Em benefício próprio?

CF – Em benefício próprio... Só para dizer que apresentou, não é?

NB – Tem coisas absolutamente ininteligíveis. Não precisa nem escrever.

CF – A coisa que eu acho mais engraçada é o seguinte: você faz uma Constituinte, elege os deputados, eles fazem uma Constituinte, e agora volta-se para saber se essa vai ser um plebiscito.

PG – Não, o pior é que a situação é a favor ou contra dependendo do que o plebiscito pode ou não trazer, não é? Então, agora o Sarney estava a favor do plebiscito porque a pesquisa de opinião pública mostra que são presidencialistas. Agora vale o plebiscito, não é? Se fosse para outras questões aí já não valeria o plebiscito.

CF – Mas como é que você pode fazer o plebiscito numa constituinte. A mesma coisa é de que... orçamento. Orçamento você só pode cortar todo ele, vetar todo ele. Mas não pode vetar parte... Quer dizer, que o plebiscito como é que vai ser?

NB – Vai levar parte da Constituição? Como é que fica?

CF – Como é que fica?

NB – O senhor é parlamentarista ou presidencialista?

CF – Eu sou pelo presidencialismo mitigado.

NB – Que nem Dr. Afonso. Não, Dr. Afonso é parlamentarista.

CF – Mitigado.

NB – É, mitigado. É o acerto. Vocês se encontram no meio.

CF – Eu acho que o parlamentarismo mitigado tem suas vantagens, principalmente... Agora, o presidencialismo puro, esse não. Esse... que é a... vem de Pombal, vamos voltar de novo. Decreto lei, o diabo a quatro, isso não pode ser.

PG – Que era a situação de... Quer dizer, a coisa do autoritarismo, centralização do poder, isso o senhor criticou no Vargas também. E no meio médico, como o senhor falou dessas pessoas, as pessoas estão muito ligadas a Pedro Ernesto, a Aliança é um setor um pouco mais à esquerda, alguns estão até no Sindicato dos Médicos. De um modo geral, na categoria médica, como é que ela reagia a esse período do Vargas?

CF – Bem, ela reagiu de um certo modo bem, por uma razão muito simples. Porque não por...

Fita 11 - Lado B

CF – Saúde, vamos dizer assim, mas porque o sistema Vargas criou centenas de empregos. Então, os sujeitos tinham empregos que não tinham antes, mas esses empregos não nos impediam de clinicar, quer dizer, eles faziam... porque na verdade enquanto não se fizer os hospitais em que os médicos fiquem o dia inteiro, não há medicina possível. E isso é um negócio difícil ela fazer. Porque o que não é possível é que numa profissão que evolui de ano para ano rapidamente, e que ontem você aplica um certo número de técnicas, hoje está aplicando... técnicas... Que os conceitos mudam, você ter esses meninos todos que se foram... Na época que eles precisam mais estudar medicina, eles têm três ou quatro empregos. Passam duas horas aqui no hospital, depois vão dar plantão em outro lugar ou depois vem aqui... Então para poder viver. Então isso não pode. Não pode continuar.

NB – Essa situação ocorria na década de [19]30, Dr. Chagas? Ou era um pouco melhor isso? Como é que era essa situação?

CF – Não, na década de [19]30 quando eu entrei para a Faculdade de Medicina, praticamente todos os alunos sabiam que iam ter uma profissão, que iam ter vencimentos suficientes, principalmente na clínica particular. Eles eram ligados a tios, a primos, a pais, etc. De modo que tinham sempre... E depois se criaram os novos hospitais e a coisa melhorou muito.

NB – O Estado era um local de trabalho fácil? Quer dizer, arregimentação? O Estado oferecia empregos?

CF – No tempo do Pedro Ernesto, por exemplo, quando se fez um aumento... Todo mundo que quis, foi empregado. A mim me fizeram médico do pronto socorro. E eu recusei.

NB – Não tinha concurso público?

NB – Mais tarde, não é?

PG – Nesse período não...

CF – Não.

PG – Mas aí entra uma coisa que a gente sempre fica... que é a relação entre de um lado os clínicos e os sanitaristas, e de outro lado, entre sanitaristas e clínicos e aqueles que estão na pesquisa básica. Essas coisas são bem separadas, não é?

CF – Quer dizer... são... A mim são separadas na práxis, mas não devem estar separadas na teoria. Quer dizer, você é hoje um médico. Um bom médico não pode acompanhar o progresso da medicina se ele não souber um pouco de genética, de citogenética, de bioquímica, e também dessa tecnologia avançada. O sanitarista também. O sanitarista que não souber bem psicologia, sociologia, o que acontece com o doente na sua casa, no seu meio, e de outro lado não pode acompanhar os progressos da tecnologia também, da biologia, da tecnologia, não pode ser um bom sanitarista, não é? De modo que a formação, e aí um dos grandes dramas é que o saber cresceu muito. E porque se pulverizou muito, se dividiu muito. E daí portanto que você não consegue construir nada que não seja multidisciplinar. Então isso cria um problema terrível.

PG – Agora, nessa época especificamente em [19]30, quer dizer, a gente sabe toda uma tensão que existe entre essa especialização sanitarista, está acontecendo, uma maior intervenção do Estado na área sanitária e clínica também, porque estavam juntas, não é, num certo sentido... E a reação de um lado dos clínicos, porque não se identificam muito com a questão do sanitarismo e também dessa separação entre quem é clínico e quem faz pesquisa laboratorial, seja na clínica, seja no campo da ciência básica no Instituto. Porque isso me chamou atenção numa época que eu estudei o Pedro Ernesto, inclusive assim essa repercussão da assistência médica que o Pedro Ernesto implanta, não é? Quando a gente entrevistava o pessoal da área de Saúde Pública parecia que você estava trabalhando em

dois campos separados, quer dizer, o que acontecia na assistência médica, na organização do Serviço, era uma coisa que não era acompanhada pelo pessoal que estava lidando com a Saúde Pública...

NB – E hoje se vê em relação aos pesquisadores do Instituto [Oswaldo Cruz], não é? Também não tem nada muito a ver com as duas outras áreas. São coisas muito diferentes.

CF – O problema que você está me trazendo é um problema muito difícil. Você sabe que primeiro o fato de haver sanitaristas hoje, é quase que um milagre. Porque durante muito tempo, como é que você podia ganhar dinheiro sendo sanitarista? Como é que você podia viver, sendo sanitarista? Você para ser sanitarista, você tinha que ter um emprego na Saúde Pública, porque nem... A indústria privada só agora é que começa a utilizar, não é? Então ninguém queria ser sanitarista.

NB – Mas o seu pai teve essa preocupação?

CF – Muito, muito. Ele queria fazer uma escola de saúde pública. Fez o Curso de Saúde Pública, não conseguiu fazer uma Escola. Eu até fui professor dessa Escola. De modo que é um problema muito difícil de você resolver. Nos Estados Unidos, porque que o sanitarismo pode prevalecer desde cedo? Porque os Estados Unidos é um país, de todos os países que eu conheço, é um país de vida mais igual. Quer dizer, a não ser uma pequena nata que está acima... no palco, a diferença entre um médico, um sanitarista e um biólogo, do ponto de vista de vencimento é muito pequena. E com as vantagens que o sujeito tem, por exemplo, pode comprar casa a 4%, a 4% de juro ao ano. Todo mundo que eu conheço nos Estados Unidos tem casa, porque o banco, 4 a 6%. Então o sujeito vai para o sanitarismo lá porque sabe que tem uma vida garantida. Aqui o sujeito ia para o sanitarismo, e ainda parte vai hoje, ou por uma vocação fantástica ou porque acha que ele não tem jeito nenhum para outra coisa. Então vai para um emprego, vai para um emprego barato e... não é? Agora, que é necessário um movimento sanitarista enorme, é necessário.

PG – Mas nessa época que tem o DNSP com seu pai, depois... é...

CF – O Fraga.

PG – Fraga, não é? E...

NB – O curso.

PG – É uma época... O curso, não é? É uma época que começa a se especializarem essas pessoas que vão para os Estados Unidos, e voltam... Existe um pouco essa expectativa de um emprego para os sanitaristas, ou é uma coisa limitada?

CF – Existe, mas não foi realizada, vamos dizer, a expectativa. Agora, houve um momento em que eu sabia... exato... eu não me lembro mais. Mas eu acho que dos quarenta e quatro primeiros bolsistas que foram estudar em *Johns Hopkins*, na *Public Health School* e que tiraram o master em Ciências... em PH, em Public Health, eu acho que a grande maioria,

senão 80%, ao voltar dedicou-se à clínica em outros ramos que não... Isso é uma coisa aliás que precisava ser...

PG – Precisava ser pesquisada.

CF – Ser pesquisada.

NB – Esses 44 saíram de onde? Isso foi... saíram de onde?

PG – Johns Hopkins.

NB – Não, não. São do Rio?

CF – São do Rio. Rio, Brasil de um modo geral. Acho que são principalmente do Rio.

NB – Ah, sei.

CF - E foram para *Johns Hopkins, Public Health School*.

NB – Isso foi em que época, Dr. Chagas? Se o senhor está lembrado...

CF – Isso foi na época... Começou com meu pai e foi até os [19]40 certamente, até mais do que os [19]40. Por exemplo...

PG – Interessante a gente pegar essa lista...

CF – Pegar uma lista e ver se eles realmente se dedicaram à Saúde Pública. Conheço mesmo o caso do Arnaldo Moraes, que foi lá fez o Curso de Saúde Pública mole mole, e aí se tornou um grande professor de ginecologia e obstetrícia aqui. E assim vários. Eram empregados da Saúde Pública, eles trabalhavam nos Postos Sanitários. De modo que tinham pelo menos o rótulo de sanitarista, não é?

NB – É, mas até segundo, a Eliana mesmo, eles não eram reconhecidos como categoria profissional dentro do Estado, como funcionários públicos até a década de [19]40, [19]40 e poucos, não é? É que eles eram reconhecidos como categoria profissional.

PG – Mas aí... aí é com o DASP, não é?

NB – Pois é. Só com o DASP é que eles são reconhecidos, não é?

PG – Mas tem critérios, não é? De admissão, para admissão no serviço público, tinham que ter feito o Curso, não é? Tem um certo momento que há exigência.

CF – Bom, acho que foi meu pai que fez o primeiro concurso, não é? Em que entraram alguns, Manoel Bandeira, Maneco...

PG – Maneco Ferreira.

CF - Ferreira. Entrou também o Barros Barreto, Hamilton Nogueira... Foram vários. Isso aliás deve estar naquele livrão que eu estou lendo aí, com uma certa aflição.

PG – O senhor está com muita expectativa com relação a...?

NB – Ao trabalho dela?

PG – Ao trabalho...

CF – Não, eu acho que ela... O trabalho dela pelo que eu folheei, tem uma informação preciosa. Mas muito bem feito.

PG – É, nós gostaríamos depois na sequência, em outro momento, é até bom que o senhor tenha lido todo o trabalho, porque aí nós gostaríamos de pegar uma série de questões e ver a sua leitura do trabalho dela, viu? Porque aí seria muito interessante, ver como é que o senhor está vendo, se concorda com os dados, se concorda com a interpretação...

CF – Eu acabei de ler agora todo e tomei notas, todo a questão na Academia, não é? Essa agora estou um especialista. Eu estudei tudo, li, tomei notas, ditei, gravei, está tudo...

PG – O senhor conseguiu pegar os relatos da...

CF – Os anais? Ainda não.

PG - Os anais da Academia?

CF – Ainda não, mas com o que eu li...

PG – Já é suficiente.

CF - Já dá uma história muito boa. E agora estou pegando os... Ainda vou pegar os jornais, não é?

PG – Nós gostaríamos de depois fazer isso... fazer uma espécie de diálogo entre a...

CF – Ela é professora titular?

PG – Não. Ela é professora assistente. Agora é que ela vai fazer o doutorado.

NB – No Iuperj.

CF – O que?

NB – Ela vai fazer doutorado em Ciência Política no Iuperj.

CF – No Iuperj.

CF – Ela tem uma base muito boa, não é?

PG – Não, ela inclusive...

CF – A gente vê que ela trabalhou direito. Embora eu não esteja de acordo com muitas coisas, não é? Mas, enfim. Falte...

PG – Bom, vamos combinar assim então. Se o senhor puder depois, na sua leitura da tese dela, aí o senhor vai anotando coisas e aquilo que o senhor... Nós vamos também fazer isso. Então, uma série de dados, do ponto de vista de interpretação, para a gente conseguir fazer esse diálogo aí. Acho que vai ser muito interessante.

CF – Está ótimo.

PG – Viu? Para ver se...

CF – E quando é que nós fazemos uma nova reunião da Casa?

PG – Ah é, vamos marcar. Eu estou tentando adiantar algumas questões que foram sugeridas naquela...

Data: 02/03/1988

Fita 12 - Lado A

(Esta gravação tem um ruído de fundo que dificulta a escuta.)

NB – Tem alguns meses que a gente não se encontra, não é Dr. Chagas? E na última entrevista nós comentamos vários assuntos, sendo que um deles era a respeito do Instituto de Biofísica. Quando o senhor instala o Instituto de Biofísica, o laboratório primeiro e depois o Instituto já em 1946. E esse assunto, nós estávamos conversando sobre a última entrevista, Gadelha e eu, esse assunto nos leva assim quase que imediatamente a um tema da sua vida, que é essa administração, que é a coisa chamada administração da Ciência. E enfim, nós gostaríamos de desenvolver esse tema com o senhor a partir de hoje. Ou se o senhor tivesse alguma outra questão, a gente poderia deixar isso em aberto, mas esse certamente é um tema que a gente quer desenvolver com o senhor.

CF – Interessante que você tenha abordado esse tema pela razão seguinte: porque eu acabei de escrever uma carta para um amigo meu que fez a sua biografia em que ele descreve a missão da sua vida. E eu, muito cedo ainda, tive essa noção de que eu tinha uma missão a cumprir. E essa missão seria exatamente a de fazer progredir a ciência no Brasil. Isso ficou tanto mais caracterizado quando eu, viajando à Europa logo depois de ter feito o concurso, eu verifiquei o atraso que nós estávamos em Ciências Biomédicas, Ciências Biológicas de base naquela ocasião. Quando eu fui, me inscrevi no concurso da Faculdade de Medicina, a minha ideia era menor, quer dizer, a minha ambição era colocada num âmbito muito menor, que era o de criar a pesquisa dentro da Universidade.

NB – Menor? Essa é uma coisa que o senhor coloca como se fosse uma questão menor?

CF – Menor porque limitada à Universidade. Enquanto, sempre lembramos a frase de meu pai me dizia que embora não fosse necessário que o professor fosse um pesquisador, sua obra, sua ação, seria muito mais importante se ele fosse um pesquisador. Eu fui além dele, porque eu sempre sustento que não pode haver ensino sem pesquisa, que a universidade só pode ser uma universidade, e só pode ensinar, e só pode prestar serviço de qualquer natureza se houver pesquisa.

NB – Se houver pesquisa?

CF – Não, referi-me à Universidade essencialmente como uma instituição de pesquisa. E porque pesquisa e ensino, e porque pesquisa presta serviços à comunidade. Mas quando eu voltei da Europa já estava com uma visão mais ampla, que era a de colocar a ciência Brasileira no nível dos métodos modernos que eu tinha visto lá.

PG – O senhor esteve em que países? Em que instituições?

CF – Eu estive em três instituições, quatro, muito importantes. A primeira Instituição, e que realmente fiquei muito mais tempo, foi a Instituição... chamada *Institute Biologique et Fisique-Quimic* que era da Fundação Rothschild, ligada à Universidade, e onde eu vi as técnicas que não se fazia. Mesmo no Rio, já tinha começado realmente a defasar.

PG – Por exemplo?

CF – A físico-química que se fazia lá, era pior do que a que eu vi, mais elementar. Isso se explica também por uma razão muito simples, porque Carneiro Felipe, que era uma grande figura, tinha sido absorvido completamente pela administração, pela administração. Pela educação no período de Chico Campos e depois por várias outras coisas, inclusive o serviço do censo, o recenseamento, não é? E realmente não havia o insumo básico, nós estamos falando em [19]36, [19]37, que é um momento crucial. Há até um episódio muito interessante nesta fase. Para você ver que havia, os elementos básicos, mas não havia o desenvolvimento. Quando Ferm, já contei isso talvez, quando o Ferm visitou o Instituto eu o acompanhei. E havia grandes figuras: Carneiro Felipe, Miguel Osório, Costa Cruz. e quando eles foram ver o laboratório de Costa Cruz, Costa Cruz tinha cristalizado um bacteriófago e ele ficou muito mais tempo do que devia ter ficado. Então, na hora da saída ele me pediu desculpas “Olha, você me desculpe, mas eu fiquei mais tempo vendo esse trabalho de bacteriófago porque eu considero isso uma coisa prodigiosamente importante para o futuro. Eu diria até mesmo que se eu tivesse que recomeçar, não seria mais a física, mas seria o bacteriófago, seriam os vírus.” Hoje nós chamamos de vírus, naquela ocasião chamávamos de bacteriófago. E as técnicas não eram absolutamente as que eu vi lá, e depois de passar algum tempo no Instituto de Biologia Físico-Química, e de ter acompanhado os Cursos do College de France. São cursos muito especiais, porque você sabe que não há um programa. Cada ano o professor dá uma matéria, no máximo dez horas de aula por ano, e publicam um livro do que fez. E eu fui para a Inglaterra. E na Inglaterra então, eu fiquei realmente assombrado. Porque passei primeiro pelo University College,

onde eu tive a oportunidade de fazer relações e freqüentar com assiduidade o laboratório do Edmund Brown. Tem até o retrato dele ali. E que me recebeu como se eu fosse da idade dele, não sabe? E depois em Cambridge com o Heydman também foi, não só foi feito prêmio Nobel, já era prêmio Nobel, como também até foi feito *lord* com privilégios de hereditariedade, que naquela ocasião já não se fazia. Então eu não só aprendi o que era a Grande Ciência como vi o que eram os Grandes Cientistas. Esse episódio eu conto sempre por exemplo, um dia o Heydman disse assim, vamos a um seminário: “Um curso que está sendo feito aí, eu não entendo nada e você não vai entender nada, mas é muito importante.” E foi aí que eu fui a um seminário sobre Estatística de Pequenas Amostras que foi dado pelo sujeito que criou, que divulgou o teste de T, que era o Ronald Fisher. Uma coisa difícilíssima porque ele sendo neozelandês falava inglês miserável, era a única expressão...

NB – Incompreensível.

CF – Incompreensível. Miserável.

PG – Eram duas dificuldades então.

CF – E depois eu vi logo que aquilo era uma coisa muito importante. Fui à livraria comprar, comprei os dois, não entendi nada. Passei a noite andando, passei a noite sem conseguir entender uma palavra daquilo. No dia seguinte eu apanhei um outro livro mais elementar que aplicava aquilo. Foi assim que eu fui progredindo no teste de Pequenas Amostras, e considero que fui eu o primeiro laboratório que começou a aplicar teste de significação estatística de pequenas amostras. Porque até então, o sujeito que apresentasse cem resultados, aquilo não tinha... o menor valor.

NB – O menor valor.

CF – 100, 50 para cima. E realmente eu voltei, quando eu voltei, me deu a ideia de que a gente precisava era modificar, introduzir novos métodos, e formar gente em laboratório. De modo que a base do Instituto, do laboratório do Instituto, foi criada mais ou menos nesse sentido.

PG – Mas só uma coisinha que me... O senhor falou que uma das coisas que o impressionou primeiro foram o nível das técnicas que existiam no exterior e que não eram utilizadas aqui. E a outra coisa foi o contato com cientistas de ponta, a exemplos que o senhor já deu. Eu queria que o senhor desenvolvesse um pouquinho essas duas coisas. Primeiro havia algumas técnicas específicas que o senhor percebeu assim que eram bem mais desenvolvidas, e que não eram incorporadas aqui. E a outra coisa, o senhor que conviveu tanto no Instituto, e conviveu inclusive com algumas pessoas que eram cientistas importantes, qual era a ambiência diferente que o senhor percebia do Instituto Oswaldo Cruz para uma instituição científica europeia daquela época? O que que era esse cientista...

CF – A diferença é o seguinte: provavelmente em qualidade de pessoa não havia, mas havia as condições de trabalho. Você vê que o pessoal todo de Manguinhos, o melhor pessoal, tinha que ter nessa ocasião laboratórios privados, não é? Tínhamos que ganhar de outra fonte. Ao passo que você pega... O Machado, por exemplo, o Machado nunca deu a

Manguinhos o que ele sabia, porque ele começou a fazer vacina fora etc. e tal. Costa Cruz tinha um laboratório, Osmino Pena tinha um laboratório... Todos eles tinham que ter atividade fora. Sendo que a única atividade fora que podia ser compatível com a atividade de Manguinhos era a atividade de ensino. E a atividade privada sempre havia dentro da sua... de seu interesse integral por aquilo que estava fazendo... (PROBLEMAS DE GRAVAÇÃO) e evidentemente o que havia também, que eu senti muito, havia um certo profissionalismo talvez até no mau sentido da palavra, que nós não tínhamos aqui. E um outro sentido, era a preparação básica que nós não tínhamos, quer dizer, a formação científica propriamente dita. Quer dizer, como é que se formavam os nossos grandes cientistas aqui? Eram, os biólogos vinham da Medicina ou da Farmácia, os químicos vinham da Engenharia ou da Farmácia. Isso só acabou, os físicos vinham da Escola de Engenharia. Isso só acabou realmente quando se estabeleceram as Escolas de Ciências, quando a Faculdade de Ciências de São Paulo se formou. E a grande ênfase que eu dou à Faculdade de São Paulo, não é? A Faculdade de Ciências...

NB – Do Estado de São Paulo.

CF - Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a USP.

NB – O senhor quer falar um pouquinho sobre o profissionalismo no mau sentido?... Porque eu não entendi...

CF – Não, o que eu quero dizer é o seguinte: eles eram inteiramente cientistas no bom sentido da palavra. Mas não tinham condições de poder se dedicar integralmente, porque quando ficava, naquela ocasião... Porque o que vocês sabem é que a vida do Brasil mudou muito com a chegada do Getúlio. Houve um acréscimo de custo de vida muito grande, os ordenados passaram a não ser suficientes. E em consequência as pessoas tiveram que procurar fora, foram também procurados dentro de Manguinhos para ir ajudar fora. Então isso é que eu estou dizendo. Eles eram profissionais, mas não eram inteiramente profissionais. Não poderiam ser inteiramente profissionais.

PC – O que ao contrário acontecia com os europeus...

CF – Os europeus eram inteiramente profissionais. Embora aí é uma questão também muito de status, quer dizer não é status social, mas é uma questão muito de que o ordenado deles não era grande, dos estrangeiros, mas permitia um nível de vida perfeitamente normal. Sem inflação, sem nada. Sabia aquela história de que na Inglaterra você só pagava alfaiate, por exemplo, no dia 12 de outubro, acho que é dia de São Bento... Mas você vê, aquela soma quando estava no banco... a renda dava para viver, não é?

NB – E falando em status. Não há também uma diferença de status? Quer dizer, lá esta é uma profissão considerada socialmente, valorizada socialmente e no Brasil isto é uma coisa nesse momento na década de [19]30...

CF – Aí é exatamente o oposto. Teve um momento que a profissão de cientista no Brasil era altamente...

NB – Valorizada.

CF – Valorizada. O sujeito tinha penetração, Rio e São Paulo, na sociedade. Por que razão? Aí era o resultado da personalidade de Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz, representando a Ciência, era um homem de tal modo importante, que a Ciência tinha status cientista digamos assim. O cientista... A Ciência não tinha status oficial nenhum, mas o cientista tinha. Ao passo que na Inglaterra por exemplo na França, o status social, não era uma sociedade muito mais compartimentalizada e havia por exemplo, em Cambridge, havia dois, que eram nobres, barão, conde ou eu não sei, mas nunca diziam isto.

(telefone tocando)

NB – Quero fazer uma perguntinha. Dr. Chagas, nós estamos comentando aqui baixinho o seguinte, é que essa sua vocação... Acho que isso é uma vocação e é uma opção... Eu imaginava que isso vinha de uma herança. É uma herança familiar. Era do seu pai isso, não é? Porque o seu pai também fez isso, não é?

CF – É preciso não esquecer não esquecer que eu copiei, tentei copiar, a gente tem que copiar o mais possível. Não vamos fazer ilusões sobre isso...

NB – Quando o senhor diz assim...

CF - Para ele isso devia ser sempre um paradigma.

NB – Um modelo.

PG – E qual era... A sua família, quer dizer, com o convívio do seu pai, já havia muito esse convívio com cientistas estrangeiros também, não é?

CF – Sim, toda vida, isso é até um ciclo que se fecha. Eu convivi em menino, eu ia à mesa, chamado por meu pai depois do almoço, por exemplo, principalmente almoço. Eu conheci todos os grandes vultos da ciência médica e da Ciência francesa que vinham... E também americanos. Ingleses, infelizmente, nós tivemos muito pouco contato com os ingleses. Alemães também. Eu me lembro por exemplo, do diretor do Instituto de Hamburgo lá em casa. Lembro de grandes figuras francesas lá em casa... Medicina, fisiologia e ciências. E aí, quer dizer, a ideia de que a Ciência não pode ser puramente nacional, vamos dizer assim, quer dizer não há um tipo de ciência nacional. O que há são problemas nacionais que tem que ser desenvolvidos por uma ciência que tem que ter uma característica internacional. Isso sempre foi uma norma lá em casa, meu pai sempre... É tirando pelo exemplo de Manguinhos, do grupo que veio... Isso, eu investi muito nisso no instituto de Biofísica. Mas quando eu vim, voltando ao instituto de Biofísica. Quando eu cheguei e que vi que tinha que fazer, eu tive que... Primeiro formar pessoal. Para formar pessoal o que seria melhor? Eu tinha ideias muito... assim um pouco, vamos dizer, um pouco sonhadoras. Querendo fazer Física em Manguinhos [...] e chegou mesmo a dar perspectiva de funcionamento de um... difrator de elétrons. Mas quando eu cheguei aqui eu disse, bom se eu quero formar gente, então vou escolher alguma coisa brasileira. Então eu fiquei muito em dúvida entre a preguiça e o peixe elétrico. Porque razão a escolha foi o peixe elétrico? Escolhi porque

naquele tempo era muito difícil de você obter e manter no cativeiro. E o peixe elétrico não. E aí apareceram uma porção de peixes elétricos. No Cassino da Urca, e o Joaquim Polo, que era mineiro, um dos meus cunhados, se dispôs a fornecer o número de peixes elétricos que eu quisesse. Foi assim que nós começamos. Principalmente porque eu tinha visto uma conferência sobre torpedo, que tinha me impressionado muito, e aí que nós começamos... E a ideia de organização do Instituto era formar pessoal através de estudo de um modelo brasileiro. Então o peixe elétrico era um modelo muito bom. De modo que o primeiro grupo que se formou todo ele fazia duas coisas. Primeiro, seguindo os sábios conselhos do Carneiro Felipe, toda pessoa que entrava tinha que aprender a lavar vidro, dosar, limpar o chão... Tinha que fazer limpeza, fazia tudo que se faz num laboratório. Eram dez práticas puxadas, depois dava-se a eles um pequeno problema dentro do peixe elétrico. Até que o laboratório foi aumentando, porque o pessoal foi começando a chegar. Cada vez maior o número de pessoas e eu aí fiz uma coisa que naquela ocasião era inteiramente original, que foi ligar a eletro biologia, a eletrofisiologia como se chamava naquele momento, a outros setores de atividade. Por exemplo, estabeleci um laboratório de Bioquímica, um laboratório de Enzimologia, um laboratório de Citologia, o qual eu achei bons, muito especiais. E ao mesmo tempo fascinado pelas perspectivas da cultura de tecidos, que só muito tempo depois vieram a dar frutos, eu consegui do Evandro a instalação de um laboratório de cultura de tecidos para ver como é que se desenvolvia dentro de uma célula o *Trypanossoma cruzi*. Então já estávamos caminhando...

NB – Como é que o senhor recrutava essas pessoas?

CF – O primeiro recrutamento que eu fiz foi de três bioquímicos de Belo Horizonte, da Escola do Carneiro Felipe. Um deles veio, fez a tese e foi ser catedrático lá. Os outros dois, Moreira Gonçalves e Oliveira Sales vieram, ficaram muito tempo no Instituto... Oliveira Sales foi ser... Oliveira Sales morreu num desastre de automóvel já em São Paulo. E o outro foi para... bem mais tarde, foi para a Faculdade de Medicina de Ouro Preto, onde chegou até a ser diretor. Para cultura de tecido, eu tive a sorte de formar, de encontrar dona Hertha Meyer. Dona Hertha Meyer era uma técnica de laboratório de Fischer de Berlim, que havia sido expulsa da Alemanha, depois foi para Itália, para Turim, e lá foi expulsa também por sua origem judaica. Aí eu soube que ela estava subempregada na Fundação Rockefeller ali em Manguinhos. Então eu chamei ela para o laboratório, ela completou toda instalação. E aí começou a trabalhar e realmente era um exemplo. Ela está com oitenta e três anos, vem todos os dias ao laboratório, e a Universidade deu a ela, ela que não tem nem diploma universitário, a universidade deu a ela um título de Doutor *Honoris Causa*. Para Citologia eu procurei o Couceiro. O Couceiro é no momento em que eu herdei o Serviço de Endemias de Evandro. E havia então várias pessoas que precisavam ser colocadas. O Couceiro quis vir para o laboratório, e passou a fazer Citologia. Na parte de Enzimologia veio me procurar o Roberto Ataíde que trabalhava... Nessa ocasião, logo no início, eu pude mandar para os Estados Unidos o Manoel Frota Moreira e o Ângelo Machado, que era filho do Astrogildo. E que ficou quatro, um ficou dois anos, outro ficou quatro anos, e voltaram para engrossar as filas. Evidentemente a minha tendência sempre foi a seguinte: formar o mais possível dentro do Instituto, dentro do... só mandar para fora, já quando eles possam aprender tudo o que tem lá fora para aprender. Não mandar gente incipiente. Procurava o menos possível arrancar gente dos outros laboratórios. Uma das pessoas mais eficazes nesse laboratório aqui, é o Penna Franca. Penna Franca fez a Escola de Química e foi para

Manguinhos. Fez um curso de Radiobiologia, de radioisótopos nos Estados Unidos e depois voltou. Ficou nove meses sem ter laboratório, sem ter equipamento, sem terem que dar nada para ele lá. Aí convidei, ele veio, imediatamente instalei. O laboratório de isótopos já estava sendo instalado. Ele aí chegou no nosso laboratório e houve um momento que nós chegamos a dar dez ou doze Cursos de aplicação de isótopos na biologia e na Medicina, para a América Latina e para Portugal. Foi uma coisa estupenda. Eu procurava trazer o mais possível de cientistas estrangeiros aqui. E trazer então, o maior número possível de cientistas estrangeiros. Com um princípio fundamental: só queria gente muito boa. Portanto...

PG – Os estrangeiros?

CF – De estrangeiros. Os estrangeiros ficavam muito pouco, um período muito curto. Às vezes um mês, três semanas, dois meses no máximo. Três meses foi o máximo que a gente... Isso era muito difícil, porque não era a política da faculdade. Queriam que as pessoas viessem por um ano, dois anos. O que era muito melhor, sem dúvida. mas o problema é que você não encontra um bom cientista, cada vez menos, em terreno competitivo como é a ciência atual, cada vez menos, já era naquela ocasião o bom cientista, vai ficar lá pra fazer a sua carreira lá. Há casos excepcionais, de pessoas que se mudam. Mas infelizmente não tivemos muitos casos assim. E eu sei de um exemplo curioso, uma vez eu soube que o Fritz Rimm vinha passar um dia ou dois aqui no Rio. Eu consegui que ele passasse esses dois dias no laboratório. E era um sujeito que... Naquela ocasião falava-se muito em ligações feitas em fosfato, e ninguém sabia muito bem aquilo. Com os seminários que ele deu, com as discussões que ele deu. Daí, já a respeito de criar, contribuir pelo progresso da ciência no Brasil, a primeira coisa que eu fiz nesse sentido, de que as pessoas que vinham no meu laboratório, os estrangeiros que vinham no meu laboratório, tinham tanta liberdade. E eram inclusive solicitados a ir a São Paulo, Belo Horizonte e às outras instituições. Porque não acontecia isso, a gente pensa que isso era óbvio, não é? Mas isso não acontecia. A Universidade, portanto, é que proibiu dois ou três dos cientistas que vieram aqui, de fazer conferências [...]. E assim foi se desenvolvendo [...].

NB – Deixa eu lhe fazer uma pergunta a propósito dos estrangeiros. O senhor diz, eles vinham aqui e o senhor os estimulava a visitar as instituições. O senhor podia nomear quais são essas instituições? Nesse momento assim, no início, no final dos anos 30, o senhor está montando o seu laboratório. Instituições... em São Paulo e aqui no Rio de Janeiro.

CF – 1946.

NB – Ah, já é [19]46. Ah, já está montando o Instituto. O que é significativo nesse momento, além do Instituto?

CF – Em São Paulo você tinha a Faculdade de Ciências, principalmente, e o Instituto Biológico. Sem esquecer que o Instituto Biológico contava, contava naquela ocasião com o Rocha e Silva. E com uma desvantagem do Rio é que era muito mais fácil você achar assistência em São Paulo do que aqui.

NB – Assistência.

CF – Aqui quando eu tinha 40 pessoas o Instituto tinha 20 pessoas naquela época. Quando eu tinha uma audiência de 40 pessoas eu ficava satisfeito. Quando o Letarjet veio aqui para instalar o laboratório de radiobiologia, eu fui a São Paulo e devia ter 120 pessoas no auditório. Pouca diferença, não é?

NB – A que o senhor acha que... Por que essa diferença? A que o senhor atribui essa diferença?

CF – Eu atribuo ao espírito diferente entre São Paulo e Rio. Em São Paulo eles são muito mais pacatos que o carioca. O carioca é um dispersivo por natureza. Além do mais, as conferências lá eram feitas na última hora do expediente. De modo que o pessoal ia, saía de lá para casa. E dificuldade, até hoje dificuldade de transporte no Rio. Você não consegue organizar uma conferência se o pessoal que está colocado, aí. Em São Paulo por exemplo, ali no Instituto Biológico tinha muita gente. A Faculdade de Ciências tinha muito mais gente do que eu tinha.

NB – O senhor não acha que na área de Ciências...

PG – Havia...

NB – Só um pouquinho Gadelha. Não há uma diferença que eu diria de projeto até? Não é... Não é bem ligado só ao corpo da comunidade ali?... é.. científica. Há um projeto maior dessa sociedade que é um pouco diferente entre São Paulo e Rio. As elites paulistas se colocam de forma diferente. Questões na década de [19]30 que é um momento crucial assim de montagem, de desenho, de que sociedade. Nós vamos fazer uma nova sociedade, não é? E aí há uma diferença de projetos. E aí a gente poderia dizer que a comunidade científica paulista se coloca de forma diferente nessa questão da ciência de que...

Fita 12 - Lado B

NB – A carioquice não?

CF – De certo modo sim. Talvez... As vantagens de ser capital tem... quer dizer, as desvantagens. Por outro lado eu acho que também, que o setor de desenvolvimento industrial por exemplo, não podia deixar de refletir na atividade científica. Quer dizer, mais disciplina, muito mais ponto... relógio de ponto, muito mais... mais cobrança.

PG – Mais moderno, projeto industrial.

NB – E há uma ligação enorme. Isso é que eu queria perguntar, do desenvolvimento industrial e do desenvolvimento da Ciência. É uma coisa mais...

CF – Mas isso é muito recente.

NB – Porque isso é um pouco o modelo clássico, assim modelo clássico europeu, não é? Desenvolvimento da ciência e tal...

CF – Mas naquela ocasião era muito... muito pouco nítido isso, quer dizer.

NB – Mesmo em São Paulo?

CF – Mesmo em São Paulo.

PG – A iniciativa científica caminhava separadamente, não é?

Interrupção da gravação

NB – O Gadelha estava falando sobre...

PG – Não, estávamos comentando também que além dessa questão do desenvolvimento industrial de São Paulo, o Estado Novo aqui no Rio de Janeiro, por ser capital, também, ele intervém de uma forma muito mais direta, incisiva e mais global. Então por exemplo, na área de Saúde... no caso de Pedro Ernesto, ele estava aglutinando alguns intelectuais em torno dele, não é? Anísio Teixeira entre outros, não é? E com a desarticulação e com o Estado Novo, esse grupo todo...

PG – Esse grupo todo se desarticula, não é? E São Paulo passa a ser o único polo que tem uma certa ainda autonomia, um certo fôlego, para continuar esse processo. Na área de... Depois a gente vai ter Samuel Pessoa, não é? Na área de Saúde Pública.

CF – Tinha muito mais gente. Tinha todo pessoal da Física, todo pessoal da Química, todo pessoal da...

PG – É, em torno da USP, não é? Em torno da...

CF – Agora, o que acontece... o que acontece...

PG – Só para me situar professor, desculpe. A bradiginina com o...

CF – Maurício Rocha e Silva.

PG – Maurício Rocha e Silva. Ela é de que ano, a descoberta?

CF – Ela deve ser dos anos [19]36, [19]37. A bradiginina é com doença de Chagas. Os prêmios Nobel espalhados pelo Brasil todo.

CF – Meu pai é que morreu muito cedo.

PG – Ele está voltando afinal para o Brasil?

PG – Primeiro assim, assim o Estado Novo aqui no Rio, teria desarticulado mais e os intelectuais teriam...

CF – Ainda houve, por parte do Estado Novo foi um negócio terrível. Foi um golpe terrível nas instituições federais em toda parte. Nunca, no Brasil, mais particularmente no Rio onde eram mais poderosas. E foi que a constituição promulgada no dia 11 de novembro de 1937. Acabava com a acumulação, coisa que era necessária. Mas não houve...

PG – Contrapartida.

CF – Contrapartida. Que é técnico integral. Então, você vê por exemplo, o Hospital, o Museu Nacional, a mais velha instituição científica. Ficou completamente disforme. Manguinhos perdeu muito pouca gente. Acho que só saiu o Olympio e...

PG – Ficou na Universidade?

CF – Ficou na Universidade, mas enfim... Todas as instituições perderam. Quer dizer, todo mundo começou a procurar coisas fora e .. etc. Quando se tivesse estabelecido tempo integral, que foi o que se fez em São Paulo... São Paulo a grande coisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi o tempo integral. O [Samuel] Pessoa passou a viver em condições suficientes. Eu sempre digo e sustento, que é uma coisa importante, que tempo integral não é feito para o sujeito ficar no laboratório. É feito para o sujeito não se ocupar de outras coisas... É um negócio um pouco diferente, parece mais comodidade, mas é uma coisa... Por exemplo, o Instituto aqui sempre funcionou... Sempre funcionou bem esse Instituto, porque eu nunca fiz outra coisa, sempre aqui. Mesmo quando eu já estava no Conselho de Pesquisas, como diretor do setor de Biologia, foi organizada na Praia Vermelha. As pessoas que queriam me ver, as pessoas iam na Praia Vermelha. Uma ocasião... essa ocasião, está escrito aqui nesse negócio que eu estou escrevendo, foi realmente o momento máximo da minha vida científica. Eu fazia mais experiências por dia.

NB – Nesse período que está se falando, de [19]46...

CF – É de [19]46 a [19]57. Quando eu estava no Rio, uma experiência que fiz. Agora, uma pergunta que você não me fez, e que eu vou responder sem você ter feito, é o seguinte: por que razão que eu criei o Instituto de Biofísica? Duas razões principais, de repente três. Primeiro porque eu sentia um pouco, me sentia um pouco oprimido na Faculdade de Medicina, porque o pessoal todo não pesquisava, não fazia nada, ia lá três vezes por semana. De modo que a pessoa que ia todos os dias, começou a montar laboratório, se sentia muito visado. E havia uma incompreensão total. Por exemplo, havia laboratórios que tinham muitos equipamentos. Eu, por exemplo, recebi um laboratório muito bem equipado. Mas era equipado com coisas que não serviam pra nada. Porque era material que tinha sido comprado antes da era eletrônica, e era material para Física Geral, para Física Geral. Tanto que eu dei tudo isso para o Colégio Pedro II. Fui até chamado às falas na congregação, mas soube me defender. De outro lado eu sentia que para fazer uma administração proveitosa, eu tinha que ter um contato direto com o reitor, e não um contato através da direção da Faculdade de Medicina. Isso durante muito tempo eu tive. Todos os diretores que se sucederam lá, eram meus amigos, mas realmente a pessoa que me prestigiou e que dava

tudo, era o Fróes da Fonseca. Ao passo que os outros tinham uma certa relutância. Por exemplo, quando eu organizei a biblioteca lá, o diretor da Faculdade, que era um grande cirurgião, ele disse assim: “Mas para que assinar revista? Aqui a gente aprende é nos livros”. Para você ver a mentalidade, aquilo ali semifechado. Então esperei a primeira oportunidade e criei o Instituto de Biofísica, na primeira oportunidade surgiu quando Getúlio caiu. Foi feito Ministro da Educação, Leitão da Cunha, com que eu tinha trabalhado. Tinha o maior apreço por mim, tínhamos muito boas relações e eu fui a ele e propus várias, muitas coisas. Por exemplo, propus tempo integral. Para as Ciências básicas. Propus, inclusive uma coisa muito importante, a formação de um quadro próprio da Universidade regido pela Universidade. Quer dizer corresponderia um pouco ao CLT, não é? A Universidade contratava e dispensava, sem passar pelo Ministério. Isso chegou a ir até a Câmara, na Câmara foi cortado. Os próprios professores da Faculdade de Medicina que pediram isso. De modo que...

PG – Eles achavam que criaria uma instabilidade?

CF – É. De modo que eles, pelo projeto que eu fiz, tivessem...

PG – Garantia.

CF – Garantia. Foi nessa ocasião que eu propus a inclusão do Instituto Oswaldo Cruz na Universidade. Esse episódio até eu já contei a vocês, não é?

PG – Eu acho que sim. Aquele momento da crise na... O senhor é chamado a opinar e...

CF – Isso aí. E foi quando eu propus e disse: olha, eu acho essa ideia excelente. Porque era coisa de transformar. A ideia era transformar o Instituto Oswaldo Cruz num Instituto de Saúde Pública. E eu tinha dificuldade para isso. Eu fui a Manguinhos e fiz uma lista de pessoas que me apoiavam; 32. Depois... saiu o decreto. Quando saiu o decreto, o pessoal achou ruim porque eles estavam equiparados ao que se chama Instituição Nacional, que é o Museu Nacional, por exemplo. E aí 31 dos 32 assinaram para continuar no Instituto, continuar fora da Universidade.

PG – Mas chegou a sair o decreto?

CF – Chegou a sair o decreto.

NB – Mas, o senhor coloca em tornar o Instituto um Instituto de Saúde Pública?

CF – Barros Barreto que foi meu opositor... Eu só não fui diretor do Instituto Oswaldo Cruz, por causa do Barreto. Barros Barreto queria fazer um Instituto puramente... Aconteceu o seguinte: tinha que ser um Instituto de Saúde Pública. E eu me opus, queria que o Instituto não desprezasse os assuntos de Saúde Pública, mas fosse...

NB – Claro. Mantivesse a pesquisa básica.

CF – A pesquisa básica. E formou-se um quiproquó... Passei nove meses convidado, apanhei. E durante aqueles nove meses estava se prejudicando o Instituto, o interino era o Aragão. Eu fui, espontaneamente, eu fui ao Aragão e disse: “Olha, Dr. Aragão, essa sua função querer que eu seja, ditando normas, e botando obstáculos com o Vargas, com o presidente Vargas, isso é prejudicial ao Instituto. Então eu apresento ao senhor a minha irrevogável decisão de não ser o juiz”. E aí o Aragão foi, achou de ser interino.

NB – O Aragão foi escolhido como? Como, para interino?

CF – É...

NB – Após a morte do Cardoso Fontes...

CF – Foi o...

NB – É. Mas como é que ele foi indicado? Por ser mais antigo?

CF – Não, não. Não tinha nada disso. Foi indicado pelo Barros Barreto, que era o chefe do Departamento de Saúde Pública, e era muito amigo dele. O Aragão é um homem mais do que eu, merecedor, era um homem de prestígio científico, profunda honestidade, grande família, todas essas coisas... não é?

NB – Sim.

PG – Mas é interessante, que o Barros Barreto ele não consegue implantar muita coisa em Manguinhos em termos de... Até a área de Saúde do Trabalho, que ele queria fazer, não vai para frente...

CF – Houve uma...

PG – Reação.

CF - ... reação do pessoal de Manguinhos.

NB – A ele?

CF – E do próprio Aragão. Ele estava convicto que o Aragão ia fazer exatamente... que era um homem muito de poder! Era um homem muito competente no setor de Saúde Pública, mas era um homem...

PG – Autoritário.

CF – Autoritário. E não conseguiu fazer nada. E até estava com o Instituto em plena efervescência, era o momento disso porque eu estava fazendo pesquisas separadas. Logo depois da guerra por exemplo, antes do início da guerra, foi o momento que eu comecei a usar radioisótopos, não é? Radioisótopos, não é? E eu consegui começar a utilizar radioisótopos. Porque era uma delícia a vida no laboratório naquele momento. Cada dia

tinha uma coisa nova, um resultado novo, um instrumento novo que a gente comprava, uma coisa assim... Mas.... eu estava dizendo. Uma das razões que eu esqueci de acentuar... Por exemplo, uma das coisas que eu estava fazendo, isso se passou exatamente em [19]43, eu estava fazendo coloide de quinina com... Porque você tendo quinina... Na guerra não havia quinina. E a quinina coloidal você pode usar em quantidades milésimas. E aí eu precisei de um condensador de campo escuro, pra ver o coloide. E o Olympio da Fonseca, que era meu vizinho, tinha... um magnífico. Não emprestou. Nem permitiu que...

PG – Mas ele já estava na Universidade?

CF – Estava só na Universidade. Ele estava principalmente na [Indústria] Merck... eu não sei qual é... dessas...

PG – A firma...

CF – Ele tinha deixado Manguinhos para...

PG – Da acumulação. E ele se negou a emprestar o microscópio?

CF – E assim pequeninhas coisas que foram surgindo, por isso é que eu digo: não. Vou ter que sair desta empresa.

PG – O senhor acha...

NB – Esse episódio...

PG – O senhor achava então que... Precisava de um campo novo, não é? Um campo novo com acesso mais direto a...

CF – Havia um aspecto que eu esqueci de acentuar, que é importante, é o seguinte: o fato de não ser o Instituto da Faculdade, de ser Instituto da Universidade, permitia contratos de pessoas que não fossem médicos como ainda sou em [19]46, foi primeiro a Química; e atraía muitos estudantes de outros cursos. Como o curso de Biologia, do curso de Química e do curso de Farmácia... Porque sabiam que aquilo não era uma coisa médica, não é?

PG – Sim, mas o senhor disse que tinha essa relação com Leitão da Cunha e conseguia. Mas internamente na Universidade houve reações?

CF – Não. Só houve mais tarde reações. Contra mim só houve mais tarde, reações. Porque eu sou uma pessoa que trato todo mundo bem, simpática assim. E ninguém percebeu que eu estava fazendo aquilo, isso é que foi importante. Quando eles viram já era um negócio feito, Instituto de Biofísica com sete ou dez pesquisadores... E aí eu tive muita ajuda nessa fase anterior também do Simões Lopes, que foi diretor do DASP. E que era um homem de alta boa vontade. Era um homem realmente um homem de boa vontade. Embora nós estivéssemos em campos opostos em relação ao Getúlio, ele realmente me auxiliou imensamente. Quer dizer, um homem realmente...

NB – Em que sentido Dr. Chagas, ele lhe auxiliou?

CF – Por exemplo... Vou dar um exemplo direto do Instituto de Biofísica. Eu preciso de auxiliar, de colegas que não sejam médicos e que não passem pela universidade. Ele então criou quatro vagas de técnicos especializados, que teoricamente tinham sempre o mais alto padrão. Depois, com o tempo, a Universidade degradou muito. Naquela ocasião, (...) porque inclusive, os técnicos ganhavam mais que os professores porque tinham tempo integral, tinha oito horas, por exemplo, o Ivan. Eu cheguei para ele uma vez, disse assim: “Olha aqui, nós temos um caso terrível, temos que dar tempo integral ao Costa Ribeiro, que era da Faculdade de Física.” Ele disse: “Pois não. Você me faz um projeto que eu...” E eu fiz e ele aprovou imediatamente. Então você tem um número de coisas... E assim... E por exemplo, foi ele que me ajudou a colocar todo mundo que era pago pelo Guinle, o Serviço Especial das Grandes Endemias, o Serviço das Grandes Endemias do Evandro no Instituto Oswaldo Cruz.

PG – E essa sensibilidade dele, era alguma coisa de relação pessoal? Era alguma coisa dirigida a essa área de Ciência ou...?

CF – Também de relação pessoal. Mas ele era um homem de compreensão, ele sabia que a Ciência tinha que ter lugar, que ele tinha que ajudar a Ciência. Só não ajudou mais, porque tinham uns burocratas lá que impediam, não é? O desenvolvimento.

NB – Mas eu queria voltar um pouquinho sobre esse episódio da Universidade, do abaixo-assinado... Esse episódio é em torno de...é depois do Governo Getúlio?

CF – É... dezembro de [19]45. Quando Getúlio Caiu, subiu o Leitão da Cunha.

NB – Foi nesse período...

CF – E o Leitão da Cunha me chamou lá um dia e eu esqueci de completar, o telefone tocou. Esse dia ele, depois que eu pedi várias coisas que não tinham nada a ver com o Instituto, ele disse assim: “Agora eu queria fazer o seguinte, que queria criar um Instituto Básico de Física para você dirigir”. Eu disse: “Não, porque se há... Se houver um Instituto Básico de Física, que eu acho uma ideia muito boa, tinha adquirido essa ideia de um congresso em São Paulo, eu acho que quem deve dirigir é o Costa Ribeiro. Porque ele é que é o físico do Rio de Janeiro”. Ele aí disse assim: “Mas você o quê que quer? O quê que eu posso fazer por você?” eu disse: “Bom, se o senhor quer vamos fazer um Instituto de Biofísica pra eu desenvolver a Biologia.

PG – Agora... só mais uma, o senhor... Esse projeto de integrar o IOC à universidade, ele chegou a ser um projeto mais elaborado? Por exemplo, o senhor chegou a pensar como é que seria o organograma, quer dizer, como seria o nível de autonomia... Como é que o Instituto se relacionaria com outras unidades e universidades? Tinha coisa mais elaborada ou era...

CF – Em [19]42... em [19]42... eu fiz um regimento interno para o Instituto Oswaldo Cruz. Não sei se você sabia disso...

PG – Acho que o senhor já me falou...

CF – Criando departamentos e conselho departamental. Nunca chegou, acho que a ser posto em... em funcionamento.

NB – Eu acho que chegou a ser posto em funcionamento.

CF – Chegou, não é?

NB – É.

CF – Era na base disso que o Instituto ia se tornar... ia se chamar uma Instituição Nacional, mas não houve como, imediatamente se retirava.

PG – Os abonos.

CF - Aí não houve necessidade de se fazer uma especificação do quê que ia ser, não é?

PG – Certo.

CF – É preciso não esquecer que...

NB – Mas... qual foi... Porque eles retiraram os apoios?

PG – Era questão de perda de autonomia, era uma questão salarial, era uma questão de direção...

(conversa paralela)

CF – É porque Manguinhos, desde sempre, teve um sentimento anti-universidade. Começa com o próprio Oswaldo Cruz, aquela carta terrível do Oswaldo Cruz contra a Faculdade de Medicina. Depois, o sistema de trabalho em Manguinhos, e que se tinha deteriorado, era muito melhor do que dentro da Universidade, que tinha um sistema de trabalho, salários, aquela coisa... Chegava tal hora, saía tal hora etc. Muito mais eficiente do que o da Universidade. Então foi esse sentimento contra a Universidade que ele não aceitou essa ideia. É preciso não esquecer, quer dizer... eu não sei se isso teria sido bom. De modo que não fazer teria sido... muito bom. Hoje eu não sei bem... Seria diferente. Hoje eu não sei, quer dizer... depois disso se passou em [19]46, de [19]46 até hoje.

(telefone tocando)

PG – Os tempos todos são outros, não é?

CF – De modo que era difícil você, naquela ocasião eu achei que era.

PG – E do lado de lá, houve alguém que capitaneasse mais essa reação?

CF – Genésio Pacheco.

PG – Genésio Pacheco.

CF – Que eu não sei nem mesmo se a reação era contra a universidade ou se era contra mim.

PG – É. Isso é que eu estou perguntando. Se não havia também uma disputa aí pela direção, a ideia, a paternidade da ideia?

CF – As duas coisas. Primeiro a paternidade. Havia muita gente contra mim sob a desconfiança... mas o Genésio Pacheco mesmo, morava em Petrópolis onde tinha um laboratório e de vez em quando ele vinha ao Rio. Mas havia uma coisa contra mim, evidentemente, contra a universidade e contra mim. Havia também o fato de que eu sabendo, que se eu consultasse as pessoas, e tenho comigo nunca chegaríamos a um resultado, eu deflagrei o processo por mim mesmo. Não como um ato autoritário, mas eu conversei com algumas pessoas que estavam de acordo. Tanto que um grande número que assinou a... Mas depois ficou o espírito de Manguinhos e etc. E foi bom num certo sentido, porque houve um momento em que a universidade estava muito melhor do que Manguinhos. Hoje a situação se inverteu, o que é natural em instituições, não é?

PG – Mas aí voltando... O senhor estava falando que era um período áureo do seu trabalho...

NB – Do Instituto...

CF – Foi um momento em que eu demonstrei que o peixe elétrico era um órgão de natureza muscular, que tinha dois tipos de excitação, que era pulverizável. E através dessa pulverização eu demonstrei, eu fui através da pesquisa do receptor de colinérgico. E nós realmente teríamos podido fazer muito mais, se não fosse o fato de que nós não estávamos preparados intelectual e materialmente para fazer. E segundo também porque logo depois eu fui... Porque realmente a administração do instituto, a vida internacional do Instituto, foi um momento que eu pensei vários negócios. Porque eu acho muito importante para a vida de uma Instituição, ter gente estrangeira, colóquios e etc... E logo depois eu fui nomeado diretor da Faculdade de Medicina, eleito por unanimidade, e quer dizer, a minha parcela de trabalho dado ao laboratório se tornou muito pequena.

PG – Por que que o senhor optou por ingressar na Faculdade? Ser diretor da Faculdade?

CF – Eu não optei, fui obrigado, porque a situação, a administração da Faculdade e o atraso do ensino médico era de tal ordem que 70% dos professores vieram me pedir para ser diretor da Faculdade. E eu aí fiz uma modificação completa de currículo e etc. Implantei a medicina preventiva no segundo ano. Dei a ideia de que a medicina tem que ser, tem que exigir um conhecimento social que não é dado. Que a doença nasce na casa do familiar, é muito importante. De modo que eu fui embora para Europa e aí aquilo foi desfeito pelo diretor que me sucedeu.

PG – Sim, o senhor foi diretor de que ano a que ano?

CF – Eu fui diretor de [19]64. Eu fui escolhido pelo Jango Goulart. Fui nomeado a primeira vez pelo Castelo Branco, mas aí eu exigi que houvesse uma nova eleição. Tinha quatro nomes na nova eleição, aí o Castelo Branco(...)

PG – É, agora... Agora nós demos um salto muito grande entre esse período inicial de [19]46 até [19]64. Existe uma coisa que acompanha também o momento do Instituto de Biofísica que é o surgimento do CNPq.

NB – Vamos voltar lá para trás. Acho que pode voltar um pouquinho, não é?

CF – O surgimento do CNPq é o seguinte. Em [19]64 antes de eu voltar para o Brasil, eu fui procurar o professor Jean Perrart que era diretor do CNRS. E ele me deu todo material de organização do Conselho de Pesquisas, que era a minha ideia porque eu tinha visto o que tinha representado os Conselhos de Pesquisas e os conselhos setoriais na Inglaterra. Eu achava que o Brasil tinha que ter uma coisa assim... Acho que fui das primeiras pessoas a pensar. Cheguei aqui, levei o material ao Capanema, que entregou ao Getúlio, mas nada foi feito. Aí quando eu vim, quando eu pude eu escrevi um artigo, um pouco ingênuo, sobre a organização de um Conselho Nacional de Pesquisas. Mas aí houve o seguinte, a Fundação Getúlio Vargas, através do Assis Medeiros, que era o diretor, convocou vários físicos, quer dizer (INAUDÍVEL) convidou vários físicos. E esses físicos se reuniram, e eu estava presente, de São Paulo e do Rio, e se falou muito na organização do Conselho. Mas o Conselho não teria sido organizado sem a força, a perseverança e a força política, a força militar do almirante Álvaro Alberto. O almirante Álvaro Alberto foi à primeira conferência brasileira, à primeira conferência internacional sobre os átomos em Nova York. Por volta de [19]40... acho que isso foi em [19]47, [19]48. E nosso embaixador foi mandado pelo presidente e ele foi como chefe da delegação. E ele voltou convencido da necessidade de se fazer uma Comissão Nacional de Energia Nuclear, mas querendo contemporizar, ele organizou um Conselho Nacional de Pesquisas, aí já sob a influência de nós todos, e criou dentro do Conselho uma Comissão Nacional, uma Comissão de Energia Atômica que depois foi transformada na Comissão Nacional de Energia Nuclear. Nessa ocasião, graças a Deus, estava na Europa em [19]49, quando em [19]51, quando me telefonaram me pedindo que eu solicitasse a minha inclusão no Conselho Deliberativo, do Conselho de Pesquisas. Quando cheguei ao Rio, uns dias depois o almirante me telefona. O almirante tinha uma certa... a princípio tinha uma certa desconfiança de mim, viu? Ele achava que eu gostava muito de esquerda. (INAUDÍVEL)

Fita 13 - Lado A

PG – Isso era muito...

CF – É, depois é, na Academia eu tinha... Aliás me tinha feito membro da Academia, mas eu tinha feito umas brincadeiras assim e tal. Tinha umas certas razões, principalmente...

NB – Brincadeira de que tipo, o senhor tinha feito em relação a ele?

CF – Não em relação a ele, eu digo em relação à Academia, não é? Também aí devia ter influência do moço, ele custou muito a me aceitar. O moço, mas aí me chamou e disse: “Olha, infelizmente eu não pude fazer você membro do Conselho, mas faço questão da sua colaboração. Quero que você seja diretor do setor de Pesquisas Biológicas com assento no Conselho Deliberativo”. Só não tinha voz, mas tinha assento. E aí eu aceitei, era uma proposta extremamente interessante. Eu recebia as pessoas na Câmara mesmo. Nos dias de sessão eu tinha que (...). O Almirante, que era um homem adorável, começavam muito tarde as sessões. Às vezes a sessão acabava às onze horas da noite, sanduíche à beça, (...) à beça, mas era muito... Era um homem extraordinário.

NB – O senhor poderia falar um pouquinho sobre ele? Sobre essa trajetória... Eu estou muito curiosa a respeito desse envolvimento. O senhor disse desse envolvimento dele com o CNPq porque ele participa dessa conferência, mas eu queria saber um pouquinho um pouco anterior.

PG – Da trajetória dele.

NB – É. A trajetória e como é que...

CF – O Almirante é muito interessante. Ele era essencialmente um oficial de Marinha, positivista não de convicção, mas de filosofia.

NB – Sim, sim.

CF - Aluno da Escola Naval, ele tinha sido muito... Aluno brilhante. E era, sabia muito bem matemática clássica, física clássica e química clássica. Posteriormente, ele que tinha um espírito de curiosidade, de pesquisador, ele se dedicou a pesquisas e começou a produzir explosivos. Tinha uma... Aí ele saiu da Marinha, já com grau de almirante, porque capitão de mar e guerra passou a almirante. E instalou essa companhia de...

PG – Explosivos.

CF - Explosivos. E foi uma companhia que acho que durou muito tempo, existe ainda dirigida pelo filho dele. Era um homem extremamente afável, humano e bem educado, não é? Por exemplo, as pessoas iam lá às vezes as pessoas mais simples ele fazia absoluta necessidade. Ele levava as pessoas ao elevador, dizia sempre a mesma piada: “Vou levá-lo ao portador”. Era um homem de uma capacidade de trabalho extraordinária, embora um pouco dispersivo. Além de parlador, gostava muito de falar, mas tinha um encanto pessoal muito grande. Eu não creio que, quer dizer, eu considero o Almirante uma das poucas pessoas que eu conheço e que os defeitos não eram tão banais, vamos dizer assim, e que não superavam a... Quer dizer, desapareciam face às qualidades.

PG – Agora, politicamente o senhor falou que ele tinha uma desconfiança de que estivesse próximo da esquerda. Ele tinha...

CF – Do Partido Comunista.

PG – Ah, do Partido.

CF – Do Partido Comunista.

PG – Ele tinha uma trajetória assim mais radical dentro da Marinha? Politicamente... ou...?

CF – Eu acho que não, mas deixa eu vou contar um exemplo que eu tive. Um dia ele me chamou lá e disse: “Como é que você deu essa bolsa, esse auxílio, a este camarada que é considerado representante do Cominform no Brasil?” Eu disse: “Olha, eu dei pelos méritos científicos dele, tais, tais, tais, tais, tais... Eu não tenho [...] nenhum apreço pelo Cominform, mas mesmo que tivesse, eu acho que isso não tem nada que ver uma coisa com a outra. Eu dei porque achei que ele merecia dar, que ele merece dar. Agora, queria dizer ao senhor o seguinte: conhecendo-o melhor do que o senhor, sem ser amigo íntimo dele, o que eu posso dizer ao senhor é o seguinte: é que eu assumo a responsabilidade. Se o senhor puder me provar que ele está fazendo...”

PG – Coisa indevida.

CF – Proselitismo comunista, político, como dizem, eu peço demissão do meu cargo. Aí o senhor pode botar quem o senhor quiser. Ele disse: “Não, se você assume a responsabilidade, eu estou sempre com você.”

NB – Ele é nomeado para o Conselho, presidente do Conselho ainda durante o governo Dutra, não é?

CF – Foi nomeado... não, eu acho que ele foi nomeado pelo Getúlio.

NB – É? Eu acho que é um dos últimos atos do Dutra, ainda. É em [19]50.

CF – É capaz de ser, um dos últimos atos, não é? Mas ele tinha muita abertura com...

NB – Getúlio?

CF – Getúlio. Quer dizer, é a grande diferença que se passou depois quando veio, o Getúlio saiu, veio o Café Filho.

NB – Sim.

CF - Aí o General Távora, que foi uma das pessoas mais educadas que eu conheci...

NB – Juarez Távora?

CF – Juarez Távora. Juarez foi uma das pessoas mais difíceis de você se entender com ele, porque estava todo armado etc. etc. Passou a receber o presidente do Conselho, o Almirante

tinha se afastado. O Almirante telefonava, eu muitas vezes fui ao Palácio falar com Getúlio. Telefonava e o Getúlio recebia. O Conselho tinha um poder naquela ocasião que nunca mais teve.

NB – E era diretamente ligado à Presidência da República, não é? Na hierarquia da...

CF – Mas isso não significa, por exemplo, você pode ser ligado à Presidência da República, mas subordinado à Casa Civil, ou à Casa Militar ou à Casa Naval, como depois foi, não é? Mas ele não, ele falava era com Getúlio mesmo.

NB – O senhor não sabe quais são as ligações dele com Getúlio?

CF – Eu tenho a impressão que sei. Posso garantir a você que as relações vêm de longe, porque acho que a família dele, ele era casado com uma senhora de família elegantíssima, belíssima, finíssima. É de uma família Antero, eu acho que essa família Antero é do Rio Grande do Sul. É, porque eu acho que provavelmente aí é que deve ter sido a ligação. Mas o Getúlio tinha por ele o maior respeito.

PG – Agora o senhor foi diretor do setor de Biologia?

CF – E quando o Costa Ribeiro viajava, eu que ficava na direção do Conselho Técnico, Divisão Técnico Científica.

PG – Sim... Agora, essa...

NB – Chamava como o seu setor? É Divisão?

CF – Havia uma Divisão Técnico Científica.

NB – Sim.

CF - Dividida em setores. Setor de Biologia, setor de Química, setor de Física, setor de Ciências etc.

NB – Ah...

PG – Agora uma coisa que eu queria saber era o seguinte... O Conselho, ele nasce um pouco com essa ideia da...

CF – Ele nasce para energia nuclear.

PG – Para energia nuclear.

CF – Da energia nuclear. Isso sem a menor dúvida.

PG – Exato. É a questão da energia nuclear, uma questão estratégica etc. e daqui a pouco ele se amplia, quer dizer, com uma espécie de biombo maior para área de Ciências, e tem o setor de Biologia. Qual era o peso relativo desses setores dentro do CNPq?

CF – Ah, o da Biologia tinha muito maior peso. Primeiro por uma razão muito simples, é que havia muito mais biologia no Brasil do que qualquer outra coisa. Segundo porque eu sempre fui muito positivo nas coisas que faço, então tinha... E a química, por exemplo, não tinha, química tinha muito pouca gente em química naquela ocasião.

PG – Sim. Mas frente à física, por exemplo?

CF – A física naquela ocasião era muito limitada ao grupo de São Paulo, ao grupo da Faculdade da USP, vamos dizer assim. Porque tinha o Bataglia, o [...alini], Paulo Alves Pompéia, aquele que depois foi presidente da Comissão de Energia Nuclear, ele se chama Luís... não tem problema, não tem problema. E três ou quatro pessoas da maior importância. Então, eram muito importantes e enfim, uma das mais interessantes do que importante, mas não se podia comparar com o grupo de Biologia que tinha em São Paulo mesmo, Rocha e Silva, Samuel Pessoa, que você citou, Paulo Galvão, o Miguel do Valle na Farmacologia, enfim. A bioquímica em Belo Horizonte tinha um grupo em torno de Baeta Viana. Tinha um grupo de Manguinhos aqui, tinha um grupo que eu tinha formado na Praia Vermelha. Enfim, era um peso mais importante como um todo, difundido internacionalmente. Então, embora a direção fosse para a física e para a física atômica, energia atômica, havia esse aspecto de que você tinha a presença...

PG – Uma demanda muito maior, não é?

CF – Uma demanda. E uma das coisas importantes que fui eu quem botei lá, que foi muito combatida pelo Rocha Lagoa quando ele assumiu, a questão de Manguinhos, que foi ser, fui feito membro do Conselho eu não estava lá, é de que o pesquisador se dirigia diretamente ao Conselho. Não tinha que passar por diretor nem nada. Aí o Rocha Lagoa obrigou que os pedidos viessem através de decisão do Conselho Deliberativo, através do...

PG – Da Instituição.

CF - Da Instituição.

NB – Em que período o senhor esteve lá?

CF – Sabe que eu não sei...

NB – No setor de Biologia. O senhor não está lembrado? O senhor foi convidado pelo Álvaro Alberto, quem...? Logo no início?

PG – Isso se recupera no currículo.

CF – Eu depois fui feito membro do... Quer dizer, isso foi quando? Isso foi em [19]51.

NB – É.

CF - Depois eu fui feito membro do Conselho em substituição a Álvaro Osório de Almeida. Aí eu fui reconduzido uma ou duas vezes e quem me desconduziu foi o... Café Filho, foi lá na gestão do Café filho.

NB – Quando acabou o governo Getúlio.

CF – O Juarez Távora achava que devia haver renovação, portanto renovou todos os que estavam há mais tempo...

PG – Eu não sei eu vou por uma outra linha agora Nara, se você quiser você retoma. É porque o senhor falou uma questão da relação direta do pesquisador com o CNPq. Isso me remete a uma questão mais geral de como é que o senhor vê...

CF – Ainda existe hoje, não é?

PG - Que existe hoje ainda, não é? Remete a uma questão mais geral e como é que o senhor via isso dentro também do Instituto de Biofísica, de uma certa autonomia e liberdade do pesquisador se movimentar e buscar...

CF – Eu acho indispensável. Essa autonomia, eu acho indispensável. Acho que foi uma das coisas que mais me preocupam, depois que eu cheguei no ano passado da Europa de uma das viagens, a expressão gerenciamento de pesquisa. O gerenciamento pode ser de pesquisa aplicada, com fins de produção, mas eu acho que esse gerenciamento de pesquisa básica para mim não existe, é uma imposição. O quê que você vai gerir? E o que é que eu fiz no Instituto de Biofísica? Eu pegava o camarada, treinava o camarada, e o sujeito ficava no laboratório, etc. e tal. Quando o indivíduo apresentava um certo valor, uma certa capacidade... Eu nem gosto nem de usar o termo produtividade, porque eu nunca peço número de...

PG – Trabalhos...

CF - Aí eu fazia ele chefe de laboratório. Fazia uma unidade que eram os oratórios. Unidades de trabalho científico. E foi assim que se fez com os...

PG – E essa unidade de trabalho científico ela tinha uma certa autonomia? Como é que funcionava isso?

CF – Tinham, quer dizer, houve um momento em que eu visitava todos e procurava dar uma certa orientação, ensinava, providenciava, ajudava a arranjar recursos etc... Porque durante muito tempo eu tive uma fonte de recursos muito boa, que era o Parlamento. No orçamento havia uma verba livre que cada deputado podia dar para quem quisesse. Então eu tinha cinco ou seis deputados que me davam essa verba, além de verba que vinha pelo...

NB – Ministério...

CF – Valores pequenos, 100 contos, vamos dizer, ou 100 cruzeiros na ocasião, de cada um dos deputados. Mas isso somava bastante porque o orçamento da Universidade era pequeno e tinha o Guilherme Guinle. E houve um momento em que eu fui ajudado pela Fundação Rockefeller, de 1955 a 60... Eu sei que em cinco anos ela, em torno de [19]51 a [19]56 eu não me lembro bem das datas, preciso ver. Ela deu 55 mil dólares em todo o período. Quer dizer, uma média de 10 mil dólares por ano. Isso era muito importante, porque foi com isso que eu podia comprar aparelhos especiais, era mais fácil a compra, não é? Ou então enviar pessoas... Ela também me ajudou muito a enviar, porque isso foi uma política que eu comecei logo a enviar ainda mais depois que o sujeito tivesse aprendido, naquela ocasião não havia curso de pós-graduação, depois que o sujeito tivesse aprendido tudo que podia aprender aqui, mandava...

PG – Mandava para lá.

CF – Por um período, um ano, às vezes dois anos. E quando... Esse é o caso de Hiss Martins Ferreira, você sabe que para você fazer um cientista, como eu considero o Hiss um dos melhores cientistas que existe no Brasil, você tem que ter muita paciência. Hiss veio para aqui não se adaptou, queria fazer clínica, não queria fazer química, trabalhava dois dias por semana e etc., eu ia perder uma grande esperança. Isso é uma coisa por exemplo, que é difícil vocês fazerem na Fundação. Tem que ter uma... Quando ele chegava...

PG – Mas por que? Pelo gigantismo... O quê que é?

CF – Não, pela liberdade, quer dizer, você numa universidade há muito mais liberalidade, não é? Quando ele chegou, e aí eu dei uma bolsa para ele, dei uma bolsa para ele. Para efeito de salário. Porque também ninguém trabalhava no Instituto sem ter, não um laço empregatício, mas ter uma bolsa. Isso era uma coisa para estabelecer uma coisa moral, não é? Aí, Hiss que era duro em certas coisas, resolveu fazer exercício militar. E passou um ano sem vir ao Instituto. Eu mantive a bolsa dele durante esse tempo todo. Esperando ele vir. Depois arranjei uma bolsa para ele e ele foi para Chicago. Voltou, aí veio ao Rio um sujeito fabuloso da Suécia, [...] eu aí arranjei uma nova bolsa para ele ir pra Suécia. Então não havia um esquema, era conforme o indivíduo. Porque se você começar a querer fazer tudo igual está frito.

PG – Então era na sensibilidade de identificar vocações e...

CF – Esse é que é o problema máximo de um chefe de pesquisa. Hoje isto aqui seria impossível, hoje entraram 25 alunos novos para a graduação e nós temos uns 70 alunos no pós-graduação. Uma das características dos jovens é a dificuldade que eu tenho é de vocês seguirem o que eu digo a vocês para fazerem. Por exemplo, começar a escrever a tese no dia em que começa a fazê-la. Porque se você deixar a tese para fazer muito depois, no final, você vai ver que você esqueceu de fazer uma porção de coisas que eram importantes, mas se você começa a escrever a tese ainda que em forma reduzida, todos os dias, todas as semanas desde que você começa o trabalho é muito mais fácil. Isso vale não só para as Ciências como para as humanidades.

PG – O senhor tocou numa questão que é uma questão que está na polêmica dos jornais inclusive, não é? Que para o senhor não valorizava tanto a questão de trabalhos publicados. A USP agora está às voltas com essa avaliação dos professores...

CF – Eu não vi essa coisa da *Folha de São Paulo*. Porque realmente com tanta coisa que eu tenho que ler, eu precisava recortar as coisas do jornal para eu ler.

PG – Sim, mas aí o que está em jogo é o seguinte: quer dizer, como é que você estabelece algum critério de aferição e valorização do trabalho dos profissionais numa universidade ou então num Instituto de Pesquisa? Alguns critérios são mais objetivos: número de trabalhos publicados, se são revistas internacionais, se são revistas nacionais... mas como o senhor fala, isso também é motivo de uma certa ressalva, não é?

CF – Você sabe que o melhor a meu ver é consenso da população do laboratório, do Instituto. Essa não falha nunca. *Vox Populi, vox dei*, sabe?

PG – Que aliás existia em Manguinhos, não é? Numa certa época...

CF – Em Manguinhos... E existiu aqui muito no Instituto. Só depois que se estabeleceu esse curso de pós-graduação é que veio uma série de leis e regulamentos, e daí que atrapalhou... Por exemplo, nunca houve uma objeção aqui no Instituto a uma pessoa que eu teria feito chefe de laboratório. Hoje para o sujeito ser chefe de laboratório tem que ter uma comissão que vai analisar os trabalhos do sujeito e etc. e tal. Torna uma burocratização...

NB – Mas para isso o senhor precisaria estar muito presente, não é?

CF – Mas eu estava presente sempre, sempre. Eu viajei sempre muito, mas no Rio, sábado, reuniões. Eu só deixei de vir ao Instituto quando nós mudamos da Praia Vermelha para cá, aos sábados. E hoje mesmo, com a minha idade e com a minha capengue, eu venho todos os dias aqui. E ajudo muito o pessoal em certos problemas.

NB – Eu queria saber como é que o senhor conseguiu fazer isso. Eu estou aqui pensando, já há um tempão pensando nisso. Quer dizer, o senhor consegue estabelecer contatos internacionais, estou pensando já voltando de novo para trás, lá [19]46, [19]50, por aí. O senhor consegue firmar o seu Instituto, estabelecer um trabalho, e estabelecer os contatos internacionais, ao mesmo tempo estar presente. Percebendo e desenvolvendo um trabalho, pelo que o senhor disse, o senhor trabalhou durante alguns anos, todo dia o senhor fazia uma experiência. Como é que o senhor conseguiu gerir essa... Não perder o pé com o mundo, e nem internamente?

CF – Bem, aí há dois... O primeiro fator é que eu tinha minha mulher para me ajudar.

NB – Ela vai gostar de ouvir isso.

CF – Ela nunca exigiu nada, quer dizer... Além do mais, a não ser depois que veio o milagre brasileiro, nós não tínhamos dinheiro para muita coisa, o Cassino da Urca era muito fácil, porque a gente parava muito pouco e era ótimo.

PG – Cassino da Urca?

CF – Cassino da Urca, nós ainda saíamos à noite. Você vê que não estou nunca nas folhas sociais, não é? Só quando viajo, aí informações inteiramente falsas que meus alunos publicam... Que eu ia dizer ao Papa qual era a idade do seu manto. Como é que se chama em português? Do manto que cobre...

PG – Santo Sudário.

CF – Sudário. Nunca fui dizer isso ao Papa, como foi feita a datação. Eu que estabeleci como deve ser feita, mas não foi feita não. Outra coisa é o seguinte: é que o nome de meu pai me ajudou muito. Agora se você vê a trajetória que eu fiz em [19]50... [19]47... em [19]37 eu fui para Europa, fui para a França. Em [19]48 eu fiz o circuito dos Estados Unidos, [...] na primeira viagem para Europa não recebi nada, na segunda viagem eu recebi o Conselho... Na primeira viagem eu paguei tudo, na segunda viagem aí foi realmente o meu conhecimento com o mundo. A Fundação Rockefeller tinha feito um Congresso sobre Ciência e um Congresso sobre Neurobiologia em Paris em [19]47, pra festejar o cinquentenário da morte de Pasteur. Então, que foi festejado um ano depois. Aí eu conheci gente de todo mundo. Na volta eu fiz esse circuito, aí pago pelo Ministério das Relações Exteriores. Fiz um circuito e primeiro eu fui ao México para a segunda Conferência da UNESCO, conheci várias pessoas, vários cientistas. Depois fiz um *tour* pelos Estados Unidos,[19]48. Em 1948 morreu, foi assassinado o meu cunhado Virgílio, que eu fiquei realmente muito tempo na Europa, uns seis meses em França. Fui à Itália, fui à Bélgica, fui à Suíça, fui à Inglaterra.

PG – Mas as viagens eram viagens em que cada local o senhor ficava vinculado a uma Instituição ou...?

CF – Uma Instituição. Conhecia pessoas etc...

NB – Mantinha contatos.

CF – Depois eu fui para Europa. Aí fui duas vezes trabalhar no Instituto Superior Sanitário, em Roma, durante as férias daqui. E sempre, eu nunca fui a um congresso internacional, só fui num congresso internacional. Agora vou a um outro. [...] E aí fui fazendo relações. Depois você imagina, eu fui até presidente do Comitê de Radiações das Nações Unidas, fui membro do Comitê de Pesquisas da Organização Panamericana, da qual, mas antes eu fui presidente. Depois fui membro, cheguei a presidente do comitê de Pesquisas da Organização Mundial de Saúde. Em [19]52 eu visitei a Suécia. Depois em [19]62, todo ano de [19]62 e [19]63 fiz oito vezes a viagem Genebra-Rio. Porque eu fui secretário geral da conferência pela Aplicação da Ciência e da Tecnologia aos Países em Desenvolvimento. Aí conheci centenas de pessoas. Nessa ocasião fui à Rússia, fui à Praga, fui à Inglaterra três vezes, fui aos Estados Unidos, Canadá...

NB – Na sua ausência quem administrava o Instituto?

CF – Manuel Frota Moreira, nas minhas ausências virtuais Manuel Frota Moreira. Depois, que mais ainda?... Depois disso eu fiz parte do Comitê de Avaliação do Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia nos Países Subdesenvolvidos, chamado [?] *Appraisal Committee for the application of science and Technology*, do qual eu fui presidente seis anos. E aí uma reunião era em Paris, outra em Nova York e a outra era num outro país qualquer. Depois conheci milhares de pessoas. E agora... e tem outras coisas no meio, não me lembro mais, não vale a pena contar. E agora como presidente da Academia Pontifícia, que eu já era membro, eu fiz vir a Roma 1367 cientistas de todos os países do mundo. Eu conheço muita gente.

NB – Eu gostaria que...

CF – Me auxiliou muito o fato de eu falar mais ou menos bem várias línguas, não é? Inclusive o alemão.

NB – O alemão era [da] sua babá.

CF – Conhece mais a minha vida que eu.

NB – Eu gostaria que, num outro momento, eu tenho a impressão que está ficando [tarde], a não ser que o senhor queira continuar.

CF – Eu quero sair às cinco. Daqui a dez minutos, está?

PG – Está.

CF – A gente está acabando já, não é?

NB – Eu não sei se talvez...

PG – Eu acho que essa questão das relações internacionais, e mais tarde da Academia, a gente pode deixar para um outro momento.

NB – É porque tem umas coisas aí que eu gostaria...

PG – É uma coisa muito rica e... eu acho que... que... o que a gente estava tentando...

CF – Eu estou precisando escrever as minhas memórias, as minhas memórias póstumas, antes que vocês... vocês a escrevam.

PG – Não, mas isso é bom, até porque estimula o senhor a... a começar organizar logo essa memória, não é?

(conversa paralela)

NB – Teve uma coisa que também eu gostaria de voltar num outro momento. É sobre essa relação entre indústria/ciência que a gente parou. Então, eu anotei aqui, que começou a...

CF – Eu acho... Posso dizer em poucas palavras. Eu acho essencial pra o desenvolvimento do país. Durante muito tempo era impossível qualquer coisa aqui, porque a indústria desconhecia a Ciência que se fazia no Brasil. Isso eu tenho prova como documento que está aí, e um grupo holandês que eu mandei quando estava na Europa aqui no Brasil, e que chegou... eles têm lá um sistema muito interessante. Eles têm uma rede de laboratórios que são para pesquisa das Instituições que tem no máximo mil operários. Então eles... esses laboratórios servem a essas indústrias, como cerâmica, pasta, vacina, tudo. Eu mandei aqui... e essa comissão fez um relatório muito interessante sobre a nossa indústria. “É lastimável que a indústria brasileira desconheça o potencial que existe nos seus laboratórios”. Isso foi em [19]78, 79... 68 ou 69. Um exemplo da medicina, eu por exemplo, nunca consegui me associar aos hospitais de clínica da faculdade. Por quê? Porque os médicos não queriam fazer pesquisas, eles queriam que nós dosássemos pelas nossas técnicas o que eles precisavam saber, mas não tinha a menor formação de um projeto... Hoje nós estamos caminhando para essa... esta união, mas com um perigo...

Fita 13 - Lado B

CF – A indústria quer lucro e quer resultados, de modo que é muito prejudicial à formação de pessoal. De dois modos: um porque ela só traz aos laboratórios projetos de interesse imediato, prejudicando, portanto, a pesquisa de um modo geral. Segundo porque pra ela se realizar, vamos formar um Polo Rio, pra ele se realizar, tem que tirar os melhores elementos que estão na tarefa de formação de pessoal. Porque nós não temos gente bastante. Esse é que é o problema. Você vai fazer o quê? Você vai... então você vê que... a gente... tem que ir por esse caminho, mas tem que ir tomando todas as precauções possíveis. Há um exemplo muito típico, quando se fizeram estes... que não são laboratórios de pesquisas, são laboratórios de análise, da Petrobrás na universidade, eles captaram uma grande quantidade de pesquisadores, pagando cinco, seis, dez vezes mais. Hoje esse caso não é tão fácil, porque hoje os pesquisadores estão ganhando bem. Não ganham o bastante, porque a vida está como você imagina. Você imagina um pesquisador aqui já ganhou 3000 dólares e hoje está ganhando no mínimo... no máximo 1000. Então há uma diferença, não é? Mas tem que ser feito com cuidado, é muito importante. Você vê por exemplo a... a... Agrocere? Não sei se foi a Agrocere, a Souza Cruz. A Souza Cruz está fazendo um... uma coisa de agricultura. Pegou todos de um departamento de Piracicaba e levou pra indústria. Então, tem que se ter o maior cuidado, tem que se estabelecer...

PG – É, e o caminho inverso é muito mais complicado, quer dizer, a possibilidade de uma área de produção vir a gerar um conhecimento mais... básico, é mínimo, não é?

NB – Quer dizer, mas então... é... o senhor acha que isso é uma coisa tão... Nesses países chamados periféricos, porque esse é um desenvolvimento mais... ou como eu dizia, um movimento... movimento e o desenvolvimento clássico da Ciência na Europa. Ela...

CF – É, mas você vê por exemplo...

NB - ... está associada...

CF – Na Suíça. Na Suíça foi que se formou grande desenvolvimento farmacêutico. As indústrias instalavam, mantinham os laboratórios de pesquisa nas universidades. Sem preocupação... e tem os salários que... como a vida é muito igual, com os salários compatíveis com os salários da universidade. Então, é um processo que a gente... é uma dúvida porque é necessário...

PG – Mas é perigoso.

CF – É perigoso e tem que ser feito com muito cuidado.

PG – O senhor está acompanhando essa questão do... do Polo do Rio?

CF – Mais ou menos. Eu já tive uma luta aí com Antônio Paes Carvalho.

NB – O senhor é contra?

CF – Não, não sou contra não, mas acho que tem que haver...

PG – Esse cuidado, não é?

CF – Garantias.

NB – Por isso. Por isso que o senhor está dizendo, não é?

CF – Por exemplo, tem aqui um rapaz extraordinário, Mauricinho ganha... ganha... bem relativamente aí vem uma indústria muito difícil a pessoa com dois, três filhos educando... difícil...

NB – Recusar.

CF – Outro dia levei um susto em minha vida, quando soube que minha filha que tem cinco filhos, está pagando só pro mais velho sete mil e quatrocentos cruzados por mês.

PG – Isso o colégio.

CF – Já contei isso antes, não é? E o pior é que se fez no Brasil é inédito que o aumento dos vencimentos resolve os problemas. Não resolve, o que resolve é a diminuição do custo de vida. E esse... eu não sei como o governo está fazendo. Porque se você tiver 100 mil cruzados, vamos imaginar, e a vida tiver no valor de dois por cento a 14% de inflação... se a inflação for cinco por cento ao ano, esses 100 mil cruzados são um vidaço.

PG – Pode planejar, pode...

CF – Cem mil cruzados? Um vidaço.

PG – Você pode planejar, você pode ter uma tranquilidade de... Agora só pra encerrar esse tempinho... Assim... é um tema que a gente pode colocar depois também, mas... O senhor falou que dois Prêmios Nobels foram perdidos pelo Brasil, o de Carlos Chagas e o de Maurício Rocha e Silva, não é? Aí o senhor ia explicar porque, mas não concluiu...

CF – O Maurício Rocha e Silva era uma pessoa de trato difícil. E... de modo que ele não soube fazer. Porque atualmente há uma grande política, uma grande política pessoal, vamos dizer, ao... E ele realmente... eu via ele ter atritos que... difícil. Meu pai é uma coisa tão... nítida, que duas pessoas recentemente me perguntaram na Europa, qual é o ano que meu pai tinha tido Prêmio Nobel.

PG – E a quê que o senhor atribui aí nesse caso? Não é... não seria uma dificuldade do... do reconhecimento da pesquisa feita por países periféricos chegarem a ter essa...

CF – Naquele tempo não existia isso não. A dificuldade foi o seguinte: quando alguns dos maiores expoentes da Ciência brasileira declaram que a Doença de Chagas não existe... você acha que o Comitê de Estocolmo vai dar?

PG – É. Que dizer, o próprio reconhecimento interno... como base da... Está ótimo, não é? É, num momento a gente voltaria. Porque até... também o senhor...fazer assim uma espécie de avaliação...

Data: 20/05/1988

Fita 13 – Lado B (Continuação)

Hoje é dia 20 de maio de 1988, é... vamos continuar... continuidade da entrevista com Dr. Chagas Filho e eu gostaria hoje de tentar conversar com o Dr. Chagas a respeito de um tema que está nos preocupando particularmente. Que é sobre a relação entre Ciência e Desenvolvimento Científico Tecnológico e o desenvolvimento do país, desenvolvimento econômico do país. A gente mencionou esse assunto assim muito *en passant* na última entrevista e eu gostaria de... que a gente retomasse o assunto porque eu estive vendo no seu currículo, o senhor participou desse tema – Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento do Terceiro Mundo...

CF – Eu fui secretário geral da Conferência para Aplicação da Ciência e Tecnologia ao Desenvolvimento. Essa conferência foi organizada pela UNESCO para completar a década de desenvolvimento que teria como objetivo que todos os países do mundo deveriam alcançar um aumento de seis por cento do produto internacional bruto. Daí se vê imediatamente a importância da Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento. Essa Conferência reuniu em Genebra quase 2000... 1600 participantes de vários países. E eu fui secretário geral mantendo as minhas ligações com o laboratório, o que fez com que eu viesse oito vezes ao Brasil. Uma semana, alguns dias, voltando a minha sede que era Genebra. Também fui obrigado a visitar vários países: Rússia, Tchecoslováquia, a Hungria,

os países do ocidente... fui aos Estados Unidos, ao Canadá. E... aí eu vi imediatamente, uma grande dificuldade que eu teria na organização da conferência. É que os países desenvolvidos queriam utilizar a tecnologia como uma arma. No que eu chamei um neocolonialismo. E o desenvolvimento autóctone da Ciência e Tecnologia foi, claramente... era claramente marginalizado pelas grandes potências. A minha grande luta foi pra dar uma maior ênfase na criação de sistemas educacionais adequados aos países em desenvolvimento. E também dar os sistemas de saúde, também importantes, e agrícolas. Pra isso eu fui muito ajudado não só pela Organização Mundial de Saúde, como também pela FAO e tive uma luta muito grande. Luta essa que eu considero que não ganhei, mas também não perdi. As dificuldades foram enormes, inclusive no tipo de organização que eu procurei dar a conferência. Porque quando nós abrimos as inscrições, apresentaram-se 4000 documentos. Esses documentos eram sumários e de apresentações possíveis. Eu recusei 2000 e poucos, de modo que ficaram ainda 1900 e poucos pra serem apresentados.

Então, ao invés de deixar que cada... autor apresentasse o seu trabalho, eu dividi todos os assuntos, que eram talvez dez capítulos, em sessões. E houve noventa e seis sessões, e cada sessão tinha um relator que apresentava em meia hora o resumo de todos os trabalhos apresentados. E depois uma ampla discussão geral. Naturalmente que isso não agradou a muitos países que queriam a apresentação dos seus... das suas estrelas. A parte da manhã era destinada a conferências gerais. Essas conferências sim eram feitas por pessoas que eu escolhi dentro de uma distribuição regional adequada e dentro também de um... uma distribuição... dentro das disciplinas que tratava a conferência. Então o tipo de dificuldades que eu tive, eu citaria apenas duas. O delegado da França junto a mim, o Sr. Gross, veio um dia às sete e meia da noite me interpelar dizendo que eu tinha dado mais autoridade, ou mais tempo, ou mais documentos, a outros países, acusava principalmente os Estados Unidos, do que à França. E que ele ia fazer um protesto junto ao governo francês, ou que o governo francês ia protestar junto ao Catete, que era secretário geral das Nações Unidas. E eu declarei a ele que podia fazer, mas que se ele fizesse isso que eu ia devolver imediatamente a minha condecoração francesa. Porque ninguém tinha ajudado mais a França do que eu. Telefonei para o Ministro das Relações Exteriores da França, que eu conhecia bem, e nada aconteceu. Mas esse era o tipo de dificuldade que nós tínhamos. A segunda por exemplo, se deu de uma maneira interessante. Eu escolhi como um dos oradores principais, um sociólogo francês chamado Dumont, René Dumont que escreveu um livro muito interessante sobre a liberação dos países africanos, a independência dos países africanos, que se chama “A França deu uma saída errada”, vamos traduzir assim, “*Le Français est ma pent*”. Em que ele critica com severidade alguns aspectos graves do desenvolvimento dos países africanos. Como por exemplo o fato de que um certo país em obras do palácio do governo e dos palácios do governo, tinham consumido o orçamento do país por vários anos, mas antes de dar a palavra a... fazê-lo meu conferencista, um dos conferencistas, eu telefonei pra ele. Eu o conhecia bem e fi-lo prometer que não faria as coisas críticas que tinha no livro, mas que apresentaria como deveria ter sido feito no momento... o quê que se deveria fazer. Ele me prometeu e não fez. Chegou e fez uma crítica terrível ao governo. No dia seguinte eu tive nove países da África que vieram me procurar, protestar, mas todos particularmente me disseram que ele tinha toda razão no que tinha dito. Que era aquilo mesmo que estava acontecendo. Eu não me lembro qual dos países por exemplo, tinha muito mais deputados por cidadão do que qualquer outro país do mundo. E os deputados ganhavam o que um trabalhador não poderia ganhar em quinze anos de trabalho. Uma outra dificuldade se passou com o governo soviético. Havia uma

senhora que era Ministro da Educação do Cazaquistão que apresentou um trabalho que eu recusei. E aí eu recebi a visita do embaixador Alexandrov, que era o representante da União Soviética junto a mim, que me disse que achava o cúmulo, que eu não podia fazer aquilo e etc. Então eu disse que quando eu fiz isso, eu estava protegendo o seu país, a União Soviética. Mas como? Eu disse porque... o livro, no artigo dela ela diz que a situação de atraso das mulheres no mundo muçulmano é devido a um livro... a expressão que ela usava, uma expressão inglesa “filthy” quer dizer imundo, que era o Corão. Eu disse: se ela publicar isso, vocês têm todos os países muçulmanos contra vocês. Mas pra se ter uma ideia da ótica errada em que estava colocado o problema, que eu aliás não consegui consertar senão muito pouco, parcialmente... É que um dos mais queridos companheiros meus de trabalho, que era nigeriano, veio me dizer que não compreendia porque eu não queria deixar passar um projeto que ele tinha apresentado, que era da construção de uma usina de aço com a produção de trezentas mil toneladas por ano. Eu tinha feito uma análise cuidadosa com os economistas que eu tinha ao meu lado, e verificava-se que aquela produção era inteiramente perdida porque não tinha como se utilizar aquela produção. E eu fiquei com muita pena porque ele caiu em prantos quando eu não cedi ao apelo dele, mas havia ao mesmo tempo duas coisas... dois sentimentos diversos. Um sentimento partido dos países desenvolvidos, que era um sentimento de ocupação, de utilização, de colonialismo. Tanto de um lado como de outro. Talvez o país, a potência que melhor tenha se portado nessa ocasião foi a Grã-Bretanha, que não fez a menor exigência, mas França, Estados Unidos, União Soviética, Itália, todos fizeram certas exigências.

NB – De que tipo?

CF – É... pedindo mais espaço, ou pedindo que tal ou qual assunto não fosse tratado. Todos os assuntos que podiam prejudicar a sua... os seus desejos. E particularmente não querendo que eu fizesse certas exposições, certas conferências, certos debates que eram de natureza mais liberal. Seja contra o mundo ocidental, seja contra o mundo da cortina de ferro. De modo que foi muito difícil esse período, muito difícil mesmo. E eu... pra ter uma ideia do que isso representava de trabalho, é que eu li os 96 relatórios que foram apresentados para conferências que iam ser feitas. E pra dar uma ideia do que foi a intensidade do trabalho, minha filha mais... segunda filha, mas primeira a se casar, casou-se no dia nove de dezembro de 1962. A Conferência ia se realizar no mês de fevereiro a março de 1963, e eu tive que voltar ao Rio pra assistir a esse casamento. O avião da *Swissair* partia no sábado à noite, e eu comecei a trabalhar na sexta, trabalhei a sexta o dia inteiro, dormi um pouquinho, depois trabalhei a noite inteira no domingo, descansei um pouco... e pra poder voltar pro Rio, e não perder o avião, que era o último avião que me permitia chegar para o casamento, eu tive que solicitar favor especial da *Swissair*, que adiasse por um motivo qualquer a partida. E foi assim que eu cheguei a tempo no casamento de Silvia, mas foi muito difícil mesmo. E... muito árduo. Principalmente porque a luta era de um lado contra as nações desenvolvidas e até mesmo contra as nações em desenvolvimento. Porque o que as pessoas queriam era inaugurar coisas, botar placas; não queriam construir um sentimento, não queriam uma estrutura básica fundamental. É o mal de que muitos países sofrem, inclusive os países democráticos e os países recém-democratizados que acham que quando se faz uma lei ou se determina um projeto, que isso já resolveu a questão. O que não é absolutamente verdade, não é? Mas de outro lado havia realmente um idealismo, que a gente não pode negar de alguns, que acreditavam piamente que a introdução da Ciência

da Tecnologia ia dar ao povo uma qualidade melhor de vida, ia aumentar a renda per capita... O que não é exato. A industrialização certamente produz um aumento do PIB, do produto nacional bruto, mas não... não necessariamente um produto... aumento de um produto per capita. Porque o que nós vemos em todos os países, é de que a riqueza vai se concentrando nas mãos de certos grupos. Sejam grupos econômicos, sejam grupos sociais, sejam até mesmo grupos políticos, não é? E... e foi uma luta muito interessante, uma luta muito dura e que eu... fui muito bem tratado por todo mundo.

NB – O senhor era presidente, não é?

CF – Eu era secretário geral, mas secretário geral é quem...

NB – O senhor apresentou algum trabalho assim, em nome do Brasil? Ou tinha algum outro enviado...

CF – Não, não. Eu não tinha nada que ver com o governo brasileiro, que até se queimou comigo por causa disso. Porque quis fazer certas imposições que eu não quis aceitar, porque eu considerava que eu estava ali não como brasileiro, porque... mas sim como cidadão do mundo. Minha obrigação era para o mundo e não para o Brasil. Embora se eu pudesse favorecer o Brasil, eu teria favorecido, mas tanto mais que eu não fui escolhido, eu não fui candidato do Brasil à secretaria geral. O Brasil tinha um candidato que era um economista muito valoroso, e ficou surpreendido porque o Canadá e a França indicaram meu nome porque o Canadá e a França queriam um cientista e não um economista.

NB – Quem era o economista?

CF – Otávio Carneiro. Otávio... não sei se chamava... Otávio Carneiro sim. Era um embaixador, muito bom economista, que tinha a seu favor... credencial que eu não tinha. Ele tinha dirigido a Conferência... é... dos... países... oitenta e oito países... não... não... Como é que se diz? Não...

NB - Não alinhados?

CF – Não alinhados. Ele tinha exatamente dirigido essa conferência. E dirigia o grupo ainda. Acho que ele era muito bem indicado. Mas... a França e o Canadá, e outros países também acompanharam a França e o Canadá, exigiam que fosse um cientista. E a escolha foi... recaiu em mim. Sem que eu soubesse nada. Eu não soube nada, porque não me avisaram... e... eu só me lembro muito que fui surpreendido com um telegrama do Tofh, no mês de janeiro. Isto deve ter se passado no fim da assembleia geral. O Tofh me... me pedindo pra estar em Genebra no princípio de fevereiro. Coisa que eu não podia fazer porque eu tinha assumido um compromisso de... tinha sido nomeado pra uma comissão da América do Sul... para apresentar um programa de Ciências e Tecnologia para a América do Sul... pra América Latina, dentro dos projetos do presidente Kennedy.

NB – Aliança para o Progresso.

CF – Como?

NB – Aliança para o Progresso, não é isso?

CF – Aliança para o Progresso, exatamente. É... eu pretendia realmente não assumir. Quando cheguei a Nova York fui ver Tofh, o Tofh disse que era impossível eu não... eu não aceitar, e aí fiquei nessa armadilha. Tive que ficar... dentro de uma... muito difícil mesmo. Não só pelo trabalho e principalmente porque eu tive... quase que 365, mais... mais... 38 dias mais ou menos de luta conta a burocracia... das Nações Unidas, não é? Tudo que eu fazia que desburocratizava um pouco, era interrompido, era difícil e além do mais... todos os países tinham um serviço de espionagem muito bem feito dentro... no meu secretariado. Um exemplo é o seguinte: que... cada decisão que eu tomava, no dia seguinte... Por exemplo, eu tomava uma decisão às quatro horas da tarde; no dia seguinte pela manhã eu recebia... de uma decisão não publicada, tomada dentro do meu gabinete, eu recebia um... a visita do embaixador americano e à tarde, por causa da questão de horas, do embaixador soviético. Ou protestando ou aprovando. A coisa chegou a tal ponto que eu, para me... poder realizar qualquer coisa, eu organizei o que se chama de um gabinete íntimo. Quer dizer... cinco pessoas, uma senhora italiana, um sanitarista inglês, um sul-americano, um argentino e... eu não me lembro mais... tinha mais um escocês também. Com isso é que eu discutia os problemas e tomava as minhas decisões com esse grupo. É... em consequência da minha atuação, que foi realmente muito apreciada pelo Tofh, eu fui depois convocado para um comitê que se seguiu a esta Conferência, que chamava-se Comitê de Aplicação da Ciência e Tecnologia ao Desenvolvimento (INAUDÍVEL). No qual eu fiquei doze anos, dos quais seis como presidente e pouco a pouco... E continuei ainda mais tempo, mas... já o Comitê praticamente sem atividade. Como presidente também tive dificuldade porque eu representava os países... em desenvolvimento, as nossas dificuldades, porque embora os países sejam muito diferentes, têm muita coisa em comum. E... nós tínhamos um secretário que era realmente muito... terrível, era um... eu acho que ele era... holandês, eu acho. Mas fui vencendo as dificuldades e nós realizamos muita coisa importante nesse Comitê. Fizemos vários programas interessantes e era um comitê que havia homens da maior qualidade.

Fita 14 - Lado A

NB - ... enormes. Desculpe. O senhor falou da semelhança entre os países em desenvolvimento, mas o senhor diz que havia dificuldades em comum. O senhor poderia precisar pra gente melhor, quais são os diagnósticos das dificuldades.

CF – As dificuldades em comum é... vem da falta de formação educacional que é um traço comum a todos os países em desenvolvimento, assim chamados, exceto a Índia talvez. Mas a Índia... que em um sistema educacional melhor do que os outros, esse sistema se perde dentro da multidão da sua população, e também dentro do fato de que as seitas religiosas são muito diversas, não é? As raças são diferentes e principalmente que há na Índia 44 línguas vivas, das quais 14 correspondem... são mais ou menos as mais comuns. Tanto que a língua oficial na Índia é o inglês ainda, e você encontra os hindus falando inglês entre eles. Mesmo os que são de mesma origem regional. Essa... a dificuldade principal é a

educação. Segundo, eu diria que em muitos países a falta de realidade, a criação de projetos muito acima das possibilidades do país. Em terceiro, que existe ainda hoje como eu vi outro dia na... quando presidi uma reunião no Conselho e dos presidentes das Academias de Ciências da América Latina, essa noção de que você pode fazer um desenvolvimento científico e tecnológico com auxílio externo. O auxílio externo é necessário não só como insumo humano, mas também finanças, mas sem verdadeiramente uma componente significativa nacional não se faz desenvolvimento social nenhum. Então... essas dificuldades são... eram... são comuns. Evidentemente alguns países têm mais tradições, outros países conseguiram avançar. De um modo geral há mais elites nos países que foram colonizados pela Inglaterra, do que pelos outros países europeus. Elite científica, em pequeno número. Eu vejo isso por exemplo, quando escolho candidatos pra Academia Pontifícia. É muito mais fácil do terceiro mundo, é muito mais fácil você achar na Índia bons candidatos, ou na Nigéria, ou mesmo nos países da África Oriental, por exemplo na... em Nairobi tem dois centros, ou três centros muito importantes, do que nos outros países africanos ou indianos... ou asiáticos. América Latina é um caso todo especial porque a América Latina foi criada sob o signo do que eu chamei e chamo sempre de colonização... colonialismo temporário. O colonizador temporário aquele que queria ganhar dinheiro mais rapidamente, sem fazer investimentos altos e principalmente querendo um rendimento de rápido termo. O que é inteiramente incompatível com a formação de núcleos científicos e tecnológicos.

Atualmente, isso é um erro que se encontra em todos os países subdesenvolvidos, nós queremos dar saltos de 50 anos em cinco anos. O que não é possível, não se faz em ciência, não se faz em Tecnologia, não se faz em Educação. A coisa tem que ser feita lentamente. Por que? Porque é feita na base do potencial humano, e você não pode desenvolver a inteligência, a aptitude, o conhecimento, senão com um certo ritmo que tem que ser obedecido. Excetuados os indivíduos, as crianças, e adolescentes geniais ou talentosos, não é? E... não adianta comprar máquinas, trazer máquinas, fazer programas, se nós não temos o elemento humano para resolvê-los. E aí nós temos realmente uma falta, os países em desenvolvimento tem uma falta fantástica. E essa falta se traduz também porque há sem dúvida uma predação dos países desenvolvidos em relação ao potencial humano dos países predatórios, dos países subdesenvolvidos. Porque podem com facilidade retirar dos nossos quadros, de um modo geral, não estou falando em nenhum país especificamente, podem tirar dos nossos quadros com facilidade elementos que são da mais alta valia. É indubitavelmente muito mais fácil trabalhar num laboratório inglês, ou num laboratório francês, num laboratório americano, do que trabalhar num laboratório brasileiro. Em que mesmo aqueles que são extremamente favorecidos têm dificuldades enormes, quanto mais não seja pra compra ou pra importação de material. E a ideia hoje prevalente no Brasil, de que nós podemos suprir este espaço, estas dificuldades rapidamente, é uma ideia um pouco idealista. Porque a Ciência está caminhando, Ciência e Tecnologia estão caminhando cada vez mais rapidamente. E um dos fatores que está aumentando o fosso que existe entre os países civilizados e os países... digamos civilizados, os países do grande mundo, os países do dinheiro, e nós, vai aumentando graças exatamente ao desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia nesses países. E nós estamos com uma falsa ufania de dizer que podemos fazer tudo. Podemos fazer muita coisa, e estamos fazendo muita coisa, mas estamos fazendo num passo que é... mesmo o que nós estamos fazendo, estamos fazendo num passo lento que é o passo que nós podemos fazer. Ao passo que nos outros países, principalmente nos países... digamos, Japão, Estados Unidos, França, Itália, Inglaterra... a competitividade industrial é

de tal ordem que eles são obrigados a... a trabalhar ininterruptamente praticamente, não é? Eu me admiro por exemplo, da vida quase asséptica que levam muitos dos meus colegas americanos por exemplo, e particularmente japoneses. E que praticamente eles têm... se eles têm seis ou sete horas de repouso por dia é o máximo, porque são máquinas que estão pensando constantemente. E com o auxílio material de máquinas agora verdadeiras, que nós vamos custar muito a ter. De modo que... agora... é uma ilusão pensar que o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia é o mecanismo pelo qual o país se desenvolve. Porque o desenvolvimento tem que ser uma coisa harmônica e dentro desta coisa harmônica todas as atividades tem que ser levadas em conta. Eu costumo dizer que Ciência e Tecnologia fazem parte da cultura de um povo. Essa cultura representa, cultura no caráter antropológico, representa todas as atividades que um povo, que a massa de um povo, que os habitantes de um país, exercem. Longe estamos de um conceito de cultura elitista, quer dizer uma cultura puramente intelectual. Mas a cultura é o que o povo faz, e isto deve ser dirigido para o bem do povo e oportunamente pro bem da humanidade, vamos dizer assim. E dentro disto há uma coisa muito importante, que as pessoas esquecem muito de pensar. É que há necessidade... a meu ver muito importante... há necessidade de uma profunda obediência a certos princípios éticos e morais. Evidentemente o conceito de moralidade pode variar de classe pra classe, pode variar de grupos pra grupos, mas há certas coisas que são fundamentais. Eu diria que se a humanidade obedecesse ao decálogo de Moisés, já estaria muito melhor encaminhada do que está hoje.

RG – Dr. Chagas, eu gostaria de saber o seguinte: essas suas observações feitas hoje em dia... como... como que o senhor veria... Como que o senhor acha que essa questão era vista na década de [19]50, que foi quando se começou a trabalhar com essa questão de política... assim tipo de se achar que o mundo, ou que o terceiro mundo poderia dar um salto. Havia uma ilusão naquela época, o senhor acha, em relação a hoje em dia, sobre o papel da ciência nesse desenvolvimento?

CF – Em grande parte sim. Quer dizer, os progressos feitos... científicos... feitos logo antes da guerra, da Segunda guerra mundial... Porque o... a sociedade custou muito a perceber da importância da Ciência e da Tecnologia.

NB – Sociedade brasileira, o senhor está falando?

CF – Não, sociedade em geral.

NB – A humanidade.

CF – A humanidade. Começou a perceber isso principalmente na segunda guerra mundial quando por exemplo, certos princípios de balística foram utilizados no... no lançamento de obuses etc. Quando se construíram novos aviões que eram mais potentes e mais capazes de interceptar os outros, quando se produziram novos produtos de... dinamite, não é? Quer dizer, novos explosivos. E também quando se pensou na guerra química. De um lado. E de outro lado... logo depois da guerra houve um pequeno aumento de interesse pela ciência. Mas esse interesse se notou principalmente nos estados Unidos e na Rússia, eu estou falando no entre guerra.... 1918 a... 39, não é? Nos Estados Unidos assim foi porque eles viram logo, imediatamente, os grandes auxílios da pesquisa começar nesta ocasião. A

importância dada às universidades, aos laboratórios das universidades, e aos laboratórios... industriais. É o momento por exemplo, em que se desenvolvem os laboratórios de pesquisa da General Electric. E nos Estados Unidos, pela primeira vez, laboratórios industriais começaram a fazer pesquisa básica, naturalmente com fins de aplicação futura, mas sem a aparência pelo menos. Na Rússia, o interesse pela Ciência é muito antigo. Num dos melhores livros de Dostoievski, chamado Príncipe, você encontra essa figura muito interessante... O Príncipe é um... um... um aristocrata de meia... vamos dizer de meia nobreza, que volta pra Rússia e aí ele encontra no trem, ele tinha passado 13 anos na Suíça, e aí ele encontra no trem um sujeito muito interessante, uma figura mesmo Dostoienskiana, eu não me lembro mais o nome... “Rosowit” uma coisa assim, depois eu me lembro. E... o Príncipe... e ele diz ao Príncipe: “A Rússia é o país mais avançado da Europa” e a Rússia... E ele pergunta “Por quê?”, “Porque é o país que tem mais ateus e é o país também que tem uma ciência muito desenvolvida”. Porque realmente a ciência no tempo do Império, quer dizer ela tinha se desenvolvido... tinha se desenvolvido bastante. Então quando Lênin chegou, Lênin resolveu dar um grande impulso à Ciência. Talvez, em parte, como uma... como interpretam certos livros que eu li, com uma ação contra a influência da religião sobre a sociedade, pra terminar com o obscurantismo da sociedade. Quer dizer, uma ideia muito positivista. Aliás Lênin viveu durante muito tempo em Genebra num grupo que era de livres pensadores, e muitos... muitos positivistas, pensadores científicos. E também como um impulso necessário pro desenvolvimento social. Eu... acho que essa segunda... com essa segunda intenção era mais importante ainda que a primeira.

NB – Isso o senhor acha que era o claro do Lênin naquele momento?

CF – Eu acho que sim. Tenho essa impressão. E ele começou por modificar profundamente o sistema educacional, não é? E fez várias reformas importantes, apoiou-se no Nalwask e em outros. E fez um... criou um sistema de pensamento e um sistema de.. científico importante. Isto vem a ser muito prejudicado no regime de Stalin, quando os cientistas passaram a ser... vamos dizer, submissos ao... ao... submetidos aos desejos... O caso mais clássico é o caso da genética, não é? E passou-se então a haver uma ciência válida que era a ciência marxista e uma ciência burguesa. O que prejudicou muito a Rússia. Quando eu visitei a Rússia, eu encontrei em todos os campos que eu visitei, um desenvolvimento extraordinário de tudo aquilo que tinha aplicação ou possíveis aplicações bélicas. Por exemplo, na medicina você tinha um desenvolvimento extraordinário da cirurgia plástica. E...

NB – Isso foi quando Dr. Chagas?

CF – [19]68 ou 69, não é? Depois eles progrediram ainda mais, mas... havia certos campos em que... o desenvolvimento era muito pequeno ainda. Depois eles construíram... eles têm um sistema diferente do sistema ocidental de fazer Ciência. Tem uma... uma boa base de educação atualmente. Pode se discutir que ela seja elitista ou não, mas existe essa base de educação. Aliás não há país que possa viver sem uma elite. O que é importante é que essa elite não seja nem de nascimento, nem de fortuna, nem de raça, nem de religião. Que seja uma elite formada pelo desenvolvimento da personalidade das pessoas, e por isso é que é necessário você dar uma oportunidade igual a todos. Não se deve dar igualdade, o que deve se dar é oportunidade de desenvolvimento porque as pessoas podem se desenvolver tais

como são, não é? No fundo o que eu reprovo na Política Científica e Tecnológica muito, é que ela esqueceu o homem pra tratar somente da sociedade. Pro desenvolvimento da sociedade do ponto de vista econômico. Ela se dirige essencialmente para... o... para um incremento econômico. Quem garante que esse incremento vá dar dentro das situações egoístas que existem no mundo, vá dar realmente o necessário... o necessário conforto e qualidade de vida ao povo? É muito difícil dizer. Aqui no Brasil, ao meu ver, um dos erros maiores que nós cometemos foi... por causa da industrialização excessiva e sem... e sem... claramente nós estamos falando de trinta anos passados e mais recentemente na época de governos militares... Você transformar um país que era... devia ser essencialmente agrícola pela sua extensão territorial num país industrial que... uma indústria que é predatória para o projeto social porque não vê os interesses dos indivíduos, só vê o interesse da sociedade em si. Então você... por exemplo, nós somos capazes de fazer uma indústria automobilística, mas não construímos necessariamente as vias de transporte mais econômicas que o Brasil pode ter. Nós temos uma capacidade de exportar grãos enorme, mas não temos vacina suficientes ou um desenvolvimento da Saúde Pública que é extremamente importante. Aliás o problema de Saúde Pública, que foi discutido em sessenta e três, é um problema muito complexo porque as pessoas pensam... Primeiro que é só medicina terapêutica. Outros pensam que... deve ser essencialmente preventiva. Outros pensam que é um problema de educação. E todos três elementos são importantes. Como é que você vai dar maior ou menor influência ou apoio... isso vai depender muito da região, da situação econômica e das condições até mesmo genéticas de uma população. Então... você não pode pensar que o problema da saúde vai ser tratado ou resolvido com leis. Ele tem que ser resolvido com as pessoas que se dedicam. Aliás uma das coisas que eu estimo muito, é ver como cresceu nestes últimos anos, mesmo durante a república dos militares, como cresceu o conceito de Saúde Pública. Quando meu pai criou a Saúde Pública nova e fez o primeiro concurso pra sanitarista, fez uma reforma. Reforma essa que é muito semelhante ao que hoje os sanitaristas desejam, não é? Não havia gente também, se sásse um sanitarista de cada dez turmas que se formavam nas várias faculdades era já uma coisa boa, não é? Porque o sanitarista não ganhava nada, ele não tinha clínica, não é? Muitos sanitaristas aliás, viviam da clínica pra poder viver, mas eu acho que...

NB – O senhor está falando também em qualificação de... quer dizer, tanto na área de saúde quanto na área de ciência, o senhor está falando agora o senhor está entrando pelo assunto da qualificação profissional, não é?

CF – Pois é, mas o problema da Suíça começa a meu ver na escola primária, ensinar os princípios mínimos de higiene que são necessários. Porque uma das coisas que... importantíssimas no Brasil a meu ver, é utilizar a escola para ensinar os adultos. Não sei se eu estou me fazendo compreender bem porque se você não pode evidentemente modificar de um momento pra outro a face das populações pobres... mas essas populações pobres que tem duas características que eu... aprecio muito... Uma é o interesse familiar, a maneira pela qual os filhos dos pobres são tratados, a maneira pela qual os pobres adotam crianças que ficam sem pai, sem mãe. Então é um espírito familiar que eu acho muito importante. E de outro, é a religiosidade que... Eu escrevi uma coisa aí noutro dia... não gostaram... Religiosidade existe no povo brasileiro, sem padres e sem pastores. Não precisa nem de padres, nem de pastores. E a gente vê nesses filmes aí “Graças a Deus. Eu peço a Deus pra não mais haver mais chuvas e etc”... que dizer... mas eu acho que essa função... são as

crianças, elas não vão ensinar os pais a ler porque isso... é um problema diferente, é um outro problema, mas elas podem ensinar, se elas sabem os princípios fundamentais de higiene elas podem levar pra casa isso, é muito importante. Então o problema fundamental é educação médica. A educação médica hoje, que é um dos elementos do progresso e do desenvolvimento do país, porque eu estou focalizando isso tudo no desenvolvimento, hoje ela está muito... eu direi muito mal... dirigida. Porque na verdade há dois tipos de medicina: a medicina que prevê e que cura, e há uma outra medicina que é a medicina científica. Os conhecimentos científicos são extremamente necessários na medicina preventiva, mas são menos necessários na medicina terapêutica. Porque você aprende... pode aprender a tratar sem conhecer os mecanismos, muitas vezes os mecanismos hormonais, receptores, toda essa complicação que a biologia molecular mostrou e existiu, não é? Então o que nós precisamos é ter, não o curso do médico... de... como é que se diz? O médico sem sapatos, o médico...

NB – Descalço.

CF - ... mas um programa enxuto. Quer dizer, que o sujeito aprenda as coisas essenciais que ele tem que saber pra tratar do doente. E que tenha o doente como um ser humano dentro de uma sociedade porque a doença é um fenômeno social, e o homem é também um fenômeno social, quer dizer... Quando eu fui diretor da Faculdade de Medicina, a coisa que eu mais me preocupei é levar os doentes de medicina o mais cedo... dentro da casa dos doentes. Eu organizei um tipo de medicina preventiva em que cada aluno, cada dois alunos, examinavam, acompanhavam uma família na Ilha...na parte pobre da Ilha do Governador. Isso durou muito pouco tempo aliás, logo que eu deixei foi suprimido. Por que razão? Porque eu acho que há um fator social na ciência que não pode ser desprezado, na medicina, como há também um fator psicológico que não pode ser abandonado de todos. Um dos problemas mais graves da nossa medicina atual, é que nós temos uma medicina que é bastante boa, eu não diria que é igual à dos Estados Unidos, nem da França... mas é que muitas vezes pelo fanatismo da tecnologia, a tecnologia... a técnica é uma barreira entre o médico que trata e o doente. E... isso tem que ser ensinado na faculdade de medicina, que o sujeito não pode realmente dar ao aparelho mais importância que o doente. E que há fatores psicológicos, o sujeito tem que conhecer e etc... porque todo doente é acompanhado de um psicossomatismo. Então, isso exige, a meu ver, um enxugamento da máquina educativa no Brasil. Primeiro... o ensino secundário. O fato dos alunos ficarem... os alunos do primário e secundário ficaram quatro horas somente no colégio, é um absurdo completo. Primeiro porque em quatro horas diárias você não aprende nada. Daí a minha... a minha boa impressão, o meu desejo de que continuem e não estão continuando infelizmente, por razões econômicas, os CIEPS, que eu considerei da maior importância. Porque o aluno ficando dentro do colégio de gente rica, ele tem oportunidade de aprender várias coisas fora daquilo que ele precisa aprender. Aprender a... fazer esportes, aprender línguas, aprender isso, fazer... tudo, tudo, tudo. E tem uma vantagem, é que tira ele da rua. Porque... nós vivemos todos em favelas. Evidentemente há favelas pobres que são as que estão no morro, mas há favelas ricas que estão em Copacabana porque o sujeito que mora num apartamento... que tem uma casa, que tem um quarto, dois quartos, uma boa sala vamos dizer, tem quatro filhos ou três filhos, aquilo se torna realmente um aglomerado de pessoas onde ninguém tem tempo de se envolver propriamente. Então quê que a pessoa faz? Vai pra

rua, ou então vai pra aqueles... *playground* onde ficam o tempo todo. Ou então vai pra televisão, não é?

NB – É o mais comum, não é?

CF – Meus netos vão... quando vão lá pra casa às nove horas... os que têm aula à tarde, as nove horas estão na televisão, em vez de estar na mesa de estudo que é onde o sujeito aprende, não é? De modo que eu atribuo os... a situação de não desenvolvimento do Brasil como nós queremos, ao nosso sistema educativo que desde o primário a universidade está falhando completamente.

NB – Eu queria fazer uma pergunta ao senhor. O senhor está falando na Faculdade de Medicina, e esse é um assunto que já aprendeu aqui, mas é muito pra trás, em relação a década de [19]20 e 30. O senhor narrava a vida de seu pai... a Faculdade de Medicina na sua própria vida, não é? Então... o senhor poderia... não sei se vai ficar muito distante, mas eu tenho impressão que daria pra gente pensar assim uma espécie de análise comparada, desse momento que o senhor está narrando, até os últimos... à década de 50. Fazer uma comparação entre essa Faculdade de Medicina atual... não... década de 20, década de 50 e atualmente. Há alguma forma de comparar isso?

CF – Nós podemos até... Vamos começar com meu pai, princípio do século. O ensino era feito a não ser anatomia que era nos anfiteatros, e umas vagas aulas de fisiologia e de histologia... enfim, as cadeiras básicas não tinham importância; o ensino era feito na enfermaria.

Fita 14 - Lado B

CF – O dia inteiro e às vezes à noite na enfermaria, onde havia condições de exame... quando eu cheguei à Faculdade de Medicina já era uma época em que as cadeiras básicas na... principalmente nos Estados Unidos, mesmo na França, vamos tomar os Estados Unidos porque foi o modelo que nós seguimos depois, já começavam a existir. Porque a grande reforma do ensino médico americano é feita por Abram Fleat em 1912 e depois surgem com a Escola de Medicina Johns Hopkins pra qual eles chamaram o Ausher, que era um canadense e que estabeleceu como condição essencial o tempo integral e a pesquisa. Então, no meu tempo, já se falava em cadeiras básicas e etc., mas estas praticamente não existiam. A não ser anatomia, as outras cadeiras básicas eram exercidas amadoristicamente. Quer dizer, o professor que fosse três vezes por semana dar sua aula, era um bom professor. Muito pouco contato com os alunos e pouca eficiência nos assistentes, com exceções naturalmente. Quando eu fui... diretor da Faculdade de Medicina foi... eu acho um momento não por minha causa, mas era um momento áureo da educação médica no Brasil. Porque... havia se compreendido várias coisas: a importância das ciências básicas e a continuidade entre as ciências básicas e as ciências... e as ciências clínicas, sem uma grande pulverização do ensino em disciplinas. Mais tarde, com a nova reforma de ensino que se faz, o quê que aconteceu. Houve como na nossa Faculdade, uma separação muito grande entre as cadeiras básicas e as cadeiras clínicas. Além do mais a criação de disciplinas fez

com que se perdesse, em numerosas escolas, a noção do total. Porque a medicina é um sistema emergencial, vamos dizer assim, em que o homem também. O homem é um sistema emergencial em que a soma das partes é menor do que o total, isso é que se define como sistema emergencial. Quer dizer se você juntar... as pernas, corpo, cabeça, de um ser vivo, botar tudo junto aquilo dá o ser vivo. O ser vivo é uma coisa complexa, ele é o conjunto, mas é mais do que o conjunto.

NB – Não é a soma das partes?

CF – Não é a soma das partes. E... o ensino não está sendo feito assim aqui no Brasil de um modo geral.

NB – Atualmente, o senhor está falando?

CF – Atualmente, é. E...

NB – Quando é que houve esse rompimento? O senhor disse que teve um momento em que juntou...

CF – Juntou.

NB – O senhor tem ideia de quando é que... porque e quando foi isso?

CF – Mais ou menos foi em [19]63, 64 que se rompeu. Porque aí criaram-se os cursos de pós-graduação, que são importantíssimos e que não podem ser negados, mas são importantíssimos nas cadeiras básicas, na ciência, em todo esse tipo de ciência... Mas num curso médico, fundamental, o que é necessário haver é um curso bem dado de medicina, cirurgia, partos, com todas as contingências que envolvem essas especialidades. É... Quando a pessoa quer ser cardiologista, ou quer ser oftalmologista, ou quer ser ginecólogo, depois se faz a... o que é muito bom, mas depois se faz o mestrado que já é um pouco excessivo. Tem que se fazer é especialização.

(Telefone tocando)

CF – Isso vai atrapalhar...?

NB – Não.

CF – Não? Então...

NB – O senhor disse que tem que fazer é especialização?

CF – Tem que fazer é especialização. Você tem um especialista em cardiologia, não é um mestre em cardiologia. Não tem significativo você ser um mestre em cardiologia ou um doutor em cardiologia. Ele pode ser um doutor em medicina e a especialidade dele então, é cardiologia.

NB – Essa defasagem entre ensino médico no Brasil... e por exemplo como o senhor citou nos Estados Unidos, ela não se dá... porque eu já ouvi várias vezes, ela se dá em torno da questão da tecnologia quer dizer... que aí a gente volta um pouco pra questão do desenvolvimento tecnológico que a gente estava falando... O senhor acha que não, não é? Pelo que o senhor está dizendo, é um componente, mas o desenvolvimento tecnológico não é um ator determinante dessa defasagem.

CF – É... em certo sentido. Porque é muito mais fácil você tratar o doente tendo previamente submetido ele a todos os processos tecnológicos que auxiliam o seu diagnóstico, do que você pegar o indivíduo e perscrutar o indivíduo, física e psicologicamente, pra depois ver quais são os exames que tem que ser feitos, não é? Mas a tecnologia avançada médica, nós ainda estamos muito longe de alcançar. Nós temos alguns centros que são importantes, mas... e tem um defeito aqui... realmente são muito caros. A tecnologia avançada em medicina é muito cara. Esse congresso que eu vou participar em Estocolmo e que vão ser apresentados todos os métodos de medir a atividade cerebral ou de ver os defeitos da atividade cerebral, métodos físicos portanto, há instrumentos que custam alguns milhões de dólares. De modo que se você não tiver... e que são necessários, mas não são necessários pro cotidiano, são necessários para o que se diz um hospital de terceira instância, de terceira categoria. Mas aí precisa então a medicina muito bem estruturada pra poder o povo utilizar isto, sem ser um ônus terrível pro sistema de assistência pro sistema de assistência médica. Você tem que ter um sistema de... Então, evidentemente eu sou daqueles que acham que um treinamento básico importante, deve levar o médico a ser um bom médico num posto inicial, posto de triagem. Depois vai se crescendo a capacidade do médico, a medida disto vai se crescendo também a complexidade do tratamento. A importância por exemplo de uma formação médica importante, se traduz inclusive num aspecto econômico bastante interessante que é a utilização racional dos medicamentos. Porque a ilusão de que o estado pode subvencionar todos os tratamentos, é uma ilusão muito passageira porque nós sabemos que... o remédio custa caro. Nós falamos muito mal da indústria farmacêutica, talvez com razão, mas o remédio custa caro. Cada vez sobe mais. Então... não se pode deixar de fazer um ensino rigorosamente bom, pra poder baixar o custo do tratamento médico. E não ficar nesse... você toma hoje esse... esse remédio, se daqui a três dias não estiver bom trata outro. O sujeito vai a farmácia com a receita médica, como eu já vi, “Olha aqui minha receita” “Ah, esse remédio pra quê... quê que você tem?” “Tenho... ascaridíase” “Ah, esse não é bom não, aqui tem um outro que é muito melhor pra você tomar” e etc. Esta coisa completamente... sem coisa, que não adianta. Agora, não se pode negar a importância da tecnologia médica, e ela deve ser utilizada.

NB – Isso não cria aquilo que o senhor falava, d falsa realidade?

CF – Não, desde que seja... primeiro no momento ela não é tão cara, a boa tecnologia, que está inacessível, mas quando se tornar acessível, em que ser estruturada de tal modo que não haja uma multiplicação por exemplo de...

NB – Aparelhos...

CF – Aparelhos de ressonância nuclear magnética, que são aparelhos que custam, acho que dois milhões de dólares, e outros aparelhos que vão aparecendo aos poucos. Ainda ontem

eu recebi uma carta de um novo instrumento de medicina nuclear que vai ser apresentado em Estocolmo e que é realmente... a tomografia computadorizada fica um bebê, não é? De tão mais importante que é... Mas então esses instrumentos são importantes, mas eles... só podem ser utilizados quando houver uma racionalização do tratamento e... Porque senão os países... nem os países ricos aguentam. Eu fui a uma Conferência uns anos passados, tem três anos passados, e que exatamente a conclusão é de que senão se fizer uma medicina mais humana, vamos dizer assim, mais perto do doente, os países desenvolvidos... eu era... eu e um representante da Costa do Marfim éramos os únicos representantes de países não desenvolvidos, nenhum país rico pode aguentar, porque o custo dos tratamentos médicos está subindo vertiginosamente, logaritmicamente. Então, você tem que fazer uma medicina mais humana, e os Estados Unidos estão fazendo isso. Eu vou dar dois exemplos que eu acho que são tipicamente... quando... a primeira vez que eu tive que ir ao médico nos Estados Unidos, em quarenta e seis, o exame que... eles fizeram todos os exames de laboratório e de raio X etc., antes de eu ir ver o médico. De modo que quando eu cheguei ao médico já estava tudo lá. Agora, da última vez que eu mudei meu marca-passo, eu achei estranho porque a pessoa que me examinou fisicamente, pulso, pressão cardíaca... pressão arterial e enfim, essas coisas todas que... normais, ouviu se eu tinha reflexos bons, fundo de olho... e eu chamei ela de doutora, era uma moça. Ela disse “Não, eu não sou doutora não. Eu sou médica-assistente?” Quer dizer, um nível mais baixo. Pra diminuir o custo, não é? Depois eu fui com os resultados ao médico, e o médico me indicou quais eram os exames que eu devia fazer. Um dos quais muito custoso, que nós fazemos muito pouco aqui, que é uma determinação do fluxo cardíaco com um isótopo radioativo de vida rápida. Exatamente nós não fazemos porque nós não temos ainda produção. É...

(telefone tocando)

CF – Se tocou duas vezes é bom atender, espera um instantinho... Esse telefone só tem aqui, não tem lá não.

NB – O senhor quer atender.

CF – Não, não. Tem papel? Acontece o seguinte: 90% das vezes que isso toca é... Tanto que quando eu estou trabalhando eu desligo, fica sem comunicação.

NB – Dr. Chagas, eu queria que o senhor falasse. Não sei se vou lhe interromper, o senhor quer continuar a falar?

CF – Não, não.

NB – Uma coisa que está nos interessando muito, eu estou puxando umas coisas assim... é sobre... o senhor falou do modelo americano que a gente vai adotar depois, que é na Faculdade de Medicina. E o senhor falava um pouquinho antes, que a gente precisa, acho que saiu um pouquinho. Eu queria que o senhor falasse um pouco desse modelo americano, que estava em John Hopkins e que passa pra gente.

CF – Bom, isso foi em [19]17, passou pra cá pra... mas quer dizer... Então, nós resolvemos aqui fazer um... divergiu um pouco do sistema francês, que era o nosso. E começamos a dar

mais importância aos cursos básicos. Na França o aluno entra, imediatamente vai pro hospital e pros laboratórios. Nos Estados Unidos é ao contrário, o sistema é fazer primeiro as cadeiras básicas e depois fazer a parte clínica. Por exemplo, atualmente eles fazem dois anos aqui de cadeiras básicas e depois vão pro hospital, dois anos e meio mais ou menos. Quando eu fui aluno faziam-se três anos de cadeiras básicas e depois é que se ia pro hospital. Nós podíamos ir ao hospital se quiséssemos, mas não tínhamos atividade hospitalar. Se tivéssemos tempo podíamos ir pro hospital, mas não tínhamos propriamente atividade hospitalar. E esse é um modelo americano. Possivelmente nós adotamos também aqui, o que é muito bom ao meu ver, o sistema da residência, internato, ou internatos, e depois a residência, não é? Em que o estudante fica em contato com o doente. O problema dos hospitais brasileiros é a carência de recursos, não é? Quando você vai ao Miguel Couto por exemplo, que é um centro de estudos também, um centro de... todo hospital tem, eu digo, todo hospital deve ter uma função de... hospitalar, de assistência, uma função de ensino e uma função de pesquisa, de avanço... Isso é que é o hospital perfeito, que faz essas três coisas.

Quando eu trabalhei no Instituto... no Hospital Evandro Chagas, durante muito tempo eu fazia três vezes por semana o ambulatório que ia de Benfica até Brás de Pina, tinha gente à beça então. Aí que eu aprendi muita coisa porque eu aprendi por exemplo que você não podia mandar... eu não podia mandar certos doentes... dar alta a certos doentes, doentes internados, porque eu sabia que eles tinham uma anemia, que era devido à falta de comida, quando chegasse em casa aquilo ia repetir, não é? Ou então iam se recontaminar com tuberculose muitas do passado, porque hoje nós estamos... Porque incontestavelmente nós podemos dizer isso... isso... o ensino hoje com todos os defeitos que tem, é muito melhor do que o ensino que eu tive. Talvez o ensino integrado, que eu tive... que eu vi na Faculdade de Medicina já como diretor fosse melhor do que é hoje. Mas eu acho que o que existe hoje, o aluno tem possibilidade de aprender muito mais do que tinha no meu tempo. Porque eu vejo aqui por exemplo, há um contato entre os alunos e o professor que não existia nem no meu tempo de estudante nem no meu tempo como diretor. Porque... os... os médicos e assistentes, os professores e os assistentes ficavam muito pouco tempo na faculdade. Todos tinham atividades fora, o que se ganhava na Faculdade de Medicina quando eu fui professor, era uma coisa ridícula. Eu ganhava 1200... um conto e duzentos. É... é curioso...

NB – Isso foi em novembro, não é? Quando o senhor entrou...

CF – 1937. 1936 para 1937. Não, eu entrei em 37 mesmo, mas... então... hoje não, hoje os vencimentos ainda são baixos, mas são melhores. O que é terrível é que a medicina brasileira só vai funcionar bem, quando os hospitais de ensino forem de tempo integral. Isso só se pode fazer se você fizer o hospital com... com o tempo integral... como é que se chama?... geográfico. Quer dizer, a pessoa podendo inclusive receber os seus doentes no hospital. Eu combati muito esse hospital aqui, porque é muito difícil de você trazer um doente privado aqui, não é? Mas é o único jeito porque aí... Os grandes hospitais americanos funcionam muito bem, muito melhor do que os médicos de fora dos hospitais por causa disso, porque o doente... o médico chega lá as nove horas, oito e trinta, nove horas da manhã e sai as sete da noite. E vê seus doentes, e discute e tem seus colóquios, simpósios, faz a visita, tudo, tudo, tudo. Os franceses já adotaram esse sistema também, em parte em grande parte. Agora ainda vão adotar mais com esse governo socialista. O sujeito precisa... porque... A noção de tempo integral é uma coisa curiosa, porque todo mundo

pensa que tempo integral, ou dedicação exclusiva se você quiser, que é uma diferença que não devia haver na minha opinião, é pro sujeito ganhar mais e ficar o dia inteiro naquele local. Eu acho que não. O ordenado deve ser suficientemente bom pro indivíduo não ter que se preocupar com outras coisas, e aí então se dedicar realmente, se polarizar sobre o trabalho que está fazendo. Como é que o indivíduo pode por exemplo, trabalhar de manhã num hospital sabendo que as... depois ele tem que ir a um outro hospital, e que tem consultório de tarde, às quatro hora da tarde, com dificuldade de encostar o carro, essas coisas todas... não pode. Isso vai ser muito difícil, vai levar muito tempo pra mudar. Em São Paulo a gente já tem modificações importantes, a gente já tem alguns hospitais que funcionam admiravelmente bem: Sírío Libanês, o Albert Einstein, o Hospital de Clínicas da Universidade, o INCOR, todos funcionam bem porque o pessoal fica o tempo todo, não é?

NB – Até porque essa tradição lá, do tempo integral já é anterior ao Rio de Janeiro, não é? A Faculdade de Medicina lá...

CF – É. A Faculdade de Medicina, lá...

NB – Tem tempo integral antes, não é?

CF – Ele foi criado de uma maneira muito interessante. Em 1922, depois da vinda de meu pai, ele convenceu Rockefeller de fazer um esforço pra a educação médica. E a Rockefeller resolveu dar tempo integral ao... a Faculdade de Medicina do Rio, que era mais importante, porque a Faculdade de Medicina de Pinheiros era muito recente e não tinha ainda mostrado o que ela podia fazer. Aí o pessoal da Faculdade de Medicina aqui, recusou. De um lado eles recusaram, os das cadeiras básicas, das cadeiras que podiam ter tempo integral, e do outro lado a fundação viu que não havia condições pra dar tempo integral. Então eles foram pra São Paulo onde o... Arnaldo Vieira de Carvalho, Dr. Arnaldo que era o diretor da Faculdade, viu logo a importância. E todas as cadeiras fundamentais e mais a cadeira de Higiene e de Medicina... e de Medicina Legal. Só excluíram as cadeiras clínicas mesmo. E com isso foi se desenvolvendo. E, à princípio, houve dificuldade porque o pessoal de tempo integral, das cadeiras básicas, era um pessoal alguns bons alguns ruins, começou a não produzir e etc., mas aí... foi aí que começou... Depois veio em [19]34 então, e foi um passo decisivo na ciência e na tecnologia brasileira, a Faculdade de Ciências... Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, em que aí a condição essencial era o tempo integral. E o tempo integral em São Paulo naquela ocasião não era muito importante, quer dizer... do ponto de vista financeiro. Criava certas dificuldades. Tanto que eles davam na Universidade, curso noturnos pra poder suplementar um pouco o tempo integral. Falando já de 40... e até 50. Depois a coisa melhorou muito quando era bons reitores e hoje está bem. E hoje o centro, você não tem dúvida, que o centro científico no Brasil, inclusive o centro médico é São Paulo. Porque se você tirar a Fundação Oswaldo Cruz, não existe nada no Rio de Janeiro com o calibre das coisas que tem em São Paulo. O Instituto de Química, o Instituto de Física, a Faculdade de Ciências de Pinheiros, como eles chamam a Faculdade de Medicina, o... a Geologia, a Matemática, o Instituto de História da Ciência... São coisas realmente com caráter universitário. Nós estamos lutando enormemente aqui. E sem isso nós não conseguimos reproduzir, nós não conseguimos criar a universidade, criar a cultura do país, dar a cultura do país o desenvolvimento que ela tem que ter. Evidentemente, há um aspecto da cultura que se desenvolve sem a universidade, se você encara a cultura antropológica... e

há uma certa parte das atividades intelectuais que eu diria até por exemplo, como as atividades de criatividade artística, pintura, música, teatro... eu não sei se é bom que isso se passe na universidade ou não. Eu não sei, eu não creio. Mesmo os nossos grandes pintores por exemplo, muitos poucos saíram da Escola de Belas Artes, a não ser o Batista da Costa eu acho. Muitos foram alunos etc... mas não são ligados a vida acadêmica. E mesmo a vida universitária ainda está em estado muito precário aqui, porque não há aquela confluência de interesses, participação, não há nem mesmo o pluralismo que é... sem o qual uma universidade não pode existir. Além do mais a universidade deixou de lado completamente, agora é que está começando, dois aspectos muito interessantes da... da vida da juventude, quer dizer, um da vida intelectual. Só agora é que recomeça a forma máxima de pensamento que é a Filosofia. Isso não quer dizer nada, não quer dizer que toda pessoa tenha que fazer curso de Filosofia, mas é preciso que haja um centro de interpretação de ideias e de... conhecimento, de como a gente pensa, quais são as consequências do pensamento... E você vê não há um centro grande de Epistemologia no Brasil, não é?

NB – Não. Tem na USP eu acho...

CF – Tem, tem. mas... a USP tem. A USP tem tudo isso. De outro lado...

NB – Fora disso não tem, não é?

CF – Não tem. De outro lado você vê o seguinte, qual é... Nas nossas universidades, a não ser nas universidades católicas, qual é... como é que se faz a defesa do homem na sua integridade espiritual e moral? Eu acho que toda universidade devia ter cursos de religião, várias religiões: católica, protestante, muçulmana, judia, tudo. Porque não há a menor dúvida que se houver dez alunos por cento, que tem um componente espiritual ela deve ser estimulante, deve ser compreendida, deve ser reforçada, porque aquilo faz parte integral do ser. Acho que... nós estamos longe de criar... Eu estou aqui com um livro “Religion and Education”, onde ele mostra a vida nos Estados Unidos, a Educação nos Estados Unidos, e mostram essa coisa curiosa que o estudante americano cada vez se torna menos materialista. Isto não quer dizer que ele seja... que ele siga a religião, mas ele... Então o que acontece? Se você não orienta, se você não mostra os valores que caracterizam a vida humana, ele vai pra essas coisas absurdas que são... o... a Parapsicologia... o... que podem até ter o seu valor, mas que no momento atual não podem ser considerado uma disciplina científica. E... passam a adorar ídolos sem... sem... sem... vamos dizer sem base. Por exemplo, a facilidade com que se interpretam, ou com que se fala, ou com que se dá estruturas psicanalíticas ao comportamento das pessoas aqui no Brasil atualmente, é terrível. Não que seja porque... é dado por pessoas que não entendem nada de... Eu considero a Psicanálise uma ciência, sou das poucas pessoas que consideram, eu considero uma ciência, muito importante. Agora, ele é agenciada por um grande número de pessoas que não têm um componente real, não é?

NB – Pena que o Gadelha não está aqui hoje, porque essa conversa... diz respeito a ele.

CF – Não, eu não sou grande psicanalista não; ao contrário! Eu acho que há um...

NB – O senhor tem razão.

CF – Há uma... há uma componente importantíssima que é o subconsciente, que foi trazida à baila pela psicanálise, mas que esse... que a vida da pessoa esteja necessariamente ligada a dois ou três dogmas como por exemplo instinto sexual ou a... eu não creio, eu acho que há muito mais componentes na vida que fazem o subconsciente, não é? Pode ser que eu esteja completamente errado, mas... Quando eu discuto isso com a minha filha que é psicanalista ortodoxa, eu sofro muito, sofro uma carga de cavalaria.

Fita 15 - Lado A

RG – Voltando um pouco aquela questão Dr. Chagas, a concepção que se tinha do papel da Ciência pra mudança do mundo no pós-guerra, não é? O senhor chegou... o senhor estava falando um pouco do período entre guerras Estados Unidos e Rússia, e aí a gente acabou não desenvolvendo aquela linha de raciocínio pra chegar ao pós-guerra, da segunda guerra com... a energia atômica e tudo que gerou, não é?

CF – É, as descobertas do... científico durante a segunda guerra mundial e a sua aplicação, naturalmente o que nasce como máximo é a energia nuclear. Mas se você imagina os ultrassons, a ótica dos [raios] infravermelho, a penicilina que surgiu por causa da guerra, os aviões que tiveram a velocidade redobrada no caminho de supersônico a que não chegaram, o radar por exemplo...Essas foram descobertas que foram sensacionais e que deram a impressão ao mundo realmente de um otimismo muito grande, que você ia resolver todos os problemas da humanidade através da Ciência e da Tecnologia. E... houve então uma grande euforia, mas evidentemente a coisa deve ser encarada com mais reserva.

Quando começou o perigo da guerra nuclear aí é que... a começar dos próprios cientistas você ouvia uma reflexão sobre a utilização dos métodos... da Ciência assim puramente. E... o problema é que quando uma pessoa fala como eu falo, parece que tem uma tonalidade anticientífica. Não temos... não tem tonalidade anticientífica... a Ciência é uma atividade humana, faz parte da cultura, é irmã, pra não dizer mãe, da Tecnologia. Porque é um vaivém entre as duas que eu considero importantíssimo e nós temos que viver com ela. Agora, temos que viver... ela tem que ser aplicada pro bem do homem, esse é que é o ponto de vista importante. Então eu considero que ao lado da energia nuclear, você tem um outro problema que é muito importante, que é o grande problema da humanidade. Porque o problema das doenças, você... pior causa vamos dizer, do alarido que elas fazem, do lugar que elas ocupam na mídia, como por exemplo é o caso da SIDA (AIDS), as pessoas estão muito mais alertas. Mas ao lado da energia nuclear, a coisa que mais me preocupa... ao lado da miséria, que é uma coisa que tem que preocupar a todo mundo, é a depredação do ambiente. Que é muito mais grave do que as pessoas pensam, em geral. É insidiosa porque ela nos faz... não é uma bomba que você solta e destrói uma cidade, é uma coisa que vai aos poucos. Muitas vezes vai ter reflexos 10, 15 anos mais tarde. Então... e que é apoiada por uma grande parte da sociedade, não só da sociedade conservadora, conservadores, economicamente poderosos, como também até dos progressistas. E a... não reparam que você está destruindo a floresta amazônica, mas isso não é só uma coisa terrível pro Brasil, é uma coisa terrível pro mundo. Que você vai a baía de Sepetiba, e há um estudo muito bem feito aqui nos laboratórios sobre isso, a contaminação da baía de Sepetiba por metais que

são lançados pela indústria é uma coisa aterradora. E você vê que os peixes estão sumindo, e os peixes representam um exemplo de tudo que está acontecendo. E você sabe que você pode curar isso. O rio Tâmis não tinha peixe, hoje você está pescando no rio Tâmis, por que eles foram... O Tietê também estava sem peixe numa parte do Tietê, eles fizeram um processo de drenagem, e vem... Mas isso são processos lentíssimos que correspondem a um por cento das necessidades. E você vai vendo... as indústrias vão se formando, predatoriamente modificando os ambientes, mas a gente não sente porque não está dentro... não está realmente dentro da... dentro dos jornais, não aparece nos jornais. Porque quando aparece nos jornais...

(telefone tocando)

CF – Eu acho que agora tenho que atender mesmo. Quer parar isso aqui?

CF – ... De Biotecnologia. E eu estou com medo...

RG – E vai ser decidido agora?

CF – Queriam que eu decidisse hoje. Eu disse: “Hoje é não, pode ser que segunda-feira seja sim”.

NB – O senhor pensa no fim de semana, não é Dr. Chagas? O senhor está com medo por que?

CF – Eu estou com medo porque eu não quero me meter numa coisa que eu não tenha segurança de sucesso.

NB – Não tenha o quê?

CF – Segurança de sucesso...

RG – O senhor não quer comprar uma briga... nessa hora.

CF – Também não quero comprar uma briga. Não... eu estou com setenta e sete anos, não é? Deixe...

NB – O senhor está achando que esse empreendimento é arriscado? A Biotecnologia como um todo... aliás... eu não sei se o senhor recebeu o jornalzinho da Fundação e tal...?

CF – Não... De vocês é muito diferente do que está se projetando aqui, em que é a entrada da indústria na universidade. Ora, a universidade tem uma função principal que não pode ser prejudicada pelo interesse econômico dos industriais brasileiros. Vocês não, vocês podem vender subprodutos da pesquisa lá. Podem inclusive, dentro dos seus canais, das suas coisas, realizarem pesquisas pra indústrias, mas a indústria instalada aqui, já é um outro problema. De modo que, às vezes, eu fico inteiramente negativo e, às vezes, fico inteiramente positivo.

NB – E o Polo? Pode desenvolver sem a incrementação da indústria?

CF – Não, não. Mas o que eu quero é garantias pra universidade. Eu não quero que o Polo não se instale, o que eu quero é que a universidade tenha garantias...

NB – Controle dessa instalação.

CF – É. Total.

NB – E o senhor não conseguiu isso até agora?

CF – Não, porque me botaram como presidente de uma coisa que tem... três... sei lá, tem quatro conselhos, quarenta e duas pessoas envolvidas. Eu não estou acostumada a isso, é meio difícil.

NB – Quem são essas pessoas? Dos mais diversos locais ou de dentro da universidade?

CF – Não, são... várias pessoas da universidade. Tem o Morel por exemplo, que é muito bem, quer dizer... São conselhos... conselhos. Tem um conselho que se reúne a cada 15 dias. De modo que é um problema que não se pode resolver de um momento pro outro não. Tem que ter muito cuidado.

NB – E o senhor acha que esse... essa multidão de pessoas a resolver, complica a situação?

CF – Complica. Queria... eu queria um esquema enxuto, me deram um esquema complicadíssimo. Eu acho que o que atrapalha o Brasil, um pouco o mundo, é o excesso de... nem de burocracia, é o excesso de projetos, de isso e daquilo. O que acontece é que a pessoa faz um projeto e diz assim: “Vou fazer uma vacina contra a AIDS, então essa vacina tem que ser constituída de isso, de isso, de isso e daquilo”, e pronto, acabou. Está... está resolvido o problema do AIDS. Não é assim. Ou da SIDA, como eu digo.

NB – Uma boa tradução francesa...

CF – Não, não é tradução. Porque se tem Síndrome de... Síndrome de Imunodepressão Adquirida. Porque a AIDS, que não significa nada, não é? Nós que sempre estamos contra os americanos... Achamos que os americanos são invasores, são isso e são aquilo. Porque usar uma palavra deles e não a nossa?

NB – O senhor não acha isso? O senhor acha isso?

CF – O quê?

NB – Que os americanos são invasores...

CF – Não. Eu acho que um país que não sabe defender a sua... a sua, vamos dizer, voltamos a... a sua virgindade, não merece ser um país. Se nós não podemos... Acho que nós devemos ter multinacionais, mas se nós consideramos que as multinacionais são

prejudiciais ao país, botamos elas pra fora. O país que não puder fazer isto, não merece ser um país. A verdade é que nós precisamos de auxílio financeiro, intelectual...

NB – Educacional.

CF – Pra tudo educacional. Pra tudo.

RG – Bom nesse sentido acabou de haver uma mudança, não é? Na política... internacional.

CF – Mas é loucura essa mudança, se o Sarney tivesse feito isso há três anos passados, dois anos, estava ótimo... mas é uma coisa que é contra tudo que já se votou na Constituinte. Você já imaginou o quê que isso vai dar de briga, quando chegar o segundo turno da constituinte? Por exemplo, há coisas nessa... é... Quantas vezes eu vejo falar “similar brasileiro”, “similar brasileiro” nunca houve. Os nossos microscópios não são comparáveis aos microscópios americanos, então... estrangeiros. Você tem que decidir é se você quer trabalhar com um microscópio vagabundo ou se você precisa trabalhar com um microscópio bom. Microscópio é uma maneira de dizer, um microscópio qualificado. Então você tem que decidir isso. Mas não dizer que você não deixa importar o qualificado, porque tem similar estrangeiro. São duas coisas completamente diferentes. Agora, esse pessoal não tem...

NB – Vamos falar um pouquinho disso, então, não é? Me ocorreu uma ideia aqui. Eu queria voltar pra década de [19]50, mas vou pegar por aí. Como é que a política, como é que as decisões políticas, as vontades políticas, transferem no desenvolvimento científico? O senhor deu um exemplo agora, não é? Um bom microscópio e um vagabundo. E que aí quem decide se vai ter ou não vai ter, não é a própria comunidade científica. Não perguntam ao senhor com quê que o senhor quer trabalhar...

CF – Não perguntam, claro. Nos Estados Unidos, o parlamento é dotado de uma comissão mista, câmara/senado, composta dos dois partidos que se chama Comissão de *Science and Technology*, de Ciências e Tecnologia. E essa comissão chama todos os grandes cientistas e tecnólogos americanos pra ouvir a opinião deles. E só forma uma decisão depois de passar por este... esta...

NB – Este conselho assim...

CF – Não, não é conselho, é uma... que dizer, porque... não é um conselho porque... a comissão é permanente, mas as pessoas que eles chamam são variáveis. Eu até já falei lá uma vez, já fui chamado lá. Então é preciso que haja uma informação, e essa informação infelizmente não existe.

NB – Nem mesmo com a pressão do Ministério da Ciência e Tecnologia? Ele não está conseguindo implantar ou influir em alguma medida isso, não?

CF – Está, e eu acho por exemplo que nós já tivemos grandes vitórias. Eu sou muito a favor dos sistemas unificados de saúde, desde que permita... por razões pragmáticas, desde que permita a livre iniciativa. Porque senão não é possível você tratar ninguém. Mas acontece é

que... os nossos parlamentares não estão preparados pra ouvir o que a gente diz a eles, não é?

NB – Nunca estiveram.

CF – Nunca estiveram. Em matéria de ciência e Tecnologia, nunca estiveram. Porque são formados primeiros na “bacharelisse”... Não estou falando mal, quer dizer, são homens de letras, homens... até muito letrados. O congresso que eu conheci numa certa ocasião, era de homens fantásticos. Mas sem o menor conhecimento da Ciência e Tecnologia... e pior ainda, de que papel que a ciência e a Tecnologia representam. Então... isso foi um *handicap* enorme que nós sofremos.

NB – Como é que... o CNPq, eu acho que não passa pelo parlamento, não é?

CF – Não.

NB – A criação do CNPq não passa pelo parlamento?

CF – Não, não, não, não. Foi criado em [19]51, portanto, tinha um parlamento.

NB – Sim, mas a decisão de criação do CNPq não passou pelo parlamento? Veio do governo?

CF – Não. Veio de um grupo de cientistas que se reuniu, vendeu a ideia ao Álvaro Alberto, o Álvaro Alberto ao Getúlio e o Getúlio... primeiro ao Dutra, depois o Getúlio fez passar uma lei... passou uma lei no congresso.

NB – Passou uma lei. Pois é, mas a decisão, querendo aproveitar o que o senhor estava dizendo a respeito da... do desconhecimento do parlamento brasileiro a respeito do papel da Ciência e da Tecnologia no desenvolvimento do país.

CF – Hoje todo mundo fala... nisso. Todo mundo fala de Ciência e Tecnologia.

NB – Mas acho que eles não sabem muito bem o quê que é isso, não?

CF – Mas não sabem muito bem o que é isso. Você vê o... você vê muito bem a confusão entre Medicina e Ciência. Todo mundo pena que é o médico é um cientista. E é inútil tentar explicar isso, nunca consegui.

NB – Então, diz pra gente qual é que é a diferença entre medicina e saúde? Do médico e um cientista.

CF – Medicina é uma arte e ciência é um conjunto de normas que tem que ser obedecidas estritamente, vamos dizer assim. Porque você quando está... em medicina você tem que julgar, você tem que... você não pode... quer dizer, quando a hemoglobina está baixa você sabe que é anemia, mas você tem que julgar se essa anemia tem que ser tratada ou não etc. Tem uma porção de coisas, não? E... e principalmente se você vai no domínio da

psicossomática e de outras coisas tem sempre... é uma arte. Tanto que há uma intuição, que se chama capacidade de reconhecer uma doença quando o sujeito entra. O bom médico tem o “olho clínico”, que se chama isto. É uma intuição... então é uma espécie de “olho clínico”, não é? O cientista não. O cientista é um homem atado a verdade. Eu digo sempre que a maior e mais necessária qualidade de um cientista é obediência a verdade. A verdade dos dados que ele... que ele obteve, e que tem que respeitar os dados obtidos por outros também. Então, nós estamos forçados... eu sou uma pessoa que minto... nas coisas, como todo mundo. Mas há certas coisas que eu não consigo mentir. Eu não consigo mentir numa coisa que eu... que eu vi, porque tem que contar exatamente como... é uma ética nossa, contar exatamente o que eu vi. E isso... é uma característica da ciência. Nós somos atados, é aquilo que... a Ciência experimental por exemplo, é baseada em São Tomé, eu já disse isso a você. Ver para crer.

NB – Eu estou me perguntando... eu ri quando o senhor falou sobre isso, entre a diferença entre a Medicina e a Ciência, e a... e os afastamentos entre uma coisa e outra... Porque o senhor sabe que há uma certa dificuldade nessa área de Saúde, eu vou até falar isso porque o [Paulo] Gadelha não está aqui... porque a gente quando começou a fazer entrevistas com os pesquisadores de Manguinhos...

CF – Você que pedir um pouquinho de água pra mim?

NB – É... e que os pesquisadores falavam de uma dimensão de trabalho, que é essa que o senhor fala sobre a Ciência e da Clínica, e que em geral esse pessoal ligado à Saúde Pública, ou aos médicos da iniciativa privada, da clínica, não percebem. Em geral a Saúde Pública que vê... inclusive vê o Instituto, tem uma imagem do Instituto Oswaldo Cruz como se fosse uma Instituição de Saúde Pública. Quando a gente entrevistou os pesquisadores, em que eles diziam, era quase uma reivindicação: “É preciso que se diferencie essa dimensão da Pesquisa, porque nós não somos Saúde Pública.”

CF – Você sabe que eu não fui ser diretor de Manguinhos por causa disso, não é? Em 1942. O... a ideia do Barros Barreto era transformar o Instituto [Oswaldo Cruz] num Instituto de Saúde Pública. E eu não quis. Eu tinha sido convidado para diretor, pelo Capanema. Recusei. Afinal, no fim de nove meses, eu vi que estava prejudicando Manguinhos sem diretor, foi nomeado o Aragão. Porque o Aragão era muito mais subordinado ao Barros Barreto do que eu. Eu era muito mais independente, como sempre fui.

NB – O Barros Barreto nessa época era diretor?

CF – Diretor de Saúde Pública, é. Que era... ele era muito competente, mas era um homem de poder. E eu tenho horror aos homens de poder. Homem que procura as coisas... não para fazer, mas para ter o poder de fazê-lo, não.

RG – E essa seria uma das características do Barros Barreto?

CF – Ele era um homem de poder. Queria... todo mundo tinha que estar sob as ordens dele, indicado por ele, todo mundo fazia o que ele quisesse. Não era um homem de diálogo, era um competente...

RG – Mas era homem ação também, não é?

CF – De ação, mas era um homem... não era um homem de diálogo.

NB – O senhor pois fazer assim... ele fez alguma modificação, produziu alguma modificação é... no setor de saúde, nos serviços que divergisse da orientação dada pela reforma de vinte e dois, vinte e três, que seu pai tinha incrementado?

CF – Não, ele não fez nenhuma porque... realmente a reforma de meu pai era muito boa, não é? Ele tentou adaptá-la às condições crescentes do país. Ele tinha, como todos nós temos... eu me considero um sanitarista amador, a ideia de municipalizar o mais possível os serviços gerais de saúde, e deixar ao Estado e ao governo federal, as ações verticais. As ações horizontais que fossem... era a reforma de meu pai, não é? O Barros Barreto era pela verticalização talvez, ele... porque ele era um homem de poder.

NB – O senhor associa o modelo que ele quer implementar a sua característica?

CF – Exatamente.

NB – A personalidade...

CF – Ele era muito simpático, eu me dava bem com ele, aliás.

NB – Mas ele... ele chegou a... assim a... Houve algum atrito entre o senhor e ele?

CF – Não, nenhum.

NB – Mas o senhor estava em Manguinhos?

CF – Não. Eu estava...

NB – Grandes Endemias.

CF – Já estava... Eu estava em Manguinhos. Eu estava no Serviço de Grandes Endemias, mas não houve atrito nenhum não. Apenas um dia eu fui ao Capanema e disse: “Olha Capanema...”, Dr. Capanema eu chamava, “o... é muito... a minha... o seu convite é muito honroso, mas está perturbando a vida de Manguinhos, de modo que eu desisto do convite.” E o Capanema fez uma choradeira, quis muito que eu continuasse, que ele iria obter a minha nomeação de Getúlio.

NB – O Barros Barreto pressionava o Getúlio?

CF – Pressionava. Pressionava o Getúlio.

NB – Para não lhe nomear?

CF – Para não me nomear.

NB – Nessa... foi nessa época que ele instalou a divisão de Grandes Endemias. Não, desculpe, a divisão de Higiene.

CF – Higiene. Exatamente.

NB – Acho que divisão de Higiene. Acho que é paralela... é logo depois. Acho que é depois de [19]42. O senhor saiu em 42?

CF – Eu saí... vamos dizer, Evandro morreu em [19]40. Eu saí... 42 foi quando eu estive doente. Eu devo ter entregue o Serviço mais ou menos em [19]43, princípios de 43.

NB – O senhor nunca chegou a mencionar com o Capanema a transferência... ou a possível transferência do Instituto pra órbita do Ministério de Educação.

CF – Não. Eu...

NB – Porque estava ligado ao DNES, não é?

CF – Eu disse... eu propus a transferência do Instituto Oswaldo Cruz para a Fundação... para o Ministério da Educação, quando no ministério Leitão da Cunha. Eu sou uma pessoa que bate recorde de ter recusado a direção, primeiro do Instituto... porque agora o ministro disse outro dia ao Aloísio Sales que eu tinha recusado três vezes. O Aloísio Sales quase que tomou satisfação minhas.

NB – Eu acho que eu me perdi no assunto.

RG – Não, tudo bem.

NB – Eu queria entrar no CNPq, mas vamos ver... eu peguei o negócio do Instituto, Barros Barreto... eu me esqueci o que eu tinha que perguntar.

CF – Bom, CNPq a gente tem que fazer uma coisa especial, não é? Porque...

NB – Tem. Vamos pegar um outro dia, a gente começa. Eu acho que a gente tem elementos hoje pra entrar no CNPq. Eu vou ouvir... a gente já começou a direcionar isso.

CF – Como é que você fez isso? Você faz um resumo? Como é que você...

NB – É. Eu fico ouvindo e fico resumindo. Mas isso depois...

CF – Mas depois, você ouve e faz um resumo...?

NB – O senhor quer ouvir a sua entrevista?

CF – Quero, um dia.

NB – Ela está sendo transcrita, progressivamente. Depois tem um sumário de toda entrevista. Está quase pronto já.

CF – Quantas páginas já tem? Quantas horas já tem? Sei lá.

NB – Tem 13 horas. Tinha, agora hoje, deve ter...

LCB – É. Quase 15 horas.

NB – 15...

CF – Ainda está faltando, não é?

NB – Muita coisa.

LCB – Umas 15.

NB – Vamos ver se da próxima vez, a gente consegue ser um pouco mais sistemático. A gente sempre vai assim de uma entrevista pra outra mudando de assunto...

CF – Você traz uns capítulos... vamos... semana que vem, está?

Data: 28/05/1988

Fita 15 - Lado B

NB – (Incompreensível) – começar falando sobre ciência e tecnologia como fatores de desenvolvimento do progresso do país, como o senhor está recordando. E o senhor fez assim umas observações críticas, a respeito de uma certa ufania brasileira atual a respeito deste assunto. E críticas também à industrialização no país, que está muito voltada assim como a política científica, para o desenvolvimento econômico, e tinha abandonado o homem, a dimensão humana. O senhor falou um pouco sobre... o senhor falou uma frase que me chamou atenção que é de que em ciência e tecnologia, essa ilusão estaria baseada e que se poderia dar um salto de 50 anos em cinco. E eu me lembrei, a partir daí, do “slogan” do governo Juscelino Kubitschek dos 50 anos em cinco. E que é um período desenvolvimentista, nós vamos desenvolver o país e tal... E eu gostaria de voltar a uma coisa que a gente já mencionou, a respeito da política, voltar pra esse assunto da política científica e a criação do CNPq em 1951, não é? É... eu queria que o senhor fizesse algumas observações da importância do significado da criação do CNPq. A gente falou em outras entrevistas, mas eu gostaria muito de entrar nesse assunto e ver... a linha decisória do CNPq, como se decidia... o senhor foi chefe de toda Divisão que pesquisa biológica, vamos introduzir este assunto.

CF – Eu acho que uma das primeiras tentativas para organização do Conselho Nacional de Pesquisas foi feita por mim. Eu fui à Europa logo depois do meu concurso, e passei três meses na França e dois meses na Inglaterra. E na França eu fiquei muito impressionado porque havia uma grande semelhança entre a estrutura brasileira de pesquisa e a estrutura francesa. Mudadas ou mudando-se naturalmente as condições de um e outro país, mas e aí conversando com várias pessoas eu senti perfeitamente a importância da virada que havia sido dada durante o governo Murion Brown com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas, o CNRS. Então fui procurar várias pessoas, me entretive com elas, e uma delas me levou ao Yan Penant que era Prêmio Nobel de Física, uma pessoa extremamente interessante porque ele era o que se chama na França um *créole* um homem nascido nas colônias.

De cabelos muito encaracolados, já estavam completamente brancos, mas um pouco... eu não diria que era amulatado, mas um pouco queimado, vamos dizer assim, mas com os olhos verdes estupendos, digo olhos azuis lindos, lindos, lindos. E... ele já estava um pouco pra idoso, e me recebeu muito gentilmente e durante duas ou três horas nós conversamos. E ele mostrou da importância que tinha sido para a França a criação do conselho, utilizando mesmo uma expressão, que eu depois utilizei várias vezes, ele dizendo que o Conselho tinha tornado a pesquisa francesa de amadorista a profissional. O exemplo que ele me deu foi o exemplo do professor Abel, que era um professor de Bioquímica do Instituto de Físico-química onde eu trabalhava, onde eu mal o vi, e que tinha realmente isolado a vitamina C. Tinha caracterizado a vitamina C. Tinha publicado aquilo numa revista francesa, aliás no *Controllor* da Academia de Ciências, mas era um homem inteiramente... como é que eu poderia dizer? Lembrando o poeta Manoel Bandeira, era um cientista bissexto, isto é, não era... não tinha aquela monotonia do cotidiano que todo cientista deve ter. E me deu... nessa ocasião me fez levá-lo ao hotel, uma quantidade enorme de documentos sobre o CNPq. Eu cheguei... naquela ocasião a gente podia trazer documentos porque a gente só... viajava-se sempre de navio, não é? Mas eu tinha talvez uns 20 ou 30 quilos de documentos do CNPq. Eu os trouxe e os levei ao Capanema que se convenceu imediatamente da importância da ideia, mas que realmente não pode tomar nenhuma iniciativa. Mais tarde, durante a guerra, todos nós começamos a ter conhecimento dos grandes progressos científicos feitos e... Nós nos reunimos uma vez na Fundação Getúlio Vargas com... sob a direção do Paulo Assis Ribeiro para vermes se... discutimos muito e a ideia era de fazer um Conselho, mas faltava pra isso uma pessoa de assegurada liderança, e essa pessoa veio aparecer na figura do... almirante Álvaro Alberto. Por uma coincidência, Álvaro Alberto tinha sido o representante do Brasil na Primeira Conferência dos Átomos feita em [19]46, na ONU.

A conferência devia ter sido presidida pelo embaixador João Carlos Muniz, aliás irmão do nosso Júlio Muniz de Manguinhos, mas não foi porque o embaixador foi nomeado presidente da conferência. E assim ficou o Álvaro Alberto como chefe da delegação brasileira. Na volta o Álvaro Alberto viu a importância, da necessidade de se criar uma Comissão Nacional de energia Nuclear, mas sob conselho de vários amigos criou o Conselho Nacional de Pesquisas, que incluía no momento uma Comissão de Energia Nuclear. A escolha dos... membros do Conselho foi feita, bastante bem. E... eu estava aliás na Europa. E também, Álvaro Alberto escolheu para chefe do departamento científico da Divisão Técnico Científica, o físico de extraordinário merecimento, que era o Joaquim da Costa Ribeiro, o Costinha como nós chamávamos. Que era um homem de extraordinária sabedoria no campo das Ciências, de conhecimentos humanistas muito notáveis e além do

mais de um trato admirável. Era uma pessoa muito boa, fantástica. E com quem eu tinha uma grande amizade. Ao chegar, o almirante Álvaro Alberto, explicou as razões pelas quais não tinha podido me nomear membro do Conselho e me pediu pra assumir a direção do Departamento de Ciências Biológicas, seção de... da Divisão de Ciências Biológicas do Conselho Nacional de Pesquisas, sabendo que eu ia trabalhar muito bem com o Costa Ribeiro e dando-me ainda esta... vamos dizer assim, privilégio de poder assistir e mesmo intervir em todas as reuniões do Conselho Deliberativo, que eram muito frequentes na ocasião. Algumas das linhas gerais do Conselho Nacional de Pesquisas foram realmente formuladas nesta ocasião. E eu me bati por muitas delas.

Primeiro de que os pesquisadores... pudesse se dirigir diretamente ao Conselho, sem interferência dos diretores. Porque como aconteceu posteriormente em Manguinhos, o Rocha Lagoa não permitia que os pareceres chegassem ao Conselho, senão aqueles que ele achava que estavam de acordo com a política de pesquisa do Instituto. Isso só aconteceu naturalmente depois que ele foi nomeado representante do Ministério da Educação e Saúde no Conselho Deliberativo. Eu não cheguei a estar com ele, no Conselho Deliberativo. Porque o que aconteceu então foi o seguinte: veio a... a... deposição do Marechal... Como é que ele se chamava? O homem que foi eleito depois do Getúlio...? Do... Juscelino.

NB – Depois do Juscelino.

CF – Não. Depois do Dutra. Quem foi... quem é que veio depois do Dutra? Foi Getúlio...

NB – Getúlio.

CF – Depois do assassinato do Getúlio, subiu...

NB – O Café Filho.

CF - O Café Filho. E o Café Filho nomeou para chefe de gabinete o marechal Távora que era um dos homens mais bem educados que eu conheci, mas menos dotados talvez de inteligência. E que era... com o qual era muito difícil discutir, porque sua polidez era extraordinária, mas ao mesmo tempo sua incapacidade de estabelecer um diálogo era também extremamente grande. Nessa ocasião começa um pouco a decadência da ação do Conselho porque o Conselho no tempo do Getúlio e Álvaro Alberto, e do Dutra... o Conselho foi formulado e a lei promulgada ainda no governo Dutra, mas a posse e a instituição foi feita já no governo do Getúlio Vargas. No segundo governo do Getúlio Vargas.

PG – Professor só um parênteses: o senhor vai falar depois no período de declínio. Agora, eu queria...

CF – Não, não, não. Eu não vou falar em declínio, porque não há propriamente declínio.

PG – Sim, mas perde um pouco força. Mas eu queria ver o seguinte: o senhor tinha comentado alguma coisa é... dessa relação entre Ciência e Tecnologia e a questão da... das Humanidades ou de uma concepção mais...

CF – Ampla.

PG – Ampla, não é? Essa concepção estaria presente no início do CNPq ou não? quer dizer, ela está mais voltada pra questão nuclear, a questão da pesquisa...

CF – Exatamente. Primeiro uma das coisas que nós insistimos muito era que por exemplo medicina não fosse... não fosse... não entrasse nas cogitações...

NB – Não fosse privilegiada, contemplada.

CF – Contemplada. Outra coisa é que as Humanidades... porque nós não tínhamos realmente um grupo de Humanidades. Evidentemente dando-se a necessária justificação para casos excepcionais. Tanto assim que eu mesmo assinei uma bolsa quando presidente... quando substituí o Costa Ribeiro assinei uma bolsa de pesquisador para o Gilberto Freire, que foi o primeiro... a primeira vamos dizer, esforço que se fez no sentido das Humanidades, mas o problema mais grave no Brasil, na ocasião, era realmente o problema de Ciências e Tecnologia, não é? E o Conselho foi criado com os olhos fixados na energia nuclear. E foi uma grande conquista da comunidade científica eu acho, que fossem incluídas as outras atividades *High Science* vamos dizer assim, da ciência mais laboratorial e ciências exatas como também se chama, porque senão o espaço todo teria sido ocupado pela energia nuclear.

Trabalhar com Álvaro Alberto era muito fácil, porque embora ele fosse um grande tagarela, ele escutava bem o que se dizia. E as sessões... eu muitas vezes saí com Álvaro Alberto às onze horas da noite do Conselho porque ele recebia todo mundo, se interessava, por tudo, e agia de uma maneira extraordinária. O prestígio dele era enorme, nem tinha mesmo a capacidade intelectual e... eu dou por exemplo alguns exemplos... quero dar um ou dois exemplos da maneira pela qual o Álvaro Alberto agia. Uma vez por exemplo, eu vi que o Instituto de biofísica não poderia sobreviver e fui a ele e disse: “Dr. Álvaro Alberto... almirante Álvaro Alberto é impossível o Instituto sobreviver. Eu vou fechar, porque os ordenados que nós temos eu não posso manter o pessoal em tempo integral.” E ele disse: “Qual é a sugestão que você fez.” Eu disse: “Você me faz um...” Eu digo, fazer uma bolsa de complementação ou de suplementação. “Então faça um ofício e me indique as pessoas que devem ser complementadas com essa bolsa.” E eu ali mesmo fiz o ofício, e esse ofício ele imediatamente aprovou *ad referendum* no Conselho Deliberativo. E naturalmente passou no Conselho Deliberativo. Uma vez eu cheguei pra ele e disse assim: “Olha Dr.. ... Almirante, o senhor está... vendo coisas que eu sei que são indispensáveis, mas que criam muitas dificuldades pro... Departamento Técnico Científico. O senhor está dando bolsas a pessoas que são recomendadas de políticos, que o senhor não pode negar, mas que não passariam pelos nossos crivos.” Ele disse: “Mas eu não posso deixar de fazer isso.” “Eu sei que o senhor não pode deixar, Almirante, mas o problema é o seguinte... é o problema que então vamos combinar. Dez por cento das bolsas o senhor distribui como quiser. São as bolsas do presidente, não passam por nós. De modo que nós não temos que dar o parecer negativo. E as outras então correm... o sistema legal.” Isso parece até uma... uma imprudência... uma falta de... honestidade até, mas não era. Era... um espírito pragmático. Nós precisávamos obter recursos, principalmente do parlamento, e eram principalmente os parlamentares que iam pedir bolsas pros seus... afilhados. Dos quais muitos destes, aliás, era perfeitamente merecedores das bolsas que recebiam. Além do mais a generosidade do

Álvaro Alberto era em todos, todos os pontos de vista. Ele por exemplo dava... inventou essa coisa de dar uma bolsa quase que dupla pra um pesquisador ou bolsista casado, que fosse pro estrangeiro. Porque ele não queria que a pessoa criasse dificuldades. Há gestos na administração dele que são realmente extraordinários, tinha uma visão científica moderna, tinha uma compreensão fantástica. E eu fui com ele até o fim, não é? Tornei-me amigo dele, posso dizer. E realmente foi uma época brilhante. Ele tinha uma grande personalidade. Era...

NB – Deixa eu fazer uma pergunta pro senhor. O senhor me desculpe interromper, mas é que eu não queria perder... esse assunto. O senhor falou que é... vocês precisavam do parlamento, não é?

CF – É.

NB – Precisavam do total de recursos que eram liberados pelo congresso. Eu queria saber, primeiro: se esses recursos realmente vieram, pelo menos pra sua área de pesquisa biológica. E segundo: como é que era feita essa negociação e se havia negociação entre o Conselho e indiretamente com os parlamentares. Como é que era feito isso?

CF – Primeiro os orçamentos vinham, vinham. E vou explicar daqui a pouco porquê. Agora, nunca houve assim um entendimento, você... eu te dou isso e você dá aquilo. É realmente uma habilidade, uma espécie de... e até um jogo um pouco mafioso que se estabelecia, não é? E... muitas vezes eu disse: olha, essa bolsa não deve ser dada porque esse deputado, esse senador, não tem a menor força. Eu tinha informações boas no senado, porque o Afonso Arinos estava na Câmara. E muitas... foi o Santos, Jorge Jabour, todo pessoal da UDN que eu conhecia muito, me passavam as necessárias informações.

NB – Só não havia um contato direto do... das pessoas do Conselho, dos cientistas, dos administradores, com os parlamentares? Havia contato direto?

CF – Não, isso não. Isso não. Não, não.

PG – Era a nível governamental, não é?

CF – É, a nível governamental. Aliás, é preciso não esquecer que o prestígio pessoal do Álvaro Alberto era fantástico, não é? Ele telefonava... quando havia uma grande dificuldade ou quando havia uma lei que ele não estava de acordo etc., ele telefonava pro... pro... presidente Getúlio Vargas que o recebia imediatamente. E a... a... o Conselho estava ligado diretamente a presidência da República. De modo que era um regime de facilidades burocráticas extraordinárias. E o grupo de cientistas que trabalhava para o Conselho era realmente muito bom. Um Conselho... um Conselho... no Departamento... quer dizer, na Divisão de Ciências Biológicas por exemplo eu contei com o Frota Moreira, contei com o... Gustavo Oliveira Castro, Gustavo Mendes de Oliveira Castro de Manguinhos, e assim que... Alguns davam, faziam aquilo graciosamente, outros eu os empregava, realmente, principalmente aqueles que não tinham bolsa ou que não tinham condições de bolsa. Mas todo mundo era muito bem. Lá no meu... no meu... no meu grupo, no meu setor, todos os auxílios eram dados depois de uma visita ou por mim, ou por um dos meus colegas, ou por

alguém que eu credenciava para isto. De modo que... a ciência era localizada aqui em São Paulo, um pouco em Belo Horizonte... mas isso permitiu um julgamento apropriado, não é? E eu acho que a ação do conselho nesse momento, foi uma ação que eu diria fulminantemente boa, sabe? Porque se desenvolvesse os grupos graças ao Conselho, foi... foi estupendo. E o Conselho serviu a meu ver... primeiro eu criei aqui no Rio, o Conselho de Pesquisas da Universidade do Brasil, como se chamava, e depois a estado de São Paulo criou o conselho lá. A Bahia também criou um Conselho... Porque nessa ocasião, quando houve a constituição de quarenta e seis, eu havia proposto uma... através do Rui Santos, eu propus uma emenda na constituição que dizia que a ciência tinha que... tinha que ser protegida pelo Estado, uma coisa nesse gênero. Principalmente através do Instituto e de Instituições. E isso ficou muito tempo sem ser... posto em ação. Quando veio o Conselho de Pesquisas, o estado de São Paulo pôs em ação. Quando veio o Conselho de Pesquisas, o estado de São Paulo pôs em ação e o estado da Bahia também pôs em ação, e criaram as fundações. Eu acho que na Bahia chama-se Fundação... acho que Fundação Gonçalo Muniz.

PG – Gonçalo Muniz.

CF – Inicialmente, não é? E que não é esta que existe hoje. E... o que foi aliás retomado pelo Luís Viana quando foi governador, e em São Paulo se fez a... a FAPESP, não é?

PG – FAPESP.

CF – FAPESP, é. E... realmente esse período foi um período muito, muito bom, pra Ciência Brasileira.

NB – Se o senhor consegue recordar sob os pedidos de auxílio. Por exemplo, Manguinhos, tinha pedido de Manguinhos nesse momento? Nesse momento que o senhor está lá.

CF – Tinha pedidos. Pedidos razoavelmente bons. E... e que eram atendidos imediatamente. E São Paulo era o grande cobrador, era o grande pedidor, vamos dizer. E houve... é também o centro científico do Brasil, já era naquela ocasião, está começando a fazer. E houve uma certa... por exemplo, uns certos pedidos que eu me lembro, foram muito criticados. Houve por exemplo, aí muito empurrado pelo Olympio da Fonseca, um pedido pra fazer uma... um estudo ecológico da região de Cabo Frio, dessa região dos Lagos e etc..., e que... pro qual nós demos seiscentos mil cruzados, era cruzeiros naquela ocasião, e que realmente nunca rendeu o esperado.

PG – Era estudo ecológico da região?

CF – Era estudo ecológico da região. Feito aliás pelo Fernando Cegadas Viana, que era um rapaz de muito merecimento, mas sem uma certa... de garra.

NB – Ele era parente do ministro?

CF – Não, não sei se era não. Mas... foi... era protegidíssimo do Olympio, não é? E foi professor aqui no Instituto de Biologia. E eu por exemplo, uma das coisas que fiz foi ir ao

Museu Nacional... o museu, que está na Quinta da Boa Vista, e propus... escutei todo mundo me deu um auxílio de mais de 700 contos na ocasião. O que foi realmente uma restauração das instalações da biblioteca e etc... Houve... por exemplo também um caso interessante, mostra como... eu dei parecer favorável a concessão de um microscópio eletrônico, que era o segundo microscópio eletrônico, ao Instituto Butantã. Onde trabalhava... o diretor era (INAUDÍVEL) e havia uma moça que era muito competente chamada... não sei o quê Souza Santos. Quando esse pedido chegou ao Conselho Deliberativo, que aprovava todos os pedidos, primeiro o Olympio da Fonseca, mas depois outros pesquisadores de São Paulo principalmente, se opuseram, dizendo que havia um outro microscópio eletrônico no Instituto... Na Escola Politécnica. Pra eu convencer que uma coisa não tinha nada a ver com a outra, e que aquilo não era uma duplicação de instalações, levei pelo menos um dia e meio. Porque só no dia seguinte é que foi aprovado, e aprovado quase que unanimemente, contra o voto de dois paulistas que estavam lá. Realmente esses jogos sempre existem, não é?

NB – Havia assim... alguns critérios básicos estabelecidos pelo senhor e a equipe, nesta área de pesquisa biológica?

CF – Eu acho que são critérios que ainda prevalecem até hoje, quer dizer, é preciso que a pessoa... Raramente nós dávamos auxílio a uma pessoa a partir do zero, porque realmente os recursos eram bons, não eram pra jogar pela janela a fora. Então nós aproveitamos pessoa que tinham trabalhado, que os trabalhos poderiam ser lidos, que conversávamos com as pessoas e víamos da necessidade. Muitas vezes as pessoas pediam coisas absurdas, outras vezes até nós dávamos mais do que as pessoas pediam, quando víamos que aquilo não era o suficiente para o desejado. O que havia também no Conselho, era uma coisa extraordinária, que era secretariado muito bom. Funcionários administrativos muito bons, muito dedicados. E pra se ter uma ideia de como funcionava o Conselho nessa ocasião, a verba destinada a administração era menor do que dez por cento.

PG – Era isso que eu ia lhe perguntar. O senhor estava falando tanto sobre essa... flexibilidade e a falta de burocracia, a possibilidade até de... dar mais recursos do que o solicitado, de ter uma relação mais próxima com o solicitante, não é? E a... não sei se a informação é correta, mas a... Me passaram que hoje seriam 70% da verba do CNPq, seria destinada pra área de administração. Ou uma boa parte dela. Então... como é que era isso no início? Quer dizer, ao mesmo tempo parece haver o inverso, não é? E era uma estrutura... pequena burocraticamente, ágil, e que tinha muitos recursos alocados pra pesquisa, não é?

CF – Exatamente. É muito difícil comparar, porque o número de cientistas era muito pequeno, quer dizer, e particularmente pequeno o número de cientistas que sabiam que podiam ir ao Conselho pedir recursos.

NB – Porquê?

CF – Porque... as pessoas todas tinham lugar fora das Instituições e sabiam que nós só dávamos recursos àqueles que trabalhavam em tempo integral, vamos dizer assim. E as pessoas não estavam muito interessados em pesquisar também, mesmo os pesquisadores, quer dizer eles tinham aquela função limitada e... Aquela função limitada de... quase que

burocrática, e não tinham assim grandes vôos. A não ser os que eram realmente bons. Porque o que é importante acentuar eu acho, é que nós tínhamos um grupo pequeno, de grande valor e tinha um grupo, vamos dizer o dobro, de cientistas que eram empregados da Ciência, não eram propriamente cientistas. E havia também, certos deles eram falsos cientistas, mas o que faltava principalmente era a massa de pesquisadores com que se faz hoje e pesquisa. E de lá pra cá essa massa de pesquisadores cresceu muito, não é? Cresceu muito e depois cresceu sobretudo depois que eles fizeram os cursos de pós-graduação. Quer dizer, o primeiro marco é a criação da Faculdade de Ciências e Letras, Filosofia e Ciências de São Paulo, e o segundo é a criação do pós-graduação. E aí naturalmente os... os pedidos começaram a prosperar muito no Conselho a medida que os doutorandos, doutores vinham do estrangeiro, os laboratórios começaram a se instalar... Pra você ter uma ideia, 1951, época da fundação do Conselho de Pesquisa, o nosso Instituto tinha do pesquisadores, em torno de 10, e tínhamos três ou quatro técnicos. Hoje são 87 pesquisadores e mais de 50 técnicos, e é um Instituto muito pequeno. A Fundação é muito maior do que nós, tem muita coisa muito maior do que nós.

Então, isso mostra o crescimento da população. A primeira reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a reunião preparatória, depois da reunião no ano seguinte em São Paulo tinha lá acho que vinte e três ou vinte e cinco cientistas presentes, depois... hoje são sete mil ou oito mil, não sei quantos. Então esse aumento trouxe realmente uma máquina... teve que aperfeiçoar a máquina de administração, mas eu acho que houve um grande exagero, porque você me falou em 70%, último número que eu soube é 1954, quer dizer... administração. Depois uma coisa que eu me bati muito, e consegui durante a época do Almirante evitar, foi a criação dos Institutos próprios do Conselho. E Institutos próprios do Conselho só foram criados... foi criado o Instituto da Amazônia por causa do projeto da hileria amazônica que tinha sido patrocinada pelo Paulo Carneiro na UNESCO. E posteriormente começaram a aparecer mais... mais... mais Institutos, não é? Agora...

Fita 16 – Lado A

CF – Começo, em pesquisas rodoviárias.

PG – Rodoviárias?

CF – É.

NB – Elas não estão aqui e trancaram a porta. Estamos trancados.

CF – Não, não, então deixa. Não faz mal,. deixa. Quando elas vierem.

NB – O senhor quer alguma coisa? Quer água?

CF – Não, não, não. Água eu quero. Água eu quero. É, exatamente. Depois foi o INPE, depois foi... Esses outros são mais recentes, não é?

PG – CBPF, INPE.

CF – O CBPF, quer dizer, o centro de documentação CBPF.

PG – O CBPF é o de Pesquisas físicas, não é? O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

CF – Não, mas esse durante muito tempo não era propriamente... ele recebia subsídios, etc., mas não era propriamente um Instituto...

PG – Não era incorporado.

CF – Não era incorporado. E aí, eu também me ausentei, quer dizer, eu fui de um certo modo despedido do Conselho.

NB – Ah, é... Porquê?

CF – Porque como eu já estava há dois mandatos, e naturalmente eu representava uma corrente diferente de pensamento científico, eu sei que o... o... o grupo que estava comandando na casa militar, resolveu não renovar o meu mandato. Muitos dizem que eles fizeram uma lei, e que eu cai nessa lei, nessa determinação que não é propriamente uma lei. Outros dizem ao contrário que eu... que eu... que a lei foi feita pra me botar pra fora.

RG – Isso foi, cada mandato ou era de quantos anos? O senhor lembra, em que época foi isso?

CF – Três anos.

RG – Três?

CF – Três. E eu não sei exatamente, eu sei que foi em [19]57 mais ou menos que eu deixei... eu não me lembro bem.

PG – Agora, a Nara perguntou uma coisa interessante. Quer dizer, as requisições de Manguinhos... elas eram em... em volume significativo? Quer dizer, em termos de qualidade o senhor fez algumas considerações, agora, considerando as Instituições existentes que solicitavam ao CNPq, Manguinhos tinha um parcela significativa ou não?

CF – Eu não me lembro mais exatamente, mas acho que 40% deviam ser de Manguinhos.

PG – 40?

CF – É.

NB – É um número significativo esse, não?

CF – Era significativo sim; 20% seriam daqui do Instituto. Da Universidade pouco... Depois o que foi muito bom na minha permanência no Conselho, foi eu ter chamado pra trabalhar no Conselho, o Manoel Frota Moreira, que se tornou realmente um especialista

em administração científica, um conhecedor de política científica. E que era um administrador admirável, e que ficou aliás muito tempo. Depois ele tomou conta também do CPEG, quer dizer, da comissão de Pós-Graduação da Universidade, que dizer, chama-se Comissão de Estudos de Pós-Graduação, incluindo pesquisa, não é? Pesquisa e pós-graduação. E foi... e ele mostrou-se de tal competência que chegou a ser membro do Conselho Internacional das Uniões Científicas. Cargo no qual ele aliás morreu. E sempre, quando eles me encontram eles me dizem: “Mas é uma coisa terrível, que não haja um outro Manoel Frota Moreira pra vir substituí-lo como representante do Brasil.”

NB – O senhor estava falando... eu estou um pouco intrigada, eu vou insistir. O senhor me desculpe, mas eu vou insistir na questão aqui. O senhor está falando de que... O senhor está passando um quadro do CNPq... é... assim de muita... quer dizer, um período de fluorescência e de muitos recursos, não era? Fartura e de harmonia, não é? O senhor nomeou aí uma certa, uma certa tensão em relação as bolsas que o Álvaro Alberto e o Conselho mesmo, as pessoas que faziam parte do Conselho, mas entre...

RG – Áreas.

NB – Entre as áreas. Exatamente.

CF – Eu acho que não. Vou dizer a você porque...

NB – Disputa de recursos.

CF – Não, porque era feito tudo muito... Por exemplo, houve um caso típico. O diretor da divisão de Química, isso se passou por exemplo digamos em [19]53, 54, quis fixar uma certa soma para o setor de Química. Ele disse: “Olha, essa soma é exagerada, mas eu não vou protestar porque sei que daqui a uns meses você verá que nem 20% da soma foi utilizado.” E aconteceu exatamente isto: nem 10% tinha sido utilizado. Dentro dos parâmetros que não eram muito rigorosos, mas que eram severos, que nós utilizávamos para escolher.

O problema da Química no Brasil, que está sempre muito desenvolvido em São Paulo, foi resolvido para o Rio de Janeiro e pra outros centros com um programa que o Manoel Frota Moreira estabeleceu com a *National Science Foundation*, que trouxe para o Brasil uma série de pesquisadores que ficaram aqui durante um ou dois anos. Alguns vieram até mesmo pós-graduados, e um deles está aqui, isso já tem 20 anos. Casou-se com uma brasileira, que é o Bruce Kuwer da... do Instituto de Química. Isso é um problema que realmente fez a química, aqui no Rio de Janeiro e também em outros... em São Paulo não, porque em São Paulo... a química teve imediatamente um grande desenvolvimento pela presença de alguns dos professores que vieram na época da fundação, exilados da Alemanha principalmente. E... que eram todos muito bons. A tal ponto que... e com uma ligação muito grande com a indústria, a tal ponto que a informação que eu tenho, não sei se é verdadeira, é de que as trezentas teses de doutorado feitas no Instituto de Química de São Paulo deram origem a procedimentos industriais. Como é que ele se chamava? Hainbolt o professor alemão que... veio. Tinha também um outro chamado Stansraich, que era do setor de físico Química. E eles deram um desenvolvimento muito grande.

NB – Havia alguma área...?

NB – Eu vou insistir... havia alguma área privilegiada, dentro das divisões do CNPq? Porque... a informação que eu tenho é que realmente o desenvolvimento da energia nuclear era prioritário. Como é que ficou a distribuição... como é que se distribui os recursos pelas divisões? Quem decide isso?

CF – Quem decidia naquela ocasião? Era o Conselho Deliberativo depois de uma apreciação feita pela diretoria técnico-científica. Não há a menor dúvida que a energia nuclear mereceu prioridade, mas... essa prioridade nunca chegou a esmagar os outros setores, por uma simples razão: é que naquela ocasião, em [19]51, os físicos eram, poucos, as instalações foram começando a aparecer. O primeiro passo que se fez foi em São Paulo, na época talvez de 53, 54. Depois mais tarde fez-se a piscina, que ainda existe hoje, piscina pra produção de isótopos, que ainda existe hoje. E... criou-se depois o Instituto de energia Atômica que pertence ao Conselho, embora esteja na Universidade. Agora, durante todo esse tempo, o que havia era uma comissão de energia atômica dentro do... do Conselho, da qual eu fiz parte aliás, representava a biologia.

PG – Só pra... enfatizar um ponto. O senhor disse que os critérios eram rigorosos, então havia os Comitês científicos de alguma... ao mesmo tempo Manguinhos continuava tendo uma porcentagem significativa dos recursos. A gente pode concluir daí, quer dizer, que essa época Manguinhos tinha um reconhecimento e tinha uma produção de qualidade do ponto de vista da Ciência?

CF – Não, espera aí... você está fazendo...

PG – Uma confusão.

CF – Eu quero dividir em duas coisas: primeiro os pedidos de Manguinhos só chegaram... só chegavam facilmente ao Conselho antes da posse do... do Rocha Lagoa.

PG – Sim, eu estou querendo esse período de 1951 até... até o Rocha Lagoa.

CF – Até o Rocha Lagoa.

PG – Eu quero pegar esse período.

CF – Na minha opinião, contra o que todo mundo dizia, nunca houve uma decadência científica de Manguinhos. Os trabalhos bons continuaram sempre a sair, nem direi mesmo que em menor número. Apenas o que aconteceu, é que durante muito tempo no Rio de Janeiro, a única instituição que tinha um caráter propriamente científica era Manguinhos. Depois outras instituições começaram a aparecer, o Instituto de Biofísica, o Instituto de Microbiologia e o... a UERJ por exemplo, e outras instituições. E aí começaram a aparecer outros trabalhos, o... Museu Nacional tomou um novo impulso e começaram a aparecer outras instituições e aí naturalmente aquela... parece que houve uma... houve queda de qualidade, de quantidade na produção de Manguinhos, mas é porque se comparava Manguinhos a uma ilha isolada, com Manguinhos dentro de um arquipélago e aí

naturalmente há uma diminuição da quantidade. Porque a qualidade da produção de Manguinhos nunca caiu e nunca pode cair por uma razão muito simples, que a qualidade depende essencialmente do pesquisador.

Então enquanto você teve um certo número de pesquisadores, e alguns do mais alto gabarito, a qualidade não... não se modificou. E eu acho que a campanha contra Manguinhos, a decadência de Manguinhos e tudo isso, foi consequência exatamente da necessidade de diminuir Manguinhos pra explicar certas intervenções. Você dirá: “Então porque você deixou Manguinhos?”. Eu deixei Manguinhos pelo seguinte: porque eu estava... como eu fazia físico-química, eu estava um pouco deslocado lá, trabalhava com o Carneiro Felipe, Carneiro Felipe deixou praticamente de ir a Manguinhos, porque foi trabalhar no Ministério da Educação com Chico Campos. E eu achava que era indispensável para a... o desenvolvimento científico que houvesse uma participação de estudantes. E foi por aí que eu fui pra Faculdade, apareceu uma oportunidade e eu fui pra uma faculdade. E aí pude instalar um centro de pesquisas. Eu disse outro dia numa palestrinha que eu fiz no Hospital Evandro Chagas, “Eu dei um mau passo foi ir pra Manguinhos.” Censuradíssimo por todos os meus companheiros de Manguinhos, inclusive por meu irmão que só entregou o meu pedido de escolha, de opção, no último dia. Porque quando houve a constituição de [19]35 [1937], a chamada polonesa do Getúlio Vargas, acabou com qualquer forma de acumulação.

E que era uma medida salutar, na minha opinião, mas ela deixou de ser salutar porque não foi compensado com um aumento de vencimentos, e com o tempo integral no cargo que o sujeito quisesse ficar, não é? Então, houve por exemplo, uma debandada de gente do Museu Nacional. O Museu Nacional perdeu alguns dos seus melhores pesquisadores e outras instituições também. E essa... a lei que seguiu-se a essa Constituição dizia que os... os que acumulavam tinham que fazer a opção dentro de 30 dias. E eu me lembro que eu estava em Paris, comecei a receber telegramas, telefonemas, pedindo que eu desistisse da opção pra continuar em Manguinhos, mas eu achava muito importante voltar à Faculdade. Eu achava muito importante ter contato com os alunos, tirar o mais possível que eu pudesse como colaboração. E além do mais eu estava muito interessado numa... biologia física, com técnicas físicas, que não havia em Manguinhos, e uma biologia multidisciplinar. De modo que quando eu organizei o Instituto [de Biofísica], eu tive essa satisfação de poder realizar isso porque em Manguinhos como chefe, como assistente, chefe de laboratório... até mesmo... Não era nem...

PG – Quer dizer, em Manguinhos não haveria espaço pra que isso...

CF – Isso se realizasse.

NB – Por que?

PG – E não só a questão dos alunos, não é? A própria questão do desenvolvimento da... da físico-química e da biofísica...

CF – De poder fazer...

NB – Mas o senhor não poderia montar o seu grupo dentro de Manguinhos?

CF – Era muito difícil por várias razões. Primeiro porque você numa instituição como aquela, eu não tinha nenhuma autoridade, ao passo que como professor titular você tem uma grande autoridade. Como professor catedrático você é dono de terreno. Naquela ocasião, hoje médico, naquela ocasião você era dono de um terreno. Depois também havia, meu pai já tinha morrido, mas em todo caso havia uma certa antipatia com o filho do Chagas, por aqueles que não tinham apreciado muito a obra de meu pai. E você sabe, quando você é moço, você sempre diz coisas desagradáveis etc. A minha irmã...

PG – Eu não sei não. O quê que o senhor falou que era desagradável na época?

CF – Como?

PG – Eu estou brincando. Eu estou dizendo, o senhor disse que quando era moço falava algumas coisas desagradáveis... eu não estou sabendo...

CF – É, criticava as pessoas que saíam às duas horas pros laboratórios particulares por exemplo. Bem, mas eu não podia ter a menor confiança no interesse do Cardoso Fontes em relação ao meu trabalho. Embora depois ele tivesse se mostrado muito interessado e etc. mas eu não podia ter... então, estar numa direção... estar numa instituição em que você pode ser abafado pelo diretor...

NB – É mortal.

CF – É mortal. E... ao contrário, eu sabia que eu teria muito mais facilidade de verbas, e liberdade de ação na faculdade, do que eu Manguinhos. Eu acho que foi isso, porque realmente...

NB – A faculdade também. Quer dizer, a faculdade lhe oferecia um espaço, não é? De qualquer forma a sua batalha também foi grande, porque era modificar a mentalidade das estruturas universitárias, que até então... a gente falou sobre isso, não é? Sobre o que significava a pesquisa pra universidade. A batalha...

CF – Mas eu sabia que ali eu seria um pioneiro, e que poderia realizar muita coisa. Desde que eu organizasse dentro de um certo silêncio, de uma certa modéstia, sem esbravejar, sem... E curiosamente as pessoas que maior... maior oposição fizeram a mim, na Faculdade, foram o Álvaro Osório de Almeida, que tinha sido meu mestre. E que em aula pública, declarou que eu estava pretendendo implantar a pesquisa na Universidade, mas era como uma vassoura nova que em pouco tempo, em pouco tempo se cansa e se estraga e não pode varrer mais.

RG – Mas a crítica era ao senhor ou à Universidade?

CF – A mim. A mim. A mim.

PG – Publicamente.

RG – Ele tinha muita dificuldade de conseguir trabalhar em pesquisa dentro da Universidade. É muito estranho isso.

CF – Ele não quis. Dificuldade ele não teve, ele não quis. Ele tinha atrás de si, a família Guinle, que teria dado todos os recursos pra ele trabalhar lá na Universidade, mas ele não quis, era muito orgulhoso, entrou em conflito com todo mundo. A outra pessoa que criou certas dificuldades, mas que não... tinha uma grande incompreensão sobre mim foi o Olympio da Fonseca, não é? Que um dia foi me ver e disse: “Olha, eu estou muito triste porque eu tenho uma grande simpatia por você, e vejo que você está diminuindo o prestígio da cátedra. Porque você tem ido a várias fontes, como o DASP, ver se obtém recursos para a Universidade, para sua cátedra, para a Universidade.”. Eu disse: “Dr. Olympio, o senhor queria que eu ficasse sentado... se eu ficasse sentado aqui, eu não... não...” Nessa ocasião ele estava afastado de Manguinhos, e estava trabalhando acho que era para a Merck Sharp, eu não sei.

PG – É, ele trabalhou pra uma grande aí.

CF – É. Uma grande... eu disse: “Olha, doutor”, isso nada modificou o meu relacionamento com ele, mas... Depois quando ele foi ser diretor em Manguinhos, uma das coisas que ele fez, foi apanhar dois ou três elementos que trabalhavam comigo, e trazê-los pra Manguinhos, dando bolsas maiores do que eu podia dar.

PG – Disputa, não é?

CF – Mas também não atrapalhou nada. Não. Mas eu acho que... eu acho que, por exemplo, nós... a minha ideia sobre (INAUDÍVEL), é uma ideia que não é realmente a de todo mundo. Quando nós dermos condições bastante de trabalho, em qualquer atividade, ninguém vai querer ir pros Estados Unidos, ou pra França. Se o sujeito tem condições de trabalho aqui, ninguém vai querer... Nós somos profundamente ligados ao solo. Nessa coisa nós somos uma mistura e índio e de... e de preto, não é? Nós somos muito ligados ao solo. Eu estou sempre ligado ao Rio de Janeiro. Aquele negócio da cerveja Kaiser...

PG – Por sentir falta... mas eu estava um pouco curioso com isso. Quer dizer, racionalmente a Universidade apontava pra uma direção, havia entusiasmo com o campo novo que empolgava, não é? Agora, como é que foi afetivamente se desligar da... de Manguinhos? Quer dizer, foi alguma coisa sofrida, ou...?

CF – Foi sofrido. Foi sofrido. Foi muito sofrido, muito sofrido. Principalmente porque, não é só na minha faixa etária eu tinha amigos muito ligados... tinha Evandro, Walter, Emmanuel, Moussatché, Mário Viana Dias... e outros ainda. Como também tinha uma grande ligação às personalidades com que eu havia convivido, porque eu sabia que eu veria com muita dificuldade... Costa Cruz, o Carneiro Felipe, o Miguel Osório, o Astrogildo Machado, que eram... Costa Lima, por exemplo, que eram pessoas com que eu convivia muito na minha... E eu sabia que era difícil, que não iria encontrar pessoas iguais na Faculdade de Medicina. De modo que foi muito duro, não foi fácil não, mas tinha também a... vamos dizer, o impulso de uma nova aventura, o desafio.

NB – Eu queria fazer uma observação ainda nesse assunto de Manguinhos, que eu quero dar uma encerrada nele pra voltar pro CNPq, mas tem uma coisinha que o senhor falou agora aí, que me chamou atenção, em relação a decadência de Manguinhos. Porque é... eu já ouvi falar comentários, algumas informações de que... a decadência se explicaria por uma defasagem nos estudos, nas pesquisas de Manguinhos, exatamente por isso que o senhor falou. Os estudos da físico-química estariam... é... não estariam sendo desenvolvidos dentro de Manguinhos. Em Manguinhos... isso dá um grande salto aí depois da guerra, já na própria guerra, e Manguinhos não o acompanha esse desenvolvimento.

CF – Mesmo antes da guerra.

NB – Mesmo antes da guerra. Eu gostaria de saber porque isso. O senhor poderia me explicar.

CF – Exatamente por falta de intercâmbio. Falta de intercâmbio com...

NB – O senhor acha que há uma burocratização do trabalho científico?

CF – Não, não, não. É por falta de intercâmbio. Quer dizer, primeiro uma grande maioria dos pesquisadores tinham que trabalhar fora por questões financeiras. Depois escasseou muito, durante a guerra e mesmo um pouco antes da guerra, a... as idas ao estrangeiro, que são indispensáveis, e a vinda de estrangeiros no Brasil. Eu acho que o Brasil por exemplo, não... não aproveitou nenhum exilado durante a guerra. Depois havia também um aspecto... que eu acho, não sei... é muito difícil. Essas coisas que eu estou dizendo... assim pensando e dizendo, é muito difícil julgar o valor de cada um, não é? Havia realmente uma falta de conhecimento das novas técnicas. Eu, por exemplo, meu pai mandou o Marques da Cunha estudar cultura de tecidos na Europa. Ele foi e trouxe uma grande... uma grande... material. Esse material ficou em desuso até em [19]38... e isso deve ter sido, portanto, antes da... deve ter sido em 29 ou 30. Até que quando eu instalei a minha... a minha instalação, eu falei com o Marques da Cunha e ele me deu todo... aquela vidraria que eu precisava. E eu instalei uma... um laboratório de cultura de tecidos, que começou a funcionar regularmente durante todo tempo, desde então. E funciona até hoje, não é? Então...

PG – E ele ficou estagnado por... falta de iniciativa, por falta de domínio da técnica? Em Manguinhos.

NB – E o senhor falou nos empregados da ciência, agora atrás, o senhor falou sobre isso. O senhor acha que... que se aplicaria essa adjetivação que o senhor usou, aos pesquisadores de Manguinhos, ou a alguns pelo menos?

CF – Alguns sim. Eu, por exemplo, eu estive de 27 a 37 em Manguinhos, não é? Uns dez anos. Depois passei mais três anos quando estava no Serviço das Grandes Endemia. Houve cientistas brasileiros, cientistas de Manguinhos, que eu nunca vi lá. Em parte alguma, não iam, não iam simplesmente. Então isso tudo dá um clima de desânimo, que eu acho muito... eu acho que há dois fatores pra esse clima de desânimo, que eu acho muito... eu acho que há dois fatores pra esse clima de desânimo. Primeiro a descoberta da doença de Chagas. Parece até uma incongruência, não é? Mas você sabe, se... ninguém queria descobrir nada

menos do que uma doença de Chagas, não é? (INAUDÍVEL) quer dizer, então os trabalhos eram postos muito acima, para muitos, das possibilidades que tinham.

PG – Era muito idealizado, não é?

CF – É. E você vê, tinha o... e... quantos haviam lá, que começaram a trabalhar fora e tal. Agora, um outro fator que a gente não pode deixar de esquecer, é o seguinte... acabadas as campanhas do Oswaldo [Cruz], acabado aquele fulgor extraordinário de descoberta da doença de Chagas, da leishmaniose, do trabalho do Gaspar Vianna, dos trabalhos do Aragão, Artur Neiva... O Instituto [Oswaldo Cruz] ficou na verdade como uma ilha isolada no fundo da Guanabara, porque com quem o pessoal do Instituto podia dialogar? Divididos entre eles, eles não tinham com quem... com quem dialogar, não é? Esse é um ponto principal.

PG – Era difícil você ter um processo de desenvolvimento científico pontual, não é? Quer dizer, ele necessita de uma base extremamente extensa de...

CF – Claro. Eu por exemplo, fiz o Instituto com uma extensão... que todo mundo diz que se eu tivesse feito um Instituto menor, talvez teria sido melhor, é possível, mas eu precisava de ter alguém, pra dialogar, precisava de ter grupos que se pudesse discutir entre si, que pudesse ver aspectos diferentes do mesmo problema, não é? Os primeiros laboratórios que eu abri foi de Enzimologia e de Citologia, utilizando como modelo biológico, o órgão elétrico. Com o qual eu mesmo já pretendia estudar a transformação de energia química em energia elétrica, não é? Mas isso era indispensável, porque você vai aprendendo, vai conhecendo. A grande vantagem dos países civilizados sobre nós, uma vantagem que nós não podemos, não vamos tão cedo poder eliminar é essa, que o sujeito pega o telefone “Olha, amanhã eu quero te encontrar. Eu vou aí e tal”, e pelo telefone as informações correm facilmente, não é?

NB – Você chama de massa crítica, não é?

CF – Massa crítica. E é muito difícil você formar massa crítica, porque é uma coisa muito lenta, não é?

NB – Quer dizer, na verdade Manguinhos... isso daí, não havia um intercâmbio como São Paulo... O senhor falou que o Brasil não aproveitou os exilados, agora, São Paulo aproveitou alguns exilados, não é?

CF – Aproveitou muitos.

NB – O Rio é que não aproveitou, não havia intercâmbio entre o pessoal de Manguinhos e esse pessoal de São Paulo?

CF – Ele não aproveitou na Faculdade de... Quando a Faculdade de Filosofia foi feita, vieram uns bons físicos da Itália, vieram matemáticos vieram mesmo da França... mas não havia ainda um ambiente, não é? No Rio. Agora, eu sempre estabeleci um intercâmbio

enorme com o estrangeiro aqui. Na primeira relação que eu fiz, foram mais de 600 pesquisadores que visitaram o Instituto. E isso deu, eu acho, uma grande força.

PG – Querendo aproveitar... Nessas relações internacionais, nesse período, quais eram os Centros que ainda se mantinham como referência? Porque Manguinhos tem um certo momento que tem o Instituto Pasteur como nome referência, tem a Alemanha e depois essa relação com a França parece decair um pouco no conjunto... Mas nesse período aí, que nós estamos falando...

NB – [19]40, não é?

PG – É, pós-guerra e... quais eram as instituições de referência dos pensadores na área biológica? Continuava sendo o Instituto Pasteur, tinha...?

NB – Deslocamento, não é?

CF – É.

PG – Em Saúde Pública isso é muito claro pra mim. O que eu queria ver como se dava isso na área biomédica. Se os centros europeus, havia ainda algum tipo de referência e de contato?

CF – Até a guerra sim; depois da guerra não. E aí agora está se fazendo um esforço, e agora... agora é que o pessoal está começando a... está reconhecendo que é bom, que você pode ir pra Europa, o que na Europa tem boas coisas pra você fazer. É como também o Instituto Pasteur quando eu visitei depois da guerra, tinha visitado antes e depois da guerra, era uma desolação completa. Não tinha um instrumento novo... E aí eles começaram, e aí com trabalho forte, não é? E aí eles conseguiram uma recuperação fantástica como é a recuperação que você encontra na Alemanha também... na Itália também.

PG – Itália, não é?

NB – Dr. Chagas, eu estou pensando uma coisa aqui que me ocorreu sobre... Eu fiquei muito impressionada quando o senhor falou essa... o senhor adjetivou alguns cientistas brasileiros de empregados. (risos)

Fita 16 - Lado B

NB – Com acompanhamento científico mais claro definido. E em segundo esta tendência talvez, talvez... não sei se pode dizer isso, não é? A tendência a burocratização desse trabalho, exatamente porque essa instituição está muito vinculada, está dentro... ela faz parte do Estado. É quase como se eles fossem mesmo burocratas, funcionários. São tratados como tais.

CF – O problema aí, que eu vou te dizer, é o seguinte: no meu programa, uma das perguntas que me fizeram é o seguinte: “Como é que o senhor define vocação científica?” e eu disse: Pra mim vocação científica é muito difícil definir. Mas eu acho que é... quando eu vejo uma criança que se interessa por jardins, por plantas, por animais, por rios, pela natureza, eu acho que ela tem vocação científica. Porque eu acho que a Ciência é essencialmente a interrogação da natureza. A tecnologia é a utilização da natureza, mas a Ciência é a interrogação da natureza.

O que aconteceu, como acontece sempre, tem acontecido aqui, menos mas acontece, é que a pessoa entre imbuído de uma vocação, certo que ele pode fazer grandes feitos, entra num canto, e se esquece, não sabe, não aprendeu... de que no fundo a ciência, como dizia Pasteur é uma rotina, rotina cotidiana. E o sujeito que não faz a rotina cotidiana, o sujeito que um contumaz... eu já ouvi até a expressão anterior. Em Ciência, o sujeito não pode... em poesia talvez o sujeito possa, porque a poesia corre sempre... mas em Ciência o sujeito não pode deixar de... o sujeito não pode ser absolutamente irregular.

Tem que ser cotidiano, é o cotidiano que conta. Ora, experiência que são feitas e que não dão certo, experiências que são feitas e que dão certo e no momento que você vai publicá-las, você vê que em outros países publicaram antes de você. Tudo isso vai desanimando o... a pessoa. E a pessoa deixa... perde aquele ardor, perde... perde completamente o interesse. E como o homem se afasta de uma mulher que ele pensou que amava muito, no fim de um certo tempo, ele também se afasta da ciência, mas se passou 15, 20 anos na Ciência, o quê que ele pode... ser? Ser empregado da ciência. Ele continua fazendo trabalhos de rotina, ou vai fazer trabalhos de administração, ou não vai fazer nada, mas continua ligado a Ciência. De modo que é um empregado da ciência, empregado no sentido de que se ele tem um chefe compreensivo, o chefe compreensivo diz assim: “Olha aqui, você vai fazer isso assim...”, que é uma coisa simples, que ele pode fazer. Ou então ele não faz nada, fica... tapeando. Você está falando em Manguinhos, eu conheço um pesquisador de Manguinhos, que chegava lá, descia, entrava no seu laboratório, trazia uns dois jornais, três, lia aqueles jornais e etc... e às três horas ele se retirava. Eu usei a expressão de empregado, no sentido que o sujeito recebe dinheiro da ciência, mas não é um cientista.

NB – Eu acho que essa vinculação tão direta...

CF – Quer pedir um café pra mim também?

NB - Essa vinculação tão direta ao... Ministério de Educação e Saúde Pública... eu estava aqui pensando a Universidade como o senhor conseguiu imprimir um novo caminho, um novo rumo, o próprio Instituto de Biofísica que tanto está dentro da Universidade e que é ligado ao aparelho do estado, não é? Então o quê que é o problema da decadência, a gente está aqui tentando montar este quadro, eu acho que ele é bastante complexo, ele não é muito simples. O senhor defende a ideia de que não há uma decadência, e isso que o senhor está dizendo?

CF – Eu defendo que não há uma decadência. O que há é uma perda, vamos dizer, da identidade. Você sabe, a intensidade é uma característica pelo tempo. Então o que há é uma perda da intensidade, é uma desaceleração. E... uma das... eu direi uma das maiores, dos mais graves problemas da Ciência hoje, é a obrigação que o indivíduo tem, de produção; que exaure o indivíduo, porque o indivíduo que não produzir, digamos dois trabalhos ou

três trabalhos, publicados em jornais de alto merecimento, por ano, começa a desmerecer dentro da comunidade. E como a comunidade é que vai julgá-lo, mesmo através dos seus pedidos de bolsas, e de recursos e etc..., fica com essa angústia de publicação permanente, não é? Essa angústia de publicação permanente, que prejudica o... não só o trabalho, e que vai tornando a vida muito árdua para o cientista, não é? E... a não ser que o sujeito tenha condições muito especiais, tenha atingido um nível muito grande... o sujeito pode levar uma vida mais fácil, mas assim mesmo é muito difícil. Principalmente porque... como é uma coisa competitiva e os moços são... não perdoam nada, eu não posso dizer isso de mim, que os moços tem comigo uma grande... então você vai, essas Comissões de Penas por exemplo, são muito úteis e são necessárias, mas podem ser extremamente...

PG – Cruéis.

CF – Cruéis, não é? E se você encontra... você encontra pareceres por exemplo, que são feitas por inimigos e que reduzem a pessoa... Então, não é fácil, saber? Agora, o que é importante a meu ver é... e sem o qual não se pode fazer uma boa Ciência, é que o sujeito acredite que a Ciência é importante primeiro, que o sujeito se divirta fazendo ciência. Se não houver um elemento... se não houver um elemento lúdico dentro da pesquisa que ele está fazendo, ele deixa de ser um pesquisador bom. E esse elemento lúdico pode desaparecer por várias razões, razões de ordem pessoal, atritos matrimoniais, atritos sentimentais, passionais e etc., por questões de doença também. E pode desaparecer por um excesso de uso. E é o que está acontecendo com essas exigências sucessivas...

PG – Vida rotinizada, não é? Digamos.

CF – Não é? E o pesquisador tem que apresentar quantos relatórios, não é? Então, esse é um problema sério que nós temos que enfrentar, e que eu não vejo como enfrentar. Eu felizmente passei a vida muito bem, porque não tive esses problemas, mas eu vejo a aflição... Por exemplo, começa a ser aflição de um mestrando que tem que apresentar uma tese em dois anos, essa tese muitas vezes não pode estar pronta.

NB – O senhor viu as regulamentações... agora atuais? É exatamente essa.

CF – É. Depois você tem um...

PG – Em dois anos?

NB – É. Você tem que fazer o curso e apresentar a tese em dois anos. O curso é um ano e meio, pelo menos na minha área. E em seis meses você tem que fazer uma tese.

CF – Não dá.

NB – Quer dizer... uns baixar a qualidade da tese, outros vão abandonar os cursos, porque não vão poder sustentar os cursos sem a bolsa. Se não apresentar, você pede a bolsa. Isso é CNPq.

CF – CNPq. Isso não...

PG – CNPq? Aí fica aquela... aquele círculo vicioso, de se aferir pelo número de teses defendidas, então tem que aumentar o número de teses...

NB – Isso... eu conheço essa... esse tipo de diretriz na educação brasileira. Você está cansado de saber disso, não é? Você massifica, e por baixo você qualifica.

CF – Esse é um problema muito... muito grave, e que só pode ser defendido pelo ato de que há muitos abusos. Então, ao invés de combater os abusos, você faz legislações mais restritivas que combatem a qualidade. Eu não conheço nenhuma tese... talvez tenha umas duas ou três teses aqui no Instituto, boas, que foram feitas em menos de dois anos e meio a três anos, porque são teses experimentais, não é? E... fazer uma tese de doutorado com menos de quatro anos, é praticamente impossível.

NB – Eu gostaria de voltar.

CF – Pode voltar.

NB – Falar também a respeito dos adversários. O senhor estava falando dos adversários da Faculdade, de ensino... eu queria perguntar ao senhor sobre os adversários dentro do CNPq. O senhor estava dizendo que saiu do CNPq.

CF – Eu saí, mas não foi adversários dentro do CNPq não. Primeiro porque tiraram fora o Álvaro Alberto, não é?

NB – Por que ele saiu?

CF – Ele saiu porque caiu o Getúlio, veio o Café Filho, e aí um grupo de jovens cientistas brasileiros, quis tomar conta do Conselho de Pesquisas.

NB – Quem eram os jovens?

CF – É... jovens...

RG – Jovens em onde?

NB – De que área? De que setor?

CF – Da área de Física. Inclusive do Cesar Lattes, não é? Quer dizer, que estava muito manipulado por... isso não entra, isso não é público, é?

PG – Não, não.

CF – Estava muito manipulado por um sujeito chamado Machado, que era... tinha sido do Itamaraty... e outros grupos. E aí eles fizeram um movimento pra tirar o...

PG – Álvaro Alberto.

CF – Álvaro Alberto. Eles queriam realmente degradar, dizer que ele tinha roubado etc... O Álvaro Alberto o que ele tinha feito muitas vezes, era... e como todos nós fazemos, era pegar verba pra comprar aquilo e comprar aquilo, não é? Mas não tinha... era realmente uma pessoa de uma honestidade fantástica, honestidade espiritual, física, material. ele era um sujeito rico, que não precisa rouba. Casado com uma senhora fabulosamente interessante. Bom... Ele sofreu muito na vida porque ele morreu... o filho dele que ele dizia predileto, se é que a gente pode ter um filho predileto, morreu de psitacose em Pernambuco. Era um oficial de Marinha também. E ele teria sofrido muito se não fosse o almirante que se reuniu e disse ao Café Filho: “Não, Álvaro Alberto não se toca.” Foi assim que não aconteceu nada. Foi nessa ocasião que eu passei uma hora e meia, porque... ele se afastou um pouco do Centro e me pediu pra tomar conta do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, do qual eu tinha sido fundador. E eu disse: “Olha, só posso até o dia 16 de novembro, porque aí eu tenho... não, até o dia cinco de novembro, porque aí eu tenho que embarcar pra Europa. E fiquei meses, meses... e... aí foi que eu fui chamado pelo general Távora e tive duas horas de entrevista com ele, em que eu falei, alei, falei... ele me escutou com a maior atenção e não arredou um passo. Pra mostrar a ele o absurdo que era a demissão do Álvaro Alberto.

A demissão de Álvaro Alberto era baseada numa coisa estranhíssima. Havia um camarada... porque o Álvaro Alberto era muito generoso com as pessoas e tinha um camarada que era professor de Química do Rio Grande do Sul, depois eu vou me lembrar o nome dele, que ele tinha sido nomeado pro Conselho como membro. Tinha mudado pro Rio, e que vivia numa bajulação com o Álvaro Alberto fantástica, não sabe? Bom... e um dia o Lattes que era o diretor do Centro, me disse: “Chagas, eu quero que você me arranje um... uma pessoa, porque eu vou pedir dois meses de licença ou três meses de licença etc. E eu quero uma pessoa pra dirigir o Centro, que está em dificuldade, porque Fulano de Tal tinha dado um desfalque de cinco mil contos”, cinco milhões de cruzeiros, não é? E eu arranjei pra ele Maurício Nabuco, que era um grande diplomata, um grande administrador e que tinha organizado esse... este... o Itamaraty etc... É uma pessoa ideal.

Dois dias depois eu cheguei... me autorizou a falar com Nabuco que aceitou, dois dias depois nós vínhamos de automóvel e ele me disse: “Olha, eu não preciso mais do Nabuco porque eu...”. Eduardo, era um nome assim italianizado... “Eu resolvi pedir ao Álvaro Alberto, nós vamos nomear fulano de Tal” que era este camarada que depois deu o desfalque de cinco mil, cinco mil contos. Eu disse: “Mas ele é um cretino, é um idiota. Você vê o que ele fala no Conselho, não pode dirigir nada e etc... “Não, mas ele é muito amigo do Álvaro Alberto. Como eu tenho tido dificuldade, sempre tenho tido dificuldades com Álvaro Alberto, ele aí resolver todas essas dificuldades.” E eu disse: olha, é uma besteira, porque você está... aí deu outra... não deu outra, ele deu o desfalque. E... eu já tinha ido embora pra Europa, já tinha voltado, e um dia um processo contra ele, e o Instituto veio falar comigo. Disse que queria que eu depusesse. Disse a ele: se a polícia me chamar eu vou depor. Agora, quero dizer a você o seguinte: é uma besteira processar este camarada, botar este homem na cadeia, porque a família dele já e prontificou a dar os cinco mil... “Ah, você está querendo proteger um ladrão.” Eu disse: não, eu não estou querendo proteger um ladrão não. Eu quero proteger o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, porque se isso acontecer, o Centro vai passar por anos de amargura. E foi o que aconteceu.

PG – E ficou aquela marca de um processo...

CF – Custou muito a se recuperar.

NB – Mas quer dizer que o Cesar Lattes, o grupo, o seu grupo, tomaram então o CNPq? Foi isso?

CF – Não conseguiram, não conseguiram. Porque aí entrou a política...

NB – Isso é o governo o quê? Já Juscelino?

CF – Não, aí já é não... aí é o governo... ainda o governo Café Filho.

NB – Porque o senhor saiu em 1957. Agora, 1957...

CF – Não, isto tudo se passou em 1950... eu posso dizer a você o seguinte: foi o ano em que eu fui... foi em 1954. Novembro de 1954 mais ou menos.

NB – Depois da morte do Getúlio.

CF – Depois da morte do Getúlio, governo...

NB – Café?

CF – Café. E eu sei bem da data porque eu ia receber o título de doutor *Honoris Causa* na Universidade de Paris, e tinha que marcar... Por isso é que eu fiquei só um mês na direção do Centro. Mas... nessa ocasião... qual era a sua pergunta mesmo?

NB – Eu estava achando que isso tudo tinha se passado durante o governo Juscelino. Não, o senhor está dizendo que durante o governo Café.

CF – Café Filho. Tudo foi no Café Filho. A nomeação foi feita por influências políticas, em que julgou um papel muito importante o irmão do Geisel, que era membro do Conselho, era um químico, químico industrial, que era membro do Conselho. E nomearam... nomearam o Batista Pereira, cujo irmão era genro do Rui Barbosa, que escreveu um livro sobre o Rui. E que era um engenheiro rodoviário, que era também membro do Conselho Deliberativo e que tomou posse. E aí as pretensões do grupo do Lattes desapareceram.

PG – E esse peso da área rodoviária... que eu achei interessante porque o senhor disse que o primeiro Instituto foi rodoviário, não é? Por que...?

CF – É. Deixa eu explicar. Não, acho que o Instituto de Pesquisa Amazônica foi antes. Esse foi interessante porque eles se prontificaram a pagar todas as despesas, quer dizer os empresários rodoviários se prontificaram a pagar todas as despesas, de modo que não havia argumento. Eu me bati contra. O único voto contra no Conselho Deliberativo.

RG – Mas com essa entrada do Batista Pereira, os cientistas ficaram um pouco deslocados dentro do Conselho? Quer dizer, houve assim uma mudança de orientação?

CF – Não, porque o Conselho não mudou de... ele já era membro do Conselho, viu? Não houve uma demissão em massa do Conselho, o que houve foi a renovação, que não tinha havido antes, de três ou quatro membros do Conselho por ano.

RG – Mas um pouquinho depois, o senhor tinha falado antes, que o senhor mais ou menos foi instado a se demitir depois de duas gestões, não é? E que o seu grupo não estava mais, eu havia entendido.

CF – Não, não foi propriamente instado, eu...

RG - Que o seu grupo não estaria mais... foi o que eu entendi.

PG – Houve a proibição de renovar o mandato.

CF – Mandato não, *feedback*... de dois ou três períodos, eu não me lembro mais. O que aliás é uma coisa justa. Agora...

RG – O senhor colocou assim uma questão que o senhor disse que talvez a lei...

CF – Não. O que se dizia é que essa decisão, não se sabia se eu tinha sido vítima dessa decisão ou se essa decisão tinha sido tomada pra se... Isso é que se dizia, eu não...

RG – Exato. Mas porquê? Quem estaria por trás disso? Quais são as pessoas?

CF – Aí eu disse não, porque... eu em geral não crio animosidades, acho até que é ao contrário, mas havia, vamos dizer, interesses ocultos. Havia pessoas que sabiam que eu no Conselho por exemplo, não aceitaria certos processos... eu lutaria contra, não sabe? Como tinha muita gente que eu influenciava no Conselho, minha presença era incômoda.

NB – Certos processos, quais? Que tipo de processo que o senhor se bateria contra?

CF – Processos que não fossem bem especificamente bem definidos. Por exemplo, bolsa para um fulano de tal ir fazer um... participar de um Congresso internacional, vamos dar este como exemplo. Se não fosse uma pessoa com títulos, um congresso internacional importante, em que ele fosse aproveitar, que pudesse fazer coisas boas pro Brasil, eu dizia que não.

RG – Que fugissem aos critérios acadêmicos?

CF – Tudo isso eram os critérios científicos, vamos dizer. Isso era muito comum, porque principalmente no tempo em que o Itamaraty fornecia muitas passagens, havia uma espécie de turismo científico. As pessoas viajavam e não traziam nada para o país.

NB – Eu queria fazer uma pergunta ao senhor. Qual é a ligação, se é que existe, é uma pergunta, a ligação entre a ideologia de segurança e desenvolvimento, segurança nacional e o CNPq?

CF – Bem, o... sempre existiu, pelo menos uma... inter... uma certa informação. Evidentemente no período do Álvaro Alberto, ele era muito anticomunista, tinha muito medo de comunismo... Eu já contei um caso pra você a esse respeito. É... os dois militares no Conselho Deliberativo também eram muito anticomunistas, é... anticomunista, não é? Bom... depois quando veio o governo militar, a coisa deve ter se tornado... aí eu não estava mais presente, deve ter se tornado muito mais efetiva, não é?

NB – Mas não... Nesse período, na década de [19]50?

CF – Eu não creio que durante o governo do Juscelino, tivesse havido realmente uma... uma...

NB – Influência...

CF – Quer dizer, uma influência precisa. É possível que tenha sido, mas eu não tive conhecimento. Agora... houve coisas interessantes, quer dizer... quando o Marcelo, que era, Souza Santos, que era presidente da Comissão de Energia Nuclear, foi demitido, imediatamente o pessoal da segurança foi lá e devastou tudo. O mesmo não aconteceu com o Conselho. O Conselho... é... foi... não me lembro mais quem era o presidente, mas eu acho que era o Atus da Silveira Ramos... eu acho que era o Atus da Silveira Ramos. Aí houve nada disso, o que aconteceu é que eles nomearam um general que foi um ótimo presidente. Que era o... o Peçanha, como é que ele chama? Era um que tinha sido diretor da Escola do IME, da Escola Militar de Engenharia. Ótimo, foi um bom... foi bom porque era presidente, eu acho que... Não, foi bom. Foi bom porque ele ia, e falava e “pá”, batia na mesa do presidente que fosse. Castelo Branco...

NB – Quando ele foi nomeado?

CF – Ele foi nomeado na época do Castelo.

NB – Ah, do Castelo Branco.

CF – Sendo que ele saiu por causa de uma dessas coisas de militar, não é? Ele tinha que voltar ao Exército por causa da patente... Não tem um negócio assim e tal? E aí foi nomeado o Loseiro.

PG – Quer dizer, o senhor falou duas coisas. Uma era que quando o CNPq era ligado diretamente à presidência, e quando ele tinha a frente pessoas com força suficiente no governo, para ser atendido pelos presidentes e poder falar como um...

CF – Isto foi a época do...

PG – Agora, dificilmente um cientista poderia fazer isso, não é? Quer dizer haveria necessidade também de alguém que fizesse a ponte entre o acesso a... aos mecanismos...

CF – Que era feito pelos ministros da Casa Militar.

NB – Mas é essa... é isso que é interessante.

CF – Depois passou...

NB – Essa vinculação.

CF – Depois passou a ser feito por um oficial da Casa Militar, aos quais todos os... os processos do Conselho iam ter.

NB – É, foi isso que eu esqueci de perguntar de perguntar. É essa vinculação que me chama a atenção, a vinculação entre o Conselho e os militares. O projeto militar eu acredito de desenvolvimento para o país.

CF – Não, mas aí a questão era um projeto de segurança, quer dizer... Porque o projeto militar de desenvolvimento da... é um projeto da Escola Superior de Guerra, não é? E... a vinculação com a Casa Militar é exatamente uma consequência de que os militares precisam ter conhecimento de tudo que se passa em Ciência e Tecnologia. De modo que, que há essa ligação, há. Creio mesmo que houve um momento em que havia um representante do SNI, sentado lá no Conselho.

PG – É, talvez o controle maior se desse...

CF – Como aqui na Universidade.

PG – Talvez o controle maior se desse nessas áreas consideradas estratégicas, não é? De energia nuclear... e área de... a área de Biologia teria ficado um pouco mais livre por não ser uma área considerada estratégica pra segurança.

CF – É, mas você tem também... guerra biológica por exemplo, tem a guerra química... e tem os... em por exemplo...

PG – Publicações.

CF – Publicações... Muito menos naturalmente do que os outros, mas sempre existe, não é?

PG – Então se fazia sentir também esse controle...?

CF – Eu nunca senti esse controle. Eu só vim a sentir o controle militar quando organizei uma Conferência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, aqui. Em que eu fui acompanhado durante todo tempo, por uma pessoa atrás de mim, para saber o quê que eu estava fazendo etc... Muito simpático etc... que era um funcionário do SNI, mas lotado na Universidade. E foi aí que eu fui acusado de ter exibido filmes subversivos. E aí fui ao (incompreensível) me chamou: “Olha, eu estou com essa acusação aqui...”. Eu disse: muito simples, olha a lista de filmes que eu apresentei, todos eles têm... a isenção da censura, todos passaram pela censura. E aí acabou o processo.

NB – Isso foi durante o governo militar?

CF – Isso foi. Foi em 1972 ou 1974 mais ou menos.

NB – É, porque eu acho que a criação do CNPq, a implementação de uma, vamos dizer assim, de uma política científica... quer dizer, o CNPq tem esse marco, não é? Ele criou isso, esse marco. Pela primeira vez, o Estado cria um órgão pra tentar as necessidades da pesquisa no país, ou pra criar um projeto de política científica para o país. E ele nasce... eu... me parece com essa marca, com essa vinculação a um projeto militar de desenvolvimento do país, não é?

CF – Eu não creio não.

NB – Não?

CF – Não. Porque eu creio que...

NB – Porque eu queria muito saber é em que medida a comunidade consegue participar disso? Da criação do CNPq e das diretrizes que ele vai implementar.

CF – Eu creio que o primeiro CNPq, quer dizer, o CNPq que vem até o momento... deste... como é que ele chama? Leon de Mello Letes era um resultado natural das aspirações da comunidade. Ou pelo menos 80% das suas atividades refletia as aspirações da atividade... da comunidade.

PG – Apenas eles encontraram um sustentáculo do ponto de vista de um avalista de confiança da estrutura de poder, não é?

CF – Exatamente. Eu, por exemplo, nunca senti esta, quando estive lá, nunca senti, nunca, nada, nada, nada. E conversamos muito com o almirante sobre isso e tudo. Havia uma independência muito grande. Eu acho que os primeiros anos do Conselho foram anos fulgurantes.

Data: 10/08/1988

Fita 17 - Lado A

RG – Continuação da entrevista com o Dr. Carlos Chagas, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1988.

PG – O senhor estava falando uma coisa que nos interessa muito, que é, qual foi a percepção que o senhor teve dessa evolução do Instituto Pasteur, já aí no contato com o novo pessoal.

CF – Vou dizer a história. A primeira vez que eu cheguei em França, em 1937, logo depois de ter feito o meu concurso, eu fui naturalmente fascinado, era a minha primeira viagem já formado, já até professor. Antes eu tinha ido aos Estados Unidos, mas eu era menino, mas eu estava fascinado pelo aspecto científico, mas principalmente pelo aspecto literário, Proust, Mauriac, Julien Green. Eu via muito com um grupo de gente muito ligada a literatura, Almir Castro, Otávio Faria, Vinícius de Moraes e outros. E nos reuníamos muitas vezes à tarde no Amarelinho... mas um dia eu comecei a trabalhar no Instituto de Biologia Físico-Química, a gente trabalhava com o Ivo Serra (sobre isso eu tenho até detalhes interessantes para conversar), quando eu telefonei para o professor Emile Marchoux. Tem a fotografia dele aí.

Emile Marchoux tinha vindo ao Brasil naquela missão do Instituto Pasteur de [18]99 e era uma figura de uma simpatia extraordinária. E imediatamente me convidou para fazer uma visita ao Instituto Pasteur e almoçar com eles. Eu e Annah fomos almoçar com eles. Eles moravam num edifício que eu acho que era o 308 da avenida Henri de Mogerard, que era onde moravam vários dos diretores e dos chefes de laboratório do Instituto Pasteur, porque é dentro dos terrenos do Instituto Pasteur. E eu fui visitar o Instituto Pasteur. Não vi nessa ocasião a menor diferença entre o Instituto Pasteur e o Instituto Oswaldo Cruz, do ponto de vista de equipamento. E era uma fase difícil do Instituto Pasteur, a fase que ele ainda não tinha dado o desenvolvimento que ele teve depois. Eu diria que era uma fase que poderia se chamar quase uma decadência do Instituto Pasteur. Basta lembrar que o Terenee que tinha descoberto a bactéria fogos tinha sido mais ou menos expulso e havia querelas internas muito, muito grandes. A maior emoção que eu tive ao visitar o Instituto Pasteur foi realmente... primeiro a estátua do Pedro II e depois visitar o túmulo de Pasteur. Eu fiquei muito emocionado. Eu me lembro perfeitamente.

Depois nós fomos almoçar na casa de Marchoux, com a senhora do Marchoux, havia os outros professores do Instituto Pasteur que haviam conhecido o meu pai e estava a senhora do Marchoux. Que era uma senhora, uma dama extremamente simpática e já com uma certa idade como o Marchoux também, ele não era moço nessa ocasião. Aliás os dois morreram durante a Guerra. Quando eu voltei depois da Guerra eles já não eram mais vivos. Mas se lembravam perfeitamente da minha mãe, do meu pai – minha mãe ainda era viva – e contavam coisas da estada dele e ele tinha ido ao Brasil em 1899, acho que quando foi a missão do Instituto Pasteur.

PG – Foi um pouquinho depois.

CF – 1901 então.

PG – Eles vêm, durante a campanha do Oswaldo Cruz, eles vêm certificar-se se o método empregado era bom ou não, mas ele fazia relatos dessa época?

CF – Fazia relatos. Eu até me lembro de uma coisa muito interessante. Ela conta que eles foram várias vezes convidados para jantar na casa da viúva do Marechal Deodoro da Fonseca e o que impressionava muito a ela era o fato de que havia um lugar central na mesa que estava vazio, reservado ao Marechal.

RG – Ao falecido.

CF – Depois da Guerra...

PG – Mas ainda do Marchoux, que eu tinha uma curiosidade... A missão parece que teve muita... ela se sediou um pouco no Hospital São Sebastião também e houve um efeito muito importante, não só com relação à campanha, mas à própria demonstração dos métodos de laboratório e de medicina experimental que eram relativamente novos. Tinham sido... eram ainda dessa fase final da época de Pasteur. Ele se referiu a alguma coisa?

CF – Ele me referiu dizendo que não havia realmente diferença entre o que se fazia no Instituto Pasteur e o que estava se fazendo no Instituto Oswaldo Cruz. Ele achava, como eu vim a achar nessa ocasião, que a diferença entre o Pasteur e o Instituto Oswaldo Cruz era inexistente praticamente, mas depois da Guerra eu voltei e aí tive uma oportunidade muito grande porque eu fiz muita ligação de amizade com um professor que era diretor do Instituto e a senhora que era uma química também ilustre, Jacques Trefovel, que tinham sido feitos diretores... ele diretor, ela continua no laboratório. E era um casal interessante porque você sabe que quando a gente entra em contato imediatamente... Eu os levei para almoçar na ocasião que a comida era escassa no país – eu estou falando de novembro de 1946 – levei-os para almoçar duas ou três vezes em ótimos restaurantes e nós fizemos uma grande amizade.

E logo que acabou – porque eu fui convidado primeiro para uma reunião organizada no *Collège de France* onde vários cientistas do mundo apresentaram os resultados mais interessantes que tinham sido feitos durante a Guerra para fazer uma reciclagem na ciência francesa. Isso tudo encaminhado pela Fundação Rockefeller. Logo que acabou esse simpósio, eu telefonei para o Trefovel, que eu conheci durante essa ocasião e ele me levou ao Instituto Pasteur. E aí foi uma impressão de desolação total, quer dizer, falta de material completo, a única coisa que tinha era uma boa vidraria, o laboratório de química terapêutica estava funcionando muito bem porque estava ligado a uma das grandes indústrias farmacêuticas, acho que a (incompreensível), mas era realmente desolador. E praticamente despovoado. Não tinha muita gente. A mesma coisa tinha se dado no Instituto de Biologia Físico-Química.

Quando eu cheguei no Instituto de Biologia Físico-Química em que o meu equipamento aqui no Rio já era melhor do que o equipamento deles, porque eu tinha importado dos Estados Unidos, eu mesmo tinha tido a oportunidade de importar. E aí começou a se desenvolver a ciência francesa e eu pude acompanhar de perto o desenvolvimento do Instituto Pasteur, que é, sem dúvida, o organismo central de desenvolvimento da ciência biológica em França, porque foi ali que se teve a chance de se formar e ao mesmo tempo se juntar ao mesmo tempo o Morneau, o Wolfe, que é o mais velho e o Jacob. Os dois ainda estão vivos. Quem morreu foi o Morneau. E eu me dava muito principalmente como Wolfe, eu ainda me dou muito, tanto que cada vez que eu ia a Paris, a primeira visita que eu fazia era ao Wolfe. Eu estava muito interessado em tripanossomas, era especialista em tripanossomas.

PG – Os três ganharam o Prêmio Nobel?

CF – Os três ganharam o Prêmio Nobel. E havia realmente... era um grupo muito seletivo e com um pouco de... só dá confiança a gente boa, eliminando todo mundo, um certo orgulho. Uma coisa um pouco difícil de explicar, mas eu até tive uma vez... Mas eram

muito antagonísticos ao Trefovel. E o antagonismo nasceu principalmente do fato de que o Trefovel levava uma vida social muito intensa. Ia muito a jantares, ao teatro, era muito amigo de alguns dos maiores atores. De modo que levava uma vida social e eles, como tu dizia, eles eram cientistas metidos a ascetas, pois se tivessem um bom caviar, um bom *foie gras*, eles aceitavam e aceitavam um muito bom vinho, mas tinham essa coisa, mas sem justa razão. Era que já começava a se esboçar aquela profunda divisão entre esquerda e direita, que é uma das coisas que destrói em parte a França. E também nessa ocasião começa a agir com bastante impulso o chefe nacional da pesquisa científica, o Serriarèse. Foi uma época em que eu vivi muito. Uma vez por exemplo eu fui a Trefovel e disse: “Olha, Trefovel você tem que promover o Jacob”, o Jacob era chefe de laboratório e precisava passar à chefe de divisão. “Mas por que?”, “Porque ele vai ter o Prêmio Nobel” – e três anos depois ele teve o Prêmio Nobel.

PG – O senhor não teve...

CF - Não é muito fácil porque era uma coisa tão importante que eles estavam fazendo. E vários episódios interessantes. Eu fiz uma conferência nessa ocasião, lá os anfiteatros são muito cheios sempre. E foi muito interessante essa época que eu ia lá frequentemente, porque um dia eu estava trabalhando aqui e senti a necessidade de produzir um curare radioativo. E aqui não tinha instrumento químico. Eu disse: “Vou fazer isso na primeira viagem que eu for à Europa”.

E cheguei, fui a Trefoins de química terapêutica principalmente com o Beauvais que depois veio a ser sogro de minha filha, tinham preparado curares sintéticos, mas eu queria trabalhar com curares, ou sintéticos, mas também com curares naturais radioativos, mas comecei com curares sintéticos. E fui ao Trefovel e perguntei: “Como é que se pode sintetizar um curare sintético radioativo?”. Ele disse que era muito fácil. E me deu a receita. Com essa receita eu fui a um laboratório – que também tinha um laboratório lá, que ele já trabalhava em radioisótopos, do Gerard Millon, e eles prepararam o primeiro curare radioativo. E eu aí depois mandei vir para o Brasil um curare natural que nós rapidamente transformamos em curare natural radioativo. A diferença que há entre o curare natural e o curare sintético é que o curare natural tem seis grupos de hexágono e o curare radioativo só tem um hexágono. Então é uma diferença importante. Para mim era importante, porque era para localizar, e um curare menor podia dar mais...

De modo que nós fomos, o primeiro grupo a trabalhar com drogas radioativas para localizá-las no organismo. Graças ao Trefovel, que tinha uma capacidade de síntese química fantástica. Foi do laboratório dele que saíram as sulfamidas. E foi muito engraçado porque as sulfamidas foram descobertas com o nome de rubiazol pelo [Gerard] Domagk, que era um químico da Bayer alemã. E tinha a de sangue vivo, mas não tinha a de sangue in vitro. E quando chegou lá, o Mitch, que era cunhado do Beauvais, todos trabalhavam juntos, depois brigaram. Mas no momento os Mitchs e os Beauvais trabalhavam com os Trefovel. Depois brigaram, ficaram os Mitchs e os Beauvais de um lado e os Trefovel de outro. O Mitch fez a experiência e ficou tentando explicar porque. Um deles, eu não sei qual foi, disse “Isso é muito simples. É que deve haver uma enzima no organismo que divide a molécula, de modo que temos duas moléculas...” E o Trefovel sintetizou a sulfamida e viu que bastava a sulfamida para ter a ação bactericida. O que é uma coisa curiosa em ciência, porque o Domack fez uma molécula muito mais complicada, passando pela molécula de sulfamida e...

PG – E esse francês...

CF – Foi a sulfamida. E depois eu frequentei sempre o Instituto Pasteur, com muito carinho, com muito interesse. Depois houve várias dissensões importantes, inclusive essa entre o Trefovel com os... os três mosqueteiros, vamos dizer, os três que eram donos da biologia molecular, mas nessa ocasião quando eu fui, depois da Guerra, eu fiquei com uma certa dor do coração, porque uma das grandes coisas que eles faziam, tinha se feito uma super centrífuga para estudar vírus. E essa super centrífuga foi feita com um material lá e etc. e era realmente uma carroça em função das super centrífugas americanas. Mas eles tinham aquele orgulho, que aquilo era uma coisa feita pela França, com material local etc... o que era um pouco... E nessa ocasião eles começavam muito a trabalhar com o lípidos um vírus – e a grande luta que havia entre o grupo mais conservador e o grupo mais ativo é de que o grupo ativo, o grupo de Jacob... tinha um louro... quer dizer, oficialmente o Olímpio era dos nossos, mas quem era mais ativo era o Jacob, era o Bruneau. Eles queriam duas coisas: primeiro, mais verbas. Eles arranjaram principalmente dos Estados Unidos. E queriam ensinar dentro da Universidade dos Estados Unidos. E queriam ensinar dentro da Universidade para obter alunos porque eles sentiam que a falta de alunos era um handicap terrível. E o outro grupo, que era o Trefovel e o Pasteur e o Vallery-Radot, que era o presidente do conselho do Instituto e neto do Pasteur, estes achavam que o instituto não devia receber nenhuma subvenção do governo para manter a sua independência. Um, houve essa divisão...

PG – Mas já havia a associação com indústrias para a produção de...

CF – A associação foi mais tarde. Havia o laboratório de química orgânica, que foi criado por um grande químico orgânico chamado Fourneau, que foi um dos grandes químicos de síntese, e o Fourneau tinha um contrato com a Bayer. Isso era inteiramente discutido e combatido pelo resto do Instituto. Eles consideravam que a ciência não podia se ligar à indústria etc.

RG – Isso no pós-guerra?

CF – No pós-guerra. Não, a ligação do Fourneau com as indústrias vinha de antes, tanto que ele foi acusado injustamente de colaboracionista porque um dos contratos que ele tinha era com a Bayer. Mas aí ficou provado que ele não fez nenhum ato que pudesse acusá-lo de cooperação, inclusive o Trefoins, que tinha trabalhado com ele, foi um homem da Resistência ativa etc.

PG – Parece que o Vallery-Radot também era da Resistência?

CF – Muito. Teve um papel saliente na Resistência.

PG – Nós estávamos falando que, então, havia essa associação e havia uns que achavam que deviam se ligar com a universidade...

CF – Depois pouco a pouco o ponto favorável ao recebimento de auxílio do governo se fortaleceu muito. Trefoins adoeceu, retirou-se e ficou diretor honorário, uma coisa sem importância; e a coisa caminhou rapidamente. Mas aí uma coisa importante. O Morneau teve a ideia de fazer um Instituto Pasteur, em Garche, onde eles tinham as grandes fábricas. Isso não funcionou bem. Financeiramente não deu os resultados que eles esperavam. Foi aí que entrou o Merrineux, que fez uma espécie de associação com eles e depois aí embalou muito melhor e aí a coisa começou a funcionar muito melhor. E realmente hoje o Instituto Pasteur é uma das altíssimas instituições de todo o mundo. Com uma parte básica muito boa, eles têm um hospital onde fazem clínica, continuam com aquele gosto vacinogênico e têm a parte de produção de vacinas, de produção e estudos das vacinas, e tem um papel preponderante na aplicação da biologia molecular e no desenvolvimento da engenharia genética. O que é interessante no Instituto Pasteur é que, num país que é muito jacobino como a França, o Instituto Pasteur sempre foi muito aberto aos estrangeiros. Metilicoff, por exemplo, que foi companheiro de Pasteur, era um russo polonês exilado, foi o criador da imunidade celular. E assim sempre, sempre houve muitos estrangeiros. E até hoje você vê não só exemplos de brasileiros que são muito ilustres como você também encontra uma porção de cientistas americanos, ingleses, trabalhando no Instituto Pasteur.

PG – Inclusive nos cursos iniciais já havia um contingente muito grande de alunos estrangeiros.

CF – Nos cursos iniciais sim. Inclusive nós mesmos, eu me lembro muito do Osvino Pena, que foi uma das figuras intelectualmente mais importantes que eu conheci. Ele não fez um nome científico comparável ao seu valor pessoal porque ele era um dispersivo intelectual. Por exemplo, uma aula de patologia, de fisiopatologia que ele dava com os cadáveres que eu autopsiava no São Francisco. Ele chegava e já encontrava tudo preparado para ele dar aula. Era uma coisa maravilhosa. E ele era muito mordaz. Na aula dele ele conseguia provar, conseguia demonstrar aos clínicos que o assistiam, que enchiam o anfiteatro para ver, as razões pelas quais eles tinham errado o diagnóstico. Ele fazia isso com tal delicadeza que ninguém se ofendia. Era uma coisa maravilhosa. Mas eu dizia, o Osvino Pena, que fez um dos primeiros cursos do Instituto Pasteur – eu acho que foi em 1910 ou 1911 – acho que ele foi mandado pela Marinha, porque ele era médico da marinha e conseguiu ser mandado pela Marinha. Depois ele se incorporou ao Oswaldo Cruz. E pelo Oswaldo Cruz ele fez a cadeira de Anatomia Patológica em Niterói, sempre no Instituto Oswaldo Cruz, e depois ele estabeleceu uma cadeira de anatomia patológica em Belo Horizonte. Uma nova cadeira. Eu ia dizer que uma das maiores emoções da vida dele foi quando ele estava aluno no Pasteur e veio o Mitilicoff descreveu a ele, disse: “Agora eu vou contar a vocês uma grande descoberta feita no Brasil no Instituto Oswaldo Cruz, a descoberta da doença de Chagas”. Aí contou a história da doença de Chagas. Isso em 1911, 1913, poucos anos depois... A emoção... Ele tinha uma linguagem muito viva, dizia ele que tinha a impressão que estavam levantando a bandeira nacional, mas sempre teve muito... Também o Oswaldo Cruz trouxe muitos estrangeiros para cá.

PG – É interessante que há pouco registro da passagem do Oswaldo Cruz pelo Pasteur, porque ele foi como estagiário e não havia ainda um reconhecimento. É uma passagem pouco registrada.

CF – Acho que sim. Não achei nada, você achou?

PG – Não.

CF – Mas eu sei que ele fez o curso depois da morte de...

PG – É... acho que era o Hook...

CF – Emílio Hook era o diretor.

PG – O senhor se lembra de outros... o senhor tem alguma informação sobre essa passagem dele lá?

CF – Assim não tenho. Tenho a informação que você encontra no Fachonsère, no Sagilliard você tem. Assim pessoal, eu não tenho. Mas eu sei sem a menor dúvida que ele esteve lá.

PG – E de outras pessoas que venham à sua memória que tiveram passagem pelo Instituto Pasteur. Estou vendo até uma relação e me parece que a concentração maior de alunos brasileiros lá no curso era um pouco nesse período da década de 10.

CF – Exatamente. Eu, por exemplo, quando fui ao Pasteur em 37, 47, 48, nessa ocasião, em 49, em que eu fiquei seis meses em Paris, não tinha nenhum brasileiro em Pasteur.

PG – A que o senhor atribui isso? É um pouco esse estado de não reconhecimento do Pasteur, já como uma certa decadência ou é a influência americana?

CF – Eu acho que as duas coisas pesaram. Porque com a 1ª Guerra Mundial, a biologia mudou, mas mudou nos Estados Unidos principalmente. E na Inglaterra. Vocês têm primeiro a introdução da bioquímica, dos métodos bioquímicos em Clínica, em medicina. E depois tem até uma coisa muito interessante, o René Dubesse, em seu livro, ele detalha que a medicina moderna começa com a descoberta da insulina no Canadá, portanto, em 1921. E de outro lado, se nós tivemos nessa ocasião uma grande perda de... antes da guerra, muita gente foi ao Pasteur, mas depois da Guerra, entre as duas Guerras, o fluxo foi principalmente no campo cirúrgico, no campo médico principalmente, Medicina e Cirurgia, mas o Aristides Marques da Cunha fez um estágio em cultura de tecidos no Instituto Pasteur. Com um sujeito chamado Fontrune que havia aliás descrito, publicado e patenteado até um micromanipulador. Foi um dos primeiros micromanipuladores que apareceram. E esse material, foi engraçado, o Marques da Cunha trouxe esse natural para fazer cultura de tecidos e cultura de parasitos.

PG – O senhor se referiu que ele não utiliza...

CF – Ele deu o material todo para mim.

PG – O senhor acabou sendo o beneficiário.

CF – Porque foi uma época... depois da morte do meu pai, eu nem sei se deve registrar, mas depois da morte do meu pai houve um certo desânimo de alguns personagens do Instituto Oswaldo Cruz. E o desânimo era produzido primeiro porque o sujeito envelhecera. Quando eu fui aluno do Artur da Cunha ele já não era moço. Devia ser a idade de meu pai, que era moço na ocasião, mas as pessoas envelheciam, eu acho que mais rapidamente, nessa ocasião. Eu considerava meu pai, que morreu com 55 anos, um velho. E hoje aos 78, eu me considero um garoto.

RG – Porque o senhor era muito jovem. E quando a gente é muito jovem, uma pessoa de 50 anos é velhíssima.

CF – Esse foi o primeiro fator. E o segundo fator foi o fato de que os vencimentos eram muito pequenos. Embora meu pai tivesse se batido muito para aumentar os vencimentos, a única maneira de compensar os vencimentos era ou você ter um laboratório ou então você ser assistente da Faculdade. Acho que o Marques da Cunha foi assistente da Faculdade...

Fita 17 - Lado B

CF – O curso dele foi muito discutido, a entrada dele foi muito combatida no Instituto Oswaldo Cruz. Ele não era uma pessoa de fácil convivência, talvez. Não sei, eu senti um pouco quando conversei com ele, mas ele era um pouco pimpão, baixinho, gordo. Mas ele foi muito combatido. Mas quando ele fez o curso...

PG – O senhor diz a entrada dele, quando ele entra para a Universidade.

CF – Para a Universidade. Foi muito combatido, mas ele fez um curso maravilhoso.

RG – Quando ele sai. Na verdade, quando ele abandona o Instituto.

CF – Ele não abandonou o Instituto.

RG – Ele não teve que optar?

CF – Não, só optar em 1938. E eu acho que ele foi professor mais ou menos em 1929, 1928, por aí. Não, ele deve ter sido professor em 1930. Porque o curso tinha... Todo o pessoal de Manguinhos era assistente, o Julio Nunes, o César Pinto. Enfim, todas as partes especializadíssimas da Parasitologia eram dadas pelo pessoal de Manguinhos, dando um material estupendo. Era um curso maravilhoso. E eu acho que o Marques da Cunha fazia parte da... Então houve um certo desânimo com a nomeação do Cardoso Fontes. Isso se explica por dois motivos: primeiro, porque todo mundo acreditava e estava certo de que a descoberta do vírus verificado da tuberculose não era exata. Ninguém acreditava que ele tivesse feito aquilo por safadeza, que ele tivesse ludibriado. Eles achavam que era uma coisa mal feita, ignorante. Então, você compreende, aquele pessoal que tinha um valor excepcional e que fizeram... todo mundo fez, todos os técnicos do Instituto, todo o staff do Instituto fez um abaixo assinado ao Getúlio pedindo a nomeação do Figueiredo

Vasconcelos. E sai o Cardoso Fontes, que há anos estava afastado e que não era entre eles considerado um cientista de grande merecimento! Foi uma espécie de desânimo que invadiu muitos daqueles elementos do Instituto. Não se pode falar em decadência, mas havia um certo desânimo etc. Acho que os dois fatores que influenciaram isso foram esses dois.

PG – E as nomeações até aquele período tinham quase um caráter permanente.

CF – O sujeito era nomeado permanentemente. Houve duas ou três nomeações que foram muito discutidas. E as nomeações do tempo de meu pai eram assim: a pessoa era nomeada pelo Presidente da República. Discutiu-se muito por exemplo a nomeação do Xavier, que depois veio a ser diretor. Quando eu fui contratado, o pessoal do Instituto ficou muito... o pessoal que não era do meu pai achou que aquilo era um filhotismo inexplicável. Felizmente eu demonstrei que também não era tão inexplicável assim.

PG – Eu tinha uma pergunta que salta um pouco esse período. Mas o senhor já se referiu a algumas crises do IOC, inclusive a sua participação nessas crises, em que o senhor é chamado a propor um novo regimento para o Instituto, a articulação. E houve uma coincidência muito interessante agora, que o Luís Fernando, do Museu [da Fiocruz], vasculhando o material de um bazar de caridade, encontrou uma agenda referente ao primeiro semestre de 1953 e, lendo aquela agenda, ele verificou que era uma espécie de um diário do Heráclides [Cesar] de Souza Araújo.

CF – Quer era uma figura estranha.

PG – Pois é. Eu queria que o senhor falasse do Heráclides, porque ele se refere nesse período, ele é muito relacionado, fala de muitas ligações com a área do Ministério de Relações Exteriores, com deputados e também parece que a pessoa muito raivosa do ponto de vista da relação de um anticomunismo ferrenho. E, ao mesmo tempo, ele se refere – é aí que eu queria chegar – em 1953 várias vezes à crise do Olympio da Fonseca, à crise do IOC. que vai dar depois na saída do Olympio da Fonseca, e ele fala dos grupos dissidentes do Olympio da Fonseca e fala da intermediação, da interferência do Almirante Álvaro Alberto do CNPq, numa comissão que estaria reestruturando... O senhor podia comentar um pouco isso aí?

CF – Posso comentar mal, porque realmente é uma fase que eu não me lembro bem, porque não é uma fase que tivesse com íntimo contato com o Olympio. Do Souza Araújo, eu posso falar. Era um sujeito extremamente relacionado, relacionado através da política do Paraná, ele era considerado uma espécie de grande cientista do Paraná, que tinha uma qualidade de trabalho extraordinária. Era um homem muito assíduo. Acho que era um homem rico, tinha uma casa estupenda na Av. Pasteur, acho que é ali onde tem o cinema Veneza, por ali. Era um homem muito trabalhador, um homem que discutia com uma certa violência, mas com uma certa articulação. Tinha capacidade de diálogo e uma penetração boa e era muito criticado pelo grupo mais brilhante do Instituto, que era o grupo de Osvino Pena, do Miguel Osório, do Costa Cruz. Era um grupo que o criticava muito porque ele fazia muitas viagens. Ele tinha bastante influência, não só porque tinha dinheiro, como arranjava com facilidade dinheiro do Instituto, mas também dinheiro do Ministério das Relações Exteriores.

Uma vez ele fez uma volta pelo mundo, publicou um relatório que está nas *Memórias* [do Instituto Oswaldo Cruz], mas que tem certas coisas ridículas, como o menu, o cardápio do almoço que o filho do Imperador, não sei que, ofereceu a ele no Japão, mas a grande qualidade dele era o esforço. Ele não tinha medo de leproso. Tratava o leproso, ele pegava a gente, eu me lembro, ele deu curso de Leprologia, abraçava os leprosos etc. E a vida toda ele teve um ideal, que ele chegou a pensar que tivesse alcançado, que era... ainda havia uns pontos importantes em Leprologia, mas ele cultivava a segurança. Então, esses episódios são interessantes. Um episódio que uma vez eu vim com a minha mulher, noivos - nós não éramos casados – para mostrar o Instituto a amigos dela, o embaixador Freitas Vale e a mulher. E nós visitamos o Instituto inteiro e quando chegamos lá em cima, onde hoje é a diretoria, tinha um quarto que era o quarto de Oswaldo Cruz que meu pai tinha guardado religiosamente. E o Souza Araújo tinha ocupado o quarto para fazer o escritório dele. Quando nós descemos e fomos conversar com meu pai eu estava trabalhando. Eu estava trabalhando lá, mas era minha noiva e dois casais que ela tinha trazidos. Ela disse: “Achei muito interessante – e sem nenhuma maldade – aquele senhor tão simpático que está estudando lepra que eu encontrei no 4º andar”. Meu pai disse: “No 4º andar, como?” Aí meu pai despediu-se rapidamente, foi lá para cima e teve um atrito violentíssimo com o Souza Araújo. Outra vez foi um atrito comigo. Eu tinha um carro muito pequeno e de repente eu vejo um carro enorme atrás de mim, ali na... – hoje corresponderia àquela ponte da estrada em que você vai, vamos dizer, do Castelo para a Avenida Leopoldo Bulhões. Por ali que a gente saía. Aquela avenida, Leopoldo Bulhões e a Avenida Brasil são coisas recentes relativamente. Foi exatamente em 1942, quando meu irmão tinha morrido. E quando eu vejo, ele sai do automóvel e me faz parar e sai bufando... É que eu tinha deixado escrever um artigo para as *Memórias* em que a grafia de xistossomose é esquistossomose. E ele ficou uma fera, ele quase que me agrediu quando eu tentei defender aquela...

PG – Ele queria manter a grafia latina.

CF – Latina. Ele ficou furioso. Eu pensei realmente que ele fosse ter um acesso. Agora, ele tinha qualidades. Ele tinha um aspecto ridículo, vamos dizer assim, que anulava muito a personalidade dele. Vaidade, né? Primeiro ele estava sempre alinhadíssimo, mas principalmente nesses artigos, relatórios que ele fazia questão de publicar, tinha aspectos que eram inteiramente não condizentes com o relatório científico.

PG – Isso publicado nas *Memórias*?

CF – Publicado nas *Memórias*. E o pessoal ria às gargalhadas e etc. porque havia uma autocrítica dentro do Instituto, principalmente desse grupo. Era um almoço que eu comecei a frequentar mais tarde, levado pelo Miguel Osório, que era o Miguel Osório, o Carneiro Felipe que não dizia nada, o Luis Felipe Kenon, o Júlio Muniz às vezes, mas nem sempre, o Astrogildo Machado, o Costa Cruz, esses eram os que vinham. Raramente o Costa Lima, porque ele era um sujeito que não saía do laboratório. Ficava metido no laboratório e quem quisesse ia falar com ele. E eram então críticas e mais críticas. Eles malhavam o pessoal de fora. Sempre. Eles malhavam também o pessoal de dentro que não estivesse absolutamente dentro de uma linha científica extremamente rígida e rigorosa.

PG – E a área de hanseníase era considerada como uma coisa de dentro do Instituto ou estava...?

CF – Dentro do Instituto. O que atrapalhou muito a vida do Instituto foi o Pinotti. Quando ele começou a criar institutos especializados, de malária, Instituto de lepra, instituto de tuberculose. A parte básica dessas endemias, que devia ser estudada dentro do Instituto Oswaldo Cruz, deixou de ser estudada. E por isso que naturalmente o Instituto ficou principalmente um instituto de ciências básicas.

CF - Área de saúde pública.

PG – Agora, esse período de 1953 o senhor não participou muito não?

CF – 1953 foi o ano...

PG – Esse conflito e...

CF – O conflito foi o seguinte. Você sabe que a lista que foi... eu estava na lista. Era Miguel Osório, Olympio da Fonseca, e eu. Os três nomes que foram para – em 1953, era o Getúlio – o Getúlio nomear. Curiosamente todos três tínhamos um título comum, que era o de Doutor *Honoris causa* da Universidade de Paris. Digamos, todos os três tínhamos títulos. Eu tinha menos títulos que os outros, mas tinha muito mais experiência de administração científica do que os outros. O Getúlio escolheu o Olympio e escolheu, a meu ver, porque parecia bem, mas o Olympio ficou num certo desvario porque ele quis repetir em Manguinhos atual exatamente os ideais do Oswaldo Cruz, que tinha feito Manguinhos numa ocasião em que não havia nada fora de Manguinhos. Por exemplo, ele quis fazer uma Biologia marinha, que é uma coisa muito importante, mas não está ligada aos problemas mais diretos do Instituto Oswaldo Cruz. Quis fazer...

PG – É surpreendente isso. A gente vê em fase bem recente a parte de hidrobiologia ainda constando como uma área de Manguinhos.

CF – O que ele queria fazer era colocar um reator nuclear dentro do Instituto.

PG – Um reator nuclear?

CF – É. Ele criou... tentou criar a microscopia eletrônica. E, de uma maneira... vocês conhecem como foi a história?

PG – É, mas o senhor conta de novo.

CF – Ele me pediu que eu indicasse a microscopia eletrônica. Eu disse: “Compre todos, mas não compre o RCA Victor, que é uma coisa que nos Estados Unidos ninguém mais está usando”. Aí ele não só comprou como tirou... era um biscateiro que se chamava Hans Mutt, que era um sujeito que consertava os meus aparelhos elétricos, às vezes. Quando eu ainda não tinha... só aparelhos de um certo porte que ele levava. Era um alemão estranhíssimo que morava em Santa Teresa, tinha uma casa muito bonita em Santa Teresa,

sozinho, com uma característica essencial: a casa dele tinha cobra por toda a parte. E segundo, ele só se alimentava uma vez por dia. Água, café, nada disso. Era uma vez por dia. De manhã ele comia, tomava água, tomava café e depois era só no dia seguinte. Aí o Olympio me disse: “Eu comprei um microscópio e tal, porque tive uma oferta e vou chamar o Mutt”. Eu disse: “Não vai dar certo, não”. Ele ficou convencido de que eu estava dizendo isso porque eu tinha naquela ocasião o monopólio da microscopia eletrônica. Eu tinha o monopólio quase que no Brasil. E não deu certo, porque a primeira coisa que o Mutt fez foi desmontar o aparelho.

PG – E ele continua desmontando hoje...

CF – E ele não conseguiu remontar nunca. Além do mais, foi um aparelho comprado já, dessas coisas que os americanos ou os ingleses, os russos, todos os países desenvolvidos impingem aos países subdesenvolvidos. E ele tinha realmente um grande prestígio com o Almirante. Um dia o Almirante me chamou lá e me mostrou a reforma que...

PG – Como é que o Almirante foi chamado a intervir? O Getúlio podia...

CF – Eu acho que sim. Eu acho que foi o Olympio que pediu a ele e ele, com o apoio do Getúlio, interveio. É interessante essa... o Olympio, por exemplo, fez coisas incríveis. O Póvoa. Ele trabalhava comigo. Eu fui à Europa; ele foi lá e deu uma bolsa para o Mariano Póvoa que era o dobro do que eu dava. Coisas assim. Ele tinha uma certa relutância em me aceitar. Nós nos dávamos admiravelmente bem, ele vivia lá em casa, eu ia na casa dele etc., mas profissionalmente havia sempre essa certa relutância de aceitar o meu sucesso, vamos botar assim.

PG – Inclusive na Universidade também?

CF – Foi uma coisa incrível. Ele tinha um microscópio e eu estava trabalhando... Durante a Guerra... porque nessa ocasião, foi uma ocasião em que ele deixou Manguinhos em parte, porque ele foi ser diretor médico de uma companhia, a Spiro. E eu estava trabalhando numa coisa muito interessante, que era um esforço de guerra. Que era, com o Paulo Seabra, fazer coloides de quinino porque a quinino estava faltando. Você sabe, sintetizaram 50 mil produtos antimaláricos. Desses 50 mil produtos, apenas três ou quatro foram eficazes. E a quinino coloidal é um negócio fabuloso. Você com um centésimo que você precisa daquele quinino coloidal, você acabava com o acesso de malária. E aí eu precisei utilizar – ele tinha um microscópio fantástico, Zeiss, e que tinha campo escuro e eu não tinha no meu setor – aí pedi a ele e ele se recusou terminantemente. Eu fiquei bestificado. “Mas Dr. Olympio, isso é um esforço de guerra que nós estamos fazendo aqui, eu prometo ao senhor que não acontece nada com o seu microscópio. Nós sempre trabalhamos com instrumentos muito mais complexos do que esse”. Eu me lembro que nessa ocasião eu estava trabalhando com um interferômetro ótimo, que era um negócio complicadíssimo – hoje nem se usa mais. Mesmo assim não houve jeito de eu convencê-lo. Era um princípio de que você tem...

PG – Mas o senhor ia dizendo que num certo momento o Almirante lhe chamou...

CF – Ele me chamou e foi num momento em que eu ia embarcar para a Europa. Foi o dia que o navio me esperou, ainda no navio. Foi em 1953... acho que foi antes. O Almirante me chamou para eu examinar o projeto do Olímpio de reforma do Instituto. Aí eu disse ao Almirante: “Eu não quero aceitar isso por duas razões: primeiro, porque eu não tenho tempo, porque eu estou embarcando hoje e depois como eu fiz... esse é um regimento que é evidentemente contra o regimento – porque o regimento que está em vigor foi o que eu tinha feito com o Capanema, então qualquer coisa que eu seja contra, o dr. Olympio vai pensar – eu o chamava de dr. Olympio – que eu estou fazendo isso porque... estava corrigindo os erros do...”. Mas eu tinha pelo Olímpio um certo carinho, certa ternura e via o fato de que ele foi de uma dedicação com o meu pai – a vida toda – extraordinária. Isso você não esquece. Ia lá em casa, durante a campanha na Academia ele escreveu uma carta, foi lá em casa várias vezes e estava sempre presente nas dificuldades do meu pai. Em Manguinhos ele ficou sempre numa posição muito favorável ao meu pai, de modo que eu nunca quis fazer, eu aceitei sempre, vamos dizer, as suas coisas, porque eu considerava que aquilo era de ciúmes. Então não podia esquecer o relacionamento dele com o meu pai. Um dia por exemplo ele me procurou lá no Instituto e disse “Carlinhos” – ele me chamava de Carlinhos – eu vim aqui protestar (porque você está desmerecendo o título de professor catedrático”. Eu disse: “Como, dr. Olympio?”, ele disse: “Você vai a toda parte pedir dinheiro, verbas etc. Nós, catedráticos, temos que esperar que as verbas venham a nós”. Eu disse: “Ah, perfeito”. Não discuti com ele. Porque foi uma ocasião em que eu tinha muita influência no DASP com o Luís Simões Lopes, de modo que, por exemplo, o concurso de Manguinhos foi feito sob a minha influência quando o Rocha Lagoa foi nomeado. E eu tinha influência para arranjar verbas orçamentais. E naquela ocasião os deputados podiam doar parte da... até 600 mil – a gente até esquece qual é o dinheiro, já era cruzeiro, 600 mil cruzeiros.

RG – Nessa época era cruzeiro.

PG – Eu queria voltar, porque eu achei muito interessante aquela descrição que o senhor fez no pós-guerra no Pasteur. E ali tem alguma coisa que eu queria ver, que é o seguinte: Eles se referiam no período da ocupação?

CF – Sim. Eles se queixavam das dificuldades enormes que eles tinham tido, a perseguição etc. Aí tem várias histórias muito dolorosas, que eu volto a elas num instante. Mas eu acho que o que fez a revolução da ciência francesa foi o fato de que os franceses foram bastante inteligentes para verificar que sem o apoio norte-americano eles não podiam... e aí se voltaram, os outros se voltaram para os Estados Unidos e passaram a ir aos Estados Unidos.

PG – Com o apoio da Rockefeller...

CF – Com o apoio da Rockefeller, trazer recursos dos Estados Unidos. A situação antiamericana ainda depois da Guerra é de tal ordem em 1947 exatamente, que eu estava em Paris como o Miguel Osório – fins de 1946 -, e um grupo de cientistas mais ou menos da esquerda, do Partido Socialista que se chamava assim SFIO, não eram nem comunistas, tinha um ou dois comunistas, mas eram a *Société Internationale... Section Française Internationale e Voyeur*, SFIO. Eram todos socialistas, muito jacobinos etc. E nessa reunião que nos foi oferecida – eu me lembro muito -, o Miguel Osório que era muito francófilo, eu

também sou francófilo, mas não sou antiamericano, é coisa diferente. Uma coisa... porque o que eles disseram mal dos Estados Unidos foi de estarrecer e o Miguel Osório ficou rubro de raiva. Eu também, porque num país que tinha saído da guerra e só se ouvia que a Fundação Rockefeller tinha dado isso, tinha dado aquilo, tinha restaurado isso, tinha restaurado aquilo etc. E o museu de não sei onde, de Oklahoma ou de Tulsa, tinha trazido não sei o que para o museu de... Enfim... E eles, pá-pá-pá. Eu e o Miguel Osório ficamos que você não pode imaginar. O Miguel Osório estava sentado à direita da anfitriã e eu, sentado à esquerda – e ela era uma das mais violentas. Nós ficamos realmente estarrecidos. Que país é esse, que recebe tudo isso dos Estados Unidos e continua...? Porque o sujeito combate os Estados Unidos, as multinacionais que são fenômenos posteriores e esses... Nessa ocasião, não. Nós tínhamos acabado de participar desta reunião em que a Rockefeller tinha trazido todos os expoentes da ciência mundial para fazer uma reciclagem na ciência francesa. Era um negócio realmente extraordinário. Mas a situação era muito difícil. A recuperação da França científica foi primeiro devido à compreensão de que eles viam que não podiam viver isolados e depois do apoio inicial houve um segundo, que foi o apoio que o De Gaulle deu. De Gaulle deu um apoio enorme. E houve realmente a compreensão que você tem que concentrar um esforço máximo na formação de pessoal.

PG – E aí no caso o Instituto Pasteur era considerado um dos focos principais de...

CF – Focos principais de renovação.

PG – Havia uma política definida de...

CF – Era porque... A gente quando fala na Sorbonne enche a boca, mas a Sorbonne nunca contribuiu... A universidade francesa contribuiu muito pouco para o desenvolvimento intelectual francês. E a razão disso é que as universidades francesas não têm número próprio, o número é limitado. Então você pega todas as grandes figuras da França, de todos os ramos. 80% deles saem das chamadas grandes escolas, que no caso da Física é a Escola Politécnica chamada Chise, que é até uma escola militar no sentido que os estudantes têm farda e a Escola *des Ponts et Chaussées*. São várias escolas. E a escola normal dentro da Universidade, que é a escola chamada (incompreensível) porque essa de 120 é que formou os melhores físicos, os melhores químicos e os melhores biólogos franceses.

PG – Que era a tradição Museu Pasteur também.

CF – Museu Pasteur. Pasteur e tudo. Onde o Pasteur trabalhou também. E aí realmente a Universidade... Eu, por exemplo, tem um curso que eu dei aí na Faculté de Ciências, foram dez aulas. Eu, muito astuciosamente, fiz questão de dar as minhas aulas na hora das aulas dos franceses, substituindo os professores. Senão, não tinha ninguém. E tinha gente sempre. O anfiteatro repleto. Para você ter uma ideia, na saída do professor tinha escrito assim: “O professor só recebe alunos nos sábados, das 2 às 4”. E a audiência era muito engraçada. Tinha meninas de 17, 18 anos misturadas com freiras, com os militares, aposentados etc. E quando eu comecei a fazer perguntas para saber se as pessoas estavam entendendo, aí foi uma coisa extraordinária.

PG – Um tipo de relacionamento que não existia antes.

CF – Que não existia antes. Tem um outro episódio...

Fita 18 - Lado A

PG - Experiência na Academia Brasileira de Ciências, depois com as outras instituições de caráter internacional em que o senhor esteve envolvido, a UNESCO, a Academia Pontifícia, a Academia de Ciências do Vaticano. Aí pegar o seu lado mais ligado a algumas instituições científicas e no caso brasileiro seria só a Academia Brasileira de Ciências e depois pegariamos...

CF – O Conselho. A minha vida no Conselho.

PG – No Conselho. Aí pegar o seu lado mais universal e mais...

CF – Onde é que eu tinha terminado mesmo?

PG – O senhor estava falando das aulas, do tipo de relacionamento.

CF – Eu queria contar um caso para vocês verem como era o ensino em França. Isso se deu em 1949. Não, foi até mais tarde, já foi em 1966. Quando eu já era embaixador na UNESCO. Apareceu um rapaz, me pareceu muito bom, que tinha feito a escola de *Ponts et Chaussées*. Ou a escola de eletricidade, eu não me lembro bem, mas que queria fazer biologia. Chamava-se Pimentel de Souza, hoje ele é professor em Belo Horizonte, muito bom, aliás. Foi muito engraçado. Apareceram dois elementos que me procuraram e um tinha muitos títulos, ele chamava-se Washington Lenine não sei de que. Era um camarada que tinha sido apanhado pelos russos, tinha sido levado para a Universidade de Lumumba, que não tinha escola, não tinha grau nenhum no Brasil, acho que tinha um princípio do 2º grau. E ele queria voltar ao Brasil. Eu disse: “Olha, você não volta já não. Primeiro, com esse nome Washington Lenine não vai se dar bem com o regime militar. E, segundo, você não tem grau nenhum. Você tem que ter um grau. Mas eu vou arranjar uma bolsa para você.” E arranjei uma bolsa para ele na Organização Mundial de Saúde. E ele ficou... algum tempo sumiu porque perdeu-se na Revolução Francesa, na revolução de 1968. Completamente. E aí eu vi uma coisa engraçada. Os documentos que ele trazia, segundo o professor Fessart, eram documentos que só podiam ser falsos porque ele não sabia nada de nada. Então tinha sido mandado para voltar para o Brasil, não sei para que. O outro era esse Fernando Pimentel de Souza que eu tive muita dificuldade de arranjar a bolsa, porque ele mudava de eletrotécnico, de especialista em eletricidade, para biologia. Mas consegui arranjar uma bolsa e ele foi fazer cursos na Faculdade de Ciências na Universidade de Rosset, que é pertinho de Paris. E aí deu-se um fato curioso. Ele foi me ver um dia e disse assim: “Olha, o professor conhece o fulano de tal?” Eu disse que conhecia bem. Chamava-se Pierre Rombac. “Ele vai me reprovar. Já declarou que vai reprovar, não me suporta de Huxley e (incompreensível) eu pedi a palavra e mostrei a ele que a equação não estava certa. Que o senhor tinha me dado o original do trabalho dele e eu mostrei para o Huxley e mostrei que não dava. Aí eu chamei Madame Fessart que era muito amiga desse camarada,

ele tinha trabalhado com ela – e nós saímos de Paris e fomos assistir o exame dele. E porque não estávamos presentes, ele foi aprovado com a nota mínima, depois de um brilhante exame. Isso foi exatamente antes da Revolução de 68, portanto, em 1967. E mostrando, portanto, o que era o ensino na Universidade. Isso para confirmar aquilo que eu dizia que a Universidade realmente tem uma importância muito pequeno. Por exemplo quando [Irène] Joliot-Curie fez a primeira pilha atômica, 80% dos físicos que ele utilizou vinham da Escola Politécnica e não da Faculdade de Ciências. Então isso dá a vocês uma ideia da pouca importância que tinha a Universidade.

PG – Mas o senhor falou do movimento que o Morneau, o Wolf e o Jacob fizeram no sentido de se associar à Universidade. Quer dizer, houve estas pontes entre o Pasteur e a...

CF – Sim. Até hoje existe. O François Grout passou a ser professor do Collège de France. Alguns deles foram para o Collège de France. Eu acho que outros foram para a Sorbonne, para a Faculdade de Ciências – hoje é Faculdade de Paris, número 6. Porque realmente naquela base de que sem o ensino você custa muito a desenvolver uma instituição. E o curso do Instituto não é bastante para formar uma base de maneira geral.

PG – Ao mesmo tempo era um curso mais aplicado também.

CF – Acho que até hoje é um curso de microbiologia aplicada.

PG – É, por muito tempo ele foi.

Data: 02/09/1988

Fita 18 - Lado B

RG – Hoje é dia 2 de setembro de 1988. Continuação da entrevista com o Dr. Carlos Chagas Filho. Na vez passada a gente estava falando sobre o Instituto Pasteur, o senhor lembra, não? Ficamos em torno do Pasteur, das várias visitas que o senhor fez ao Pasteur em diferentes épocas de sua vida. Hoje eu gostaria de retomar em torno dessas questões até que o senhor estava falando agora da Pontifícia Academia de Ciências, para o senhor contar um pouco mais para a gente; o senhor já mencionou, um pouco mais a sua participação na Academia. O senhor foi vice-presidente na década de 50, depois presidente na década de 60.

CF – Eu fui presidente em 1964. Não sei se fui vice-presidente.

RG – Isso são dados que a gente tem.

CF – A Academia de Ciências, eu comecei a tomar conhecimento dela mais ou menos no fim da década dos 30, quando eu comecei a querer apresentar trabalhos lá. E nessa ocasião a Academia se reunia na Escola Politécnica à noite. Eu tinha tido sempre uma certa diferença, distância da Academia, porque eu não sabia bem quais tinham sido os motivos pelos quais meu pai não tinha nunca querido participar da Academia Brasileira de Ciências.

Mas, pouco a pouco, eu fui vendo a necessidade de eu me aproximar, apresentar trabalhos, que era a única coisa que havia no Rio. Eu comecei a ir lá e conhecer as pessoas que comandavam a Academia que era o Álvaro Alberto, seguido do Oliveira de Menezes. Os dois tinham sido professores da Escola Naval; o Azevedo Amaral que também tinha sido professor da Escola Naval; o Azevedo Amaral que também tinha sido professor da Escola Naval e depois veio a ser reitor da Universidade alguns anos mais tarde e o Artur Moses. A Academia era realmente uma reunião científica em que as pessoas apresentavam trabalhos e era muito cacete, porque um apresentava um trabalho de fisiologia, outro apresentava... e etc.

Um dia eu resolvi fazer uma apresentação das propriedades elétricas do poraquê. Isso teve assim uma certa repercussão; expliquei bem o que eu tinha feito, o que eu pretendia fazer. E uns dias depois – portanto em 1940 – o Álvaro Alberto me telefonou dizendo que eu tinha sido nomeado, eleito acadêmico. Na verdade, não era propriamente uma eleição, era mais um arranjo com aquele grupo que comandava e não se votava, ao que eu penso. Mas era um grupo muito fino, muito interessante, principalmente porque não eram propriamente cientistas, eram principalmente professores de ciências, mas eram todos muito apaixonados pela ciência. Mas tinham ali alguns cientistas verdadeiros como Nina Ribeiro – Nina Ribeiro acho que era como ele se chamava, ele era ectiologista do Museu Nacional, Betim Paes Leme, que era um homem do Museu Nacional também, o Lélío Gama que era um grande astrônomo, talvez o maior astrônomo que o Brasil já teve. E anteriormente havia outros professores importantes que tinham sido membros da Academia. As reuniões se passavam duas vezes por mês e o que era muito interessante era que depois íamos todos do Largo de São Francisco para os bares do Hotel Avenida, onde tinham dois bares muito simpáticos e era interessante porque havia uma grande mistura dos mais moços com os mais velhos. Eu me lembro muito de conversar com o Miguel e outras pessoas.

O Miguel eu já tinha conversado muito como ele porque quando nós vínhamos de Manguinhos ele ia muitas vezes a um bar do Restaurante Rainha, na rua da Assembleia. E eu me lembro por exemplo do (incompreensível), presente, Walter Oswaldo Cruz às vezes e era muito interessante porque não havia realmente uma diferença entre gerações. E eu sempre dei toda a força à Academia, o pessoal apresentava na Academia, eu levava todos os estrangeiros que vinham ao Brasil à Academia. Me lembro de alguns muito importantes como por exemplo o Jean Bernard, que fez uma conferência fantástica sobre leucemias. E assim uma série sob aspectos científicos que eram conhecidos sobre leucemia na ocasião. E era realmente muito interessante. Depois eu quis muito que o Artur Moses – e levei-o pessoalmente – comprasse uma casa na rua Dona Mariana que era uma casa estupenda, que havia sido de um oftalmologista – como ele se chama mesmo, depois o nome virá -, e que depois foi vendida para a Embaixada Russa. Era uma casa esplêndida, pois tem um prédio central e depois tinha assim um anexo onde se poderia fazer a biblioteca e até se podia fazer – como eu imaginava – cômodos, apartamentos para professores visitantes e que custava Cr\$ 6.000,00 na ocasião. Mas o Moses não aceitou e quis fazer, com grandes dificuldades que custou Cr\$ 15.000,00, aquele edifício onde está a Academia hoje. Aquele andar. Evidentemente Cr\$ 6.000,00 que era quanto se pedia pela casa – a casa pertencia ao Paulo Filho, que era um grande oftalmologista e que ainda vive hoje. E evidentemente as obras iam custar pelo menos o dobro. Mas foi uma pena que ele não quisesse fazer isso, porque realmente daria à Academia um outro sentido. A gente poderia com facilidade encostar o automóvel etc., enfim, todas as vantagens. Além do mais, para ele, ainda era muito perto da casa dele, mas ele não aceitou. Eu até durante um certo tempo fiquei um pouco – não direi

que me afastei, mas achei que era uma ideia que me parecia tão boa, mas aí eu voltei à carga com ele um dia porque eu fiz uma análise, simples aliás e verifiquei que 80% das contribuições à Academia eram feitas por não membros da Academia que eram apresentados por acadêmicos. Então eu propus a ele que o que seria interessante fazer seria, a meu ver uma classe de jovens que foram nomeados como membros associados. E me bati muito tempo pela reforma dos estatutos. A reforma dos estatutos saiu, mas não exatamente como eu a desejava. Eu queria uma Academia aberta, sem limitações. A limitação apenas dada pela escolha...

PG - A Rose está com alguns livros seus. Peguei essa aqui que abri...

RG – Por uma Academia Aberta, mas não foi o que prevaleceu...

CF – Não, eles aí fizeram a reforma. Aliás quem escreveu muito a reforma foi o Almirante Otacílio Cunha, ajudado muito pelo – acho que foi ajudado pelo Haity. Porque o que acontecia, que eu tinha visto na França, é de que você ter sessões na Academia é muito ruim porque você tem... por exemplo, na Academia de Ciências de Paris, naquela ocasião – isso hoje aboliram – veio uma sessão de geografia. Então, o sujeito que era geógrafo rapidamente podia chegar à Academia, mas o sujeito que não era geógrafo não podia. O sujeito que era biologista só tinha um pequeno lugar. Só tinha cinco vagas. Então o que eu queria é que não houvesse sessões, mas eles mantiveram as sessões.

PG – Sessões aí significam tanto parte da estrutura e as reuniões em que são feitas comunicações.

CF – Parte da estrutura principalmente.

RG – Esse era o modelo francês então.

CF – Era um pouco o modelo francês, mas também eu queria o modelo da Royal Society, que era fixar um número de vagas todo ano, nos anos sucessivos, e eleger esse número de vagas. Esse número de vagas foi fixado em seis ou sete, uma coisa assim. Não sei bem, mas é inteiramente insuficiente, tanto que nós vemos que, por exemplo, o (incompreensível) Pereira não é da Academia e o Morel, o Galvão e muitos aqui não são da Academia. São membros associados porque eu acho que deve ser o seguinte: a Academia deve ser aberta e ter a coragem de não aceitar aqueles que não merecem. Então, se tiver 20 candidatos bons, aceita os 20 candidatos. E esses candidatos não são apresentados por si mesmos. Devem ser apresentados por uma comissão de candidaturas. E aí apresentado a todos os membros que votam ou não, mas houve realmente essa reforma que foi importante, eu acho. É preciso não esquecer que o Moses foi uma pessoa muito importante para a Academia. E inclusive o simples fato dele ter com um esforço gigantesco, mantido a publicação dos anais da Academia durante todos esses anos e realmente muito louvável. Agora as pessoas não... a inércia das ideias é muito grande sempre. De modo que a pessoa não dá o pulo para modificar, o que é muito importante. Eu aí também não podia prestar muita atenção à Academia porque eu era diretor da Faculdade. Eu ia às sessões, mas não tinha tempo de conversar com o Moses. E de repente o Moses me telefona, me pediu para eu ir lá. Eu fui lá, em 1964 eu acho. Foi em 1964. Fins de 1964. Eu fui lá e ele me disse que ia deixar a

Academia e queria que eu substituísse. Eu fiquei até surpreso, porque nossas relações eram boas, amigáveis, mas não... tinha havido sempre o episódio dele com meu pai.

PG – Pois é, eu queria até que o senhor se reportasse depois a isso.

CF – Eu fui e depois veio a eleição e eu fui eleito presidente. O episódio do meu pai com o Moses é um episódio um pouco estranho. Porque, eu já contei mais ou menos como a coisa se passou. O Moses conseguiu no orçamento a sua nomeação para o Instituto. Ele pediu ao Oswaldo Cruz – tal como eu sei – uma carta dizendo que ele prestava serviços ao Instituto, estava trabalhando lá e que era competente e eficaz. Com essa carta, ele foi ao Herbert Moses. Então, o Herbert Moses inseriu um texto do orçamento a nomeação dele para o que é hoje o Instituto Oswaldo Cruz. Com os senadores. Mas a lei orçamentária não obriga; é uma lei que a pessoa pode seguir ou não. E o Oswaldo Cruz se recusou. E aí se formou uma verdadeira luta dentro do Instituto, uns que eram a favor da nomeação, outros que eram contra etc. Depois Oswaldo Cruz morreu. Isso foi no orçamento de 1917. E meu pai ficou com aquela batata quente na mão, mas não queria desfazer a opinião do Oswaldo Cruz e também acho que não tinha um especial amizade. Mas também não tinha antipatia pelo Moses. Nunca o vi falar mal do Moses assim abertamente. Aí, para resolver a questão do Moses, meu pai foi ao José Augusto, que era Ministro da Agricultura, e criou-se um laboratório de biologia animal na Avenida Maracanã, para o qual o Moses foi nomeado. Em condições superiores à nomeação dele para o Oswaldo Cruz, porque se ele fosse nomeado para o Oswaldo Cruz ele seria assistente de laboratório. E lá ele foi nomeado chefe de serviço. Mas acho que ele não perdoa meu pai não o ter nomeado.

O fato é que quando veio a luta na Academia, ele se colocou muito ao lado dos contestadores da doença de Chagas. E aí o Bentinho, filho do Oswaldo, escreveu uma carta que foi publicada no jornal – você deve ter lido, talvez – dizendo que nunca tinha ouvido isso na casa dele, que aquilo era uma mentira etc., etc., mas não satisfeito com isso ou não satisfeito, ele não procurou, mas houve um acidente. Naquela ocasião havia duas ou três casas de chá que eram muito frequentadas. Uma era na Avenida ao lado do edifício que foi do Jornal do Brasil, tinha o cinema Pathé, e tinha essa casa de chá que eu acho que se chamava Palace, eu não tenho ideia. O fato é que o Bentinho encontrou-se com o Moses e o agrediu. De certo que era uma agressão um pouco, eu diria, desigual. O Bentinho, embora baixo, era um homem muito forte, encorpado. Cabeça muito bonita, muito amável, muito simpático. Das pessoas mais simpáticas que você possa imaginar, mas aí ele resolveu, agrediu mesmo, chamou ele de mentiroso etc., e houve um atrito e os jornais publicaram isso muito. Era, vamos dizer, um motim, uma fofoca admirável, porque o Oswaldo tinha aquela projeção, o Bento era casado na alta sociedade com uma moça deliciosa, Maria Luísa Proença. Então, aquilo fez um grande furor.

PG – Isso foi logo após a morte do Oswaldo?

CF – Não, porque o Oswaldo morreu em fevereiro e isto deve ter sido mais ou menos em fevereiro... Não, o Oswaldo já havia morrido há mais tempo. Oswaldo morreu em 1917. E isso se passou em 1921. De modo que foi muito tempo depois.

PG – Eu tinha uma curiosidade, quando o senhor falou do momento em que o Oswaldo se recusa a nomear o Moses, o senhor disse que há uma divisão dentro de Manguinhos, dos

que apoiam, dos que são contra. Há referências nesse período em que o Oswaldo Cruz ainda está vivo na direção do Instituto de uma manifestação mais aberta de dissensões dentro de Manguinhos?

CF – Não, a dissensão em Manguinhos não começou com o episódio Moses não. Começou com o episódio das vacinas.

PG – Sim, já desde o processo de...

CF - ... royalties...

PG – Da questão das patentes, dos royalties.

CF – Não, a questão é dos royalties. A patente... havia duas ou três correntes. Uma corrente que era contra a brevetação, contra a patente e tal, a patente, eu não sei bem como... e havia corrente que foi capitaneada principalmente pelo Cardoso Fontes, que sustentava que a renda interna devia ser distribuída como gratificação aos vários pesquisadores de um modo geral. E havia, ao contrário, as pessoas que seguiam fielmente a opinião do Oswaldo, que foi a que meu pai seguiu, de manter a patente, dar os royalties, que eram a meu ver 8% de uma e 12% de outra para os pesquisadores.

PG – Era até um mecanismo de transformar mais autônomo do controle do Estado também.

CF – Não era para esse fim principalmente. Esta verba, que era uma verba própria na ocasião, podia ser utilizada pelo diretor sem prestar contas, a não ser depois. Não precisava pedir licença, nem nada.

PG - E como era algo que estava associado ao inventor, você também não podia, o Estado simplesmente se apropriar.

CF – Depois a patente, quando veio a revolução... Primeiro a patente expirou – a patente acho que é de 1912, mais ou menos. Portanto, você põe 25 anos ou põe 20 anos, eu não me lembro bem. Eu sei que o meu pai conseguiu ir à Câmara e houve uma lei especial que prorrogou o prazo das patentes. Depois quando o meu pai morreu, a patente foi imediatamente... o DASP fez uma lei lá etc., pela qual o lucro do Instituto era recolhido diretamente ao Tesouro Nacional. Acabou, portanto, com todas as vantagens do patenteamento. Essa ideia no Brasil que todo mundo que tem um posto é um ladrão, não é? De modo que todo mundo que tem um posto é um ladrão, não é? De modo que nós partimos do princípio, então colocamos obstáculos antes, em vez de colocar a penalização depois. Você vê que você fazer qualquer coisa é difícil.

PG – Agora, nesse período todo, o senhor falou de várias pessoas que participavam da Academia. É o caso do Miguel Osório, o Walter Oswaldo Cruz algumas vezes ia à Academia. Então, as relações entre o Moses e o grupo de Manguinhos e a relação entre a Academia e o grupo de Manguinhos ela existia, porque há uma versão de que havia pouca...

CF – Não, existiam parte. Porque havia uns de Manguinhos, como o Dutra e Silva, por exemplo, que eram amigos íntimos de Moses e que iam. Aragão também, mas de um modo geral o pessoal se aliava completamente da Academia. O Walter Cruz levou muito tempo sem ir à Academia. E foi de um certo modo adulado; o Moses fez tudo para ele se aproximar. E ele se aproximou como eu, sempre com uma certa desconfiança.

PG – Por isso o senhor se surpreendeu quando foi convidado para...

CF – Fiquei muito surpreso por causa disso.

RG – Não tinha havido uma aproximação prévia. Foi de repente...

CF – Não, aproximação prévia já existia, de eu encontrar com ele, falar com ele, mas nunca... tinha feito a proposta de reforma que ele tinha aceito etc. ele viu a necessidade. Mas eu nunca fui à Academia para conversar com o Moses. Nunca. Aliás, a Academia não existia. Havia as reuniões na Escola Politécnica. A Fundação Getúlio Vargas deu um espaço para botar a biblioteca na Rua Primeiro de Março e as pessoas que queriam falar com o Moses iam ao escritório dele na Rua da Quitanda, ao laboratório de análises clínicas na Rua da Quitanda, onde tinha sempre um ou dois acadêmicos. Eu só fui uma vez lá a pedido dele. Depois, quando se instalou a Academia... aí não, aí a Academia passou a ser frequentemente um lugar de encontros. Isso foi muito aumentado quando o Aristides tomou conta da Academia, em que a pessoa passou a almoçar. Houve almoços e jantares lá.

PG – Mas a Academia tinha um peso junto aos cientistas, ela era reconhecida?

CF – Não, não era reconhecida. Você sabe, negócio de ser acadêmico é sempre uma coisa que melhora o ego da pessoa. E havia pessoas que queriam ser acadêmicas e outras que não queriam. Como eu disse numa outra ocasião a respeito da Academia de Letras, a gente entra para a Academia por vaidade porque não precisa entrar. E você também não entra quando começa a dizer “não, não quero, não vou, não se apresento”, etc. Na Academia de Letras isso foi muito comum. E também por vaidade. Como um dos mais potenciais candidatos à Academia me dizia assim: “Eu não vou, porque eu não vou pedir meu voto a fulano e a fulano”. Esquecendo-se por exemplo de que o Otávio de Faria foi eleito sem ter feito nenhuma visita. São imponderáveis muitas vezes, mas na Academia de Ciências, ela começou realmente a ter maior significado na vida nacional quando fez-se o Conselho Nacional de Pesquisas e o presidente foi nomeado... o presidente da Academia ficou sendo membro do Conselho Deliberativo. Membro ex-officio.

PG – Antes disso ela não tinha maior influência na ação governamental.

CF – E até hoje tem muito pouca. Eu acho que podia ter tido mais. Teve uma influência muito maior. A minha passagem foi muito curta. Eu estive dois anos como presidente, mas nesses dois anos eu consegui duas coisas: eu consegui, primeiro, que o presidente da República fosse visitar a Academia. Na minha opinião, não era o Marechal Castelo Branco que estava visitando. Era o presidente da República que nunca tinha ido. Nenhum presidente nunca tinha ido à Academia. E foi aliás com satisfação que eu vi que uma grande parte, a maior parte dos acadêmicos compareceu. Foram muito poucos os que não

compareceram. Depois eu fiz ver ao Castelo Branco – já contei isso. O Walter me deu um documento que ele tinha levado ao Conselho Nacional de Pesquisas, protestando contra – eu não me lembro mais exatamente os termos – a gestão da Rocha Lagoa. Eu aí fiz uma coisa que eu acho que foi bastante boa sob certo sentido. Eu chamei para discutir na Academia todos os membros da Academia que eram de Manguinhos. E durante dois dias nós tivemos uma discussão que levou três, quatro horas. Foi um dia terrível para mim, porque meu neto estava tendo sucessivas síncope respiratórias – tinha acabado de nascer -, e teve duas paradas cardíacas. Quando acabou aquilo tudo, eu fiz argumentos a favor da autonomia de Manguinhos, contra o Rocha Lagoa, e levei pessoalmente ao Castelo Branco. De modo que eu fiquei muito surpreendido quando ele me chamou lá para me convidar para ser embaixador na UNESCO, porque o único contato mais íntimo que eu tinha tido com ele – o único contato que eu tinha tido realmente com ele na casa do Hugo Pinheiro Guimarães.

PG – Pinheiro Guimarães?

CF – É. Mas antes ainda dele me convidar. E eu acho que a Academia aí se fez sentir. Não foi ouvida, mas fez-se presente. Ao passo que, durante todo o regime mais severo da ditadura, ela não disse nada nunca. Nem agora, ela está dizendo muito pouco. Agora, depois da democratização, é que o nosso Maurício começa a mandar telegramas etc. Antigamente nada, era um silêncio total.

PG – E o pessoal que depois vai começar a se aglutinar na SBPC esse pessoal era de outro grupo ou havia pessoas que também vinham da Academia?

CF – Ah, não. Havia pessoas que vinham da Academia. A Academia sempre teve um grupo muito ativo, ativista quase. E sempre muito defensor das liberdades científicas.

Fita 19 - Lado A

CF – Defensor de uma política científica importante. Sempre. Havia muita gente. Todo o grupo da Praia Vermelha, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, por exemplo, era membro da Academia. O [César] Lattes, o [José] Leite Lopes. Todos. Havia muita gente. E era realmente um grupo muito forte.

PG – Na área da biomédica, da biologia, havia um pouco essa separação.

CF – Qual separação?

PG – Eu digo, ela não representava assim um conjunto maior de cientistas que estavam lidando nessa área.

CF – De 1940 em diante, a gente pode dizer que o grupo biomédico mais importante passou a fazer parte da Academia Brasileira de Ciências. Eu não posso dizer precisamente a data, mas você pega em São Paulo, você teve logo de princípio o Bier, o Paiva e vários outros assim, que eu me lembro. Afrânio Amaral foi um dos primeiros membros da Academia. É

assim tinha muita gente. Logo no início. Eu estou falando nos anos 40. No Instituto eu me lembro o Olímpio da Fonseca, o Genésio Pacheco, o Aragão, o Travassos. Todos esses eram membros da Academia. Ficaram membros da Academia no decorrer, entre 30 e 40, 45. Quando eu entrei para a Academia em 40. Já não havia aquela atitude de não querer, de rejeição da Academia.

RG – Originalmente houve esse movimento?

CF – Eu creio que sim. Eu não posso afirmar com segurança, mas tenho quase essa impressão. E, realmente no grupo inicial da Academia tem muito pouca gente de Manguinhos.

RG – Da área biomédica.

CF – Não, da área de Manguinhos. Da biomédica acho que tinha alguns.

RG – Do grupo inicial.

CF – É.

PG – Do grupo inicial o senhor se lembra quem eram as pessoas que o compunham?

CF – Era principalmente o grupo de professores de ciência da Escola de Engenharia, da Escola Naval e do Observatório. Tinha o Maurice, os dois Gama, Hélio Gama e Sodré da Gama que era professor da Escola Politécnica. Havia uns dois matemáticos da Escola Politécnica. Havia o Amoroso Costa e o pessoal do Museu também.

RG – E o Moses foi uma pessoa, como o senhor falou, que segurou durante muito tempo; foi a pessoa chave para a continuidade. O senhor sabe explicar um pouco como é que foi que ele se apaixonou tanto pela ideia de conduzir e levar adiante...

CF – Eu acho que você ter uma Academia, dispor de uma Academia, realizar, coisas na Academia é sempre muito empolgante. E a modéstia injusta de um laboratório de agropecuária que nunca foi considerado no Brasil uma atividade digna, só muito recentemente, participar da Academia como secretário, como vice-presidente etc., era sempre uma coisa muito estimulante, vamos dizer. Até mesmo desafiante. Aí ele podia mostrar o valor dele, mais do que em qualquer outra ocasião. O Moses tinha, naquela ocasião – estou falando dos anos 40, mesmo, dos anos 30 e dos anos 40 – provavelmente o melhor laboratório de análise clínica, o mais conceituado laboratório de análises clínicas do Rio. Depois ele foi deixando um pouco. Você leu o discurso que eu fiz sobre ele, não?

PG – Não.

CF – Na Academia? Quando festejaram o centenário dele – foi no ano passado -, eu fiz o discurso.

PG – O senhor tem a separata?

CF – Devo ter. Vou pedir aí...

RG – É, seria bom para a gente ter essa documentação.

CF – Vocês precisam ter.

PG – O senhor me chamou atenção para uma coisa que é um assunto um pouco... uma vertente diferente do que a gente está falando. A gente nota que em Manguinhos você tem até um certo período uma relação muito grande com a questão da área de veterinária ou de agropecuária. Você tem toda aquela ligação não só com a questão... mas uma série de pesquisas voltadas para esse setor. Depois de um certo período, essa coisa praticamente deixa de existir e todos os estudos se voltam mais para questões ou da área básica ou então de doenças humanas. E aí o senhor falou da criação desse instituto, desse laboratório agropecuário do Moses. Existe alguma relação nessa inflexão, esse laboratório e a política oficial do governo no sentido de separar um pouco o que se fazia em termos de política oficial a ser dirigido para esse laboratório?

CF – Não.

PG – Primeiro eu nem sei se o nome que eu estou falando é correto, mas a sensação que dá a essa. Você tem num primeiro momento pesquisas voltadas para a área também da veterinária e depois isso desaparece de Manguinhos.

CF – A ideia do Oswaldo era dar uma grande inflexão à área veterinária. Meu pai também tinha esta noção. Depois aconteceu o seguinte. Com a reforma de saúde pública feita por meu pai em 1921, com a importância que as ciências básicas tomaram na saúde, o que aconteceu foi evidentemente que a saúde começou a ter – a saúde humana – uma primazia. De outro lado, vamos dizer com a maior franqueza. O elemento humano que saía da Escola de Medicina era incomparavelmente superior ao elemento que saía das Escolas de Veterinária e Agronomia. De modo que isso tudo fez... E aliás eu defendo a teoria de que um dos golpes mais graves que Manguinhos sofreu numa certa ocasião foi a criação dos institutos especializados de Medicina Tropical e Higiene pelo Pinotti. Tinha na época institutos de tuberculose etc. Tudo aquilo eram coisas que Manguinhos devia se ocupar. E também a impossibilidade de você aumentar o quadro do Instituto por várias razões. Todo mundo fala em falta de recursos, que foi realmente uma coisa importante, mas também por falta de pessoal.

PG – Não estava havendo formação.

CF – O Anísio, isolado aqui, não recebia o influxo dos elementos saídos da faculdade. Tanto assim que o Walter, para formar o seu grupo, ia falar, discutir, entrevistas estudantes lá na Praia Vermelha. Enquanto que eu, por estar lá, tive sempre a maior facilidade em recrutar. Então, isso foi uma coisa que Manguinhos sofreu muito.

PG – Então a criação desse laboratório não teve maiores interferências.

CF – Não. Eu acho que é mais uma questão de pessoal. Formação de pessoal deficiente nesse setor e uma espécie de lirismo brasileiro que impediu que o Brasil visse a importância, para o desenvolvimento nacional, da agricultura e da pecuária. Principalmente porque é o desenvolvimento agrícola e pecuário que dá alimento ao homem. Que é a coisa mais necessária que existe. E que é um dos crimes cometidos pelo regime militar, que transformou a nossa agricultura, de uma agricultura familiar, numa agricultura de exportação. Então, como resultado, você tem a imigração para as cidades que o campo tornou-se de tal modo agreste, difícil, terrível, agressivo mesmo, que seria a palavra aqui, que o pessoal vem procurar na cidade o que eles não têm no campo. E aí a produção cai. E aí a fome vem. A inquietação social acompanha.

PG – Isso é verdade. Bom, mas aí eu não sei se a Rose... em relação à Academia.

RG – É, a gente estava falando do Moses, que então teve uma oportunidade de sair de um certo ostracismo – a gente poderia mesmo falar de um relativo ostracismo – mas ele tinha um grupo que o apoiava. Claro, ele não fez isso sozinho.

CF – O grupo era Dutra e Silva, Lauro Travassos, o Genésio Pacheco, o Cardoso Fontes, que era muito ligado a ele, o César Guerreiro – esses eram homens do Moses principalmente. Em compensação, do outro lado... ele teve muita amizade, embora não tivesse conseguido, enfim, aliciá-lo totalmente, com o grupo de Miguel Osório e do Álvaro Osório. E uma figura que é um pouco vaga nesse setor o Tales ficou. E se ficou de um lado. O Tales era uma pessoa muito introspectiva e muito ligado a si mesmo. De modo que os problemas são vários.

PG – Mas a inserção desse episódio depois do Rocha Lagoa: o senhor acha que a presença desses pesquisadores do I.O.C. na Academia tinha reflexo sobre o que acontecia em Manguinhos, que era um local que articulava? Ele interferia na...?

CF – Que eu saiba, não. Era mais um clube intelectual em que as pessoas discutiam os seus problemas pessoais. Podiam discutir um pouco o problema de Manguinhos, mas sem influência.

PG – Sem ter nenhuma ação organizada.

CF – Organizada não.

RG – A repercussão da Academia era pequena em termos de vida científica e intelectual no país. Havia mais assim...

CF – Exatamente. Era muito pequena. Isso porque você precisa ver que a grande maioria dos acadêmicos não era de cientistas.

RG – Agora esse grupo que o senhor falou que apoiou o Moses, que era o grupo de Manguinhos, não participava da Academia?

CF – Participava pouco porque, você compreende, uma Academia que não tinha sede era muito difícil você fazer reuniões etc. E depois a parte dominante da Academia, que era principalmente o Álvaro Alberto, o Menezes de Oliveira, é que se sucediam assim na Academia, eram umas pessoas muito afastadas da biologia. E até com uma certa – aqui eu estou chutando, como se diz -, não diria desconfiança, mas uma certa preocupação. Porque é preciso não esquecer que os discípulos do Augusto Comte não eram favoráveis a biologia moderna. Tinham feito uma revolução contra o Oswaldo Cruz. Tudo isso são coisas...

PG – E esse grupo que vinha da Politécnica tinha uma influência muito grande dos positivistas.

CF – Muito. O Otto de Alencar foi um dos reis do positivismo aqui. Eles todos eram discípulos do Otto de Alencar, exceto o Amoroso Costa. E todos eles pensavam muito como o Augusto Comte.

PG – O senhor diria que o pensamento, a influência, dentro da Academia, dos positivistas era grande?

CF – Não como pregadores do positivismo, porque essa fase o positivismo já tinha decaído, mas...

PG - ... como herdeiros de uma certa visão.

CF – Uma certa visão. Herdeiros de um cientificismo muito rigoroso, que era o de Augusto Comte. Racionalista todos, mas sem que isso aparecesse muito. Eu diria que isso nunca apareceu assim muito. É interessante porque não marcavam.

PG – O senhor poderia identificar bem o que era a marca e a ideologia da Academia. Se identificasse o seguinte: dentro das instituições que existiam, a Academia era identificada com algum tipo de visão, de projeto, de proposta.

CF – Não. A Academia realmente foi superada nesse sentido totalmente pelo Conselho. Quer dizer, funções que a Academia devia ter desempenhado e que não desempenhou; programação, política científica, ajuda a pesquisadores e tudo isso, ela nunca fez. E aí veio o Conselho de Pesquisas que praticamente eliminou a Academia do cenário, do palco.

RG – E o senhor diria que esse é um fenômeno geral? Quer dizer, isso ocorreu em outras sociedades, inclusive de desenvolvimento científico maior do que a nossa ou isso é uma característica brasileira. Qual papel entre uma coisa e outra.

CF – Vamos tomar três exemplos. Primeiro, o da *Royal Society* que, direta ou indiretamente, mais indiretamente do que diretamente, sempre teve uma influência, vamos dizer, no sistema social britânico. A Academia Nacional dos Estados Unidos realmente é neste século, particularmente depois da Guerra Mundial, Primeira Guerra Mundial, que ela toma a si a responsabilidade de interferir nos problemas mais variados que correspondem a um dos momentos científicos a tecnológicos. A Academia Francesa é muito difícil você... porque ela teve altos e baixos nesse sentido. Por exemplo, no tempo de Richelieu ela tinha

uma grande influência. Depois essa influência foi se apagando, como no Consulado de Napoleão a influência dela foi muito pequena, mas em compensação os homens da Academia, muitos deles, como Condorcet, por exemplo, tinham tido uma grande influência na eclosão do pensamento revolucionário ou na Revolução Francesa. E era muito mais importante a pessoa ser da Academia nesse século, no século passado ela começou a decair, decair, decair. A Academia foi... E tornou-se um símbolo de prestígio. Sem tomar grandes decisões etc. Ela foi restabelecida no seu prestígio por De Gaulle, que começou a pedir informações sobre isso e sobre aquilo. Porque em certos governos, antes da Revolução e mesmo depois da Revolução (o período napoleônico é um pouco obscuro) as pessoas eram convidadas para participar, por exemplo, da construção de canais e outros elementos... Mas não como membros da Academia, mas sim a título individual e depois ela começou a crescer durante o século passado e depois caiu muito.

Caiu muito porque a ciência não se implantou suficientemente na França. Custou muito a se implantar como uma atividade inerente à atividade do Estado. Muito embora a França tenha tido uma coisa, espetacular de ciência. Então você vê, o Pasteur foi a primeira grande pessoa a mostrar a importância da ciência na França. Porque o Claude Bernard, que é contemporâneo de Pasteur, era um professor no *Collège* de France. Ele tinha assistência, mas por exemplo, o [Henri] Bergson enchia as salas. O Bernard também tinha a sua assistência, mas não tinha a influência fora de que tinha por exemplo o Bergson, que as pessoas liam etc. Agora, de uns anos para cá, que o De Gaulle passou a prestar atenção e foi principalmente no regime de Giscard D'Éstaing que se fez a reforma da Academia de Ciências, que agora tem dois setores; um setor – é feito com inteligência – de ciências físicas e matemáticas e astronomia, e outro setor de biologia e química. E o que fazem? Eles não têm mais número de vagas como nós aqui temos. Quer dizer, embora não tenhamos que esperar a morte, como era o sistema na França, a morte de um acadêmico, eles lá não tem um número fixo de vagas. Eles fixam – fazem a eleição de três em três anos – o número de vagas, por exemplo, vamos eleger sete ou 15, enfim, sete. E essas vagas depois são distribuídas, não nas seções que não existem, mas nos campos de atividade. Por exemplo, se tem candidatos excepcionais em biologia molecular ou em química orgânica, são esses dois setores que são escolhidos...

CF – Evidentemente há sempre um pouco de política metida, política intramuros. Política científica no mau sentido, mas a renovação da Academia é muito grande. E os governos têm pedido relatórios constantes que a Academia faz, que são muito importantes para balizar a atividade do governo.

RG – Então, Dr. Chagas, a gente poderia talvez assim ver que o papel da Academia está diretamente ligado ao papel da ciência numa sociedade. Quer dizer, no Brasil dos anos 40 a ciência era muito insignificante.

CF – Eu acho que realmente a Academia Brasileira de Ciências não tem feito o que deveria fazer. Muitos dos estandartes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência pertenciam naturalmente à Academia.

RG – Que não os carregou e aí se criou um grupo alternativo.

CF – Que é muito importante, muito útil, mas que não tem a representatividade intelectual da Academia.

PG – É, fica um pouco essa dicotomia entre a representação intelectual e talvez um certo isolamento, uma certa cristalização.

CF – Totalmente.

RG – E por outro lado a política científica propriamente dita, então se criou um organismo específico para isso. O Conselho. Assim como na França também o CNRS se desenvolve...

CF – No início o Conselho não era um organismo de política científica no sentido que hoje ele tem. Era um organismo para ressuscitar a ciência, para modernizar a ciência. Porque o Conselho foi feito – não tenhamos dúvida – para dar prestígio à ciência atômica, à ciência nuclear. E acessoriamente se fez o resto. E eu defendi muito a posição do acessório em relação a Comissão de Energia Atômica. A princípio o Álvaro Alberto, que começou com grandes desconfiças comigo, depois passou a ser muito ligado a mim, e eu muito ligado a ele, mas qual era a função principal do Conselho na ocasião? Era pegar os elementos válidos e auxiliá-los. Quer dizer, dar ao agente criador condições de trabalho. Em 1951, quando o Conselho foi formado, havia alguns laboratórios brasileiros nos quais tinha havido renovação de equipamento graças à Fundação Rockefeller. Havia o Instituto de Biofísica que tinha equipamento graças à Fundação Rockefeller, graças ao Guilherme Guinle e graças ao fato de que eu arranjei verbas especiais na Câmara dos Deputados. Então a função era você levar as vantagens que são: suplementação de ordenados, bibliografia, equipamento e comunicação com o exterior, quer dizer, viagem e congressos, vinda de cientistas ao Brasil; essa era a função principal. E nós nunca pensamos em fazer uma política de supercondutores ou de fazer uma política de biologia molecular. O que nós pensávamos – Costa Ribeiro, eu, Couceiro e os outros que me acompanhavam, era o seguinte: tem um indivíduo bom em biologia molecular, contratemos ele; tem um indivíduo bom que saiba realmente zoologia, vamos dar material a ele; tem um sujeito bom em botânica, tem um sujeito bom em zootecnia, vamos dar recursos a eles, há um exemplo típico. Uma vez o general Orlando Rangel que tinha muita influência porque o Álvaro Alberto era padrinho de casamento, uma coisa assim nesse gênero, propôs no Conselho Deliberativo do qual eu não fazia parte ainda, ou já fazia? Já fazia parte, que 10% das verbas do Conselho fossem atribuídas à química. 10%. E o Álvaro Alberto, em pleno Conselho, virou-se para mim e disse: - “Qual é a sua opinião, Chagas?” “Minha opinião é a seguinte. Acho que é indispensável nós desenvolvermos a química nos seus vários aspectos no Brasil. Mas esse não é o modo de fazer. Porque o que vai acontecer é que, na metade do ano, 20% dessa verba não foi utilizada, se o Departamento Técnico e Científico mantiver um certo critério de rigor”. Você sabe que não deu outra? Deu muito pior. Quando chegou no mês de setembro, o grupo, inclusive ele, Orlando Rangel não tinha conseguido distribuir mais de 10 da verba reservada. Porque você não pode prefixar...

PG – Você não sabe qual a demanda.

CF – Você não pode fazer uma coisa de cima para baixo em nenhuma atividade. Tem que ser de baixo para cima.

PG – Identificando... E ao mesmo tempo que se identificava essas vocações e essas... não se tentava definir grandes linhas de programas?

CF – Ah, sim. Mas essas linhas estavam mais ou menos definidas. Vamos dizer, genética aplicada à agricultura. Isso já estava definido. Já havia grupos fazendo isso, embora de uma maneira muito reduzida. E nós apoiamos muito. Me lembro um dinheiro que se deu por exemplo para um moco que fazia arroz (que aliás não era muito bom não, mas que trabalhava etc.) Ecologia, por exemplo, eu dei muitos recursos para a ecologia – inúteis na ocasião porque o pessoal não sabia direito o que era ecologia. E principalmente você não pode fazer uma atividade científica, como seria na ocasião, no vácuo. Você falar em ecologia naquela ocasião, o que é isto? É uma coisa interessante.

PG – Não havia nenhum reconhecimento social da importância...

CF – Não. Tanto assim que uma das minhas lutas foi solicitar que nos projetos de industrialização fosse reservada uma verba importante para as medidas antipoluidoras. O Itamaraty recusou a minha sugestão. Aliás, quem recusou foi Miguel Osório de Almeida, que era filho do Álvaro e Sobrinho do Miguel – que é embaixador aposentado hoje. Muito inteligente. Mas um tecnocrata e um economista da linha rígida.

PG – É interessante como se imbricam as relações pessoais.

Fita 19 – Lado B

RG – É, de uma geração para outra.

PG – Eu estou me contendo de não passar para a outra coisa que está interessando muito, que foi quando o senhor falou da questão do Castelo Branco.

RG – Pode falar.

PG – Não, mas aí já entra a questão da UNESCO.

RG – Não, mas eu acho que tudo bem.

CF – Nós falamos pouco sobre a fundação do Instituto, falamos já bastante? Não sei.

PG – A fundação do I.O.C.?

RG – Não. Da biofísica.

PG – Ah, da biofísica? Eu acho que pegamos... a gente pode fazer uma revisão.

RG – A gente falou do começo, mas não falou do desenvolvimento, o senhor contou, eu não estava presente.

CF – Da minha vida internacional.

PG – Eu estava pensando em pegar... o senhor tem um campo de interesse, quando o senhor fala sobre a questão da energia atômica, sobre a questão da alimentação, sobre a questão da poluição. Quando o senhor vai falar depois da sua experiência como responsável pela restauração do Teatro Municipal. Então eu queria depois começar a pegar esse outro universo que é o da questão da paz.

CF – Posso dar a vocês uma relação. Quer dizer, a minha vida internacional começou com a minha ida a Paris em 1937. Depois eu fui à Argentina em 1942 e 1944. Depois em 1946 eu voltei para Paris. Aí já fiz parte da delegação do Brasil na 1ª Conferência da UNESCO. Depois eu fiz parte da 2ª Conferência Internacional da UNESCO no México. E foi aí que fiz um grande giro pelos Estados Unidos.

RG – Quer dizer que o senhor pegou a UNESCO desde o princípio?

CF – Desde o princípio. Depois tem um período mais ou menos parado em que eu fui duas, três à Europa para trabalhar cientificamente, dar cursos. Em 1956 começa a vida internacional propriamente dita, nesse sentido em que eu fui nomeado e depois até presidente da Comissão da ONU para estudo dos efeitos das radiações ionizantes sobre seres vivos. Aí foi também quando eu passei a fazer parte do Comitê de Pesquisas da Organização Mundial de Saúde, fase que durou até eu ser nomeado secretário da Conferência de Aplicação da Ciência e da Tecnologia ao Desenvolvimento. Nesse momento eu tive uma experiência das mais interessantes nestes vários anos. Primeiro que foi o primeiro título honorário que eu tive fora do Brasil, que foi na Universidade de Paris. E depois um dos que mais me agradaram, que foi na Universidade de Coimbra. Em 1961, eu fui nomeado para a Academia Pontifícia. Em 1962, 1963, eu fiquei o tempo todo nessa questão de Genebra. Vim para o Rio. Fui eleito presidente da Academia de Ciências. Aí em 1966 é que o Castelo Branco me convidou para ser delegado do Brasil na UNESCO. Nesse intervalo todo, durante dez anos eu acho, eu fui, de 1964 a 1970 eu fui presidente do Comitê de Aplicação da Ciência e da Tecnologia das Nações Unidas. E aí em 1972 eu fui nomeado presidente da Academia Pontifícia. Nessa ocasião então eu também fui nomeado decano daqui, mas continuei o mais possível mantendo a minha vida internacional não como turista, mas como trabalhador.

RG – Para uma pessoa de fora fica difícil de ver como o senhor conseguiu conciliar essa intensa atividade interna e intensa atividade externa. Deve ter sido realmente uma...

CF – Mas é porque, olha aqui. Aqui no Rio eu não vou ao cinema, também na Europa não vou. Não vou a restaurante de noite. Eu vou jantar muito com amigos, mas negócio de restaurante de noite eu não faço. De modo que fica um pouco complicado para a gente. Quer dizer, fica complicado no sentido de que eu levo uma vida muito simples. Todo mundo pensa... Porque de vez em quando aparece o meu nome na coluna social.

PG – Outro dia estava na coluna social, a Julia, a secretária, recortou e colocou na minha mesa. Parece que foi...

CF – O Chandronneau.

PG – Acho que é.

CF – Porque o Chandronneau, por exemplo, que é meu amigo íntimo, é aquele que está ali, que é um grande médico. O Chandronneau é um homem que veio aqui, teve um câncer muito sério mesmo. Então, os amigos dele deram a ele e à mulher uma passagem. E ele veio passar 20 dias aqui. Jantar todos os dias. Você não pode imaginar. Eu não sei como ele aguentou. Eu, no fim, estava de língua de fora. E foi aí que apareceu no jornal o meu nome. Porque há um jet-set que adora botar o nome no jornal. E ele deu meu nome a todos, mas eu não fui. Gente que eu não tenho muita intimidade, eu não fui. Mas outros eu não podia deixar de ir. O Pitanguy por exemplo. O Walter Moreira Salles, que é meu amigo de mocidade, eu não podia deixar de ir. O Samy Cohn, que tem ajudado nas relações com Israel. Enfim, tem certas pessoas que você não pode... Na casa de minhas filhas, não podia deixar de ir.

PG – Então o senhor acompanhou a maratona.

CF – Acompanhei a maratona.

RG – Mas o senhor dizia que para conciliar essa vida nacional e internacional requer assim muita sobriedade, pouca badalação como o senhor estava dizendo.

CF – Pouca badalação, pouca bebida e principalmente você não se achar o maior. Precisa Ter espírito de humildade, de achar que tudo que está acontecendo para a gente é uma coisa excepcional. Se a gente perder a humildade, você cai. Pode até ser que eu não seja humilde, mas eu faço o maior esforço possível.

PG – Uma coisa que é um dilema que muita gente vive com intensidade grande, que é entre a dedicação à área científica, a produção de conhecimento e a dedicação à organização de instituições científicas, o lado mais gerencial, mais político das iniciativas. Essa questão foi para o senhor uma questão difícil de ser resolvida?

CF – Foi, sob certos aspectos. Eu sempre me ocupei com a administração do Instituto de Biofísica. Eu fui levado à Faculdade de Medicina, à direção da Faculdade de Medicina, mais ou menos obrigatoriamente, obrigado pela Convenção. A Convenção tinha 30 ou 34 professores titulares, catedráticos; desses, 28 vieram e eu exigi que nós ficássemos em sessão permanente para nós podermos votar o que era necessário. E esses aceitaram e se fez. Quando eu fui feito decano aqui do Centro, já a situação é diferente. Que eu sabia que havia pessoas que iam comandar muito, que eram totalmente contra o Instituto de Biofísica. Que queriam destruir o Instituto de Biofísica. Houve um momento, por exemplo, que a Reitoria tinha decidido acabar com a COPPE e acabar com o Instituto de Biofísica. Então, nessa ocasião, aceitei ser decano para poder exatamente defender o Instituto de Biofísica. E aí foi muito difícil, eu sofri muito. Tem coisas muito difíceis. Por exemplo, o diretor do

Instituto de Ciências Biomédicas, que era meu subordinado, fez um processo contra mim, sob a alegação que eu tinha dado transferências que não eram legítimas. E eu tive então que demonstrar... Fui para o Conselho Universitário e o Conselho Universitário por unanimidade achou que eu tinha razão. Eu não gosto de administrar. Tenho horror. Você sabe que algumas vezes me convidaram para ser diretor do Instituto Oswaldo Cruz. O Capanema, o Pinheiro Chagas, Paulo Pinheiro Chagas. E teve uma outra vez, antes da Fundação também. E eu não quis. Porque sabia que ia acabar com a minha vida intelectual e seria muito penoso. E agora diz esse Ministro que eu recusei quatro vezes a presidência da Fundação. Eu me lembro dele ter convidado três vezes, de eu ter recusado três vezes.

PG – A Quarta foi...

CF – A Quarta eu não sei. Ele disse outro dia a uma pessoa... como é que ele chama? Borges da Silveira.

PG – Mas então o senhor acha que conseguiu, quer dizer, quando eu perguntei isso é porque todas as atividades administrativas principalmente de caráter internacional e essa diversidade de atuações certamente interferiram na sua possibilidade de ter uma dedicação mais...

CF – Certamente.

PG - ...intensa à área do...

CF – Eu teria sido um cientista muito melhor – eu não sou bom, mas teria sido melhor, se não tivesse tido essas cargas administrativas que tive. A vida internacional não, porque a vida internacional me ensinou muito. Uma vez eu encontrei com um amigo meu. [Frank Friedman] Oppenheimer.

RG – Frank Oppenheimer?

CF – É, o Oppenheimer da... no bordo do lado de Genebra. E ele estava acabando de almoçar, me chamou, eu sentei ao lado dele. E até almocei com ele. Ele estava acabando de um prato rápido e ele me disse assim: - “O que você está fazendo aqui em Genebra?” Eu estava em plena organização da *Big Conference*. Eu expliquei a ele e ele disse assim: - “Você acha que está bem?”, eu disse: “Eu acho que é uma obrigação da gente, que a gente não pode fugir. Mas eu me sinto como uma pessoa que todo dia recebe três, quatro caixas de charuto. Que eu estou levando para casa, mas eu não fumo.” Porque eu me senti sempre assim. Eu acho que eu podia ter dado mais se o país tivesse querido.

PG – Quer dizer, nesse sentido houve um campo mais aberto a nível internacional do que a nível nacional.

CF – Ah, sim, sem a menor dúvida.

RG – A gente ainda nunca falou da Academia Pontifícia, como é que se deu... Enfim, como tudo isso aconteceu. Agora também é uma consequência natural de tantas...

PG – Eu acho que o senhor nos deu um roteiro, inclusive seria interessante nós nos apoiarmos no próprio currículo. E talvez aí a gente tentar ir pinçando, desses momentos todos, aquelas questões mais significativas e o senhor poder nos relatar um pouco como é que foi esse desenvolvimento, porque é uma coisa muito rica.

RG – É, porque tem os blocos da...

PG – Da OPS, da OMS. Como é que foi essa experiência? O que passava como questões, qual era a forma de trabalho? No caso da UNESCO, a sua experiência de ver como é que foi toda essa construção.

CF – É. Mas isso a gente ainda tem tempo.

PG – Temos. Tem que fazer um programa.

CF – Eu desconhecia até a existência da Academia Pontifícia se não assim de referência, porque a Academia Pontifícia é a transformação em vários tempos da Academia dos Linces, que é uma Academia de 1603. Que era uma Academia privada, que se chamava Academia dos Linces porque os quatro cientistas naturalistas que a criaram diziam que os linces viam mais longe do que os mortais. Então se chamava Academia dos Linces. Essa Academia teve altos e baixos, existiu, não existiu etc. Até que em 1847, o Papa Pio IX resolveu criar a Academia Pontifícia. Como a Academia se chamava Academia dos Linces, essa nova Academia que ele criou que já não era mais privada, mas sim do Estado pontifício, passou a se chamar Academia dos Novos Linces. E essa Academia começou a ter vida própria maior e funcionava para o Estado do Vaticano como uma espécie de Conselho Nacional de Pesquisas. Ela determinava aos projetos, discutia os planos etc. Quando em 1870, houve a revolução, a ocupação de Roma pelas tropas piemontesas e acabou com o Estado papalino, o governo do rei tomou a Academia e a chamou de Real Academia de Itália. E uma Academia que era só científica passou a ser Academia humanista e científica.

A academia dos Novos Linces ficou no Vaticano, muito depauperada porque a grande maioria dos acadêmicos... porque o Estado não permitia que o sujeito fosse membro das duas academias. Então muitos dos acadêmicos preferiram ficar com o rei da Itália e não ficaram com o VERDI, que VERDI foi utilizado para propaganda da unificação, Viva El Rei de Itália – Verdi, dá exatamente. E aí o Papa, primeiro Benedito XV, começou a pensar nisso e Pio X resolveu criar a Academia com o título de Academia Pontifícia de Ciências com 60 membros inicialmente e os membros escolhidos sem discriminação de qualquer forma, religiosa ou filosófica ou racial. E já se fez uma Academia muito mista. O primeiro brasileiro a ser feito membro dessa Academia foi o Rocha Lima, que rapidamente pediu demissão. Depois foi o Aloísio...

PG – Por que ele pediu demissão?

CF – Não se sabe exatamente. Depois foi o Aloísio de Castro, que foi indicação do governo brasileiro. Com a morte do Aloísio de Castro, foi o Cardoso Fontes, que nunca chegou a ir lá. E eu fui substituir – não substituir, porque não tem essa coisa, mas eu fui o outro

brasileiro, depois da morte do Cardoso Fontes. Eu fui nomeado em 1961. Porque durante a Guerra, a Academia tinha baixado de novo pelas dificuldades de trocas científicas etc. Aliás, diga-se de passagem, que do ponto de vista de atenção à ciência, de conhecimento da ciência, Pio XI é insuperável. O que aquele homem diz é uma coisa maravilhosa. Em 1961 fui assistir a primeira sessão, tomei posse etc.

PG – Isso é 1961, não é?

CF – 1961. A reunião era de dois em dois anos. Eu de vez em quando ia, de vez em quando não ia. E até houve uma ocasião que, por um equívoco de uma secretária péssima que eu tinha, eu não fui porque eu me equivoquei da data e foi muito doloroso porque eu devia fazer o elogio do Bernardo Houso que tinha morrido. Nessa situação, o presidente – morreu um primeiro presidente, morreu um segundo presidente. O primeiro eu não era membro, mas o primeiro presidente do qual eu já era membro que era o autor do Big Bang, o Abbé Le Maitre, morreu e foi nomeado um segundo astrônomo, que também era jesuíta – muito bom aliás, muito boa pessoa e muito bom astrônomo e aí ele renunciou. Renunciou e ficou aquela dúvida sobre o que se fazia e aí se passaram nove meses. No fim de nove meses, eu estava em Paris quando fui convocado pelo Núncio e o Núncio me disse: “O Papa quer nomeá-lo, quer saber se o senhor aceita ser presidente da Academia.” Paulo VI. Eu até fiz uma gafe, disse assim: “O senhor tem certeza disso?”. Ele aí passou um telegrama e me mostrou.

Devo dizer que eu estava exausto também porque eu tinha ido à Organização Mundial de Saúde e tinha vindo de automóvel de Genebra e tinha aproveitado para fazer um passeio pelo (incompreensível), você toma um vinho aqui, um vinho ali etc. E tinha chegado a Paris às quatro horas da manhã. E às nove horas me telefonaram da Nunciatura. Eu ia dar um curso e depois do curso eu fui a Roma e aí aceitei a nomeação. E aí comecei a fazer as reformas necessárias. Passei de 60 para 70, agora eu passei para 80 e comecei a escolher alguns membros para a eleição, alguns membros eu nomeei diretamente, pedi ao Papa especial... condições para ele nomear diretamente e aí comecei a atividade que eu desenvolvi até agora. Que é uma atividade para mim riquíssimas porque me deu um conhecimento enorme da ciência nos vários aspectos. Triste nesse sentido, porque eu vejo que nós estamos cada vez mais afastados da ciência dos grandes países a não ser em pequenos centros de excelência, mas as facilidades que não existem para esses centros de excelência tornam muito difícil o progresso relativo. Técnicas de ponta e pequenas condições etc. De modo que eu vi, por exemplo, nesses 12 anos, a ciência italiana crescer de um modo extraordinário, mesmo em campos em que nós tínhamos mais condições eles nos superaram. De modo que o problema é muito... E aí está o meu início, mas depois tem mais meia hora para contar episódios.

PG – Só uma pergunta com relação a esse princípio. Quando o senhor foi nomeado em 1961, o senhor falou que nos outros casos, embora não fosse a nomeação oficial do governo, havia uma certa interferência ou alguma indicação do governo. Nesse caso, houve a indicação governamental ou o senhor foi nomeado através de contatos?

CF – Não, eu fui indicado por um belga que trabalhou aqui no laboratório e que era uma pessoa que eu conhecia muito, que me conhecia e me admirava. Foi ele que me indicou. Trabalhava em transmissão neuromuscular. E era um sujeito... aliás um Prêmio Nobel. Um

sujeito da maior importância. E fui logo apoiado por outros. De modo que quando chegou ao Papa eu estava apoiado por todos, eu não fui indicado pelo governo. Foi engraçado porque eu já sabia de tudo isso quando o embaixador do Brasil junto ao Vaticano me telefonou dizendo: “Eu preciso muito do seu curriculum vitae porque eu quero propor você para membro da Academia Pontificia”. Eu já sabia que... Como ele se chamava? Corneille Ilmans já tinha me escrito dizendo tudo que já tinha sido feito etc. e tal.

PG – E o embaixador queria capitalizar?

CF – Capitalizar.

PG – É uma história riquíssima. A gente vai ter que voltar.

RG – São muitas facetas que a gente tem que conseguir.

CF – O que vocês vão fazer com tudo isso?

PG – Nós temos aí como a fonte para depois... tanto para ser fonte de pesquisa como para escrever coisas sobre a questão da política científica., sobre a sua trajetória... Nós estamos esperando o seu livro.

RG – História da ciência no Brasil, história das instituições.

CF – Não sei, mas eu realmente fico preocupado porque eu acho realmente que eu não mereço isso. Não estou dizendo de *fishing for compliments* não porque eu fiz tudo com tanto prazer, com tantas vantagens, não pecuniárias...

PG – Por que o prazer retira o merecimento?

CF – Realmente eu não estou querendo elogio não. É uma coisa que me preocupa, sabe?

RG – O senhor é um depoente privilegiado. Para nós, o seu depoimento é privilegiado porque o senhor teve essa possibilidade de estar em tantos lugares diferentes. Então conhecer essas diferentes facetas de uma mesma atividade. Como se dá em organismos internacionais. Que tipo de organismos. Latino-americanos, quer dizer, regionais, internacionais, ligados só à saúde, ligados à ciência. São visões bem distintas.

PG – Existem questões, tanto assim, que o senhor tem configurado uma ação que foi fundamental do ponto de vista da ciência no Brasil, tanto o estudo da biofísica, a questão da... todas essas áreas que o senhor já passou, o CNPq etc. e tal. Como também conseguir ter uma visão universal, não só do ponto de vista geográfico, mas do ponto de vista das temáticas que estão em torno da questão da ciência. Agora, por exemplo, o Arouca está hoje fazendo uma conferência, acho que em Capinas, participando de uma mesa; e o tema da mesa é a questão da ética e a questão da pesquisa científica para o futuro. Só esse tema, o senhor teria muito a falar sobre ele.

RG – Esse é um bom tema para o senhor.

CF – Aliás um rapaz de São Paulo que almoçou comigo aqui um sanduíche que nós comemos e ele me disse: “Há quanto tempo o senhor não vai a São Paulo?” “Realmente há muito tempo que eu não vou a São Paulo.” É porque todo mundo pensa que eu moro na Itália, você sabia disso? O número de pessoas que me perguntam se eu moro na Itália...

PG – Aliás isso é uma vantagem. Porque se soubessem que o senhor morava aqui...

CF – Não, mas me atrapalham por exemplo certas...

Data: 30/09/1988

Fita 20 - Lado A

NB – Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1988, entrevista com o Dr. Carlos Chagas Filho.

RG – Antes da gente continuar, na nossa última entrevista, nós estávamos falando da Academia Pontifícia e nós gostaríamos de continuar porque o senhor tinha só introduzido, contato coo foi nomeado e tudo, mas ia contar mais detalhadamente as suas atividades lá. O senhor estava animado com o tem. Agora, antes da gente começar, não temos uma tarefa... uma outra questão para ser introduzida rapidamente, que é uma homenagem que vai ser feita à D. Emília [de] Bustamente, e o senhor teve um contato parece que bastante estreito com ela. Nós então estamos atrás de informações, porque vai ser feito um folheto e vai ser inaugurada uma biblioteca no Politécnico de Saúde, dentro da Fundação, com o nome dela. Então se o senhor não se incomodasse, o senhor poderia nos dar um pequeno depoimento sobre quem foi essa pessoa, o papel dela na Fundação, o papel dela com o senhor mesmo.

CF – Eu considero a Emília Bustamante um dos seres vivos mais perfeitos que eu conheci. Ela tinha todas as qualidades humanas e físicas. Era uma moça bonita, muito atraente, pessoalmente muito simpática, muito interessada pelos outros e realmente uma capacidade de trabalho extraordinária. Eu a conheci quando ela estava trabalhando em Manguinhos. E aí, eu não me lembro porque, houve uma desavença, um desencontro dela com o diretor. Isso foi, portanto, no ano de 1964. E eu ia muito à biblioteca, me encontrava muito com ela. E aí aproveitei a oportunidade para trazê-la para a Faculdade de Medicina. Talvez tenha sido um pouco antes.

RG – Na época que o senhor dirigia a faculdade?

CF – Eu organizei a biblioteca da Faculdade antes de ser diretor. E ela se desgostou e veio para a Faculdade de Medicina e deu à nossa biblioteca uma organização competentíssima. Aí mudou a direção do Instituto – ela tinha um compromisso com o Oswaldo Cruz, com o Oswaldinho, e voltou para o Instituto. Teve de ir, mas ela continuou a dar assessoria técnica e a biblioteca que nós fizemos aqui, a biblioteca central aqui do Centro [Instituto de Biofísica], foi praticamente organizada por ela. Ela que me orientou em tudo aquilo que necessitei; era realmente uma grande bibliotecária. Não tinha aquela caturrice, aquelas dificuldades, tinha uma formação intelectual muito boa. Era realmente uma pessoa muito

civilizada no bom sentido da palavra. E eu fiquei muito triste quando ela morreu. Tanto assim que uma das minhas publicações, eu dedico a ela. Uma publicação que eu faço...

NB – O senhor tem aí? O senhor tem uma cópia?

CF – Tenho. A publicação que eu fiz para o concurso de títulos – primeiro concurso de títulos feito no Brasil – em 1911, em que meu pai foi nomeado chefe de serviço, eu dedico a ela. Vocês podem ver aí, foi publicada em Ciência e Cultura. Era realmente uma pessoa...

NB – Mas o senhor sabe quando ela entrou em Manguinhos? O senhor tem ideia disso? Quando o senhor estudava não, certamente. Nessa época...

CF – Ela deve ter entrado em Manguinhos nos anos 40, princípio dos anos 40.

RG – O senhor acha que seria possível colocar qual o papel dela em relação à biblioteca de Manguinhos. Ela reorientou...

CF – Eu acho que [Assuerus Hippolytus] Overmeer era um diretor de biblioteca, era um cão fila, mas não tinha evoluído. Ela não. Ela era formada em biblioteconomia.

NB – No Brasil?

CF – Acho que sim. Não, mas eu acho que ela tinha feito um curso no estrangeiro. Acho até que foi pela OPAS que ela foi, não tenho certeza. De modo que ela tinha uma visão muito mais ampla. Naturalmente não tinha a capacidade de comandar os desobedientes que o Overmeer tinha; todo mundo ficava com medo dele, da mãe dele. Aquele holandês duríssimo! Mas ela aos poucos ia conseguindo tudo o que queria. Isto é, devolução de revistas, de jornais, de artigos, de livros que estavam... Tinha uma ideia muito ampla da importância, por exemplo, da multiplicação, de xerox, vamos dizer hoje.

RG – Das reproduções, das cópias.

CF – Das reproduções. Tanto assim que eu tinha comprado para a biblioteca lá da Faculdade um aparelho formidável de reprodução fotográfica, naquela ocasião não havia xerox. O xerox entrou em cena em 1965, mais ou menos. E essa máquina ficou praticamente sem funcionar ou funcionava muito pouco. Quando ela chegou lá para a biblioteca, em pouco tempo ela pôs aquilo para funcionar admiravelmente bem, mas ela tinha um amor por Manguinhos fantástico. A vida dela era o Instituto. Eu acho que ela nunca se satisfaz de ter deixado o Instituto naquele período que passou na Faculdade de Medicina, embora ela tivesse uma amizade fraternal comigo.

NB – Ela era mais nova que o senhor? Da sua geração?

CF – Ela era bem mais nova. Facilmente uns 10 anos ou 15 anos mais moça do que eu.

NB – Ela faleceu quando?

CF – Ela faleceu há uns três ou quatro anos. Não sei precisar ao certo. Quando eu escrevi esse artigo, acho que ela já tinha falecido.

NB – A gente pode até dar uma olhada. As pessoas podem ler e precisar utilizar para essa homenagem.

RG – A gente queria ter o seu depoimento. Inclusive pedir autorização eventualmente e citar nesse folheto, um pequeno trecho.

CF – É só uma dedicatória... Não me lembro mais quais foram as pessoas. Vocês querem que eu pegue?

NB – Depois eu peço...

RG – Não, eu estava falando em relação ao que o senhor disse aqui hoje. A gente pode aproveitar um trequinho? O senhor nos autoriza?

CF – Tudo.

RG – Está ótimo.

NB – Quem é que está organizando?

RG – A Edna que me pediu.

CF – Ela era de uma dedicação à família fantástica. Acho que ela tinha uma mãe muito velha e vivia protegendo a mãe. Ela era irmã de um grande sanitarista, Fernando Bustamante. Eu o conheci muito bem. Ele foi trabalhar na OPAS, era representante da OPAS acho que em São Domingos, por ali, nas Antilhas. É uma boa figura, esse sanitarista.

NB – É bem provável que a organização da biblioteca que está na parte do 3º andar... Não é a biblioteca nova... do CQS, porque tem a Lucília, que é a bibliotecária que eu não sei se o senhor conhece. Ela é uma pessoa que parece muito eficiente. Mas acho que a parte de trás dos livros onde estão as obras raras e tal, talvez tenha uma organização que ela tenha dado, que tenha sido mantida. Ela saiu de lá em 60 e poucos, como o senhor falou.

RG – E ainda voltou.

CF – Eu fui ser diretor na Faculdade no ano de 60... A Revolução foi em 61?

RG – Em 1964, a queda do Jango.

NB – 61 foi o Jânio.

CF – Eu fui ser diretor em 1964, naquele momento. E é até curioso, porque eu tinha sido eleito pela Congregação. Como mudou de governo e a nomeação era feita pelo Presidente da República – como mudou o governo eu exigi uma nova lista tríplice para ratificar, mas

ela já estava trabalhando na biblioteca. Deve ter chegado em 1958, 1960 porque eu era encarregado da biblioteca.

RG – O senhor já estava com essa função há algum tempo antes?

CF – Antes.

NB – Bom, então voltemos ao nosso assunto.

RG – É, a gente pode voltar, porque esse assunto da sua passagem pela UFRJ a gente gostaria de retomar isso num dia que tiver mais tempo.

NB – Eu gostaria de fazer assim uma espécie, algumas sessões com ele sobre a Universidade.

RG – E voltar para o Instituto de Biofísica.

NB – Se não der hoje...

CF – Ótimo.

NB – Isso é um assunto muito interessante.

RG – Na nossa última entrevista, o senhor falava da Pontifícia Academia, colocando que tinha sido, tem sido uma atividade muito rica e enriquecedora para o senhor, e mencionava a crescente separação, o distanciamento entre os avanços da ciência no mundo desenvolvido e nos países subdesenvolvidos.

CF – Esse é um problema que preocupa a todos nós. E a Academia Pontifícia não pode deixar de se ocupar disso. Esse avanço é um avanço que é, a meu ver, devido à incompreensão das sociedades dos países desenvolvidos em relação ao papel que a ciência representa. E um dos problemas mais graves que eu vejo é de que, principalmente nas classes dirigentes que vêm de formações básicas universitárias em que a ciência exata não tem posição e as ciências sociais apenas começa a ter, quer dizer, há uns 20 anos que isso se começa a se fazer mais seriamente, então, você vê que a sociedade não pode – não que ela não quisesse, talvez ela até quisesse, mas ela não soube, não pode ou não soube acompanhar o progresso da ciência. O que não aconteceu nos países desenvolvidos porque, ao lado de uma formação cultural muito mais importante do que a que nós tínhamos, havia também interesse de utilização, de aplicação da ciência. E havia uma compreensão maior. E um padrão muito mais alto foi dado ao ensino superior do que aqui. Quando você imagina que a universidade brasileira foi fundada em 1921, na cidade do Rio de Janeiro pegaram-se as escolas – havia a Escola de Medicina, a de Direito e até duas Faculdades de Direito, uma que entrou na Universidade, tinha a Politécnica – para se fazer uma Universidade. E a razão principal era para dar um título de doutor *Honoris causa* ao rei Alberto, herói da guerra e que vinha aqui. E depois foi-se crescendo. Universidade etc. De modo que nós não tivemos, porque o importante é a formação de pessoal. E outro dia, numa conversa que eu tive com o Ministro novo da Ciência e Tecnologia e ele se referiu a essa coisa a que todo mundo se

refere, problemas nacionais: a ciência deve estar voltada para os problemas nacionais. Que é uma coisa que eu estou de pleno acordo, desde que ela saiba empregar, nos estudos dos problemas nacionais, as técnicas mais avançadas. Eu disse a ele o seguinte: “Eu gostaria muito que o Senhor me definisse o que são os problemas nacionais, porque o principal problema nacional é a fome. Saúde, outro problema nacional. Mas tanto para um como para outro a ciência tem soluções. Agora, a ciência é um problema nacional no que tange à necessidade de formação de pessoal. É um problema nacional número um, não é nada desses que nós falamos. É a formação do pessoal. Enquanto nós não tivermos mãos, marceneiros, bons ferreiros, bons operários, bons médicos, bons engenheiros e bons cientistas, nós não podemos fazer face a desenvolvimento nenhum.

A formação escolar é a coisa fundamental. A formação escolar e a acadêmica posterior. De modo que o problema nacional número um é a educação. Porque você vê, mesmo em certas regiões em que alimento não falta, a população não sabe como se alimentar, porque não tem educação bastante, come de tudo e se infecta e tudo isso. Então é um problema de formação de pessoal. E aí as classes dirigentes e a elite são, a meu ver, extremamente faltosas porque nós aqui no Brasil se bem que é típico da nossa herança portuguesa, nós não temos espírito público. Nós temos um espírito pessoal privativo, queremos as coisas para nós e não para a coletividade. É o que eu chamo sempre – eu já repeti isso tantas vezes – nós guardamos o estado de espírito do colonizador temporário.

O desmatamento, por exemplo, é em grande parte um exemplo disto. Você desmata esquecendo que você está correndo o futuro para plantar uma horta, uma coisa que te dê condições alimentares que poderiam ser fornecidas diretamente de outro modo. Verdade que uma parte do desmatamento é inclusive pela falta de energia, de modo que se derruba a árvore para fazer fogueira, mas nós podíamos arranjar muito mais facilmente, colocar eletricidade doméstica. Quando eu era menino e percorria o Brasil, era muito rara a fazenda que não tinha a sua luz elétrica.

NB – Gerador.

CF – Um geradorzinho. Um córrego d’água que se fazia... Ele funcionava das sete da noite, por exemplo, até 11 horas: às 11 horas todos dormiam, passavam para a vela, mas era uma coisa utilíssima, doméstica, que – não serve para a indústria. Mas os economistas já disseram várias vezes que não é econômico. Pode não ser econômico, mas é social. A pessoa pode ler, pode estudar perfeitamente com aquela luz, sem os grandes empreendimentos que são muito custosos. É muito difícil.

NB – Essa avaliação que o senhor faz das elites brasileiras é muito interessante. É como se o senhor dissesse que elas são elites predatórias, é isso?

CF – São predatórias.

NB – Mas não tem a visão nacional...

RG – Imediatistas.

CF – Só tem a visão imediatista. Eles não querem nada à distância. E são muito ignorantes. Eu vejo nessa presidência da Fundação Bio-Rio, que os projetos apresentados pelas

indústrias são projetos infantis, eu diria. Mas são sempre projetos que apresentam possíveis perspectivas de lucro rápido. Todo mundo diz que isso é normal. É normal quando você considera as suas próprias vantagens, mas não é normal quando você considera que o mundo tem que continuar, e continuar para gerações futuras. Mas eu acho que na Academia nós temos nos ocupado muito disso. Em relação ao Terceiro Mundo nós fizemos por exemplo um documento sobre política científica para o Terceiro Mundo. Isso desde que eu sou presidente. Antes havia muito pouco interesse nesse sentido. Mas fizemos duas conferências sobre energia para o Terceiro Mundo. Fizemos já três reuniões sobre os novos alimentos, o novo modo de produzir alimentos visando particularmente ao Terceiro Mundo. Estudamos a imunidade de cinco doenças parasitárias que são importantíssimas para o Terceiro Mundo. Fizemos um volume sobre a utilização de satélites para encontro de minerais no Terceiro Mundo também, que foi um livro tão bem-aceito que foi adotado num *college* nos Estados Unidos. E várias das nossas propostas foram adotadas como método de técnica, documentos de trabalho pelas Nações Unidas. Umas cinco ou seis vezes já.

RG – Tinha uma curiosidade sobre o funcionamento prático da Academia. A sede é em Roma e as pessoas que trabalham, que estão ligadas, normalmente ficam lá ou os membros estão dispersos e se encontram eventualmente. Como é que funciona de fato?

CF – Nós temos em Roma um palacetezinho que é uma joia, que foi construído em 1564 por Pio IV e que se chama Casinha Pio IV. Nós temos afrescos da época, de discípulos de Raphael e de pintores da época. E depois tem um adendo moderno que foi feito por Pio XI, quando ela foi retransformada. Na Academia trabalha muito pouca gente. Temos um chanceler que nós chamamos diretor da Academia, temos uma secretária, um contínuo e dois auxiliares para comunicações. Eles trabalham com os computadores com os termofax, essas coisas novas. Os membros da Academia são 80, teoricamente. Desses 80, atualmente somos 72. Eles vêm de todas as regiões do mundo. Quer dizer, são originários da Europa, dos Estados Unidos, da Ásia, da África, da América Latina, Oceania, de toda a parte. São escolhidos pelos seus méritos científicos, sem discriminação racial, religiosa, de espécie alguma. Apenas pela qualidade científica. De modo que você tem 72 pessoas que são da maior qualidade. Dessas 72 pessoas, 27 são Prêmio Nobel, por exemplo, e são eleitos pela Academia. A Academia que os elege. Eles se reúnem duas vezes a cada dois anos. Eles têm uma reunião em que todos são convidados. Nós pagamos as passagens e a estada. E escolhemos um assunto geral de que todo mundo possa participar. Comunicação científica, papel das universidades. Agora, por exemplo, em fins de outubro, vamos falar sobre responsabilidades da ciência. Ao lado disso, nós fazemos grupos de trabalho, *working shop*, *work shops*. E estes são dos assuntos dos mais variados. Desde que eu estou lá, acho que são 72 *work shops* que nós fizemos. Esse *work shops* ainda são bem variados, vai da Astronomia, vai da Física, Química, Matemática, Biologia que é uma contribuição muito grande e duram uma semana no máximo. Eles, acadêmicos, não são convidados para esses grupos de trabalho, a não ser que tenham uma ligação...

RG – Uma comunicação na área.

CF - Na área. Que sejam bons na área, vamos dizer assim. Todos podem ir, mas convidados só aqueles que são bons na área. E nesses *work shops*, nós fizemos há dez anos passados, nós reunimos em Roma 1.367 cientistas de todo o mundo. Inclusive por exemplo no Nepal,

onde eles têm uma estação de receber informação de satélites muito boa. E depois cada reunião dessas é publicada. Publicada e distribuída largamente. Além disso nós fazemos pequenas publicações. Quando um cientista tem uma coisa que ele queira publicar, ele publica lá. Não como uma revista periódica, publica como nós chamamos comentários científicos. E distribui, não tem um valor científico muito grande, mas tem um valor de informação.

NB – Claro. Divulgação, não é?

CF – Nós estamos agora querendo entrar numa área um pouco mais complexa, que é a área de economia científica, da economia moderna.

NB – O tema As Responsabilidades da Ciência está vinculado...?

CF - Não, está vinculado principalmente aos aspectos éticos e morais.

NB – Sim. Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre isso. O senhor falou da economia.

CF – O que nós estamos muito interessados é fazer uma análise da relação, ou seja, do impacto da dívida externa sobre o desenvolvimento científico dos países. É um caso de estudo etc. Ao lado disso nós temos várias publicações história que são feitas ou por membros da Academia ou por gente de fora da Academia que são solicitadas pela Academia. Por exemplo, nós fizemos uma publicação muito importante sobre o calendário gregoriano. E nos ocupamos muito... Há duas linhas que são também muito importantes de citar. A primeira, foi a Academia que iniciou internacionalmente, publicamente... foi a primeira Academia que iniciou a luta contra a guerra nuclear. Nós fizemos quatro reuniões importantíssimas pela qualidade das pessoas e fizemos uma publicação. Publicação essa que foi espalhada na Rússia e houve uma edição de 3 milhões e 200 mil exemplares. E nós fizemos isso. A Segunda linha que nos preocupa muito é a destruição do ambiente, como (incompreensível) a humanidade do futuro. O ozônio, a chuva ácida, todos esses fenômenos que estão muito espalhados nos jornais.

RG – São temas muito contemporâneos, não é?

CF – Sim, atuais. Atualíssimos. E também uma outra coisa que se fez pela Academia foi uma revisão do processo de Galileu. Isso se deu quando houve o centenário do nascimento do Einstein, eu fui ao Papa e disse a ele do meu desejo de fazer uma reunião comemorativa sobre o centenário de Einstein. Eu disse a ele o seguinte: ‘Há mais de 200 reuniões que já foram feitas. Uma reunião aqui só teria significado se o senhor presidisse.’ E ele resolveu presidir a reunião.

NB – Qual o papa? Esse?

CF – João Paulo II. Eu disse a ele, eu comparei Einstein a Galileu. E na sua resposta, ele disse: “O senhor comparou Einstein ao Galileu, mas eu quero lhe dizer o seguinte. Enquanto que Einstein nada sofreu da Igreja, Galileu foi perseguido pelos homens, pelas

instituições eclesiais”. E aí pediu que nós fizéssemos uma comissão para estudar o processo de Galileu. Isso foi feito e foi até chamado de Reabilitação de Galileu. Queriam eternizar. O que se mostrou foi realmente que quem estava errada era a Igreja, de modo que se fosse...

NB - ... a reabilitação da Igreja:

CF – E o problema de Galileu é muito complexo, que não pode ser resolvido assim de uma penada. Não era criminoso, era uma grande figura, criador da ciência moderna. Tem defeitos, tem qualidade. Entrou numa fria quando provocou o Papa Urbano VII, que ele chamava de Simplício porque o famoso documento....

Fita 20 - Lado B

RG - O senhor poderia repetir que o senhor dizia que... chamou o para Urbano VII de Simplício...

CF – No famoso diálogo dos dois sistemas que eram o Copérnico contra Ptolomaico. E na verdade ele não foi preso, ele não foi para a cadeia, ele não sofreu nenhum vexame. Ele foi preso em prisão domiciliar. Em Florença, que era a cidade dele. Eu não estou justificando a Igreja, pelo contrário. E o problema tem um aspecto político que pouca gente conhece também. Que a Igreja, o poder temporal, estava em luta com o Sacro Império. E aliado à França. E aquilo tirava a... quer dizer, a Igreja era a grande protetora do sistema ptolomaico. E não podia de um momento para outro mudar.

NB – Dizer que estava errado aquilo.

CF – Eles quiseram temperar, temperar, temperar – e não conseguiram.

NB – Sacrificaram o Galileu.

CF – Sacrificaram o Galileu. Ss nós encaramos do ponto de vista de hoje, naturalmente é muito diferente do que se passou naquela ocasião. Acho que a Igreja andou mal, mas não foi da maneira pela qual Brecht descreveu, porque aquilo tinha um endereço certo que era o Hitler. Porque dois processos de Galileu, no primeiro ele foi absolvido. E aí o professor dele, que era o cardeal Belarmino que depois foi feito santo, tentou convencê-lo para não ensinar o sistema Copérnico, mas ele continuou ensinando. E veio o segundo processo que já o cardeal Belarmino não existia e ele foi condenado. O que é importante é o seguinte: nós publicamos a Academia publicou todos os documentos que existem no Vaticano sobre o processo de Galileu. Evidentemente não é um verbatim, porque não havia máquinas de registro, mas tem muitos documentos que mostram exatamente como se passou. Aqui entre nós eu diria que, Galileu era um cientista, não era um herói. Não era pusilânime, mas não teve uma certa...

RG - ... firmeza.

CF – Firmeza. É muito difícil a gente... Há uma peça que...

RG - Brecht?

CF – Não, outra peça. Uma peça do Salacon, Armand Salacon. Logo depois da Guerra. E eu quando fui à França logo depois da Guerra, tinha naturalmente o desprezo terrível por aquelas pessoas que tinham colaborado com o Hitler. E essa peça exatamente justifica os que colaborara. Não defendendo-os, mas indicando as razões da sua fraqueza. Há particularmente o caso de um camarada que tinha três filhos pequenos, que tinha que alimentar aqueles três filhos e colaborou para dar dinheiro aos três filhos. Eu não sei o que eu faria. Muita gente certamente faria o que ele fez. E outros fariam o contrário, se sacrificariam por uma causa que era mais do que justa. É muito difícil a gente julgar as coisas que se passaram no passado pelo que nós sentimos hoje. Hoje por exemplo eu estou convencido que numa invasão hitleriana eu ia para a frente para combater. Não sei se na França, com o conforto que a França oferecia, se eu teria o mesmo ato de coragem. Também eu envelheci e vejo mais como é a vida. Então, o que é interessante, pelo menos isso nós conseguimos, é que todos os documentos de Galileu estão hoje à disposição do público. Basta a pessoa ter uma pequena credencial, ser jornalista de jornal de qualquer parte do mundo, apresentar a credencial e pode consultar.

NB – Tem acesso.

CF – Mesmo porque nós publicamos e distribuimos largamente. Distribuimos 3 mil volumes pelas universidades e pelas bibliotecas. Eu acho que o mais importante que a Academia fez foi sem dúvida a aproximação que cientistas de todo o mundo que se desconheciam...

NB – Um fórum, um fórum de ideias.

CF – E as discussões são as mais livres possíveis. Temos tido discussões que dão muito trabalho para publicar. Porque eu tenho que publicar, mas não posso publicar com a cruzeza com que certos assuntos foram tratados. Tem que dar voltar etc. E nós procuramos também muito elucidar certos pontos que são controvertidos. Exemplo: Uma das últimas vezes que eu vi o Papa Paulo VI. Ele me chamou lá e disse assim: “Eu queria muito que o senhor me fizesse um favor”. Vê coo eles são delicados. Ele não ordenou. Pediu que eu organizasse uma sessão sobre o câncer. E eu disse a ele: “Olha, Santo Padre, eu vou fazer, mas eu quero dizer ao senhor que é uma coisa muito difícil. Porque anualmente há mais de 300 reuniões sobre câncer. Que é uma coisa que, com os conhecimentos progride terrivelmente. Mas eu vou achar um assunto e vou propor o assunto. Nesse momento começava-se a utilizar a BCG e outras substâncias biológicas como a cândida, extrato de cândida, para tentar tratar o câncer. E eu comecei a organizar isso. Foi uma sessão esplêndida. Porque foram os mais altos expoentes de Cancerologia e aqueles que tinham assumido, até que tinham criado o método, como o professor Maté, de Paris. Quando eu estava em dúvida, qual o assunto – eu voltei rapidamente para o Rio, depois dessa conferência. Eu prometi a ele que em um mês eu me daria a minha resposta. Quando eu estava com grande dúvida, que vejo eu? Dois amigos meus entraram na BCG e morreram rapidamente do câncer que tinham. E eu não tenho a menor dúvida de que foi a BCG, porque os dois estavam caindo aos poucos.

Entraram com a BCG e uma semana, duas semanas depois ele morreu. Então foi isso que eu organizei. E vejo aliás, com surpresa, que aqui no Rio ainda tem muita gente tratando custosamente câncer com BCG. Eu acho que o doente está com toda razão, quando o sujeito está com câncer deve tomar chá de carqueja: “Eu não estou com câncer, mas tomo tudo chá possível, tudo, tudo.” Como aquele famoso chá de abricó que foi feito na..... Vocês não viram, não sabiam... Em 1974, uns mexicanos descobriram um chá de abricó que curava câncer. E realmente ficaram riquíssimos porque foi permitida a aplicação no México e centenas e centenas de americanos atravessavam a fronteira para fazer esse tratamento que era um tratamento caro. Mas que um médico de consciência, com base científica, faça esse tratamento eu acho um pouco difícil de compreender. Uma dificuldade que eu tenho na Academia é a falta de dinheiro, porque tudo é financiado pelo Vaticano. Por exemplo, já duas vezes eu arranjei fundos para a Academia que não puderam ser aceitos porque as pessoas que os estavam dando eram pessoas que tinham fábricas de armas e munições de guerra etc. E o problema mais caro de Academia para publicar os trabalhos é fundos para as publicações. Em toda a parte do mundo publicação é caríssima. Na Itália, que é um lugar de impressão extraordinária, é caríssimo também. De modo que por exemplo uma publicação pequena nossa, um número reduzido de exemplares, vende bem. Mas custa pelo menos 70 mil dólares, feito tudo em casa. Feito pela gráfica do Vaticano.

NB – Mas a própria Igreja não tem um fundo que ela destina à Academia? Não é suficiente?

CF – Eles dão tudo que eu peço. Mas tem que ser...

NB - Com parcimônia.

CF – Sim, porque a Igreja católica está sofrendo muito financeiramente, por várias razões. Primeiro, porque o chamado ó de São Pedro que é o que você dava nas igrejas de todo o mundo no dia 30 de junho, que é o dia de São Pedro, caiu assim fragorosamente. Caiu de 80%. Segundo, porque uma grande parte de renda do Vaticano vem de (incompreensível). Tanto nos Estados Unidos quanto na Itália. Principalmente na Itália. Ora que eu chamo de (incompreensível). Eu acho que na Itália muito mais rigorosa do que aqui. Eles não conseguem aumentar nada. É um problema. E um terceiro fator que diminui – embora sejam pequenos, os funcionários do Vaticano não cheguem a 5 mil, mas foram equiparados aos funcionários italianos. E com 50 mil em atividade, com todas as suas famílias, seus dependentes etc., vai a 500 mil. O sujeito tem aposentadoria muito cedo e todos os aumentos que os funcionários italianos têm... De modo que a situação é muito cuidadosa. Tanto que a princípio, por exemplo, eu telefonava para cá e a conta era do Vaticano. Hoje eu pago todos os meus telefonemas porque eu não quero onerar o Vaticano. De modo que a situação financeira é muito difícil. E além do mais, as responsabilidades do Vaticano aumentaram muito com o Papa João Paulo, porque a missão a que ele se impôs percorrendo o mundo, que é uma missão que vem de Cristo... Porque ele disse aos apóstolos: “Vocês vão percorrer o mundo em meu nome”. Ensinar o Evangelho a todo mundo. É o que ele está tentando fazer. E isso também é uma despesa. Agora, os países que mais contribuem são... curiosamente, per capita e a Alemanha embora o número de católicos americanos seja muito grande, mas os americanos dão muito mais para as atividades da Igreja católica nos Estados Unidos.

NB – O Brasil contribui?

CF – Então tentando lidar com a diferença cambial. Eu, por exemplo, vou à Igreja todo Domingo. Todo Domingo ponho cem cruzados. Inicialmente nós damos à nossa Igreja não sei quantos. Acho que Cr\$ 20.000,00. Não é nada. E o nosso catolicismo acho que é o pior catolicismo que eu conheço porque nós somos católicos ao nosso modo, cada um faz o que quer. Agora, nas horas de aperto, rogamos a Deus. Eu sou muito liberal, não pense que eu seja...

NB – Mas esse é um país católico, não? A maior comunidade católica do mundo!

CF – Mas se você vê a influência no aumento das seitas protestantes no Brasil!

NB – Assustador!

CF – Certos alunos daqui me respeitam em tudo, mas não respeitam a minha religião. E eu acho que a gente tem que respeitar as pessoas no que elas sentem, no que elas pensam e até mesmo no que elas fazem. A não ser quando elas fazem realmente contraria uma lei natural, contraria uma coisa fundamental. Depois eu não tenho paciência como esse sujeito, como esse avião.

RG – Do sequestro?

CF – Do sequestro.

NB – Ontem houve um sequestro em Belo Horizonte, no avião que foi para Brasília e o sujeito...

CF – Matou um piloto, o copiloto com um tiro na cabeça. A coisa que me causa horror é estupro de criança. A gente... Eu, por princípio, sou contra a pena de morte, porque acho que muita gente foi condenada à morte sem causa justificada. Num caso como esse você fica em dúvida. Não pode deixar de ficar em dúvida. E o pior é que a humanidade só se comporta bem quando tem medo. Isso é que é uma coisa terrível.

RG – A tal da repressão.

CF – É.

RG – Agora, dr. Chagas...

CF – Eu estou mudando muito de assunto.

RG – Não. Vamos voltar um pouquinho para a Academia.

NB – Eu acho que tem um assunto que ele já falou há muito tempo atrás, que é exatamente esses dessa combinação, esse casamento...

RG – Ciência e religião.

NB - ...singular que o senhor faz entre a ciência e a religião. Eu lembro que o senhor mencionou isso e nos narrou a sua atividade religiosa num morro do Rio de Janeiro que eu esqueci. O senhor era jovem.

CF – Eu era estudante de Medicina.

NB – Exatamente.

CF – Recém-formado, aliás.

NB – O seu pai era católico?

CF – Eu nunca soube. Ele devia ter uma crença profunda, mas naquela ocasião o cientista católico não existia praticamente. Era muito raro. Em geral eram muito ruins. Agora eu recebi os livros todos do Oswaldo Cruz, religiosos, e que têm anotações muito curiosas. Eu um dia quero fazer uma análise daquilo porque merecem estudos. Meu pai nunca se pronunciou. Minha avó, mãe dele, era religiosíssima.

NB – Sua mãe?

CF – Minha mãe tinha uma religião muito particular porque ela, por exemplo, só ia à missa aos sábados porque achava que... naquela época tinha que ser no Domingo, mas ela achava que no Domingo era muito complicado porque ela tinha que deixar o meu pai em casa e então ela só ia aos sábados. Depois é que se pôde a ir à missa aos sábados. E ela era muito generosa, boa. De modo que ela podia não ser religiosa, mas praticava a religião.

NB – Os preceitos religiosos, católicos.

CF – Basta ver o seguinte. Quando o meu pai morreu, deixou muito pouco para minha mãe. Deixou uma pequena pensão e um fundo – isso pouca gente sabe, eu estou contando a vocês, acho que nunca contei. Quando meu pai foi nomeado diretor de saúde pública e era diretor do Oswaldo Cruz, ele aceitou com a condição de não receber de dois, só receber... o...

NB – Não acumular salários.

CF - A direção de saúde pública. Ele acumulava as funções, não acumulava os proventos. Quando ele morreu os amigos de meu pai e também uma quantidade enorme de deputados amigos dele verificaram que a situação da minha mãe não era absolutamente brilhante. Eu e o Evandro, funcionários do Instituto Oswaldo Cruz, ganhávamos muito pouco também. Evandro tinha muitas dificuldades, porque tinha se casado, tinha deixado dívidas, tinha uma filha, tinha se casado de novo. E era difícil. Aí esses amigos se juntaram e fizeram uma lei pela qual minha mãe recebeu uma bolada que correspondia exatamente àquilo que meu pai não tinha recebido.

NB – A diferença.

CF – Isso permitiu a ela comprar uma pequena casa de cuja renda ela viveu praticamente até o fim da vida dela. Como você vê, ela era uma costureira e principalmente uma admirável doceira. Ela fazia doces. E esses doces ela vendia. E vendia sem proveito para ela. Engraçado que ela exigia que o Evandro ou eu fôssemos verificar que ela não tinha tirado nenhum proveito. Que ela tinha gasto tanto, vendia por tanto. Por que? Porque o saldo que ela podia usar, ela utilizava para fazer a festa dos doentes do Hospital Evandro Chagas, que não se chamava Evandro Chagas, se chamava ainda Hospital... Ela morreu em 1940. Ela começou desde cedo quando ele ainda chamava Hospital Oswaldo Cruz, depois Evandro Chagas. Isso mostra o tipo de pessoa que ela era. Além do mais ela tinha... como ela não podia dar presentes, ela então fazia doces de presente para todo mundo. Os doces famosos. Tinha um bolo de noiva até hoje eu sinto o gosto na boca. E nunca vi ninguém que repetisse... uma massa fofa, leve, sem muita manteiga. Deliciosa: as cocadas dela eram únicas, porque cocada só dia de sol, porque ela não fazia no fogão.

RG – Secava ao tempo?

CF – Secava no sol.

NB – Devia ficar uma delícia!

CF – Sim, molinha dentro!

NB – Eu estava perguntando sobre essa vinculação entre a religião e a ciência e o senhor falava do seu pai.

CF - Aí aconteceu o seguinte: eu, aos sete para oito anos, fui para Oliveira e em Oliveira estava um senhor, Aureliano, que tinha batizado o meu pai. Então eu fui obrigado a fazer a primeira comunhão e eu não sabia nada. E o que eu aprendi, foi na antessala do confessionário. O Padre Aureliano era surdo como uma porta... e as pessoas que iam na minha frente começaram a gritar: “Fiz isso, fiz aquilo”. “Quantas vezes?” Eu aprendi coisas que eu desconhecia.

RG – No confessionário?

CF – Ouvindo as pessoas.

CF – Nunca tive essa preocupação religiosa, mas pouco a pouco fui me dirigindo para a religião. E quem me impulsionou muito para a religião foi talvez uma figura que teve uma grande influência científica sobre mim, que foi o Costa Cruz. Que era um agnóstico daqueles que eu acho ateu praticante.

NB – Militante.

CF – Militante. Aquela coisa, discussões longas e longas e longas... Eu fui me aproximando, fui ficando com curiosidade. Comecei a ler certos livros, não livros de religião, mas livros de...

NB – Teologia?

CF – Não. Espirituais, livros em que o espírito domina a matéria.

NB – Filosóficos?

CF – Aí comecei a me interessar. E de repente quando eu vi eu estava praticante.

RG – Isso foi uma coisa que aconteceu na sua vida adulta.

CF – Eu já estava quase formado.

RG – Muito individual.

RG – Um processo...

CF – Uma namorada por exemplo que eu tive – o namoro naquele tempo era muito diferente do que é hoje. E a família era inteiramente agnóstica. Eu comecei a sentir que faltava alguma coisa ali. E ela me aproximou da religião indiretamente. Ela não tinha nenhuma...

RG – Pela falta?

CF - É assim...

NB – E entre os seus companheiros? No Instituto, na Faculdade, isso era alguma coisa singular? Os professores do Instituto hoje seus alunos, hoje professores, ex-alunos seus, não aceitam a sua religião, não é?

CF – Aceitam sim.

NB – A sua religião?

CF – Sim, muitos aceitam.

RG – Alguns...

CF – Alguns talvez não aceitam...

NB – Não entendem.

CF – Muitos são religiosos. Não talvez a minha religião, mas eu sempre digo a eles que a religião que mais vale... aí o Bernanos, por exemplo, exerceu uma influência muito grande.

A religião que mais vale para mim é aquela que o Bernanos me escreveu, me contou. Dizia ele que numa ilha do Pacífico havia três eremitas, passavam o dia rezando o jejuando. E eles veem chegar um navio e do navio salta um prelado que vai para a praia: era o arcebispo. O arcebispo vê aqueles três e pergunta o que eles faziam. “Nós rezamos e jejuamos”. Aquilo causou um entusiasmo enorme no arcebispo. O arcebispo virou-se e disse assim: “Então vamos rezar o Padre Nosso”. Ele verificou que eles não sabiam o Padre Nosso. Então ele passou ensinando o Padre Nosso quatro anos. Quando eles sabiam bem o Padre Nosso, ele toma o barquinho para voltar para o navio. Quando ele já estava na amurada do navio, ele olhou e viu com grande admiração os três eremitas andando por cima d’água pertinho do navio. Quando eles chegaram perto ele disse: “o que vocês querem? O que houve?” “Não, meu senhor, o que acontece é o seguinte. Nós queríamos que o senhor voltasse porque nós já esquecemos o Padre Nosso.”

NB – Última história.

CF – Não é uma boa história?

NB – Muito bonita.

CF – Essa história indica realmente que em religião o que é importante é você acreditar e ter fé. Agora, os rituais são um simbolismo que diz muito mais a certas pessoas que é necessário para certas pessoas e não é necessário para outras. O que é importante é que você viva em paz com a imagem que você faz de Deus e com as pessoas que envolvem você. De modo que esse é um tipo de religião que não tem nada a ver com a Teologia da Libertação, não tem nada que ver com o *Opus Dei*, mas é uma religião que eu acho que é muito válida. Não direi que é a minha, porque eu tenho necessidade de um certo simbolismo. Tem certos santos que são amigos meus. Tem um pretinho que se chama São Martim que era o Peru lá em Roma. Outros que não dizem nada para mim. São Francisco, por exemplo, você não pode deixar de se encantar com ele.

NB – Por que São Martim é seu amigo?

CF – Porque São Martim é a simpatia... Primeiro porque ele é preto. E é muito raro encontrar um santo preto. Segundo, porque ele era um varredor de convento; ele nunca foi padre. Ele era um varredor de convento. Mas depois fez tantas coisas que foi santificado no século XVII, uma coisa assim.

NB – Peruano?

CF – Peruano.

NB – Eu não conhecia esse santo.

CF – Uma simpatia. A história dele é muito interessante. Por exemplo, você não pode deixar de estimar um santo que foi canonizado por esse papa, aliás como mártir também, que era um padre num campo de concentração. Aí os alemães mandaram para a câmara de gás um judeu que tinha sete filhos, uma coisa assim. E ele foi no lugar dele. Foi cremado.

Ele era católico, não era judeu nem nada e foi cremado. Ele foi santificado. Eu assisti essa canonização. Foi um negócio longo, difícil, mas tão emocionante! Tanto mais emocionante porque o homem que ele salvou estava lá, inclusive com a roupa de Dachau. Você acredita ou não acredita. Esse negócio de pensar que a gente vai acreditar por fórmulas matemáticas ou porque o Santo Sudário tem tantos anos... Isso não funciona. Você acredita ou não acredita. Isso é a graça de Deus. Você pode se esforçar para crer, mas quando você acredita, você aceita, ainda que discordando. Você também tem a sua capacidade de discordar.

NB – Mas o senhor acha que é comum a comunidade científica ser religiosa? Isso não é comum, não? Os homens de ciência terem religião.

CF – Nos Estados Unidos é...

Fita 21 - Lado A

CF – Nos Estados Unidos. Na França durante muito tempo era impossível você achar um bom cientista católico. O exemplo do Luís de Broile e o irmão dele que foram dois grandes físicos, um dos quais teve Prêmio Nobel. Dois ou três. Eles eram realmente... A não ser que o sujeito tivesse o Prêmio Nobel, ele era mais ou menos afastado da comunidade científica. Era muito difícil entrar para a Academia de Ciências, era mais fácil entrar para a Academia de Letras. Na Itália você encontra muito cientista católico. E na Alemanha também. Varia muito de cultura para cultura.

NB – E talvez de área científica, não? Física, Biologia...

CF – Acho que esses que eu estou falando são mais da área de Física.

NB – Os agnósticos?

CF – Os agnósticos. Porque eles vivem muito naquela expressão do Laplace. Foi a Napoleão, eu creio Laplace descreveu a ele a sua teoria cosmogônica. E aí o Napoleão perguntou: “Nessa teoria, Deus onde é que fica. Ele disse “Eu não preciso de Deus para fazer essa teoria.” É um problema curioso esse que você apresenta, porque também há muito cientista curioso esse que você apresenta, porque também há muito cientista que esconde que é religioso.

NB – Esses que fazem parte da Pontifícia Academia, eles são religiosos... não, o senhor disse que não. Eles necessariamente são religiosos?

CF – Não, mas atualmente não teve nenhum religioso, nenhum padre lá, mas nós temos católicos, judeus, protestantes, anglicanos, muçulmanos, um budista. É interessante, um dos mais religiosos que nós temos é um muçulmano. Prêmio Nobel que é profundamente religioso. Temos um judeu que ao sábado é impossível fazê-lo trabalhar. Então eu creio que quando eu era moço havia um fosso que era impossível de atravessar. Depois eu acho que coisa melhorou.

NB – O que o senho acha disso? É por um motivo social, mais amplo ou é a própria ciência mesmo?

CF – Eu acho que primeiro a ciência começou a tropeçar no que se chama a causa primeira. Quer dizer, outro dia eu conversei como Rocha sobre isso. Que é uma pessoa que é agnóstica, não é religiosa. Você vai... você descobriu o átomo. Descobriu que o átomo é constituído por partículas elementares. Você depois despedaça essas partículas elementares em outras partículas elementares e você assim vai... e molécula... Há um momento em que houve alguma coisa que foi a causa primeira. O negócio desse livro do Carlton que está fazendo um grande barulho, que ele também não precisa de Deus. Mas ele sustenta que o Big Bang foi formado pela junção de toda a energia que existia no universo. Onde é que veio essa energia? Até filosoficamente o cientista que é sincero e que quer ir ao fim da sua racionalidade há um momento em que a coisa... É muito mais fácil você acreditar que houve um princípio. De outro lado, o sujeito... você ter religião é muito mais complexo, é muito mais limitante, porque qualquer religião fixa certos princípios éticos. E o agnóstico pode não ter princípios éticos, a não ser que seja uma pessoa extremamente bem estruturada moralmente.

NB – Conceitos éticos e dogmáticos também, certos dogmas que são inexplicáveis... para a religião, são inexplicáveis.

CF – Sim.

NB – E aí? A ciência se coloca sempre e perguntam. Pode ser que ela não tenha resposta.

CF – Pode não ter resposta.

NB – Mas ela se coloca.

CF – A resposta que se pode dar, vamos imaginar um deus científico. Não vejo nenhuma necessidade de um deus científico. Vejo um Deus humano. Mas você pode imaginar que esse deus científico pode Ter uma ou outra característica. Uma característica é ele ser onisciente. De modo que ele sabe tudo, mesmo as coisas que nós não sabemos. Então certos fenômenos que ocorrem e que nós desconhecemos, ele conhece. Ou então, ele pode ser onipotente. Nesse caso, ele tem poderes que nós desconhecemos também. Por exemplo, pode fazer cessar uma chuva – estou dizendo isso como exemplo muito vagabundo – “Não quero que chova”, não chove. Mas essa discussão é uma discussão que tem dois níveis. Esse nível que é esse que nós estamos conversando, em que eu posso permitir certas comparações graciosas, mas pode também ser um nível mais alto. Um nível mais alto que é aquele em que a ciência se entremeia com a filosofia. E daí a teologia. Os judeus são muito... Quer dizer, os cientistas judeus são muito mais religiosos que os cristãos, proporcionalmente. Eu encontro muito mais cientistas judeus que vão à sinagoga ou que pelo menos respeitam o Yom Kippur, por exemplo. Eu já fui jantar na casa de cientistas famosos no Yom Kippur...

RG – Eventualmente mais por uma questão cultural talvez do que religiosa.

CF – Acho que a questão cultural é muito importante na religião.

NB – Talvez a religião, a diferença dessas religiões talvez permita um maior acesso, maior liberdade para exercer...

CF – Os judeus... é preciso não esquecer que a humanidade os comprimiu e não conseguiu torná-los uma pastilha porque houve a Diáspora, mas os comprimiu e a reação deles foi de se apegar exatamente aos seus dogmas e ao Grande Livro. E mesmo.... uma coisa muito bonita que eu falo no meu discurso sobre Einstein. Ela se reconheceu um judeu uma vez que ele passou por um cemitério judeu em Viena... não em Budapest. Tem um cemitério judeu maravilhoso. Não, em Praga... É uma coisa sensacional. E eu conto a vocês o seguinte. Eu tenho uma amiga judia que não é nada religiosa, não vai a sinagoga, nada disso etc. Mas disse que nunca ela se sentiu tão judia quanto na visita a este... Então há um fator cultural. Lá em casa não havia religião, mas em Oliveira eu não posso esquecer, por exemplo, as procissões da Semana Santa que agora eu descrevo nos meus livros. Quando eu penso que eu cometi a leviandade de prometer o meu livro para o dia 31 de julho.

NB – Mas esse assunto da religião e da ciência eu acho muito interessante.

CF – O ponto de vista por exemplo do João Paulo que ele defendeu em vários discursos é o ponto de vista de ter profunda fé. Ele diz que o livro da transcendência e o Livro da Verdade, quer dizer, o livro do imanente e o livro do transcendente foram escritos pela mesma mão. De modo que não pode haver contradição. E a contradição que existiu durante muito tempo foi pela interpretação literal da Bíblia, como os Evangelhos, foram escritos para a compreensão da cultura daquele tempo. Hoje ninguém... nem mesmo os grandes teóricos não acreditam que o mundo tenha sido feito em sete dias. Aquilo era apenas divisão de tarefas ou coisas que foram se sucedendo sucessivamente. Há todos esses aspectos, eu sou muito incompetente em matéria de religião. Eu acredito tão piamente que há qualquer coisa acima que essa coisa para mim tem uma configuração muito bem-formada. Tenho tanta coisa para ler, para trabalhar... É, assim muito intuitivo, você sabe. Isso não significa que eu não seja um grande pecador.

NB – Nada tem uma coisa com a outra.

CF – Mesmo porque Jacques Maritain primeiro e o Tristão de Athayde sustentam que não vai haver Juízo Final porque Deus é tão bom que não vai julgar mais ninguém. Você já passou na vida o que tinha que passar, então...

RG – É explicável.

CF – Quando eu digo isso para os padres mais ortodoxos, eles olham para mim... com uma certa indignação.

NB – E a Teologia da Libertação? Como o senhor encara isso?

CF – A Teologia da Libertação, eu encaro isso...

NB – Eu acho que tem uma vinculação muito forte... porque a gente está falando no Terceiro Mundo, quer dizer, a Pontifícia voltada para o Terceiro Mundo, essa preocupação e tal que o senhor imprimiu na orientação da Academia. Eu acho que a Teologia da Libertação é um problema para a igreja hoje, mas ela está vinculada ao Terceiro Mundo. Eu acho que ela nasceu dessa... o subdesenvolvimento...

CF – Você já leu o Isaías?

NB – Não, eu não sou religiosa.

CF – Se você lesse o Isaías você vê que a Teologia da Libertação está ali, na defesa do oprimido. Esse é o grande princípio da Teologia da Libertação. O que está errado no Padre [Leonardo] Boff, mas não tão errado no Gutierrez que a criou é admitir, como ele admitiu várias vezes, que Jesus Cristo veio ao mundo para acabar com a opressão dos oprimidos. Quer dizer, é uma das funções que Jesus teve, mas a função teológica principal de Jesus é salvar as almas espiritualmente. De modo que Jesus Cristo era um revolucionário, sem a menor dúvida, mas se ele quisesse ele teria acabado com o Império Romano. O que está errado é você falar em opção para os pobres. Opção significa escolher um e deixar o outro de lado. Do ponto de vista espiritual, da maldade, do risco, tanto o pobre quanto o rico têm que ser salvos. Agora isso não impede que em face da situação atual nós tenhamos obrigação de cuidar muito mais do pobre do que cuidamos. Fazer muito mais, procurar igualar o mais possível as diferenças sociais.

NB – O senhor está falando de um problema filosófico de fundo. A Teologia da Libertação tem...

CF – É um problema teológico de fundo.

NB – Filosófico, porque o senhor está dizendo, ela exclui uma parte da humanidade.

CF – Uma grande parte da humanidade.

NB – Ela faz uma opção e Cristo não teria feito essa opção.

CF – Ao contrário, num certo ponto, ele diz uma coisa muito grave. Ele diz: “Pobre sempre haverá no mundo”, quando ele faz a defesa dos pobres, mas aí não se sabe se ele está falando em pobre material ou pobre espiritual. Mas eu acho que é um absurdo você não admitir que... você tem que admitir que nós não podemos viver neste mundo de pobreza. Também não podemos querer que o mundo se transforme num privilégio de algumas pessoas, que é o que está acontecendo. Nós temos que fazer toda a formação para uma igualdade social. O que se chama igualdade social?... Eu aí me pergunto: “É todo mundo ter um Monza igual ao que eu tenho?” Se é isto, acho que a igualdade social é aquela que permite a todo mundo ter uma qualidade de vida essencial para preencher a sua condição de ser humano, mas também há certos indivíduos que deixaram de ser humanos. E vivem de tal modo asfixiados pela necessidade de pegar o seu dinheiro todo dia, fazer isso, fazer aquilo, aumentar o seu poder econômico, que deixaram também de ser humanos. E esses nós devemos combater de todos os modos, como devemos facilitar a vida dos pobres de

tudo o mundo. Sou muito a favor de um grave imposto de renda, desde que esse imposto de renda seja utilizado.

NB – Ser utilizado, quer dizer, ser bem utilizado, à serviço da população...

CF – Fazer a distribuição.

NB – Porque utilizado ele é. É mal utilizado. Eu queria fazer uma outra pergunta. O senhor...

RG – Eu queria que acabasse esse assunto, porque eu queria voltar para alguma coisa da Academia, que não tem a ver com religião.

NB – Eu queria voltar para lá. O senhor vai viajar agora?

CF – Vou.

NB – É sobre o tema deste ano que eu fiquei interessada que eu acho que vai colar muito com esse assunto que é sobre a ética que o senhor falou: a responsabilidade da ciência, esse tema. Por que esse tema? Quem é que sugeriu?

CF – Eu.

NB – O senhor sugeriu? Movido por qual preocupação?

CF – Movido pela seguinte preocupação. De um lado está a ciência utilizada para explorar a natureza em benefício de um certo número de pessoas. A ciência explorada para um... idealismo. Então, há vários campos em que a ciência está sendo utilizada para fins que não beneficiam o homem diretamente, não é benefício você ter... é muito mais benefício você ter um serviço de assistência adequado do que você ter um videocassete em casa, você não está de acordo comigo? Embora, por exemplo, eu esteja com muita mania de comprar um videocassete.

NB – É muito bom.

CF – É muito bom.

NB – O meu roubaram. Assaltaram a minha casa.

CF – Principalmente depois que eu vi fita de Barbara Streisand, chama-se “Uma Hora”, que ela canta em benefício da guerra. Você vê, a responsabilidade da ciência em não permitir o desenvolvimento da guerra. A responsabilidade da ciência em promover alimentos. São uma série de responsabilidades sociais que a ciência tem que enfrentar. E mesmo que ela não possa resolver, ela tem que indicar.

NB – Mas o senhor acha que há alguma transformação, na última década ou nesses últimos anos, desse utilitarismo? Eu acho que o senhor está falando um pouco desse utilitarismo em

que se transformou a atividade científica. O senhor localiza uma transformação? Na sua juventude, nos anos 30, isso era assim ou...

CF – De jeito nenhum.

NB – O que o senhor... acha que isso mudou?

CF – Isso mudou com a guerra, com a Segunda Guerra Mundial.

NB – A partir da guerra.

CF – Quando a pessoa começou a ver que você não pode destruir o mundo com uma pioletada de plutônio, você aí viu que a ciência é alguma coisa que pode ser usada para muita coisa em seu próprio benefício. Do homem. Um exemplo típico. Nós todos incorremos no erro: eu tenho 135 cassetes. Agora eu só penso em comprar um laser, que o laser é muito melhor etc. Vou aplicar um dinheirinho nisto, mas enquanto isso o laser, que vai me dar um prazer enorme quando eu fizer o meu retorno, o novo cassete...

RG – Sem ruídos secundários!

CF – Você sabe que o laser está sendo utilizado para abater aviões, para defender, de longe atacar mísseis etc. Que o pessoal diz que é defesa, mas é ataque também. Então serve também para a medicina. Mas enfim, a responsabilidade que eu falo, da ciência, é fazer a ciência servir ao homem. E servir ao homem na plenitude do que o homem pode ser. Desenvolver... Por exemplo, tomemos o cérebro, que é a coisa mais importante que o homem tem. Se você pega a inteligência artificial e o aprendizado através da informática, você está robotizando as pessoas. As pessoas perdem a capacidade da sua própria...

RG – Criatividade.

CF – Criatividade, tudo isso. De modo que é um tema muito importante.

NB – E eu acho, Dr. Chagas, o senhor citou a guerra e eu me lembrei das armas nucleares e tal. Eu acho até que nos últimos anos esta consciência que o senhor está falando que é preciso adquirir, da responsabilidade da ciência, isto está mudando. Eu estou vendo isso positivamente. Eu acho que esse espírito utilitário, utilitarista e mais, imediatista, de transformar a própria ciência num instrumento de destruição do homem, dos homens, está mudando. Eu acho que o movimento mundial pacifista em geral (chama-se dessa forma, porque eu acho que ele é diferente, está em vários lugares) está criando uma consciência, esta que o senhor anuncia pelo lado da ciência. Eu acho que, se houve uma mudança depois da guerra, novamente a gente está assistindo a um movimento acho que de refluxo ou de consciência maior. O senhor não acha isso não?

CF – Acho, mas não é uma coisa que se ganhe por si mesma. Tem que se lutar por isso, como se lutou. Hoje, por exemplo, eu acho que o perigo de uma guerra nuclear é mínimo. Praticamente inexistente. Eu tenho sido convidado para três, quatro ou cinco conferências sobre guerra nuclear, eu não vou mais: por que o que o sujeito vai dizer? Já se disse tudo. O

importante é levar as massas, e não são pequenos congressos científicos que vão me dizer que é uma coisa que explode mais depressa que dá importância. Tem que se bater... Eu acho que o perigo maior hoje é a destruição da natureza. Se nós continuarmos, por exemplo, nós vamos prejudicar profundamente o mundo com a destruição da Amazônia. O que vai acontecer é que os países ricos e os menos ricos e os pobres vão dizer que a Amazônia pertence à humanidade. Vamos dizer que a Amazônia é nossa. E aí está o princípio de uma guerra mundial. De uma invasão na Amazônia, expulsão de nossas tropas. De modo que eu acho que as culturas são nacionais e devem ser nacionais, mas os bens da natureza devem ser internacionais. Se eu disser isso...

RG – Fica complicado. Defender essa posição...

CF – Já fui acusado pelo Arthur Bernardes pai – ele já morreu – de ser traidor da pátria porque eu propus na UNESCO a criação de um instituto internacional de Hileia Amazônica. E foi resultar num instituto que existe em Manaus. Porque aí os militares viram a importância do assunto do ponto de vista militar e da não-intromissão de qualquer estrangeiro. Então fizeram um instituto através do Conselho. E isso está nominalmente no discurso do Arthur Bernardes. É meu amigo... me chamando “traidor do Brasil”. Do Brasil achei um pouco forte.

RG – Traidor da pátria!

NB – É verdade. Você tem alguma coisa pergunta sobre isso?

RG – Eu tinha uma pergunta, mas sobre a administração da Academia Pontifícia. Quer dizer, o senhor é o presidente e tem um grupo. Como é que vocês tomam essas decisões mais...

CF – Antes disso eu faço um projeto. Esse projeto é apresentado ao Conselho que são seis acadêmicos e eu.

NB – Uma espécie de assessoria ao senhor?

CF – Um Conselho. Aprovado, que em geral é aprovado sempre o projeto, força-se o projeto e manda-se para – chama-se APSA – que é a administração do patrimônio da sede apostólica. E eles então dão o dinheiro. Nunca negaram, mesmo em situações difíceis. Agora, o dinheiro para as publicações que são mais caras... nós, por exemplo, numa reunião como essa que nós estamos fazendo, que é uma reunião especial porque é sessão plenária, vai custar 500 mil dólares no máximo. A gente arranja daqui, dali. Mas as publicações desse livro, do livro que vai sair daí, dos três livros que vão sair dali, vai custar facilmente mais do que 500 mil dólares. Isso então tem que arranjar com o Banco Nacional do Trabalho, como Banco da Itália, com o Banco de Veneza.

RG – Mas as publicações têm retorno. O senhor disse que vendem bem.

CF – Temos retorno. Vendem bem, mas as nossas publicações podiam ser mais baratas. E há uma roubalheira fantástica das editoras, porque nós mandamos os livros, por exemplo,

mandamos sete mil cópias para a Elsevier, impressas por nós, papel pago por nós. E eles pagam 18 dólares por exemplar que nós mandamos. Aí eles põem a capa deles e distribuem para o mundo. E cobram 80 dólares. É uma coisa... Nós não podemos fazer isso porque não temos capacidade de distribuição. Mas, por exemplo, quando nós temos capacidade de distribuição, que são os livros que são traduzidos em italiano e que são impressos no próprio Vaticano, aí dá uma rendazinha. Uma renda dentro do que nós gastamos por ano é da ordem – quando não é sessão extraordinária – de 400 mil dólares. Se nós conseguirmos com a venda 60, 70 mil dólares nós ficamos satisfeitos.

NB – Essa é uma reunião extraordinária?

CF – Não, essa é plenária.

NB – Ah, sim, plenária. O senhor está lá... houve uma pequena confusão... Na última entrevista o senhor falou que o senhor foi presidente da Academia desde 1972...

CF – Sim.

NB – Que pareceu que o senhor falou 1962 na entrevista. É 1972 mesmo. É a informação que a gente tinha.

RG - Quando é que o senhor está indo?

CF – Dia 11 de outubro. Eu devia ter ido antes, porque eu tenho muitas coisas para fazer lá, mas acontece que eu tenho meu primeiro neto que casa. Que eu tinha que estar aqui em outubro.

NB – Claro. Vai ser por esses dias, o casamento.

CF – Vai ser dia 7, Sexta-feira da outra semana. Daqui a uma semana.

RG – Então dessa vez o senhor vai e fica uma temporada mais longa lá. Tenho passagem marcada para o dia 13 de novembro de volta.

RG – Um mês.

CF – Só vou passar um dia em Trieste e depois vou passar um dia em Paris para ver o meu mestre, o professor Gomser, tomo o avião em Paris, voo direto, porque essas viagens são muito longas, tanto mais que eu viajo de primeira classe tem de pagar a diferença, é muita despesa. Mas vou...

Fim da entrevista